

Romance  
vencedor do  
prêmio Pulitzer,  
do autor de  
*As virgens  
suicidas*



Jeffrey Eugenides

MIDDLESEX



COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

JEFFREY EUGENIDES

# Middlesex

*Tradução*

Christian Schwartz

*Para Yama, que é feita de genes totalmente diferentes*

LIVRO UM

# A colher de prata

Nasci duas vezes: primeiro como uma bebezinha, em janeiro de 1960, num dia notável pela ausência de poluição no ar de Detroit; e de novo como um menino adolescente, numa sala de emergências nas proximidades de Petoskey, Michigan, em agosto de 1974. Os leitores especializados podem ter ficado sabendo do meu caso pelo estudo do dr. Peter Luce intitulado "Identidade de gênero em pseudo-hermafroditas com 5-alfa-redutase", publicado no *Journal of Pediatric Endocrinology* em 1975. Ou talvez tenham visto minha fotografia no capítulo 16 do hoje infelizmente desatualizado *Genética e hereditariedade*. Sou eu na página 578, totalmente sem roupa, de pé ao lado de um gráfico de medição de altura com uma tarja preta cobrindo os olhos.

Minha certidão de nascimento informa que me chamo Calíope Helen Stephanides. Minha carteira de habilitação mais recente (da República Federal da Alemanha) registra como meu primeiro nome simplesmente Cal. Joguei no gol de um time de hóquei, há muito tempo milito na Fundação Salve o Peixe-Boi, raramente frequento as missas da Igreja Ortodoxa grega e, na maior parte da minha vida adulta, tenho trabalhado para o Departamento de Estado americano. Como Tirésias, fui primeiro uma coisa, depois outra. Meus colegas de escola me ridicularizaram, servi de cobaia para médicos, me

submeti às apalpações de especialistas e às pesquisas da Fundação March of Dimes. Uma garota ruiva de Grosse Pointe se apaixonou por mim sem saber o que eu era. (O irmão dela gostou de mim também.) Certa vez um tanque de guerra me levou a uma batalha urbana; uma piscina me transformou num mito; abandonei meu corpo para ocupar outros — e tudo isso aconteceu antes de eu completar dezesseis anos.

Mas hoje, aos quarenta e um, sinto a aproximação de outro nascimento. Depois de décadas de negligência, enfim penso em tios-avôs e tias-avós que já se foram, em avôs há muito perdidos, em primos de quinto grau que não conheci ou, no caso de uma família endogâmica como a minha, em todas essas coisas ao mesmo tempo. E, portanto, antes que seja tarde, quero registrar essa história de uma vez: essa jornada atribulada de um único gene através dos tempos. Canta, ó Musa, a mutação recessiva do meu quinto cromossomo! Canta como foi que ela floresceu, há dois séculos e meio, nas encostas do Monte Olimpo, enquanto baliavam as cabras e caíam ao chão os frutos das oliveiras. Canta a jornada por nove gerações, através da qual, invisível, ela ganhou corpo no caldo contaminado da família Stephanides. E canta a Providência disfarçada em massacre que de novo pôs o gene em movimento; canta como, soprado feito semente, ele atravessou o mar até a América, onde singrou por nossas chuvas químicas e desceu à terra fértil do útero de uma mulher do Meio-Oeste, minha mãe.

Desculpem se às vezes minha prosa parece um pouco homérica. Também é genético.

Três meses antes do meu nascimento, ao final de um de nossos elaborados almoços de domingo, minha avó, Desdêmona Stephanides, mandou que meu irmão fosse buscar sua caixa de

bichos-da-seda. Um-Sete-Um se encaminhava à cozinha para uma segunda rodada de arroz-doce quando ela bloqueou sua passagem. Aos cinquenta e sete anos, baixa e atarracada, com sua intimidante redinha de cabelo, minha avó tinha a compleição perfeita para bloquear passagens. O numeroso contingente feminino do dia se aglomerava atrás dela, na cozinha, rindo e cochichando. Intrigado, Um-Sete-Um se inclinou para ver o que acontecia ali, mas Desdêmona esticou o braço e, com firmeza, deu um beliscão na bochecha do menino. Tendo recuperado sua atenção, desenhou no ar um retângulo e apontou o teto. Em seguida, através da dentadura frouxa, falou: “Vai pegar pra *yia yia*, vai, meu *mou* bonequinho”.

Um-Sete-Um sabia o que fazer. Voou pelo corredor até a sala de estar. De quatro, galgou a escada principal até o segundo piso. Passou rápido pelos quartos ao longo do corredor de cima. Bem no final, havia uma porta quase invisível, coberta com papel de parede, feito uma passagem secreta. Um-Sete-Um localizou com a cabeça a altura da minúscula maçaneta e, usando de toda sua força, destravou-a. Atrás da porta encontrou mais um lance de escadas. Por um longo momento, meu irmão observou, hesitante, a escuridão acima, para enfim começar a subir, agora muito lentamente, até o sótão onde meus avós viviam.

Com um par de tênis nos pés, ele passou debaixo das doze gaiolas forradas de jornal um pouco úmido e penduradas nas vigas. Fingindo naturalidade, adentrou aquele fedor azedo de periquitos e, adiante, o aroma mais peculiar dos meus avós, mistura de naftalina com haxixe. Avançou com cuidado por entre a escrivaninha cheia de livros empilhados e a coleção de discos de *rebetika*, música popular grega, do meu avô. E, finalmente, depois de esbarrar no divã de couro e na mesa de centro de latão, encontrou a cama dos avós e, embaixo dela, a caixa de bichos-da-seda.

Trabalhada em madeira de oliveira, um pouco maior que uma caixa de sapatos, tinha uma tampa de metal perfurada por diminutos orifícios para entrada de ar e adornada com o ícone de um santo desconhecido. O rosto do santo estava apagado, mas os dedos de sua mão direita, erguidos, abençoavam uma amoreira baixa, púrpura, que transparecia uma autoconfiança magnífica. Depois de contemplar por um tempo aquela vívida imagem botânica, Um-Sete-Um puxou a caixa para si e a abriu. Dentro dela havia as duas coroas de casamento feitas de corda e, enroladas feito cobras, duas longas tranças, cada uma delas atada com uma fita preta puída. Cutucou uma das tranças com o indicador. Justo nesse momento, um dos periquitos piou, o que fez meu irmão dar um pulo e fechar a caixa, colocá-la debaixo do braço e levá-la até o andar de baixo para Desdêmona.

Ela continuava no batente da porta, à espera. Tomou a caixa de bichos-da-seda da mão dele e virou as costas. Foi quando Um-Sete-Um teve a chance de vislumbrar o interior da cozinha, onde todas as mulheres tinham ficado em silêncio. Abriram passagem para Desdêmona e ali, bem no centro do linóleo, surgiu minha mãe. Tessie Stephanides se recostava numa cadeira, imobilizada detrás do globo de uma imensa barriga de grávida, firme como um tambor. No rosto, uma expressão feliz e indefesa, as bochechas afogueadas e coradas. Desdêmona pousou a caixa de bichos-da-seda na mesa da cozinha e abriu a tampa. Enfiou a mão por baixo das coroas de casamento e das tranças para resgatar algo que Um-Sete-Um não tinha visto: uma colher de prata. Atou um pedaço de barbante ao cabo. Então, inclinando-se à frente, deixou a colher dependurada balançar sobre a barriga inchada da minha mãe. E, por extensão, sobre mim.

Até ali, Desdêmona mantinha um retrospecto impecável: vinte e três palpites corretos. Acertou que Tessie seria Tessie. Previu o sexo

do meu irmão e dos bebês de todas as suas amigas da igreja. As únicas crianças que não adivinhou se seriam meninos ou meninas foram as suas, pois dava azar uma mãe perscrutar os mistérios do próprio útero. O da minha mãe, porém, ela perscrutou sem medo. Depois de certa hesitação inicial, a colher balançou do norte para o sul, o que significava que eu seria um menino.

Largada de pernas abertas na cadeira, minha mãe tentou sorrir. Não queria um menino. Já tinha um. Na verdade, estava tão certa de que eu seria uma menina que pensara em apenas um nome para mim: Calíope. Mas, quando minha avó gritou, em grego: "Um menino!", o grito ecoou pela cozinha, e dali para o corredor, atravessando-o na direção da sala de estar, onde os homens discutiam política. E minha mãe, ao ouvir aquilo ser repetido tantas vezes, começou a acreditar que talvez fosse verdade.

Meu pai, no entanto, assim que lhe chegou o mesmo grito, foi até a cozinha dizer à mãe dele que, dessa vez, a colher tinha errado. "E como é que você sabe?", perguntou Desdêmona. Ao que meu pai respondeu, como muitos americanos da sua geração teriam feito:

"A ciência explica, mamã."

Assim que resolveram ter outro bebê — o restaurante ia bem e Um-Sete-Um tinha saído das fraldas fazia um bom tempo —, Milton e Tessie concordaram que queriam uma filha. Um-Sete-Um acabara de completar cinco anos. Recentemente tinha achado no quintal um pássaro morto, que levou para dentro de casa e mostrou à mãe. Gostava de atirar em coisas, martelar coisas, esmigalhar coisas, e de brincar de luta com seu pai. Num lar assim, tão masculino, Tessie começava a se sentir uma estranha, e já se via, dez anos à frente, prisioneira de um mundo de calotas para carros e hérnias. Minha mãe imaginava uma filha como um elemento de contra-ataque: uma

parceira para seu amor por cachorrinhos de estimação e uma apoiadora quando sugerisse uma ida ao show de patinação no gelo dos Ice Capades. Na primavera de 1959, quando começaram a discutir minha concepção, minha mãe não podia prever que logo as mulheres estariam queimando sutiãs aos milhares. Os dela eram do tipo firme, com enchimento, à prova de fogo. Por mais que amasse o filho, Tessie sabia que certas coisas só conseguiria dividir com uma filha.

No carro, a caminho do trabalho, toda manhã, meu pai passou a imaginar uma menininha de olhos negros, irresistivelmente meiga. Ali ia ela, no banco do passageiro — principalmente quando paravam num sinal vermelho — fazendo perguntas que ele ouvia com paciência e sabedoria. “Como se chama aquilo lá, papai?” “Aquilo? Aquilo é o brasão dos Cadillac.” “O que é o brasão dos Cadillac?” “Bom, há muito tempo, existiu um explorador francês chamado Cadillac, que foi quem descobriu Detroit. E aquele é o brasão da família dele, lá na França.” “O que é a França?” “A França é um país da Europa.” “O que é a Europa?” “É um continente, um pedaço de terra, assim, grande, bem maior que um país. Mas os Cadillac agora não chegam mais aqui vindos da Europa, *kukla*. Eles são daqui mesmo, dos bons e velhos Estados Unidos da América.” O sinal ficava verde e ele seguia em frente. Mas aquele protótipo da minha pessoa persistia. No sinal seguinte, lá estava ela, e no outro. Tão agradável era a sua companhia que meu pai, um homem prenhe de iniciativa, decidiu ver o que ele podia fazer para que a imagem se tornasse realidade.

De modo que: já havia algum tempo, na sala de estar onde os homens discutiam política, também se discutia a velocidade dos espermatozoides. Peter Tatakis, “tio Pete”, como o chamávamos, era o líder do grupo de discussão que, toda semana, tomava assento nas namoradeiras pretas da sala. Solteiro a vida inteira, não tinha

família nos Estados Unidos e então se ligou à nossa. Chegava todo domingo em seu Buick vinho, um homem alto, de cara enrugada e ar tristonho, a cabeleira ondulada emprestando à cabeça uma vitalidade incongruente. Não se interessava por crianças. Um entusiasta da série Grandes Livros — a qual tinha lido duas vezes —, tio Pete se dedicava ao alto pensamento e à ópera italiana. Era apaixonado, em história, por Edward Gibbon, e pelos diários de Madame de Staël, em literatura. Gostava de citar a opinião sobre a língua alemã que tinha essa perspicaz senhora, para quem o alemão não seria uma boa língua para conversar, pois é preciso esperar pelo verbo no final da frase e, portanto, impossível interromper o interlocutor. Tio Pete um dia quisera ser médico, mas a “catástrofe” tinha acabado com o sonho. Já nos Estados Unidos, foi estudar quiropraxia, especialidade que praticava num pequeno consultório em Birmingham, onde mantinha um esqueleto humano comprado a prestações que ele ainda não terminara de pagar. Quiropráticos tinham, na época, reputação um pouco dúbia. As pessoas não procuravam tio Pete para uma sessão de liberação de sua energia *kundalini*. Ele estalava pescoços, endireitava colunas e, com espuma emborrachada, fazia palmilhas ortopédicas sob medida. Era, ainda assim, a coisa mais próxima de um médico em nossa casa naquelas tardes de domingo. Quando jovem, tio Pete tinha se submetido a uma cirurgia para retirar metade do estômago, e por isso sempre bebia uma Pepsi-Cola depois do almoço, para ajudar na digestão. O refrigerante devia o nome à enzima digestiva pepsina, ele nos dizia com sua sabedoria, de modo que era adequado a tal fim.

Foi por esse tipo de conhecimento que meu pai acabou confiando no que disse tio Pete sobre o cronograma reprodutivo. Com a cabeça numa almofada, sem sapatos, *Madame Butterfly* girando suave no toca-discos dos meus pais, ele explicou que, observados num microscópio, os espermatozoides portadores de cromossomos

masculinos nadavam mais rápido do que os portadores de cromossomos femininos. Essa afirmação causou imediata animação entre os donos de restaurantes e peleteiros reunidos em nossa sala de estar. Meu pai, porém, adotou a pose de sua escultura preferida, *O pensador*, cuja miniatura repousava do outro lado da sala, sobre a mesinha do telefone. Embora o tópico tivesse sido trazido à tona na atmosfera de livre debate daquelas sessões pós-almoço de domingo, estava claro, apesar do tom impessoal da discussão, que os espermatozoides em questão eram os do meu pai. Tio Pete esclareceu: para ter uma menina, um casal deveria "manter comunhão sexual vinte e quatro horas antes da ovulação". Dessa forma, o lépido espermatozoide masculino se apressaria e acabaria morrendo. O feminino, mais preguiçoso porém mais confiável, chegaria lá bem quando o óvulo fosse liberado.

\* \* \*

Meu pai teve dificuldades para convencer minha mãe a aderir ao plano. Tessie Zizmo era virgem quando, aos vinte e dois anos, se casou com Milton Stephanides. O período de noivado, que coincidiu com a Segunda Guerra Mundial, foi de castidade. Minha mãe se orgulhava de ter conseguido ao mesmo tempo provocar e extinguir o fogo do meu pai, mantendo-o, pela duração do cataclismo global, em banho-maria. O que não chegou a ser muito difícil, porém, uma vez que ela se encontrava em Detroit e ele, na Academia Naval em Annapolis. Por mais de um ano, Tessie acendeu velas para o noivo na igreja grega, enquanto Milton contemplava as fotografias da noiva afixadas em seu beliche. Gostava de fazer Tessie posar à maneira das modelos de revistas de cinema, de pé e de perfil, um dos sapatos de salto alto apoiado num degrau, um naco da meia-calça preta aparecendo. Minha mãe emerge como alguém

surpreendentemente manipulável nessas fotos, como se nada a satisfizesse mais do que ter seu homem de uniforme lhe dando instruções enquanto ela ficava diante de varandas e postes de iluminação do bairro humilde onde moravam.

Só foi se render depois que o Japão o fez. Então, da noite do casamento em diante (de acordo com o que me contou meu irmão enquanto eu tapava os ouvidos), meus pais fizeram amor com regularidade e prazer. Quanto a ter filhos, porém, minha mãe tinha ideias próprias. Acreditava que um embrião era capaz de sentir com quanto amor havia sido concebido. Por essa razão, não recebeu bem o plano do meu pai.

“Do que você acha que estamos tratando aqui, Milt, das Olimpíadas?”

“A conversa era apenas teórica”, disse meu pai.

“O que o tio Pete sabe sobre ter bebês?”

“Ele leu o artigo sobre essa teoria na *Scientific American*”, Milton disse. E reforçou o argumento: “O tio Pete é assinante”.

“Olha, se eu desse um mau jeito nas costas, procurava o tio Pete. Se tivesse pé chato como você, também. Mas isso é tudo.”

“Esse negócio tem comprovação. No microscópio. Os espermatozoides masculinos são mais rápidos.”

“Aposto que são mais burros também.”

“Vai lá. Amaldiçoa os espermatozoides masculinos quanto quiser. À vontade. Não é um deles que queremos. O que queremos é um bom e velho, lerdo e confiável espermatozoide feminino.”

“Mesmo que seja verdade, isso é ridículo. Não consigo simplesmente fazer a coisa como um relógio, Milt.”

“É mais difícil pra mim do que pra você.”

“Não quero mais saber dessa história.”

“Achava que você queria uma filha.”

“E quero.”

“Bom”, disse meu pai, “é desse jeito que podemos conseguir uma.”

Tessie riu, descartando a ideia. Mas, por trás do sarcasmo, havia uma séria objeção moral. Brincar com coisa misteriosa e miraculosa como o nascimento de uma criança era um ato fatal de insolência. Para começar, Tessie não acreditava que era possível. E, mesmo que fosse, não concordava que fosse certo tentar.

Claro, um narrador na minha condição (pré-fetal à época) não pode ter certeza de nada disso. Só consigo explicar a mania por ciência de que foi tomado meu pai na primavera de 1959 como um sintoma da crença no progresso, que, naquele momento, infectava a todos. Lembrem-se, o *Sputnik* tinha sido lançado apenas dois anos antes. A pólio, ameaça que mantivera meus pais em quarentena nos verões de sua infância, estava erradicada pela vacina Salk. As pessoas não faziam ideia de que vírus são mais espertos do que seres humanos, então pensavam que logo seriam coisa do passado. Nessa América otimista do pós-guerra, cujos estertores ainda vivi, todos eram senhores do próprio destino, de modo que, logicamente, meu pai tentava ser o senhor do seu.

Alguns dias depois de ter exposto seu plano a Tessie, Milton chegou em casa uma noite com um presente. Era uma caixa de joalheria envolta num laço de fita.

“Pra que isso?”, perguntou Tessie, desconfiada.

“Como assim, pra quê?”

“Não é meu aniversário. Não é nosso aniversário de casamento. Por que você está me dando um presente?”

“Precisa ter motivo pra isso? Vai. Abre.”

Tessie enrugou um dos cantos da boca, sem se deixar convencer. Mas era difícil ficar com uma caixa de joalheria fechada nas mãos.

Então, por fim, puxou uma das pontas do laço e abriu a caixa.

Dentro, sobre um forro de veludo preto, havia um termômetro.

“Um termômetro”, falou minha mãe.

“Não é um termômetro qualquer”, disse Milton. “Precisei passar em três farmácias diferentes pra achar esse aí.”

“Modelo de luxo, é?”

“Isso mesmo”, respondeu Milton. “É o que se chama de termômetro de precisão. Mede a temperatura até *um décimo de grau*.” Ele arqueou as sobrancelhas. “Termômetros normais só conseguem medir de dois em dois décimos. Experimenta. Põe na boca.”

“Não estou com febre”, disse Tessie.

“Isso não é pra medir febre. A gente usa pra saber qual é a temperatura basal do corpo. É mais exato e preciso que um termômetro normal.”

“Da próxima vez me dê um colar.”

Mas Milton insistiu: “A temperatura do seu corpo muda o tempo todo, Tess. Você pode não notar, mas muda. A gente está em fluxo constante, em termos de temperatura. Digamos, por exemplo” — uma tossidinha —, “que você por acaso esteja ovulando. Então sua temperatura sobe. Seis décimos de grau, na maior parte dos casos. Aí”, meu pai prosseguiu, sem reparar que a mulher franzira o cenho, “se fôssemos usar o sistema de que falamos outro dia — só como exemplo, vamos dizer —, a *primeira* coisa a fazer seria medir sua *temperatura basal*. Que talvez não seja trinta e sete graus. Varia um pouco de pessoa pra pessoa. Mais uma que aprendi com o tio Pete. Enfim, uma vez estabelecida sua *temperatura basal*, passaríamos a buscar aquele aumento de seis décimos de grau. E seria nessa hora que, se a ideia fosse levar a coisa adiante, seria nessa hora que a gente, sabe, misturaria o coquetel”.

Minha mãe não disse nada. Apenas guardou o termômetro de volta na caixa, que fechou e entregou ao meu pai.

“Ok”, ele disse. “Ótimo. Faça como quiser. Podemos ter outro menino. O número dois. Se é assim que você quer, assim será.”

“No momento não tenho certeza nem de que vamos ter alguma coisa”, respondeu minha mãe.

Enquanto isso, nos camarins, eu esperava para entrar no mundo. Nem sinal de brilho nos olhos do meu pai ainda (ele contemplava desanimado a caixa do termômetro em seu colo). Agora minha mãe se levanta da chamada namoradeira. Encaminha-se para a escada, uma das mãos na testa, e a probabilidade de algum dia eu vir ao mundo parece cada vez mais remota. Em seguida é meu pai que fica de pé e passa a fazer sua ronda, apagando luzes e trancando portas. Quando sobe a escada, de novo há esperança para mim. O timing precisava ser exato para eu me tornar a pessoa que sou. Se o ato fosse atrasado em uma hora, a seleção genética já teria mudado. Minha concepção ainda estava a semanas de distância, mas meus pais começavam, ali, sua lenta rota de colisão. No corredor do andar de cima, o abajur de Acrópole, presente da Jackie Halas, dona de uma loja de suvenires, está aceso. Minha mãe está dando tratos à vaidade quando meu pai entra no quarto. Usando dois dedos, ela massageia o rosto com creme, limpando-o em seguida com um lenço. Meu pai só precisaria ter dito uma palavra afetuosa e seria perdoado. Alguém parecido comigo, mas não eu, talvez tivesse sido concebido naquela noite. Um número infinito de seres em potencial se aglomerava à porta do quarto, entre eles eu, mas sem ter garantido o ingresso, as horas passando lentas, os planetas lá no alto girando na velocidade de sempre, e as condições climáticas dando sua contribuição também, pois minha mãe tinha medo de

tempestades e se aconchegaria ao meu pai naquela noite, caso tivesse chovido. Mas não, o céu claro continuava firme, assim como a teimosia dos meus pais. A luz do quarto foi apagada. Cada um ficou do seu lado da cama. E, por fim, minha mãe: "Boa noite". E meu pai: "Até amanhã". Os momentos que culminariam na minha entrada em cena entraram nos eixos, como que por decreto. E é por isso, acho, que penso tanto neles.

No domingo seguinte, minha mãe levou Desdêmona e meu irmão à igreja. Meu pai, um apóstata desde os oito anos de idade por achar exorbitante o preço das velas votivas, nunca ia junto. Meu avô, igualmente, preferia dedicar as manhãs de domingo a uma tradução para o grego moderno dos poemas "restaurados" de Safo. Pelos sete anos seguintes, mesmo sofrendo seguidos derrames, meu avô trabalhou na pequena escrivania, coligindo os lendários fragmentos num mosaico maior, acrescentando uma estrofe aqui, uma coda acolá, ajuntando um anapesto ou um iambo. De noite, tocava sua música de bordel e fumava narguilé.

Em 1959, a Igreja Ortodoxa Grega da Assunção ficava em Charlevoix. Ali se realizaria meu batismo menos de um ano depois, e minha educação sob a fé ortodoxa. A Assunção, com seus párocos rotativos, cada um deles enviado pelo próprio Patriarcado de Constantinopla, que chegavam até nós com a autoridade de suas longas barbas, de suas vestes bordadas de santidade, mas que se cansavam todos depois de um tempo — seis meses era a regra — por causa das desavenças na congregação, dos ataques pessoais a seu jeito de cantar, da necessidade constante de pedir silêncio aos paroquianos, que se comportavam na igreja como se estivessem no Tiger Stadium, e por fim por causa do esforço que era fazer o sermão duas vezes por semana, primeiro em grego, depois em

inglês. A Assunção, com seus animados intervalos para o café, seu alicerce malfeito e seu telhado com goteiras, seus vigorosos festivais étnicos, suas aulas de catecismo que, por um breve momento, mantinham vivas em nós as tradições que em seguida se perderiam na grande diáspora. Tessie e companhia avançaram pelo corredor central e passaram pelas bandejas forradas de areia onde se depositavam as velas votivas. No alto, grande como uma alegoria da Macy's na parada do Dia de Ação de Graças, o Cristo Pantocrátor. Ele se curvava no domo como se fosse o próprio firmamento. Ao contrário dos Cristos terrenos, sofredores, representados à altura da nossa cabeça nas paredes da igreja, o Cristo Pantocrátor surgia em evidente transcendência, todo-poderoso, reinando nos céus. Estendia os braços para os apóstolos, abaixo dele, sobre o altar, apresentando-lhes os quatro rolos de pergaminho dos Evangelhos. E minha mãe, que ao longo da vida tentou crer em Deus sem nunca ter exatamente conseguido, buscava Nele, ali em cima, alguma orientação.

Os olhos do Cristo Pantocrátor bruxulearam à luz fraca. Pareciam querer sugar Tessie. Em meio aos rolos de fumaça de incenso, os olhos do Salvador brilhavam feito flashes televisivos de acontecimentos recentes...

Primeiro tinha sido Desdêmona, uma semana antes, aconselhando a nora: "Pra que você quer mais filhos, Tessie?", perguntara a sogra, com estudada indiferença. Curvando-se para inspecionar o forno, disfarçando o alarme estampado no rosto (um alarme que seguiria inexplicado pelos dezesseis anos seguintes), Desdêmona rejeitava a ideia. "Mais criança, mais problema..."

Depois foi a vez do dr. Philobosian, nosso velho médico de família. Diplomas ancestrais atrás dele, o doutor deu o veredicto. "Bobagem. Espermatozoides masculinos que nadam mais rápido? Veja. O

primeiro a ver espermatozoides num microscópio foi Leeuwenhoek. Sabe o que pareceram pra ele? Vermes...”

Aí veio Desdêmona outra vez, com um ponto de vista diferente: “Deus é que decide o que um bebê vai ser. Não você...”.

Foram essas as cenas que passaram na mente da minha mãe durante aquela interminável missa dominical. A congregação sentava e levantava. No primeiro banco, meus primos, Sócrates, Platão, Aristóteles e Cleópatra, não paravam quietos. O padre Mike emergiu por detrás da cortina adornada de ícones e balançou o incensário. Minha mãe tentava rezar, mas não adiantou. Mal conseguiu sobreviver até a hora do café.

Desde a tenra idade de doze anos, minha mãe era incapaz de começar o dia sem a ajuda de pelo menos duas xícaras de café bem forte, preto como piche e sem açúcar, um gosto que herdou dos pilotos de barcos rebocadores e dos solteirões descolados que lotavam a hospedaria onde foi criada. Ainda ginásiana, e já com um metro e cinquenta e cinco de altura, ela ocupava seu lugar, no refeitório, ao lado dos operários das montadoras, e tomava um café antes de seguir para as aulas. Enquanto eles conferiam os resultados do turfe, Tessie terminava a lição de casa de Moral e Cívica. Agora, no porão da igreja, depois de mandar o Um-Sete-Um sair dali e ir brincar com as outras crianças, serviu-se de café para tentar se restabelecer.

Estava na segunda xícara quando uma voz suave, de timbre feminino, soprou-lhe ao ouvido: “Bom dia, Tessie”. Era seu cunhado, o padre Michael Antoniou.

“Oi, padre Mike. Bela missa hoje”, falou Tessie, e imediatamente se arrependeu. O padre Mike era o pároco assistente na Assunção. Quando o pároco anterior foi embora de volta para Atenas, derrotado pelas más línguas depois de apenas três meses, a família teve esperança de ver o padre Mike ser promovido. Mas, no fim,

mais um pároco estrangeiro, o padre Gregorios, assumiu o posto. Tia Zo, que nunca perdia uma oportunidade de se lamentar do próprio casamento, disse, durante um dos almoços, com sua voz de atriz: "Esse é meu marido. Sempre o segundo".

Ao elogiar a missa, Tessie não pretendia elogiar o padre Greg. A situação se tornava ainda mais delicada pelo fato de que, anos antes, Tessie e Michael Antoniou haviam sido noivos. Agora ela era casada com Milton, e o padre Mike, com a irmã de Milton. Tessie tinha descido ali para tomar um café e espairecer, e o dia já começava a sair dos trilhos.

O padre Mike não pareceu ter notado o deslize, porém. Parado ali, continuou a sorrir, os olhos meigos encimando a cascata volumosa da barba. Homem de temperamento dócil, o padre Mike era popular entre as viúvas da igreja. Gostavam de rodeá-lo, oferecer-lhe biscoitos e banhar-se em sua essência beatífica. Parte de tal essência vinha do fato de o padre Mike estar perfeitamente contente com seu pouco mais de um metro e sessenta. Ser baixinho, no caso dele, era uma espécie de atestado de caridade, como se tivesse doado parte de sua altura. Parecia ter perdoado Tessie pelo rompimento do noivado, mas isso era algo sempre no ar entre eles, feito o pó de talco que às vezes escapava de seu colarinho clerical.

Sorrindo, segurando com cuidado a xícara de café e o pires, o padre Mike perguntou: "E então, Tessie, como vão as coisas em casa?".

Minha mãe sabia, claro, que o padre Mike, na qualidade de frequentador de nossos domingos em família, estava totalmente informado do plano do termômetro. Ao olhar em seus olhos, ela pensou ter detectado um quê de zombaria.

"Você vai lá em casa hoje", disse, pouco se importando. "Pode conferir você mesmo."

“Já estou ansioso”, respondeu o padre Mike. “As discussões na casa de vocês são sempre tão interessantes.”

Tessie contemplou novamente a expressão do padre Mike, mas agora parecia haver ali genuíno afeto. Foi quando aconteceu uma coisa que desviou totalmente sua atenção do cunhado.

Do outro lado da sala, Um-Sete-Um tinha trepado numa cadeira para alcançar a torneirinha da grande cafeteira. Tentava se servir, mas não conseguia mais fechar a torneira. O café escaldante se espalhava sobre a mesa e respingou numa menina que estava próxima. Ela deu um pulo e recuou. Da boca aberta não saía som nenhum. Muito veloz, minha mãe atravessou a sala e levou a menina ao banheiro feminino.

Ninguém se lembra do nome dela. Não tinha vindo com nenhum dos paroquianos assíduos. Nem grega era. Apareceu na igreja naquele dia e nunca mais, e parece que surgiu ali com o único propósito de fazer minha mãe mudar de ideia. No banheiro, a menina tirou a camisa respingada com o líquido fumegante enquanto Tessie lhe trazia toalhas úmidas. “Você está bem, querida? Se queimou?”

“Ele é muito desastrado, aquele menino”, disse a criança.

“Às vezes é, sim. Mete a mão em tudo.”

“Tem meninos que são muito buliçosos.”

Tessie sorriu. “Que vocabulário você tem.”

A menina abriu um grande sorriso ao ouvir o elogio. “‘Buliçoso’ é minha palavra favorita. Meu irmão é muito buliçoso. Mês passado minha palavra favorita era ‘túrgido’. Mas não dá pra usar muito ‘túrgido’. É que não tem muitas coisas ‘túrgidas’ por aí, se você parar pra pensar.”

“Você tem razão”, respondeu Tessie. “Mas gente buliçosa tem por toda parte.”

“Não poderíamos estar mais de acordo”, falou a menina.

Duas semanas depois. Domingo de Páscoa, 1959. Nossa adesão ao calendário juliano, por razões religiosas, mais uma vez nos deixava em descompasso com a vizinhança. Dois domingos antes, meu irmão assistia às outras crianças do quarteirão procurando ovos coloridos nos arbustos do bairro. Viu os amigos arrancarem a cabeça de coelhinhos de chocolate e enfiarem punhados de balas de goma na boca cheia de cáries. (Olhando da janela, o que meu irmão queria, mais do que qualquer coisa, era acreditar num Deus americano ressuscitado no dia certo.) Só no dia anterior é que tinham deixado o Um-Sete-Um pintar os próprios ovos, e de uma única cor: vermelho. Pela casa toda reluziam aqueles ovos vermelhos, sob os raios alongados do solstício. Ovos vermelhos transbordavam de vasilhas sobre a mesa da sala de jantar. Enchiam sacolas penduradas aos umbrais das portas. Abarrotavam o balcão e eram assados dentro de pães *tsoureki* em forma de cruz.

Mas agora já é fim de tarde; o almoço terminou. E meu irmão está sorrindo. Porque essa é a única parte da Páscoa grega de que ele gosta mais do que de procurar os ovinhos e as balas de goma: é a parte do jogo do quebra-ovos. Todo mundo se reúne em volta da mesa do almoço. Mordendo o lábio, Um-Sete-Um escolhe um ovo da vasilha, examina e devolve. Escolhe outro. “Esse parece bom”, diz Milton, selecionando um para si. “Resistente feito um carro-forte.” Milton oferece seu ovo ao ataque. Um-Sete-Um se prepara. É quando minha mãe aparece, de repente, e toca de leve as costas do meu pai.

“Só um minuto, Tessie. Estamos quebrando uns ovos aqui.”

Ela insiste. Cutuca mais forte as costas dele.

“Que foi?”

“Minha temperatura.” Ela faz uma pausa. “Está seis décimos mais alta.”

Ela tem usado o termômetro. É a primeira vez que conta ao meu pai.

“Agora?”, ele cochicha. “Jesus, Tessie, tem certeza?”

“Não, não tenho. Você me falou pra vigiar qualquer aumento de temperatura e estou dizendo que ela aumentou seis décimos de grau.” E baixando a voz: “Além do mais, faz treze dias da minha última... você sabe o quê”.

“Vamos, pai”, implora Um-Sete-Um.

“Tempo”, diz Milton. Coloca seu ovo no cinzeiro. “Este aqui é meu. Ninguém toca nele até eu voltar.”

No andar de cima, no quarto de casal, meus pais consumam o ato. O natural decoro filial me faz evitar imaginar a cena em muitos detalhes. Fico só com este: quando terminam, como se tivesse acabado de encher o tanque, meu pai diz: “Acho que já deu”. E por acaso estava certo. Em maio, Tessie descobre que está grávida, e a espera se inicia.

Com seis semanas, tenho olhos e ouvidos. Com sete, narinas, lábios até. Meus genitais começam a se formar. Os hormônios fetais, a partir de instruções dos cromossomos, inibem os ductos de Müller enquanto desenvolvem os de Wolff. Meus vinte e três pares de cromossomos se ligam e se cruzam, fazendo girar a roleta, meu *papou* põe a mão na barriga da minha mãe e diz: “Dois da sorte!”. Arregimentados, meus genes executam suas ordens. Todos menos dois, uma dupla de desgarrados — ou de revolucionários, conforme o ponto de vista — escondida no cromossomo de número 5. Juntos, os dois me surrupiam uma enzima, o que interrompe a produção de certo hormônio, o que complica minha vida.

Na sala de estar, os homens param de discutir política e fazem suas apostas quanto ao bebê de Milton, se será um menino ou uma menina. Meu pai está confiante. Vinte e quatro horas depois do ato, a temperatura basal da minha mãe aumentava outros dois décimos, confirmando a ovulação. Àquela altura, os espermatozoides masculinos tinham desistido, exaustos. Os femininos, como a tartaruga, venciam a corrida. (Foi quando Tessie entregou o termômetro a Milton e disse que nunca mais queria ver aquilo na frente dela.)

Tudo isso levou ao dia em que Desdêmona fez pender um talher sobre aquela barriga grávida. O ultrassom não existia na época; a colher era o melhor recurso. Desdêmona se agachou. Silêncio na cozinha. As demais mulheres mordiam os lábios, olhavam, esperavam. No primeiro minuto, a colher nem saiu do lugar. A mão de Desdêmona tremia e, após alguns longos segundos, tia Lina veio firmá-la. A colher girou; chutei; minha mãe berrou. E então, lentamente, movida por um vento que ninguém sentia, à maneira sobrenatural de um tabuleiro dos espíritos, a colher de prata começou a se mover, a balançar, de início em pequenos círculos mas, a cada volta, numa trajetória mais e mais elíptica, aplainando-se até se tornar retilínea, uma linha do forno à banquetta. Do norte para o sul, em outras palavras. Desdêmona soltou o grito: "*Koros!*". E outros iguais irromperam na cozinha: "*Koros, koros*".

Naquela noite, meu pai falou: "Vinte e três acertos seguidos: um dia ela tem que errar. Vai ser dessa vez. Confie em mim".

"Não me importo se for um menino", disse minha mãe. "De verdade. Desde que venha saudável, com dez dedos nas mãos e dez nos pés."

"Como assim, 'venha saudável'? É da minha filha que você está falando."

Nasci uma semana depois do Ano-Novo, em 8 de janeiro de 1960. Na sala de espera, suprido apenas de charutos enfeitados com fitas rosa, meu pai gritou: "Bingo!". Eu era uma menina. Pouco mais de quarenta e oito centímetros. Cerca de três quilos e trezentos gramas.

No mesmo dia 8 de janeiro, meu avô sofreu o primeiro de seus treze derrames. Acordado por meus pais, que saíam às pressas para o hospital, ele se levantou da cama e desceu para preparar uma xícara de café. Uma hora mais tarde, Desdêmona o encontrou caído no chão da cozinha. Embora suas faculdades mentais tenham se mantido intactas, enquanto eu dava meu primeiro berro no Hospital de Mulheres, naquela manhã, *papou* perdia a capacidade de fala. De acordo com Desdêmona, meu avô desabou no chão logo depois de ter entornado a xícara para ler a sorte na borra.

Quando ficou sabendo qual era meu sexo, tio Pete se recusou a aceitar os parabéns. Não tinha mágica nenhuma. "E além disso", brincou, "foi o Milt que teve todo o trabalho." Desdêmona ficou melancólica. Seu filho nascido na América provara que estava com a razão e, diante dessa nova derrota, o velho país, no qual ela ainda tentava viver, apesar dos seis mil e quatrocentos quilômetros e trinta e oito anos de distância, se afastava um pouquinho mais. Minha chegada marcou o fim de suas adivinhações sobre bebês e o início do longo declínio de seu marido. Embora a caixa de bichos-da-seda reaparecesse de vez em quando, a colher não estava mais entre os tesouros ali guardados.

Saí do ventre da minha mãe para receber umas palmadas e uma limpeza de mangueira. Depois me enrolaram num cobertor e me puseram em exposição junto com outros seis bebês, quatro meninos

e duas meninas, todos, ao contrário de mim, corretamente etiquetados. Não pode ser verdade, mas me lembro disso: faíscas lentamente preenchendo uma tela escura.

Alguém tinha ligado meus olhos.

# Ideias casamenteiras

Quando esta história ganhar o mundo, é possível que eu me torne o hermafrodita mais famoso de todos os tempos. Houve outros antes de mim. Alexina Barbin frequentou um internato de meninas na França antes de se tornar Abel. Deixou uma autobiografia, que Michel Foucault encontrou nos arquivos do Departamento de Higiene Pública. (As memórias dessa personagem, interrompidas pouco antes de seu suicídio, deixam a desejar, e foi depois de terminar a leitura, anos atrás, que primeiro tive a ideia de escrever as minhas.) Gottlieb Göttlich nasceu em 1798 e viveu como Marie Rosine até a idade de trinta e três anos. Um dia foi levado ao médico com dores abdominais. O médico procurou por uma hérnia e, em vez disso, encontrou testículos ainda recolhidos. A partir dali, Marie envergou roupas masculinas, adotou o nome de Gottlieb e fez fortuna pela Europa, oferecendo-se à apreciação de médicos.

Na opinião dos especialistas, sou ainda melhor do que Gottlieb. No que tange aos efeitos dos hormônios fetais na química cerebral e na histologia, tenho um cérebro masculino. Mas fui criado como uma menina. Se alguém quisesse armar um experimento para medir os pesos relativos de natureza e cultura numa pessoa, não encontraria nada melhor para isso do que minha vida. No período que passei na clínica, três décadas atrás, o dr. Luce me submeteu a uma bateria de

exames. Enfrentei o Teste de Retenção Visual de Benton e o Teste Gestáltico Visomotor de Bender. Meu Q.I. verbal foi medido, além de uma porção de outras coisas. Luce analisou até o estilo da minha prosa, para verificar se eu escrevia de um jeito mais linear e masculino ou circular e feminino.

Tudo que sei é: apesar do meu cérebro andrógino, há uma circularidade feminina inata na história que vou contar. Em qualquer história genética. Sou a oração subordinada final de uma longa sentença que começa há muito tempo, em outra língua, e vocês precisarão lê-la desde o início para chegar ao fim, que é quando entro na história.

Pois agora, uma vez que já nasci, vou voltar o filme, fazendo meu cobertor rosa voar do meu corpo e meu berço sair de cena em disparada enquanto o cordão umbilical é reatado, e então eu solto de novo o grito na hora em que aquele ponto entre as pernas da minha mãe me suga para dentro. Ela volta a ficar muito gorda. Aí retrocedemos mais um pouco até que uma colher pare de balançar e um termômetro seja devolvido à sua caixa forrada de veludo. O *Sputnik* então refaz a trilha de fumaça de seu foguete propulsor de volta à base de lançamento e a pólio aterroriza o país. Há um rápido take do meu pai ao telefone, aos vinte anos, tocando no clarinete um número de Artie Shaw, e em seguida lá está ele na igreja, aos oito, escandalizado com o preço das velas; a próxima cena é do meu avô, em 1931, debruçado sobre uma caixa registradora com sua primeira nota de um dólar. É quando saímos dos Estados Unidos e vamos para o meio do oceano, onde a trilha sonora soa estranha, tocada ao contrário. Surge um navio a vapor, e lá no alto, no convés, um bote salva-vidas curiosamente balança sozinho; mas aí o navio aporta, a popa primeiro, e de novo estamos em terra firme, onde o rolo de filme se solta do carretel, de volta ao começo...

\*

No final do verão de 1922, minha avó Desdêmona não estava prevendo nascimentos, mas mortes, mais especificamente a sua própria. Em meio aos casulos dos bichos-da-seda, no alto do Monte Olimpo, na Ásia Menor, senti uma batida do coração falhar sem aviso. Foi uma sensação peculiar: o coração parando e se contraindo numa bola. Aí, quando ela já se retesava, ele voltou a disparar, martelando-lhe as costelas. Minha avó soltou um gritinho assustado. Seus vinte mil bichos-da-seda, sensíveis às emoções humanas, pararam de tecer os casulos. Forçando a vista na penumbra, Desdêmona olhou para baixo e viu a barra da túnica claramente tremular; naquele instante, constatando a insurreição dentro de si, tornou-se o que viria a ser pelo resto da vida: uma pessoa doente aprisionada num corpo saudável. Incapaz, porém, de acreditar que duraria muito, apesar de o coração ter se aquietado, saiu do abrigo dos casulos e foi dar uma última olhada num mundo ao qual, no entanto, não daria adeus pelos cinquenta e oito anos seguintes.

A vista impressionava. Mais de trezentos metros abaixo, via-se a antiga capital otomana, Bursa, feito um tabuleiro de gamão sobre o feltro verde do vale. Os telhados eram losangos vermelhos encaixados aos losangos brancos das construções de paredes caiadas. Aqui e ali, as tumbas dos sultões brilhavam como fichas de aposta. Em 1922, o tráfego de automóveis não entupia as ruas. Os teleféricos para esquiadores não abriam fendas na montanha de pinheiros. Fábricas de tecido e metalúrgicas não cercavam a cidade, enchendo o ar de poluição. Pelo menos a trezentos metros de altura, Bursa parecia ser praticamente a mesma que tinha sido ao longo dos últimos seis séculos, cidade sagrada, necrópole dos otomanos e centro da rota da seda, suas ladeiras quietas adornadas de minaretes e ciprestes. As telhas da Mesquita Verde tinham se

tornado azuis com o tempo, mas não mais que isso. Desdêmona Stephanides, porém, perscrutando de longe, mirou o tabuleiro lá embaixo e viu o que passava despercebido aos jogadores.

Uma interpretação psicanalítica das palpitações da minha avó: eram uma manifestação do luto. Seus pais estavam mortos — assassinados na recente guerra contra os turcos. O exército grego, encorajado pelos Aliados, tinha invadido o oeste da Turquia em 1919 para reclamar aquele antigo território grego na Ásia Menor. Depois de anos vivendo isolado nas montanhas, o povo de Bithynios, vilarejo da minha avó, finalmente, sob a proteção da *Megale Idea* — a Grande Ideia, o sonho da Grécia Grande —, saía do isolamento. Eram as tropas gregas que ocupavam Bursa agora. Uma bandeira da Grécia tremulava no palácio otomano. Os turcos e seu comandante, Mustafá Kemal, tinham recuado para Ancara, no leste. Pela primeira vez em suas vidas, os gregos da Ásia Menor se viam livres do domínio turco. Os *giaours* (“cães infiéis”) não estavam mais proibidos de vestir roupas claras ou andar a cavalo ou usar selas. Nunca mais, como nos séculos anteriores, funcionários do governo otomano viriam anualmente e levariam os meninos mais robustos para servir na tropa de elite do sultão. Agora, quando os homens do vilarejo levassem a seda ao mercado de Bursa, seriam gregos livres, numa cidade grega livre.

Desdêmona, no entanto, em luto pelos pais, continuava presa ao passado. E ali ficou, no alto da montanha, olhando para a cidade emancipada e pensando que era ludibriada por sua incapacidade de se sentir feliz como todo mundo. Anos mais tarde, já viúva, quando passaria uma década de cama tentando com grande vitalidade morrer, enfim admitiria que aqueles dois anos do entreguerras, meio século antes, haviam sido o único período decente de sua vida; mas aí todos os seus conhecidos já estavam mortos e ela só podia dizer isso à televisão.

Durante quase uma hora, Desdêmona tinha tentado ignorar o mau presságio trabalhando com os casulos. Tinha saído de casa pela porta dos fundos, passado sob as videiras sentindo seu aroma adocicado e cruzado o terreno arado do quintal até o barracão baixo de teto de palha. Lá dentro, o odor acre, larval, não a incomodava. O abrigo dos casulos era o oásis particular e fedorento da minha avó. Ao redor dela, por todo lado, um firmamento de bichos-da-seda brancos e delicados, às pencas em galhos de amoreira. Desdêmona os contemplava fazendo seus casulos, as cabeças se movendo como que por música. Enquanto ficava ali, observando, esquecia o mundo lá fora, suas mudanças e convulsões, sua nova e terrível música (que daqui a pouco será cantada). Em vez disso, ouvia a voz da mãe, Euphrosyne Stephanides, naquele mesmo abrigo dos casulos, a elucidar os mistérios dos bichos-da-seda — “Pra conseguir boa seda, a gente tem que ser pura”, costumava dizer à filha. “Os bichos-da-seda sabem tudo. A gente sempre consegue saber o que uma pessoa está aprontando pela aparência da seda que sai dali” — e assim por diante, Euphrosyne passando então aos exemplos — “a Maria Poulos, que anda por aí levantando a saia pra qualquer um. Já viu os casulos dela? Uma mancha pra cada homem. Preste atenção da próxima vez” — e Desdêmona, com apenas onze ou doze anos, acreditando em cada palavra, de modo que agora, já uma moça de vinte e um, ainda não era capaz de descrever completamente das fábulas morais da mãe, e inspecionava as constelações de casulos à procura de algum sinal de sua própria impureza (os sonhos que andava tendo ultimamente!). Buscava ali outras coisas também, pois sua mãe sustentava ainda que os bichos-da-seda reagiam a atrocidades históricas. A cada massacre, mesmo que ocorrido num vilarejo a oitenta quilômetros de distância, os filamentos adquiriam uma cor sanguínea — “Vi eles sangrarem como os pés do próprio Cristo”, outra das falas de Euphrosyne, e sua filha, anos mais tarde,

era quem se lembrava, forçando a vista para ver se algum dos casulos ficava vermelho. Puxou uma das bandejas e a chacoalhou; puxou outra; e foi bem aí que sentiu o coração parar, virar uma bola e voltar a socar lá dentro. Deixou cair a bandeja, viu a túnica tremular por obra de uma força interior e compreendeu que seu coração operava segundo instruções próprias, que não tinha controle sobre ele nem, na verdade, sobre mais nada.

E, assim, minha *yia yia*, passando a sofrer da primeira de suas doenças imaginárias, ali ficou, parada, contemplando Bursa lá embaixo, como se pudesse vislumbrar uma confirmação visível de seu invisível terror. E foi quando, de dentro da casa, ela veio em forma de som: seu irmão, Eleutherios (“Esquerdinha”) Stephanides, tinha começado a cantar. Num inglês sem sentido e com pronúncia ruim:

“*Ev’ry morning, ev’ry evening, ain’t we got fun*”, cantava Esquerdinha, parado diante do espelho do quarto, como fazia toda tarde mais ou menos àquela hora, o novo colarinho plástico sendo afixado à camisa branca, também nova, e o cabelo recém-cortado à Valentino recebendo um punhado de gomalina (aroma de limão) com a qual ele primeiro besuntava a mão espalmada para depois espalhar. E continuava: “*In the meantime, in-between time, ain’t we got fun*”. A letra não significava nada para ele, mas a melodia era suficiente. Trazia à mente de Esquerdinha a frivolidade da era do jazz, coquetéis de gim-tônica, mulheres fumando cigarros; ela o ajudava a alisar o cabelo para trás, garboso... ao passo que, no quintal, Desdêmona ouvia aquilo e reagia de outro modo. Para ela, a canção evocava apenas os bares de má reputação que seu irmão frequentava na cidade, aqueles antros de haxixe onde tocavam *rebetika* e música americana, onde mulheres à toa cantavam... e Esquerdinha então vestia seu novo terno de risca de giz e dobrava no bolso do paletó o lenço vermelho combinando com a gravata da

mesma cor... e Desdêmona sentia uma coisa estranha dentro dela, no estômago especialmente, revirado por sentimentos complicados, tristeza, raiva e alguma coisa mais, à qual ela não sabia dar nome, que era o que mais doía. “*The rent’s unpaid, dear, we haven’t a car*”, prosseguia o crooner Esquerdinha, com a voz meiga de tenor que, mais tarde, eu herdaria; e, sob aquela música, Desdêmona voltava a ouvir a voz da mãe, as últimas palavras ditas por Euphrosyne Stephanides antes de morrer de um ferimento à bala: “Cuide do Esquerdinha. Prometa que vai achar uma esposa pra ele!”... e Desdêmona, aos prantos, respondia: “Prometo! Prometo!”... essas vozes todas falando ao mesmo tempo na cabeça da minha avó, enquanto voltava pelo quintal até a casa. Entrou na pequena cozinha, onde terminava de aprontar o jantar (para uma pessoa), e foi direto ao quarto que dividia com o irmão. Ele continuava a cantoria — “*Not much money, Oh! but honey*” —, agora ajeitando as abotoaduras, repartindo o cabelo; mas aí ergueu a cabeça e viu a irmã — “*Ain’t we got*” — e passando a um pianíssimo — “*fun*” — se calou.

Por um momento, o espelho sustentou a imagem dos dois rostos. Aos vinte e um anos, muito antes da dentadura frouxa e da autoimposta invalidez, minha avó era bem bonita. Usava o cabelo preto em longas tranças atadas no alto da cabeça sob um lenço. Não eram tranças delicadas como as de uma menininha, mas volumosas e de mulher, com uma força natural, como a cauda de um castor. Tinham atravessado os anos, estações e condições climáticas de todo tipo; e, quando ela as desfazia, à noite, o cabelo lhe caía à cintura. No momento, as tranças estavam atadas com fitas de seda pretas, o que as tornava ainda mais imponentes, se alguém chegasse a vê-las, coisa para poucos. O que ficava, sim, à vista de todos era o rosto de Desdêmona: os olhos grandes e pesarosos, a tez pálida à luz de velas. Devo também mencionar, com algum

resquício do trauma de quem um dia foi uma menina sem peito nenhum, a compleição voluptuosa da minha avó. Seu corpo era, para ela, um permanente constrangimento. A todo momento chamava atenção de um jeito que ela própria não aprovava. Na igreja, ao ajoelhar-se, no quintal, quando batia os tapetes, debaixo do pessegueiro, colhendo fruta, os dotes femininos de Desdêmona escapavam às restrições de suas roupas acanhadas e limitantes. Sobre o corpo balançante, o rosto emoldurado pelo lenço parecia destacado do resto, um pouco escandalizado com o que aprontavam, ali embaixo, os peitos e o quadril.

Eleutherios era mais alto e mais magro. Nas fotografias da época, se parece com as figuras do submundo que idolatrava, ladrões e apostadores de bigodinho que não faltavam nos bares da orla de Atenas e Constantinopla. O nariz era aquilino, os olhos, argutos, o rosto, no geral, lembrava um gavião. Quando sorria, porém, revelava delicadeza no olhar, o que deixava claro que Esquerdinha não era, na verdade, nenhum gângster, mas o filho mimado, amante dos livros, de uma família que vivia confortavelmente.

Naquela tarde do verão de 1922, Desdêmona não contemplava o rosto do irmão. Seus olhos iam do paletó ao cabelo reluzente, e dali às calças risca de giz, tentando entender o que acontecera com ele naqueles últimos meses.

Esquerdinha era um ano mais moço que Desdêmona, e ela se perguntava, com frequência, como havia sobrevivido àqueles primeiros doze meses de vida sem ele. Pois, desde que se entendia por gente, ele sempre estivera ali, do outro lado do cobertor de pele de cabra que separava suas camas. Era atrás do *kelimi* que ele inventava seus teatrinhos, as mãos transformadas em fantoches corcundas e espertos que sempre engabelavam os turcos. Fazia rimas e cantava canções no escuro do quarto, e um dos motivos para ela odiar aquelas novas músicas americanas era o fato de que o

irmão as cantava exclusivamente para si mesmo. Desde sempre Desdêmona tinha amado o irmão como só uma irmã criada nas montanhas poderia amar um irmão: era ele a sua diversão, seu melhor amigo e confidente, seu companheiro nas descobertas de atalhos e celas de monges. Nos primeiros tempos, a empatia emocional que sentia por Esquerdinha era tão absoluta que ela às vezes esquecia que os dois eram pessoas diferentes. Quando crianças, desciam a encosta arada da montanha feito uma só criatura de quatro pernas e duas cabeças. Estava tão acostumada à sombra siamesa que projetava com o irmão na parede caiada de casa, à noite, que, sempre que se deparava com o próprio contorno solitário, ele lhe parecia cortado ao meio.

Aqueles tempos de paz pareciam ter vindo para mudar tudo. Esquerdinha aproveitava as novas liberdades. Tinha ido a Bursa um total de dezessete vezes, no último mês. Em três dessas ocasiões, pernoitara no Casulo Inn, em frente à Mesquita do Sultão Ouhan. Numa manhã, saiu usando botas, meias na altura dos joelhos, calças curtas, *doulamas* e colete, e voltou para casa, na noite seguinte, de terno de risca, cachecol de seda metido dentro do colarinho, como um cantor de ópera, e chapéu-coco na cabeça. Houve outras mudanças. Começou a estudar francês sozinho, a partir de um livrinho de frases de capa vermelho-escura. Adotava modos afetados, pondo as mãos nos bolsos para fazer tilintar umas moedas, ou levantando o chapéu. Ao lavar a roupa, Desdêmona encontrava pedaços de papel rabiscados de números nos bolsos de Esquerdinha. Suas roupas exalavam fumaça e aromas almiscarados, às vezes adocicados.

Ali, no espelho, os dois rostos próximos não conseguiam esconder sua progressiva separação. E minha avó, cuja constituição melancólica havia se manifestado como pleno estrépito cardíaco,

olhou para o irmão, como tinha olhado para a própria sombra um dia, e sentiu falta de alguma coisa.

“Aonde você vai todo arrumado?”

“Aonde você acha que eu vou? Ao Koza Han. Vender casulos.”

“Você já foi ontem.”

“Agora é temporada.”

Com um pente de tartaruga, Esquerdinha repartiu o cabelo à direita, botando mais gomalina num cacho que se recusava a assentar.

Desdêmona chegou mais perto. Pegou o produto e o cheirou. Aquele não era o mesmo cheiro das roupas. “O que mais você faz lá na cidade?”

“Nada.”

“Você passa a noite lá, às vezes.”

“É longe. Quando chego, a pé, já é tarde.”

“O que você anda fumando naqueles bares?”

“O que tiver no narguilé. Isso não se pergunta.”

“Se nossa mãe e nosso pai soubessem que você está fumando e bebendo desse jeito...” A voz sumiu antes de terminar.

“Mas não sabem, né?”, disse Esquerdinha. “Então estou salvo.” O tom despreocupado não convencia. Esquerdinha agia como se tivesse se recuperado da morte dos pais, mas Desdêmona não se enganava. Sorriu melancólica para o irmão e, sem dizer nada, ergueu o punho. Automaticamente, ainda se admirando no espelho, Esquerdinha fechou o seu também. Contaram: “Um, dois, três... já!”.

“Pedra mata cobra. Ganhei”, falou Desdêmona. “Agora me diz.”

“Dizer o quê?”

“Me diz o que tem de tão interessante em Bursa.”

Esquerdinha jogou o cabelo para a frente outra vez e o repartiu à esquerda. Girou a cabeça, aproximando-se e afastando-se do espelho. “Como fica melhor? Pra esquerda ou pra direita?”

“Deixa eu ver.” Desdêmona ergueu delicadamente a mão até o cabelo de Esquerdinha — e o despenteou.

“Ei!”

“Do que você vai atrás em Bursa?”

“Me deixa em paz!”

“Me diz!”

“Você quer saber?”, disse Esquerdinha, já exasperado com a irmã. “Do que você acha que eu vou atrás?” Falava se segurando para não estourar. “Vou atrás de mulher.”

Desdêmona agarrou o ventre e apalpou o coração. Recuou dois passos e, daquela distância, contemplou o irmão com outros olhos. A ideia de que Esquerdinha, que era unha e carne com ela, que dormia na cama ao lado da sua, pudesse ser possuído por tal desejo nunca tinha ocorrido a Desdêmona. Embora fisicamente maduro, o corpo de Desdêmona ainda era um estranho para sua proprietária. Certa noite, no quarto, chegou a ver o irmão, que dormia, se apertar contra o colchão de corda como se descontasse ali alguma raiva. Ainda criança, foi encontrá-lo no abrigo dos casulos se esfregando, inocente, num palanque de madeira. Mas nada disso a impressionara. “O que você está fazendo?”, perguntou a Esquerdinha, na época com oito ou nove anos, vendo que, agarrado ao poste, ele flexionava os joelhos, abaixando e levantando. Com voz firme e determinada, ele respondeu: “Estou tentando sentir aquilo”.

“Sentir o quê?”

“Você sabe” — grunhia, ofegava, joelhos se dobrando e estendendo —, “aquilo.”

Mas ela não sabia o que era. Levou anos até que Desdêmona, cortando pepinos, se apoiasse na quina da mesa da cozinha e, sem se dar conta, quisesse se apoiar um pouquinho mais, e depois disso se pegasse todo dia na mesma posição, a quina da mesa encaixada

entre as pernas. Às vezes, preparando as refeições do irmão, ela ainda reatava a relação com sua velha amiga mesa de jantar, mas sem consciência do que fazia. Era o corpo dela que estava no comando, com a astúcia silenciosa dos corpos.

As idas de seu irmão à cidade eram diferentes. Ele sabia o que procurava, aparentemente; mantinha total comunicação com o próprio corpo. Mente e corpo, nele, haviam se tornado uma só entidade, com um só pensamento, uma só obsessão, e pela primeira vez na vida Desdêmona não podia ler aquele pensamento. Tudo que sabia era que não tinha nada a ver com ela.

Ficou furiosa. E também, desconfio, um pouco enciumada. Ele não era seu melhor amigo? Não tinham sempre contado tudo um ao outro? E ela não fazia tudo por ele, cozinhava, costurava e mantinha a casa como a mãe costumava fazer? Não vinha cuidando sozinha dos bichos-da-seda para que ele, seu irmãozinho inteligente, pudesse ter aulas com o padre, aprender grego antigo? Não tinha sido ela a dizer: "Cuide dos livros que eu cuido dos casulos. Tudo o que você precisa fazer é ir vendê-los no mercado"? E, quando ele começou a se demorar na cidade, por acaso ela reclamou? Falou alguma coisa dos pedaços de papel nos bolsos, dos olhos vermelhos ou do cheiro almíscar adocicado nas roupas? Desdêmona desconfiava que seu irmão sonhador tivesse se tornado um fumador de haxixe. Onde havia *rebetika* sempre havia haxixe. Esquerdinha lidava com a morte dos pais do único jeito que podia, desaparecendo no meio de uma nuvem de fumaça, enquanto ouvia a música mais absolutamente triste do mundo. Desdêmona compreendia, e por isso não tinha nada a dizer. Mas agora via que o irmão tentava fugir do luto de um jeito que ela não esperava; e não se conformou mais em ficar quieta.

"Atrás de mulher?", perguntou num tom incrédulo. "Que tipo de mulher? De uma mulher turca?"

Esquerdinha não falou nada. Depois de seu destemperado, tinha voltado a pentear o cabelo.

“Quem sabe uma moça de algum harém? É isso? Você acha que eu não sei desse tipo de mulher à toa, dessas *poutanes*? Pois sei, sim. Não sou tão boba. Você gosta de uma gorda chacoalhando a barriga na sua cara? Com uma joia espetada na barriga gorda? É uma dessas que você quer? Vou te dizer uma coisa. Sabe por que essas mulheres turcas cobrem o rosto? Você pensa que é por causa da religião? Não. É porque, senão, ninguém suportaria ficar olhando pra elas!”

E agora ela gritava: “Que vergonha, Eleutherios! O que há com você? Por que não arruma uma moça aqui no vilarejo?”.

Foi nessa hora que Esquerdinha, que tinha passado a escovar o paletó, chamou a atenção da irmã para uma coisa que ela não estava levando em consideração. “Talvez você não tenha reparado”, ele disse, “mas não tem nenhuma moça neste vilarejo.”

O que, de fato, não estava longe da verdade. Bithynios nunca havia sido um vilarejo muito grande, mas em 1922 estava menor do que nunca. As pessoas começaram a deixar a região em 1913, quando a praga das filoxeras atacou as groselheiras. Continuaram indo embora durante as Guerras dos Bálcãs. A prima de Esquerdinha e Desdêmona, Sourmelina, tinha ido para os Estados Unidos e agora vivia num lugar chamado Detroit. Construído junto a uma encosta suave, Bithynios não era daqueles vilarejos montanhosos precários. O aglomerado de casas revestidas de estuque amarelo com telhados vermelhos tinha sua elegância, ou ao menos certa harmonia. Os casarões, que eram dois, exibiam *çikma*, janelões cercados que avançavam sobre a rua. As casas mais pobres, que eram muitas, basicamente não passavam de um cômodo e cozinha. E havia ainda casas como a de Desdêmona e Esquerdinha, com uma sala de estar atulhada, dois quartos, cozinha e, no quintal, uma latrina de chão

com apoio para os pés. Não se encontravam lojas em Bithynios, tampouco um posto do correio ou uma agência bancária, só uma igreja e uma taberna. Era preciso ir a Bursa para fazer compras; a primeira parte do trajeto a pé, e depois num bonde puxado por cavalos.

Em 1922, a população mal passava de cem pessoas. Menos da metade eram mulheres. Das quarenta e sete, vinte e uma eram senhoras idosas. Outras vinte, casadas de meia-idade. Três jovens mães, cada uma com uma filha ainda nas fraldas. A irmã. Com o que restavam duas moças disponíveis para casamento. Cujos nomes Desdêmona agora se apressava a listar.

“Como assim, não tem nenhuma moça? E a Lucille Kafkalis? Ela é uma boa moça. Ou a Victoria Pappas?”

“A Lucille fede”, rebateu Esquerdinha, o que era razoável levar em consideração. “Toma banho acho que uma vez por ano. No dia da santa dela. E a Victoria?” Correu o dedo sobre o lábio superior. “A Victoria tem mais bigode que eu. Não quero ter que dividir uma lâmina de barbear com a minha esposa.” E, dizendo isso, largou a escova para roupas e vestiu o paletó. “Não me espere acordada”, falou, e saiu do quarto.

“Vai!”, gritou Desdêmona enquanto ele saía. “Eu não me importo. Mas lembre: quando sua mulher turca tirar a máscara, não adianta voltar correndo pro vilarejo!”

Mas Esquerdinha tinha ido embora. O som de seus passos cessou. Desdêmona sentiu novamente o misterioso veneno nas veias. Não deu atenção. “Não gosto de jantar sozinha!”, gritou para ninguém.

O vento do vale começava a soprar mais forte, como toda tarde. Entrava pelas janelas abertas da casa. Fazia balançar o fecho do baú de seu enxoval e o velho *kombolói* de seu pai que ficava ali em cima. Desdêmona apanhou o *kombolói*. Começou a correr uma conta depois da outra entre os dedos, exatamente como seu pai, e antes

dele seu avô, e antes seu bisavô, repetindo um ritual familiar de precisa, profunda e codificada ruminção. À medida que as contas estalavam umas contra as outras, Desdêmona se entregava mais àquilo. Qual era a de Deus? Por que tinha levado seus pais, deixando para ela a responsabilidade de cuidar do irmão? Que providências deveria tomar? "Fuma, bebe, e agora piorou! E de onde tira dinheiro pra essas besteiras? Dos meus casulos, ora, de onde!" Cada conta a correr-lhe os dedos era mais um ressentimento registrado e liberado. Desdêmona, com seus olhos tristes e seu rosto de menina que foi obrigada a crescer rápido demais, ruminava aquelas contas como haviam feito todos os homens da família Stephanides antes dela, e como fariam todos os que viessem depois (até chegar a mim, se é que eu conto).

Foi até a janela, pôs a cabeça para fora e ouviu o farfalhar dos pinheiros e da bétula branca ao vento. Continuou a ruminar as contas e, pouco a pouco, elas cumpriram sua função. Já se sentia melhor. Decidiu tocar a vida adiante. Esquerdinha não voltaria naquela noite. Quem se importava? Quem precisava dele, afinal? Seria mais fácil para ela se ele nunca mais voltasse. Mas tinha prometido à mãe cuidar para que o irmão não pegasse alguma doença vergonhosa ou, pior, fugisse com uma moça turca. As contas não paravam de passar, uma a uma, pelas mãos de Desdêmona. Mas agora ela não contava mais suas dores. Em vez disso, a ruminção lhe trouxe à mente imagens de uma revista escondida na velha escrivaninha do pai. A primeira conta era um penteado. A seguinte, uma anágua. Outra, um sutiã preto. Minha avó começava a ter ideias casamenteiras.

Esquerdinha, enquanto isso, carregando um saco de casulos, seguia montanha abaixo. Quando chegou à cidade, desceu a Kapali

Carsi Caddesi, virou na Borsa Sokak e logo cruzava a arcada que levava ao pátio do mercado Koza Han. Ali dentro, em torno da fonte de águas marinhas, centenas de sacos compactos, batendo na cintura de seus donos, borbulhavam de casulos de bichos-da-seda. Homens se aglomeravam por todo lado, vendendo ou comprando. Gritavam desde que soara o sino de abertura do mercado, às dez da manhã, e sua voz estava rouca. “Bom preço! Boa qualidade!” Esquerdinha se esgueirou por entre os sacos, o seu às costas. Nunca tinha se interessado pelo ganha-pão da família. Não era capaz de avaliar casulos pegando neles ou cheirando-os, como a irmã. A única razão para vir trazê-los ao mercado era que não se admitiam mulheres ali. Os encontrões, os carregadores que se esbarravam, ter de ficar desviando dos sacos, tudo isso o deixava tenso. Ficava pensando como seria bom se todo mundo simplesmente parasse por um momento, permanecesse quieto no lugar, admirando a luminescência dos casulos à luz noturna; mas, claro, ninguém jamais fazia isso. Seguiam berrando e enfiando casulos uns nos outros e mentindo e regateando. O pai de Esquerdinha adorava a temporada no Koza Han, mas não tinha conseguido transmitir o entusiasmo mercantil ao filho.

Perto do pórtico coberto, Esquerdinha viu um comerciante que conhecia. Depôs o saco de casulos na frente dele. O comerciante enfiou a mão até o fundo e tirou um casulo lá de dentro. Mergulhou-o numa vasilha de água e o examinou. Tirou-o dali e mergulhou-o numa taça de vinho.

“Preciso de casulos fortes pra fazer o organsim. Com estes aqui não dá.”

Esquerdinha não acreditou no que o homem dizia. A seda de Desdêmona era sempre a melhor. Sabia que devia reagir com gritos, fingindo-se ofendido e ameaçando vender a mercadoria para outro. Mas tinha chegado muito tarde; o sino de fechamento do mercado

estava para soar. Seu pai não cansava de aconselhá-lo a nunca levar casulos ao mercado àquela hora, porque seria obrigado a vendê-los com desconto. O terno novo irritava a pele de Esquerdinha. Queria encerrar aquela negociação. Estava tomado de constrangimento: constrangimento pela raça humana e por sua preocupação com dinheiro, seu gosto por levar vantagem. Sem reclamar, aceitou o preço proposto pelo outro. Assim que fechou o negócio, saiu às pressas do Koza Han para ir cuidar de seus reais interesses na cidade.

Não era o que Desdêmona tinha pensado. Confirmam: jogando o chapéu-coco de lado, casual, ele desce as ladeiras de Bursa. Passa por um quiosque, mas não entra. O proprietário o chama, ao que Esquerdinha responde com um aceno apenas. Na próxima rua, passa por uma janela e ouve, detrás da veneziana, o chamado de vozes femininas, ao qual não dá atenção, seguindo em frente por ruas sinuosas, deixando para trás bancas de frutas e restaurantes, até chegar a outra rua e entrar numa igreja. Mais precisamente: numa antiga mesquita, com o minarete meio derrubado e nas paredes inscrições corânicas cobertas de reboco, criando-se assim telas em branco onde imagens de santos cristãos estão sendo pintadas naquele exato momento. Esquerdinha dá uma moeda à senhora que vende velas, acende uma e a espeta na areia. Toma assento num dos bancos do fundo. E, como fará minha mãe um dia, rezando por aconselhamento quanto a minha concepção, Esquerdinha Stephanides, meu tio-avô (entre outras coisas), eleva a vista ao Cristo Pantocrátor cuja pintura ainda não foi concluída, no teto do templo. Começa a orar com as palavras que aprendeu na infância: *Kyrie eleison, Kyrie eleison, não sou digno de presença diante do Vosso trono*, mas logo toma outro rumo, mais pessoal, *Não sei por que sinto isto, não é da natureza...* e então assume certo tom de acusação, *O Senhor me fez deste jeito, não pedi pra*

*ter estas ideias... mas, humilhando-se, por fim: Dai-me forças, Cristo, não permitais que eu continue a ser isto, se ela souber...* olhos fechados com força, dobrando a aba do chapéu-coco nas mãos, as palavras subindo com o incenso até o Cristo inacabado.

Rezou por cinco minutos. Então saiu, recolocou o chapéu na cabeça e fez tilintar as moedas nos bolsos. Subiu de volta as ladeiras e, dessa vez (o coração agora leve), parou em todos os lugares aos quais tinha resistido na descida. Entrou num dos quiosques para tomar café e fumar. Parou num café e pediu uma dose de uzo. Os jogadores de gamão gritaram: "Ei, Valentino, que tal uma partida?". Deixou-se convencer, uma só, então perdeu e teve de dobrar a aposta, era isso ou nada. (Os números que Desdêmona tinha encontrado em seus bolsos eram das dívidas de jogo.) A noite se arrastava. Mais doses de uzo. Chegaram os músicos e a *rebetika* começou a tocar. As canções eram sobre luxúria, morte, cadeia e a vida nas ruas. "No antro de haxixe da orla, onde dou uma passada todo dia", Esquerdinha acompanhava a letra. "Bem cedo, a cada manhã luminosa, pra espantar a melancolia; topo na areia com duas moças de algum harém, ali sentadas; que lindas, mas coitadinhas, tão chapadas." Nesse meio-tempo, o narguilé era abastecido. Lá pela meia-noite, Esquerdinha saiu à rua flutuando.

Desce uma viela, vira, um beco. Uma porta se abre. Um rosto sorri, convidando. A próxima coisa de que se dá conta é que divide um sofá com três soldados gregos, contemplando à sua frente, acomodadas em outros dois sofás, sete mulheres carnudas e perfumadas. (Uma vitrola toca o sucesso que então se ouve em todo lugar: "*Ev'ry morning, ev'ry evening...*") E agora aquela sua oração recente é completamente esquecida, pois a cafetina está dizendo: "A que você quiser, querido", e o olhar de Esquerdinha confere a loira circassiana de olhos azuis, e a moça armênia, provocante, comendo um pêssego, e a da Mongólia, de franjinha; a inspeção prossegue

até que ele se detém numa garota quieta, na ponta do sofá, olhos tristes, pele perfeita e o cabelo preto em tranças. ("Pra cada adaga sua bainha", diz a cafetina, em turco, e as prostitutas riem.) Sem consciência dos mecanismos que controlam seu desejo, Esquerdinha fica de pé, ajeita o paletó, estende a mão para sua escolhida... e é somente quando ela já o conduz escada acima que uma voz dentro da cabeça faz a observação: não é que essa moça é a cara... e de perfil, não é que é bem parecida... mas agora chegaram ao quarto, com seus lençóis sujos, sua luminária cor de sangue, seu cheiro de água de rosas e chulé. Inebriado por seus jovens sentidos, Esquerdinha não presta atenção às semelhanças cada vez maiores que se revelam quando a moça tira o vestido. Engole com os olhos os peitos grandes, a cintura fina, a cascata de cabelo descendo até o cóccix indefeso; mas Esquerdinha não liga uma coisa à outra. A moça abastece um narguilé para ele. Não demora e o rapaz devaneia, nenhuma voz mais na cabeça. Na atmosfera suave e onírica do haxixe, nas horas seguintes, perde a noção de quem é, não sabe mais com quem está. As pernas da prostituta se tornam as de outra mulher. Algumas vezes ele chama um nome, mas a essa altura está entorpecido demais para se dar conta do que faz. Só mais tarde, ao se despedir dele, é que a moça o devolve à realidade: "Aliás, meu nome é Irini. Não tem nenhuma Desdêmona aqui".

Na manhã seguinte, acorda cheio de recriminações no Casulo Inn. Sai da cidade e volta para Bithynios, montanha acima. Nos bolsos (vazios), nenhum tilintar. De ressaca, febril, Esquerdinha dizia a si mesmo que a irmã tinha razão: já era hora de ele se casar. Era o que faria, com Lucille, ou Victoria. Teria filhos e deixaria de frequentar Bursa, e pouco a pouco mudaria; ficaria velho; tudo que sentia agora desapareceria na memória e no nada. Balançou a cabeça; endireitou o chapéu.

Em Bithynios, Desdêmona ensinava às duas iniciantes suas derradeiras lições. Enquanto Esquerdinha ainda dormia a sono solto no Casulo Inn, minha avó convidou Lucille Kafkalis e Victoria Pappas para uma visita. As moças eram ainda mais jovens que Desdêmona e moravam com os pais. Olhavam com admiração para a mais velha, senhora da própria casa. Contemplavam e invejavam sua beleza; lisonjeadas pela atenção que recebiam, confiaram nela; e, quando ela começou a lhes dar conselhos de aparência, ouviram com atenção. Desdêmona aconselhou Lucille a se lavar com mais frequência, e sugeriu que usasse vinagre debaixo dos braços como antitranspirante. Mandou que Victoria procurasse uma senhora turca especializada em remover pelos indesejáveis. Durante a semana seguinte, ensinou às moças tudo que aprendera na única revista de beleza que tinha visto na vida, um catálogo desbeijado chamado *Lingerie Parisienne*. O catálogo pertencera a seu pai. Eram trinta e duas páginas com modelos trajando sutiãs, espartilhos, cintas-ligas e meias-calças. À noite, quando todos dormiam, o pai costumava ir buscá-lo na última gaveta da escrivaninha. Agora era Desdêmona que estudava o catálogo em segredo, memorizando as imagens para poder recriá-las mais tarde.

Disse a Lucille e Victoria que dessem uma passada toda tarde. Entravam na casa rebolando os quadris, conforme tinham sido instruídas, e passavam sob a aleia das videiras, onde Esquerdinha gostava de ficar lendo. Cada vez vinham com um vestido diferente. Também mudaram o corte de cabelo, o jeito de andar, as joias e os modos. Sob a direção de Desdêmona, aquelas duas moças acanhadas se multiplicavam numa pequena cidade de mulheres, cada uma com seu riso característico, sua pedra preciosa característica, uma canção favorita que andava cantarolando. Passadas duas semanas, Desdêmona foi até a aleia das videiras e

perguntou ao irmão: “O que você está fazendo aqui? Por que não foi a Bursa? Pensei que a uma hora dessas você já teria encontrado uma mulher turca pra casar. Ou todas têm bigode como a Victoria?”.

“Engraçado você dizer isso”, falou Esquerdinha. “Reparou que a Vicky não tem mais bigode? E sabe do que mais?” — ficou de pé agora, sorria — “Até o cheiro da Lucille melhorou. Toda vez que ela aparece, sinto aroma de flores.” (Estava mentindo, claro. Nem a aparência nem o cheiro de nenhuma das duas o atraíam mais do que antes. O entusiasmo era só um jeito de se render ao inevitável: um casamento arranjado, vida doméstica, filhos — o desastre completo.) Chegou mais perto de Desdêmona. “Você tem razão”, disse. “As moças mais bonitas do mundo estão bem aqui, neste vilarejo.”

Ela olhou tímida nos olhos dele. “Você acha?”

“Às vezes a gente não enxerga aquilo que está bem debaixo do nariz.”

Ficaram parados, se encarando, Desdêmona sentindo de novo aquela coisa esquisita no estômago. E, para explicar tal sensação, preciso contar outra história. Em seu pronunciamento como presidente da Sociedade para o Estudo Científico da Sexualidade, no congresso anual da entidade em 1968 (realizado, naquele ano, em Mazatlán, com montes de pichorras sugestivamente compondo o cenário), o dr. Luce apresentou o conceito de perifescência. A palavra em si não significa nada; Luce a inventou para evitar quaisquer associações etimológicas. O estado de perifescência é, porém, bastante conhecido. Denota a excitação primeira do vínculo amoroso entre dois seres humanos. Causa vertigem, alvoroço, comichão dentro do peito, urgência de escalar uma sacada usando os cabelos da amada como corda. A perifescência é aquele estágio inicial, entorpecido e feliz, durante o qual, na cama, a gente cheira a pessoa amada, por horas a fio, como se fosse uma papoula

perfumada. (Um período que dura, explicou Luce, até dois anos — no máximo.) Os antigos teriam se referido ao que Desdêmona sentia como obra de Eros. Hoje, a opinião dos especialistas reduziria tudo a química cerebral e evolução. Ainda assim, devo insistir: para Desdêmona, o estado de perfescência pareceu um lago de quentura que transbordava a partir da barriga e subia ao peito. E que se espalhava feito a enxurrada abrasadora de um licor finlandês de menta com teor alcoólico de noventa por cento. Eficientemente bombeada por duas glândulas em seu pescoço, aquela brasa chegou a seu rosto. E, dali, a quentura teve outras ideias e quis se expandir para lugares aos quais uma garota como Desdêmona não permitiria que fosse, então a moça parou de encarar o irmão e lhe deu as costas. Caminhou até a janela, deixando a perfescência para trás, e a brisa do vale a resfriou. “Vou falar com os pais das moças”, ela disse, tentando soar como sua mãe. “Aí você tem que ir lá, fazer a corte.”

Na noite seguinte, a lua, como na futura bandeira da Turquia, era crescente. Em Bursa, os soldados gregos filavam comida, faziam arruaça, bêbados, e destruíram mais uma mesquita. Em Ancara, Mustafá Kemal fez publicar nos jornais que compareceria a um chá em Chankaya quando, na verdade, tinha partido para seu quartel-general no campo. Com seus homens, bebeu uma dose de *raki*, a última até que a batalha estivesse terminada. Ocultas na noite, as tropas turcas avançaram, não para o norte, na direção de Eskis, ehir, como todos esperavam, mas para a cidade pesadamente fortificada de Afyon, no sul. Em Eskis, ehir, os soldados turcos acenderam fogueiras de acampamento para dar a impressão de que dispunham de um contingente maior que o real. Um pequeno grupo fez uma manobra diversionista ao norte, na direção de Bursa.

Simultaneamente a essa movimentação, Esquerdinha Stephanides, levando dois *corsages*, saía pela porta da frente e tomava o rumo da casa de Victoria Pappas.

Era um evento que ganhara proporções de vida ou morte. Cada um dos quase cem habitantes de Bithynios tinha ouvido falar das duas iminentes visitas de Esquerdinha, e as velhas viúvas, as mulheres casadas e as jovens mães, assim como os homens, aguardavam para ver qual das moças ele escolheria. Como a população era muito pequena, os antigos rituais de corte a moças estavam quase extintos. Essa falta de opções para o romance criara um círculo vicioso. Ninguém para amar: nada de amor. Nada de amor: nada de bebês. Nada de bebês: ninguém para amar.

Victoria Pappas posicionou só metade do corpo à luz, uma sombra a cortá-la ao meio, exatamente como na fotografia da página 8 de *Lingerie Parisienne*. Desdêmona (figurinista, contrarregra e diretora, tudo ao mesmo tempo) fizera em Victoria um coque, deixando cair sobre a testa alguns cachos e alertando a moça para que mantivesse o nariz meio avantajado à sombra. Perfumada, depilada, pele tratada com emolientes e sombra nos olhos, Victoria deixou que Esquerdinha a inspecionasse. Sentiu o calor do olhar dele, sua respiração ofegante, ouviu suas duas tentativas de lhe dizer alguma coisa — pequenos grunhidos numa garganta seca — e agora os passos que vinham na direção dela, e já se virava, pondo na cara a expressão ensinada por Desdêmona; mas, de tão concentrada em entreabrir os lábios como a modelo francesa do catálogo, não se deu conta de que os passos não estavam se aproximando, mas recuando; e, ao se voltar, viu que Esquerdinha Stephanides, o único rapaz solteiro disponível no vilarejo, tinha ido embora...

... Enquanto isso, em casa, Desdêmona abria o baú de seu enxoval. Enfiou a mão ali dentro e puxou o espartilho. Tinha sido presente da mãe, que, anos antes, antecipando a noite do

casamento da filha, tinha dito: “Espero que, um dia, você use isso”. Agora, diante do espelho do quarto, Desdêmona media à frente do corpo aquela peça estranha e complicada. Tirou as meias e a roupa de baixo, cinza. Livrou-se da saia de cintura alta e da túnica fechada no pescoço. Arrancou o lenço da cabeça e desfez as tranças, deixando o cabelo cair sobre os ombros nus. O espartilho era de seda branca. Ao vesti-lo, Desdêmona se sentiu como que tecendo o próprio casulo, à espera de uma metamorfose.

Mas caiu em si ao se olhar novamente no espelho. Era inútil. Jamais se casaria. Esquerdinha voltaria para casa, naquela noite, com a decisão tomada, e então traria a noiva para morar com eles. Desdêmona continuaria exatamente na mesma, ouvindo os estalidos de suas contas, a cada dia mais velha ainda do que já achava que era. Um cão uivou. Alguém no vilarejo deu uma topada num fardo de gravetos e xingou. E minha avó chorou em silêncio porque ia passar o resto de seus dias ruminando preocupações sem fim...

... Nesse meio-tempo, Lucille Kafkalis fazia exatamente como havia sido instruída, o corpo metade à luz, metade à sombra, com um chapéu branco ornado com cerejas de vidro, uma mantilha sobre os ombros nus, um vestido verde-claro decotado e sapatos de salto alto, com os quais não ousava se mexer por medo de cair. A mãe gorducha da moça chegou com seu andar balouçante, sorriso largo, aos berros: “Aí vem ele! Não aguentou nem um minuto com a Victoria!”...

... Dali já podia sentir o vinagre. Esquerdinha tinha acabado de passar pelo umbral baixo da porta da frente dos Kafkali. O pai de Lucille lhe deu as boas-vindas e disse: “Vamos deixar vocês dois a sós. Pra se conhecerem”. Os pais saíram. A luz do ambiente era fraca. Esquerdinha se voltou... e deixou cair o segundo *corsage*.

O que Desdêmona não tinha previsto era que o irmão também já folheara as páginas da *Lingerie Parisienne*. Dos doze aos catorze

anos, na verdade, quando então descobriu o verdadeiro butim: dez fotografias, do tamanho de cartões-postais, escondidas numa velha mala, nas quais “Sermin, a Garota do Domo do Prazer”, uma moça com cara de tédio, quadris largos, uns vinte e cinco anos, assumia uma variedade de posições nas almofadas ornadas de pompons de um falso harém. Tê-la encontrado no bolso para artigos de higiene da mala foi como esfregar a lâmpada do gênio. Numa nuvem de pó brilhante ela surgiu, rodopiando: totalmente nua exceto pelo par de chinelos estilo Mil e Uma Noites e por uma faixa em torno da cintura (flash); deitada languidamente sobre uma pele de tigre, acariciando uma cimitarra (flash); e se banhando, numa sauna turca de mármore, à luz vazada de uma janela de treliças. Foram aquelas dez fotos em sépia que deram início ao fascínio de Esquerdinha pela cidade. Mas ele nunca chegou a esquecer por completo seus primeiros amores da *Lingerie Parisienne*. Era capaz de chamá-los à imaginação quando desejasse. Ao se deparar com Victoria Pappas imitando a página 8, o que o chocou mais violentamente foi a distância entre ela e o ideal que tinha enquanto rapazote. Tentou se imaginar casado com Victoria, vivendo com ela, mas cada quadro que lhe vinha à mente tinha um vazio escancarado no centro, a ausência da pessoa que mais amava e que conhecia melhor do que qualquer outra. E então fugiu de Victoria para, descendo a rua, encontrar Lucille Kafkalis, decepcionante na mesma medida, longe de ficar à altura da página 22...

... É quando acontece. Desdêmona, chorando, tira o espartilho, dobra-o e o guarda de volta no baú do enxoval. Atira-se à cama, à cama do irmão, e continua a chorar. O travesseiro tem o aroma de limão da pomada dele, que ela inala, aos soluços...

... até que, inebriada pelos entorpecentes do choro, pega no sono. Sonha o mesmo sonho dos últimos tempos. Nele, tudo voltou a ser como antes. Ela e Esquerdinha são crianças outra vez (só que em

seus corpos de adulto). Estão deitados na mesma cama (só que na cama dos pais). Dormindo, enroscam-se (e a sensação é extremamente agradável, aquele enroscosco, a cama molhada)... é quando Desdêmona acorda, como sempre. Tem o rosto afogueado. O estômago está esquisito, lá no fundo aquela sensação, e ela agora é quase capaz de nomeá-la...

... Enquanto isso cá estou eu, na minha cadeira ergonômica, exercitando meu lado E. O. Wilson. Foi amor ou instinto reprodutivo? Sorte ou destino? Crime ou desígnio da natureza? Talvez o gene tivesse uma chave de segurança, a garantia de que se manifestaria, o que poderia explicar as lágrimas de Desdêmona e o gosto de Esquerdinha por prostitutas; nenhuma afeição, nada de empatia emocional; somente a necessidade de que essa coisa nova viesse ao mundo, daí o jogo de cartas marcadas do coração. Mas não estou mais habilitado do que Desdêmona ou Esquerdinha para explicar isso tudo, nem do que qualquer um de nós que, se apaixonando, tentasse separar o que é hormonal daquilo que parece divino, e talvez eu me agarre a essa conversa de Deus por causa de algum altruísmo programado para preservar a espécie; não sei. Tento, mentalmente, voltar a uma época anterior à febre da genética, antes de todo mundo ter adquirido esse hábito de, para tudo, dizer: "Isso é genético". Uma época anterior à das liberdades que temos hoje, e tão mais livre! Desdêmona não fazia ideia do que estava acontecendo. Não enxergava seu funcionamento interno como um imenso código computacional, tudo em zeros e uns, sequências infinitas, entre as quais uma, qualquer uma, talvez tivesse um bug. Agora sabemos que carregamos por aí esse mapa de nós mesmos. Mesmo quando estamos parados numa esquina, é ele que vai ditar nossos destinos. É ele que põe no nosso rosto as mesmas rugas e sinais da idade que nossos pais tiveram. Que nos faz fungar daquele jeito idiossincrático e reconhecível, familiar. Genes tão

profundamente enraizados que controlam os músculos dos nossos olhos, a ponto de duas irmãs terem o mesmo jeito de piscar, e de dois gêmeos babarem em sincronia. Em momentos de ansiedade, também me pego bulindo com a cartilagem do nariz, exatamente como meu irmão. Nossas gargantas e laringes, formadas a partir das mesmas instruções, exalam ar em tons e decibéis similares. O que pode ser extrapolado ao passado, de modo que, quando falo, Desdêmona fala também. É ela quem está escrevendo estas palavras hoje. Desdêmona, que não fazia ideia desse exército dentro de seu corpo, cumprindo milhões de ordens, ou daquele único soldado rebelde que desertou...

... correndo como Esquerdinha, para longe de Lucille e de volta para a irmã. Ela ouviu seus passos apressados no momento em que abotoava de novo a saia. Limpou as lágrimas com o lenço e armou um sorriso quando ele surgiu na porta.

“Então, qual das duas você escolheu?”

Esquerdinha não disse nada, perscrutando a irmã. Não era possível que, tendo dividido o quarto com ela a vida inteira, não fosse capaz de perceber quando tinha andado chorando. Desdêmona estava com o cabelo solto, cobrindo-lhe a maior parte do rosto, mas os olhos fixados nele concentravam toda sua emoção. “Nenhuma das duas”, ele respondeu.

Desdêmona sentiu uma extraordinária felicidade. Mas disse: “O que há com você? Tem que escolher uma”.

“Aquelas garotas parecem uma dupla de prostitutas.”

“Esquerdinha!”

“É verdade.”

“Você não vai casar com elas, então?”

“Não.”

“Você tem que casar.” Ela ergueu o punho. “Se eu ganhar, você casa com a Lucille.”

Esquerdinha, que nunca resistia a uma aposta, fechou o punho também. “Um, dois, três...”

“Machado quebra pedra”, falou Esquerdinha. “Ganhei.”

“De novo”, disse Desdêmona. “Agora, se eu ganhar, você casa com a Vicky. Um, dois, três...”

“Cobra engole machado. Ganhei outra vez! Adeus, Vicky.”

“Então com quem você vai casar?”

“Não sei” — pegando as mãos da irmã, olhos baixos fixos nela. “E você?”

“Pena eu ser sua irmã.”

“Você não é só minha irmã. É minha prima de terceiro grau também. Primos de terceiro grau podem casar.”

“Você está maluco, Esquerdinha.”

“Assim vai ser mais fácil. A gente nem vai precisar mexer na casa.”

Brincando, mas sérios, Desdêmona e Esquerdinha se abraçaram. De início, do jeito de sempre, mas em dez segundos o abraço começou a mudar; certos movimentos das mãos e carícias dos dedos deixaram de ser as demonstrações normais de afeto entre irmãos, passando a constituir uma linguagem própria, anunciando alguma coisa totalmente nova naquele quarto silencioso. Esquerdinha começou a rodar com Desdêmona, valsando no estilo europeu; valsou com ela para fora da casa, pelo quintal, rumo ao abrigo dos casulos, e de volta, sob a aleia das videiras, e ela ria, cobrindo a boca com a mão. “Você dança bem, primo”, disse Desdêmona, o coração saltando outra vez, o que a fez pensar que morreria ali mesmo, nos braços de Esquerdinha, mas não morreu, claro; seguiram dançando. E não vamos esquecer que lugar era aquele onde dançavam, Bithynios, aquele vilarejo nas montanhas onde às vezes primos de terceiro grau se casavam entre si, e onde todo mundo era meio parente; de modo que, ainda dançando, passaram a se abraçar um pouco mais apertado, pararam de brincar

e então simplesmente dançaram juntinhos, coisa que pode acontecer entre um homem e uma mulher em circunstâncias urgentes e solitárias.

E, no meio disso, antes que qualquer coisa tivesse sido dita diretamente ou qualquer decisão tivesse sido tomada (antes que o fogo tomasse a decisão por eles), ali mesmo, em plena valsa, ouviram explosões ao longe e, olhando lá embaixo, viram o exército grego, sob o clarão dos disparos, bater em retirada.

# Uma proposta indecorosa

Descendente de gregos da Ásia Menor, nasci nos Estados Unidos e agora vivo na Europa. Mais especificamente no distrito de Schöneberg, em Berlim. O Escritório de Relações Exteriores é dividido em dois setores, o corpo diplomático e o pessoal da área cultural. O embaixador e seus assessores conduzem as questões de política externa do recém-inaugurado e fortemente sitiado prédio da embaixada, na Neustädtische Kirchstrasse. Nosso departamento (encarregado de organizar leituras, palestras e concertos) funciona no colorido bloco de concreto da Amerika Haus.

Hoje de manhã, como de costume, peguei o metrô para ir trabalhar. O U-Bahn, deslizando suave, me levou do Kleistpark até a Berliner Strasse e, dali, depois de uma baldeação, para o norte, em direção ao Zoologischer Garten. As estações da antiga Berlim Ocidental se sucediam, uma após a outra. A maioria foi reformada pela última vez nos anos 1970 e exibe cores que eram comuns nas cozinhas suburbanas da minha infância: abacate, canela, amarelo-girassol. Em Spichernstrasse, o metrô parou para uma troca de pessoal. Do lado de fora, na plataforma de embarque, um músico de rua tocava uma melodia eslava chorosa num acordeão. Sapatos sociais reluzentes, cabelo ainda molhado, eu folheava o *Frankfurter Allgemeine* quando ela entrou com sua incrível bicicleta.

Antes era possível, em geral, dizer a nacionalidade da pessoa pela cara. A imigração acabou com isso. Depois ainda dava para descobrir a nacionalidade pelos sapatos. A globalização acabou com isso. Aqueles modelos básicos finlandeses, de couro de foca, aquelas botinas alemãs — a gente quase não vê mais por aí. Só Nikes, seja em pés bascos, holandeses ou siberianos.

A ciclista era asiática, pelo menos geneticamente. O cabelo era preto, repicado. Usava uma jaqueta corta-vento verde-oliva, calças pretas de esquiadora, mais largas na barra, e um par de sapatos Camper, marrons, parecidos com sapatos de jogar boliche. A cestinha da bicicleta continha o estojo de uma câmera.

Tive a intuição de que era americana. Por causa da bike retrô. Cromada e azul-turquesa, tinha para-lamas mais largos que os de um Chevrolet e pneus mais grossos que os de um carrinho de mão, e parecia pesar pelo menos uns cinquenta quilos. Um capricho de expatriado, aquela bicicleta. Já estava prestes a usar isso como pretexto para iniciar uma conversa quando o metrô parou de novo. A ciclista ergueu a cabeça. O cabelo descobriu o lindo rosto, até ali meio oculto, e por um momento nossos olhares se cruzaram. A placidez do semblante, somada à maciez da pele, fazia aquele rosto parecer uma máscara com olhos humanos, vivos. Olhos que se desviaram dos meus, fugidios, enquanto ela agarrava o guidão da bicicleta e carregava aquela maravilha em duas rodas para fora do vagão e na direção dos elevadores. O U-Bahn voltou a andar, mas agora eu já não lia. Ali fiquei, imóvel em meu assento, num estado de excitação voluptuosa, ou de voluptuosidade excitada, até minha parada. Então cambaleei para fora.

Desabotoei o terno e, do bolso de dentro, tirei um charuto. Num bolso ainda menor peguei o cortador e os fósforos. Embora não fosse meu pós-jantar, acendi o charuto — um Davidoff Grand Cru nº 3 — e parei para fumar, tentando me acalmar. Charutos, ternos de

abotoamento duplo — um pouco demais. Sei bem disso. Mas preciso deles. Me fazem sentir melhor. Depois de tudo que passei, algum exagero como compensação já seria esperado. Com meu terno sob medida, minha camisa xadrez, fumei o charuto até abrandar a quentura no sangue.

Uma coisa que vocês precisam saber: não sou nem um pouco andrógino. A síndrome de deficiência da 5-alfa-redutase permite a biossíntese normal e a ação periférica da testosterona no útero, depois do nascimento e na puberdade. Em outras palavras, socialmente, sou um homem. Uso o banheiro dos homens. Nunca os mictórios, sempre os reservados. No vestiário da academia que frequento, até tomo banho, mas discretamente. Possuo todas as características sexuais secundárias de um homem, menos uma: minha incapacidade de síntese da dihidrotestosterona me torna imune à calvície. Passei mais da metade da minha vida como um homem e, a essa altura, tudo já se tornou natural. Quando Calíope emerge, é parecido com aquelas dificuldades de fala de certas crianças. Súbito, ela aparece, com um trejeito para arrumar o cabelo, ou conferindo as unhas. É meio como estar possuído. Callie ressurgue dentro de mim, usando minha pele como se fosse um vestido largo. Enfia as mãozinhas nas mangas folgadas dos meus braços. Com os pezinhos de chimpanzé, entra pelas minhas pernas como se fossem calças. Na calçada, sinto seu jeito de andar tomar conta de mim, e o movimento traz de volta uma espécie de emoção, uma simpatia desolada e mexeriqueira pelas meninas que vejo voltando da escola. A coisa persiste por mais alguns passos. Os cabelos de Calíope fazem cócegas atrás do meu pescoço. Sinto-a pressionar com hesitação meu peito — esse velho hábito nervoso dela — para ver se alguma coisa está acontecendo ali. O fluido doentio do desespero adolescente que corre em suas veias transborda para as minhas. Mas aí, tão rápido quanto veio, ela vai

embora, minguando e se dissolvendo dentro de mim, e, quando me volto para ver meu reflexo no espelho, eis o que vejo: um homem de quarenta e um anos, cabelo meio comprido, ondulado, bigodinho e cavanhaque. Tipo um mosqueteiro moderno.

Mas já chega de falar de mim, por ora. Preciso retomar daquele ponto em que explosões me interromperam, ontem. Afinal, nem Cal nem Calíope viriam a existir se não fosse o que aconteceu em seguida.

\*

“Falei pra você!”, Desdêmona gritava com toda a força dos pulmões. “Falei pra você que toda essa boa sorte ia acabar mal! É assim que eles libertam a gente dos turcos? Só os gregos conseguem ser tão idiotas!”

Na manhã depois da valsa, como vocês podem ver, os pressentimentos de Desdêmona se revelavam acertados. Era o fim da *Megale Idea*. Os turcos tinham retomado Afyon. O exército grego, derrotado, fugia em direção ao mar. Ao bater em retirada, ia ateando fogo a tudo que encontrava pelo caminho. Desdêmona e Esquerdinha, à luz do amanhecer, contemplavam a devastação parados na encosta da montanha. Uma fumaça preta subia ao céu num raio de quilômetros ao longo do vale. Cada vilarejo, cada campo, cada árvore em chamas.

“Não podemos ficar aqui”, disse Esquerdinha. “Os turcos vão querer vingança.”

“E desde quando precisam de um motivo?”

“Vamos embora pros Estados Unidos. Podemos morar com a Sourmelina.”

“Na América não vai ser bom”, insistiu Desdêmona, balançando a cabeça. “Você não devia acreditar nas cartas da Lina. Ela exagera.”

“Desde que a gente esteja junto, vai ficar tudo bem.”

Ele olhou para ela com o mesmo olhar da noite anterior, e Desdêmona enrubesceu. Ele tentou enlaçá-la com um braço, mas ela o impediu. “Veja.”

Lá embaixo, a fumaça tinha diminuído, momentaneamente. Agora podiam ver as estradas apinhadas de refugiados: um rio de carroças, carretas, búfalos, mulas e gente abandonando a cidade.

“Onde podemos pegar um barco? Em Constantinopla?”

“Vamos pra Esmirna”, falou Esquerdinha. “Todo mundo diz que por lá é a rota mais segura.” Desdêmona ficou calada por um momento, tentando esquadrihar aquela nova realidade. Vozes trovejavam nas outras casas, gente praguejando contra os gregos, contra os turcos, gente arrumando as coisas para partir. E Desdêmona, subitamente decidida: “Vou levar minha caixa de bichos-da-seda. E uns ovos. Assim temos com que ganhar dinheiro”.

Esquerdinha tomou o cotovelo da irmã e, brincalhão, o chacoalhou. “Ninguém cria bichos-da-seda na América.”

“Mas lá eles se vestem, não se vestem? Ou andam pelados? Se usam roupas, eles vão precisar de seda. E podem comprar de mim.”

“Tudo bem, que seja. Só se apresse.”

Eleutherios e Desdêmona Stephanides foram embora de Bithynios no dia 31 de agosto de 1922. Partiram a pé, carregando duas malas com roupas e produtos de higiene, o livro de interpretação de sonhos e o *kombolói* de Desdêmona, além de dois dos textos em grego antigo de Esquerdinha. Desdêmona também levava, debaixo do braço, a caixa de bichos-da-seda, contendo algumas centenas de ovos embrulhadas num pano branco. Os pedaços de papel nos bolsos de Esquerdinha não anotavam mais dívidas de jogo, agora, mas endereços em Atenas e Astória. Dentro de uma semana, os cerca de cem habitantes que restavam em Bithynios empacotaram seus pertences e tomaram o rumo da Grécia continental, a maioria

com destino à América. (Uma diáspora que deveria ter impedido minha existência, mas não impediu.)

Antes de partir, Desdêmona saiu ao quintal e fez o sinal da cruz à maneira ortodoxa, usando o polegar. Despedia-se: do ar empoeirado e empestado do abrigo dos casulos e das amoreiras enfileiradas ao longo do muro, dos degraus que jamais teria de subir novamente, e também da sensação de viver acima do mundo. Entrou no abrigo para olhar seus bichos-da-seda pela última vez. Todos tinham parado de tecer. Esticou o braço, tirou um casulo do galho de uma das amoreiras e o guardou no bolso da túnica.

Em 6 de setembro de 1922, o general Hajienestis, comandante em chefe das forças gregas na Ásia Menor, acordou com a impressão de que suas pernas eram de vidro. Temendo levantar da cama, dispensou o barbeiro, deixando a barba por fazer naquela manhã. À tarde, declinou da ida à orla de Esmirna para seu habitual sorvete de limão. Em vez disso, ficou deitado de barriga para cima, imóvel e alerta, dizendo a seus ajudantes de ordens — que iam e vinham com despachos do front — que tomassem cuidado para não bater a porta nem pisar forte. Aquele foi um dos dias mais lúcidos e produtivos do comandante. Quando do ataque do exército turco a Afyon, duas semanas antes, Hajienestis tinha chegado a acreditar que estava morto, e que as ondulações refletidas nas paredes de seu camarote eram fogos de artifício no paraíso.

Às duas horas, o subcomandante entrou no camarote na ponta dos pés e sussurrou: “Senhor, aguardo suas ordens para um contra-ataque, senhor”.

“Está ouvindo como elas rangem?”

“O que disse, senhor?”

“Minhas pernas. Minhas finas pernas de vidro.”

“Senhor, estou ciente de que o general enfrenta dificuldades com suas pernas no momento, mas, se me permite, senhor, com todo o respeito” — num tom um pouco mais alto que um sussurro agora —, “não é hora de se preocupar com tais assuntos.”

“Você acha que é brincadeira, não é, tenente? Mas, se tivesse pernas de vidro, entenderia. Não posso desembarcar em terra firme. É tudo que Kemal espera que eu faça! Quer que eu me ponha de pé para despedaçar minhas pernas.”

“Aqui estão as últimas informações do front, general.” O subcomandante segurou uma folha diante do rosto de Hajienestis. “A cavalaria turca foi avistada cerca de cento e sessenta quilômetros a leste de Esmirna”, ele leu. “O contingente de refugiados, no momento, é de cento e oitenta mil pessoas. São trinta mil a mais do que ontem.”

“Não sabia que a morte seria assim, tenente. Me sinto próximo de você. Já fui embora. Fiz minha jornada ao Hades, mas ainda consigo vê-lo. Me escute. A morte não é o fim. Foi isso que descobri. Nós permanecemos, perduramos. Os mortos veem que sou um deles. Estão todos aqui, à minha volta. Você não consegue enxergar, mas estão aqui. Mães com crianças, senhoras — todo mundo aqui. Diga ao cozinheiro para trazer meu almoço.”

Lá fora, o famoso porto estava cheio. Navios mercantes atracados no longo cais ao lado de barças e caiaques de madeira. Ancorados mais ao longe, os navios de guerra dos Aliados. Vê-los ali, para os cidadãos gregos e armênios de Esmirna (e para os milhares e milhares de refugiados gregos), era reconfortante, e sempre que circulava algum boato — no dia anterior, um jornal armênio afirmara que os Aliados, ansiosos por se redimirem do apoio que tinham dado à invasão grega, planejavam entregar a cidade aos vitoriosos turcos — os habitantes locais procuravam pelos destróieres franceses e

pelos couraçados britânicos, ainda à vista para defender os interesses comerciais europeus, e seus temores se aquietavam.

O dr. Nishan Philobosian foi ao porto, naquela tarde, exatamente procurando se tranquilizar. Despediu-se com beijos da esposa, Toukhie, e das filhas, Rose e Anita; deu tapinhas nas costas dos filhos, Karekin e Stepan, apontando o tabuleiro de xadrez e dizendo, num arremedo de seriedade: “Não encostem naquelas peças”. Trancou a porta da frente, testou com o ombro se estava segura e começou a descida da rua Suyane, passando pelas lojas e janelas fechadas do bairro armênio. Parou em frente à padaria Berberian, perguntando-se se Charles Berberian teria fugido da cidade com a família, ou se estariam escondidos no andar de cima, como os Philobosian. Fazia cinco dias que se autoimpunham aquela prisão, o dr. Philobosian e os filhos jogando intermináveis partidas de xadrez, Rose e Anita folheando um exemplar da revista *Photoplay* que o pai lhes trouxera de uma visita recente ao subúrbio americano de Paradise, Toukhie cozinhando dia e noite, pois comer era a única coisa capaz de aliviar a ansiedade na casa. Na porta da padaria, apenas um aviso, “ABRIREMOS EM BREVE”, e um retrato — que fez Philobosian estremecer — de Kemal, o líder turco, resoluto em seu chapéu de astracã e gola de pele, os olhos azuis penetrantes sob as sobrancelhas cruzadas, feito dois sabres. O dr. Philobosian virou as costas para aquele rosto e seguiu em frente, ensaiando todos os argumentos contrários a expor retratos de Kemal daquele jeito. Para começar — conforme viera dizendo à esposa a semana inteira — as potências europeias nunca deixariam os turcos invadirem a cidade. E, se deixassem, a presença dos navios de guerra no porto inibiria os saques. Mesmo durante os massacres de 1915, os armênios de Esmirna tinham ficado a salvo. E por fim — o que valia para sua família, pelo menos — havia a carta que ele, naquele momento, estava indo buscar no consultório. Com esse raciocínio, continuou

ladeira abaixo até o bairro europeu. Ali as casas eram mais ricas. De ambos os lados da rua, viam-se casarões de dois andares, com sacadas floridas e muros altos e reforçados. O dr. Philobosian nunca havia sido convidado a frequentar socialmente alguma daquelas mansões, mas com frequência atendia a chamados particulares para examinar as moças levantinas que ali viviam; garotas de dezoito ou dezenove anos que o aguardavam naqueles pátios, seus “palácios de águas”, languidamente estiradas em divãs e rodeadas por uma profusão de árvores frutíferas; garotas cuja necessidade desesperada de arrumar um marido europeu lhes dava liberdades escandalosas, o que em si já justificava a reputação de Esmirna como um lugar excepcionalmente simpático a oficiais militares, e era a causa dos estados de rubor febril em que o dr. Philobosian encontrava as moças nas manhãs de visita, assim como da natureza de suas queixas, que variavam de um tornozelo torcido no salão de baile a escoriações mais íntimas, um pouco mais para cima. Em relação às quais as garotas não mostravam qualquer constrangimento, escancarando os penhoares de seda e dizendo: “Está tudo vermelho, doutor. Faça alguma coisa. Preciso estar no Casin à onze”. Todas tinham ido embora, agora, tiradas da cidade pelos pais depois dos primeiros combates, semanas antes, rumo a Paris ou Londres — onde começava a temporada —, e tudo estava quieto nas casas, à medida que o dr. Philobosian avançava já quase esquecido da crise, pensando em todos aqueles penhoares abertos. Mas então, ao virar a esquina e chegar ao cais, voltou a ver que a situação era de emergência.

De uma ponta à outra, soldados gregos, exaustos, cadavéricos, sujos, claudicavam na direção do local de embarque, em Chesme, sudoeste da cidade, aguardando a evacuação. Seus uniformes estropiados estavam pretos da fuligem dos vilarejos aos quais tinham ateado fogo na retirada. Apenas uma semana antes, os

elegantes cafés ao ar livre da orla ainda tinham estado lotados de oficiais da Marinha e diplomatas; agora o cais era um campo de refugiados. Os primeiros tinham vindo com tapetes e poltronas, rádios, vitrolas, luminárias, cômodas, espalhando tudo por ali, no porto, a céu aberto. Os recém-chegados já apareciam só com um saco ou com uma mala. No meio da confusão, carregadores corriam por toda parte, enchendo os barcos com tabaco, figos, incenso, seda e peles de cabra. Os armazéns estavam sendo esvaziados antes da chegada dos turcos.

O dr. Philobosian avistou um refugiado que remexia em ossos de galinha e cascas de batata num monte de lixo. Era um rapaz trajando um terno bem cortado, mas imundo. Com seu olho clínico, mesmo à distância, o doutor reparou na mão ferida do rapaz e em sua palidez de desnutrido. Quando ele ergueu a cabeça, porém, o médico só viu um vazio no lugar do rosto; aquele era só mais um refugiado, indistinguível dos outros que vagavam pelo cais. No entanto, encarando aquele rosto vazio, o dr. Philobosian perguntou: "Você está doente?".

"Faz três dias que não como", respondeu o jovem.

O doutor soltou um suspiro. "Venha comigo."

Guiou o refugiado por ruas secundárias até seu consultório. Conduziu-o para dentro, foi buscar gaze, antisséptico e esparadrapo num armário e examinou-lhe a mão.

O problema era no polegar, a unha arrancada.

"Como foi que isso aconteceu?"

"Primeiro, os gregos invadiram", disse o refugiado. "Aí os turcos revidaram. Minha mão ficou no fogo cruzado."

O dr. Philobosian não disse nada enquanto limpava o ferimento. "Vou ter que pagar com cheque, doutor", falou o rapaz. "Espero que o senhor não se incomode. Não estou com muito dinheiro aqui."

O dr. Philobosian enfiou a mão no bolso. "Tenho algum. Vamos. Pode pegar."

O refugiado hesitou só por um momento. "Obrigado, doutor. Devolvo pro senhor assim que chegar aos Estados Unidos. Me dê seu endereço, por favor."

"Tome cuidado com o que for beber", disse o médico, ignorando o que o outro lhe pedia. "Ferva a água, se possível. Logo devem chegar alguns navios, se Deus quiser."

O rapaz assentiu. "O senhor é armênio, doutor?"

"Sim."

"E não vai fugir?"

"Esmirna é minha casa."

"Boa sorte, então. E Deus o abençoe."

"Você também." E, com isso, conduziu o refugiado à porta de saída. Observou-o se afastar. Não adianta, pensou. Em uma semana vai estar morto. Se não de tifo, de alguma outra coisa. Mas não era problema seu. Enfiou a mão dentro de uma máquina de escrever para, debaixo da fita, encontrar um maço gordo de dinheiro, que tirou dali. Vasculhou gavetas até achar, dentro do diploma de médico, uma carta datilografada meio apagada: "Vimos, por meio desta carta, atestar que, em 3 de abril de 1919, o dr. Nishan Philobosian tratou o paxá Mustafá Kemal de uma diverticulite. O paxá Kemal presta aqui seus respeitos ao dr. Philobosian, recomendando que lhe sejam dispensadas estima, confiança e proteção por todas as pessoas a quem seja apresentada esta carta". O portador da carta agora a dobrava e enfiava no bolso.

A essa altura, o refugiado comprava pão numa padaria da orla. É quando, ao se virar, o pão quente debaixo do terno sujo, seu rosto se ilumina à luz do sol refletida na água e sua identidade ocupa o espaço que lhe é devido: o nariz aquilino, a cara de falcão, a delicadeza nos olhos castanhos.

Pela primeira vez desde que chegara a Esmirna, Esquerdinha Stephanides sorria. Nas incursões anteriores, tinha conseguido apenas um pêssego podre e seis azeitonas, engolidas com caroço e tudo por Desdêmona, a conselho dele, já que a irmã precisava encher a barriga. Agora, carregando aquele *chureki* com gergelim, se esgueirava no meio da multidão para voltar para casa. Contornou salas de estar a céu aberto (onde viu famílias atentas a rádios silenciosos) e saltou por cima de pessoas no chão que, esperava, dormiam ali, apenas. Havia outra coisa que também o animava. Naquela mesma manhã correra o boato de que uma frota de navios gregos estava a caminho para evacuar os refugiados. Esquerdinha contemplou o Egeu. Tendo vivido nas montanhas por vinte anos, era a primeira vez que via o mar. Em algum lugar para além daquelas águas estavam a América e sua prima Sourmelina. Sentiu a fragrância marítima, o aroma de pão quente, o cheiro de antisséptico no polegar envolto num curativo, e então a viu — Desdêmona, sentada sobre a mala, onde a havia deixado — e ficou ainda mais feliz.

Esquerdinha não era capaz de localizar exatamente quando tinha começado a ter pensamentos relacionados à irmã. De início, não era mais que curiosidade de ver como eram os seios de uma mulher de verdade. Não importava que fossem os da irmã. Tentava *esquecer* que eram os dela. Atrás do *kelimi* que separava as duas camas, via a silhueta de Desdêmona trocando de roupa. Era apenas um corpo; podia ser de qualquer uma, ou assim gostava de fingir Esquerdinha. “O que você está fazendo aí?”, Desdêmona perguntava, enquanto se despia. “Por que está tão quieto?”

“Estou lendo.”

“Lendo o quê?”

“A Bíblia.”

“Ah, tá. Você nunca lê a Bíblia.”

Logo se pegou a imaginar a irmã depois que as luzes se apagavam. Ela invadia suas fantasias, mas Esquerdinha resistia. Acabou indo à cidade atrás de mulheres nuas de quem não fosse parente.

Mas, desde a noite da valsa, tinha parado de resistir. Por causa das mensagens que chegavam pelos dedos de Desdêmona, porque seus pais estavam mortos e seu vilarejo destruído, porque ninguém em Esmirna sabia quem eram, e pela visão de Desdêmona ali, naquele exato momento, sentada em cima de uma mala.

E Desdêmona? O que sentia? Medo, sobretudo, e preocupação, pontuados por explosões de júbilo sem precedentes. Nunca antes havia pousado a cabeça no colo de um homem durante uma viagem de carroça. Nunca havia dormido de conchinha, os braços de um homem a enlaçá-la; nunca havia experimentado a sensação de um homem com uma ereção a cutucar-lhe as costas, enquanto conversavam como se nada estivesse acontecendo. “Só mais uns oitenta quilômetros”, tinha dito Esquerdinha certa noite, na árdua jornada a caminho de Esmirna. “Talvez a gente dê sorte amanhã e consiga uma carona. E aí, chegando a Esmirna, pegamos um barco pra Atenas” — a voz tensa, esquisita, alguns tons acima do normal — “e de Atenas embarcamos pra América. Não parece uma coisa boa? Ok. Acho que é uma coisa boa.”

O que é que eu estou fazendo?, pensava Desdêmona. Ele é meu irmão! Ela olhava para os outros refugiados no cais, esperando vê-los de dedo em riste: “Que vergonha!”. Mas só o que via eram rostos sem vida, olhares vazios. Ninguém sabia. Ninguém se importava. Então escutou a voz animada do irmão, exibindo o pão diante dela. “Contempla. É maná dos céus.”

Desdêmona o encarou. Sua boca se encheu de saliva, enquanto Esquerdinha partia o *chureki* em dois. Mas a cara permaneceu triste. “Não estou vendo nenhum barco chegar.”

“Eles estão vindo. Não se preocupe. Coma.” Esquerdinha se sentou na mala, ao lado dela. Os ombros se tocavam. Desdêmona se afastou.

“Que foi?”

“Nada.”

“Toda vez que sento perto você se afasta.” Ele olhou para a irmã, confuso, mas em seguida sua expressão se descontraiu e ele a enlaçou com um braço. Ela se retesou.

“Ok, como você quiser.” Ficou de novo em pé.

“Aonde você vai?”

“Procurar mais comida.”

“Não vá”, implorou Desdêmona. “Não gosto de ficar aqui sozinha.”

Mas Esquerdinha tinha batido em retirada. Saiu da orla para as ruas da cidade, caminhava murmurando consigo mesmo. Estava irritado com Desdêmona por tê-lo rechaçado e irritado com sua própria irritação, porque sabia que ela estava certa. Mas não ficou irritado por muito tempo. Não era da sua natureza. Estava cansado, quase famélico, com a garganta inflamada, um ferimento na mão, mas apesar de tudo isso Esquerdinha tinha só vinte anos, fazia sua primeira viagem de verdade para longe de casa e se sentia alerta para a novidade das coisas. Afastando-se do cais, era quase possível esquecer que havia uma crise. Ali, nas ruas, encontravam-se lojas chiques e bares da moda ainda funcionando. Desceu a Rue de France e viu que tinha chegado ao Sporting Club. Apesar do estado de emergência, dois cónsules estrangeiros jogavam tênis nas quadras de grama lá atrás. Avançavam e recuavam no lusco-fusco, rebatendo a bola enquanto, na lateral da quadra, um rapaz de pele escura e paletó branco segurava uma bandeja com gins-tônicas.

Esquerdinha seguiu caminhando. Encontrou uma praça com uma fonte, onde lavou o rosto. Soprou uma brisa, trazendo uma fragrância de jasmim dos lados de Bornova. E, aproveitando que Esquerdinha parou para senti-la, gostaria de ressuscitar — por razões puramente poéticas e num parágrafo apenas — a cidade desaparecida para sempre em 1922.

Esmirna sobrevive, hoje, em algumas canções de *rebetika* e numa estrofe de *A terra devastada*:

*O sr. Eugenides, mercador de Esmirna  
Barba por fazer, bolso cheio de passas  
Custo, seguros e frete para Londres: documentos à vista,  
Convidou-me, num francês vulgar,  
A almoçar no Cannon Street Hotel  
E depois a passar um fim de semana no Metropole.*

Tudo que vocês precisam saber sobre Esmirna está aí. O mercador era rico, assim como Esmirna. A proposta era sedutora, assim como Esmirna, a cidade mais cosmopolita do Oriente Próximo. Entre seus fundadores estiveram, primeiro, as Amazonas (o que combina com meu tema) e, depois, o próprio Tântalo. Homero nasceu lá, e também Aristóteles Onassis. Em Esmirna, Ocidente e Oriente, ópera e *politakia*, violino e *zourna*, piano e *daouli* formavam combinações tão saborosas quanto as pétalas de rosas com mel das confeitarias locais.

Esquerdinha seguiu adiante e logo chegou ao clube Casin, de Esmirna. A entrada principal era ladeada por vasos de palmeiras, mas as portas estavam escancaradas. Entrou. Não foi impedido. Não havia ninguém por ali. Seguiu pelo tapete vermelho até o andar de cima e a sala de jogos. A mesa de dados estava desocupada. Ninguém na roleta também. Do outro lado, porém, um grupo de homens jogava cartas. Pararam para olhar para Esquerdinha, mas

logo retornaram ao jogo, ignorando o traje imundo dele. Foi quando se deu conta de que aqueles não eram sócios do clube; eram refugiados como ele. Todos ali tinham se aventurado por aquela porta aberta na esperança de ganhar algum dinheiro para uma passagem que os tirasse de Esmirna. Esquerdinha se aproximou da mesa. Um dos jogadores perguntou: "Está dentro?"

"Estou."

Não entendia as regras. Nunca tinha jogado pôquer, só gamão, e perdeu uma atrás da outra na primeira meia hora. Depois de um tempo, porém, Esquerdinha começou a perceber a diferença entre um *five-card draw* e um *seven-card stud*, e aos poucos o equilíbrio na distribuição de dividendos na mesa foi mudando. "Tenho três desses", dizia Esquerdinha, mostrando um jogo de três ases, e os demais começavam a resmungar. Passaram a observar com cuidado seu manuseio das cartas, confundindo falta de jeito com mão leve. A essa altura, Esquerdinha já se divertia e, ao levar uma grande bolada, gritou: "Uzo pra todo mundo!". Mas, como nada aconteceu, ergueu a cabeça e viu que o Casin estava mesmo absolutamente deserto, um quadro que o fez cair em si: apostavam alto ali. A própria vida. E então, contemplando seus parceiros de mesa, vendo as gotas de suor em suas testas e sentindo seus hálitos azedos, Esquerdinha, com muito mais autocontrole do que viria a ter, quatro décadas mais tarde, nas loterias de Detroit, ficou de pé e disse: "Estou saindo".

Quase o mataram. Os bolsos de Esquerdinha pesavam com o que tinha faturado, e os demais insistiam que não podia abandonar a mesa sem lhes dar a chance de recuperar algum. Ele se curvou para coçar a perna e insistiu: "Tenho o direito de sair a hora que quiser". Um dos homens o agarrou pelo colarinho sujo, ao que Esquerdinha acrescentou: "Mas não quero sair ainda". Sentou, coçando a outra perna, e dali em diante voltou a perder uma atrás da outra. Quando

todo o dinheiro tinha ido embora, se levantou e disse, com uma raiva enojada: "Posso sair agora?". Claro, responderam, rindo e distribuindo as cartas para a rodada seguinte. Esquerdinha foi deixando o Casin, rígido e desconsolado. À entrada, entre os vasos de palmeiras, abaixou-se para apanhar o dinheiro que tinha enfiado nas meias malcheirosas.

De volta ao cais, procurou por Desdêmona. "Olha o que eu achei", ele disse, sacando o dinheiro. "Alguém deve ter deixado cair. Agora a gente pode pegar o navio."

Desdêmona deu um grito e o abraçou. E o beijou em cheio nos lábios. Então se afastou, corada, e se virou para a água. "Ouve só", disse, "aqueles ingleses estão tocando de novo."

Ela se referia ao conjunto a bordo do *Iron Duke* que, toda noite, enquanto os oficiais jantavam, começava a tocar no convés do navio. Trechos de Vivaldi e Brahms flutuavam sobre a água. Bebendo conhaque, o major Arthur Maxwell, dos Fuzileiros Navais de Sua Majestade, e seus subordinados passavam binóculos de mão em mão, observando a situação em terra.

"Deveras apinhado aquele cais, confere?"

"Parece a Victoria Station na noite de Natal, senhor."

"Olhem só para aqueles pobres infelizes. Deixados à própria sorte. Quando correr a informação de que o comissário grego está indo embora, vai ser um pandemônio."

"Vamos ajudar a evacuar os refugiados, senhor?"

"Temos ordens de proteger bens e cidadãos britânicos."

"Mas, senhor, se os turcos chegarem e houver um massacre, certamente que..."

"Não há nada que possamos fazer a respeito, Phillips. Já estou há muitos anos no Oriente Próximo. Se aprendi uma coisa aqui, é que

não dá pra fazer nada por esse pessoal. Nada mesmo! Os turcos são os melhorzinhos. Os armênios, comparo com os judeus. Falhos de caráter moral e intelectual. Quanto aos gregos, ora, olhe só pra eles. Botaram fogo no país inteiro e agora vêm pra cá como um enxame, pedindo socorro. Ótimo charuto, confere?"

"Muito bom, senhor."

"Tabaco de Esmirna. O melhor do mundo. Fico com lágrimas nos olhos, Phillips, de pensar em todo aquele tabaco lá, naqueles armazéns."

"Quem sabe pudéssemos enviar uma força-tarefa pra salvar o tabaco, senhor?"

"Será que percebo aí certo sarcasmo, Phillips?"

"Um pouquinho, senhor, um pouquinho."

"Meu Deus, Phillips, não sou um desalmado. Queria que fosse possível ajudar aquelas pessoas. Mas não dá. Essa guerra não é nossa."

"Tem certeza, senhor?"

"Como assim?"

"Talvez tenhamos apoiado as forças gregas. Se fomos nós que mandamos invadir."

"Eles estavam loucos para que mandassem invadir! Venizelos e seu bando. Acho que você não está entendendo a complexidade da situação. Temos interesses aqui na Turquia. Devemos proceder com o máximo cuidado. Não podemos nos deixar enredar nessas contendas bizantinas."

"Entendo, senhor. Mais conhaque, senhor?"

"Sim, obrigado."

"Mas é uma bela cidade, não é, senhor?"

"Muito bonita. Você sabe o que Estrabão dizia de Esmirna, não sabe? Dizia que é a melhor cidade da Ásia. E isso lá na época de

Augusto. Durou esse tempo todo. Dê uma boa olhada nela, Phillips. Dê uma boa e demorada olhada.”

Em 7 de setembro de 1922, todo grego em Esmirna, inclusive Esquerdinha Stephanides, usa um fez na cabeça para se passar por turco. Os últimos soldados gregos estão sendo evacuados por Chesme. O exército turco está a menos de cinquenta quilômetros dali — e não chega navio nenhum de Atenas para evacuar os refugiados.

Esquerdinha, tendo acabado de se capitalizar e de se cobrir com seu fez, abre caminho por entre a multidão no cais, com as cabeças cobertas de tecido marrom. Atravessa trilhos de bonde e segue ladeira acima. Encontra uma agência de venda de passagens de navio. Ali dentro, um funcionário se debruça sobre listas de passageiros. Esquerdinha saca o que faturou e diz: “Duas passagens pra Atenas!”.

O outro não levanta a cabeça. “Convés ou camarote?”

“Convés.”

“Mil e quinhentas dracmas.”

“Não, camarote não”, diz Esquerdinha, “pode ser convés mesmo.”

“Esse é o preço do convés.”

“Mil e quinhentas dracmas? Não tenho mil e quinhentas. Ontem custava quinhentas.”

“Ontem.”

\* \* \*

Em 8 de setembro de 1922, o General Hajienestis se senta na cama, em seu camarote, esfrega primeiro a perna direita, depois a esquerda, dá nelas umas pancadinhas com os nós dos dedos e se

levanta. Sobe ao convés caminhando com grande dignidade, do modo como fará mais tarde, em Atenas, quando for executado por ter perdido a guerra.

No cais, Aristedes Sterghiades, comissário civil da Grécia, embarca numa lancha que vai tirá-lo da cidade. A multidão vaia e zomba, brandindo punhos. O general assiste calmamente à cena. A orla e seu café favorito estão obstruídos pela turba. Tudo que consegue enxergar é a fachada do cinema no qual, dez dias antes, tinha ido ver *Le Tango de la mort*. Por um breve momento — e possivelmente se trate de mais uma alucinação — sente a fragrância de jasmim de Bornova. Ele a inala. A lancha chega ao navio e Sterghiades, rosto pálido, sobe a bordo.

E então o General Hajienestis dá sua única ordem militar em semanas: “Levantar âncoras. Motores. Toda a potência à frente”.

Em terra, Esquerdinha e Desdêmona viam a frota grega partir. A multidão arremeteu na direção da água, ergueu suas duas mil mãos e gritou. E então silenciou. Boca nenhuma pronunciou som algum à constatação de que o próprio país os abandonava, de que Esmirna agora não tinha mais governo, de que nada mais os protegia do avanço dos turcos.

(Cheguei a mencionar que, no verão, as ruas de Esmirna eram enfeitadas com fileiras de cestos com pétalas de rosas? E que todos na cidade falavam francês, italiano, grego, turco, inglês e holandês? E contei dos famosos figos, trazidos em caravanas de camelos e ali desovados, pilhas enormes da fruta polpuda despejadas no chão sujo e mulheres imundas a embeber aqueles figos em água salgada, enquanto crianças se acoravam atrás dos amontoados para defecar? Falei que o fedor daquelas mulheres dos figos se misturava aos aromas mais agradáveis de amendoeiras, mimosas, loureiros e pessegueiros, e que todo mundo, usando máscaras, ia a jantares sofisticados nos conveses de fragatas na Terça-Feira Gorda? Quero

registrar isso tudo porque aconteceu nessa cidade que não era exatamente lugar nenhum, que não era parte de nenhum país porque era parte de todos os países, e onde hoje, se forem até lá, vocês verão arranha-céus modernos, bulevares amnésicos, uma profusão de pequenas fábricas degradantes, uma base da Otan e uma placa onde está escrito "Izmir"...) )

Cinco carros decorados com galhos de oliveiras irromperam à entrada da cidade. Vinham escoltados pela cavalaria. Passaram com estrondo pelo mercado coberto e por multidões que os saudavam no bairro turco, onde cada poste de luz, cada porta e cada janela ostentava um pano vermelho. Pela lei otomana, os turcos devem ocupar a parte mais alta das cidades, de modo que o comboio está agora acima de Esmirna, e começa a descer. Logo os cinco carros estão passando por áreas desertas onde as casas foram abandonadas ou onde se escondem famílias. Anita Philobosian espia para ver aqueles belos veículos, cobertos de folhas, uma imagem tão atraente que ela já começava a abrir as venezianas quando foi puxada pela mãe... e há outros rostos grudados a outras venezianas, olhos armênios, búlgaros e gregos, à espreita em esconderijos e sótãos, querendo um vislumbre do conquistador que lhes revele suas intenções; mas os carros passam rápido demais, e o sol refletido nos sabres erguidos dos cavaleiros cega a vista, e aí a caravana já foi embora e chega ao cais, onde os cavalos avançam sobre a turba e os refugiados gritam e se atropelam.

No banco de trás do último carro está Mustafá Kemal. Magro depois da batalha. Os olhos azuis faíscam. Faz duas semanas que não bebe nada. (A "diverticulite" tratada pelo dr. Philobosian era só fachada. Kemal, entusiasta da ocidentalização e do Estado secular

turco, se manteve fiel a seus princípios até o fim, vindo a morrer de cirrose hepática aos cinquenta e sete anos.)

E ao passar ele se volta e olha para a multidão, enquanto uma jovem mulher se ergue de uma mala. Olhos azuis trespagam olhos castanhos. Dois segundos. Nem isso. E Kemal desvia o olhar; o comboio passou.

E agora é só uma questão de vento. Uma da manhã, quarta-feira, 13 de setembro de 1922. Faz sete noites que Esquerdinha e Desdêmona estão na cidade. A fragrância de jasmim virou cheiro de querosene. Barricadas foram erguidas em torno do bairro armênio. Soldados turcos bloqueiam a saída do cais. Mas o vento continua a soprar na direção errada. Por volta da meia-noite, porém, o vento muda. Começa a soprar para o sudoeste, ou seja, das altitudes turcas para o porto.

Na escuridão, tochas se reúnem. Três soldados turcos estão na loja de um alfaiate. Suas tochas iluminam rolos de tecido e ternos em cabides. Então, quando a luz fica mais forte, o próprio alfaiate se torna visível. Está sentado à máquina de costura, o sapato direito ainda pousado sobre o pedal. A luz fica ainda mais forte para revelar seu rosto, os buracos no lugar das órbitas oculares, a barba dilacerada em retalhos sangrentos.

Fogueiras irrompem por todo o bairro armênio. Feito um milhão de vaga-lumes, faíscas flutuam no céu negro da cidade, levando sementes de fogo a cada lugar onde aterrissam. Em sua casa, na rua Suyane, o dr. Philobosian pendura um tapete molhado na sacada, volta correndo para dentro da casa escura e fecha as venezianas. Mas o resplendor de fora vaza em riscas de luz. A expressão de pânico nos olhos de Toukhie; a testa de Anita, envolta numa fita prateada como a de Clara Bow, no exemplar da *Photoplay*;

o pescoço exposto de Rose; as cabeças baixas e escuras de Stepan e Karekin...

À luz das chamas, o dr. Philobosian, pela quinta vez naquela noite, lê: "...presta aqui seus respeitos... estima, confiança e proteção... Ouviram? `Proteção...`".

Do outro lado da rua, a sra. Bidzikian entoava as três notas climáticas da ária "Rainha da Noite", de *A flauta mágica*. A música soava tão estranha em meio aos demais ruídos — de portas sendo derrubadas, de gente gritando, de moças desesperadas — que todos levantaram a cabeça. A sra. Bidzikian repetiu o si bemol, o ré e o fá mais duas vezes, como se ensaiasse a ária, e então sua voz alcançou uma nota que nenhum deles jamais ouvira, e é quando se dão conta de que a sra. Bidzikian não estava, na verdade, cantando ária nenhuma.

"Rose, vá buscar minha maleta."

"Nishan, não", contesta a esposa. "Se virem você saindo, vão saber que estamos escondidos."

"Ninguém vai ver."

Desdêmona tomou consciência das chamas primeiro como luzes refletidas nos cascos dos navios. Pinceladas cor de laranja bruxuleavam acima da linha-d'água do americano *Litchfield* e do francês *Pierre Loti*. Então a água reluziu, como se um cardume de peixes fosforescentes tivesse adentrado a baía.

A cabeça de Esquerdinha repousava em seu ombro. Olhou para conferir se ele dormia. "Esquerdinha. Esquerdinha?" Quando viu que não respondia, beijou o cocuruto do irmão. E então as sirenes soaram.

Ela avista não um foco de incêndio, mas muitos. Vinte pontos alaranjados no morro, lá em cima. E de uma intensidade que não

parece natural. Assim que os bombeiros conseguem extinguir um, surge outro num ponto diferente. Começam em carroças de feno ou latas de lixo; percorrem trilhas de querosene pelo meio da rua; viram esquinas; entram por portas derrubadas. Um desses focos atinge a padaria Berberian, avançando rápido por prateleiras de pães e carrinhos de doces. O fogo segue para a parte habitada da propriedade e sobe a escada da frente onde, a meio caminho, o próprio Charles Berberian tenta abafar as chamas com um cobertor. Mas elas se esquivam e zunem casa adentro. Dali, deslizam por um tapete oriental, atravessam decididas a varanda dos fundos, pulam lépidas para um varal e passam na corda bamba para a casa dos fundos. Escalam até a janela e param, como que pasmas pela sorte que as favorece: porque tudo, na casa, também é simplesmente ideal para queimar — o sofá de forro adamascado com franjas longas, as mesinhas de mogno e os abajures de chintz. O calor faz o papel de parede se descolar em folhas; e isso acontece não apenas nessa casa, mas em dez ou quinze outras, depois em vinte ou vinte e cinco, cada uma ateando fogo à vizinha até o quarteirão inteiro arder em chamas. O cheiro de queimado de coisas que não foram feitas para queimar se espalha pela cidade: graxa de sapato, veneno de rato, pasta de dente, cordas de piano, correias para hérnia, malabares. E cabelo e pele. A essa altura, cabelo e pele. No cais, Esquerdinha e Desdêmona ficam de pé, como todo mundo, todas aquelas pessoas estupefatas demais para reagir, ou ainda meio adormecidas, ou sofrendo de tifo e cólera, ou a tal ponto exaustas que já não se importam. E então, de repente, todos aqueles focos no alto do morro passam a formar uma só e enorme parede de fogo que, estendendo-se na direção da cidade, inevitavelmente começa a descer ao cais.

(E acabo de ter outra lembrança: meu pai, Milton Stephanides, de roupão e chinelos, curvando-se para acender o fogo nas manhãs de

Natal. Só uma vez por ano, a necessidade de se desembaraçar de uma montanha de papéis de presente e embalagens de papelão vencia as objeções de Desdêmona a que nossa lareira fosse usada. "Mãe", avisava Milton, "vou queimar um pouco desse lixo." Ao que Desdêmona respondia com um grito: "*Mana!*", e apanhava sua bengala. Junto à lareira, meu pai tirava um fósforo comprido de uma caixa hexagonal. Mas a essa altura Desdêmona já estava se retirando dali, rumo à segurança da cozinha, onde o forno era elétrico. "A *yia yia* de vocês não gosta de fogueiras", meu pai então nos dizia. E, acendendo o fósforo, aproximava-o de um papel com figuras de elfos e papais-noéis enquanto as chamas saltavam, e nós, crianças americanas ignorantes, ficávamos eufóricas ao atirar papéis, caixas e laços de fita nas labaredas.)

O dr. Philobosian saiu à rua, olhou para um lado e para o outro e correu diretamente porta adentro da casa em frente. Subiu ao primeiro piso, de onde conseguiu ver o topo da cabeça da sra. Bidzikian, sentada de costas para ele na sala de estar. Precipitou-se até a vizinha, dizendo-lhe que não se preocupasse, era só o dr. Philobosian, vizinho do outro lado da rua. A sra. Bidzikian aparentemente respondeu com uma inclinação da cabeça, que não voltou a se endireitar. O dr. Philobosian se ajoelhou ao lado da vizinha. Pôs o dedo no pescoço e sentiu o pulso fraco. Com cuidado, puxou-a da cadeira para deitá-la no chão. No momento em que fazia isso, ouviu passos na escada. Cruzou às pressas a sala e, justo quando os soldados já irrompiam na casa, conseguiu se esconder atrás das cortinas.

Durante quinze minutos, saquearam tudo quanto houvesse sobrado da primeira invasão. Reviraram gavetas e evisceraram sofá e roupas, procurando por joias e dinheiro que pudessem estar

escondidos. Depois que foram embora, o dr. Philobosian ainda esperou cinco minutos completos antes de sair do esconderijo. A sra. Bidzikian não tinha mais pulso. Cobriu o rosto da vizinha com seu lenço e fez o sinal da cruz sobre o corpo. Então apanhou a maleta de médico e, de novo escada abaixo, apressou-se a sair dali.

O calor precede o fogo. As pilhas de figos que não tinham sido embarcadas a tempo começam a cozinhar ao longo do cais, borbulhando e fazendo calda. O cheiro adocicado se mistura ao de fumaça. Desdêmona e Esquerdinha estão o mais próximo possível da água, junto com todos os demais. Não têm para onde fugir. Os soldados turcos continuam a vigiar as barricadas. As pessoas rezam, erguem os braços, imploram aos navios no porto. Faróis varrem o cais, iluminando gente que nada, gente que se afoga.

“Vamos morrer, Esquerdinha.”

“Não, não vamos. Vamos sair dessa.” Mas Esquerdinha não acredita nisso. Quando olha para as chamas, também tem certeza de que vão morrer ali. E é essa certeza que o inspira a dizer uma coisa que, de outra forma, jamais teria dito, algo em que nunca teria sequer pensado. “Vamos sair dessa. E aí você vai se casar comigo.”

“A gente nunca devia ter vindo. Nunca devia ter saído de Bithynios.”

Como o fogo avança, as portas do consulado francês são abertas. Uma guarnição de fuzileiros navais forma duas fileiras que atravessam o cais até o porto. A bandeira tricolor é arriada. Pessoas começam a sair do consulado, homens em ternos creme e mulheres com chapéus de palha caminham de braços dados até uma lancha que os aguarda. Por sobre os rifles cruzados dos fuzileiros, Esquerdinha vê o pó de arroz ainda fresco no rosto das mulheres, os charutos acesos na boca dos homens. Uma das mulheres leva um

poodle pequeno debaixo do braço. Outra dá um passo em falso, quebra o salto e é consolada pelo marido. Depois que a lancha parte, um funcionário se dirige à multidão.

“Somente cidadãos franceses serão evacuados. Começaremos a processar os vistos imediatamente.”

Quando ouvem as batidas na porta, eles se sobressaltam. Stepan vai até a janela e espia lá embaixo. “Deve ser nosso pai.”

“Vai. Põe ele pra dentro. Rápido!”, diz Toukhie.

Karekin desce a escada aos saltos, de dois em dois degraus. Para e se apruma ao chegar à porta, que destranca sem fazer barulho. Abre e, de início, não vê nada. Então ouve um assobio quase imperceptível, seguido do ruído de um rasgo. Soa como se fosse alguma coisa alheia a ele, até que percebe, súbito, um dos botões de sua camisa saltar e ir bater contra a porta. Karekin olha para baixo no mesmo momento em que sente a boca começar a se encher de um fluido quente. Percebe que está sendo levantado, sensação que lhe traz de volta a lembrança de, quando menino, ser jogado para o alto pelo pai, e diz: “Pai, meu botão”, para em seguida, já a uma altura suficiente do chão, ver a ponta de aço da baioneta a espetar-lhe o esterno. O reflexo das chamas percorre o cano da arma, passa pela mira e o cão, ilumina o rosto em êxtase do soldado.

O fogo já ameaçava a multidão no cais. O teto do consulado americano se inflamou. As chamas tomaram o cinema, comendo-lhe a fachada. O aglomerado humano recua aos centímetros. Mas Esquerdinha, sentindo a oportunidade, estava determinado.

“Ninguém vai saber”, ele diz. “E quem poderia? Não sobrou mais ninguém, só a gente.”

“Isso não é certo.”

Tetos desabaram, pessoas gritaram, e Esquerdinha colou os lábios ao ouvido da irmã. “Você prometeu que ia achar uma boa moça grega pra mim. Ora. É o que você é.”

De um lado, um homem pulava na água, tentando se afogar; de outro, uma mulher dava à luz, o marido protegendo-a com o casaco. “*Kaymaste! Kaymaste!*”, o pessoal gritava. “Estamos queimando! Estamos queimando!” Desdêmona apontou para o fogo, para o resto em volta. “É tarde demais, Esquerdinha. Isso não importa agora.”

“Mas, se a gente sobreviver, você casa comigo?”

Um movimento de cabeça. Era tudo. E lá se foi Esquerdinha, correndo na direção das chamas.

Sobre fundo preto, um molde de visão em forma de binóculo desliza para lá e para cá, abrangendo os refugiados longínquos. Eles gritam sem emitir som. Estendem os braços suplicantes.

“Vão cozinhar os infelizes vivos.”

“Permissão para içar refugiado, senhor.”

“Negativo, Phillips. Se colocarmos um a bordo, vamos ter que colocar todos.”

“É uma menina, senhor.”

“Quantos anos?”

“Parece ter uns dez ou onze.”

O major Arthur Maxwell baixa o binóculo. Um nó triangular de músculos tensos se forma em sua mandíbula e desaparece.

“Venha dar uma olhada, senhor.”

“Não devemos nos deixar levar por emoções, Phillips. Há questões maiores em jogo.”

“Venha dar uma olhada, senhor.”

Com as narinas dilatadas, o major Arthur Maxwell encara o capitão Phillips. Bate a mão espalmada contra a coxa e sai em direção à lateral do navio.

O farol varre a superfície da água, iluminando seu próprio campo de visão. O mar surge estranho sob o facho de luz, parecendo uma sopa rala e sem cor coalhada de objetos diversos: uma laranja reluzente; um chapéu de feltro masculino tendo excrementos por aba; pedaços de papel que parecem cartas rasgadas. E então, em meio a essa matéria inerte, ela, agarrada a uma das cordas do navio, uma menina de vestido rosa que, molhado, parece vermelho, o cabelo colado ao crânio pequeno. Não há apelo nenhum naqueles olhos que miram o alto. Bate de quando em quando os pés pontudos feito nadadeiras.

Tiros de rifle vindos do porto acertam a água ao seu redor. Ela não dá atenção.

“Desliguem o farol.”

A luz é apagada e os tiros cessam. O major Maxwell consulta seu relógio de pulso. “São 21h15 agora. Vou pro meu camarote, Phillips. Não sairei de lá até as sete da manhã. Se algum refugiado for trazido a bordo nesse período, não serei informado. Entendido?”

“Entendido, senhor.”

Não ocorreu ao dr. Philobosian que o corpo retorcido sobre o qual saltou na rua fosse o de seu filho mais novo. Reparou apenas que a porta da frente estava aberta. No vestíbulo, parou para escutar. Silêncio apenas. Lentamente, ainda agarrado à maleta de médico, galgou a escada. Todas as luzes estavam acesas. A sala de estar iluminada. Toukhie, sentada no sofá, esperava por ele. Sua cabeça tinha tombado para trás como se ela estivesse rindo para valer de

alguma coisa, o ângulo abrindo a ferida de modo que um pedaço da traqueia estava à mostra. Stepan, largado sobre a mesa de jantar, segurava o salvo-conduto na mão direita espetada com uma faca de cozinha. O dr. Philobosian deu um passo e escorregou, então reparou na trilha de sangue pelo corredor. Seguiu-a até o quarto de casal, onde encontrou as duas filhas nuas e deitadas de barriga para cima. Três dos quatro seios tinham sido arrancados. A mão de Rose tentava alcançar a testa da irmã, como a endireitar-lhe a fita prateada.

A fila era longa e andava devagar. Esquerdinha teve tempo de repassar seu vocabulário. Reviu a gramática com espiadelas no livrinho de frases. Estudou a "Lição 1: Cumprimentos", e ao chegar à mesa do funcionário estava pronto.

"Nome?"

"Eleutherios Stephanides."

"Local de nascimento?"

"Paris."

O funcionário levantou a vista para ele. "Passaporte."

"Perdi tudo no incêndio! Perdi todos os meus papéis!" Esquerdinha pregueou os lábios e bufou, como tinha visto que os franceses faziam. "Olha só o que estou vestindo. Perdi todos os meus melhores ternos."

O funcionário sorriu, irônico, e carimbou os papéis. "Passa."

"Minha esposa está comigo."

"Nascida em Paris, também."

"Claro."

"Nome?"

"Desdêmona."

"Desdêmona Stephanides?"

“Isso. Igual ao meu.”

Quando voltou com os vistos, Desdêmona não estava sozinha. Havia um homem sentado em cima da mala, ao lado dela. “Ele tentou se jogar na água. Segurei bem a tempo.” Atordoadado, ensanguentado, a mão enrolada numa bandagem reluzente, o homem não parava de repetir: “Eles não sabiam ler. Eram analfabetos!”. Esquerdinha tentou achar o ponto onde ele estava sangrando, mas não encontrou ferimento nenhum. Desenrolou a bandagem, uma fita prateada que jogou fora. “Não conseguiram ler minha carta”, dizia o homem, olhando para Esquerdinha, que reconheceu aquele rosto.

“Você de novo?”, disse o funcionário francês.

“Meu primo”, falou Esquerdinha num francês deplorável. O rapaz carimbou um visto e lhe entregou.

Uma lancha a motor os levou até o navio. Esquerdinha segurava o dr. Philobosian, que ainda ameaçava se jogar na água. Desdêmona abriu a caixa de bichos-da-seda e desdobrou o pano branco ali dentro, para conferir os ovos. Na água medonha, corpos ficavam para trás. Alguns vivos, gritando por socorro. A luz de um farol revelou um rapaz a meio caminho de escalar a corrente da âncora de um dos navios de guerra. Marinheiros despejavam óleo lá do alto, e o rapaz escorregou de volta ao mar.

No convés do *Jean Bart*, os três novos cidadãos franceses olharam para a cidade em chamas, ardendo de ponta a ponta. O incêndio continuaria a queimar pelos três dias seguintes, visível a oitenta quilômetros dali. Do mar, marinheiros o tomariam por uma imensa cadeia de montanhas. No país para onde seguiam, os Estados Unidos, a destruição de Esmirna pelo fogo ganhou as primeiras páginas por um ou dois dias, até ser desbancada pelo caso Hall-Mills

(o corpo de Hall, um pastor protestante, tinha sido encontrado junto ao da srta. Mills, uma atraente integrante do coro da igreja) e pela *World Series*. O almirante Mark Bristol, da Marinha americana, preocupado com prejuízos na relação entre Estados Unidos e Turquia, telegrafou um comunicado à imprensa no qual afirmava que “é impossível estimar o número de mortes devidas a assassinatos, fogo e execuções, mas o total provavelmente não excedeu duas mil”. A estimativa do cônsul americano, George Horton, era um pouco maior. Dos quatrocentos mil otomanos cristãos que havia em Esmirna antes do incêndio, 190 mil estavam desaparecidos na altura do dia 1<sup>o</sup> de outubro. Horton estimou que metade, cem mil, tivesse morrido.

As âncoras emergiram da água. O convés tremeu sob os pés quando os motores do destróier foram colocados em reverso. Desdêmona e Esquerdinha viram a Ásia Menor desaparecer ao longe.

Quando cruzaram com o *Iron Duke*, a banda militar britânica começou uma valsa.

# A rota da seda

De acordo com uma antiga lenda chinesa, certo dia do ano 2640 a.C., a princesa Si Ling-chi estava sentada sob uma amoreira quando um casulo de bicho-da-seda caiu dentro de sua xícara de chá. Quando tentava tirá-lo dali, ela reparou que o casulo começava a se desfazer no líquido quente. Então disse a sua criada que pegasse a ponta do fio e saísse caminhando. A criada deixou os aposentos da princesa, passou pelo pátio e pelos portões do palácio, entrou pela Cidade Proibida e pelo campo, e quando estava a uns oitocentos metros de distância é que o casulo terminou de se desmanchar. (No Ocidente, essa lenda seria lentamente modificada ao longo de três milênios, até virar a história de um físico com sua maçã. De qualquer modo, o significado é o mesmo: grandes descobertas, seja da seda ou da gravidade, são sempre acasos. Acontecem a pessoas que ficam à toa debaixo de árvores.)

Me sinto um pouco como aquela princesa chinesa, cuja descoberta deu a Desdêmona um ganha-pão. Como ela, vou desenrolando minha história e, quanto mais longe vai o fio, menos sobra para contar. Enrolando o fio de volta temos o começo do casulo, como um pequeno nó, um primeiro e hesitante laço. E, voltando pelo fio da minha história até o ponto em que a interrompi, vejo o *Jean Bart* aportando em Atenas. Vejo meus avós novamente

em terra e se preparando para outra viagem. Mãos que recebem passaportes, braços que recebem vacinas. Um novo navio se materializa no cais, o *Giulia*. Soa um apito.

E vejam: outra coisa se desenrola a partir do convés do *Giulia*. Uma coisa multicolorida que se estende sobre as águas do porto de Pireu.

Era costume, naquela época, que passageiros de partida para a América subissem a bordo com novelos de lã. Os parentes que ficavam no embarcadouro seguravam uma das pontas. À medida que o *Giulia*, soando seu apito, se afastava do cais, algumas centenas de fios eram esticados sobre a água. As pessoas gritavam palavras de despedida, acenavam furiosamente, levantavam bebês para que dessem uma última olhada da qual não se lembrariam. Hélices faziam turvar as águas; lenços tremulavam e, no convés, os novelos começavam a se desfazer. Vermelhos, amarelos, azuis, verdes, iam sendo desenredados, de início aos poucos, uma volta a cada dez segundos, depois mais e mais rápido à medida que o navio ganhava velocidade. Os passageiros mantinham seguros os novelos, sua ligação com os rostos que desapareciam em terra, pelo maior tempo possível. Mas por fim, um a um, eles se desfaziam. Os fios voavam soltos, subindo com o vento.

De lugares diferentes do convés do *Giulia*, Esquerdinha e Desdêmona — e agora posso dizer, finalmente, meus avós — contemplavam aquele cobertor flutuante voando para longe. Desdêmona estava parada entre dois cilindros de ar na forma de tubas gigantes. No meio do navio, Esquerdinha se encolhia na ala dos solteiros. Fazia umas três horas que não se viam. Naquela manhã, tomaram café juntos, nas imediações do porto, e depois disso, como espiões profissionais, pegaram cada um a sua mala — Desdêmona carregando consigo a caixa de bichos-da-seda — e seguiram rumos diferentes. Minha avó levava documentos falsos. O

passaporte, que havia sido expedido pelo governo grego com a condição de que ela deixasse o país imediatamente, exibia o sobrenome de solteira de sua mãe, Aristos, no lugar de Stephanides. Apresentou-o junto com a passagem, no alto da rampa do *Giulia*. Dali seguiu para a popa, conforme o planejado, para aguardar a partida.

À saída da baía, o apito voltou a soar e o navio embicou para o oeste, ganhando mais velocidade. Saiões, lenços de cabeça e paletós tremularam ao vento. Chapéus voaram de algumas cabeças, provocando gritos e risadas. A lã formava uma rede movediça no céu, quase invisível agora. As pessoas ficavam contemplando pelo tempo que fosse possível. Desdêmona foi uma das primeiras a descer. Esquerdinha permaneceu no convés por mais meia hora. Isso também era parte do plano.

Durante o primeiro dia no mar, não se falaram. Subiam ao convés nos horários das refeições e aguardavam em filas separadas. Depois de comer, Esquerdinha ia se juntar aos homens que fumavam junto à amurada, enquanto Desdêmona se encolhia no convés, ao lado de mulheres e crianças, para evitar o vento. “Você vai encontrar alguém lá?”, as mulheres lhe perguntavam. “Seu noivo?”

“Não. Só minha prima, em Detroit.”

“Viajando sozinho?”, os homens queriam saber de Esquerdinha.

“É. Livre e desimpedido.”

À noite, desciam a seus respectivos compartimentos. Em beliches separados, sobre colchões de estopa forrados de algas marinhas, coletes salva-vidas como travesseiros, tentavam dormir, se acostumar ao balanço do navio e tolerar os odores. Os passageiros tinham levado a bordo toda sorte de especiarias e confeitos, sardinhas enlatadas, polvos em conserva de vinagre, pernis de cordeiro conservados com dentes de alho. Naquela época, era possível saber a nacionalidade de uma pessoa pelo cheiro. Deitada

de barriga para cima, os olhos fechados, Desdêmona conseguia detectar o revelador aroma acebolado de uma húngara, à direita, e o fedor de carne crua de uma armênia, à esquerda. (As duas, por sua vez, eram capazes de apontar a origem helênica de Desdêmona pelo cheiro de alho e iogurte.) Os incômodos de Esquerdinha eram tanto olfativos quanto auditivos. De um lado, estava um rapaz chamado Callas, cujo ronco era como o próprio apito de um navio em miniatura; do outro, estava o dr. Philobosian, que chorava enquanto dormia. Desde a partida de Esmirna, o médico estava quase fora de si de tanto pesar. Arrasado, nocauteado, enrodilhava-se no paletó, manchas azuis ao redor das órbitas oculares. Quase não comia. Recusava-se a subir ao convés para respirar um pouco de ar fresco. Nas poucas ocasiões em que subia, ameaçava se atirar da amurada.

Em Atenas, o dr. Philobosian tinha dito a eles que o deixassem em paz. Não aceitava discutir planos de futuro, e disse que não tinha mais família em lugar nenhum. “Minha família acabou. Eles mataram todos.”

“Coitado”, falou Desdêmona. “Ele não quer mais viver.”

“Temos que ajudar”, insistiu Esquerdinha. “O doutor me deu dinheiro. Fez um curativo na minha mão. Ninguém mais estava se importando com a gente. Vamos levá-lo junto.” Enquanto esperavam que a prima Ihes enviasse dinheiro, Esquerdinha tentou consolar o médico e acabou por convencê-lo a seguir com eles para Detroit. “Qualquer lugar, mas longe daqui”, dissera o dr. Philobosian. Mas agora, no navio, só falava em morte.

A viagem devia durar entre doze e catorze dias. Esquerdinha e Desdêmona tinham tudo programado. No segundo dia no mar, logo depois do jantar, Esquerdinha deu uma volta pelo navio. Abriu caminho entre os corpos estirados no convés. Passou pela escada que levava à cabine de comando e se espremeu por entre a carga extra, caixas de azeitonas e azeite de oliva de Kalamata e esponjas

do mar de Cós. Seguiu adiante, tateando a lona verde dos botes salva-vidas até encontrar a corrente que separava o convés da terceira classe. Em seus dias de glória, o *Giulia* havia sido usado pela Companhia Austro-Húngara. Fazendo alarde de seus modernos recursos (*“lumina electrica, ventilatie et comfortu cel mai mare”*), o navio fazia a travessia de Trieste a Nova York uma vez por mês. Agora, luz elétrica só na primeira classe e, mesmo ali, esporadicamente. As amuradas de ferro estavam enferrujadas. A bandeira grega, encardida por causa da fumaça da chaminé. A embarcação cheirava a balde e escovão e a todo um compêndio de vômitos. Esquerdinha ainda não conseguia se equilibrar muito bem. Andava aos trambolhões pelas amuradas. Parou junto à corrente pelo tempo necessário, então atravessou a bombordo e voltou na direção da popa. Desdêmona, como tinha sido combinado, estava parada sozinha junto à amurada. Ao passar, Esquerdinha sorriu e inclinou a cabeça. Ela respondeu friamente, também com um movimento da cabeça, e voltou a mirar o mar.

No terceiro dia, Esquerdinha fez outro passeio após o jantar. Caminhou confiante, cruzou a bombordo e seguiu para a popa. Sorriu e inclinou a cabeça novamente para Desdêmona. Dessa vez, ela correspondeu ao sorriso. Voltando à companhia de seus parceiros fumantes, Esquerdinha perguntou se algum deles por acaso sabia o nome daquela moça que estava viajando sozinha.

No quarto dia, Esquerdinha parou para se apresentar.

“O tempo tem estado bom.”

“Espero que continue assim.”

“Você está viajando sozinha?”

“Sim.”

“Eu também. Pra que lugar dos Estados Unidos você vai?”

“Detroit.”

“Que coincidência! Também estou indo pra lá.”

Ficaram ali, batendo papo por mais alguns minutos. Então Desdêmona pediu licença e desceu.

Boatos sobre aquele namoro ainda em botão se espalharam rapidamente pelo navio. Já era o passatempo de todos discutir a paixão do grego alto, de porte elegante, pela bela moça morena que jamais era vista, aonde que quer que fosse, sem sua caixa talhada em madeira de oliveira. “Os dois estão viajando sozinhos”, o pessoal comentava. “E ambos têm parentes em Detroit.”

“Não acho que combinam.”

“Por que não?”

“Ele é de uma classe mais alta. Nunca vai dar certo.”

“Mas parece gostar dela.”

“O rapaz está num navio no meio do oceano! O que mais tem pra fazer?”

No quinto dia, Esquerdinha e Desdêmona passearam juntos pelo convés. No sexto dia, ele lhe ofereceu o braço e ela o aceitou.

“Fui eu que apresentei os dois!”, gabava-se um rapaz. As moças da cidade desdenhavam. “Ela usa tranças no cabelo. Parece uma camponesa.”

Meu avô recebia, no geral, avaliações melhores. Diziam que era um comerciante de seda de Esmirna que havia perdido a fortuna nos incêndios; o filho do rei Constantino I com uma amante francesa; um espião do Kaiser durante a Grande Guerra. Esquerdinha nunca desencorajava tais especulações. Aproveitou a oportunidade daquela viagem transatlântica para se reinventar. Jogava um cobertor esfarrapado sobre os ombros feito uma capa de cantor de ópera. Consciente de que qualquer coisa que se passasse ali se tornaria a verdade, de que qualquer coisa que ele parecesse ser ali se tornaria o que ele seria — em outras palavras, já era um americano —, esperava Desdêmona subir. Quando ela aparecia, ele ajeitava a

capa, inclinava a cabeça aos companheiros de viagem e desfilava pelo convés para ir cortejá-la.

“Ele está apaixonado!”

“Acho que não. Um tipo desses só quer é farra. Essa moça devia se cuidar, ou vai acabar tendo mais do que aquela caixa dela pra carregar por aí.”

Meus avós se divertiam com a simulação. Se havia alguém próximo, engatavam uma conversinha de primeiro ou segundo encontro, inventando suas histórias passadas. “E você”, perguntava Esquerdinha, “tem irmãos ou irmãs?”

“Tinha um irmão”, respondia Desdêmona, melancólica. “Fugiu com uma mulher turca. Meu pai o deserdou.”

“Que castigo severo. Acho que o amor supera todos os tabus. Você não acha?”

A sós, diziam um ao outro: “Parece que está funcionando. Ninguém desconfia de nada”.

Cada vez que Esquerdinha encontrava Desdêmona no convés, fingia que tinha acabado de conhecê-la. Ele se aproximava, jogava conversa fora, comentava como estava bonito o pôr do sol, e então, galante, emendava falando da beleza do rosto dela. Desdêmona também fazia seu papel. De início, reagia com frieza. Recolhia o braço toda vez que ele tentava alguma gracinha. Dizia que sua mãe a alertara sobre homens desse tipo. Passaram a viagem toda brincando com esse flerte imaginário e, pouco a pouco, passaram a acreditar nele. Fabricavam memórias, improvisavam um destino. (Por que fizeram isso? Por que se deram a esse trabalho? Não podiam ter dito que já eram noivos? Ou que o casamento havia sido arranjado anos antes? Sim, claro que podiam. Mas não era aos outros passageiros que queriam enganar; era a si mesmos.)

A viagem tornou tudo mais fácil. Atravessar o oceano no meio de quinhentos completos estranhos proporcionava um anonimato a

partir do qual meus avós podiam recriar a si próprios. O espírito que movia o *Giulia* era o da autotransformação. Ao contemplar o mar, plantadores de tabaco se imaginavam pilotando carros de corrida, quem ganhava a vida tingindo seda virava magnata de Wall Street, vendedoras de chapéus se viam dançando de leque na mão nas *Ziegfeld Follies*. O oceano cinzento se espalhava em todas as direções. A Europa e a Ásia Menor estavam mortas, deixadas para trás. Adiante estavam a América e novos horizontes.

No oitavo dia no mar, Esquerdinha Stephanides, num gesto grandiloquente, ajoelhado e bem à vista de seiscentos e sessenta e três passageiros da terceira classe, dirigiu-se a Desdêmona Aristos, naquele momento sentada num cunho de amarração, e a pediu em casamento. As moças prenderam a respiração. Os homens casados cutucaram os solteiros: "Presta atenção e vê se aprende como faz". Minha avó, dando mostras de um faro teatral comparável a sua hipocondria, externou complexas emoções: surpresa; encanto inicial; dúvida; prudência e quase recusa; e então, sob os aplausos que já começavam, concordância inebriada.

A cerimônia aconteceu no convés. No lugar de um vestido de noiva, Desdêmona usou sobre a cabeça um xale de seda emprestado. O capitão Kontoulis forneceu a Esquerdinha uma gravata com respingos de molho. "Deixe o paletó abotoado que ninguém vai notar", disse. Como *stephana*, meus avós usaram coroas nupciais feitas de corda. Como não havia flores no mar, o *koumbaros*, um sujeito chamado Pelos que serviu de padrinho, passou a coroa de cânhamo do rei para a cabeça da rainha, a da rainha para a do rei, e repetiu tudo mais uma vez.

Noiva e noivo dançaram a Dança de Isaías. Quadril com quadril, os braços entrelaçados para se dar as mãos, Desdêmona e

Esquerdinha deram volteios em torno do capitão, uma, duas vezes, depois mais uma, tecendo o casulo de sua vida em comum. Nada da linearidade patriarcal. Nós, gregos, nos casamos em círculos, para imprimir sobre nós mesmos alguns fatos essenciais do matrimônio: que para ser feliz é preciso encontrar variedade na repetição; que para seguir adiante é preciso voltar ao começo.

Ou, no caso dos meus avós, aqueles giros funcionaram de outro jeito: na primeira volta no convés, Esquerdinha e Desdêmona ainda eram irmãos. Na segunda volta, eram noivos. Na terceira, marido e mulher.

Na noite do casamento dos meus avós, o sol se pôs bem diante da proa apontada para Nova York. A lua se elevou, projetando uma faixa prateada no oceano. Em sua ronda noturna, depois de descer da cabine de comando, o capitão Kontoulis caminhava confiante. O vento tinha aumentado. O *Giulia* se lançava ao alto-mar. Com o convés aos solavancos, indo e vindo, o capitão em nenhum momento perdeu o equilíbrio, e até foi capaz de acender ali um de seus cigarros favoritos, indonésios, baixando a aba do quepe para mantê-lo aceso contra o vento. Trajando um uniforme que não estava excepcionalmente limpo, botas de Creta na altura dos joelhos, o capitão Kontoulis inspecionou luzes de sinalização, cadeiras empilhadas, botes salva-vidas. O *Giulia* navegava sozinho no vasto Atlântico, escotilhas inferiores fechadas para encarar as ondas que batiam no casco. Os conveses estavam desertos, exceto pela presença de dois passageiros de primeira classe, homens de negócios americanos, bebendo com cobertores no colo. “Pelo que sei, não é só pra jogar tênis que o Tilden encontra aqueles seus rapazes, se é que você me entende.” “Tá brincando.” “Deixa eles

beberem do cálice do amor.” O capitão Kontoulis, sem entender nada daquilo, inclinou a cabeça ao passar...

Dentro de um dos botes salva-vidas, Desdêmona dizia: “Não olhe”. Estava deitada de barriga para cima. Não havia nenhum cobertor de pele de cabra entre os dois, então Esquerdinha tapou os olhos com as mãos, espiando por entre os dedos. A luz da lua vazava pelo buraco de uma única amarra solta na lona, iluminando de leve o interior do bote. Esquerdinha tinha visto Desdêmona se despir muitas vezes, mas em geral ela era só uma sombra, jamais vista assim, à luz da lua. Nunca antes ela tinha se dobrado sobre si mesma daquele jeito, erguendo os pés para tirar os sapatos. Ele a contemplou e, quando foi a vez de tirar a saia e a túnica, ficou espantado ao ver como a irmã, àquela luz, dentro de um bote salva-vidas, parecia diferente. Ela *brilhava*. Emitia luz branca. Piscou por trás da proteção das mãos. A luz da lua continuou subindo; bateu no pescoço dele, chegou a seus olhos, e só aí Esquerdinha entendeu: Desdêmona estava usando um espartilho. Era a outra coisa que tinha trazido com ela: o pano branco no qual envolvera os ovos de bicho-da-seda nada mais era do que seu espartilho. Achou que nunca ia usá-lo, mas ali estava. As copas do sutiã apontavam para o teto de lona. Hastes de osso de baleia lhe esmagavam a cintura. Na barra, as presilhas estavam soltas, pois minha avó não usava meias-calças. O espartilho concentrava todo o luar dentro do bote, com o efeito estranho de que o rosto, a cabeça e os braços de Desdêmona tinham sumido. Parecia a Vitória Alada, tombada de costas, sendo transportada para o museu de um conquistador. Só faltavam as asas.

Esquerdinha tirou os sapatos e as meias, fazendo chover pedrinhas. Quando tirou sua roupa de baixo, o bote se encheu com um cheiro de cogumelos. Ficou envergonhado por um momento, mas Desdêmona não pareceu se incomodar.

Estava distraída com seus próprios sentimentos, ambíguos. O espartilho, claro, lembrava a Desdêmona sua mãe, e de repente a ideia de que o que estavam fazendo era errado a assaltou. Até ali, mantivera a questão em banho-maria. No caos dos últimos dias, não tinha tido tempo de ruminá-la.

Para Esquerdinha, a situação também era conflituosa. Embora ele tivesse sido torturado por seus pensamentos envolvendo Desdêmona, achava bom que estivesse escuro no bote e, em particular, que não pudesse ver o rosto dela. Por meses Esquerdinha tinha ido para a cama com prostitutas que se pareciam com Desdêmona, mas agora era mais fácil fingir que ali estava uma estranha.

O espartilho parecia ter mãos próprias, e várias. Uma delas roçava entre suas pernas. Outras duas cobriam-lhe os seios, uma, duas, três mãos que a apertavam e acariciavam; e, só de lingerie, Desdêmona enxergou a si própria com novos olhos, a cintura fina, as coxas rechonchudas; sentiu-se linda, desejável; mais do que qualquer coisa: uma outra. Ergueu os pés e apoiou as panturrilhas nos encaixes dos remos. Escancarou as pernas. Abriu os braços para Esquerdinha, que girou sobre si mesmo, esfolando joelhos e cotovelos, deslocando remos, quase acendendo uma labareda, até finalmente sentir a maciez dela, deleitando-se. Pela primeira vez Desdêmona sentia o gosto da boca dele, e a única reação de irmã que teve enquanto faziam amor foi, em certo momento, se levantar para tomar ar e dizer: "Menino levado. Você já fez isso outras vezes". Mas Esquerdinha apenas repetia: "Não assim, não assim...".

E errei no que disse antes, retiro. Embaixo de Desdêmona, marcando o ritmo contra as tábuas e a elevando no ar: um par de asas.

"Esquerdinha!", era Desdêmona agora, sem fôlego. "Acho que senti."

“Sentiu o quê?”

“Você sabe. *Aquilo.*”

“Recém-casados”, disse o capitão Kontoulis, vendo o bote balançar. “Ah, ser jovem outra vez...”

Depois que a princesa Si Ling-chi — que agora me pego imaginando como uma versão imperial da ciclista que vi no U-Bahn outro dia; por alguma razão, não consigo parar de pensar nela, toda manhã a procuro —, depois que a princesa Si Ling-chi descobriu a seda, o segredo foi mantido pela China por 3190 anos. Quem quer que tentasse contrabandear casulos de bichos-da-seda para fora do país era punido com a morte. Minha família talvez jamais tivesse entrado no negócio se não fosse pelo imperador Justiniano, o qual, de acordo com Procópio, convenceu dois missionários a realizarem a arriscada missão. Em 550 d.C., eles surrupiaram ovos de bichos-da-seda no equivalente da época à camisinha engolida: o oco de um cajado. Também trouxeram sementes de amoreira. O resultado disso foi que Bizâncio se tornou um centro de produção de seda. Amoreiras se multiplicaram nas encostas turcas. Os bichos-da-seda se alimentavam de suas folhas. Mil e quatrocentos anos mais tarde, os descendentes daqueles primeiros ovos roubados viajavam no *Giulia*, dentro da caixa de bichos-da-seda da minha avó.

Também sou descendente de uma operação de contrabando. Sem que soubessem, cada um dos meus avós, a caminho da América, carregava um gene com mutação do quinto cromossomo. Não era algo recente. De acordo com o dr. Luce, o primeiro gene do tipo apareceu na minha linhagem sanguínea por volta de 1750, no corpo de uma tal Penélope Evangelatos, minha bisavó da nona geração. Ela o passou para o filho, Petras, que o transmitiu às duas filhas, que o legaram a três de seus cinco rebentos, e assim sucessivamente.

Uma vez que era recessivo, apenas ocasionalmente se manifestaria. Hereditariedade esporádica: é assim que os geneticistas chamam o fenômeno. Um traço que permanece submerso durante décadas para reaparecer de repente, quando todo mundo já se esqueceu dele. Era assim em Bithynios. De quando em quando nascia um hermafrodita, que aparentava ser uma menina, mas ao crescer mostrava ser outra coisa.

Pelas seis noites seguintes, sob as condições meteorológicas mais diversas, meus avós se amancebaram no bote. O sentimento de culpa de Desdêmona piorava durante o dia: sentada no convés, se perguntava se ela e Esquerdinha não mereciam censura por aquilo tudo, mas à noite se sentia solitária de novo e queria escapar do camarote, então se esgueirava sorratamente de volta ao bote salva-vidas e aos braços do novo marido.

A lua de mel dos dois correu no sentido inverso. Em vez de se conhecerem cada vez melhor, familiarizando-se com as preferências e aversões um do outro, partes do corpo sensíveis a cócegas e ódios declarados, Desdêmona e Esquerdinha procuravam se desfazer da intimidade que tinham. No mesmo espírito de farsa marítima, continuaram a desenovelar falsas histórias a seu próprio respeito, inventando irmãos e irmãs com nomes plausíveis, primos de caráter duvidoso, cunhados e cunhadas com tiques nervosos. Alternavam-se na recitação de genealogias homéricas, cheias de falsificações e empréstimos da vida real, às vezes brigando por esse ou aquele tio favorito, e então barganhando feito diretores de elenco. Gradualmente, à medida que corriam as noites, esses parentes fictícios começaram a se cristalizar em suas mentes. Passaram a testar um ao outro com perguntas sobre obscuras conexões: "Com quem seu primo de segundo grau Yiannis é casado?", provocava

Esquerdinha. E Desdêmona respondia: "Essa é fácil: Athena. Aquela que manca". (E estarei errado ao pensar que minha obsessão pelas relações familiares começou ali mesmo, naquele bote? Minha mãe também não vivia me testando sobre tios e tias e primos? Nunca fez essas perguntas ao meu irmão, ocupado com pás para tirar neve e tratores, ao passo que eu tinha o encargo de fornecer a cola feminina que mantém unidas as famílias, escrevendo notas de agradecimento e lembrando os aniversários e os dias dos santos de todo mundo. Escutem só a genealogia que ouvi sair da boca da minha mãe: "Essa é sua prima Melia. Ela é filha do Stathis, cunhado da tia Lucille, irmã do tio Mike. Sabe o Stathis, aquele carteiro meio devagar? A Melia é a terceira, nasceu depois dos meninos, Mike e Johnny. Você precisava conhecer. Melia! Sua prima torta de casamento!".)

E aqui estou eu agora, esboçando isso tudo para vocês, diligentemente destilando a cola feminina, mas também com uma dorzinha no peito, porque sei que genealogias não dizem nada. Tessie sabia quem era casado com quem, mas não fazia ideia de quem era o próprio marido, ou do que aqueles cunhados eram uns para os outros; a história toda não passava de uma ficção criada no bote em que meus avós inventaram suas vidas.

Sexualmente, as coisas eram simples para eles. O dr. Peter Luce, o grande sexologista, é capaz de citar estatísticas impressionantes que mostram que sexo oral não existia entre casais que celebraram o matrimônio antes de 1950. Meus avós tinham prazer ao fazer amor, mas não conheciam variações. Toda noite Desdêmona se despia, ficando só de espartilho, e Esquerdinha soltava fechos e presilhas, procurando a combinação secreta que abriria as trancas daquele paramento. O espartilho era tudo de que precisavam como afrodisíaco, e para o meu avô ele permaneceu como o emblema erótico de sua vida inteira. Era o espartilho que fazia de Desdêmona

uma novidade. Como eu disse, Esquerdinha tinha vislumbrado a irmã nua, mas o espartilho tinha o estranho poder de fazê-la, de alguma forma, ficar mais nua; transformava-a numa criatura proibida, uma couraça com um interior macio que ele tinha que caçar a duras penas. Quando a fechadura estalava, a criatura se abria; Esquerdinha então rastejava para cima de Desdêmona e eles mal precisavam se mexer; as ondas do oceano faziam todo o trabalho por eles.

A perifescência entre os dois coexistia com um estágio menos apaixonado do vínculo amoroso. O sexo podia, a qualquer momento, dar lugar ao aconchego. De modo que, depois de fazerem amor, ficavam deitados, contemplando através da lona recolhida o céu noturno que passava lá em cima, e tratavam dos assuntos práticos da vida. "Talvez o marido da Lina consiga um emprego pra mim", dizia Esquerdinha. "Ele tem um negócio próprio, não tem?"

"Não sei o que ele faz. A Lina nunca me responde direito quando pergunto."

"Depois que a gente tiver economizado algum dinheiro, posso abrir um cassino. Umas mesas de apostas, um bar, talvez umas apresentações de artistas. E vasos de palmeiras por todo lado."

"Você devia ir pra faculdade. Virar professor, como a mãe e o pai queriam. E precisamos construir um abrigo pros meus casulos, não esqueça."

"Deixe pra lá esses bichos-da-seda. Estou falando de roletas, *rebetika*, bebida, dança. Talvez vender algum haxixe na moita."

"Não vão te deixar fumar haxixe nos Estados Unidos."

"Quem disse?"

E Desdêmona, cheia de certeza, anunciou:

"Não é país pra esse tipo de coisa".

Passaram o que restava da lua de mel no convés, tentando descobrir qual era o macete para passar por Ellis Island. Não era mais tão fácil. Em 1894, tinha sido criada a Liga de Restrição à Imigração. No plenário do Senado americano, Henry Cabot Lodge golpeou um exemplar de *A origem das espécies*, alertando que o influxo de povos inferiores do sul e do leste da Europa ameaçava “a própria constituição de nossa raça”. O Immigration Act de 1917 proibiu trinta e três categorias indesejáveis de entrar nos Estados Unidos, então as discussões, em 1922, no convés do *Giulia*, eram sobre como evitar ser enquadrado em alguma delas. Em lições improvisadas e tensas, analfabetos aprendiam a fingir que sabiam ler; bígamos, a dizer que tinham apenas uma esposa; anarquistas, a negar que tivessem lido Proudhon; cardíacos, a simular vigor físico; epilépticos, a negar suas convulsões; e portadores de doenças hereditárias, a omiti-las. Meus avós, inconscientes de sua mutação genética, se concentraram nas desqualificações mais notórias. Outra das categorias restritivas: “pessoas condenadas por crime ou má conduta envolvendo torpeza moral”. E como subgrupo: “relações incestuosas”.

Evitavam passageiros que pareciam estar com tracoma ou favo. Fugiam de qualquer um que tossisse demais. De vez em quando, para se tranquilizar, Esquerdinha dava uma olhada no certificado que declarava:

ELEUTHERIOS STEPHANIDES  
FOI VACINADO E  
**DESPIOLHADO**  
E SE ENCONTRA LIVRE DE VERMES NESTA DATA  
23 DE SETEMBRO DE 1922  
DESINFECÇÃO MARÍTIMA DE PIREU

Alfabetizados, casados com uma pessoa só (ainda que o/a irmão/irmã), com pendores democráticos, mentalmente estáveis e certificadamente despiolhados, meus avós não viam razão para que viessem a enfrentar dificuldades para ser admitidos. Ambos tinham os exigidos vinte e cinco dólares cada um. Tinham também uma fiadora: a prima Sourmelina. Ainda no ano anterior, a Lei de Cotas havia reduzido o número total de vistos a imigrantes do sul e do leste da Europa de 783 mil para 155 mil. Era praticamente impossível entrar no país sem ter ou um fiador ou notáveis recomendações profissionais. Para aumentar as chances de sucesso, Esquerdinha deixou de lado o livro de frases em francês e começou a memorizar quatro linhas do Novo Testamento na versão da Bíblia do Rei James. O *Giulia* estava abarrotado de fontes privilegiadas com informações sobre o teste de alfabetização. Pessoas de nacionalidades diferentes eram solicitadas a traduzir diferentes trechos das Escrituras. Para os gregos era Mateus 19,12: "Com efeito, há eunucos que nasceram assim, do ventre materno. E há eunucos que foram feitos eunucos pelos homens. E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus".

"Eunucos?", assustou-se Desdêmona. "Quem te disse isso?"

"É uma passagem da Bíblia."

"Que Bíblia? Da Bíblia grega é que não é. Vai perguntar pra mais alguém sobre o que cai nesse teste."

Mas Esquerdinha apontou para as palavras em grego no alto do cartão, depois para as palavras em inglês, embaixo. Repetiu a passagem palavra por palavra, fazendo com que ela a memorizasse, quer entendesse ou não o que estava escrito.

"Já não tínhamos eunucos suficientes na Turquia? Agora vamos ter que falar deles também em Ellis Island?"

"Os americanos deixam entrar qualquer um", brincou Esquerdinha. "Até eunucos."

“Deviam deixar a gente falar grego, se são tão receptivos”, resmungou Desdêmona.

O oceano dava sinais do fim do verão. Uma noite ficou frio demais dentro do bote para fazer estalar a combinação do espartilho. Encolheram-se, então, debaixo de cobertores, e ficaram conversando.

“A Sourmelina vai encontrar a gente em Nova York?”, quis saber Desdêmona.

“Não. Temos que pegar um trem pra Detroit.”

“Por que ela não pode ir encontrar a gente?”

“É muito longe.”

“Tanto faz. Ela não ia chegar no horário mesmo.”

O vento incessante do mar fazia tremular as bordas da lona. Gelo se formava sobre as amuradas do navio. Conseguiam ver dali o topo da chaminé do *Giulia*, a fumaça, em si, visível apenas como um retalho sem estrelas no céu noturno. (Embora eles não soubessem, aquela chaminé listrada e inclinada já anunciava seu novo lar; sussurrava pistas sobre o rio Rouge e a fábrica Uniroyal, e o Seven Sisters e o Two Brothers, mas os dois não escutaram; enrugaram o nariz e se enfurnaram no bote, longe da fumaça.)

E se o cheiro de fumaça de fábrica não tivesse insistido em entrar já na minha história, se Desdêmona e Esquerdinha, que cresceram numa montanha cheirando a pinheiros e jamais poderiam se acostumar ao ar poluído de Detroit, não tivessem se enfurnado no bote, talvez eles tivessem detectado naquele congelante ar marinho um novo aroma: um odor vaporoso de barro e da umidade nas cascas das árvores. Era terra. Nova York. América.

“O que vamos dizer pra Sourmelina sobre a gente?”

“Ela vai entender.”

“E vai ficar de boca fechada?”

“Tem umas coisas que nossa prima prefere que o marido não saiba sobre ela.”

“Da Helen, você diz?”

“Eu não disse nada”, falou Esquerdinha.

Pegaram no sono depois disso e, ao acordarem sob o sol, deram de cara com alguém olhando para eles.

“Dormiram bem?”, perguntou o capitão Kontoulis. “Não precisam de mais um cobertor?”

“Desculpe”, disse Esquerdinha. “Isso não vai se repetir.”

“Não haverá mais ocasião para isso”, falou o capitão e, como prova do que dizia, puxou a cobertura de lona do bote. Desdêmona e Esquerdinha se sentaram. Ao longe, iluminada pelo sol nascente, a silhueta de prédios de Nova York. Não era o desenho normal de uma cidade — não havia domo ou minarete — e os dois levaram um minuto para processar as altas formas geométricas. A névoa ia deixando a baía. Um milhão de vidraças reluziam, róseas. Mais perto, ela própria coroada com raios de sol e num traje clássico grego, a Estátua da Liberdade lhes deu as boas-vindas.

“Que tal? Gostaram?”, quis saber o capitão Kontoulis.

“Já vi tochas demais nesta vida”, disse Esquerdinha.

Mas Desdêmona, dessa vez, foi mais otimista. “Pelo menos é uma mulher”, falou. “Talvez aqui as pessoas não se matem todo santo dia.”

## LIVRO DOIS

# O caldeirão anglófono de Henry Ford

*Quem constrói uma fábrica constrói uma igreja.*

Calvin Coolidge

Detroit sempre foi uma cidade feita de rodas. Muito antes das Big Three e do apelido de “Cidade dos Motores”; antes que alguém, um dia, desse uns malhos dentro de um Thunderbird ou uns amassos num Model T; antes do dia em que um jovem Henry Ford pôs abaixo a parede de sua oficina porque, ao projetar seu “quadriciclo”, tinha pensado em tudo, menos em como aquele troço sairia dali; e quase um século antes que Charles King, numa noite fria de março de 1896, como se no leme de um barco, saísse guiando sua carroça sem cavalos rua abaixo pela St. Antoine, depois pela Jefferson, e rua acima pela Woodward Avenue (onde o motor de dois tempos prontamente se apagou); muito, muito antigamente, quando a cidade era apenas um pedaço de terra roubado dos índios e localizado no estreito que lhe deu o nome, um forte disputado por ingleses e franceses até, exauridas as forças das duas partes, acabar caindo em mãos americanas; nessa época antiga, antes dos carros e dos trevos rodoviários, Detroit já era uma cidade feita de rodas.

Estou com nove anos e seguro a mão rechonchuda e suada do meu pai. Estamos junto de uma janela na cobertura do Hotel

Pontchartrain. Vim à cidade para nosso almoço anual a dois. Visto minissaia sobre leggings em tom fúcsia. Uma bolsa de couro branco envernizado pende do meu ombro numa longa alça.

A janela embaçada tem umas manchas. O lugar é bem alto. Daqui a um minuto vou pedir meus lagostins.

A razão por que a mão do meu pai está suando: ele tem medo de altura. Há dois dias, quando ele disse que podíamos ir aonde eu quisesse, gritei com minha voz esganiçada: “No terraço do Pontch!”. Bem no alto, acima da cidade, no meio de homens de negócios em horário de almoço e corretores graúdos, era lá que eu queria estar. E Milton agora cumpria sua promessa. Apesar do coração disparado, tinha permitido que o maître nos conduzisse para uma mesa junto da janela; de modo que aqui estamos — enquanto um garçom de smoking puxa a cadeira para mim —, e meu pai, apavorado demais para se sentar, começa em vez disso a dar uma aula de história.

Por que estudar história? Para entender o presente ou para evitá-lo? Milton, o rosto azeitonado ficando um pouquinho mais pálido, diz apenas: “Olha lá. Está vendo a roda?”.

E então aperto os olhos para ver. Aos nove anos, sem me importar com os pés de galinha, contemplo a cidade, as ruas que meu pai aponta lá embaixo (embora sem olhar). E ali está ela: a meia calota da praça central, ruas como raios de uma roda: Bagley, Washington, Woodward, Broadway e Madison.

É tudo que resta do famoso Plano Woodward, esboçado em 1807 pelo juiz epônimo, bebedor inveterado. (Dois anos antes, a cidade havia sido devastada pelo fogo, as madeiras e as fazendas, faixas estreitas de terra no assentamento fundado por Cadillac, em 1701, virando fumaça em três dias. E em 1969, com minha visão aguçada, consigo ler os vestígios daquele incêndio na bandeira da cidade, a uns oitocentos metros de distância, no Grand Circus Park: *Speramus*

*meliora; resurget cineribus.* “Esperamos pelo melhor; ressurgirá das cinzas.”)

O juiz Woodward visualizava a nova Detroit como uma Arcádia urbana de hexágonos encadeados. As rodas deveriam ser independentes mas unidas, em consonância com o federalismo da jovem nação, assim como classicamente simétricas, conforme a estética jeffersoniana. Esse sonho nunca virou exatamente realidade. Planejamento é coisa para as grandes cidades do mundo, para Paris, Londres e Roma, para cidades que, em alguma medida, se dedicam à cultura. Detroit, por sua vez, era uma cidade americana, e portanto dedicada ao dinheiro, o que levou a eficiência a prevalecer sobre o design. A partir de 1818, a cidade se espalhou ao longo do rio, barracão por barracão, fábrica por fábrica. As rodas do juiz Woodward foram esmagadas, partidas ao meio, espremidas dentro dos habituais retângulos.

Ou, de outro ponto de vista (de um restaurante instalado num terraço): as rodas não tinham sumido, só mudado de forma. Na altura de 1900, Detroit era o maior centro fabricante de carruagens e vagões. Em 1922, quando meus avós ali chegaram, a cidade fabricava outras coisas que giravam: motores náuticos, bicicletas, charutos enrolados à mão. E, por fim, claro: carros.

Tudo isso era visível do trem. Ao se aproximarem pelos trilhos que corriam ao longo da margem do rio Detroit, Esquerdinha e Desdêmona viram sua nova cidade tomar forma. Fazendas que davam lugar a terrenos cercados e ruas de paralelepípedo. O céu negro de fumaça. Prédios passando rápido, barracões de tijolo pintados com letreiros de estilo pragmático: WRIGHT AND KAY CO... J. H. BLACK & SONS... FOGÕES DETROIT. No rio, barcaças atarracadas, cor de piche, se arrastavam, e gente surgia nas ruas, operários usando macacões imundos, empregados de escritórios ajeitando os suspensórios com os polegares, e em seguida placas de lanchonetes

e hospedarias: SERVIMOS STROH'S — CERVEJA LEGALIZADA... FAÇA DAQUI SUA CASA... REFEIÇÕES A 15 CENTS...

... Essa nova paisagem ia inundando o cérebro dos meus avós, disputando espaço com imagens do dia anterior. Ellis Island surgia das águas feito o palácio de um doge. O Saguão das Bagagens com malas empilhadas até o teto. Foram conduzidos como gado escada acima, até o Saguão de Registro. Com seus números da relação de passageiros do *Giulia* pregados à roupa, formaram uma fila diante de outra fila, esta de inspetores de saúde, os quais examinaram seus olhos e ouvidos, esfregando-lhes em seguida o couro cabeludo e revirando-lhes as pálpebras com abotoadeiras. Um dos médicos, ao verificar que as do dr. Philobosian estavam inflamadas por dentro, interrompeu o exame e marcou, com giz, um X no paletó do doutor, que foi retirado da fila. Meus avós não voltaram a vê-lo. “Ele deve ter pegado alguma doença no barco”, disse Desdêmona. “Ou os olhos estavam vermelhos de tanto chorar.” Enquanto isso, o giz continuava a trabalhar. Marcava a barriga de uma mulher grávida com um Gr. Rabiscava um C sobre o peito de um velho com problemas cardíacos. Diagnósticos de conjuntivite, favo e tracoma eram assinalados com Cj, F e T, respectivamente. Mas, por mais bem treinados que fossem, olhos de médico algum seriam capazes de detectar uma mutação genética recessiva oculta num quinto cromossomo. Dedos não poderiam senti-la. Abotoadeiras não conseguiriam trazê-la à luz...

Agora, no trem, meus avós estavam identificados não mais com seus números de passageiros, mas com crachás de destino: “Ao Condutor: Favor indicar ao portador onde baldear e onde descer do trem, pois esta pessoa não fala inglês. Portador com destino a: Estação Grand Trunk, Detroit”. Sentaram-se lado a lado em assentos não reservados. Esquerdinha olhava pela janela, empolgado. Desdêmona tinha os olhos baixos, fixos em sua caixa de bichos-da-

seda, as bochechas coradas da vergonha e da raiva que viera sofrendo nas trinta e seis horas anteriores.

“É a última vez que alguém corta meu cabelo”, ela disse.

“Você está bonita”, falou Esquerdinha, sem olhar para ela. “Parece uma *Amerikanidha*.”

“Não quero parecer uma *Amerikanidha*.”

Na área de serviços de Ellis Island, Esquerdinha tinha convencido Desdêmona a entrar na tenda da Associação Cristã de Moços. Ela tinha chegado ali de xale e lenço na cabeça e, quinze minutos depois, tinha saído com um vestido de cintura baixa e um chapéu de aba mole cujo formato lembrava um penico. Por baixo do pó de arroz, a raiva flamejava. Como parte da produção, as moças da Associação tinham cortado suas tranças de imigrante.

De um jeito obsessivo, como quem confere a toda hora um rasgo no fundo de um bolso, ela agora enfiava a mão por baixo da aba mole do chapéu para, pela trigésima ou quadragésima vez, sentir o couro cabeludo. “Meu último corte”, disse outra vez. (E manteve a jura. Daquele dia em diante, Desdêmona deixou crescer o cabelo como Lady Godiva, mantendo-o preso com uma rede e lavando-o toda sexta-feira; e só depois que Esquerdinha morreu é que foi cortar aquela enorme massa, que doou a Sophie Sassoon, a qual vendeu o cabelo de Desdêmona por duzentos e cinquenta dólares para um peruqueiro que fez cinco diferentes perucas com ele, uma das quais, dizia Sophie, comprada mais tarde por Betty Ford, na fase pós-Casa Branca e desintoxicação, de modo que pudemos vê-lo na tevê durante o funeral de Richard Nixon, ele, o cabelo da minha avó, repousando sobre a cabeça da mulher do ex-presidente.)

Mas havia outro motivo para a infelicidade de Desdêmona. Ela abriu a caixa de bichos-da-seda que levava no colo. Dentro estavam as duas tranças, ainda atadas com as fitas do luto, mas nada além delas. Depois de ter carregado seus ovos a viagem toda desde

Bithynios, minha avó tinha sido obrigada a descartá-los em Ellis Island. Ovos de bichos-da-seda figuravam na lista de parasitas.

Esquerdinha continuava grudado à janela. O caminho todo, a partir de Hoboken, ele vinha contemplando aquelas esplêndidas visões: bondes elétricos carregando rostos rosados morro acima, em Albany; fábricas brilhando como vulcões na noite de Buffalo. A certa altura, ao acordar com o trem chegando a uma cidade, no alvorecer, Esquerdinha pensou que o prédio de um banco, com suas colunas, fosse o Partenon, e achou que estavam de volta a Atenas.

Agora o rio Detroit corria veloz e a cidade surgia. Esquerdinha olhou aqueles carros estacionados, feito besouros gigantes, junto ao meio-fio das calçadas. Chaminés se elevavam por todo lado, canhões bombardeando a atmosfera. Havia chaminés de tijolos vermelhos e outras altas e prateadas, chaminés enfileiradas como regimentos ou solitárias, soltando meditativamente suas baforadas, uma floresta de chaminés que obscurecia a luz do sol até bloqueá-la completamente. Tudo ficou escuro: tinham chegado à estação.

A Grand Trunk, hoje uma ruína de dimensões espetaculares, era então a tentativa da cidade de se equiparar a Nova York. Sua base era um gigantesco museu neoclássico de mármore, com direito a colunas coríntias e cornijamento entalhado. Sobre esse templo, elevava-se um prédio de escritórios de treze andares. Esquerdinha, que vinha observando tudo que a América herdara da Grécia, chegava agora ao ponto de ruptura. Em outras palavras: o futuro. Ele desceu do trem para encontrá-lo. Desdêmona, sem outra opção, o seguiu.

Mas imaginem o que era aquilo! Grand Trunk! Telefones tocando, ainda um som relativamente novo, numa centena de escritórios de agências de transporte marítimo; e mercadoria sendo despachada para leste e para oeste; passageiros chegando e partindo, parando no Palm Court para um café, ou engraxando os sapatos, sociais para

os funcionários de bancos, com biqueira reforçada para os operários, brancos com faixa preta para os contrabandistas de bebida alcoólica. A Grand Trunk, com seu teto abobadado de ladrilhos Guastavino, com seus candelabros, com seu piso de ardósia galês. Havia uma barbearia com seis cadeiras de barbeiro onde figurões da cidade eram mumificados em toalhas quentes; e banheiras para aluguel; e o saguão dos elevadores, iluminado por translúcidas luminárias de mármore no formato de ovos.

Esquerdinha deixou Desdêmona atrás de uma coluna e foi procurar, em meio à multidão aglomerada na estação, a prima que viria esperá-los. Sourmelina Zizmo, *née* Papadiamandopoulos, era prima dos meus avós e, portanto, minha prima de terceiro grau. Cheguei a conhecê-la, uma velha que gostava de usar cores. Sourmelina da cinza de cigarro sempre prestes a cair. Sourmelina da água azul do banho. Sourmelina dos brunches da Sociedade Teosófica. Usava luvas de cetim até os cotovelos e criou uma longa linhagem de daschunds fedidos e de olhos remelentos. Banquetas baixas espalhavam-se pela casa toda, dando àquelas criaturas de pernas curtas acesso a sofás e espreguiçadeiras. Em 1922, porém, Sourmelina tinha apenas vinte e oito anos. Reconhecê-la nessa multidão da Grand Trunk é tão difícil, para mim, quanto identificar os convidados no álbum de casamento dos meus pais, onde todos os rostos usam o disfarce da juventude. O problema de Esquerdinha era outro. Andou pelo saguão procurando pela prima com quem tinha crescido, uma menina de nariz afilado e boca com o esgar de uma máscara de comédia. O sol vazava pelas claraboias lá no alto. Ele apertou os olhos, inspecionando as mulheres que passavam, até que ela finalmente o chamou: "Aqui, primo. Não me reconhece? Sou eu, a irresistível".

"Lina, é você?"

"Não moro mais no vilarejo."

Nos cinco anos desde sua partida da Turquia, Sourmelina tinha conseguido apagar praticamente tudo que a identificasse como grega, do cabelo, que tingiu de um castanho intenso e agora usava curto e ondulado, ao sotaque, já suficientemente ocidental a ponto de soar vagamente "europeu", dos hábitos de leitura (*Collier's*, *Harper's*) às comidas preferidas (lagosta à termidor, manteiga de amendoim) e, por fim, às roupas. Usava um vestido verde curto, estilo melindrosa, com barra franjada. Os sapatos, combinando na cor, eram de cetim com bicos de lantejoula e tiras delicadas nos tornozelos. Envolto nos ombros, um boá de penas, e na cabeça um *cloche* que fazia oscilar pingentes de ônix sobre as sobrancelhas desenhadas.

Nos segundos seguintes, ofereceu a Esquerdinha todo o benefício de sua garbosa pose americana, mas ainda era Lina lá dentro (debaixo daquele *cloche*), e não demorou a extravasar seu entusiasmo grego. Abriu bem os braços. "Me dá um beijo, primo."

Os dois se abraçaram. Lina colou a bochecha coberta de blush no pescoço dele. Então se afastou para examiná-lo e, caindo na risada, pôs a mão em concha sobre o nariz do primo. "É você mesmo. Eu reconheceria esse nariz em qualquer lugar." O riso se completou com um sacudir de ombros, para cima e para baixo, e ela então passou à etapa seguinte. "E então, cadê ela? Cadê essa sua noiva? O telegrama nem dizia o nome da moça. O que há? Ela está se escondendo?"

"Ela foi... ao banheiro."

"Deve ser linda. Você casou rapidinho. O que fez primeiro, se apresentou ou pediu a moça em casamento?"

"Acho que pedi em casamento."

"E como ela é?"

"Ela parece... com você."

"Ah, querido, não tão bonita."

Sourmelina levou a cigarrilha aos lábios e tragou, perscrutando a multidão. "Pobre Desdêmona! O irmão se apaixonou e a abandonou em Nova York. Como ela está?"

"Bem."

"Por que não veio com você? Não foi por causa de ciúme, foi?"

"Não, nada a ver com isso."

Ela agarrou o braço do primo. "Lemos aqui as notícias do incêndio. *Terrível!* Fiquei tão preocupada até receber sua carta. Foram os turcos que começaram essa história. Eu sei. Mas, claro, meu marido não concorda."

"Não?"

"Uma sugestão, já que vocês vão ficar morando com a gente. Não fale de política com ele."

"Certo."

"E o vilarejo?", quis saber Sourmelina.

"Todo mundo deixou o *horeo*, Lina. Não sobrou nada."

"Se eu não odiasse aquele lugar, talvez derramasse duas lágrimas."

"Lina, tem uma coisa que preciso te explicar..."

Mas Sourmelina olhava em outra direção, batendo o pé. "Talvez ela tenha desmaiado."

"... uma coisa que tem a ver comigo e com a Desdêmona..."

"O quê?"

"... minha esposa... Desdêmona..."

"Então eu tinha razão? Elas não se dão bem?"

"Não... Desdêmona... minha esposa..."

"Que é que tem?"

"São a mesma pessoa." Fez o sinal. Desdêmona saiu de trás da coluna.

"Oi, Lina", disse minha avó. "A gente casou. Segredo."

E assim, pela penúltima vez, a coisa foi dita. De supetão por minha *yia yia*, sob o teto ecoante da Grand Trunk, indo ressoar nos ouvidos meio encobertos pelo *cloche* de Sourmelina. A confissão pairou no ar por um momento, então foi embora com a fumaça do cigarro. Desdêmona enlaçou o braço do marido.

Meus avós tinham todos os motivos para acreditar que Sourmelina manteria segredo. Também trouxera o seu ao vir para a América, um segredo guardado por nossa família até a morte dela, em 1979, quando postumamente foi revelado, como acontece com os segredos de todo mundo, e as pessoas passaram a falar das “namoradas da Sourmelina”. Em outras palavras, um segredo que só se pode dizer que foi guardado pelo mais frouxo dos critérios, de modo que hoje — prestes a vazar a informação — sinto apenas uma leve pontada de culpa filial.

Eis o segredo de Sourmelina (nas palavras da tia Zo): “A ilha foi batizada com aquele nome por causa de mulheres como a Lina”.

Quando menina no *horeo*, Sourmelina tinha sido flagrada em circunstâncias comprometedoras com algumas amigas. “Não muitas”, ela mesma me contou, anos mais tarde, “duas ou três. O pessoal pensa que, se a gente gosta de meninas, gosta de qualquer uma. Eu era seletiva. E as opções não eram muitas.” Lutou contra aquela predisposição por algum tempo. “Procurei a igreja. Não adiantou. Naquela época o melhor lugar pra arranjar namorada era lá. Na igreja! Todas rezando pra serem diferentes.” Quando pegaram Sourmelina não com outra menina, mas com uma mulher-feita, mãe de duas crianças, foi um escândalo. Os pais de Lina tentaram lhe arranjar um casamento, mas não encontraram pretendentes. Maridos já eram coisa bem difícil de achar em Bithynios sem aquele entrave de uma noiva desinteressada e problemática.

Seu pai fez então o que, naquela época, faziam os pais gregos de moças sem perspectivas de casamento: escreveu para a América. Os

Estados Unidos tinham em abundância notas de dólares, rebatedores de beisebol, casacos de pele de guaxinim, joias com pedras de diamante — e imigrantes solitários e solteiros. Com uma foto da futura noiva e um dote considerável, o pai de Lina conseguiu um pretendente para a filha.

Jimmy Zizmo (abreviado de Zisimopoulos) tinha emigrado para a América em 1907, aos trinta anos. Além do fato de que era um negociador duro, a família não sabia muito sobre ele. Na série de cartas que trocou com o pai de Sourmelina, Zizmo negociou o dote na linguagem formal de um advogado, chegando mesmo a exigir um cheque antes do dia do casamento. A fotografia que Sourmelina recebeu mostrava um homem alto e bonito, com um bigode viril, segurando uma pistola numa das mãos e uma garrafa de aguardente na outra. Quando desceu do trem na Grand Trunk, dois meses depois, porém, o baixinho que a recebeu tinha a cara bem barbeada, uma expressão de azedume e a pele encardida de um operário. Essa discrepância talvez tivesse decepcionado uma noiva comum, mas para Sourmelina tanto fazia.

Sourmelina escrevia com frequência contando de sua nova vida nos Estados Unidos, mas se concentrava nas novas modas, ou no seu Aeriola Jr., o rádio que passava horas escutando todos os dias, de fones de ouvido, a mão no dial parando a cada tanto para limpar o pó de carvão que se acumulava no cristal. Jamais mencionava o que quer que fosse com relação àquilo que Desdêmona chamava de “assuntos de cama”, de modo que os primos eram obrigados a ler nas entrelinhas daqueles aerogramas, tentando descobrir, pela descrição de um passeio de carro a Belle Isle, se a cara do marido ao volante era de felicidade ou insatisfação; ou inferindo, a partir de uma passagem sobre o último corte de cabelo de Sourmelina — uma coisa com o nome de *cootie garages* —, se Zizmo alguma vez já tivera autorização para despenteá-la.

Essa mesma Sourmelina, pródiga em segredos próprios, agora tentava entender seus novos companheiros de conspiração. “Casaram? Casar de dormir junto, vocês querem dizer?”

Esquerdinha só conseguiu responder: “É”.

Sourmelina notou a cinza do cigarro pela primeira vez, e deu um peteleco nela. “Que sorte a minha. Foi só sair daquele vilarejo para as coisas começarem a ficar interessantes.”

Mas Desdêmona não podia suportar aquela ironia. Agarrou as mãos de Sourmelina e implorou: “Você precisa prometer que nunca vai contar. Vamos viver nossa vida, vamos morrer, e fim da história”.

“Não vou contar.”

“As pessoas não podem saber nem que eu sou sua prima.”

“Não vou contar pra ninguém.”

“E seu marido?”

“Ele pensa que vim buscar meu primo e sua nova esposa.”

“Você não vai contar nada pra ele?”

“Isso é fácil.” E Lina riu. “Ele não me ouve.”

Sourmelina insistiu que chamassem um carregador para levar as malas até o carro, um Packard preto e bege. Deu uma gorjeta e saltou ao volante, o que atraiu olhares. Uma mulher dirigindo ainda era uma cena escandalosa em 1922. Depois de pousar a cigarrilha no painel, puxou o afogador, esperou os cinco segundos recomendados e apertou o botão de ignição. O capô de lata estremeceu, voltando à vida. Os assentos de couro começaram a vibrar e Desdêmona agarrou o braço do marido. No banco da frente, Sourmelina tirou seu salto alto de tiras de cetim para dirigir descalça. Engatou a marcha e, sem dar atenção ao tráfego, embicou na Michigan Avenue em direção à Cadillac Square. Os olhos dos meus avós estavam vidrados naquela agitação total, bondes que

passavam com estrondo, sinos que tocavam e o tráfego monocromático dobrando à esquerda e à direita. Naquela época, o centro de Detroit vivia cheio de homens de negócios e pessoas indo às compras. Em frente à loja de departamentos Hudson's, a multidão se multiplicava, todos se acotovelando para entrar pelas novas portas giratórias. Lina identificava os lugares: CAFÉ FRONTENAC... FAMILY THEATER... e enormes placas luminosas: RALSTON... CHARUTOS BLACKSTONE MILD 10 CENTS — WAIT & BOND. Lá no alto, um menino de quase dez metros passava MANTEIGA MEADOW GOLD numa torrada de três metros. Um prédio tinha, sobre a entrada, uma fileira de enormes lamparinas a óleo para anunciar uma promoção que ia até o dia 31 de outubro. Tudo rodopiava, era uma algazarra só, Desdêmona recostada no banco de trás do carro e já sofrendo da ansiedade que as facilidades modernas provocariam nela ao longo dos anos, carros principalmente, mas torradeiras também, e irrigadores de gramado e escadas rolantes; enquanto isso, Esquerdinha sorria e balançava a cabeça. Por todo lado se erguiam arranha-céus, grandes salas de cinema e hotéis. Quase todos os grandes prédios de Detroit foram construídos nos anos 1920, o Penobscot e o segundo Buhl Building, colorido como um cinto indígena, a sede da New Union Trust, a Cadillac Tower, o Fisher, com seu telhado dourado. Para os meus avós, Detroit parecia um enorme Koza Han na temporada dos casulos. O que eles não viam eram os trabalhadores que dormiam nas ruas por causa da escassez de moradia, nem o gueto logo ali, a leste, numa área de trinta quarteirões limitada pelas ruas Leland, Macomb, Hastings e Brush, apinhada de afro-americanos que não tinham permissão para viver em nenhum outro lugar da cidade. Não viam, em suma, as sementes da destruição — da segunda destruição — de Detroit, porque eram parte do processo, também, aquela gente toda vinda de todo lugar apostando na promessa de Henry Ford: cinco dólares por dia.

O East Side de Detroit era um tranquilo bairro residencial, com casas à sombra de olmos abrigando uma família cada uma. O sobrado da Hurlbut Street para onde Lina os levou era modesto, de tijolos marrons. Meus avós, ainda no carro, ficaram embasbacados, incapazes de se mover, até que de súbito a porta da frente se abriu e alguém saiu.

Jimmy Zizmo era tantas coisas que nem sei por onde começar. Ervanário amador; antissufragista; caçador de animais de grande porte; ex-presidiário; traficante de drogas; abstêmio — vocês escolhem. Tinha quarenta e cinco anos, quase o dobro da idade da esposa. Parado na varanda mal iluminada, usava um terno barato com camisa de colarinho pontudo que já tinha perdido quase toda a goma. O cabelo preto encaracolado lhe dava a aparência desleixada do solteiro que havia sido por tantos anos, impressão que era reforçada pelo rosto, amarrotado feito uma cama por fazer. As sobrancelhas, porém, eram arqueadas de forma tão sedutora quanto as de uma *nautch girl*, os cílios eram tão volumosos que quase se poderia dizer que ele usava rímel. Mas minha avó não reparou em nada disso. Sua atenção se voltava para outra coisa.

“Um árabe?”, perguntou Desdêmona, assim que ficou a sós com a prima na cozinha. “É por isso que você não falava dele nas cartas?”

“Ele não é árabe. É do Mar Negro.”

“Aqui é a sala”, Zizmo explicava, enquanto isso, a Esquerdinha, a quem estava mostrando a casa.

“Um pontiano!”, Desdêmona arfou, horrorizada, ao mesmo tempo que examinava a geladeira. “Ele não é muçulmano, é?”

“Nem todo mundo no Ponto Euxino se converteu”, riu Lina. “Você acha que é assim, um grego se banha no Mar Negro e vira muçulmano?”

“Mas ele tem sangue turco?” Ela baixou a voz. “É por isso que é tão escurinho?”

“Não sei e não me importa.”

“Vocês podem ficar o tempo que quiserem” — Zizmo agora conduzia Esquerdinha até o andar de cima —, “mas temos algumas regras na casa. A primeira delas, sou vegetariano. Se sua esposa quiser cozinhar carne, vai ter que usar panelas e pratos separados. Nada de uísque também. Você bebe?”

“Às vezes.”

“Sem bebida aqui. Vá até um ponto de venda clandestino, se quiser beber. Não quero encrenca com a polícia. Quanto ao aluguel: vocês acabaram de casar?”

“Sim.”

“Quanto você recebeu de dote?”

“Dote?”

“É. Quanto?”

“Mas você sabia que era velho assim?”, cochichou Desdêmona, no andar de baixo, inspecionando o fogão.

“Pelo menos não é meu irmão.”

“Quieta! Nem brinque com isso.”

“Não recebi nenhum dote”, respondeu Esquerdinha. “A gente se conheceu no navio, vindo pra cá.”

“Não recebeu dote!”, Zizmo parou na escada e se voltou espantado para Esquerdinha. “Então pra que casar?”

“A gente se apaixonou”, disse Esquerdinha. Era a primeira vez que dizia isso a um estranho, o que o fez se sentir feliz e apavorado ao mesmo tempo.

“Se não te pagarem, não case”, falou Zizmo. “Foi por isso que demorei tanto. Estava esperando o melhor preço.” Deu uma piscadela.

“A Lina comentou que você tem seu próprio negócio agora”, disse Esquerdinha, de súbito interessado, seguindo Zizmo banheiro adentro. “Com o que você trabalha?”

“Eu? Com importação.”

“Não sei de que tipo de coisa”, respondeu Sourmelina, na cozinha.  
“Importação. Só sei que ele põe dinheiro em casa.”

“Mas como é que você pode casar com uma pessoa de quem não sabe nada?”

“Pra sair daquele país, Des, eu teria casado com um aleijado.”

“Tenho alguma experiência com importação”, Esquerdinha conseguiu uma brecha quando Zizmo fazia a demonstração da água encanada. “Em Bursa. Na indústria da seda.”

“Sua parte do aluguel é vinte dólares.” Zizmo não pegou a deixa. Puxou a corrente e deixou a água escorrer.

“Na minha opinião”, prosseguia Lina, lá embaixo, “em se tratando de maridos, quanto mais velho, melhor.” Abriu a porta da despensa. “Um marido jovem me procuraria o tempo todo. Cansaria demais.”

“Que vergonha, Lina.” Mas Desdêmona ria agora, sem querer. Era maravilhoso rever a prima, um pedacinho de Bithynios ainda intacto. A despensa escura, cheia de figos, amêndoas, nozes, *halvah* e damascos secos, também a fazia se sentir melhor.

“Mas onde vou conseguir dinheiro pro aluguel?”, desembuchou Esquerdinha, finalmente, quando desciam a escada. “Não tenho mais nenhum. Onde posso trabalhar?”

“Sem problema.” Zizmo abanou a mão. “Vou falar com umas pessoas.” Cruzavam novamente a sala. Zizmo parou e desviou os olhos significativamente para o chão. “Você ainda não elogiou meu tapete de pele de zebra.”

“É muito bonito.”

“Trouxe da África. Eu mesmo abati.”

“Você já esteve na África?”

“Já estive em tudo quanto é lugar.”

Como todo mundo na cidade, espremeram-se na casa. Desdêmona e Esquerdinha dormiam no quarto que ficava exatamente acima do de Zizmo e Lina, e nas primeiras noites minha avó saía da cama para colar o ouvido ao assoalho. "Nada", dizia. "Falei pra você."

"Volte pra cama", ralhava Esquerdinha. "Isso é coisa deles."

"Que coisa? Pois é disso que estou falando. Eles não fazem coisa nenhuma."

No quarto de baixo, Zizmo discutia os novos inquilinos do andar de cima. "Que romântico! Conhece uma moça no navio e casa. Sem dote."

"Tem gente que casa por amor."

"Casamento serve pra arranjar quem cuide da casa e pra ter filhos. Aliás, isso me lembra de uma coisa."

"Por favor, Jimmy, hoje não."

"Quando, então? Cinco anos de casados e nada de filhos. Você está sempre doente, cansada, isso e aquilo. Tem tomado o óleo de rícino?"

"Sim."

"E o magnésio?"

"Sim."

"Ótimo. Precisamos reduzir sua quantidade de bile. Se a mãe tem bile demais, a criança nasce fraca e desobediente."

"Boa noite, *kyrie*."

"Boa noite, *kyria*."

Antes do final da semana, todas as perguntas dos meus avós sobre o casamento de Sourmelina tinham sido respondidas. Por causa da idade, Jimmy Zizmo tratava a jovem companheira mais como filha do que como esposa. Estava o tempo todo lhe dizendo o que podia e o que não podia fazer, esbravejando por causa do preço e dos decotes dos trajes dela, mandando que fosse dormir, que se

levantasse, que falasse, que ficasse quieta. Recusava-se a lhe dar as chaves do carro até ser convencido por beijos e carícias. Sua obsessão nutricional o levava a monitorar, como um médico, o funcionamento do intestino de Lina, e algumas das maiores brigas dos dois resultavam de seus interrogatórios sobre as fezes da esposa. Quanto a relações sexuais, tinham acontecido, mas não recentemente. Nos últimos cinco meses, Lina vinha se queixando de doenças imaginárias, preferindo as ervas medicinais do marido a suas atenções amatórias. Zizmo, por sua vez, cultivava vagas crenças iogues sobre os benefícios mentais da retenção de sêmen, e por isso se dispunha a esperar até que a mulher tivesse recuperado a vitalidade. A casa tinha ambientes segregados pelo sexo, da mesma forma que as casas da *patridha*, o velho país, homens na sala, mulheres na cozinha. Duas esferas com preocupações, responsabilidades e até mesmo — talvez dissessem os biólogos evolucionistas — padrões de pensamento diferentes. Esquerdinha e Desdêmona, acostumados à antiga casa, foram obrigados a se adaptar aos hábitos de seus novos senhorios. Além disso, meu avô precisava de um emprego.

\* \* \*

Naquele tempo, havia muitos fabricantes de carros para os quais era possível trabalhar. Chalmers, Metzger, Brush, Columbia e Flanders. Hupp, Paige, Hudson, Krit, Saxon, Liberty, Rickenbacker e Dodge. Jimmy Zizmo, porém, tinha conhecidos na Ford.

“Sou fornecedor deles”, explicou.

“Do quê?”

“Combustíveis variados.”

Estavam no Packard outra vez, vibrando sobre pneus estreitos. Caía uma garoa fina. Esquerdinha apertou os olhos para enxergar

através do para-brisa embaçado. Pouco a pouco, à medida que se aproximavam do destino pela Michigan Avenue, ele começou a notar o monólito ao longe, uma construção que parecia um gigantesco órgão de igreja, tubos apontados para o céu.

E havia um cheiro também: o mesmo que subiria o rio, anos mais tarde, para me encontrar em minha cama ou no gol do time de hóquei. Assim como meu próprio nariz, também aquilino, naqueles tempos o de meu avô já estava em alerta. Suas narinas se dilataram. Ele inalou. De início o cheiro era reconhecível, parte do reino orgânico dos ovos podres e do adubo. Mas, passados alguns segundos, as propriedades químicas no ar passaram a irritar-lhe as narinas, e ele cobriu o nariz com um lenço.

Zizmo riu. "Não se preocupe. Você vai se acostumar."

"Não, não vou."

"Quer saber qual é o segredo?"

"Qual?"

"Não respire."

Chegando à fábrica, Zizmo o levou ao departamento de pessoal.

"Faz quanto tempo que ele mora em Detroit?", o gerente quis saber.

"Seis meses."

"Você pode comprovar?"

Zizmo agora falava baixo. "Posso passar na sua casa e deixar lá todos os documentos necessários."

O gerente olhou para um lado e para o outro. "Mercadoria original?"

"Só coisa fina."

O chefe projetou o lábio inferior, examinando meu avô. "Como é o inglês dele?"

"Não tão bom quanto o meu. Mas aprende rápido."

"Vai ter que fazer o curso e passar na prova. Senão está fora."

“Fechado. Agora, se o senhor puder me passar seu endereço, para agendarmos a entrega. Segunda à noite, digamos, às oito e meia, é conveniente?”

“Chegue pela porta dos fundos.”

O curto período em que meu avô ficou empregado na Ford Motor Company marcou a única passagem de um Stephanides pela indústria automobilística. Em vez de fabricar carros, viramos produtores de hambúrgueres e saladas gregas, industriais da *spanakópita* e dos queijos quentes, tecnocratas do arroz-doce e da torta de creme de banana. Nossa linha de montagem era a grelha; nosso maquinário pesado, a máquina de refrigerantes. Ainda assim, aquelas vinte e cinco semanas nos proporcionaram uma ligação pessoal com o sólido, temível e assombroso complexo que víamos da estrada, um Vesúvio controlado, movido a calhas, canos, escadas, passarelas, fogo e fumaça, e conhecido, como uma praga ou um monarca, simplesmente pelo nome de uma cor: era “o Rouge”.

Em seu primeiro dia de trabalho, Esquerdinha entrou na cozinha desfilando seu macacão novo. Abriu os braços enfiados em mangas de flanela e estalou os dedos, dando passinhos de dança com as botas de operário, então Desdêmona soltou uma risada e, para evitar acordar Lina, fechou a porta. Esquerdinha tomou o café da manhã, iogurte com ameixas secas, enquanto lia um exemplar velho por alguns dias de um jornal grego. Desdêmona acomodou o almoço grego do marido, queijo tipo *feta*, azeitonas e pão, num novo recipiente americano: um saco de papel pardo. À porta dos fundos, quando ele se virou para beijá-la, ela recuou, com medo de que alguém pudesse vê-los. Mas então se lembrou de que estavam casados agora. Viviam num lugar chamado Michigan, aonde os passarinhos pareciam vir de uma só cor, e onde ninguém os conhecia. Desdêmona voltou a dar um passo à frente e tocou os lábios do marido. O primeiro beijo do casal na imensidão americana,

na varanda dos fundos, junto a uma cerejeira cujas folhas começavam a cair. Uma breve chama de felicidade se acendeu dentro dela e ali ficou, chovendo faíscas, até Esquerdinha dar a volta até a frente da casa e desaparecer.

O bom humor acompanhou meu avô por todo o trajeto até o ponto do bonde. Outros operários já estavam por ali à espera, descontraídos, fumando cigarros e fazendo brincadeiras. Esquerdinha reparou em suas marmitas de metal e, envergonhado, escondeu seu saco de papel atrás das costas. O bonde se anunciou, de início, como uma vibração nas solas de suas botas. Então a silhueta surgiu contra o sol nascente, a própria carruagem de Apolo, só que elétrica. No interior do veículo, os rapazes formavam grupos conforme a língua. Caras lavadas para ir trabalhar, mas os ouvidos ainda cheios de fuligem muito preta. O bonde acelerou. Logo a atmosfera animada se dissipou e não se ouvia mais língua nenhuma. Perto do centro, alguns negros embarcaram, mas ficaram do lado de fora, de pé nos estribos e se segurando no teto.

Foi quando o Rouge apareceu recortado contra o céu, emergindo em meio à fumaça que produzia. Num primeiro momento, só era possível enxergar o topo das oito chaminés principais. De cada uma nascia uma nuvem negra, a qual, junto com as demais, subia e se fundia a um manto maior que pairava sobre a paisagem, projetando uma sombra que corria pelos trilhos do bonde; Esquerdinha compreendeu que o silêncio dos companheiros vinha do reconhecimento daquela sombra, de sua aproximação inevitável a cada manhã. Quando ela se fez presente, os rapazes viraram as costas, de modo que somente Esquerdinha viu a luz sumir do céu e a sombra os envolver e os rostos dos homens se acinzentarem e um dos *mavros* viajando nos estribos do bonde cuspir sangue na calçada. O cheiro tomou o interior do bonde, primeiro de ovos e adubo, suportável, depois a nódoa química insuportável, e

Esquerdinha olhou para os outros homens para ver se estavam registrando aquilo, mas não, não estavam, embora continuassem respirando. As portas se abriram e todos saíram em fila. Através da fumaça, Esquerdinha enxergou outros bondes largando ali outros operários, centenas e centenas de figuras cinzentas se arrastando pelo pátio calçado que levava aos portões da fábrica. Caminhões passavam por ali, e Esquerdinha se deixou guiar pelo fluxo de trabalhadores do próximo turno, cinquenta, sessenta, setenta mil deles terminando apressados seus últimos cigarros ou despejando suas últimas palavras — pois, ao se aproximarem da fábrica, tinham começado a falar novamente, e não porque tivessem algo a dizer, mas porque, daqueles portões para dentro, a linguagem não era permitida. O prédio principal, uma fortaleza de tijolos escuros, tinha sete andares de altura e dezessete chaminés. Dali corriam duas calhas encimadas por reservatórios de água, os quais conduziam a plataformas de observação e às refinarias adjacentes, equipadas com chaminés menos impressionantes. O conjunto parecia um bosque, como se as oito chaminés principais do Rouge tivessem lançado sementes ao vento, e agora dez, vinte ou cinquenta caules menores brotassem do solo infértil em torno da fábrica. Esquerdinha podia ver agora os trilhos do bonde, os enormes silos ao longo do rio, o gigantesco depósito de carvão, coque e minério de ferro, e as passarelas lá no alto, suspensas de um lado ao outro como aranhas enormes. Antes de ser sugado porta adentro, ainda vislumbrou um cargueiro e um pedaço do rio cujo nome foi dado por exploradores franceses inspirados em sua cor avermelhada, quando a água ainda não havia se tornado laranja dos despejos industriais ou se incendiado.

Fato histórico: as pessoas deixaram de ser humanas em 1913. Foi quando Henry Ford colocou seus carros em esteiras e fez seus operários se adaptarem à velocidade da linha de montagem. De

início, os trabalhadores se rebelaram. Demitiram-se em bando, incapazes de habituar seus corpos ao ritmo da nova era. Desde então, a adaptação se fez geração após geração: todos nós a herdamos em alguma medida, tanto que nos plugamos direitinho a joysticks e controles remotos, prontos para toda espécie de movimentos repetitivos.

Mas em 1922 ser uma máquina ainda era novidade.

No chão de fábrica, meu avô foi treinado para sua atividade em dezessete minutos. A genialidade do novo método de produção se devia, em parte, à divisão do trabalho em tarefas não especializadas. Assim, qualquer um podia ser contratado. E qualquer um podia ser demitido. O supervisor mostrou a Esquerdinha como tirar um mancal da esteira rolante, esmerilhá-lo num torno mecânico e devolvê-lo à esteira. Cronometrou as tentativas do novo funcionário. Então, com um aceno, conduziu Esquerdinha a sua posição na Linha. À sua esquerda, um sujeito chamado Wierzbicki; à direita, um chamado O'Malley. Por um momento, são três homens que esperam juntos. E aí soa o apito.

A intervalos de catorze segundos, Wierzbicki escareia um mancal, e Stephanides esmerilha um mancal, e O'Malley encaixa um mancal num eixo de controle de válvulas, o qual segue na esteira, ziguezagueando pela fábrica, atravessando suas nuvens de poeira metálica, suas névoas ácidas, até outro operário, quase cinquenta metros adiante, alcançar e voltar a tirar da esteira o eixo para ajustá-lo ao bloco do motor (vinte segundos). Simultaneamente, outros operários desengatam, de esteiras adjacentes, outras peças — o carburador, o distribuidor, o coletor — e as conectam também ao bloco do motor. Acima de suas cabeças abaixadas, enormes hastes socam pilões movidos a vapor. Ninguém diz uma palavra. Wierzbicki escareia um mancal, e Stephanides esmerilha um mancal, e O'Malley encaixa um mancal num eixo de controle de válvulas. O

eixo circula pelo chão da fábrica até que uma mão o alcance, no alto, descendo-o para ser encaixado ao bloco do motor, que agora vai parecendo cada vez mais excêntrico, com seu emaranhado de tubos e sua plumagem de pás de ventoinhas. Wierzbicki escareia um mancal, e Stephanides esmerilha um mancal, e O'Malley encaixa um mancal num eixo de controle de válvulas. Enquanto isso, outros operários parafusam o filtro de ar (dezessete segundos) e afixam o motor de partida (vinte e seis segundos) e instalam o volante. É quando o motor fica pronto e um último homem o despacha...

Só que esse não é o último homem. Lá embaixo, há outros que recebem o motor ao mesmo tempo que o chassi. Encaixam o motor à transmissão (vinte e cinco segundos). Wierzbicki escareia um mancal, e Stephanides esmerilha um mancal, e O'Malley encaixa um mancal num eixo de controle de válvulas. Meu avô enxerga apenas o mancal à sua frente, suas mãos o removem da esteira para esmerilhá-lo e colocá-lo de volta, e outro que chega. Seguindo a esteira sobre sua cabeça no sentido contrário, há os rapazes que destacam os mancais dos moldes e jogam nas fornalhas os lingotes; e, ainda fazendo o trajeto inverso, antes fica a Fundição, onde trabalham os Pretos, olhos protegidos contra o calor e a luz infernais. Alimentam o Alto-Forno com minério de ferro e, usando conchas, despejam aço fundido nas matrizes. Precisam despejar na velocidade exata — rápido demais, os moldes se desintegram; muito devagar, o aço endurece. Não podem parar nem mesmo para tirar dos braços os pedacinhos de metal flamejante. Às vezes o supervisor faz isso para eles; às vezes, não. A Fundição é o recesso mais profundo do Rouge, seu coração derretido, mas a Linha retrocede ainda mais. Estende-se para fora da fábrica, até os amontoados de carvão e coque; até o rio, onde os cargueiros atracam para descarregar o minério de ferro, e é quando a Linha se confunde com o próprio rio, serpenteando curso acima pelas florestas do norte e

chegando à nascente, que é a terra mesma, o calcário e o arenito debaixo dela; e dali voltamos pela Linha, do subsolo ao rio, aos cargueiros e, finalmente, aos guindastes, pás e fornalhas onde aço fundido é despejado em moldes, resfriado e transformado em peças de carros — engrenagens, eixos de transmissão e tanques de combustível de Fords Model T, ano 1922. Wierzbicki escareia um mancal, e Stephanides esmerilha um mancal, e O'Malley encaixa um mancal num eixo de controle de válvulas. Acima e atrás deles, em angulações variadas, operários enchem de areia as matrizes, ou inserem pequenos dutos nos moldes, ou colocam as caixas de fundição no forno de cúpula. A Linha não é uma só, mas muitas que se bifurcam e intersectam. Outros trabalhadores destacam dos moldes as partes da carroceria (cinquenta segundos), juntam-nas (quarenta e dois segundos) e fazem a soldagem (um minuto e dez segundos). Wierzbicki escareia um mancal, e Stephanides esmerilha um mancal, e O'Malley encaixa um mancal num eixo de controle de válvulas. O eixo sobrevoa o chão da fábrica até que um dos homens o apanha do gancho, fixa ao bloco do motor, cada vez mais excêntrico agora, com ventiladores, tubos e velas. E então o motor está pronto. Um operário o despacha para baixo, onde se encaixa num chassi que se aproxima, enquanto outros três homens tiram do forno uma carroceria, o acabamento preto tostado até brilhar, de modo que os rapazes conseguem ver o próprio rosto refletido ali, e por um momento se reconhecem, antes de enfim baixar a carroceria sobre o chassi que vem ao seu encontro. Um dos operários salta para o banco da frente (três segundos), aciona a ignição (dois segundos) e leva o automóvel embora.

De dia, nenhuma palavra; de noite, centenas. Toda noite, ao final do expediente, meu avô, exausto, saía da fábrica e se arrastava até

um prédio vizinho, sede da Ford English School. Sentava-se à sua carteira com o livro de exercícios aberto diante dele. A carteira parecia vibrar e se deslocar no assoalho à velocidade da Linha, três quilômetros e meio por hora. Erguia os olhos para o alfabeto da língua inglesa correndo numa faixa pregada às paredes da sala de aula. Ao seu redor, acomodados em fileiras, outros homens se debruçavam sobre livros idênticos. Cabelo duro do suor seco, olhos vermelhos da poeira metálica, mãos em carne viva, eles recitavam obedientes, feito um coral de meninos:

“Os funcionários devem usar muito sabão em casa.

“Não há nada tão importante para uma vida correta quanto a limpeza.

“Não cuspa no chão de casa.

“Não deixe que a casa tenha moscas.

“As pessoas mais avançadas são as mais limpas.”

Às vezes, as lições de inglês continuavam no trabalho. Na semana em que o supervisor deu uma palestra sobre aumento de produtividade, Esquerdinha ficou mais rápido em sua função, passando a esmerilhar um mancal a intervalos de doze segundos, em vez de catorze. Quando voltava do banheiro, mais tarde, encontrou seu torno rabiscado com a palavra RATO. A correia tinha sido cortada. Encontrou uma nova no cesto do equipamento, mas, a essa altura, uma sirene já soava. A Linha havia parado.

“Que diabos há com você?”, o supervisor gritou com ele. “Toda vez que a linha de montagem para, perdemos dinheiro. Se acontecer de novo, você está fora. Entendido?”

“Entendido.”

“Ok! Liga ela de novo!”

E a Linha voltou a funcionar. Assim que o supervisor saiu, O'Malley olhou para um lado e para o outro, depois se inclinou e sussurrou:

“Não tente ser o rei da velocidade. Entendido? Senão todo mundo vai ter que trabalhar mais rápido”.

Desdêmona ficava em casa e cozinhava. Sem bichos-da-seda dos quais tomar conta ou galhos de amoreira para cortar, sem vizinhas com quem fofocar ou cabras para ordenhar, minha avó preenchia o tempo com comida. Enquanto Esquerdinha esmerilhava mancais sem parar, Desdêmona fabricava *pastitsios*, mussacas e *galactobourekos*. Cobria a mesa da cozinha de farinha e, usando um cabo de vassoura desbotado, achatava a massa folhada até ficar fina como papel. As folhas iam saindo de sua linha de montagem, uma após a outra. Enchiam a cozinha. Abarrotavam a sala de estar, onde ela havia antes forrado os móveis com lençóis. Desdêmona percorria sua linha de uma ponta à outra, adicionando nozes, manteiga, mel, espinafre, queijo, depois acrescentando mais camadas de massa, e mais manteiga para, enfim, levar cada unidade montada ao forno. No Rouge, operários desabavam no chão de calor e cansaço, enquanto na Hurlbut Street minha avó fazia jornada dupla. Levantava pela manhã para preparar o café e embrulhar o almoço do marido, em seguida marinava um pernil de cordeiro em vinho e alho. À tarde era a vez da produção própria de salsichas, temperadas com funcho e penduradas nos canos de aquecimento do porão. Começava a cuidar do jantar às três, e só quando a comida já estava no fogo é que fazia uma pausa, sentando-se à mesa da cozinha para consultar seu livro de interpretação de sonhos, procurando significados para o que tinha sonhado na noite anterior. Nunca havia menos do que três panelas no fogão. De vez em quando, Jimmy Zizmo trazia para casa um de seus sócios, sempre algum sujeito corpulento, fez enterrado na cabeçorra. Desdêmona servia essa gente a qualquer hora do dia. Em seguida os homens saíam, de volta à cidade. Ela fazia a faxina.

A única coisa que se recusava a fazer era ir às compras. Os mercados americanos a deixavam confusa. Achava deprimente a qualidade dos produtos. Mesmo muitos anos depois, ao ver uma maçã comprada em supermercado, ela a erguia no ar, ridicularizando: "Isto é uma porcaria. É coisa que a gente daria pras cabras". Entrar num mercado local era sentir falta do sabor dos pêssegos, figos e castanhas de Bursa. Já em seus primeiros meses na América, Desdêmona começou a sofrer de certa "saudade de casa que não tem cura". De modo que era Esquerdinha quem, depois do trabalho na fábrica e das aulas de inglês, passava para comprar o cordeiro e os vegetais, os temperos e o mel.

E assim foram vivendo... um mês... três... cinco. Sofreram no primeiro inverno em Michigan. Numa noite de janeiro, logo depois da uma da manhã, Desdêmona Stephanides dorme usando seu odiado chapéu da Associação Cristã de Moços, tentando se proteger do vento que atravessa as paredes finas. Um aquecedor suspira e estala. À luz de uma vela, Esquerdinha termina a lição de casa, caderno acomodado sobre os joelhos, lápis na mão. E vindo da parede: um farfalhar. Ergue a cabeça e vê o brilho de um par de olhos vermelhos num buraco do rodapé. Escreve R-A-T-O antes de atirar o lápis contra o peste. Desdêmona continua a dormir. Ele afaga seus cabelos. Diz: "Hello, sweetheart". O novo país e a nova língua ajudam a deixar o passado um pouco mais para trás. A figura que dorme a seu lado, a cada noite que passa, é cada vez menos sua irmã e mais sua esposa. A lei que proíbe se autocancela, dia a dia; a lembrança do crime vai sendo apagada. (Mas o que os humanos esquecem, as células lembram. O corpo, esse elefante...)

Chegava a primavera de 1923. Meu avô, habituado às múltiplas possibilidades de conjugação dos verbos do grego antigo, achou o inglês, embora repleto de incoerências, uma língua relativamente fácil de dominar. Depois de ter engolido uma boa fatia do

vocabulário, começou a saborear os ingredientes familiares, o tempero grego nas raízes, prefixos e sufixos. Uma cerimônia estava prevista para marcar a formatura na Ford English School. Como um dos melhores alunos, Esquerdinha foi convidado a participar.

“Que tipo de cerimônia?”, quis saber Desdêmona.

“Não posso contar. É surpresa. Mas você precisa fazer uma roupa pra mim.”

“Que tipo de roupa?”

“Como as que eu usava na *patridha*.”

Era uma noite de quarta-feira. Esquerdinha e Zizmo estavam na sala quando, de repente, Lina entrou para escutar *The Ronnie Ronnette Hour*. Zizmo lançou à esposa um olhar de desaprovação, mas ela se apressou a colocar os fones de ouvido.

“Ela pensa que é uma dessas *Amerikanidhes*”, disse Zizmo a Esquerdinha. “Olha aí. Está vendo? Até cruza as pernas.”

“Aqui é a América”, falou Esquerdinha. “Somos todos *Amerikanidhes* agora.”

“Aqui não é a América”, retrucou Zizmo. “Aqui é minha casa. Não vivemos como os *Amerikanidhes* aqui. Sua esposa entende isso. Por acaso ela fica aqui na sala, mostrando as pernas e escutando rádio?”

Alguém bateu na porta. Zizmo, que tinha inexplicável aversão a visitas inesperadas, ficou de pé de um salto e enfiou a mão dentro do paletó. Fez sinal para que Esquerdinha não se movesse. Lina, percebendo que havia alguma coisa, tirou os fones. Novas batidas. “*Kyrie*”, disse Lina, “se tivessem vindo te matar, você acha que iam bater na porta?”

“Matar quem?!”, perguntou Desdêmona, vindo apressada da cozinha.

“Só maneira de falar”, disse Lina, que sabia mais dos negócios de importação do marido do que tinha dado a entender. A passos leves, foi atender a porta.

Dois homens estavam de pé sobre o capacho. Vestiam ternos cinza, gravatas listradas, sapatos pretos de couro. Usavam costeletas curtas. Carregavam pastas executivas combinadas. Ao removerem os chapéus, revelaram idênticos cabelos castanhos, caprichosamente repartidos ao meio. Zizmo tirou a mão do paletó.

“Somos do Departamento Sociológico da Ford”, falou o mais alto.  
“O sr. Stephanides está?”

“Pois não?”, disse Esquerdinha.

“Sr. Stephanides, deixe-me explicar por que estamos aqui.”

“Nossa gerência calculou”, o mais baixo continuou de pronto, “que cinco dólares por dia, nas mãos de certos rapazes, podem vir a causar tremendos prejuízos em termos de retidão e vida correta e talvez façam desses elementos uma ameaça à sociedade em geral.”

“De modo que o sr. Ford determinou” — o mais alto retomou a palavra — “que nenhum homem receberá esse dinheiro se não for capaz de usá-lo de forma sensata e comedida.”

“E ainda” — novamente o mais baixo —, “se um dos rapazes parecer qualificado e depois revelar fraquezas, é da alçada da empresa suspender a participação desse cidadão nos nossos lucros até que se reabilite. Podemos entrar?”

Assim que cruzaram o batente da porta, os dois se separaram. O mais alto pegou um bloco de anotações na pasta. “Vou lhe fazer algumas perguntas, se o senhor não se incomoda. O senhor bebe, sr. Stephanides?”

“Não, ele não bebe”, respondeu Zizmo por ele.

“E quem é o senhor, se não se importa de eu perguntar?”

“Meu nome é Zizmo.”

“O senhor é inquilino aqui?”

“A casa é minha.”

“Então o sr. e a sra. Stephanides é que são os inquilinos?”

“Correto.”

“Não vai dar certo. Não vai dar certo”, falou o mais alto. “Incentivamos nossos funcionários a adquirirem hipotecas.”

“Ele está trabalhando pra isso.”

Nesse meio-tempo, o mais baixo tinha entrado na cozinha. Destampava panelas, abria a porta do forno, bisbilhotava a lata de lixo. Desdêmona quis reclamar, mas com um olhar Lina a refreou. (E reparem como o nariz de Desdêmona começou a ter pequenas contrações. Faz dois dias que seu olfato está extremamente sensível. As comidas começam a ter odores estranhos para ela, o queijo *feta* parecendo cheirar a meias sujas, as azeitonas a cocô de cabra.)

“Com que frequência o senhor toma banho, sr. Stephanides?”

“Todo dia, senhor.”

“Com que frequência o senhor escova os dentes?”

“Todo dia, senhor.”

“E usando o quê?”

“Bicarbonato de sódio.”

Nesse momento o mais baixo subia a escada. Invadiu o quarto dos meus avós e inspecionou a roupa de cama. Entrou no banheiro e examinou a privada.

“De agora em diante, use isto”, disse o mais alto. “É dentifrício. E aqui está: uma nova escova de dentes.”

Desconcertado, meu avô pegou os produtos. “Somos de Bursa”, explicou. “É uma cidade grande.”

“Escove ao longo da linha das gengivas. Para cima nos dentes de baixo, para baixo nos de cima. Dois minutos, de manhã e à noite. Experimente fazer.”

“Somos gente civilizada.”

“Se estou entendendo, o senhor se recusa a seguir instruções de higiene.”

“Escuta aqui”, falou Zizmo. “Os gregos construíram o Partenon e os egípcios as pirâmides quando os anglo-saxões ainda se vestiam

com peles de animais.”

O mais alto deu uma boa encarada em Zizmo e fez uma anotação em seu bloco.

“Assim?”, disse meu avô. Com um esgar medonho, movimentava a escova para cima e para baixo na boca seca.

“Isso. Ótimo.”

O mais baixo agora ressurgia vindo do andar de cima. Abriu seu bloco de anotações e começou: “Item um. Lata de lixo da cozinha não tem tampa. Item dois. Mosca na mesa da cozinha. Item três. Muito alho na comida. Causa indigestão”.

(É quando Desdêmona localiza o culpado: o cabelo do mais baixo. O cheiro da brilhantina lhe dá náusea.)

“Muita consideração dos senhores virem até aqui, preocupados com a saúde de seu funcionário”, falou Zizmo. “Não gostaríamos de ver ninguém ficar doente, não é mesmo? Pode baixar a produtividade.”

“Vou fingir que não ouvi isso”, disse o mais alto. “Uma vez que o senhor não é, oficialmente, funcionário da Ford Motor Company. Porém” — voltando-se para o meu avô — “devo informá-lo, sr. Stephanides, de que farei uma observação, em meu relatório, sobre suas relações sociais. Recomendarei que o senhor e a sra. Stephanides se mudem para uma casa própria assim que isso for financeiramente viável.”

“E, se me permite, qual é sua ocupação, senhor?”, quis saber o mais baixo.

“Trabalho com transporte marítimo”, falou Zizmo.

“Muito gentil a visita dos senhores”, Lina entrou na conversa. “Mas, se puderem nos dar licença, estávamos nos preparando pra jantar. Temos que ir à igreja hoje. E, claro, o Esquerdinha precisa estar na cama às nove pra poder descansar. Ele gosta de estar novo em folha pela manhã.”

“Isso é bom. Ótimo.”

Puseram os chapéus ao mesmo tempo e partiram.

E assim chegamos às semanas que antecederam a cerimônia de formatura. Desdêmona está confeccionando um colete *palikari*, bordado em vermelho, branco e azul. Esquerdinha está saindo do trabalho na sexta à noite e cruzando a Miller Road para receber seu pagamento no caminhão blindado. Esquerdinha, de novo, na tarde da formatura, está pegando o bonde até Cadillac Square e entrando na Trajes de Ouro. Jimmy Zizmo o encontra ali para ajudar na escolha do terno.

“Já é quase verão. Que tal alguma coisa num tom creme? Com uma gravata de seda amarela?”

“Não. O professor de inglês falou. Tem que ser azul ou cinza.”

“Querem te transformar num protestante. Não deixe!”

“Vou levar o terno azul, por favor, obrigado”, disse Esquerdinha no seu melhor inglês.

(E também o dono da loja parece dever algum favor a Zizmo. Dá um desconto de vinte por cento.)

Enquanto isso, na Hurlbut Street, o padre Stylianopoulos, sacerdote principal da Igreja Ortodoxa Grega da Assunção, finalmente vem abençoar a casa. Desdêmona, nervosa, observa o padre beber a dose de Metaxa que lhe ofereceu. Quando ela e Esquerdinha entraram para a congregação, o velho padre tinha cumprido a formalidade de perguntar se os dois eram casados na tradição ortodoxa. Desdêmona respondeu que sim. Havia sido criada acreditando que padres são capazes de dizer se alguém está falando a verdade ou não, mas Stylianopoulos, na ocasião, apenas balançou a cabeça e anotou os nomes do casal no livro de registro da igreja. E agora ele depõe seu copo sobre a mesa. Fica de pé e recita a

bênção, aspergindo água benta no umbral da porta. Antes que tenha terminado, porém, o nariz de Desdêmona volta a entrar em ação. Consegue saber o que o padre almoçou. Consegue sentir o aroma que exalam suas axilas quando faz o sinal da cruz. À porta, ao se despedir, ela prende a respiração. "Obrigada, padre. Obrigada." Stylianopoulos vai embora. Mas não adianta. Assim que ela volta a inalar algum ar, sente o adubo das floreiras e o repolho que a sra. Czeslawski está cozinhando na casa vizinha e o que ela poderia jurar ser um pote de mostarda aberto em algum lugar, perfumes que lhe caem mal, e ela leva a mão à barriga.

Justo nesse momento a porta do quarto se abre. É Sourmelina quem sai dali. Pó de arroz e blush cobrem um lado de seu rosto; o outro, sem maquiagem, parece esverdeado. "Está sentindo algum cheiro?", ela pergunta.

"Estou. Sinto o cheiro de tudo."

"Ah, meu Deus."

"Que foi?"

"Não achei que isso fosse acontecer comigo. Com você, talvez. Mas não comigo."

E agora estamos no Arsenal da Guarda Ligeira de Detroit, mais tarde na mesma noite, às sete. Uma plateia de duas mil pessoas se acomoda, enquanto a luz ambiente é diminuída. Proeminentes homens de negócios se cumprimentam com apertos de mão. Jimmy Zizmo, envergando um terno novo em tom creme e gravata amarela, cruza as pernas, balançando um sapato bicolor. Lina e Desdêmona estão de mãos dadas, em misteriosa união.

A cortina se abre com arquejos e alguns aplausos esparsos da plateia. Um pano de fundo pintado exhibe um navio a vapor, duas enormes chaminés e um pedaço de convés com amurada. Uma prancha de desembarque liga esse cenário ao outro ponto de destaque no palco: um caldeirão cinzento gigante, adornado com os

dizeres o MELTING POT DA FORD ENGLISH SCHOOL. Uma melodia folclórica europeia começa a tocar. De repente, surge na prancha uma figura solitária. Usando um traje típico dos Bálcãs, com colete, calças bufantes e botas de couro de cano alto, o imigrante carrega suas posses numa trouxa amarrada a uma vara. Olha em torno, apreensivo, e desce para o caldeirão.

“Propaganda”, murmura Zizmo em sua cadeira.

Lina o manda ficar quieto.

Agora é a SÍRIA que segue para o caldeirão. Depois a ITÁLIA. POLÔNIA. NORUEGA. PALESTINA. E finalmente: GRÉCIA.

“Olha, é o Esquerdinha!”

Trajando o colete *palikari* bordado, um *poukamiso* de mangas bufantes e uma saia *foustanella* plissada, meu avô desce a prancha. Para por um momento, encarando a plateia, mas a luz forte o cega. Não consegue enxergar minha avó, que olha para ele quase explodindo com seu segredo. ALEMANHA o cutuca nas costas. “*Macht schnell*. Com licença. Ande mais rápido.”

Na primeira fila, Henry Ford balança a cabeça em sinal de aprovação, se divertindo com o espetáculo. A sra. Ford cochicha alguma coisa em seu ouvido, mas ele dispensa o comentário dela com um aceno. Os olhos azuis de gaivota de Ford dardejам rosto a rosto quando os professores de inglês surgem no palco. Eles carregam colheres compridas que mergulham dentro do caldeirão. As luzes ficam vermelhas e piscam enquanto os instrutores mexem seu conteúdo. Vapor sobe do palco.

Dentro do caldeirão, os rapazes se espremem, despindo os trajes de imigrantes e vestindo ternos. Pernas e braços se enroscam, pés pisam uns sobre os outros. Esquerdinha diz: “Perdão, com licença”, se sentindo totalmente americano ao envergar as calças e o paletó azuis, de lã. Na boca: trinta e dois dentes escovados à maneira americana. Nas axilas: desodorante americano generosamente

aplicado. E agora as colheres vêm descendo, os rapazes vão girando, sendo misturados...

... enquanto dois homens, um mais baixo, outro mais alto, estão de pé nas laterais do palco, cada um com uma folha na mão...

... e minha avó, na plateia, assiste a tudo com expressão embasbacada...

... e o melting pot ferve. Luzes vermelhas brilham. A orquestra ataca "Yankee Doodle". Um a um, os formandos da Ford English School ressurgem. Com ternos azuis e cinza, saem do caldeirão agitando bandeirinhas dos Estados Unidos, sob um aplauso estrondoso.

A cortina mal tinha baixado quando os homens do Departamento Sociológico o abordaram.

"Passei na prova final", meu avô disse a eles. "Noventa e três por cento de aproveitamento! E hoje abro poupança no banco."

"Parece ótimo", falou o mais alto.

"Mas, infelizmente, tarde demais", continuou o mais baixo. Tirou do bolso um pedaço de papel de uma cor bem conhecida em Detroit: azul.

"Checamos algumas informações sobre seu senhorio. Esse que chamam de Jimmy Zizmo. Ele tem passagem pela polícia."

"Não sei de nada", disse meu avô. "Tenho certeza que é um engano. Ele é um bom homem. Trabalha bastante."

"Sinto muito, sr. Stephanides. Mas o senhor é capaz de entender que o sr. Ford não pode manter funcionários com esse tipo de relações. O senhor não precisa aparecer na fábrica segunda-feira."

Enquanto meu avô se esforçava para assimilar a notícia, o mais baixo se inclinou para ele. "Espero que o senhor tenha aprendido uma lição com isso. Andar com a turma errada pode arruiná-lo. O

senhor parece ser um bom sujeito, sr. Stephanides. Parece mesmo. Desejamos que tenha muito boa sorte no futuro.”

Alguns minutos depois, Esquerdinha saía para encontrar a esposa. Ficou surpreso quando, na frente de todos, ela o abraçou, se recusando a largá-lo.

“Gostou da cerimônia?”

“Não é isso.”

“Que foi?”

Desdêmona olhou nos olhos do marido. Mas foi Sourmelina quem explicou tudo. “Sua mulher e eu”, falou, em bom inglês, “estamos as duas embuchadas.”

# Minotauros

Que é uma coisa com a qual eu jamais vou precisar me preocupar muito. Como a maioria dos hermafroditas, mas de modo algum todos, não posso ter filhos. É uma das razões por que nunca me casei. É um dos motivos que, junto com um sentimento de vergonha, me fizeram entrar para o Escritório de Relações Exteriores. Nunca quis ficar num só lugar. Depois que passei a viver como um homem, minha mãe e eu nos mudamos de Michigan e não parei mais. Mais um ou dois anos e vou embora de Berlim, para um posto em algum outro lugar. Vai ser triste partir. Essa cidade que um dia já foi dividida me faz lembrar de mim mesmo. Da minha luta por unificação, por *Einheit*. Vindo de uma cidade ainda cindida pelo ódio racial, Berlim me dá esperança.

Uma palavra sobre minha vergonha. Não compactuo com ela. Estou fazendo o possível para superá-la. O movimento pela intersexualidade tem por objetivo acabar com a reconstituição genital cirúrgica de crianças. O primeiro passo nessa batalha é convencer o mundo — e os endocrinologistas pediátricos, em particular — de que genitais hermafroditas não são uma doença. Um em cada dois mil bebês nasce com genitália ambígua. Nos Estados Unidos, com população de duzentos e setenta e cinco milhões, isso

significa um contingente de cento e trinta e sete mil intersexuais vivos hoje.

Mas nós, hermafroditas, somos pessoas como outras quaisquer. E acontece que não tenho muita queda pela política. Não gosto de grupos. Embora seja membro da Sociedade Norte-Americana pela Intersexualidade, nunca participo de manifestações. Vivo minha vida e cuido das minhas feridas. Não é a melhor maneira de viver. Mas é assim que eu sou.

O mais famoso hermafrodita da história? Eu? Foi agradável escrever isto, mas tenho um longo caminho a percorrer. Ninguém sabe de nada no trabalho, só me revelo para alguns amigos. Nos coquetéis, quando me vejo ao lado do ex-embaixador (também nativo de Detroit), falamos sobre os Tigers. Só umas poucas pessoas aqui em Berlim sabem do meu segredo. Conto para mais gente do que costumava, antigamente, mas não sou nem um pouco coerente. Há noites em que me revelo a pessoas que acabei de conhecer. Em outros casos, mantenho silêncio indefinidamente.

Isso acontece sobretudo com mulheres que me atraem. Quando conheço alguém de quem gosto e que parece gostar de mim, recuo. São muitas as noites em Berlim nas quais, encorajado por um Rioja honesto, esqueço minha peculiaridade física e me permito ter esperança. O terno sob medida sai do armário. A camisa Thomas Pink também. Minhas acompanhantes nunca deixam de ficar impressionadas com meu físico. (Debaixo da armadura de meu terno de abotoadura dupla há outra, feita de músculos malhados.) Mas minha proteção final, minhas sambas-canção discretas, que uso para dormir, essas eu não tiro. Nunca. Dou uma desculpa e vou embora. Vou embora e nunca mais ligo de volta. Como qualquer cara.

E logo lá estou eu outra vez. De novo tentando, testando os limites. Voltei a ver minha ciclista hoje de manhã. Dessa vez, descobri seu nome: Julie. Julie Kikuchi. Criada na Carolina do Norte,

formada na Faculdade de Design de Rhode Island e atualmente em Berlim com uma bolsa da Künstlerhaus Bethanien. O mais importante, porém, no momento: vamos sair juntos na sexta.

É só um primeiro encontro. Não vai dar em nada. Nenhuma razão para que eu mencione minha peculiaridade, minhas voltas no labirinto todos esses anos, escondido da vista de todos. E do amor também.

\*

A Fecundação Simultânea ocorreu nas primeiras horas da manhã do dia 24 de março de 1923, em dois quartos alinhados na vertical, depois de uma ida ao teatro na noite anterior. Meu avô, sem saber que logo seria demitido, esbanjou comprando quatro ingressos para *O Minotauro*, que estava em cartaz no Family. De início, Desdêmona se recusou a ir. Desaprovava os teatros de modo geral, especialmente de vaudeville, mas no fim, achando irresistível a temática helênica, vestiu um novo par de meias-calças, um vestido preto e um sobretudo, e acompanhou os outros até a calçada, onde embarcaram no temível Packard.

Quando a cortina subiu no Family Theater, meus parentes tinham a expectativa de entender tudo que se passaria na história. Como Minos, rei de Creta, se recusou a sacrificar um touro branco a Poseidon. Como Poseidon, enfurecido, fez Pasífae, esposa do rei, se apaixonar por um touro. Como o filho dessa união, Astério, veio a ser uma criatura com cabeça de touro e corpo humano. E depois vinham Dédalo, o labirinto etc. Assim que se acenderam as luzes na boca de cena, porém, ficou claro que a produção não seguia a versão tradicional. Porque lá estavam elas, irrompendo no palco: as coristas. Usando vestidos prateados amarrados atrás do pescoço, envoltas em *chemises* transparentes, dançavam e recitavam estrofes

que não combinavam com o lúgubre fundo musical de flautas. Surgiu o Minotauro, um ator envergando uma cabeça de touro de papel machê. Sem qualquer senso de psicologia clássica, interpretava seu personagem semi-humano feito um mero monstro de cinema. Urrou; tambores soaram; as coristas gritaram e fugiram. O Minotauro as perseguiu e, claro, as alcançou e devorou, uma a uma, sanguinário, arrastando seus corpos indefesos e pálidos para as profundezas do labirinto. E a cortina baixou.

Na décima oitava fila, minha avó fez sua crítica. “É que nem os quadros do museu”, ela disse. “Só pretexto pra mostrar gente sem roupa.”

Insistiu que fossem para casa antes do Segundo Ato. Chegando lá, e já se preparando para ir dormir, os quatro espectadores cumpriram sua rotina noturna. Desdêmona lavou suas meias e acendeu a lamparina de vigília do corredor. Zizmo tomou um copo do suco de mamão que apregoava como benéfico para a digestão. Esquerdinha caprichou ao pendurar de volta o terno, alisando cada vinco da calça, enquanto Sourmelina removia a maquiagem com um creme de limpeza de pele e ia para a cama. Os quatro, recolhidos a suas próprias órbitas, fingiam que a peça não tivera efeito nenhum sobre eles. Mas agora Jimmy Zizmo apagava a luz do quarto. E se deitava em sua cama de solteiro — que estava ocupada! Sourmelina, sonhando com as coristas, tinha atravessado sonâmbula o tapete entre as camas. Murmurando estrofes, escalou o dublê do marido. (“Está vendo?”, disse Zizmo, no escuro. “Está sem bile. É o óleo de rícino.”) No andar de cima, Desdêmona talvez tivesse ouvido alguma coisa através do assoalho, se não estivesse fingindo que dormia. Contra sua vontade, a peça a excitara também. As coxas selvagens e musculosas do Minotauro. A pose sugestivamente lânguida de suas vítimas. Envergonhada daquela excitação, não deu sinais exteriores dela. Apagou a luz. Disse boa noite ao marido. Bocejou (outro gesto

teatral) e virou de costas na cama. Enquanto isso, Esquerdinha chegou furtivo por trás.

Congelem a ação. Uma noite momentosa, aquela, para todos os envolvidos (eu inclusive). Quero deixar registradas as posições (Esquerdinha deitado de costas, Lina de bruços) e as circunstâncias (anistia noturna) e a causa direta (uma peça sobre um monstro híbrido). Pais supostamente legam características físicas aos filhos, mas acredito que todo tipo de outras coisas também: temas, cenários, até mesmo destinos. Será que eu também não me aproximaria furtivamente de uma garota fingindo dormir? E não haveria igualmente uma peça envolvida, e alguém que morria no palco?

Deixando de lado essas questões genealógicas, volto aos fatos biológicos. Como colegas de faculdade que dividissem um quarto no alojamento, Desdêmona e Lina tinham sincronizado seus ciclos menstruais. Aquela era a noite do décimo quarto dia. Nenhum termômetro chegou a fazer a verificação, mas algumas semanas depois ela veio na forma de sintomas como náuseas e hipersensibilidade no nariz. "Deve ter sido um homem que deu o nome de enjoo matinal pra isso", declarou Lina. "Por acaso ele estava em casa de manhã, por isso reparou." A náusea não tinha horário fixo; não sabia o que era relógio. As duas ficavam enjoadas de tarde, no meio da noite. A gravidez era um navio em meio à tormenta e elas não podiam desembarcar. Então elas se agarravam aos mastros de suas camas e sobreviviam à tempestade. O contato com qualquer coisa, lençóis, travesseiros, o próprio ar, começou a atormentá-las. O hálito dos maridos se tornou insuportável e, se não estivessem enjoadas demais até para se mexer, abanavam os braços, gesticulando para que os homens não chegassem perto.

A gravidez ensinou a humildade aos maridos. Depois de um arroubo inicial de orgulho masculino, eles rapidamente

reconheceram o papel menor que a natureza lhes reservara no drama da reprodução, e mansamente se recolheram a uma discrição desconcertada, catalisadores de uma explosão que não eram capazes de explicar. Enquanto suas esposas sofriam horrores nos quartos, Zizmo e Esquerdinha se refugiavam na sala para ouvir música, ou pegavam o carro e iam a um café em Greektown onde ninguém se sentiria agredido por seu cheiro. Jogavam gamão e conversavam sobre política, e ninguém falava de mulheres porque, no café, todos eram solteiros, não importava a idade nem quantos filhos tivessem dado a uma mulher que agora preferia a companhia deles à do marido. Os papos eram sempre os mesmos, sobre os turcos e sua brutalidade, sobre Venizelos e seus erros, sobre o rei Constantino e sua volta, e sobre o crime impune do incêndio de Esmirna.

“E alguém se importa? Não!”

“É como o que Bérenger disse a Clemenceau: ‘Quem é dono do petróleo é dono do mundo.’”

“Aqueles malditos turcos! Assassinos e estupradores!”

“Profanaram a Basílica de Santa Sofia e agora destruíram Esmirna!”

Mas aqui Zizmo se meteu na conversa: “Parem de choramingar. A guerra foi culpa dos gregos”.

“Como é que é?”

“Quem invadiu primeiro?”, perguntava Zizmo.

“Os turcos. Em 1453.”

“Os gregos não são capazes nem de governar o próprio país. Pra que precisam de mais um?”

A essa altura, homens já se levantavam, cadeiras eram derrubadas. “Quem diabos você pensa que é, Zizmo? Pontiano maldito! Simpatizante dos turcos!”

“Sou simpatizante da verdade”, gritou Zizmo. “Ninguém tem provas de que os turcos começaram aquele incêndio. Os gregos fizeram de propósito para botar a culpa nos turcos.”

Esquerdinha se pôs no meio dos homens, para impedir que a coisa acabasse em briga. Depois disso, Zizmo passou a guardar para si suas opiniões políticas. Ficava sentado preguiçosamente, bebendo café, lendo uma provisão disparatada de revistas ou panfletos com especulações sobre viagens espaciais e antigas civilizações. Mascava suas cascas de limão e dizia a Esquerdinha para fazer o mesmo. Juntos, encontravam abrigo na camaradagem fortuita dos homens nas cercanias de um nascimento. Como todos os futuros papais, era em dinheiro que mais pensavam.

Meu avô nunca contou a Jimmy a razão de sua demissão da Ford, mas Zizmo sabia muito bem por que aquilo tinha acontecido. E então, algumas semanas depois, fez a reparação que estava a seu alcance.

“Apenas haja como se a gente estivesse saindo pra dar uma volta de carro.”

“Ok.”

“Se nos pararem, não diga nada.”

“Ok.”

“Esse emprego é melhor que aquele no Rouge. Acredite em mim. Cinco dólares por dia não é nada. E aqui você pode comer quanto alho quiser.”

Estão os dois no Packard, passando pelos brinquedos e atrações do Electric Park. Há névoa lá fora, e é tarde — passa um pouquinho das três da manhã. Para falar a verdade, o parque de diversões deveria estar fechado a uma hora dessas, mas hoje, servindo a meus propósitos, o Electric Park está aberto a noite toda e de

repente a névoa se dissipa, tudo para que meu avô possa olhar pela janela do carro e ver um carrinho de montanha-russa descendo os trilhos em velocidade. Apenas um momento de simbolismo barato, antes de me curvar às regras estritas do realismo, ou seja: os dois não estão conseguindo enxergar nada. A névoa de primavera engole os parapeitos da recém-inaugurada ponte de Belle Isle. Os globos amarelos dos postes de rua brilham, aureolados na neblina.

“Bastante trânsito pra uma hora dessas”, admira-se Esquerdinha.

“É”, diz Zizmo. “Isto aqui é bastante popular à noite.”

A ponte os eleva sutilmente acima do rio e os faz aterrissar do outro lado. Belle Isle, uma ilha em forma de paramécio no rio Detroit, fica a menos de um quilômetro da margem canadense. Durante o dia, o parque fica cheio de gente fazendo piqueniques e caminhadas. Pescadores se enfileiram nas margens barrentas. Grupos de igreja armam suas tendas e fazem reuniões. Quando escurece, porém, a ilha ganha uma atmosfera de terra de ninguém, de costumes relaxados. Amantes estacionam em locais reclusos. Carros atravessam a ponte em missões obscuras. Zizmo conduz o Packard escuridão adentro, passa pelos guarda-sóis octogonais e pelo monumento ao Herói da Guerra Civil, e dali ao bosque onde, antigamente, a tribo dos Ottawa vinha se instalar no verão. A névoa cobre o para-brisa. Os troncos das bétulas desprendem seu pergaminho sob o céu de tinta negra.

Uma coisa que faltava à maior parte dos carros dos anos 1920: espelhos retrovisores. “Segura o volante”, vai dizendo Zizmo, e se vira para ver se não estão sendo seguidos. Nesse esquema, alternando-se na direção, avançam rápido pela Central Avenue e pelo Strand, dando três voltas em Belle Isle até Zizmo se dar por satisfeito. No extremo nordeste da ilha, ele estaciona de frente para o Canadá.

“Por que estamos parando?”

“Espere que você já vai ver.”

Zizmo pisca os faróis três vezes. Sai do carro. Esquerdinha sai também. Os dois ficam ali, parados no escuro, cercados pelos sons do rio, ondas batendo leves, cargueiros soando seus apitos. Então surge outro som: um zumbido distante. “Você não tem um escritório?”, pergunta meu avô. “Um depósito?” “Aqui é meu escritório”, Zizmo agita as mãos no ar. Aponta o Packard. “E aquele é meu depósito.” O zumbido está ficando mais alto agora; Esquerdinha aperta os olhos para tentar enxergar através da névoa. “Antes eu trabalhava na ferrovia.” Zizmo pega do bolso um damasco seco e come. “Lá no oeste, em Utah. Acabou comigo. Aí parei de ser otário.” Mas o zumbido está quase sobre eles; Zizmo abre o portamalas. E agora, em meio à névoa, surge um barco com motor de popa, tinindo, com dois homens a bordo. Desligam o motor e o barco desliza por entre os juncais. Zizmo passa um envelope a um dos sujeitos. O outro puxa, num movimento rápido, a lona que cobre parte da popa. Empilhadas com capricho, doze caixas de madeira brilham à luz da lua.

“Hoje administro minha própria ferrovia”, disse Zizmo. “Agora começa a descarregar.”

A exata natureza do negócio de importação de Jimmy Zizmo foi, assim, revelada. O que ele negociava não eram damascos secos da Síria, *halvah* da Turquia ou mel do Líbano. Importava garrafas de Walker de Ontário, cerveja do Quebec e rum de Barbados pelo rio St. Lawrence. Abstêmio, ganhava a vida comprando e vendendo álcool. “O que posso fazer, se esses *amerikani* são todos uns bebuns?”, justificou-se, minutos depois, já a caminho de casa.

“Você devia ter me contado!”, Esquerdinha berrava, furioso. “Se pegam a gente, não consigo mais minha cidadania. Me mandam de volta pra Grécia.”

“E qual é a alternativa? Você tem um emprego melhor? E não esqueça. Temos bebês a caminho agora, você e eu.”

Assim começou a vida de crimes do meu avô. Nos oito meses seguintes, ele trabalhou nas operações de contrabando de Zizmo, cumprindo horários estranhos, se levantando no meio da noite e jantando ao amanhecer. Adotou as gírias do comércio ilegal, quadruplicando seu vocabulário de inglês. Aprendeu a chamar álcool de “água-benta”, “aguarrás”, “canicilina” e “engasga-gato”. E se referia aos estabelecimentos que vendiam bebida como “baiucas”, “bodegas”, “buracos de cana” e “navios piratas”. Ficou conhecendo todos os inferninhos da cidade, as funerárias que não usavam fluido, mas gim para embalsamar cadáver, as igrejas que ofereciam algo mais do que vinho de altar e as barbearias cujos frascos de desinfetante Barbicide continham “azul destruidor”. Esquerdinha se familiarizou com as margens do rio Detroit, com suas reentrâncias encobertas e seus desembarcadouros secretos. Era capaz de identificar os barcos patrulha com motor de popa a distâncias de até quatrocentos metros. O contrabando era um negócio complicado. O canal principal era controlado pela Gangue Púrpura e pela Máfia. Benevolentes, deixavam que certo volume de mercadoria fosse negociado por contrabandistas amadores — nas excursões para passar o dia no Canadá, nas incursões de barcos de pesca à meia-noite. Mulheres pegavam a balsa para Windsor com galões escondidos nos vestidos. Desde que esse contrabando não interferisse no negócio maior, era permitido pelas gangues. Mas Zizmo excedia, e muito, os limites.

Saíam de cinco a seis vezes por semana. No porta-malas do Packard cabiam quatro caixas de bebida, no banco traseiro forrado e confortável, outras oito. Zizmo não respeitava regras nem territórios. “Assim que aprovaram a Lei Seca, fui pra biblioteca consultar um mapa”, disse ele, explicando como tinha entrado no negócio. “E lá

estavam os dois, Canadá e Michigan, quase se beijando. Aí comprei uma passagem pra Detroit. Estava quebrado quando cheguei aqui. Procurei um agente de casamentos em Greektown. Por que deixo a Lina dirigir este carro? Foi ela que pagou.” Sorriu, satisfeito, mas foi um pouco mais adiante em seus pensamentos e fechou a cara. “Não aprovo essa história de mulher dirigir, fique sabendo. E agora elas querem votar!” Resmungou consigo mesmo. “Lembra aquela peça que a gente foi ver? Tudo que é mulher é daquele jeito. Era só dar uma chance que saíam todas fornicando com touros.”

“São só histórias, Jimmy”, disse Esquerdinha. “Não dá pra ser literal.”

“Por que não?”, continuou Zizmo. “As mulheres não são como nós. A natureza delas é carnal. O melhor que a gente faz é trancá-las num labirinto.”

“Do que você está falando?”

Zizmo sorriu. “Gravidez.”

Era como um labirinto. Desdêmona virava para cá, depois para lá, lado esquerdo, lado direito, tentando achar uma posição confortável. Sem sair da cama, perambulava pelos corredores escuros da gravidez, tropeçando nos ossos de mulheres que, antes dela, tinham passado por ali. Para começar, sua mãe, Euphrosyne (com quem ela, de repente, começava a ficar parecida), suas avós, suas tias-avós e todas as mulheres antes delas recuando até a pré-história e Eva, em cujo útero a maldição tinha sido plantada. Desdêmona travou conhecimento físico com essas mulheres, compartilhou de suas dores e suspiros, de seu medo e de seu instinto de proteção, de sua indignação, de suas expectativas. Como elas, punha uma mão na barriga, sustentando o mundo; sentia-se onipotente e orgulhosa; e então tinha um espasmo em algum músculo das costas.

Agora vou dar a vocês a gravidez inteira em *time-lapse*. Desdêmona, com oito semanas, está deitada de costas, as cobertas

puxadas até a altura das axilas. A luz na janela oscila com as passagens entre dia e noite. Seu corpo se move em espasmos; ela está de lado, apoiada na barriga; as cobertas mudam de forma. Um cobertor de lã aparece e desaparece. Bandejas de comida transportam-se pelo ar até a mesa de cabeceira, depois alçam voo de volta e retornam. Mas, através de toda essa dança maluca de objetos inanimados, a continuidade do corpo irrequieto de Desdêmona permanece no foco. Os seios incham. Os mamilos escurecem. Com catorze semanas, o rosto começa a ficar rechonchudo, de modo que, pela primeira vez, sou capaz de reconhecer a *yia yia* da minha infância. Com vinte semanas, uma linha misteriosa começa a se desenhar a partir do umbigo. A barriga se eleva feito pipoca. Com trinta semanas, a pele se afina e o cabelo fica mais espesso. O rosto, de início pálido das náuseas, vai perdendo essa característica até que lá está: um rubor. Quanto maior o corpo, mais imóvel. Ela deixa de deitar de barriga para baixo. Imóvel, Desdêmona infla na direção da câmera. O efeito estrobo na janela continua. Na trigésima sexta semana, ela se encasula nos lençóis. Eles sobem e descem, revelando seu rosto, exausto, eufórico, resignado, impaciente. Os olhos se abrem. Ela grita.

Lina usava perneiras para prevenir varizes. Preocupada com mau hálito, mantinha uma lata de pastilhas de menta ao lado da cama. Conferia seu peso toda manhã, mordendo o lábio inferior. Estava apreciando ser aquela figura robusta, mas as consequências a inquietavam. "Meus seios nunca mais vão ser os mesmos. Já sei disso. Fica tudo pendurado depois. Que nem na *National Geographic*." A gravidez a fazia se sentir parecida demais com um animal. Era constrangedor estar povoada daquele jeito em público. Sentia o rosto queimar nos surtos hormonais. Suava; a maquiagem escorria. O processo todo era um remanescente de estúdios

primitivos do desenvolvimento. Conectava-a a formas inferiores de vida. Vinham-lhe à mente abelhas-rainhas espargindo ovos. Pensava na cadela collie do vizinho, cavando seu buraco no quintal, na primavera anterior.

Sua única fuga era o rádio. Usava os fones de ouvido na cama, no sofá, na banheira. No verão, levava seu Aeriola Jr. para fora da casa e ali, debaixo da cerejeira, ficava sentada. Com a cabeça preenchida por música, conseguia escapar do próprio corpo.

Numa manhã de outubro do terceiro trimestre, um táxi parou em frente à Hurlbut Street, 3467, e uma figura alta e esbelta saltou. Conferiu o endereço num pedaço de papel, apanhou suas coisas — um guarda-chuva e uma mala — e pagou o motorista. Tirou o chapéu e ficou olhando para o forro, como se lesse instruções. Então recolocou o chapéu na cabeça e caminhou até a varanda.

Desdêmona e Lina ouviram, as duas, as batidas. Chegaram juntas à porta.

Quando abriram, o homem contemplou uma barriga, depois a outra.

“Cheguei bem a tempo”, disse.

Era o dr. Philobosian. Olhos desanuviados, bem barbeado, recuperado de seu luto. “Guardei o endereço de vocês.” Elas o convidaram a entrar e ele contou sua história. Tinha mesmo contraído favo, a doença ocular, no *Giulia*. Mas foi salvo pelo seu diploma e não teve de ser enviado de volta à Grécia; os Estados Unidos precisavam de médicos. O dr. Philobosian tinha ficado um mês no hospital de Ellis Island, e depois disso, sob proteção da Agência de Amparo aos Armênios, teve permissão para entrar no país. Nos onze meses anteriores, havia morado em Nova York, no Lower East Side. “Esmerilhando lentes para um optometrista.” Mais recentemente, tinha conseguido recuperar alguma coisa do que

guardava na Turquia e vindo para o Meio-Oeste. “Vou abrir um consultório aqui. Nova York já tem médicos demais.”

Ficou para jantar. A condição delicada das mulheres não as liberava das tarefas domésticas. Sobre pernas inchadas, prepararam pratos de cordeiro com arroz, quiabo com molho de tomate, salada grega, arroz-doce. Mais tarde, Desdêmona coou café, que serviu com cobertura de espuma marrom, a *lakia*, em xicrinhas delicadas. O dr. Philobosian comentou com os maridos sentados: “A chance é uma em cem. Vocês têm certeza que foi na mesma noite?”

“Temos, sim”, respondeu Sourmelina, fumando à mesa. “Acho que devia ser lua cheia.”

“Geralmente demora de cinco a seis meses pra uma mulher engravidar”, continuou o médico. “Pra ter acontecido com as duas na mesma noite — é uma chance em cem!”

“Uma em cem?”, Zizmo encarou Sourmelina, do outro lado da mesa, e ela desviou o olhar.

“No máximo uma em cem”, assegurou o médico.

“Tudo culpa do Minotauro”, brincou Esquerdinha.

“Nem me fale daquela peça”, falou Desdêmona.

“Por que você está me olhando desse jeito?”, perguntou Lina.

“Não posso olhar pra você?”, disse o marido.

Sourmelina soltou um suspiro exasperado e limpou a boca com o guardanapo. Houve um silêncio tenso. O dr. Philobosian, servindo-se de mais uma taça de vinho, se apressou a preenché-lo.

“Nascimentos são um assunto fascinante. Vejam o caso das deformações, por exemplo. Antigamente, as pessoas pensavam que elas eram causadas pela imaginação das mães. Durante o ato conjugal, o que quer que a mãe visse ou pensasse poderia afetar a criança. Damasceno conta a história de uma mulher que tinha um quadro de São João Batista na parede sobre a cama. O santo com o tradicional cilício de crina. Nos estertores da paixão, ela por acaso

olhou para esse retrato. Nove meses depois, o bebê nasceu — peludo feito um urso!” O doutor riu, divertido, bebericando seu vinho.

“Essas coisas não acontecem de verdade, né?”, quis saber Desdêmona, de repente alarmada.

Mas o dr. Philobosian estava embalado. “Tem uma outra história de uma mulher que tocou num sapo enquanto fazia amor. O bebê saiu com olhos esbugalhados e coberto de verrugas.”

“O senhor leu isso em algum livro?”, a voz de Desdêmona estava tensa.

“A maior parte disso você encontra em *Sobre monstros e encantos*, de Paré. A Igreja se meteu nessa história também. Em seu *Embryological Sacra*, Cangiamilla recomendava batismos intrauterinos. Imagine que você estivesse preocupada que sua gravidez fosse de um bebê monstruoso. Bom, havia uma cura pra isso. Era só encher uma seringa com água benta e batizar o bebê antes de nascer.”

“Não se preocupe, Desdêmona”, disse Esquerdinha, vendo como ela parecia nervosa. “Os médicos não pensam mais assim.”

“Claro que não”, falou o dr. Philobosian. “Essas bobagens todas são da Idade das Trevas. Hoje sabemos que a maioria das deformidades de nascença é consequência da consanguinidade dos pais.”

“Do quê?”, perguntou Desdêmona.

“De casamentos entre parentes.”

Desdêmona ficou branca.

“Causa todo tipo de problema. Deficiência mental. Hemofilia. Vejam os Romanov. Ou qualquer família real. Mutantes, todos eles.”

“Não lembro no que eu estava pensando naquela noite”, disse Desdêmona mais tarde, lavando pratos.

“Eu lembro”, falou Lina. “A terceira da direita pra esquerda. Aquela ruiva.”

“Eu estava de olhos fechados.”

“Então não se preocupe.”

Desdêmona abriu a torneira de modo a encobrir a voz das duas. “E quanto àquela outra coisa? A con... a con...?”

“Consanguinidade?”

“É. Como a gente sabe se o bebê tem isso?”

“Não sabe até ele nascer.”

“*Mana!*”

“Por que você acha que a igreja não permite que irmãos se casem? Até primos-irmãos precisam da permissão de um bispo.”

“Pensei que era porque...”, e Desdêmona, sem achar uma resposta, se calou.

“Não se preocupe”, disse Lina. “Os médicos exageram. Se casamentos entre parentes fossem uma coisa tão ruim, todo mundo teria seis braços e nenhuma perna.”

Mas Desdêmona estava, sim, preocupada. Pensou em Bithynios, tentando lembrar quantas crianças, lá, haviam nascido com algum problema. Melia Salakas tinha uma filha com um pedaço faltando no meio do rosto. O irmão dela, Yiorgos, não passou dos oito anos de idade a vida inteira. Algum bebê peludo? Algum que parecesse um sapo? Desdêmona se recordava de histórias contadas pela mãe sobre crianças estranhas nascidas em outros vilarejos. Apareciam a intervalos de algumas gerações, bebês com alguma doença, Desdêmona não conseguia lembrar quais, exatamente — sua mãe fazia comentários vagos. De quando em quando, surgiam esses bebês, que sempre tinham fins trágicos: se matavam, fugiam com o circo, eram vistos, anos depois, esmolando ou se prostituindo em

Bursa. Deitada sozinha, à noite, enquanto Esquerdinha trabalhava, Desdêmona tentava lembrar detalhes daquelas histórias, mas eram de muito tempo antes, e agora Euphrosyne Stephanides estava morta e ela não tinha ninguém a quem perguntar. Repassava a noite em que tinha ficado grávida, tentando reconstituir os acontecimentos. Virava de lado. Fingia que o travesseiro pressionando suas costas era Esquerdinha. Olhava em torno, no quarto. Não havia quadros nas paredes. Tampouco ela tinha tocado algum sapo. “O que eu estava vendo?”, Desdêmona se perguntava. “Só a parede.”

Mas ela não era a única atormentada por ansiedades. Serei imprudente agora e, com um repúdio oficial à veracidade do que estou prestes a contar a vocês — porque, de todos os atores nesse meu Epidauro do Meio-Oeste, o que usa a maior máscara é Jimmy Zizmo —, tentarei lhes proporcionar um vislumbre das emoções desse personagem naquele derradeiro trimestre. Estava ele empolgado com a perspectiva de se tornar pai? Levava para casa raízes nutritivas e andava preparando chás homeopáticos? Não e não. Depois da visita do dr. Philobosian, naquela noite, Jimmy Zizmo começou a mudar. Talvez tenha sido o que o médico havia dito sobre as gravidezes simultâneas. Uma chance em cem. Talvez tenha sido essa pequena informação avulsa a causa do crescente mau humor de Zizmo, de seus olhares desconfiados para a esposa grávida. Talvez estivesse duvidando de que um único intercurso, numa seca de cinco meses, pudesse resultar numa bem-sucedida gravidez. Será que Zizmo observava sua jovem mulher e se sentia velho? Enganado?

No final do outono de 1923, minotauros assombravam minha família. Para Desdêmona, apareciam na forma de crianças que não paravam de sangrar, ou cobertas de pelos. O monstro de Zizmo era aquele, bem conhecido, de olhos verdes. Ficava a encará-lo na

escuridão às margens do rio, enquanto ele esperava pelos carregamentos de bebida. Saltava do acostamento para confrontá-lo pelo para-brisa do Packard. Rolava na cama quando Zizmo chegava em casa, antes do nascer do sol: um monstro de olhos verdes deitado ao lado de sua jovem e inescrutável esposa, mas aí, num piscar de olhos de Jimmy Zizmo, desaparecia.

Quando as mulheres tinham completado o oitavo mês de gravidez, caiu a primeira neve. Esquerdinha e Zizmo iam a Belle Isle de luvas e cachecóis agora. E, apesar do isolamento térmico, meu avô tremia. Duas vezes, no mês anterior, tinham escapado por pouco da polícia. Doente de desconfiança e ciúme, Zizmo andava errático, esquecendo o cronograma de entregas, escolhendo pontos de descarregamento sem a suficiente preparação. Pior: a Gangue Púrpura consolidava seu controle sobre o contrabando de álcool na cidade. Era só uma questão de tempo para que começassem a ter problemas.

Enquanto isso, na Hurlbut, uma colher dependurada balançava. Sourmelina, pernas enfaixadas, descansando em seu boudoir, ouvia Desdêmona fazer a primeira da série de muitas previsões que culminaria em mim.

“Diz pra mim que é uma menina.”

“Você não quer uma menina. Meninas dão muito trabalho. A gente tem que se preocupar com o que andam fazendo com os meninos. Tem que arrumar um dote e achar marido...”

“Aqui nos Estados Unidos não tem isso de dote, Desdêmona.”

A colher começou a se mover.

“Se for menino, eu te mato.”

“Uma menina com quem você vai viver brigando.”

“Uma menina pra eu conversar.”

“Um filho que você vai amar.”

A extensão da trajetória aumentava.

“Vai ser... vai ser...”

“O quê?”

“Comece a economizar dinheiro.”

“Mesmo?”

“Tranque as janelas.”

“É? Verdade?”

“Pode começar a se preparar pras brigas.”

“Quer dizer que...”

“Sim. Uma menina. Definitivamente.”

“Ah, graças a Deus.”

... E um closet grande sendo esvaziado. E paredes sendo pintadas de branco para que servissem de quartinho de criança. Dois berços idênticos chegam da Hudson's. Minha avó os instala no quartinho, com um cobertor pendurado no meio, para o caso de seu bebê ser menino. No corredor, para diante da lamparina de vigília e reza ao Todo-Poderoso: “Por favor, não deixa que meu bebê tenha essa coisa, hemofilia. O Esquerdinha e eu não sabíamos o que estávamos fazendo. Por favor, juro que nunca mais tenho outro bebê. Só este”.

Trinta e três semanas. Trinta e quatro. É quando, em suas piscinas uterinas, os bebês dão um mortal e mergulham de cabeça. Mas Sourmelina e Desdêmona, tão sincronizadas na gravidez, divergiram no final. No dia 17 de dezembro, enquanto ouvia rádio, Sourmelina tirou os fones e anunciou que estava com dores. Três horas mais tarde, o dr. Philobosian fez o parto de uma menina, como havia previsto Desdêmona. O bebê não chegava a pesar dois quilos e precisou ficar uma semana numa incubadora. “Tá vendo?”, disse

Lina para Desdêmona, olhando a filha pelo vidro. "O dr. Phil estava errado. Ela tem cabelo preto, e não vermelho."

Jimmy Zizmo se aproximou da incubadora em seguida. Tirou o chapéu e se debruçou, quase encostando no vidro, estreitando a vista. E se sobressaltou? A pele branca do bebê confirmava suas suspeitas? Ou trazia respostas? Sobre por que uma esposa se queixaria de dores e desconfortos? Ou por que, muito convenientemente, aparecia curada para lhe proporcionar a paternidade? (Fossem quais fossem as suspeitas, a criança era dele. A pele de Sourmelina tinha simplesmente tomado a cena. A genética, essa aventura imprevisível.)

Tudo que sei é o seguinte: logo depois de ter visto a filha, Zizmo bolou seu último plano. Uma semana mais tarde, disse a Esquerdinha: "Se apronte. Temos trabalho hoje à noite".

E agora as mansões ao redor do lago estão iluminadas para o Natal. O grande gramado coberto de neve de Rose Terrace, a mansão dos Dodge, alardeia uma árvore natalina de mais de doze metros de altura, trazida de caminhão da Península Superior de Michigan. Em torno do pinheiro, elfos circulam em sedãs Dodge em miniatura. Papai Noel tem uma rena de quepe como chofer. (O nariz do animal é preto porque Rudolph, a Rena do Nariz Vermelho, ainda não existia.) Um Packard preto com bege passa em frente aos portões da mansão. O motorista olha reto, adiante. O passageiro contempla admirado a casa enorme.

Jimmy Zizmo está dirigindo devagar por causa das correntes nos pneus. Percorreram a East Jefferson, passaram pelo Electric Park e pela ponte de Belle Isle. Seguiram pelo East Side de Detroit via Jefferson Avenue. (E agora cá estamos nós, na minha área: Grosse Pointe. Ali está a casa dos Stark, onde Clementine Stark e eu vamos

“treinar” beijos no verão antes da terceira série. E lá, no alto da colina sobre o lago, a Escola para Meninas Baker & Inglis.) Meu avô sabe muito bem que Zizmo não veio a Grosse Pointe para admirar mansões. Aguarda ansioso para ver o que o outro tem em mente. Não muito longe de Rose Terrace, a orla do lago se alarga, negra, vazia, a água solidamente congelada. Perto da margem, o gelo se acumula em blocos. Zizmo segue pela orla até encontrar uma reentrância na estrada de onde barcos zarpam no verão. Ele vira ali e para.

“Vamos atravessar sobre o gelo?”, pergunta meu avô.

“O caminho mais fácil até o Canadá no momento.”

“Tem certeza que a superfície aguenta?”

Em resposta à pergunta do meu avô, Zizmo simplesmente abre sua porta: para facilitar a saída. Esquerdinha faz o mesmo. As rodas dianteiras do Packard deslizam para o gelo. Parece que a superfície congelada se move inteira. Em seguida, um barulho agudo, como o de dentes contra cubos de gelo. Passados alguns segundos, o ruído para. As rodas traseiras deslizam lago adentro. A superfície se estabiliza.

Meu avô, que não reza desde que saiu de Bursa, tem o rompante de voltar a apelar para esse recurso. O lago St. Clair é controlado pela Gangue Púrpura. Não oferece árvores atrás das quais se esconder, nem estradas vicinais por onde escapulir. Esquerdinha morde a parte do dedão já sem unha.

A noite não tem lua, e tudo que enxergam é o que os faróis de vaga-lume conseguem iluminar: menos de cinco metros de uma superfície granular, azul-pálida, com trilhas de pneus que se cruzam. Redemoinhos de neve rodopiam à frente. Zizmo limpa com a manga da camisa o para-brisa embaçado. “Fique de olho se não aparece gelo negro.”

“O quê?”

“Quer dizer que é fino.”

O primeiro trecho assim não demora a surgir. Onde se elevam bancos de areia, a água batendo afina o gelo. Zizmo desvia. Logo, porém, aparece outro trecho e ele é obrigado a ir na outra direção. Direita. Esquerda. Direita. O Packard zigzagueia, seguindo as trilhas de pneus de outros contrabandistas. Aqui e ali, um bloco maior interrompe o caminho e eles têm de recuar, voltando por onde tinham acabado de passar. E agora à direita, agora à esquerda, agora para a frente, agora para trás, movendo-se na escuridão sobre gelo liso como mármore. Zizmo se debruça sobre o volante, apertando os olhos para tentar enxergar além do ponto onde cessa a luz dos faróis. Meu avô mantém sua porta aberta, ouvindo o som do gelo que range...

... Mas agora, sobre o ruído do motor, outro ruído começa. Nessa mesma noite, do outro lado da cidade, minha avó tem um pesadelo. Está dentro de um bote salva-vidas a bordo do *Giulia*. O capitão Kontoulis se ajoelha entre suas pernas e tira seu espartilho de casamento. Desfaz os nós e abre a peça, enquanto fuma um cigarro de cravo. Desdêmona, nua de repente, toda envergonhada, olha para baixo e vê o que fascina o capitão: uma pesada corda de navio some dentro de seu corpo. “A toda força!”, grita Kontoulis, e Esquerdinha aparece com cara de preocupado. Pega uma das pontas da corda e começa a puxar. E então:

Dor. Dor de sonho, real e não real, apenas neurônios incendiados. Nas profundezas de Desdêmona, um balão d’água estoura. Um jorro morno bate em suas coxas e sangue começa a encher o bote. Esquerdinha dá um puxão na corda, depois outro. O sangue respinga no rosto do capitão, que baixa a aba para se proteger. Desdêmona grita, o bote se agita, e então se ouve um estalo e ela se sente nauseada, como se tivesse sido partida em dois, e ali, na ponta da corda, está seu bebê, um pequeno emaranhado de

músculos, cor de carne viva, e ela olha procurando os braços e nada, e olha procurando as pernas e nada, e é quando a cabecinha se levanta e ela olha para o rosto da criança, uma única arcada de dentes que se abre e fecha, sem olhos, sem boca, só dentes, abrindo e fechando...

Desdêmona acorda em sobressalto. Um momento depois se dá conta de que a cama de verdade, a da vida real, está encharcada. A bolsa estourou...

... enquanto, no gelo, os faróis do Packard brilham a cada acelerada, com mais fluido saindo da bateria. Estão na faixa de circulação das embarcações agora, num ponto equidistante das duas margens. O céu, acima deles, é uma enorme abóbada negra, pontuada de fogos celestes. Não conseguem mais lembrar por que caminhos chegaram ali, quantas voltas fizeram, onde estava o gelo ruim. A superfície congelada está rabiscada por trilhas de pneus em todas as direções possíveis. Passam por carcaças de carros velhos, capôs enterrados no gelo, portas cravadas de buracos de balas. Eixos e calotas se espalham por ali, e também alguns estepes. A escuridão e os redemoinhos de neve levam meu avô a ter ilusões de óptica. Duas vezes ele pensa que está vendo um paredão de carros se aproximando. Os carros zombam, aparecendo ora à frente, ora ao lado, ora atrás, indo e vindo tão rápidos que Esquerdinha não consegue ter certeza nem de que os viu. E há outro cheiro no Packard agora, mais forte que os de couro e uísque, um cheiro áspero e metálico que sobrepuja o desodorante do meu avô: o medo. É nessa hora, exatamente, que Zizmo, com voz calma, diz: "Uma coisa que sempre fico pensando. Por que você nunca conta pra ninguém que a Lina é sua prima?"

A pergunta, saída assim, do nada, pega meu avô desprevenido. "Não é segredo nenhum."

"Não?", diz Zizmo. "Nunca ouvi você mencionar o parentesco."

“Todo mundo é primo lá de onde a gente vem”, Esquerdinha tenta brincar. E em seguida: “Ainda precisamos ir muito mais longe?”.

“Até o outro lado da faixa de circulação dos barcos. Aqui é o lado americano ainda.”

“Como você vai fazer pra achar o pessoal do outro lado?”

“Vou achar. Quer que eu corra mais?” Sem esperar pela resposta, Zizmo pisa no acelerador.

“Tudo bem. Vá devagar.”

“Outra coisa que eu sempre quis saber”, diz Zizmo, acelerando.

“Jimmy, não arrisque.”

“Por que a Lina foi obrigada a deixar o vilarejo pra casar?”

“Você está indo rápido demais. Não dá tempo de eu conferir o gelo.”

“Me responda.”

“Por que ela veio embora? Não tinha ninguém pra casar lá. Ela queria vir pra América.”

“Era o que ela queria?” Ele volta a acelerar.

“Jimmy. Mais devagar!”

Mas Zizmo pisa fundo. E grita: “É você!”.

“Do que você está falando?”

“É você!”, Zizmo ruge de novo, e agora o motor está gemendo, e o gelo zunindo debaixo do carro. “Quem é!”, ele exige saber. “Me diz! Quem é?”

... Mas, antes que meu avô consiga achar uma resposta, outra lembrança ziguezagueia pelo gelo. É uma noite de domingo da minha infância e meu pai está me levando ao cinema no Detroit Yacht Club. Subimos as escadas acarpetadas de vermelho, passamos pela sala dos troféus de iatismo e pelo retrato a óleo de Gar Wood, piloto de hidroaviões de corrida. No segundo piso, entramos no auditório. E agora as luzes foram apagadas e o projetor estala e lança um fecho que ilumina um milhão de partículas de poeira no ar.

O único jeito que meu pai achou para me inculcar algum senso de nosso legado foi me levar para assistir versões dubladas em italiano de antigos mitos gregos. E então, toda semana, víamos Hércules matando o Leão da Nemeia, ou roubando o cinturão das Amazonas (“E que cinturão, hein, Callie?”), ou sendo jogado em fossos cheios de serpentes sem sustentação textual. Mas nosso favorito era o Minotauro...

... Na tela aparece um ator usando uma peruca sem-vergonha. “Aquele é o Teseu”, explica Milton. “Ele tem esse novelo que ganhou da namorada, tá vendo? E está usando pra achar o caminho de volta no labirinto.”

Agora Teseu entra no labirinto. Sua tocha ilumina paredes de pedra feitas de papelão. Encontra ossos e crânios atulhando seu caminho. Manchas de sangue escurecem a pedra falsa. Estendo a mão sem tirar os olhos da tela. Meu pai busca no fundo do bolso do paletó um caramelo. Entregando a bala para mim, sussurra: “Lá vem o Minotauro!”. E estremeço de medo e prazer.

Não me parece mais que acadêmico, então, o triste destino da criatura. Astério, sem ter nenhuma culpa, nasceu como um monstro. Fruto envenenado da traição, coisa vergonhosa a ser escondida; não entendo nada disso aos oito anos. Torço por Teseu...

... enquanto minha avó, em 1923, se prepara para conhecer a criatura que se esconde em seu útero. Está sentada no banco de trás do táxi, segurando a barriga, e Lina, na frente, diz ao motorista para se apressar. Desdêmona inspira e expira, feito uma corredora marcando o ritmo, e Lina fala: “Não estou nem brava com você por ter me acordado. Ia ao hospital de manhã, de qualquer maneira. Vão me deixar trazer o bebê pra casa”. Mas Desdêmona não está escutando. Abre a mala feita de antemão e tateia, entre a camisola e os chinelos, em busca do *kombolói*. De âmbar, como mel cristalizado, rachadas pelo calor, as contas sobreviveram a

massacres, a uma marcha de refugiados, a uma cidade incendiada, e Desdêmona as faz estalar umas contra as outras, o táxi avançando com estrépito pelas ruas escuras, tentando ser mais rápido que as contrações...

... enquanto Zizmo corre com o Packard sobre o gelo. A agulha do velocímetro sobe. O motor troveja. As correntes dos pneus deixam rastro na neve. O Packard arremete contra a escuridão, derrapa em alguns trechos, rabeando. "Vocês dois planejaram tudo?", ele grita. "A Lina casou com um cidadão americano pra patrocinar você?"

"Do que você está falando?", meu avô tenta argumentar. "Quando a Lina casou, eu nem sabia que vinha pra cá. Por favor, diminua a velocidade."

"Era esse o plano? Achar um marido e depois mudar pra casa dele!"

O indefectível recurso dos filmes de Minotauro. O monstro vem de onde a gente menos espera. Assim, no lago St. Clair, meu avô se preocupa com a Gangue Púrpura, quando na realidade o monstro está bem ao lado dele, ao volante do carro. Ao vento que entra pela porta aberta, o cabelo crespo de Zizmo ondeia feito uma juba. Ele tem a cabeça baixa, as narinas dilatadas. Os olhos brilham, furiosos.

"Quem é!"

"Jimmy! Dê a volta! O gelo! Você não está prestando atenção no gelo."

"Não vou parar até você me contar."

"Não tem nada pra contar. A Lina é uma boa moça. Uma boa esposa pra você. Eu juro!"

Mas o Packard segue desabalado. Meu avô gruda no banco.

"E o bebê, Jimmy? Pense na sua filha."

"Quem disse que é minha?"

"Claro que é sua."

"Eu nunca devia ter casado com aquela garota."

Esquerdinha não tem tempo de argumentar. Sem responder a nenhuma outra pergunta, ele rola pela porta aberta, livrando-se do carro. O vento o atinge como uma força sólida, lançando-o contra o para-choque traseiro. Ele vê, em câmera lenta, seu cachecol esvoaçante se enrolar na roda traseira do Packard. Sente o nó apertar, mas então o cachecol se solta do pescoço, o tempo acelera outra vez e Esquerdinha é projetado para longe do carro. Ele cobre o rosto ao bater contra o gelo, e sai derrapando ainda um bom pedaço. Quando volta a erguer a cabeça, vê o Packard, que segue em frente. É impossível saber se Zizmo está tentando virar, frear. Esquerdinha fica de pé, sem ossos quebrados, e assiste à louca arremetida de Zizmo na escuridão... por quase sessenta metros... passando de setenta... quase cem... até que, de repente, ouve-se outro som. Sobre o ronco do motor, um estalo alto, seguido de uma cintilação que, assim que o Packard encontra um trecho de gelo negro, se espalha pela superfície.

Como o gelo, também vidas podem rachar. Personalidades. Identidades. Jimmy Zizmo, debruçado sobre o volante do Packard, já se transformou para além da compreensão. Exatamente aqui o fio da meada se perde. Posso trazê-los até aqui, nem um passo a mais. Talvez tenha sido uma crise de ciúme. Ou talvez ele estivesse apenas considerando suas opções. Ponderando um dote em relação às despesas para sustentar uma família. Intuindo que aqueles bons tempos da Lei Seca não podiam durar para sempre.

E eis mais uma possibilidade: talvez ele estivesse armando a coisa toda.

Mas não há tempo para essas rumações. Porque o gelo grita. As rodas dianteiras do carro de Zizmo rompem a superfície. O Packard, com a graça de um elefante apoiado nas patas dianteiras, emborca sobre a grade do motor. Há um momento em que os faróis iluminam o gelo e a água embaixo, como uma piscina, mas então o capô

afunda também e, com uma chuva de faíscas, tudo volta a ficar escuro.

No Hospital de Mulheres, Desdêmona ficou em trabalho de parto por seis horas. O dr. Philobosian trouxe ao mundo o bebê, cujo sexo foi revelado como de hábito: abrindo-lhe as pernas e vendo. "Parabéns. Um menino."

Desdêmona, com grande alívio, gritou: "E só tem cabelo na cabeça".

Esquerdinha chegou ao hospital logo depois. Tinha caminhado de volta até a margem e conseguido uma carona para casa num caminhão de entrega de leite. Agora estava parado diante do vidro do berçário, as axilas ainda fedendo a medo, a bochecha direita avariada pela queda no gelo, o lábio superior inchado. Exatamente naquela manhã, por acaso, a bebê de Lina tinha atingido peso suficiente para deixar a incubadora. As enfermeiras exibiam os dois bebês. O menino foi batizado Miltíades, em homenagem ao grande general ateniense, mas seria chamado de Milton, como o grande poeta inglês. A menina, que cresceria sem pai, recebeu o nome de Theodora, tributo à escandalosa imperatriz de Bizâncio que Sourmelina admirava. Mais tarde também ganharia um apelido americano.

Mas tinha outra coisa que eu queria mencionar sobre esses dois bebês. Uma coisa impossível de enxergar a olho nu. Cheguem mais perto. Isso. Exatamente:

Cada um com sua mutação.

# Casamento no gelo

O funeral de Jimmy Zizmo aconteceu treze dias depois com a permissão do bispo de Chicago. Durante quase duas semanas, a família permaneceu em casa, marcada pela morte, recebendo os visitantes ocasionais que vinham prestar sua solidariedade. Panos pretos cobriam os espelhos. Bandeirolas negras adornavam as portas. Como uma pessoa jamais deve mostrar vaidade na presença da morte, Esquerdinha parou de se barbear e, dia após dia, desde o funeral, foi deixando crescer uma barba cheia.

O fracasso da polícia na recuperação do corpo tinha sido a causa da demora para o funeral. No dia seguinte ao acidente, dois detetives foram inspecionar o local. A superfície congelara novamente durante a noite, com o acúmulo de mais alguns centímetros de neve. Os policiais circularam por ali, atrás de marcas de pneus, mas desistiram depois de meia hora. Acreditaram na história contada por Esquerdinha, de que Zizmo tinha ido pescar no gelo e talvez tivesse bebido. Um dos detetives assegurou a Esquerdinha que era frequente os corpos reaparecerem na primavera, admiravelmente preservados pela água congelante.

A família seguiu adiante com seu luto. O padre Stylianopoulos levou o caso ao bispo, que atendeu à solicitação de um funeral ortodoxo para Zizmo, desde que se realizasse uma cerimônia de

sepultamento, no túmulo, caso o corpo fosse encontrado. Esquerdinha cuidou das providências para o funeral. Escolheu um caixão e um lote no cemitério, mandou fazer uma lápide e pagou as notas de falecimento no jornal. Os imigrantes gregos começavam, naquela época, a usar capelas funerárias, mas Sourmelina insistiu que o velório fosse em casa. Durante mais de uma semana, visitantes passaram pela sala obscurecida, onde as venezianas tinham sido fechadas e um forte aroma de flores pairava no ar. Vieram os parceiros nos negócios escusos de Zizmo, assim como gente dos *speakeasies* que ele abastecia e uns poucos amigos de Lina. Depois de dar as condolências à viúva, atravessavam a sala e ficavam parados diante do caixão aberto. Dentro, acomodada num travesseiro, uma fotografia emoldurada de Jimmy Zizmo. A foto o mostrava meio de perfil, o olhar apontado para o brilho celestial da iluminação de estúdio. Sourmelina cortou a fita que unia suas coroas de casamento e colocou a dele dentro do caixão também.

A angústia de Sourmelina pela morte do marido superava de longe a afeição que tivera por ele em vida. Por dez horas, ao longo de dois dias, Lina chorou e recitou a *mirologhia* junto ao caixão vazio de Jimmy Zizmo. No melhor estilo histriônico de vilarejo, soltou árias em tom ascendente em que lamentava a morte de Zizmo e o repreendia por ter morrido. Quando terminou essa parte, passou a fustigar Deus por tê-lo levado tão cedo, lastimando o destino da filha recém-nascida. “Você é o culpado! A culpa é toda sua!”, ela gritava. “Que motivo você tinha pra morrer? Agora me deixou viúva. E abandonou sua filha na rua!” Enquanto se lamuriava, embalava a criança, de quando em quando erguendo-a no ar, de modo a mostrar a Zizmo e a Deus o que tinham feito. Os imigrantes mais velhos, ouvindo a fúria de Lina, se viram de volta a suas infâncias na Grécia, às lembranças dos próprios avós e pais em funerais, e todos

concordavam que tal demonstração de luto garantiria paz eterna à alma de Jimmy.

Conforme a lei da Igreja, o funeral aconteceu num dia de semana. O padre Stylianopoulos, com a cabeça coberta pelo *kalimafkion* e uma grande cruz no peito, veio à casa às dez da manhã. Após a prece, Sourmelina levou-lhe uma vela acesa sobre um prato. Então a soprou, fazendo a fumaça subir e se dispersar, e o padre Stylianopoulos a quebrou ao meio. Depois disso, todos formaram uma fila do lado de fora para iniciar o cortejo até a igreja. Esquerdinha tinha alugado uma limusine para a ocasião, e abriu a porta para que a esposa e a prima embarcassem. Do carro, ele fez um breve aceno para o homem que havia sido designado para guardar posição junto à porta de entrada da casa, impedindo que o espírito de Zizmo retornasse. Esse homem era Peter Tatakis, futuro quiroprático. Segundo a tradição, tio Pete devia ficar de guarda na porta por mais de duas horas, até a cerimônia na igreja ter terminado.

Cumpriu-se a liturgia completa de um funeral; a única parte omitida foi a última, quando a congregação é solicitada a dar o beijo final no falecido. Em substituição, Sourmelina passou pelo caixão e beijou a coroa de casamento, no que foi imitada por Desdêmona e Esquerdinha. A Igreja da Assunção, que na época funcionava num pequeno imóvel comercial da Hart Street, tinha menos de um quarto dos lugares ocupados. Jimmy e Lina não costumavam frequentá-la muito. Os presentes eram, em sua maioria, velhas viúvas para quem funerais serviam como forma de entretenimento. Por fim, o caixão foi carregado até a frente, na rua, para a foto. Os participantes da cerimônia se agruparam em torno, a igreja modesta da Hart Street ao fundo. O padre Stylianopoulos assumiu seu lugar, à cabeceira do caixão, que foi aberto novamente para que a fotografia de Jimmy Zizmo, sobre o cetim plissado, pudesse ficar exposta. Bandeiras

adornavam o caixão, a grega de um lado, a americana do outro. Ninguém sorriu quando o flash foi disparado. Depois, o cortejo prosseguiu pela Van Dyke até o Cemitério Forest Lawn, onde o caixão foi colocado no depósito até a primavera. Ainda havia a possibilidade de que o corpo reaparecesse com o degelo da estação.

Apesar de cumpridos todos os ritos necessários, a família estava consciente de que a alma de Jimmy Zizmo ainda não descansava em paz. Depois da morte, as almas ortodoxas não saem batendo asas direto para o céu. Preferem ficar por aqui e perturbar os vivos. Nos quarenta dias seguintes, toda vez que minha avó esquecia onde tinha deixado seu livro de interpretação de sonhos ou seu *kombolói*, culpava o espírito de Zizmo. Ele assombrava a casa, fazendo coalhar o leite fresco e roubando o sabonete do banheiro. Quando o período de luto se aproximava do fim, Desdêmona e Sourmelina prepararam o *kolyvo*. Era como um bolo de casamento, feito de três andares branquíssimos. O de cima era enfeitado por um cercadinho de onde brotavam abestos moldados em gelatina verde. Havia ainda um lago de gelatina azul, e o nome de Zizmo em letras formadas por confetes prateados. No quadragésimo dia após o funeral, outra cerimônia foi realizada na igreja, depois da qual todos voltaram à Hurlbut Street. Reuniram-se em volta do *kolyvo*, polvilhado com o açúcar de confeitiro da vida eterna e entremeado de imortais sementes de romã. Assim que comeram o bolo, todos puderam sentir: a alma de Jimmy Zizmo deixava o plano terreno e entrava no paraíso, onde não poderia mais incomodar ninguém. No auge das festividades, Sourmelina causou escândalo ao voltar do quarto com um vestido de um laranja berrante.

“O que você está fazendo?“, sussurrou Desdêmona. “Uma viúva veste preto pelo resto da vida.”

“Quarenta dias está de bom tamanho“, respondeu Lina, e continuou a comer.

Só então os bebês puderam ser batizados. No sábado seguinte, Desdêmona, tomada de sentimentos conflitantes, viu os padrinhos segurarem as crianças sobre a pia batismal da Assunção. Quando entrava na igreja, minha avó sentiu um orgulho intenso. As pessoas a cercaram, tentando dar uma espiada no bebê, o qual tinha o poder miraculoso de transformar até as mulheres mais idosas em jovens mães novamente. Durante a cerimônia propriamente dita, o padre Stylianopoulos cortou um cacho do cabelo de Milton e o deixou cair na água. Abençoou o bebê com o sinal da cruz na testa. Submergiu-o, então. Mas, enquanto Milton era lavado do pecado original, Desdêmona seguia consciente de sua iniquidade. Silenciosamente repetiu a jura de nunca vir a ter outro bebê.

“Lina”, ela começou alguns dias mais tarde, corando.

“O quê?”

“Nada.”

“Nada, não. É alguma coisa. O quê?”

“Eu estava pensando. Como é que a gente... se a gente não quiser...” E desembuchou: “Como a gente faz pra não ficar grávida?”.

Lina deu uma risadinha. “Com isso eu não preciso mais me preocupar.”

“Mas você sabe como faz? Tem algum jeito?”

“Minha mãe sempre dizia que, enquanto está amamentando, a mulher não engravida. Não sei se é verdade, mas era o que ela dizia.”

“Mas e depois, como faz?”

“Simples. Não durma com seu marido.”

No momento, isso era possível. Desde o nascimento do bebê, meus avós viviam um hiato nas relações sexuais. Desdêmona ficava acordada metade da noite, amamentando. Estava sempre exausta. Além disso, tinha rompido o períneo durante o parto e ainda se recuperava. Esquerdinha se continha, gentil, sem tomar a iniciativa

de qualquer atividade amorosa, mas, a partir do segundo mês do nascimento, começou a vir para o lado dela na cama. Desdêmona o repeliu pelo tempo que pôde. “É cedo demais”, dizia. “Não queremos outro bebê.”

“Por que não? O Milton precisa de um irmão.”

“Você está me machucando.”

“Vou ser delicado. Vem cá.”

“Não, por favor. Hoje não.”

“Que foi? Está ficando que nem a Sourmelina? Uma vez por ano é suficiente?”

“Quieto. Você vai acordar o bebê.”

“Não me importo se ele acordar.”

“Não grite. Ok. Vai. Estou pronta.”

Mas, cinco minutos depois: “Qual é o problema?”.

“Não tem problema nenhum.”

“Não venha me dizer que não tem. Parece que estou com uma estátua.”

“Ah, Esquerdinha!” E Desdêmona desabou aos soluços.

Esquerdinha a consolou e se desculpou, mas, ao se virar para dormir, sentiu que estava emparedado na solidão da paternidade. Com o nascimento do filho, Eleutherios Stephanides percebeu a futura e contínua depreciação que sofreria aos olhos da mulher e, enterrando a cabeça no travesseiro, compreendeu por que, em todo lugar, pais se queixavam de viver como hóspedes na própria casa. Sentiu um ciúme louco do filho pequeno, cujo choro era o único som que Desdêmona parecia ouvir, cujo corpinho era objeto de intermináveis cuidados e carinhos, e que havia, à força, afastado o pai dos afetos de Desdêmona por um subterfúgio aparentemente divino, um deus assumindo a forma de um leitãozinho para sugar o seio de uma mulher. Ao longo das semanas e meses seguintes, ele assistiria ao florescimento daquele caso de amor entre mãe e bebê

do exílio siberiano de seu lado da cama. Via a mulher fazer caras e bocas, dizendo palavrinhas doces para o pequeno; admirava-se de sua completa ausência de nojo em relação aos processos corporais do filho, da ternura com que limpava o bumbum do bebê e passava talco, esfregando em movimentos circulares, e certa vez, o que deixou Esquerdinha chocado, até abriu as pequenas nádegas para espalhar vaselina na prega rosada.

Dali em diante, a relação dos meus avós começou a mudar. Até o nascimento de Milton, Esquerdinha e Desdêmona tinham desfrutado de um casamento atipicamente íntimo e igualitário para aquela época. Mas Esquerdinha, sentindo-se excluído, retaliou com a ajuda da tradição. Parou de chamar a esposa de *kukla*, que significa "boneca", e passou a chamá-la de *kyria*, "senhora". Reinstituuiu a segregação de sexos na casa, voltando a reservar a sala aos amigos e banindo Desdêmona para a cozinha. Começou a dar ordens. "Kyria, meu jantar". Ou: "Kyria, traga as bebidas!". Agia como os homens de seu tempo e ninguém viu nada de excepcional nisso, só Sourmelina. Mas nem mesmo ela era capaz de se livrar completamente dos grilhões do vilarejo, e se recolhia ao quarto quando Esquerdinha trazia os rapazes para fumar charutos e cantar canções folclóricas.

Trancado no isolamento da paternidade, Esquerdinha Stephanides se concentrou em buscar um jeito mais seguro de ganhar a vida. Escreveu para a editora Atlantis, em Nova York, oferecendo seus serviços de tradutor, mas tudo que recebeu de volta foi uma carta agradecendo o interesse, junto com um catálogo. Ele deu o catálogo para Desdêmona, que encomendou um novo livro de interpretação de sonhos. Trajando seu terno de protestante, Esquerdinha visitou pessoalmente as universidades e faculdades locais para saber da possibilidade de vir a ser professor de grego. Mas as vagas eram poucas e estavam todas preenchidas. Meu avô não tinha o

necessário diploma em língua e literatura clássicas; nem mesmo se formara numa universidade. Embora tivesse aprendido a falar um inglês fluente, ainda que algo excêntrico, seu domínio da língua escrita era, no máximo, mediano. Com mulher e filho para sustentar, estava fora de cogitação voltar a estudar. Apesar desses obstáculos, ou talvez por causa deles, durante o período de quarenta dias de luto, Esquerdinha montou, na própria sala, um escritório, a fim de retomar sua atividade acadêmica. Obstinado, e puramente como fuga, passava horas traduzindo Homero e Mímnermo para o inglês. Usava lindos e caríssimos cadernos milaneses e escrevia com uma caneta-tinteiro abastecida de tinta esmeralda. À noite, outros rapazes emigrados apareciam trazendo uísque contrabandeado, e eles bebiam e jogavam gamão. De vez em quando, Desdêmona farejava, escapando por baixo da porta, o familiar aroma almiscarado.

Durante o dia, se estivesse se sentindo preso, Esquerdinha enterrava seu novo fez na cabeça e saía de casa para pensar. Caminhava até o Waterworks Park, admirado de que os americanos tivessem construído aquele palácio para abrigar filtros hidráulicos e válvulas de admissão. Seguia até o rio e parava em meio aos barcos atracados no seco. Pastores-alemães acorrentados em jardins brancos de gelo rosnavam para ele. Espiava as vitrines das lojas de iscas, fechadas durante o inverno. Numa dessas caminhadas, passou por um prédio de apartamentos demolido. A fachada tinha sido derrubada, revelando o interior dos cômodos, como numa casa de bonecas. Esquerdinha viu cozinhas e banheiros reluzentes e azulejados, flutuando no ar, espaços parcialmente expostos cujas belas cores lhe lembravam as tumbas dos sultões, e teve uma ideia.

Na manhã seguinte, ele desceu ao porão, na Hurlbut Street, e começou a trabalhar. Tirou as salsichas condimentadas de Desdêmona dos canos de aquecimento. Varreu as teias de aranha e

estendeu um tapete no chão sujo. Trouxe a pele de zebra de Jimmy Zizmo do andar de cima e a pregou na parede. Em frente à pia, construiu um pequeno bar com madeira de construção descartada e o revestiu com azulejos catados em demolições: arabescos azuis e brancos; quadriculados napolitanos; dragões de brasão vermelhos; e cerâmica cor de terra da Pewabics, fabricação local. Emborcou alguns rolos de cabos, que cobriu com panos para servirem de mesas. Estendeu lençóis no teto para esconder os canos. Com os velhos contatos do contrabando, conseguiu alugar um caça-níquel e mandou vir estoque de cerveja e uísque para uma semana. E, numa noite fria de fevereiro de 1924, abriu o negócio.

O Zebra Room era um estabelecimento de bairro que funcionava em horários incertos. Sempre que Esquerdinha estava aberto à clientela, pendurava um ícone de São Jorge na janela da sala de estar, de frente para a rua. Os clientes tinham acesso pelos fundos com batidas em código na porta do porão — uma longa, duas curtas, mais duas longas. Então abandonavam ali em cima a América do trabalho nas fábricas e da tirania dos supervisores para descer à gruta arcadiana do esquecimento. Meu avô posicionou a vitrola a um canto. Oferecia *koulouria* trançada, coberta com gergelim, no balcão do bar. Cumprimentava as pessoas com a exuberância que esperavam de um estrangeiro e flertava com as moças. Atrás do balcão, reluzia um vitral de garrafas de bebida: o azul do gim inglês, o vermelho-escuro do clarete e do Madeira, o castanho-amarelado do uísque e do bourbon. Uma luminária dependurada por uma corrente girava, salpicando a pele de zebra de pequenos pontos e fazendo os clientes se sentirem mais bêbados do que de fato estavam. Às vezes alguém ficava de pé na cadeira e começava a saracotear e estalar os dedos ao ritmo da música estranha da vitrola, e a turma caía na risada.

Ali, naquele *speakeasy* no porão, meu avô desenvolveu os atributos do dono de bar que seria pelo resto da vida. Canalizou suas habilidades intelectuais para a ciência da mixologia. Aprendeu a se virar no horário de pico da noite no estilo *one-man-band*, servindo uísque com a mão direita enquanto tirava cerveja com a esquerda, ao mesmo tempo que afastava os apoiadores de copo com o cotovelo e bombeava o barril com o pé. Durante catorze a dezesseis horas por dia, ele trabalhava naquele buraco debaixo da terra, suntuosamente decorado, e não parava nunca, nem por um momento. Quando não estava servindo bebida, estava repondo a *koulouria* nas bandejas. Quando não estava substituindo o barril de cerveja, estava abastecendo o cesto de arame com os ovos cozidos. Mantinha o corpo ocupado para que a mente não tivesse ocasião de pensar: na frieza crescente da esposa, ou em como o crime deles os perseguia. Esquerdinha sonhava abrir um cassino, e o Zebra Room foi o mais perto que chegou disso. Não havia jogo, nem palmeiras em vasos, mas havia *rebetika* e, em muitas noites, haxixe. Somente em 1958, quando já havia saído de trás do balcão de outro Zebra Room, é que meu avô se permitiu voltar aos sonhos de roleta de sua juventude. Foi tentando recuperar o tempo perdido que se arruinou, e finalmente sua voz desapareceu da minha vida.

Desdêmona e Sourmelina ficavam no andar de cima, criando os filhos. Na prática, isso significava que Desdêmona tirava as crianças da cama pela manhã, dava comida, lavava os rostos e trocava as fraldas antes de levá-las a Sourmelina, que a essa altura, ainda cheirando a fatias de pepino que colocava sobre as pálpebras durante a noite, recebia visitas. Ao ver Theodora, Sourmelina abria os braços e se derramava: "*Chryso fili!*" — arrancando sua menina dourada de Desdêmona e a enchendo de beijos. No resto da manhã, enquanto bebia café, Lina se divertia aplicando máscara nos

pequenos cílios de Theodora. Se um certo cheiro se anunciava, entregava a filha de volta, dizendo: "Aconteceu alguma coisa aqui".

Sourmelina acreditava que a alma não entrava no corpo até a criança começar a falar. Deixou que Desdêmona se preocupasse com assaduras e coqueluches, com dores de ouvido e sangramentos de nariz. Sempre que havia convidados para o almoço, porém, Sourmelina os recepcionava com a bebê embonecada pregada no ombro, o acessório perfeito. Sourmelina era ruim com bebês, mas fantástica com adolescentes. Estava lá para dar apoio nas primeiras paixões e decepções amorosas, para palpitar sobre vestidos de festa e comportamentos sofisticados como a anomia. De modo que, naqueles primeiros anos, Milton e Theodora cresceram juntos à maneira tradicional dos Stephanides. Assim como, um dia, um *kelimi* tinha servido para isolar irmão de irmã, agora um cobertor de lã separava os primos de segundo grau. Assim como, um dia, uma sombra dupla tinha saltado pela encosta da montanha, agora uma sombra conjugada de forma semelhante se movia pela varanda dos fundos da Hurlbut Street.

Cresceram. Com um ano, dividiam a mesma banheira. Com dois, os mesmos crayons. Com três, Milton se sentava no avião de brinquedo e Theodora girava a turbina. Mas o East Side de Detroit não era um pequeno vilarejo nas montanhas. Havia montes de crianças com quem brincar. E, quando fez quatro anos, Milton renunciou à companhia da prima, preferindo os meninos da vizinhança. Theodora não se importou. A essa altura tinha uma prima para suas brincadeiras.

Desdêmona tinha feito tudo que podia para cumprir a promessa de nunca ter outro filho. Amamentou Milton até os três anos. Continuou a repelir as investidas de Esquerdinha. Mas era impossível fazer isso todas as noites. Havia momentos em que sua culpa por ter se casado com Esquerdinha conflitava com a culpa por não satisfazê-

lo. Havia momentos em que a necessidade de Esquerdinha parecia tão desesperada, tão digna de pena, que ela não resistia e cedia. E havia momentos em que ela, também, precisava de conforto físico e alívio. Acontecia não mais do que um punhado de vezes ao ano, e com maior frequência nos meses de verão. Aqui e ali, quando se comemorava o dia do santo de alguém, Desdêmona bebia vinho demais e também acabava acontecendo. E, numa noite quente de julho de 1927, significativamente aconteceu, e o resultado foi uma filha, Zoë Helen Stephanides, minha tia Zo.

Desde o momento em que soube que estava grávida, minha avó novamente passou a ser atormentada pelo medo de que o bebê nascesse com alguma horrenda deformidade. Na Igreja Ortodoxa, até mesmo filhos de compadres muito próximos eram impedidos de se casar, com o argumento de que isso constituiria incesto espiritual. E não era nada, se comparado ao caso deles! De modo que Desdêmona sofria, sem conseguir dormir à noite à medida que o novo bebê crescia dentro dela. O fato de ter prometido à Panaghia, a Virgem Santa, que nunca mais teria outra criança fazia Desdêmona ter mais certeza ainda de que a mão da justiça agora desceria pesada sobre sua cabeça. Mas uma vez mais suas ansiedades não se justificaram. Na primavera seguinte, em 27 de abril de 1928, Zoë Stephanides nasceu, uma menina grande e saudável, com a cabeça meio quadrada da avó, um choro poderoso e nada de anormal.

Milton mostrava pouco interesse pela irmãzinha. Preferia brincar de estilingue com seus amigos. O comportamento de Theodora foi exatamente o oposto. Ficou encantada com Zoë. Carregava a nova bebê para lá e para cá feito uma boneca que tivesse acabado de ganhar. A amizade de uma vida inteira das duas, que viria a sofrer muitos abalos, começou já no primeiro dia, com Theodora fingindo ser a mãe de Zoë.

A chegada de mais um bebê fez a casa da Hurlbut parecer um pouco lotada. Sourmelina decidiu se mudar. Consegiu emprego numa floricultura, deixando a Esquerdinha e Desdêmona a hipoteca. No outono do mesmo ano, Sourmelina e Theodora fixaram residência perto dali, na Pensão O'Toole, na Cadillac Avenue, bem atrás da Hurlbut Street. Os fundos das duas casas ficavam frente a frente, e Lina e Theodora ainda eram próximas o suficiente para se visitar quase todo dia.

Na quinta-feira, 24 de outubro de 1929, em Wall Street, Nova York, homens trajando ternos de corte elegante começaram a pular das janelas dos famosos arranha-céus da cidade. Aquele desespero de lemingues parecia distante da Hurlbut Street, mas pouco a pouco uma nuvem negra percorreu a nação, deslocando-se na direção contrária à da meteorologia, até chegar ao Meio-Oeste. A Depressão se anunciou a Esquerdinha pelo número crescente de banquetas vazias no bar. Depois de quase seis anos operando na capacidade máxima, começaram períodos mais fracos, noites em que o lugar ficava só com dois terços da lotação, ou mesmo a metade. Nada desviava os estoicos alcoólatras de sua vocação. Apesar da conspiração bancária internacional (desmascarada pelo padre Coughlin no rádio), esses fiéis se apresentavam para o cumprimento do dever sempre que São Jorge galopava na janela da frente. Mas pais de família e aqueles que bebiam socialmente deixaram de aparecer. Em março de 1930, apenas metade dos antigos clientes dava a batida dactílica-espondaica secreta na entrada do porão. Os negócios melhoraram durante o verão. "Não se preocupe", Esquerdinha disse a Desdêmona. "O presidente Herbert Hoover está cuidando de tudo. O pior já passou." Sobreviveram o ano e meio seguinte, mas em 1932 só vinham uns poucos clientes por dia.

Esquerdinha vendia fiado, dava desconto na bebida, mas nada adiantava. Logo não podia mais pagar pelos carregamentos. Um dia vieram dois homens e levaram o caça-níquel.

“Foi terrível. Terrível!” Desdêmona ainda gritava ao descrever, cinquenta anos depois, aquela época. Durante toda minha infância, a mais breve menção à Depressão lançava minha *yia yia* num ciclo completo de lamúrias, as mãos agarradas ao peito. (Até mesmo uma vez em que o assunto da conversa era a síndrome “maníaco-depressiva”.) Ela quase caía da cadeira, esmagando o rosto com as duas mãos feito a figura de Munch em *O grito* — e então dizia: “*Mana!* A Depressão! Tão terrível que vocês não acreditam! Não tem trabalho, ninguém. Lembro das marchas dos famintos, todas as pessoas marchando na rua, um milhão, uma atrás da outra, uma atrás da outra, indo falar pro sr. Henry Ford abrir a fábrica. Aí a gente escuta, uma noite, na viela ali, um som terrível. As pessoas, elas matam ratos, plam, plam, plam, com paus, pra comer os ratos. Ah, meu Deus! E o Esquerdinha, ele não trabalha na fábrica. Tem só, sabe, o *speakeasy*, onde o pessoal vem beber. Mas no meio da Depressão foi outra época ruim, economia muito ruim, e não tem dinheiro, ninguém tem dinheiro pra beber. Não tem pra comer, tem pra beber? Então logo não tem dinheiro, *papou* e *yia yia*. E *aí*” — a mão no coração —, “aí me fazem eu ir trabalhar praqueles *mavros*. Negros! Ah, meu Deus!”.

Aconteceu assim. Certa noite, meu avô se deitou na cama e descobriu que minha avó não estava sozinha ali. Milton, agora com oito anos, se aconchegava de um lado da mãe. Do outro estava Zoë, que tinha só quatro anos. Esquerdinha, exausto do trabalho, contemplou o espetáculo daquele zoológico. Adorava ver os filhos dormindo. Apesar dos problemas no casamento, nunca conseguiu culpar o filho ou a filha. Ao mesmo tempo, raramente os via. Para ganhar dinheiro suficiente, era obrigado a manter o *speakeasy*

aberto dezesseis, às vezes dezoito horas por dia. Trabalhava sete dias por semana. Tinha de ficar exilado da família para poder sustentá-la. Quando estava em casa, de manhã, as crianças o tratavam como um parente próximo, um tio talvez, mas não como um pai.

E também havia o problema das garotas do bar. Servindo dia e noite numa gruta mal iluminada, eram muitas as oportunidades de conhecer mulheres que iam beber com amigos ou mesmo sozinhas. Meu avô tinha trinta anos em 1932. Tinha encorpado e se tornado um homem; era charmoso, simpático, estava sempre bem vestido — e ainda estava em pleno vigor físico. No andar de cima, sua esposa não fazia sexo por estar amedrontada demais, mas ali embaixo, no Zebra Room, as mulheres lançavam a Esquerdinha olhares quentes e ousados. Agora, contemplando os três vultos adormecidos na cama, meu avô pensava em todas essas coisas ao mesmo tempo: no amor pelos filhos, no amor pela mulher, e também na frustração com o casamento e na atração pelas garotas do bar, um entusiasmo de rapaz solteiro. Aproximou-se do rosto de Zoë. O cabelo da filha ainda estava úmido do banho, e com um perfume gostoso. Deleitou-se como pai enquanto ao mesmo tempo se mantinha um homem, à parte. Esquerdinha sabia que não era possível reunir todas aquelas coisas na cabeça. E então, depois de ter admirado a beleza do rosto de suas crianças, tirou-as da cama e levou-as de volta ao quarto delas. Voltou e se deitou na cama ao lado da esposa adormecida. Delicado, começou a afagá-la, movendo a mão para cima e para baixo sob a camisola de Desdêmona. De repente os olhos dela se abriram.

“O que você está fazendo?”

“O que você acha que eu estou fazendo?”

“Estou dormindo.”

“E eu estou te acordando.”

“Que indecência.” Minha avó o repeliu. E Esquerdinha arrefeceu. Rolou e se afastou da esposa com raiva. Houve um longo silêncio até que ele voltasse a falar.

“Nunca recebo nada de você. Trabalho o tempo inteiro e não ganho nada.”

“Você acha que eu não trabalho? Tenho duas crianças pra cuidar.”

“Se você fosse uma esposa normal, talvez compensasse eu trabalhar tanto.”

“Se você fosse um marido normal, me ajudaria com as crianças.”

“Como posso te ajudar? Você nem sequer entende quanto custa ganhar dinheiro neste país. Pensa que fico me divertindo lá embaixo?”

“Você põe música pra tocar, bebe. Dá pra ouvir a música da cozinha.”

“É meu trabalho. É por isso que o pessoal vem. E, se não vier, não conseguimos pagar nossas contas. Fica tudo em cima de mim. Isso é que você não entende. Trabalho dia e noite e, quando venho pra cama, não posso nem dormir. Por falta de espaço!”

“O Milton teve um pesadelo.”

“Todos os meus dias são pesadelos.”

Ele acendeu a luz e, na claridade, Desdêmona viu o rosto do marido desfigurado por uma malignidade que nunca antes ela tinha visto. Não era mais o rosto de Esquerdinha, não mais o de seu irmão ou o de seu marido. Era o rosto de uma nova pessoa, de um estranho com quem ela vivia.

E foi esse novo rosto terrível que deu o ultimato:

“Amanhã de manhã”, vociferou Esquerdinha, “você vai sair pra procurar emprego.”

No dia seguinte, quando Lina veio almoçar, Desdêmona pediu que a prima lesse o jornal para ela.

“Como posso trabalhar? Nem sei inglês.”

“Você sabe um pouquinho.”

“A gente devia ter ido pra Grécia. Lá nenhum marido ia fazer a mulher sair pra procurar emprego.”

“Não se preocupe”, disse Lina, segurando no ar o jornal de papel reciclado. “Não tem emprego nenhum mesmo.” Os classificados do *Detroit Times* de 1932, direcionados a uma população de quatro milhões de pessoas, preenchiam apenas uma coluna. Sourmelina semicerrava os olhos, procurando alguma coisa que servisse.

“Garçonete”, leu.

“Não.”

“Por que não?”

“Os homens ficariam flertando comigo.”

“Você não gosta?”

“Leia”, falou Desdêmona.

“Peças e maquinário”, continuou Lina.

Minha avó franziu o cenho. “O que é isso?”

“Sei lá.”

“Será que mexe com tecido?”

“Talvez.”

“Continue”, disse Desdêmona.

“Enroladora de charutos”, falou Lina.

“Não gosto de fumaça.”

“Empregada doméstica.”

“Lina, por favor. Não posso fazer serviço doméstico pra outra pessoa.”

“Produção de seda.”

“O quê?”

“Produção de seda. Só diz isso. E tem um endereço.”

“Produção de seda? É o que eu faço. Sei tudo disso.”

“Então parabéns, você arrumou um emprego. Se a vaga já não tiver sido preenchida quando você chegar lá.”

Uma hora depois, vestida a caráter para procurar emprego, minha avó saiu de casa relutante. Sourmelina tinha tentado convencê-la a pegar emprestado um vestido com decote baixo. “Vista isto aqui e ninguém vai reparar no seu inglês”, a prima disse. Mas Desdêmona tomou o bonde trajando um de seus vestidos simples, cinza com bolinhas marrons. Os sapatos, o chapéu e a bolsa eram cada um de um tom de marrom, quase combinando entre si.

Embora os preferisse aos automóveis, bondes também não eram muito do gosto da minha avó. Tinha dificuldade para identificar os itinerários. Aqueles carrões movidos a solavancos e energia fantasma estavam sempre fazendo curvas inesperadas, lançando-a a partes desconhecidas da cidade. Quando o primeiro parou, ela gritou para o condutor: “Centro?”. Ele fez que sim com a cabeça. Ela embarcou, baixou um assento e tirou da bolsa o endereço que Lina tinha escrito. Quando o condutor passou, Desdêmona mostrou a ele o papel.

“Hastings Street? É lá que a senhora quer ir?”

“Sim. Hastings Street.”

“Fique neste bonde até Gratiot. Aí pegue a linha Gratiot até o centro. Desça na Hastings.”

Ao ouvir Gratiot, Desdêmona ficou aliviada. Ela e Esquerdinha pegavam aquela linha até Greektown. Agora tudo fazia sentido. *Então quer dizer que não produzem seda em Detroit?*, ela perguntava, triunfante, ao marido ausente. *Está aí, sabichão.* O bonde ganhou velocidade. As fachadas das lojas da Mack Avenue passavam, e não eram poucas as que estavam fechadas, as vitrines pintadas de branco. Desdêmona encostou o rosto à janela, mas agora, como estava sozinha, tinha mais algumas palavras para dizer

a Esquerdinha. *Se a polícia em Ellis Island não tivesse me tomado os bichos-da-seda, eu podia ter montado um abrigo pros casulos no quintal. Não ia precisar procurar emprego. A gente ia ganhar um monte de dinheiro. Eu te disse.* As roupas dos passageiros, embora ainda fossem bastante formais naquele tempo, estavam puídas e esfarrapadas: chapéus sem forma havia meses, bainhas e punhos gastos, gravatas e lapelas manchadas de molho. No meio-fio, um homem segurava um cartaz escrito à mão: QUERO TRABALHO NÃO CARIDADE AJUDA PRA CONSEGUIR EMPREGO. SETE ANOS EM DETROIT. SEM DINHEIRO. MANDADO EMBORA. OFEREÇO AS MELHORES REFERÊNCIAS. *Olha só aquele pobre homem. Mana! Parece um refugiado. Esta cidade podia muito bem ser Esmirna. Qual a diferença?* O bonde seguia em frente, afastando-se dos pontos familiares para Desdêmona: a mercearia, o cinema, os hidrantes de incêndio e as bancas de jornal do bairro. Seus olhos de moça de vilarejo, capazes de diferenciar árvores e arbustos num relance, contemplavam as placas ao longo do trajeto, letras do alfabeto romano que nada significavam para ela se enroscando umas nas outras e anúncios estropiados exibindo rostos americanos com a pele descascando, rostos sem olhos, ou sem boca, ou sem qualquer coisa além de um nariz. Quando reconheceu o desenho diagonal de Gratiot, ela se levantou e gritou com voz estridente: "Fidaputa!". Não fazia ideia do significado da palavra. Tinha ouvido Sourmelina usá-la sempre que perdia o ponto. Como de costume, funcionou. O motoneiro freou o bonde e os passageiros prontamente abriram caminho para que Desdêmona desembarcasse. Pareciam surpresos ao vê-la sorrir e agradecer.

No bonde da linha Gratiot, ela pediu ao condutor: "Por favor, Hastings Street".

"Hastings? A senhora tem certeza?"

Ela lhe mostrou o endereço e disse mais alto: "*Hastings Street*".

"Ok. Eu aviso quando chegar."

O bonde tocou para Greektown. Desdêmona conferiu seu reflexo na janela e ajustou o chapéu. Desde as duas gravidezes, ela tinha ganhado peso, engrossado na cintura, mas a pele e o cabelo continuavam bonitos, e ainda era uma mulher atraente. Depois de se olhar, voltou a atenção ao cenário que passava. Que mais minha avó teria visto nas ruas de Detroit em 1932? Deve ter visto homens de boina vendendo maçãs nas esquinas. Deve ter visto enroladores de charutos saindo de fábricas sem janelas para tomar ar fresco, seus rostos permanentemente marrons do pó de tabaco. Deve ter visto operários distribuindo panfletos de sindicatos e sendo perseguidos por detetives da agência Pinkerton. Nas vielas, talvez tenha visto capangas dos patrões dando cabo daqueles mesmos panfleteiros. Deve ter visto policiais, a pé ou a cavalo, sessenta por cento dos quais eram secretamente membros da Ordem Protestante branca da Legião Negra, que tinha seus próprios métodos para dar fim a negros, comunistas e católicos. “Mas qual é, Cal”, ouço a voz da minha mãe, “você não tem nada de bom pra contar?” Ok, tá certo. Em 1932, Detroit era conhecida como “Cidade das Árvores”. Mais árvores por quilômetro quadrado do que qualquer outra cidade do país. Para compras, tinha a Kern’s e a Hudson’s. Os magnatas da indústria automobilística haviam construído, na Woodward Avenue, o belo Instituto de Artes de Detroit, onde, naquele exato minuto em que Desdêmona seguia para sua entrevista de emprego, um artista mexicano chamado Diego Rivera trabalhava na sua nova incumbência: um mural retratando a nova mitologia da indústria do automóvel. Sobre um andaime, lá estava ele, sentado em sua cadeira dobrável, rascunhando a grande obra: as quatro raças andróginas da espécie humana nos painéis superiores, contemplando lá embaixo a linha de montagem do rio Rouge onde trabalhavam os operários, seus corpos harmonizados pelo esforço. Vários painéis menores mostravam a “célula germinativa” de um

bebê envolvido pelo bulbo de uma planta, o fascínio e o horror da medicina, os frutos e grãos nativos de Michigan; e bem no canto o próprio Henry Ford, expressão entediada e rígida, conferindo a contabilidade.

O bonde passou pela McDougal, pela Joseph Campau e pela Chene, e então, com um pequeno tremor, cruzou a Hastings. Nesse momento, cada um dos passageiros, todos brancos, fez um gesto talismânico. Homens apalparam as carteiras, mulheres conferiram se as bolsas estavam seguras. O motoneiro puxou a alavanca que fechava a porta traseira. Desdêmona, reparando nisso tudo, olhou para fora e viu que o bonde ia adentrando o gueto de Black Bottom.

Não havia trincheira nem cerca. O bonde cruzou a barreira invisível sem sequer uma pausa, mas ao mesmo tempo, depois de percorrer uma quadra, já estava em outro mundo. A luz parecia ter mudado, ter ficado mais cinzenta, filtrada pelos varais. O aspecto sombrio das varandas e dos apartamentos sem eletricidade ganhava também as ruas, e a nuvem carregada da pobreza que pairava sobre o bairro chamava a atenção, lá embaixo, para a claridade de objetos abandonados, isolados: tijolos vermelhos caindo do patamar da escada à entrada das casas, pilhas de lixo e ossos de pernil, cata-ventos pisoteados do festival do ano anterior, o sapato velho perdido por alguém. Aquela quietude decrepita durou apenas um momento. O gueto agora irrompia de todas as suas vielas e becos. *Olha só todas essas crianças! São tantas!* Súbito, crianças apareceram correndo ao lado do bonde, acenando e gritando. Brincavam de pular na frente do carro, sobre os trilhos. Outras trepavam na traseira. Desdêmona levou a mão à garganta. *Por que tinham tantos filhos? Qual era o problema com aquela gente? As mulheres mavro deviam amamentar mais tempo os bebês. Alguém devia dizer isso a elas.* Agora via homens se lavando em bicas a céu aberto nos becos. Mulheres seminuas exibiam seus quadris avantajados nas sacadas

dos sobrados. Desdêmona olhou aterrorizada para todos aqueles rostos nas janelas, para todos aqueles corpos que enchiam as ruas, quase meio milhão de pessoas espremidas em vinte e cinco quarteirões. Desde a Primeira Guerra Mundial, quando o administrador da Packard Motor Company, E. I. Weiss, segundo seu próprio relato, trouxera o primeiro “carregamento de pretos” para a cidade, foi ali, em Black Bottom, que o establishment tinha cogitado mantê-los. Todo tipo de profissão agora se amontoava no gueto, de metalúrgicos a advogados, de empregadas domésticas a carpinteiros, de médicos a desordeiros, mas a maioria estava desempregada em 1932. Ainda assim, mais e mais gente chegava a cada ano, a cada mês, em busca de emprego no norte. Dormiam em qualquer sofá de qualquer casa. Construía puxadinhos nos quintais. Acampavam nas lajes. (Esse estado de coisas não podia durar, claro. Ao longo dos anos, Black Bottom, malgrado todas as tentativas dos brancos para conter seu crescimento — e por causa das inexoráveis leis da pobreza e do racismo —, só faria crescer, rua após rua, bairro após bairro, até o chamado gueto se tornar a cidade inteira, e nos anos 1970, na administração de Coleman Young, na Detroit do imposto urbano zero, da fuga de brancos e dos recordes de homicídios, os negros finalmente puderam passar a morar onde quisessem...)

Mas em 1932 uma coisa estranha estava acontecendo. O bonde foi diminuindo a velocidade. Estava parando e — inédito! — abria as portas. Os passageiros se agitaram. O condutor bateu no ombro de Desdêmona. “Senhora, é aqui. Hastings.”

“Hastings Street?” Ela não acreditava no homem. Mostrou novamente o endereço. Ele apontou a porta.

“Fábrica de seda aqui?”, perguntou ao condutor.

“Não sei o que tem aqui. Não é minha área.”

E então minha avó desembarcou na Hastings Street. O bonde arrancou, enquanto rostos brancos se voltaram para olhar para ela, uma mulher atirada ao mar. Desdêmona saiu andando. Agarrada à bolsa, caminhou apressada pela Hastings como se soubesse aonde estava indo. Mantinha os olhos fixos à frente. Crianças pulavam corda na calçada. De um terceiro andar, à janela, um sujeito rasgou um pedaço de papel e gritou: “De agora em diante, pode encaminhar meu correio pra Paris, carteiro”. Varandas surgiam abarrotadas de móveis de sala de estar, sofás e poltronas velhos, gente jogando xadrez, discutindo, dedos em riste, e explodindo em risadas. *Sempre rindo, esses mavros. Rindo, rindo, como se tudo fosse muito engraçado. Qual é a graça?, me digam. E o que é — ah, meu Deus! — um homem se aliviando no meio da rua! Não vou olhar.* Topou com o jardim de um artista da sucata: as Sete Maravilhas do Mundo feitas de tampinhas de garrafa. Um ancião bêbado, sombreiro colorido na cabeça, se movia em câmera lenta, sugando a bocarra sem dentes e estendendo a mão por um trocado. *Mas o que eles podem fazer? Não têm água encanada. Nem esgoto, terrível, terrível.* Passou por uma barbearia onde homens alisavam o cabelo usando tocas de banho como mulheres. Do outro lado da rua, rapazes gritaram para ela:

“Baby, você tem tantas curvas que é capaz de causar um acidente!”

“Você deve ser um sonho, baby, porque esse recheio me dá água na boca!”

Risadas irromperam às suas costas e ela apressou o passo. Seguiu adiante, cada vez mais longe, passando por ruas cujos nomes desconhecia. Cheiro de pratos desconhecidos no ar, agora, peixe pescado no rio próximo, jarretes de porco, angus de milho, salsichões fritos, feijão-fradinho. Mas também muitas casas onde nada estava sendo preparado, onde ninguém estava rindo ou

mesmo conversando, cômodos escuros ocupados por rostos fatigados e cachorros mendicantes. Foi de uma dessas varandas que finalmente alguém falou com ela. Uma mulher, graças a Deus.

“Tá perdida?”

Desdêmona observou o rosto suave, bem delineado. “Estou procurando uma fábrica. Produção de seda.”

“Não tem fábrica aqui. Se tinha, fechou.”

Desdêmona entregou o papel com o endereço.

A moça apontou o outro lado da rua. “Ali ó.”

E, ao se virar, o que Desdêmona viu? Viu um prédio de tijolos marrons conhecido, até pouco tempo antes, como McPherson Hall? Um local alugado para encontros políticos, casamentos ou exposições de eventuais videntes de passagem pela cidade? Será que reparou nos detalhes ornamentais em volta da entrada, nas urnas romanas transbordando frutas esculpidas em granito, no mármore colorido? Ou será que seu olhar se concentrou, em vez disso, nos dois rapazes negros montando guarda na porta? Será que reparou em seus ternos impecáveis, um deles num tom azul-claro como o das porções de água de um globo terrestre, o outro num lavanda-pálido de pastilhas francesas? Certamente deve ter notado a postura militar, o brilho absoluto dos sapatos, as gravatas chamativas. Deve ter sentido o contraste entre o ar confiante dos rapazes e o daquele bairro oprimido, mas, o que quer que tenha sentido naquele momento, sua complexa reação chegou a mim como se nada mais tivesse sido que uma simples e chocada constatação.

Um fez. Cada um dos rapazes usava um fez. O adereço de cabeça de tecido mole, marrom, e topo achatado dos antigos algozes de Desdêmona e Esquerdinha. Chapéus cujo nome é uma referência à cidade no Marrocos de onde vem a tintura cor de sangue usada neles, e que (ornando as cabeças de soldados) tinham perseguido e expulsado da Turquia os meus avós, manchando a terra de marrom-

escuro. Agora ali estavam, ressurgidos nas cabeças daqueles dois belos negros. (E aparecerão ainda uma vez mais na minha história, no dia de um funeral, mas essa coincidência, sendo o tipo de coisa que só mesmo a vida real para inventar, é boa demais para ser contada agora.)

Hesitante, Desdêmona atravessou a rua. Disse aos rapazes que tinha vindo por causa do anúncio. Um deles assentiu. "A senhora tem que entrar pelos fundos", disse. Gentil, ele a conduziu por uma alameda até um quintal bem varrido. Nesse momento, como que por um discreto sinal, uma porta se abriu e Desdêmona teve seu segundo choque. Surgiram duas mulheres usando xadores. Para minha avó, pareciam duas devotas muçulmanas de Bursa, exceto pela cor de suas roupas. Não eram pretas. Eram brancas. Os xadores partiam do queixo e desciam aos tornozelos. As mulheres tinham os cabelos cobertos por lenços. Não usavam véus, mas Desdêmona notou, ao se aproximarem, que calçavam sapatos marrons de couro e salto baixo.

O fez, o xador, e logo ali: uma mesquita. Por dentro, o antigo McPherson Hall tinha sido redecorado com temática moura. As moças levaram Desdêmona pelo piso de ladrilhos geométricos. Passaram por cortinados grossos, franjados, que bloqueavam a luz. Nenhum som além do farfalhar dos trajes de suas acompanhantes e, ao longe, o que parecia ser uma voz falando ou rezando. Por fim, fizeram-na entrar num escritório onde uma mulher estava pendurando um quadro.

"Sou a irmã Wanda", disse ela, sem se voltar. "Chefe Suprema, Templo Nº 1." Usava outro tipo de xador, totalmente diferente, com debruns e dragonas. O quadro que pendurava mostrava um disco voador sobrevoando a silhueta dos arranha-céus de Nova York. O disco soltava raios.

"Cê veio por causa do emprego?"

“Sim. Produção de seda. Bastante experiência. Criação dos bichos, cuidar dos casulos, tecer a...”

Irmã Wanda deu um giro e encarou Desdêmona, perscrutando seu rosto. “Tem um problema. Cê é o quê?”

“Sou grega.”

“Grega, é? É um tipo de branco, isso, né? Cê nasceu na Grécia?”

“Não. Na Turquia. A gente é da Turquia. Meu marido e eu, também.”

“Turquia! Por que não falou antes? Turquia é país muçulmano. Cê é muçulmana?”

“Não, grega. Igreja grega.”

“Mas nasceu na Turquia?”

“Ne.”

“Como?”

“Sim.”

“E tua família é da Turquia?”

“Sim.”

“Então cê provavelmente é meio misturadinha, certo? Não é branca inteira.”

Desdêmona hesitou.

“Olha, tô tentando ver como a gente resolve isso”, continuou irmã Wanda. “O ministro Fard, que veio direto da Sagrada Cidade de Meca, sempre reforça pra gente a importância da autonomia. Não dá pra contar mais com branco. Tem que fazer a gente mesmo, entende?” Ela baixou a voz. “Problema é que não aparece um aqui que vale alguma coisa. Pessoal vem, *diz* que conhece seda, mas não conhece nada. Só quer ser contratado e despedido. E sai com o pagamento do dia.” Ela semicerrou os olhos. “Tá pensando em fazer isso?”

“Não. Só contratada. Não despedida.”

“Mas e o que cê é? Grega, turca ou o quê?”

De novo Desdêmona hesitou. Pensou nas crianças. Imaginou-se voltando para casa sem levar comida. Engoliu seco. "Todo mundo misturado. Turco, grego, mesma coisa, igual."

"Era isso que eu queria ouvir." Irmã Wanda abriu um sorriso. "O ministro Fard, ele é misturado também. Vou te mostrar do que a gente precisa."

Levou Desdêmona por um longo corredor revestido de madeira, passaram por uma sala de telefonista e chegaram a outro corredor, mais escuro. Ao final dele, cortinados pesados isolavam o salão principal. Dois jovens faziam a guarda. "Se vier trabalhar com a gente, umas coisinhas que cê precisa saber. Nunca, jamais, passar daquelas cortinas. Templo principal é lá, onde o ministro Fard faz os sermões dele. Cê fica aqui, no setor das mulheres. E cobrir melhor o cabelo, também. Esse chapéu mostra as orelhas, é chamariz."

Desdêmona tocou as orelhas instintivamente, voltando o olhar para os guardas. Suas expressões permaneciam impassíveis. Virou de novo, seguindo a Chefe Suprema.

"Vou mostrar nossa operação que funciona aqui", disse irmã Wanda. "A gente tem tudo. Só o que precisa, sabe, é know-how." Começou a subir a escada e Desdêmona foi atrás.

(É uma escada comprida, três lances, e irmã Wanda tem problemas nos joelhos, de modo que vai demorar um pouco para que as duas cheguem lá em cima. Vamos deixá-las subindo e, nesse meio-tempo, explico no que minha avó estava se metendo.)

"Numa dada altura do verão de 1930, um simpático mas misterioso mascate apareceu de repente no gueto negro de Detroit." (Estou citando *The Black Muslims of America*, de C. Eric Lincoln.) "Achavam que era árabe, embora não se tenha nada documentado sobre sua identidade racial e nacional. Era bem recebido nas casas de afro-americanos ávidos por cultura, os quais compravam as sedas e os artefatos que ele dizia serem usados pelos negros em sua terra

natal, do outro lado do oceano... Seus clientes estavam tão ansiosos por aprender sobre o próprio passado e o lugar de onde vinham que o mascate logo passou a realizar encontros, de casa em casa, por toda a comunidade.

“De início, o ‘profeta’, como ficou conhecido, limitava seus ensinamentos a uma ladainha sobre suas experiências em terras estrangeiras, admoestações quanto a certos tipos de comida e sugestões para melhorar a saúde física de suas plateias. Era gentil, amistoso, humilde e paciente.”

“Tendo provocado o interesse de seu anfitrião” (passamos agora a *An Original Man*, de Claude Andrew Clegg III), “[o mascate] então começava a apregoar, lançando mão da história e do futuro dos afro-americanos. A tática funcionava bem, e mais adiante ele a aperfeiçoou a ponto de promover encontros de negros curiosos em casas particulares. Depois, salões foram alugados para seus sermões, e uma estrutura organizacional para essa ‘Nação do Islã’ começou a tomar forma em plena Detroit castigada pela pobreza.”

O mascate tinha muitos nomes. Às vezes se apresentava como sr. Farrad Mohammad, ou sr. F. Mohammad Ali. Noutras, referia-se a si mesmo como Fred Dodd, Professor Ford, Wallace Ford, W. D. Ford, Wali Farrad, Wardell Fard ou W. D. Fard. E tinha origens não menos numerosas. Havia quem afirmasse que era um negro jamaicano de pai sírio e muçulmano. Um rumor sustentava que era um árabe palestino que tinha passado por Índia, África do Sul e Londres provocando distúrbios raciais, antes de chegar a Detroit. Havia uma história de que era filho de pais ricos da tribo dos coraixitas, do próprio profeta Maomé, ao passo que registros do FBI informavam que Fard era nascido ou na Nova Zelândia, ou em Portland, no Oregon, de pais talvez havaianos, talvez britânicos e polinésios.

Uma coisa é clara: em 1932, Fard tinha fundado o Templo Nº 1 em Detroit. Foi a escada dos fundos desse templo que Desdêmona

se viu subindo.

“A gente vende as sedas direto do templo”, ia explicando irmã Wanda. “Faz as roupas a gente mesma com os próprios desenhos do ministro Fard. De roupas dos nossos antepassados da África. Antes era só pedir o tecido e a gente costurava as roupas. Mas, com essa Depressão, tá cada vez mais difícil achar tecido. Então o ministro Fard, ele teve uma das revelações dele. Veio pra mim um dia e falou: ‘Precisamos ter os meios e os fins para uma sericultura própria’. É assim que ele fala. Eloquente? Ministro é capaz de convencer um cachorro a sair do caminhão frigorífico.”

Ainda subindo, Desdêmona começava a ligar as coisas. Os ternos elegantes dos rapazes lá fora. A decoração refeita ali dentro. Irmã Wanda chegou ao patamar da escada — “Aqui damos nossos cursos de treinamento” — e abriu a porta. Desdêmona entrou e viu todas elas.

Vinte e três adolescentes, trajando xadores chamativos e lenços na cabeça, confeccionando roupas. Nem sequer tiraram os olhos do trabalho enquanto a Chefe Suprema fazia aquela estranha entrar na sala. Todas de cabeça baixa, leque de alfinetes na boca, os mesmos sapatos marrons de salto baixo, cobertos pelas bainhas, fazendo trabalhar pedais ocultos, elas continuaram a produção. “Aqui, nossa Turma de Treinamento e Civilização Geral para Meninas Muçulmanas. Tá vendo como elas são boazinhas e asseadas? Só abrem a boca se você mandar. ‘Islã’ significa submissão. Sabia? Mas voltando pra explicar por que coloquei o anúncio. A gente está com pouco estoque de tecido. Parece que todo mundo do ramo fechou.”

Atravessou a sala com Desdêmona. Uma caixa de madeira cheia de terra estava ali, aberta.

“Então o que a gente fez, a gente mandou buscar esses bichos-da-seda com uma empresa. Sabe, pelo correio? Tem mais vindo. Problema é que parece que eles não gostam daqui, de Detroit. E eu

mesma é que dou razão pros bichos. Acabam morrendo, e aí, o que acontece? Uuh, que fedor! Meu Jes..." Ela se refreou. "Só uma expressão. Fui criada na Santa Igreja. Escuta, como é teu nome mesmo?"

"Desdêmona."

"Escuta, Des, antes de me tornar Chefe Suprema, eu trabalhava de cabeleireira e manicure. Não sou nenhuma filha de fazendeiro, entende? Esse dedo aqui parece que andou revirando terra? Me ajuda. Do que esses bichinhos aí gostam? Como é que a gente faz pra eles, sabe, sedificar?"

"Dá trabalho."

"A gente não se incomoda."

"Custa dinheiro."

"A gente tem bastante."

Desdêmona pegou um dos bichos, murcho, quase morto. Dirigiu algumas palavras doces para ele em grego.

"Atenção agora, irmãzinhas", disse irmã Wanda e, como se fossem uma só pessoa, as meninas pararam de costurar, cruzaram as mãos no colo e levantaram a cabeça, atentas. "Essa nova moça aqui vai nos ensinar a fazer seda. Ela é mestiça que nem o ministro Fard e vai trazer de volta pra gente o conhecimento de uma arte esquecida do nosso povo. Aí podemos fazer nós mesmas."

Vinte e três pares de olhos pousaram sobre Desdêmona. Ela reuniu coragem. Traduziu o que queria dizer para o inglês e repassou duas vezes antes de começar. "Para fazer boa seda", disse então, dando início a suas aulas na Turma de Treinamento e Civilização Geral para Meninas Muçulmanas, "precisamos ser puras."

"Estamos tentando, Des. Alá seja louvado. Estamos tentando."

# Enganologia

Foi assim que minha avó veio a trabalhar para a Nação do Islã. Feito uma faxineira de Grosse Pointe, entrava e saía pela porta dos fundos. Em vez de chapéu, usava um lenço na cabeça para esconder suas irresistíveis orelhas. Nunca subia o tom de voz acima de um sussurro. Nunca fazia perguntas nem reclamava. Como tinha sido criada num país governado por outros, tinha familiaridade com tudo isso. Homens de fez, tapetes de oração, luas crescentes: era um pouquinho como voltar para casa.

Para os moradores de Black Bottom era como viajar a outro planeta. As portas de entrada do templo, numa deliciosa inversão em relação à maioria das portas de entrada dos Estados Unidos, davam acesso a negros e deixavam brancos de fora. Os antigos quadros que antes ficavam no salão — paisagens irradiando o Destino Manifesto, cenas de índios sendo massacrados — tinham sido relegados ao porão. Em seu lugar, havia agora ilustrações da história africana: um príncipe e uma princesa passeando à beira de um rio cristalino; um conclave de eruditos negros debatendo numa conferência a céu aberto.

As pessoas vinham ao Templo Nº 1 para ouvir as palestras de Fard. Também vinham para fazer compras. Na antiga chapelaria, irmã Wanda expunha as peças que o profeta dizia serem “do mesmo

tipo que o povo negro usa em sua terra natal, no Oriente". No momento em que os convertidos chegavam para pagar, ela fazia ondular sob as luzes aqueles tecidos iridescentes. Mulheres trocavam os uniformes subservientes de domésticas pelos xadores brancos da emancipação. Homens substituíam os macacões da opressão pelos ternos de seda da dignidade. A caixa registradora do templo transbordava. Em tempo de vacas magras, a mesquita era rica. Ford estava fechando fábricas, mas, na Hastings Street, 3408, Fard continuava aberto e fazendo negócios.

No terceiro andar, Desdêmona via pouco disso tudo. Passava as manhãs ensinando em sua sala de aula e as tardes na Sala da Seda, onde as peças ainda sem corte eram estocadas. Certa manhã, levou a caixa de bichos-da-seda para demonstração durante as explicações. Contando a história das viagens daquele objeto, de como havia sido entalhado em madeira de oliveira por seu avô e da vez que sobreviveu ao fogo, fez a caixa circular de mão em mão, e isso sem dizer, em momento algum, coisas depreciativas sobre os correligionários das alunas. Na verdade, as meninas eram tão meigas e simpáticas que Desdêmona chegava a se lembrar de como eram as coisas no tempo em que gregos e turcos se davam bem.

Porém: negros ainda eram novidade para minha *yia yia*. Ela se chocou com várias descobertas: "Nas palmas das mãos", informava ao marido, "os *mavros* são brancos como a gente". Ou: "Os *mavros* não formam cicatrizes, só calombos". Ou: "Sabe como os homens *mavros* se barbeiam? Com um pó! Vi pela vitrine da barbearia". Nas ruas de Black Bottom, Desdêmona ficava espantada com o modo como viviam. "Ninguém limpa nada. O lixo fica nas varandas e ninguém tira. Terrível." Mas no templo a coisa era diferente. Os homens trabalhavam duro e não bebiam. As meninas eram asseadas e recatadas.

“Esse sr. Fard está fazendo uma coisa boa”, ela disse, no almoço de domingo.

“Ah, por favor”, desdenhou Sourmelina, “já deixamos pra trás, lá na Turquia, essa história de véu.”

Mas Desdêmona balançava a cabeça. “Um veuzinho não faria mal pra essas meninas americanas.”

Para Desdêmona, o próprio profeta ficava detrás de um véu. Fard era como um deus: presente em todos os lugares e visível em lugar nenhum. Sua irradiação pairava nos olhos das pessoas que estavam saindo de uma palestra. Ele se expressava nas leis alimentares, que aconselhavam alimentos nativos da África — inhame, mandioca — e proibiam o consumo de carne de porco. De vez em quando, Desdêmona via o carro de Fard — um Chrysler cupê novinho — estacionado em frente ao templo. Sempre parecia ter sido lavado e encerado havia pouco, a grade cromada do motor bem polida. Mas jamais viu Fard ao volante.

“Como você espera vê-lo, se ele é Deus?”, perguntou Esquerdinha certa noite, divertindo-se, quando os dois se preparavam para ir se deitar. Desdêmona, já na cama, sorria como se o primeiro salário semanal, escondido debaixo do colchão, lhe fizesse cócegas. “Preciso ter uma visão”, disse.

Seu primeiro projeto no Templo N<sup>o</sup> 1 foi converter uma casinha de banheiro num abrigo para casulos. Convocou o Fruto do Islã, como era conhecido o braço militar da Nação, e ficou olhando os rapazes removerem a privada de madeira do barraco estropiado. Taparam a fossa com terra e tiraram das paredes velhos calendários de pinups, desviando os olhos enquanto jogavam o material ofensivo no lixo. Instalaram estantes e perfuraram o teto para ventilação. Apesar dos

esforços, o mau cheiro persistia. “Esperem só”, Desdêmona disse a eles. “Comparado com o fedor dos bichos-da-seda, isso não é nada.”

Lá em cima, na Turma de Treinamento e Civilização Geral para Meninas Muçulmanas, bandejas para alimentação dos casulos eram preparadas. Desdêmona tentou salvar o lote inicial. Manteve-os sob lâmpadas elétricas e cantou canções gregas para eles, mas os bichos-da-seda não se deixaram enganar. Saindo de seus ovos negros, perceberam o ar seco de local fechado e o sol falso das lâmpadas e começaram, de novo, a murchar. “Tem mais a caminho”, disse irmã Wanda, minimizando o revés. “Já, já estão aqui.”

Os dias passaram. Desdêmona se acostumou com as palmas brancas das mãos dos negros. Habitou-se a usar a porta dos fundos e a não falar até que alguém falasse com ela. Quando não estava dando aula para as meninas, aguardava na Sala da Seda, lá em cima.

A Sala da Seda: boa hora para descrevê-la. (Tanta coisa aconteceu naquele espaço de quatro e meio por seis metros: Deus se pronunciou; minha avó renunciou a sua raça; a criação foi explicada; e isso só para começo de conversa.) Era uma sala pequena, de teto baixo, com uma mesa para cortar tecidos numa das pontas. Rolos de seda ficavam encostados às paredes. A forração ia do piso ao teto, como se ali fosse a parte interna de um porta-joias. Estava cada vez mais difícil achar tecido, mas irmã Wanda tinha estocado um bocado.

Às vezes parecia que as sedas estavam dançando. Agitadas por correntes de ar de origem misteriosa, ondulavam e flutuavam pela sala. Desdêmona tinha de agarrar os tecidos para enrolá-los de volta.

E, um dia, no meio de um fantasmagórico pas de deux — uma seda verde conduzindo e Desdêmona acompanhando o passo —, ela ouviu uma voz.

“NASCI NA CIDADE SAGRADA DE MECA EM 17 DE FEVEREIRO DE 1877.”

De início, achou que alguém tinha entrado na sala. Mas, ao se voltar, não havia ninguém.

“MEU PAI ERA ALPHONSO, UM HOMEM COR DE ÉBANO DA TRIBO DE SHABAZZ. O NOME DA MINHA MÃE ERA BABY GEE. ERA UMA CAUCASIANA, UMA DIABA.”

Uma o quê? Desdêmona não conseguia ouvir direito. Ou determinar a localização daquela voz. Parecia estar saindo do assoalho agora. “MEU PAI A CONHECEU NAS MONTANHAS DO LESTE DA ÁSIA. VIU POTENCIAL NELA. E A CONDUZIU PELOS CAMINHOS DA RETIDÃO ATÉ QUE SE TORNASSE UMA ABENÇOADA MUÇULMANA.”

Não era o que dizia a voz que estava intrigando Desdêmona — ela não entendia o que era dito. Era o som, um grave profundo que fazia vibrar seu esterno. Largou da seda dançarina. Baixou a cabeça envolta no lenço para poder escutar. E, quando a voz voltou a soar, ficou procurando sua fonte dentro dos rolos de seda. “POR QUE MEU PAI SE CASOU COM UMA DIABA CAUCASIANA? PORQUE SABIA QUE SEU FILHO ESTAVA DESTINADO A LEVAR A PALAVRA À PARTE PERDIDA DA TRIBO DE SHABAZZ.” Três, quatro, cinco rolos, e ali estava: uma grade do sistema de aquecimento. E a voz falava mais alto agora: “PORTANTO, ELE SENTIA QUE EU, SEU FILHO, DEVERIA TER A PELE DE UMA COR QUE ME PERMITISSE CONVIVER TANTO COM BRANCOS QUANTO COM NEGROS DE FORMA JUSTA E VIRTUOSA. POIS AQUI ESTOU EU, UM MESTIÇO, COMO ANTES DE MIM FOI MOISÉS, QUE LEVOU OS DEZ MANDAMENTOS AOS JUDEUS”.

A voz do profeta subia das profundezas do prédio. Saía do auditório, três andares abaixo. Infiltrava-se no alçapão do palco pelo qual, nas antigas convenções tabaqueiras, costumava irromper em cena uma moça nua exceto pelo adorno de uma fita de charuto. Então reverberava no espaço subterrâneo que levava às coxias, onde penetrava num duto de ventilação e passava a circular pelo prédio, cada vez mais distorcida e cheia de ecos até, feito um bafo quente,

escapar através da grade do sistema de aquecimento junto à qual Desdêmona estava agachada. "MINHA FORMAÇÃO, ASSIM COMO O SANGUE REAL QUE CORRE EM MINHAS VEIAS, PODERIA TER ME LEVADO A BUSCAR UMA POSIÇÃO DE PODER. MAS OUVI MEU TIO CHORANDO, IRMÃOS. OUVI MEU TIO CHORANDO AQUI NA AMÉRICA."

Ela conseguia distinguir um leve sotaque agora. Esperou para escutar mais, mas só havia silêncio. Abaixou-se, à espreita. A voz que ouviu em seguida, porém, foi a da irmã Wanda, no patamar da escada: "Uhú! Des! Estamos prontas".

E ela se retirou dali.

Minha avó era a única pessoa branca a ter ouvido um dos sermões de W. D. Fard, e entendeu menos da metade do que ele disse. Resultado da acústica ruim dos dutos de ventilação, de seu inglês imperfeito e do fato de que ficava levantando a cabeça para ver se não vinha ninguém. Desdêmona sabia que lhe era vetado escutar as palestras de Fard. A última coisa que desejava era pôr em risco o emprego. Mas não tinha outro lugar para onde pudesse ir.

Todos os dias, à uma hora, a grade do duto de ventilação começava a vibrar. De início, o que ela ouvia era o ruído das pessoas entrando no auditório. Em seguida, cantos. Colocava alguns rolos extras de seda em frente à grade para abafar o som. Deslocava sua cadeira para o canto mais distante da Sala da Seda. Mas de nada adiantava.

"TALVEZ VOCÊS SE LEMBREM DA NOSSA PALESTRA ANTERIOR, QUANDO LHES CONTEI SOBRE A DEPORTAÇÃO DA LUA."

"Não, não me lembro", disse Desdêmona.

"SESSENTA TRILHÕES DE ANOS ATRÁS, UM DEUS-CIENTISTA CAVOU UM BURACO ATRAVESSANDO A TERRA, ENCHEU DE DINAMITE E EXPLODIU A TERRA EM DUAS. A PARTE MENOR SE TORNOU A LUA. LEMBRAM DISSO?"

Minha avó tapou os ouvidos com as mãos; em seu rosto, uma expressão de recusa. Mas uma pergunta lhe escapou dos lábios:

“Alguém explodiu a Terra? Mas quem?”.

“HOJE QUERO FALAR A VOCÊS DE OUTRO DEUS-CIENTISTA. DE UM CIENTISTA MAU. SEU NOME, YACUB.”

E agora os dedos dela se separavam, permitindo que a voz chegasse a seus ouvidos...

“YACUB VIVEU HÁ OITO MIL E QUATROCENTOS ANOS NO ATUAL CICLO HISTÓRICO DE VINTE E CINCO MIL ANOS. TINHA UM CRÂNIO ANORMALMENTE GRANDE. UM HOMEM INTELIGENTE. UM HOMEM BRILHANTE. UM DOS MAIS PROEMINENTES ERUDITOS DA NAÇÃO DO ISLÃ. UM HOMEM QUE DESCOBRIU OS SEGREDOS DO MAGNETISMO AOS SEIS ANOS DE IDADE. ESTAVA BRINCANDO COM DOIS PEDAÇOS DE AÇO E, AO JUNTÁ-LOS, DESCOBRIU AQUELA FÓRMULA CIENTÍFICA: O MAGNETISMO.”

Como se fosse, ela própria, um ímã, a voz agiu sobre Desdêmona. Agora puxava as mãos dela para baixo, para as laterais do corpo. E fazia minha avó se inclinar na cadeira...

“MAS YACUB NÃO FICOU SATISFEITO COM O MAGNETISMO. EM SEU ENORME CRÂNIO, TINHA OUTRAS GRANDES IDEIAS. ENTÃO, UM DIA, YACUB PENSOU CONSIGO MESMO QUE, SE CONSEGUISSSE CRIAR UMA RAÇA DE PESSOAS COMPLETAMENTE DIFERENTES DAS ORIGINAIS — GENETICAMENTE DIFERENTES —, ESSA RAÇA PODERIA VIR A DOMINAR A NAÇÃO NEGRA LANÇANDO MÃO DA ENGANOLOGIA.”

... E, quando se inclinar não foi mais suficiente, ela se aproximou. Atravessou a sala, tirando do caminho rolos de seda, e se ajoelhou diante da grade, enquanto Fard prosseguia em sua explicação: “TODO HOMEM NEGRO É FEITO DE DOIS GERMES: UM NEGRO E UM MARROM. ENTÃO YACUB CONVENCEU CINQUENTA E NOVE MIL, NOVECENTOS E NOVENTA E NOVE MUÇULMANOS A EMIGRAR PARA A ILHA DE PELAN. ESSA ILHA FICA NO MAR EGEU. HOJE EM DIA VOCÊS A ENCONTRAM, EM MAPAS EUROPEUS, COM UM NOME FALSO. YACUB LEVOU PARA LÁ SEUS CINQUENTA E NOVE MIL, NOVECENTOS E NOVENTA E NOVE MUÇULMANOS. E COMEÇOU A FAZER SEUS ENXERTOS”.

Ela conseguia ouvir outras coisas agora. Os passos de Fard circulando pelo palco. O guinchar das cadeiras quando os ouvintes se inclinavam, sorvendo cada palavra.

“EM SEUS LABORATÓRIOS EM PELAN, YACUB NÃO PERMITIA QUE NENHUM NEGRO ORIGINAL SE REPRODUZISSE. SE UMA MULHER NEGRA DESSE À LUZ, A CRIANÇA SERIA MORTA. YACUB SÓ DEIXAVA SOBREVIVEREM OS BEBÊS MARRONS. SÓ AUTORIZAVA UNIÕES ENTRE PESSOAS DE PELE MARROM.”

“Terrível”, disse Desdêmona lá em cima, no terceiro andar. “Que pessoa terrível, esse Yacub.”

“VOCÊS JÁ OUVIRAM FALAR DA TEORIA DARWINIANA DA SELEÇÃO NATURAL? AQUILO ERA SELEÇÃO NÃO NATURAL. COM SEUS ENXERTOS CIENTÍFICOS, YACUB PRODUZIU OS PRIMEIROS PELES-AMARELAS E VERMELHAS. MAS NÃO PAROU POR AÍ. PROSSEGUIU NA COMBINAÇÃO DA PROLE DE PELE CLARA DESSES INDIVÍDUOS. AO LONGO DE MUITOS E MUITOS ANOS, MODIFICOU GENETICAMENTE O HOMEM NEGRO, GERAÇÃO APÓS GERAÇÃO, TORNANDO-O MAIS CLARO E MAIS FRACO, DILUINDO SUA RETIDÃO E SUA MORALIDADE, LANÇANDO-O NOS CAMINHOS DO MAL. E ENTÃO, MEUS IRMÃOS, UM DIA YACUB TERMINOU. UM DIA YACUB CONCLUIU SEU TRABALHO. E O QUE SUA MALDADE TINHA CRIADO? COMO JÁ DISSE A VOCÊS ANTES: O SEMELHANTE SÓ PODE NASCER DO SEMELHANTE. YACUB CRIOU O HOMEM BRANCO! NASCIDO DE MENTIRAS. NASCIDO DE ASSASSINATOS. UMA RAÇA DE DEMÔNIOS DE OLHOS AZUIS.”

Do lado de fora, as meninas da Turma de Treinamento e Civilização Geral instalavam bandejas de bichos-da-seda. Trabalhavam em silêncio, sonhando acordadas com coisas diversas. Ruby James pensava em como tinha achado John 2X bonito naquela manhã, e se perguntava se algum dia se casaria com ele. Darlene Wood estava começando a ficar chateada porque todos os irmãos tinham se livrado de seus nomes de escravos, mas o ministro Fard ainda não havia chegado às moças, de modo que ela continuava ali, sendo Darlene Wood. Lily Hale pensava quase que somente no

penteadado pega-rapaz escondido debaixo do lenço, e que, naquela noite, colocaria a cara para fora da janela de seu quarto, fingindo dar uma conferida no tempo, para que Lubbock T. Hass, na casa vizinha, pudesse ver. Betty Smith estava pensando, *Alá seja louvado Alá seja louvado Alá seja louvado*. Millie Little queria chicletes.

Enquanto isso, lá em cima, o rosto quente por causa do ar que saía do duto de ventilação, Desdêmona resistia àquela nova reviravolta na história. “Demônios? Todos os brancos?” Ela deu de ombros. Ficou de pé e sacudiu a poeira. “Chega. Não vou mais ouvir essa pessoa maluca. Eu trabalho. Eles me pagam. E pronto.”

Mas, na manhã seguinte, ela estava de volta ao templo. À uma hora a voz começou a falar, e de novo minha avó prestou atenção:

“AGORA VAMOS FAZER UMA COMPARAÇÃO FISIOLÓGICA ENTRE A RAÇA BRANCA E O POVO ORIGINAL. OSSOS BRANCOS, ANATOMICAMENTE FALANDO, SÃO MAIS FRÁGEIS. O SANGUE BRANCO É MAIS RALO. OS BRANCOS POSSUEM APROXIMADAMENTE UM TERÇO DA FORÇA FÍSICA DOS NEGROS. QUEM PODE NEGAR ISSO? O QUE SUGEREM AS PROVAS QUE SEUS PRÓPRIOS OLHOS LHES DÃO?”

Desdêmona discutia com a voz. Ridicularizava os sermões de Fard. Mas, à medida que os dias passavam, minha avó se pegou diligentemente estendendo seda diante da grade do sistema de aquecimento para acomodar com mais conforto os joelhos. Nessa posição, inclinava-se, encostando o ouvido na grade e a testa quase no chão. “Ele é só um charlatão”, dizia. “Pegando o dinheiro de todo mundo.” Mesmo assim não saía dali. Em poucos instantes, o duto ribombava as últimas revelações.

O que estava acontecendo com Desdêmona? Estaria ela, sempre tão receptiva à voz grave de uma autoridade religiosa, deixando-se influenciar pela voz desencarnada de Fard? Ou estaria, depois de dez anos na cidade, finalmente se tornando uma nativa de Detroit, ou seja, vendo tudo em preto e branco?

Havia uma última possibilidade. Será que o sentimento de culpa da minha avó, aquele pavor encharcado, malárico, que a inundava quase que sazonalmente — será que esse vírus incurável tinha deixado Desdêmona vulnerável aos apelos de Fard? Atormentada por uma sensação de pecado, será que sentia que as acusações de Fard tinham fundamento? Será que tomava para si suas denúncias raciais?

Uma noite, ela perguntou a Esquerdinha: “Você acha que tem alguma coisa errada com as crianças?”.

“Não. Elas estão bem.”

“Como você sabe?”

“É só olhar pra elas.”

“O que deu na gente? Como a gente foi capaz de fazer o que fez?”

“Não tem nada de errado com a gente.”

“Não, Esquerdinha. Nós” — ela começou a chorar —, “nós não somos pessoas boas.”

“As crianças estão bem. A gente é feliz. Isso tudo ficou no passado.”

Mas Desdêmona se atirou na cama. “Por que fui te dar ouvidos?”, soluçava. “Por que não pulei na água como todo mundo?”

Meu avô tentou abraçá-la, mas ela o repeliu. “Não encoste em mim!”

“Des, por favor...”

“Queria ter morrido naquele incêndio! Juro pra você! Preferia ter morrido em Esmirna!”

Passou a observar mais de perto as crianças. Até ali, exceto um único susto — aos cinco anos, Milton quase morreu de mastoidite —, ambas cresciam saudáveis. Quando se cortavam, o sangue estancava. Milton tirava boas notas na escola, Zoë ficava acima da média. Mas Desdêmona não se sentia reconfortada com nada disso.

Continuava à espera de que alguma coisa acontecesse, alguma doença, alguma anormalidade, temendo que a punição por seu crime fosse se dar da pior forma possível: atingindo não sua alma, mas os corpos de seus filhos.

Posso sentir a mudança de atmosfera na casa nos meses que antecederam 1933. Uma friagem atravessando os tijolos marrons, invadindo os quartos e apagando a lamparina de vigília que queimava no corredor. Um vento frio agitando as páginas do livro dos sonhos de Desdêmona, que ela consultava em busca de interpretações para o que cada vez mais eram pesadelos. Sonhava com as primeiras células de um bebê borbulhando e se dividindo. Com criaturas medonhas que se desenvolviam a partir de uma espuma de cor pálida. Agora evitava por completo fazer amor, até no verão, até depois de ter bebido três taças de vinho no dia do santo de alguém. Passado um tempo, Esquerdinha parou de insistir. Meus avós, outrora tão inseparáveis, tinham se distanciado. Quando Desdêmona saía para trabalhar no Templo N<sup>o</sup> 1, Esquerdinha ainda dormia, depois de ter passado a noite inteira com o *speakeasy* aberto. Desaparecia no porão antes de ela voltar para casa.

Seguindo esse vento frio, que continuou a soprar durante o veranico de 1932, dou uma rápida descida ao porão e encontro, certa manhã, meu avô contando dinheiro. Privado do afeto da esposa, Esquerdinha Stephanides se concentrava no trabalho. O negócio, porém, tinha passado por algumas mudanças. Reagindo à queda no número de clientes no *speakeasy*, meu avô resolvera diversificar.

É uma terça-feira, pouco depois das oito da manhã. Desdêmona saiu para o trabalho. E, na janela da frente, uma mão recolhe o

ícone de São Jorge. Um velho Daimler estaciona junto ao meio-fio. Esquerdinha sai de casa apressado e embarca no banco traseiro.

Os novos sócios do meu avô: no banco da frente, Mabel Reese, vinte e seis anos, do Kentucky, rosto coberto de blush, cabelo exalando cheiro de queimado do baby-liss feito de manhã. “Lá em Paducah”, ela contava ao motorista, “tem esse sujeito surdo com uma câmera. Fica zanzando de um lado pro outro do rio, tirando fotos. Cada uma mais incrível que a outra.”

“As minhas também”, responde o motorista. “Só que as minhas dão dinheiro.” Maurice Plantagenet, sua Kodak modelo caixa acomodada no banco de trás, ao lado de Esquerdinha, sorri para Mabel e segue adiante pela Jefferson Avenue. Plantagenet via aqueles anos pré-WPA como adversos a suas inclinações artísticas. No caminho de Belle Isle, discorre longamente sobre a história da fotografia, explicando que a invenção coube a Nicéphore Niepce, mas que foi Daguerre quem acabou levando o crédito. Descreve a primeira foto de um ser humano jamais tirada, uma cena de rua em Paris feita com exposição tão longa que nenhum dos pedestres passando rápido em frente à câmera apareceu, apenas uma figura solitária que tinha parado para engraxar os sapatos. “Também quero um dia estar nos livros de história. Mas não acho que esteja exatamente no caminho certo.”

Em Belle Isle, Plantagenet dirige pela Central Avenue. Em vez de seguir para o Strand, porém, pega um desvio que vai dar numa rua de terra e sem saída. Estaciona e todos desembarcam. Plantagenet arma a câmera à luz mais favorável, enquanto Esquerdinha toma conta do carro e, com seu lenço, dá uma polida nas calotas de raios aparentes e nos faróis; tira lama do estribo, limpa janelas e para-brisa. Plantagenet diz: “O maestro está pronto”.

Mabel Reese despe o casaco. Por baixo, usa apenas espartilho e cintas-ligas. “Onde você quer que eu fique?”

“Pode se espalhar no capô.”

“Assim?”

“Isso. Ótimo. Rosto contra o capô. Agora abra as pernas só um pouquinho.”

“Assim?”

“Isso. Agora vire a cabeça e olhe pra câmera. Ok, sorria. Como se eu fosse seu namorado.”

Era assim toda semana. Plantagenet tirava as fotos. Meu avô providenciava as modelos. Não era difícil arranjar as moças. Elas vinham ao *speakeasy* toda noite. Precisavam de dinheiro como todo mundo. Plantagenet vendia as fotografias para um distribuidor no centro da cidade e dava a Esquerdinha um percentual dos ganhos. A fórmula era simples: mulheres de lingerie esparramadas em carros. As garotas seminuas se dobravam no banco de trás, ou ficavam com os seios de fora no banco da frente, ou consertavam pneus furados debruçadas em ângulos exagerados. Normalmente era uma garota só, mas às vezes eram duas delas. Plantagenet explorava todas as harmonias possíveis, entre a curva de uma nádega e a de um para-choque, entre um espartilho e as pregas do estofamento, entre cintas-ligas e correias. A ideia tinha sido do meu avô. Lembrando o tesouro escondido de seu pai, “Sermin, a Garota do Domo do Prazer”, enxergou a possibilidade de atualizar uma fantasia antiga. Os dias de harém já tinham passado. Que viesse a era dos bancos traseiros! Automóveis eram os novos domos do prazer. Transformavam o homem comum num sultão das estradinhas. As fotos de Plantagenet sugeriam piqueniques em recantos escondidos. As garotas tiravam cochilos nos estribos e se debruçavam no portamalas para pegar uma chave de roda. Em plena Depressão, quando as pessoas não tinham dinheiro para comer, os homens davam um jeito de arranjar algum para gastar no erotismo automobilístico de Plantagenet. As fotos proporcionavam a Esquerdinha uma estável

renda suplementar. Começou a economizar dinheiro, na verdade, o que mais adiante lhe trouxe outra oportunidade.

De vez em quando, num mercado de pulgas ou num livro de fotografias, me deparo com uma das velhas fotos de Plantagenet, geralmente datadas erroneamente dos anos 1920 por causa do velho Daimler. Vendidas por um níquel durante a Depressão, essas fotos hoje alcançam preços de até seiscentos dólares. O trabalho "artístico" de Plantagenet acabou esquecido, mas seus estudos eróticos com mulheres e automóveis continuam populares. Entrou nos livros de história por conta dessas escapadas, quando achava que estava se comprometendo. Vasculhando, olho para aquelas mulheres, para suas lingerie engenhosas, para seus sorrisos tortos. Observo aqueles rostos como fez meu avô, há tantos anos, e me pergunto: por que Esquerdinha parou de procurar pelo rosto de sua irmã e passou a buscar outros, de loiras de lábios finos, de pistoleiras de ancas provocantes? Seria seu interesse por aquelas modelos meramente financeiro? Teria o vento frio que soprava em casa levado meu avô a buscar calor em outros lugares? Ou ele também começava a ser contaminado pela culpa, de modo que, para evitar pensar no que tinha feito, acabou com essas Mabels e Lucies e Dolores?

Incapaz de responder a essas perguntas, volto agora ao Templo Nº 1, onde novos convertidos consultam bússolas. Em formato de lágrima, brancas com números pretos, elas têm um desenho da pedra de Caaba no centro. Ainda confusos quanto às reais obrigações de sua nova fé, esses homens rezam fora de horário. Mas pelo menos contam com as bússolas, compradas da mesma boa irmã que vende as roupas. Circulam por ali, um passo de cada vez, até que os ponteiros indiquem 34, o número para Detroit. Consultam a seta marcada na borda para saber a direção de Meca.

“VAMOS PASSAR AGORA À CRANIOMETRIA. O QUE É CRANIOMETRIA? É A MEDIÇÃO CIENTÍFICA DO CÉREBRO, DAQUILO QUE É CHAMADO PELA COMUNIDADE MÉDICA DE ‘MASSA CINZENTA’. O CÉREBRO DE UM HOMEM BRANCO MÉDIO PESA CERCA DE CENTO E SETENTA GRAMAS. O DE UM HOMEM NEGRO MÉDIO, DUZENTOS E DEZ GRAMAS.” Falta a Fard o entusiasmo de um pregador batista, a oratória visceral, mas para seu público de cristãos desiludidos (mais uma crente ortodoxa) isso acaba sendo uma vantagem. Estão cansados daquele frenesi, daqueles gritos e lenços esfregados em têmporas, daquela respiração roufenha. Estão cansados da religião escrava, pela qual o Homem Branco convence o Negro de que a servidão é sagrada.

“MAS TEM UMA COISA NA QUAL A RAÇA BRANCA SUPEROU O POVO ORIGINAL. POR DESTINO, E PELA PRÓPRIA PROGRAMAÇÃO GENÉTICA, A RAÇA BRANCA É SUPERIOR EM ENGANOLOGIA. PRECISO LHE DIZER ISSO? É ALGO QUE VOCÊS JÁ SABEM. FOI LANÇANDO MÃO DA ENGANOLOGIA QUE OS EUROPEUS TROUXERAM PARA CÁ O POVO ORIGINAL DE MECA E DE OUTRAS PARTES DO LESTE DA ÁSIA. EM 1555, UM MERCADOR DE ESCRAVOS CHAMADO JOHN HAWKINS TRANSPORTOU OS PRIMEIROS MEMBROS DA TRIBO DE SHABAZZ ATÉ A COSTA DESTE PAÍS. 1555. O NOME DO NAVIO? *JESUS*. ISSO ESTÁ NOS LIVROS DE HISTÓRIA. PODEM IR À BIBLIOTECA PÚBLICA DE DETROIT E CONFERIR.

“O QUE ACONTECEU COM A PRIMEIRA GERAÇÃO DO POVO ORIGINAL A APORTAR NA AMÉRICA? O HOMEM BRANCO ASSASSINOU ESSA PRIMEIRA GERAÇÃO. USANDO A ENGANOLOGIA. ASSASSINOU AQUELAS PESSOAS PARA QUE SEUS FILHOS CRESCESSEM SEM SABER NADA DO PRÓPRIO POVO, DO LUGAR DE ONDE VINHAM. OS DESCENDENTES DAQUELAS CRIANÇAS, OS DESCENDENTES DAQUELES POBRES ÓRFÃOS — ESSES DESCENDENTES SÃO VOCÊS. VOCÊS, AQUI, NESTE SALÃO. E TODOS OS CHAMADOS CRIoulos NOS GUETOS DA AMÉRICA. VIM PARA LHE DIZER O QUE VOCÊS SÃO. VOCÊS SÃO OS MEMBROS PERDIDOS DA TRIBO DE SHABAZZ.”

E circular por Black Bottom não ajudava. Desdêmona compreendia agora o porquê de tanto lixo nas ruas: não havia coleta. Os proprietários brancos deixavam que seus prédios de apartamentos caíssem aos pedaços, enquanto continuavam a aumentar os aluguéis. Certo dia, Desdêmona viu a atendente branca de uma loja se recusar a receber diretamente o dinheiro de uma cliente negra. “Deixe aí no balcão”, ela disse. *Não queria tocar a mão da mulher!* E, naqueles tempos cheios de culpa, com a cabeça entulhada das teorias de Fard, minha avó começava a entender o que ele queria dizer. Havia demônios de olhos azuis por toda a cidade. Também os gregos tinham um velho ditado: “Barba vermelha e olhos azuis são prenúncio do Diabo”. Os olhos de minha avó eram castanhos, mas isso não a fazia se sentir nem um pouco melhor. Se havia um demônio, era ela. Não tinha nada que pudesse fazer para mudar esse estado de coisas. Mas podia se assegurar de que não acontecesse outra vez. Foi ver o dr. Philobosian.

“Essa é uma medida muito radical, Desdêmona”, o médico lhe disse.

“Quero ter certeza.”

“Mas você ainda é moça.”

“Não, dr. Phil, não sou”, respondeu minha avó, a voz exausta. “Tenho oito mil e quatrocentos anos.”

No dia 21 de novembro de 1932, o *Detroit Times* publicou a seguinte manchete: “Altar de Sacrifício Humano”. E o texto prosseguia: “Cem seguidores de um líder religioso negro, preso por prática de sacrifício humano num altar improvisado em sua casa, estavam sendo detidos hoje pela polícia para interrogatório. O autoproclamado rei da Ordem do Islã é Robert Harris, 44, residente à Dubois Avenue, 1429. A vítima, que ele admite ter espancado com

um eixo de carro e golpeado no coração com uma faca de prata, era James J. Smith, 40, negro que alugava um quarto na casa de Harris". Esse tal Harris, que veio a ficar conhecido como o "assassino do vodu", tinha circulado pelo Templo N<sup>o</sup> 1. É até possível que tivesse lido as "Lições da Tribo Perdida e Reencontrada, N<sup>os</sup> 1 e 2", que incluíam esta passagem: "TODOS OS MUÇULMANOS MATARÃO O DEMÔNIO PORQUE SABEM QUE É UMA SERPENTE E QUE, SE O DEIXAREM VIVO, VAI PICAR MAIS ALGUÉM". Harris então fundou sua própria ordem. Tentou encontrar um demônio branco, mas, como achou difícil topar com algum no bairro, decidiu-se pelo demônio que estava mais à mão.

Três dias depois, Fard foi detido. Interrogado, insistiu que nunca havia mandado ninguém sacrificar humanos. Declarou que era "o ser supremo na Terra". (Ao menos foi o que disse no primeiro interrogatório. Na segunda vez em que esteve detido, meses depois, ele "admitiu", segundo a polícia, que a Nação do Islã não era nada mais do que "uma fraude". Que tinha inventado as profecias e as cosmologias para "tirar o máximo de dinheiro que pudesse".) Seja qual for a verdade nessa história, o desfecho foi o seguinte: em troca da retirada das acusações, Fard concordou em ir embora de Detroit de uma vez por todas.

Assim chegamos a maio de 1933. E a Desdêmona, que se despede das meninas da Turma de Treinamento e Civilização Geral. Os lenços emolduram rostos riscados de lágrimas. As meninas fazem fila para beijar Desdêmona nas duas bochechas. (Minha avó vai sentir falta das alunas. Acabou se afeiçoando a elas.) "Minha mãe costumava falar pra mim que em épocas difíceis os bichos-da-seda não fiam", ela disse. "Fazem seda ruim. Fazem casulo ruim." As meninas aceitam essa verdade e inspecionam os casulos recém-criados à procura de sinais de desespero.

Na Sala da Seda, todas as estantes estão vazias. Fard Muhammad transferiu o poder para um novo líder. Irmão Karriem, anteriormente chamado Elijah Poole, é agora Elijah Muhammad, Supremo Ministro da Nação do Islã. Elijah Muhammad tem uma visão diferente sobre o futuro econômico da Nação. De agora em diante, o negócio com propriedades substituirá o de roupas.

E Desdêmona está descendo as escadas, já de saída. Chega ao primeiro andar e se vira para dar uma olhada no salão. Pela primeira vez, o Fruto do Islã não está montando guarda ali. As cortinas estão abertas. Desdêmona sabe que deveria seguir para a porta dos fundos, mas não tem nada a perder agora, então se aventura a sair pela frente. Aproxima-se da porta dupla e a empurra, adentrando o *sanctum sanctorum*.

Nos primeiros quinze segundos, fica parada, enquanto a ideia que fazia do salão dá lugar à realidade. Tinha imaginado uma cúpula altíssima, carpete em estilo oriental, ricamente colorido, mas é apenas um auditório comum. Um pequeno palco numa ponta, cadeiras dobráveis empilhadas junto às paredes. Ela assimila tudo em silêncio. E, de novo, surge uma voz:

“Olá, Desdêmona.”

No palco vazio, o profeta, o *mahdi*, Fard Muhammad, está atrás do púlpito. Não é mais do que uma silhueta, esbelto e elegante, usando um fez que mantém seu rosto oculto na sombra.

“Você não deveria estar aqui”, ele diz. “Mas acho que hoje não faz mal.”

Desdêmona, o coração na garganta, consegue perguntar: “Como o senhor sabe meu nome?”.

“Você não ouviu falar? Sei tudo.”

Vazando pelo sistema de ventilação, a voz grave de Fard Muhammad tinha feito o esterno de Desdêmona vibrar. Agora, mais

perto, penetra seu corpo inteiro. O ribombar se espalha, descendo-lhe pelos braços até fazer formigarem seus dedos.

“Como vai o Esquerdinha?”

Essa pergunta desconcerta Desdêmona. Ela está sem palavras. Está pensando em muitas coisas ao mesmo tempo, a primeira delas, como poderia Fard saber o nome de seu marido, ela tinha contado à irmã Wanda?... e, em segundo lugar, se era verdade que ele sabia tudo, então o resto também devia ser verdade, aquelas histórias de demônios de olhos azuis e de cientista mau e de nave-mãe do Japão que viria destruir o mundo e levar embora os muçulmanos. Minha avó é tomada de terror enquanto, ao mesmo tempo, está se lembrando de alguma coisa e se perguntando onde tinha ouvido aquela voz antes...

Agora Fard Muhammad sai de trás do púlpito. Atravessa o palco e desce ao salão. Aproxima-se de Desdêmona, prosseguindo na demonstração de sua onisciência.

“Ainda está tocando o *speakeasy*? Aquilo lá está com os dias contados. O Esquerdinha devia arrumar alguma outra coisa.” Fez tombado para um lado, terno meticulosamente abotoado, rosto na sombra, o *mahdi* chega mais perto. Ela quer fugir dali, mas não consegue. “E como vão as crianças?”, pergunta Fard. “O Milton deve estar com o quê, hoje, oito anos?”

Ele está a apenas uns três metros de distância. O coração de Desdêmona bate aos pulos, loucamente, e Fard Muhammad tira o chapéu para revelar o rosto. O profeta sorri.

Certamente vocês já adivinharam a essa altura. Isso mesmo: Jimmy Zizmo.

“*Mana!*”

“Olá, Desdêmona.”

“Você!”

“E quem mais seria?”

Ela o encara, olhos arregalados. "Pensamos que você tinha morrido, Jimmy! No carro. No lago."

"O Jimmy morreu."

"Mas você é o Jimmy." Assim que diz isso, Desdêmona se dá conta do alcance daquilo e começa a ralar. "Por que você abandonou sua mulher e sua filha? O que deu em você?"

"Minha única responsabilidade é com meu povo."

"Que povo? Os *mavros*?"

"O Povo Original." Ela não consegue saber se ele fala sério ou não.

"Por que você não gosta dos brancos? Por que chama eles de demônios?"

"É só olhar para as evidências. Esta cidade. Este país. Você não concorda?"

"Todo lugar tem demônios."

"Aquela casa da Hurlbut, especialmente."

Há uma pausa, depois da qual Desdêmona, cautelosa, faz a pergunta: "Como assim?"

Fard, ou Zizmo, está sorrindo outra vez. "Muitas coisas ocultas me foram reveladas."

"Que coisas ocultas?"

"Aquela que chamam de minha esposa, Sourmelina, é uma mulher com, vamos dizer, apetites desnaturados. E você e o Esquerdinha? Vocês acham que me enganaram?"

"Por favor, Jimmy."

"Não me chame assim. Esse não é meu nome."

"Como assim? Você é meu cunhado."

"Você não me conhece!", ele grita. "Nunca me conheceu!" Em seguida, recompondo-se: "Você nunca soube quem eu sou ou de onde venho". E, com isso, o *mahdi* passa ao lado da minha avó, atravessa o salão e as portas duplas e sai de uma vez da nossa vida.

Essa parte final Desdêmona não viu. Mas está bem documentada. Primeiro, Fard Muhammad trocou apertos de mão com os membros do Fruto do Islã. Os rapazes se seguravam para não chorar na despedida. Em seguida, atravessou a multidão aglomerada do lado de fora do Templo N° 1 para chegar a seu Chrysler cupê, estacionado junto ao meio-fio. Subiu no estribo. Mais tarde, cada um dos presentes garantiria que o *mahdi* o olhava individualmente nos olhos o tempo todo. Mulheres choravam abertamente agora, implorando que ele não fosse. Fard Muhammad tirou o chapéu e o segurou no peito. Lançou um olhar benevolente à multidão e disse: "Não se preocupem. Estou com vocês". Suspendeu o chapéu, num gesto que englobava o bairro todo, o gueto com suas varandas de cortiço, suas ruas sem calçamento, seus desconsolados varais com roupas para secar. "Voltarei num futuro próximo pra tirá-los deste inferno." Então Fard Muhammad embarcou no Chrysler, acionou a ignição e, com um último e reconfortante sorriso, arrancou.

Fard Muhammad nunca mais foi visto em Detroit. Ele se ocultou como o Décimo Segundo Imã dos Xiitas. Um relato o localiza num navio para Londres em 1934. De acordo com os jornais de Chicago, em matérias publicadas em 1959, W. D. Fard era "um agente nazista nascido na Turquia" que acabou trabalhando para Hitler na Segunda Guerra Mundial. Uma teoria da conspiração sustenta que a polícia ou o FBI estiveram envolvidos em sua morte. Palpites não faltam. Fard Muhammad, meu avô materno, voltou para o nada de onde tinha vindo.

Quanto a Desdêmona, seu encontro com Fard pode ter contribuído para a decisão drástica que tomou mais ou menos naquela época. Não muito tempo depois do desaparecimento do profeta, minha avó passou por um procedimento médico inventado não fazia muito. Um cirurgião fez duas incisões logo abaixo de seu umbigo. Afastando tecidos e músculos até deixar expostas as tubas

uterinas, atou cada uma delas num arco, e nunca mais tiveram filhos.

# Serenata de clarinete

Tivemos nosso encontro. Fui buscar Julie num estúdio em Kreuzberg. Queria conhecer seu trabalho, mas ela não deixou. Então fomos jantar num lugar chamado Áustria.

O Áustria é como uma cabana de caça. As paredes são cobertas de chifres de veado, talvez uns cinquenta ou sessenta. Eles parecem comicamente pequenos, como se tivessem pertencido a animais que a gente poderia matar só com as mãos. O restaurante é escuro, aconchegante, todo em madeira, confortável. Eu não gostaria de alguém que não gostasse dali. Julie gostou.

“Já que você não vai me deixar conhecer seu trabalho”, falei, enquanto sentávamos, “pode pelo menos me dizer o que é?”

“Fotografia.”

“Você provavelmente não vai querer me dizer de quê.”

“Vamos beber primeiro.”

Julie Kikuchi tem trinta e seis anos. Parece que tem vinte e seis. É baixinha sem ser pequena. É irreverente sem ser grosseira. Frequentava um terapeuta, mas parou. Tem um pouco de artrite na mão direita por causa de um acidente num elevador. O que lhe causa dores quando segura uma câmera por muito tempo. “Preciso de um assistente”, ela me contou. “Ou de uma mão nova.” Suas unhas não são particularmente limpas. Na verdade, são as unhas

mais sujas que já vi numa pessoa tão adorável e maravilhosamente perfumada.

Seios têm sobre mim o mesmo efeito que teriam sobre qualquer pessoa com meus níveis de testosterona.

Traduzi o cardápio para Julie e fizemos o pedido. E vieram os pratos de bife cozido, as tigelas de molho de carne e repolho roxo, *knödels* do tamanho de bolas de softbol. Conversamos sobre Berlim e as diferenças entre os países da Europa. Julie me contou a história de quando ela e o ex-namorado ficaram trancados no Parque Güell, em Barcelona, depois do horário de visitação pública. Começou, pensei. O primeiro ex-namorado aparece na conversa. Logo atrás viriam os outros. Fariam fila ao redor da mesa, apresentando seus defeitos, contando de seus vícios, de seus corações traiçoeiros. Depois disso, eu seria convocado a apresentar minha própria galeria de infortúnios. E é aqui que meus primeiros encontros geralmente dão errado. Não tenho uma amostra suficiente. Não exatamente na quantidade que um homem da minha idade deveria ter. As mulheres sentem isso e me lançam um olhar estranho, questionador. E logo já estou recuando, antes de a sobremesa ser servida...

Mas nada disso aconteceu com Julie. O namorado apareceu em Barcelona e se foi. Ninguém mais veio depois. E isso não era porque não houvesse outros. Era porque Julie não estava caçando marido. Então não precisava fazer uma entrevista de emprego comigo.

Gosto de Julie Kikuchi. Gosto bastante dela.

E aí me faço as perguntas de praxe. O que ela quer de? Como reagiria se? Devo contar a ela que? Não. Cedo demais. Ainda nem nos beijamos. E, neste momento, preciso me concentrar num outro romance.

\*

A cena de abertura é numa noite de verão em 1944. Theodora Zizmo, que agora todo mundo chama de Tessie, está pintando as unhas dos pés. Está sentada num sofá-cama na Pensão O'Toole, os pés acomodados num travesseiro, um chumaço de algodão entre cada um dos dedos. O quarto está abarrotado de flores murchas e da bagunça variada de sua mãe: cosméticos destampados, meias descartadas, livros de teosofia e uma caixa de chocolates, também destampada, cheia de embalagens e de alguns bombons mordiscados e rejeitados. O lado ocupado por Tessie é mais organizado. Canetas e lápis ficam dentro de xícaras. No espaço entre os aparadores de livros, duas miniaturas em bronze de bustos de Shakespeare, estão os romances que ela compra em liquidações de jardim.

Os pés daquela Tessie Zizmo de vinte anos de idade: número 33/34, brancos com veias azuis, um leque de unhas pintadas de vermelho feito sóis na cauda de um pavão. Ela é implacável ao examiná-las, uma a uma, no mesmo instante em que um mosquito, atraído pelo perfume da loção aplicada às pernas, pousa na unha do dedão e ali fica. "Ah, saco", diz Tessie. "Malditos insetos." De novo põe mãos à obra, retirando o mosquito e reaplicando o esmalte.

Nessa noite, em plena Segunda Guerra Mundial, uma serenata está para começar. Faltam alguns minutos. Se a gente prestar atenção, consegue ouvir o rangido de uma janela sendo aberta, uma palheta nova sendo encaixada no bocal de um instrumento de sopro. A música que foi o começo de tudo e da qual, pode-se dizer, dependia toda a minha existência, está a caminho. Mas, antes que a melodia irrompa a todo volume, permitam-me informá-los dos acontecimentos dos onze anos anteriores.

Para começar, não havia mais a Lei Seca. Em 1933, com a ratificação de todos os estados, a Vigésima Primeira Emenda suplantou a Décima Oitava. Na Convenção da Legião Americana em

Detroit, Julius Stroh rompeu o lacre de um Barril Dourado de Cerveja Boêmia Stroh's. O presidente Roosevelt foi fotografado bebericando um coquetel na Casa Branca. E, na Hurlbut Street, meu avô, Esquerdinha Stephanides, tirou da parede a pele de zebra, desmontou o *speakeasy* subterrâneo e emergiu mais uma vez na atmosfera superior.

Com o dinheiro que tinha economizado das fotos erótico-automobilísticas, deu entrada num imóvel na Pingree Street, quase esquina com o West Grand Boulevard. O Zebra Room sobreterrâneo era um bar & grill instalado no meio de uma área comercial movimentada. Quando eu era criança, os estabelecimentos vizinhos ainda funcionavam ali. Lembro vagamente da ótica de A. A. Laurie, com sua fachada de neon no formato de lentes; da New Yorker Clothes, em cuja vitrine pela primeira vez vi manequins nus, dançando um tango assassino. E havia ainda o açougue Bom Preço, o Peixe Fresco do Hagermoser e a Barbearia Fino Corte. Nosso ponto ficava na esquina, um imóvel térreo estreito, com uma cabeça de zebra esculpida em madeira se projetando sobre a calçada. À noite, piscava um neon vermelho que dava contornos ao focinho, ao pescoço e às orelhas do bicho.

A clientela era principalmente de operários das montadoras. Apareciam depois do expediente. Vinham também, com frequência, *antes* do expediente. Esquerdinha abria o bar às oito da manhã e, às oito e meia, as banquetas do balcão estavam repletas de rapazes se entorpecendo para, em seguida, encarar o batente. Enquanto enchia suas canecas de cerveja, Esquerdinha ficava sabendo o que acontecia lá fora, na cidade. Em 1935, seus clientes tinham comemorado a criação do Sindicato dos Operários de Montadoras. Dois anos mais tarde, soltavam imprecações contra os seguranças armados da Ford pelo espancamento do líder dos trabalhadores, Walter Reuther, na "Batalha do Viaduto". Meu avô não tomava

partido nessas discussões. Seu trabalho era ouvir, balançar a cabeça, voltar a encher as canecas, sorrir. Não falou nada quando, em 1943, a conversa no bar ficou pesada. Num domingo de agosto, negros e brancos tinham se enfrentado a socos em Belle Isle. “Um preto lá estuprou uma branca”, disse um dos clientes. “Agora aquela pretaiada toda vai ter que pagar. Espera só pra ver.” Na segunda de manhã uma batalha racial estava a caminho. Mas, quando um grupo de rapazes chegou ao bar se gabando de ter espancado um negro até a morte, meu avô se recusou a servi-los.

“Por que você não volta pro seu país?”, um deles berrou.

“Este é o meu país”, respondeu Esquerdinha, e para provar o que dizia tomou uma atitude bem americana: puxou uma pistola de debaixo do balcão.

Esses conflitos são coisa do passado agora — no momento em que Tessie pinta as unhas —, ofuscados por uma briga muito maior. Por toda Detroit, a produção das fábricas de automóveis foi redirecionada. Na planta de Willow Run, B-24s saem da linha de montagem, em vez dos sedãs da Ford. Na Chrysler, fabricam-se tanques. Os industriais finalmente encontraram a solução para a estagnação da economia: guerra. A Cidade dos Motores, que ainda não recebeu a alcunha de Motown, se transforma por algum tempo no “Arsenal da Democracia”. E, na pensão de Cadillac Boulevard, Tessie Zizmo pinta as unhas e ouve o som de um clarinete.

O grande hit de Artie Shaw, “Begin the Beguine”, flutua no ar úmido. Congela esquilos em linhas de telefone, que inclinam a cabeça, em alerta, para ouvir. Faz as folhas das macieiras farfalharem e põe a girar o galo de um cata-vento de telhado. Com sua batida rápida e sua melodia envolvente, “Begin the Beguine” se eleva sobre as hortas comunitárias do esforço de guerra e a mobília dos gramados, sobre as cercas atulhadas de silveiras e os balanços nas varandas; pula a cerca dos fundos da Pensão O’Toole,

contornando as atividades recreativas dos inquilinos, na maioria homens — uma pista de bocha, uns tacos de croquê esquecidos —, e dali a canção escala a hera irregular da fachada de tijolos, atravessa janelas de cômodos onde homens solteiros tiram um cochilo, cofiam suas barbas ou, no caso do sr. Danelikov, formulam problemas enxadrísticos; e mais e mais ela se eleva, a melhor e mais adorada gravação de Artie Shaw, feita em 1939, que ainda se ouve tocar nas rádios da cidade, música de tanto frescor e vivacidade que parece garantir a pureza da causa americana e do posterior triunfo dos Aliados; mas agora ali está ela, entrando pela janela de Theodora, que abana as unhas para secá-las. E, ao ouvi-la, minha mãe se volta naquela direção e sorri.

A origem da música era nada menos que um Orfeu gomalinado que morava bem nos fundos. Milton Stephanides, um estudante universitário de vinte anos, estava postado à janela de seu quarto e dedilhava habilmente o clarinete. Usava um uniforme de escoteiro. Queixo elevado, cotovelos abertos, o joelho direito marcando o ritmo dentro das calças cáqui, ele soltava sua canção de amor naquele dia de verão com um ardor que já estava completamente extinto quando, vinte e cinco anos depois, encontrei no nosso sótão o clarinete entupido de poeira. Milton foi terceiro clarinetista da orquestra da Southeastern High School. Era obrigado a executar Schubert, Beethoven e Mozart nos concertos da escola, mas agora, já formado, podia tocar o que gostava, que era o suingue. Copiava o estilo de Artie Shaw. Imitava a mesma postura exuberante e arqueada, como se estivesse sendo envergado pela própria força do que tocava. Ali, à janela, fazia ondular o instrumento com a precisão e os floreios dos mergulhos e circunvoluções de Shaw. Mirava, ao longo da linha do instrumento negro e reluzente, a casa a dois quintais de distância, e especialmente o rosto pálido, tímido, entusiasmado, à janela do terceiro andar. A visão era atrapalhada

por galhos de árvores e fios de telefone, mas ele conseguia distinguir o cabelo preto comprido que reluzia como o próprio clarinete.

Ela não acenou. Não deu nenhum sinal — além de sorrir — de que o ouvia. Nos quintais vizinhos, as pessoas continuaram a fazer o que estavam fazendo, indiferentes à serenata. Regavam gramados ou repunham a comida dos passarinhos; crianças pequenas perseguiam borboletas. Quando Milton chegou ao final da canção, baixou o instrumento e se debruçou à janela, sorrindo. Então voltou a tocar a música do começo.

No andar de baixo, fazendo sala para visitas, Desdêmona ouvia o clarinete do filho e, como se orquestrasse uma harmonia, soltou um longo suspiro. Fazia quarenta e cinco minutos que Gus e Georgia Vasilakis, mais a filha do casal, Gaia, estavam ali, na sala de estar. Era um domingo à tarde. Sobre a mesinha de centro, um prato de geleia de rosas refletia a luz das cintilantes taças de vinho que os adultos bebiam. Gaia segurava um copo de gengibirra Vernor já morna. Uma lata destampada de biscoitos amanteigados também estava na mesa.

“O que você acha disso, Gaia?”, perguntou o pai da moça. “O Milton tem pé chato. Isso azeda o combinado pra você?”

“Papaaai”, falou Gaia, constrangida.

“Melhor ter pé chato do que acabar batendo as botas”, disse Esquerdinha.

“Você tem razão”, concordou Georgia Vasilakis. “Foi sorte o Milton não ter sido chamado. Não acho que isso seja nenhuma desonra. Não sei o que eu faria se tivesse que mandar um filho pra guerra.”

De quando em quando, durante essa conversa, Desdêmona dava tapinhas no joelho de Gaia e dizia: “O Miltinho já vem. Já, já”. Vinha dizendo a mesma coisa desde a chegada das visitas. Vinha dizendo a mesma coisa no último mês e meio, e não apenas para Gaia

Vasilakis. Tinha dito o mesmo para Jeanie Diamond, que viera com os pais no domingo anterior, e ainda para Vicky Logathetis, no outro domingo.

Desdêmona havia acabado de completar quarenta e três anos e, como costumava acontecer às mulheres de sua geração, era praticamente uma velha. O cabelo estava infiltrado de fios grisalhos. Tinha passado a usar óculos dourados sem aro que aumentavam seus olhos, tornando a expressão do rosto ainda mais perpetuamente desanimada do que já era. A tendência à preocupação (que, com o suíngue no andar de cima, ultimamente vinha se agravando) tinha feito voltarem as palpitações. Ocorriam diariamente agora. Mesmo cercada dessa angústia, porém, Desdêmona continuava a ser um turbilhão de atividade, sempre cozinhando, limpando, mimando os próprios filhos e os dos outros, sempre guinchando a plenos pulmões, repleta de som e vida.

Apesar das lentes corretivas usadas pela minha avó, o mundo permanecia fora de foco para ela. Desdêmona não entendia o porquê daquela guerra. Em Esmirna, o Japão tinha sido o único país a enviar navios para resgatar refugiados. Minha avó manteve, a vida toda, um sentimento de gratidão pelos japoneses. Quando contaram a ela do ataque surpresa a Pearl Harbor, Desdêmona disse: "Que importância tem uma ilha no meio do oceano? Este país já não é tão grande, precisa ser dono de tudo quanto é ilha agora?". O gênero da Estátua da Liberdade não mudava nada. Era a mesma coisa de sempre, ali como em qualquer outro lugar: os homens e suas guerras. Milton, felizmente, tinha sido recusado no Exército. Em vez do front, frequentava as aulas à noite e ajudava no bar durante o dia. O único uniforme que usava era o dos escoteiros, como líder de tropa. De vez em quando levava seus comandados para acampar no norte.

Passados mais cinco minutos, sem que Milton tivesse aparecido ainda, Desdêmona pediu licença e subiu as escadas. Parou à porta do quarto de Milton, a testa franzida para a música que vinha dali. Em seguida, sem bater, entrou.

De frente para a janela, clarinete ereto, Milton continuou a tocar, indiferente. Rebolava os quadris de um jeito indecente, os lábios tão reluzentes quanto os cabelos. Desdêmona atravessou o quarto pisando duro e fechou a janela.

“Venha, Miltinho”, ordenou. “A Gaia está lá embaixo.”

“Estou estudando.”

“Deixe isso pra mais tarde.” Ela forçava a vista, olhando pela janela na direção da Pensão O’Toole, para além do quintal. Pensou ter visto uma cabeça que se encolhia à janela do terceiro andar, mas não teve certeza.

“Por que você sempre toca aqui, na janela?”

“Eu fico quente.”

Desdêmona ficou alarmada. “Como assim, quente?”

“De tocar.”

Ela bufou. “Venha. A Gaia trouxe biscoitinhos pra você.”

Já fazia algum tempo que minha avó vinha desconfiando da crescente intimidade entre Milton e Tessie. Reparava na atenção que ele dava à prima sempre que ela e Sourmelina vinham jantar. Enquanto cresciam, tinha sido sempre Zoë a melhor amiga de Tessie. Mas agora era com Milton que ela se sentava no balanço da varanda. Desdêmona perguntara a Zoë: “Por que não sai mais você com a Tessie?”. E Zoë, num tom levemente amargurado, respondera: “Ela anda ocupada”.

Foi o que fez recomeçarem as palpitações da minha avó. Depois de tudo que havia feito para reparar seu crime, depois de ter transformado seu casamento em terra devastada no ártico e permitido que um cirurgião ligasse suas tubas uterinas, ainda não

era dessa vez que a consanguinidade a deixava em paz. E então, horrorizada, minha avó retomou uma atividade a que, noutra ocasião, já se dedicara, com resultados decididamente ambíguos. Desdêmona virava casamenteira outra vez.

De domingo a domingo, como na casa de Bithynios, uma procissão de moças casadoiras entrava pela porta da frente da Hurlbut. Com a única diferença, agora, de que não eram as mesmas duas moças multiplicadas vezes e mais vezes. Em Detroit, Desdêmona tinha um enorme estoque do qual escolher. Havia moças com vozes esganiçadas e contraltos suaves, cheiinhas e magrinhas, garotinhas que usavam pingentes de coração e outras envelhecidas antes do tempo que trabalhavam como secretárias em seguradoras. Havia Sophie Georgopoulos, a qual, desde que pisara em carvão em brasa, num acampamento, andava de um jeito meio esquisito, e havia Mathilda Livanos, supremamente entediada como todas as moças lindas, que não tinha mostrado nenhum interesse por Milton e não tinha nem mesmo lavado o cabelo. Semana após semana, ajudadas ou coagidas por seus pais, lá vinham elas, e semana após semana Milton dava uma desculpa e, subindo para o quarto, ia tocar clarinete à janela.

Agora, com Desdêmona a escoltá-lo, ele descia para ver Gaia Vasilakis. Sentada entre os pais no sofá cor de espuma marinha, fartamente estofado, Gaia, ela própria uma garota gorducha, usava um vestido branco de crinolina com bainha rendada e mangas bufantes. As meias curtas também eram brancas e rendadas. Para Milton, lembravam a capa do cesto de lixo do banheiro.

“Rapaz, você tem um bocado de medalhas aí”, disse Gus Vasilakis.

“O Milton só precisava de mais uma pra se tornar um Águia”, falou Esquerdinha.

“E qual medalha é essa?”

“De natação”, falou Milton. “Sou péssimo.”

“Também não sou muito boa nadadora”, disse Gaia, sorrindo.

“Coma um biscoito, Miltinho”, instigou Desdêmona.

Milton deu uma olhada na lata e pegou um biscoito.

“Foi a Gaia que fez”, continuou Desdêmona. “Que tal?”

Milton mastigou, meditativo. Depois de um momento, fez a saudação escoteira. “Não posso mentir”, falou. “O biscoito está uma porcaria.”

Tem coisa mais inacreditável que a história de amor dos nossos próprios pais? Algo mais difícil de atinar que o fato de que aqueles dois veteranos, permanentemente fora da lista de convocados, um dia estiveram entre os titulares? É impossível imaginar meu pai, cuja razão principal para ficar excitado, pela minha experiência, era uma queda nas taxas de juros, sofrendo de agudas paixões adolescentes e carnais. Milton deitado na cama, sonhando com minha mãe do mesmo jeito que eu, mais tarde, sonharia com o Obscuro Objeto. Milton escrevendo cartas de amor e até, depois de ter lido “To His Coy Mistress”, de Andrew Marvell, nas aulas que frequentava à noite, *poemas* de amor. Milton misturando metafísica elisabetana com os estilos de rima de Edgar Bergen:

*Você é tão incrível, Tessinha,*

*Quanto alguma nova maquininha*

*Que o presidente da GE presenteasse a um amigo*

*Você é nível mundial como miss de exposição...*

Mesmo olhando em retrospecto, e com os olhos indulgentes de uma filha, tenho de admitir: meu pai nunca foi atraente. Aos dezoito anos, era magro de assustar, parecia um tuberculoso. Tinha o rosto

todo marcado. Debaixo dos olhos pesarosos, a pele já formava bolsas escuras. O queixo era inexpressivo, o nariz, superdesenvolvido, o cabelo gomalinado tinha o volume e o brilho de um montinho de gelatina. Milton, porém, não tinha consciência de nenhum desses defeitos. Possuía uma autoconfiança determinada que o protegia feito uma carapaça dos ataques do mundo.

O apelo físico de Theodora era mais óbvio. Herdara a beleza de Sourmelina em menor escala. Tinha apenas um metro e cinquenta e cinco de altura, cintura fina e busto pequeno, e um longo pescoço de cisne a sustentar o belo rosto em formato de coração. Se Sourmelina sempre havia sido o tipo europeu de americana, uma espécie de Marlene Dietrich, Tessie, por sua vez, era a filha totalmente nativa que Dietrich poderia ter tido. Sua beleza típica, de moça interiorana até, se estendia aos dentes levemente separados e ao nariz arrebitado. Com frequência certas características saltam uma geração. Tenho uma aparência muito mais tipicamente grega do que minha mãe. Tessie se tornou, de alguma forma, meio sulista. Dizia coisas como "ora" e "pasmé". Como trabalhava todos os dias na floricultura, Lina precisava deixar a filha aos cuidados de uma variedade de senhoras mais velhas, muitas das quais presbiterianas do Kentucky, e foi assim que Tessie ganhou aquele sotaque anasalado. Comparada a Zoë e seus traços fortes e masculinos, Tessie era o que se chama de americana puro-sangue, e isso certamente atraiu, em parte, meu pai.

O salário de Sourmelina na floricultura não era muito alto. Mãe e filha se viam obrigadas a economizar. Nos brechós, Sourmelina tendia para os trajes de corista de Las Vegas. Tessie tinha mais bom senso em suas escolhas. De volta à pensão, remendava saias de lã e lavava à mão as blusinhas; tirava as bolinhas dos suéteres e dava um brilho nos sapatos bicolores de segunda mão. Mas o leve cheiro de brechó nunca saía totalmente das roupas. (Grudaria em mim,

anos mais tarde, quando tomei meu rumo.) O cheiro combinava com a falta de um pai e a vida de menina pobre.

Jimmy Zizmo: tudo que restara dele era o que tinha legado ao corpo de Tessie. Sua constituição física era frágil como a dele, o cabelo, embora sedoso, preto como o do pai. Quando não o lavava, ficava oleoso, e ela pensava, ao cheirar o próprio travesseiro: talvez fosse esse o cheiro do meu pai. Também tinha aftas no inverno (Zizmo tomava vitamina C para combatê-las). Mas a pele de Tessie era mais clara e queimava fácil ao sol.

Até onde alcançava a memória de Milton, Tessie já andava por ali, na casa, usando os trajes com cara de igreja, recatados, que a mãe dela achava tão divertidos. “Olha só pra nós duas”, dizia Lina. “Parece um cardápio chinês. Agridoce.” Tessie não gostava de ouvir a mãe falar desse jeito. Não se achava azedinha; só apropriada. Queria que a mãe também se comportasse de um jeito mais apropriado. Quando Lina bebia demais, era Tessie quem a levava para casa, tirava sua roupa e a colocava na cama. Porque Lina era uma exibicionista, Tessie tinha se tornado voyeur. Porque Lina falava em altos brados, Tessie saíra do tipo calada. Também tocava um instrumento: o acordeão. Ficava debaixo da cama, no respectivo estojo. De vez em quando ela o tirava dali, passando a alça nos ombros para manter acima do chão o instrumento enorme, sibilante, cheio de teclas. O acordeão parecia quase tão grande quanto ela própria, e Tessie tocava diligentemente mal, sempre com um laivo de tristeza carnavalesca.

Quando pequenos, Milton e Tessie tinham dividido o mesmo quarto e a mesma banheira, mas isso já fazia muito tempo. Até recentemente, Milton olhava para Tessie como sua prima certinha. Sempre que um de seus amigos mostrava interesse por ela, ele recomendava esquecer a ideia. “Aquela lá é que nem rapadura”,

avisava, como numa letra de canção popular. “É doce mas não é mole não.”

E então, um dia, Milton voltou da loja de música com umas palhetas novas. Pendurou o paletó e o chapéu nos ganchos do vestibulo, desembulhou as palhetas e fez uma bolota com o papel. Entrando na sala de estar, tentou um arremesso. A bola de papel cruzou a sala, bateu no aro da lixeira e caiu para fora. Foi quando uma voz disse: “Melhor você ficar na música mesmo”.

Milton olhou para ver quem era. Viu quem era. Mas quem era não era mais quem havia sido um dia.

Theodora estava deitada no sofá, lendo. Usava um vestido leve, de estampa vermelha florida. Estava descalça, e foi então que Milton reparou: as unhas vermelhas. Nunca suspeitara que Theodora fosse o tipo de garota que pintava as unhas. Elas lhe davam uma aparência de mulher, enquanto o resto — os braços magros e pálidos, o pescoço frágil — continuava com o aspecto de sempre, de menina. “Estou cuidando do assado no forno”, a prima explicou.

“Onde está minha mãe?”

“Saiu.”

“Saiu? Ela nunca sai.”

“Hoje saiu.”

“E minha irmã?”

“No centro comunitário.” Tessie olhou para o estojo preto que ele carregava. “É seu clarinete?”

“É.”

“Toca pra mim.”

Milton pousou o estojo no sofá. Enquanto o abria e tirava o clarinete, não deixou de reparar na nudez das pernas de Tessie. Inseriu o bocal e aqueceu os dedos, correndo-os de alto a baixo nas teclas. E então, à mercê de um impulso irresistível, inclinou-se,

pressionou a extremidade aberta do instrumento contra o joelho nu de Tessie e soprou uma nota longa.

Ela soltou um gritinho e recolheu o joelho.

“Isso foi um ré bemol”, disse Milton. “Quer ouvir o sustenido?”

Tessie ainda estava com a mão no joelho que vibrava. O clarinete tinha feito reverberar um arrepio até a altura de sua coxa. Ela se sentia esquisita, como se estivesse prestes a cair na risada, mas não riu. Encarava o primo e pensava: “Vai ficar só olhando pra esse sorriso dele? Ainda tem espinha na cara e se acha o máximo. Como é que consegue?”.

“Tudo bem”, ela respondeu, enfim.

“Ok”, disse Milton. “Ré sustenido. Lá vai.”

Naquele primeiro dia mirou os joelhos de Tessie. No domingo seguinte, Milton chegou por trás e tocou o clarinete na nuca da prima. O som saiu abafado. Cabelinhos levantaram. Tessie gritou, mas não muito por muito tempo. “Boa, garoto”, disse Milton, parado atrás dela.

E foi assim que começou. Ele tocava “Begin the Beguine” com o clarinete colado à clavícula de Tessie. Soprava “Moonface” contra suas bochechas macias. Posicionava o instrumento bem sobre as unhas vermelhas que tanto o atraíam e tocava “It Goes to Your Feet”. Num clima de segredo de que não se davam conta, Milton e Tessie escapuliam para cômodos mais calmos e ali, levantando um pouquinho a saia, ou tirando uma meia, ou uma vez, quando não havia mais ninguém em casa, puxando a blusa para deixar à mostra a parte baixa das costas, Tessie permitia que o primo pressionasse o clarinete contra sua pele e enchesse seu corpo de música. De início, ela tinha apenas cócegas. Mas, depois de um tempo, as notas passaram a se espalhar e entrar mais fundo nela. Tessie sentia as vibrações penetrarem seus músculos, pulsando em ondas até que os ossos comesçassem a chocalhar e os órgãos internos a zunir.

Milton tocava o instrumento com os mesmos dedos que usava para fazer a saudação escoteira, mas seus pensamentos eram tudo menos puros. Com a respiração ofegante, debruçado sobre Tessie e tomado de trêmula concentração, movimentava o clarinete em círculos, feito um encantador de serpentes. E Tessie era a cobra, hipnotizada, domada, arrebatada pelo som. Por fim, numa tarde em que os dois estavam completamente a sós, Tessie, sua prima certinha, deitou de costas. Atravessou um dos braços sobre o rosto. "Onde eu toco?", sussurrou Milton, a boca seca demais para tocar o que quer que fosse. Tessie desabotoou a blusa e, a voz débil, disse: "Na minha barriga".

"Não conheço nenhuma música que fale de barriga", arriscou Milton.

"Nas minhas costelas, então."

"Não conheço nenhuma sobre costelas."

"No meu esterno?"

"Nunca ninguém compôs uma música sobre o osso esterno, Tess."

Ela abriu mais botões, os olhos fechados. E sussurrou, quase inaudível: "E agora?"

"Essa eu conheço", falou Milton.

Quando não podia tocar contra a pele de Tessie, Milton abria a janela do quarto e, à distância, fazia serenatas. Às vezes ligava para a pensão e perguntava à sra. O'Toole se podia falar com Theodora. "Um minuto", a sra. O'Toole dizia e gritava escada acima: "Zizmo, telefone!". Milton escutava o som dos passos que desciam correndo e, em seguida, a voz de Tessie dizendo alô. E começava a tocar o clarinete ao telefone.

(Anos mais tarde, minha mãe recordaria aquele tempo em que tinha sido cortejada por um clarinete. "Seu pai não tocava muito

bem. Eram duas ou três músicas. E só." "Cumequié?", protestava Milton. "Eu sabia um repertório completo." E começava a assobiar "Begin the Beguine", trinando a melodia para evocar o vibrato do clarinete e dedilhando o ar. "Por que você não faz mais serenatas?", perguntava Tessie. Mas Milton estava pensando em outra coisa: "Que fim será que levou meu velho clarinete?". E Tessie: "Eu é que sei? Você espera que eu lembre de tudo?". "Será que está no porão?" "Vai ver eu joguei fora!" "Você jogou! Por que diabos foi me fazer isso?" "O que você pretendia, Milt, praticar um pouco? Você já nem sabia tocar aquele maldito negócio naquela época.")

Todas as serenatas de amor um dia têm que acabar. Mas, em 1944, a música não parava. Lá por julho, quando tocava o telefone na Pensão O'Toole, a canção de amor do outro lado da linha às vezes era de outro tipo: "*Kyrie eleison, Kyrie eleison*". Uma voz quase tão feminina quanto a da própria Tessie murmurava de um telefone a algumas quadras de distância. O canto prosseguia durante pelo menos um minuto. E em seguida Michael Antoniou perguntava: "Que tal?".

"Excelente", respondia minha mãe.

"Foi mesmo?"

"Parecia que eu estava na igreja. Você quase me engana."

O que me traz à última das complicações naquele ano abarrotado de intrigas. Preocupada com o que Milton e Tessie pudessem estar aprontando, minha avó não tentava apenas arranjar casamento para o filho. Naquele verão, tinha arrumado um marido para Tessie também.

Michael Antoniou — padre Mike, como seria chamado na nossa família — era, naquele tempo, seminarista na Escola Teológica Ortodoxa Grega da Santa Cruz, em Pomfret, Connecticut. Em casa para passar o verão, ele andava prestando bastante atenção em Tessie Zizmo. Em 1933, a Igreja da Assunção se mudara da sede no

imóvel comercial da Hart Street. Agora a congregação contava com uma igreja de verdade, na Vernor Highway, quase esquina com a Beniteau. A igreja era de tijolos amarelos. Tinha três domos acinzentados, feito bonés, e um porão usado como área de convivência. Na hora do café, Michael Antoniou contava a Tessie como era a vida na Escola da Santa Cruz e a instruía sobre aspectos menos conhecidos da ortodoxia grega. Falava sobre os monges do Monte Atos, que zelavam por sua pureza a ponto de banir do isolamento do mosteiro não apenas mulheres, mas também as fêmeas de todas as outras espécies. Não havia fêmeas de passarinhos no Monte Atos, nem fêmeas de cobras ou de cachorros ou de gatos. “Um pouco rígido demais pra mim”, comentou Michael Antoniou, sorrindo sugestivamente para Tessie. “Só quero ser um padre de paróquia. Casado e com filhos.” Minha mãe não se surpreendia com o interesse. Sendo ela mesma baixinha, estava acostumada a ser tirada para dançar por baixinhos. Não gostava da ideia de ser escolhida em virtude de sua altura, mas Michael Antoniou era persistente. E talvez não estivesse atrás dela porque era a única moça mais baixa que ele. Quem sabe ele não estava reagindo à carência nos olhos de Tessie, sua ânsia desesperada por acreditar que havia alguma coisa além de nada?

Desdêmona agarrou a oportunidade. “O Mikey é bom rapaz grego, rapaz gentil”, falou para Tessie. “E vai ser padre!” E para Michael Antoniou: “A Tessie é pequena mas forte. Quantos pratos o senhor acha que ela consegue carregar, padre Mike?”. “Ainda não sou padre, sra. Stephanides.” “Mas diga: quantos?” “Seis?” “Só isso, o senhor acha? Seis?” E exibia agora as duas mãos: “Dez! Dez pratos a Tessie consegue. Nunca quebra nada”.

Passou a convidar Michael Antoniou para os almoços de domingo. A presença do seminarista inibia Tessie, que deixou de ir ao andar de cima para as sessões privativas de suingue. Milton, cada vez mais

irritado com a novidade, lançava farpas à mesa do almoço. “Imagino que deve ser bem mais complicado ser padre aqui nos Estados Unidos, não?”

“Como assim?”, perguntou Michael Antoniou.

“O que quero dizer é que na velha pátria o pessoal não é muito letrado”, falou Milton. “Acreditam em qualquer história contada pelos padres. Aqui é diferente. A gente pode frequentar a faculdade e aprender a pensar por conta própria.”

“A Igreja não quer que as pessoas deixem de pensar”, retrucou padre Mike, sem tomar o comentário como ofensivo. “A Igreja acredita que pensar leva a pessoa só até certo ponto. Para além dos limites do pensamento, começa a revelação.”

“*Chrysostomos!*”, exclamou Desdêmona. “Padre Mike, o senhor diz coisas preciosas.”

Mas Milton insistiu: “Eu diria que, para além dos limites do pensamento, começa a estupidez”.

“É assim que as pessoas vivem, Milt” — de novo Michael Antoniou, ainda cordato e gentil —, “à base de histórias. Qual é a primeira coisa que uma criança diz quando aprende a falar? ‘Me conta uma história.’ É assim que compreendemos quem somos, de onde viemos. Histórias são tudo. E qual é a história que a Igreja tem pra contar? Simples. A maior das histórias já contadas.”

Minha mãe, ao ouvir essa discussão, não podia deixar de reparar nos nítidos contrastes entre seus dois pretendentes. De um lado, a fé; do outro, o ceticismo. De um lado, a bondade; do outro, a hostilidade. Um rapaz reconhecidamente baixinho mas bem-apanhado contra outro raquítico, espinhento, dispensado do Exército, com as olheiras de um lobo faminto. Michael não tinha chegado sequer a tentar beijar Tessie, ao passo que Milton a tinha desencaminhado com um clarinete. Rés bemóis e lás sustentidos que a lambiam como línguas de fogo, aqui atrás do joelho, aqui em cima

no pescoço, bem embaixo do umbigo... o inventário a enchia de vergonha. Um pouco depois, naquela mesma tarde, Milton a encurralou. "Tenho uma música nova pra você, Tess. Aprendi hoje mesmo." Mas Tessie disse a ele: "Cai fora". "Por quê? Qual é o problema?" "É que... é que..." — ela tentou pensar no mais terrível dos veredictos — "é que isso não é bom!" "Não foi o que você disse na semana passada." Milton acenou com o clarinete, ajustando a palheta com uma piscadela, ao que Tessie reagiu, finalmente: "Não quero mais fazer isso! Entendeu? Me deixe em paz!".

Pelo resto do verão, aos sábados, Michael Antoniou passava na Pensão O'Toole para pegar Tessie. A bolsa dela, que carregava enquanto caminhavam juntos, ele fazia balançar pela alça como um incensário. "Tem que imprimir a força exata", dizia à minha mãe. "Se a gente não dá embalo suficiente, a corrente verga e a brasa cai." Seguindo pela rua, minha mãe tentava ignorar o constrangimento de ser vista em público com um homem balançando uma bolsa. No balcão da lanchonete, ela o via enfiar um guardanapo para dentro do colarinho da camisa antes de tomar seu sundae. Em vez de meter a cereja na boca, como Milton teria feito, Michael Antoniou sempre oferecia a ela. Mais tarde, ao acompanhá-la até em casa, ele apertava sua mão e a olhava com sinceridade nos olhos. "Obrigado por mais esta tarde agradável. Te vejo na igreja amanhã." Então ia embora, as mãos unidas atrás das costas. Treinando para andar como padre, também.

Em seguida, Tessie entrava e subia as escadas até seu quarto. Deitava no sofá-cama para ler. Certa tarde, sem conseguir se concentrar, interrompeu a leitura e largou o livro sobre o rosto. Exatamente nesse momento um clarinete começou a tocar lá fora. Tessie ficou escutando por um tempo, imóvel. Por fim, a mão fez menção de tirar o livro da cara. O movimento não se completou, porém. A mão ondulou no ar, como se regesse a música, e então,

num gesto de bom senso, resignado, desesperado, ela fechou a janela.

“Bravo!”, gritou Desdêmona ao telefone alguns dias mais tarde. E com o bocal junto ao peito: “Mikey Antoniou acabou de pedir a Tessie em casamento! Estão noivos! Vão casar assim que o Mikey terminar o seminário”.

“Não precisa ficar tão entusiasmado”, disse Zoë ao irmão.

“Por que você não cala a boca?”

“Não fique zangado comigo”, ela falou, cega para o que a aguardava no futuro. “Não sou eu que vou casar com ele. Só se fosse à bala.”

“Se ela quer casar com um padre”, disse Milton, “que case. Dane-se.” Ficou com o rosto corado, escapuliu da mesa e disparou escada acima.

Mas por que minha mãe fez isso? Ela jamais soube explicar. As razões pelas quais as pessoas se casam com quem se casam nem sempre são claras para as partes envolvidas. De modo que só posso especular. Quem sabe minha mãe, tendo crescido sem um pai, estivesse tentando compensar com um padre? É possível, ainda, que tenha sido uma decisão prática. Certa vez tinha perguntado a Milton o que ele pretendia fazer da vida. “Estava pensando em talvez assumir o bar do meu pai.” Sobre todas as demais oposições, pode ter havido esta última: dono de bar, padre.

Impossível imaginar meu pai chorando de coração partido. Impossível imaginá-lo se recusando a comer. Impossível, também, imaginá-lo insistindo em ligar várias vezes para a pensão até a sra. O’Toole dizer: “Escuta, meu doce. Ela não quer falar com você. Entendeu?”.

“É” — Milton segurou o choro —, “entendi.” “Peixe é o que não falta no mar.” Impossível imaginar todas essas coisas, mas foi o que de fato aconteceu.

Talvez a metáfora marítima da sra. O'Toole tenha lhe dado uma ideia. Uma semana depois de Tessie ficar noiva, numa manhã abafada de terça-feira, Milton largou de vez o clarinete e foi à Cadillac Square tratar de trocar seu uniforme de escoteiro por outro.

"Pois foi isso que eu fiz", contou à família no jantar daquela noite. "Me alistei."

"No Exército!", disse Desdêmona, horrorizada.

"Pra que isso?", perguntou Zoë. "A guerra está quase terminada. Hitler já era."

"Sei lá do Hitler. É com o Hirohito que tenho que me preocupar. Entrei pra Marinha. Não pro Exército."

"E o pé chato?", choramingou Desdêmona.

"Nem me perguntaram."

Meu avô, que tinha encarado as serenatas de clarinete como costumava encarar qualquer coisa, consciente do significado daquilo mas sem se convencer de que fosse sensato se envolver, agora olhava fixamente para o filho. "Você é um rapaz muito do idiota, sabia? Está achando que esse negócio é uma brincadeira?"

"Não, senhor."

"É uma guerra. Está pensando que guerra é diversão? Uma grande peça que você pode pregar nos seus pais?"

"Não, senhor."

"Você vai ver que tipo de grande peça é a guerra."

"Na Marinha!", Desdêmona continuava, enquanto isso, a gemer. "E se o navio afundar?"

"Está vendo o que você fez?", Esquerdinha balançou a cabeça. "Vai deixar sua mãe doente de preocupação."

"Eu vou ficar bem", falou Milton.

Olhando para o filho, Esquerdinha tinha agora uma visão dolorosa: ele próprio, vinte anos antes, cheio de um otimismo convencido e imbecil. Não havia nada que pudesse fazer com a

pontada de medo que o atravessava senão falar, furioso. “Ok, então. Vai pra Marinha”, disse. “Mas sabe o que você esqueceu, senhor escoteiro quase-Águia?” Apontou para o peito de Milton. “Esqueceu que nunca conseguiu a medalha de natação.”

# Notícias do mundo

Esprei três dias antes de voltar a ligar para Julie. Eram dez horas da noite e ela ainda estava no estúdio, trabalhando. Não tinha jantado, então sugeri que saíssemos para comer. Falei que passaria para pegá-la.

Dessa vez ela me deixou entrar. O estúdio era uma bagunça, dava medo de tão caótico, mas, depois de avançar alguns passos, esqueci completamente esse detalhe. Minha atenção foi capturada pelo que via nas paredes. Cinco ou seis grandes impressões de teste afixadas ali, todas elas mostrando a paisagem industrial de uma fábrica de produtos químicos. Julie tinha fotografado a fábrica de cima de um guindaste, de modo que o efeito, para o espectador, era o de estar flutuando bem acima das chaminés e do serpentear das tubulações.

“Ok, já chega”, ela disse, já me empurrando na direção da porta.

“Espera”, falei. “Adoro fábricas. Sou de Detroit. Pra mim é como ver uma paisagem do Ansel Adams.”

“Agora já viu”, ela disse, e continuou a me enxotar, contente, desconfortável, sorridente, teimosa.

“Tenho um Bernd e Hilla Becher na minha sala de estar”, contei vantagem.

“Você tem um Bernd e Hilla Becher?” Ela parou de me empurrar.

“É uma antiga fábrica de cimento.”

“Ok, tá certo”, falou Julie, cedendo. “Fotografo fábricas. É isso que fotografo. Fábricas. Estas são da planta da I. G. Farben.” Ela estremeceu. “O que me incomoda é que parece que é a coisa típica pra um americano fazer por aqui.”

“A indústria do Holocausto, você quer dizer?”

“Não li esse livro, mas é.”

“Se você sempre fotografou fábricas, acho que é diferente”, eu disse a ela. “Aí não é só oportunismo. Se fábricas são seu tema, como *não* fotografar a I. G. Farben?”

“Você acha legal?”

Apontei para as impressões de teste. “Estas aqui estão ótimas.”

Ficamos em silêncio, olhando um para o outro, e sem pensar me inclinei à frente e beijei Julie de leve nos lábios.

No fim do beijo, ela arregalou os olhos. “Pensei que você era gay quando a gente se conheceu.”

“Deve ter sido o terno.”

“Meu radar pra gays falhou completamente.” Julie balançava a cabeça. “Sempre fico desconfiada de que estou servindo de última parada.”

“De última o quê?”

“Nunca ouviu falar disso? Garotas orientais são a última parada pra caras que ainda não saíram do armário. Eles procuram uma asiática por causa do corpo, que é mais parecido com o de um garoto.”

“Seu corpo não parece o de um garoto”, falei.

O que constrangeu Julie. Ela desviou o olhar.

“Foram muitos os gays trancados no armário que chegaram em você até hoje?”, perguntei.

“Duas vezes na faculdade, outras três na pós”, respondeu Julie.

Não havia outra resposta possível senão beijá-la outra vez.

\*

Para retomar a história dos meus pais, preciso trazer à tona uma lembrança bastante constrangedora para os grego-americanos: Michael Dukakis e seu tanque. Lembram disso? A imagem que, sozinha, acabou com nossas esperanças de colocar um grego na Casa Branca: Dukakis, com um capacete maior que a cabeça, chacoalhando em cima de um M41 Walker Bulldog. Tentando passar a imagem de um presidente e, em vez disso, parecendo um menininho em visita a um parque de diversão. (Sempre que um grego ameaça chegar ao Salão Oval, alguma coisa dá errado. Primeiro foi Agnew, com a história da evasão fiscal, depois Dukakis e o tanque.) Antes que Dukakis trepasse no blindado, antes de ter tirado seu terno J. Press para substituí-lo por aquela farda, vivíamos todos — e falo por meus pares grego-americanos, concordem eles ou não — um sentimento de exultação. Aquele cara era o candidato do Partido Democrata à presidência dos Estados Unidos! Era de Massachusetts, como os Kennedy! Adepto de uma religião ainda mais estranha que o catolicismo, e ninguém chamava a atenção para o fato. Isso era 1988. Talvez finalmente tivesse chegado um tempo em que qualquer um — ou, ao menos, não os mesmos de sempre — poderia ser presidente. Reparem nos cartazes da Convenção Democrata! Vejam os adesivos em todos os Volvos. “Dukakis.” Um nome com mais de duas vogais concorrendo à presidência! O último antes disso tinha sido Eisenhower (que fazia boa figura em cima de um tanque). Genericamente falando, os americanos preferem que seus presidentes não tenham mais que duas vogais. Truman. Johnson. Nixon. Clinton. Quando têm mais de duas vogais (Reagan), o nome não pode passar de duas sílabas. Melhor ainda se for uma sílaba com uma vogal: Bush. Aí tinha mesmo que acontecer duas vezes. Por que Mario Cuomo resolveu não concorrer a presidente? A

que conclusão chegou quando se recolheu para pensar no assunto? Ao contrário de Michael Dukakis, que era do acadêmico estado de Massachusetts, Mario Cuomo era de Nova York e sabia das coisas. Cuomo sabia que nunca ia ganhar. Liberal demais para aquele momento, certamente. Mas também: vogais demais.

Trepado num tanque, Dukakis avançou na direção da barreira de fotógrafos e do crepúsculo político. Por mais doloroso que seja recordar a imagem, trago-a à tona por um motivo. Era exatamente desse jeito que meu pai recém-alistado, o Marinheiro de Segunda Classe Milton Stephanides, estava no momento em que oscilava numa lancha de desembarque ao largo da costa da Califórnia, no outono de 1944. Como Dukakis, Milton era quase só capacete. Como a de Dukakis, também a correia presa ao queixo de Milton parecia ter sido afivelada por sua mãe. Como a de Dukakis, a expressão de Milton traía uma consciência crescente do erro que tinha cometido. Milton não podia, igualmente, pular do veículo em movimento. Também ele avançava para a extinção. A única diferença, sendo noite plena, era a ausência dos fotógrafos.

Um mês depois de se engajar na Marinha dos Estados Unidos, Milton foi enviado à base naval de Coronado, em San Diego. Era membro do Batalhão Anfíbio, cuja tarefa consistia em transportar as tropas até o Extremo Oriente e auxiliá-las no ataque às praias. Milton tinha a incumbência — por sorte, até ali, só nos treinamentos — de baixar a lancha junto à lateral do navio que a transportava. Durante um mês, seis dias por semana, dez horas por dia, era o que vinha fazendo — baixar ao mar, em condições variadas, embarcações lotadas de rapazes.

Quando não estava baixando embarcações, ele próprio estava numa delas. Três ou quatro noites por semana, precisavam praticar desembarques noturnos. Eram operações extremamente complicadas. A costa nos arredores de Coronado era traiçoeira. Os

pilotos, inexperientes, tinham dificuldade para manobrar até os faróis que sinalizavam as praias, e com frequência levavam os barcos a aportar nos rochedos.

Embora o capacete obscurecesse a visão presente de Milton, proporcionava a meu pai uma imagem bastante clara do futuro. Aquele capacete tinha o peso de uma bola de boliche. Era tão espesso quanto o capô de um carro. Era para ser usado na cabeça como um chapéu, mas não se parecia nem um pouco com um. Em contato com o crânio, um capacete militar transmitia imagens diretamente para o cérebro. Imagens de objetos que o capacete tinha sido projetado para manter à distância. Balas, por exemplo. Ou estilhaços de granada. O capacete fechava a mente para contemplação dessas realidades essenciais.

E, se a pessoa em questão fosse alguém como meu pai, começava a pensar em como escapar de tais realidades. Depois da primeira semana de treinamento, Milton já se dava conta de que tinha cometido um erro terrível ao se alistar na Marinha. Era capaz de a batalha em si ser um pouquinho menos perigosa do que a preparação para ela. Toda noite alguém ficava ferido. As ondas lançavam os rapazes contra o barco. Outros caíam na água e eram sugados para baixo do casco. Na semana anterior, um garoto de Omaha tinha se afogado.

Durante o dia, eles se exercitavam, jogando futebol americano na praia com botas do Exército, para enrijecer as pernas, e à noite havia os treinamentos. Exausto, com enjoo, Milton ficava enlatado feito sardinha, uma mochila pesada nas costas. Sempre quisera ser um americano e agora tinha a chance de ver como se comportavam seus compatriotas. Numa convivência tão próxima, teve de aguentar a lascívia caipira e a conversa idiota dos rapazes. Passavam horas juntos no barco, sendo jogados de um lado para o outro e se

molhando. Iam dormir às três ou quatro da manhã. Então o sol nascia e era hora de começar tudo de novo.

Por que tinha se alistado na Marinha? Por vingança, como fuga. Queria dar o troco em Tessie e queria esquecê-la. Nenhuma das duas coisas funcionou. O tédio da vida militar, a repetição interminável de tarefas, fazer fila para comer, para usar o banheiro, para se barbear, nada disso era distração alguma. Ficar de pé em fila o dia todo trazia à tona os pensamentos que Milton queria evitar, de uma marca de clarinete, como um anel de fogo, sobre a pele avermelhada da coxa de Tessie. Ou de Vandebrook, o rapaz de Omaha que tinha se afogado: o rosto contundido, a água do mar vazando por entre os dentes quebrados.

Por todos os lados ao redor de Milton, no barco, os rapazes agora começavam a enjoar. Dez minutos balançando nas ondas e os marinheiros já se dobravam, regurgitando a carne ensopada e o purê de batata instantâneo do jantar direto no chão metálico e rugoso. O que não provocava nenhum comentário. O vômito, de um azulado medonho à luz da lua, se movia em ondas também, indo e vindo sobre as botas de todos. Milton levantou o rosto à procura de um sopro de ar fresco.

O barco empinava e jogava. Ia à crista das ondas e descia com estrondo, o casco estremecendo. Estavam se aproximando da costa, onde a rebentação ganhava força. Os outros rapazes reposicionavam suas mochilas e se preparavam para o ataque simulado, e o marinheiro Stephanides abandonou a solidão de seu capacete.

“Vi na biblioteca”, estava dizendo o marinheiro a seu lado para outro. “No quadro de avisos.”

“Que tipo de teste?”

“Tipo um exame de admissão. Pra Annapolis.”

“Ah, tá bom que uma dupla como a gente vai conseguir entrar pra Annapolis.”

“Não interessa conseguir entrar ou não. O trato é: fez o teste, fica dispensado dos treinamentos.”

“Que teste é esse que você está falando?”, perguntou Milton, interrompendo.

O marinheiro olhou em torno para ver se mais alguém tinha escutado. “Não conte pra ninguém. Se todo mundo se inscrever, não vai dar certo.”

“Quando é?”

Mas, antes que o colega pudesse responder, ouviram um som forte e estridente: tinham batido contra as pedras outra vez. A súbita parada jogou todo mundo para a frente. Capacetes se chocaram; narizes se quebraram. Os marinheiros ficaram todos amontoados e a escotilha dianteira se abriu. A água começava a invadir o barco agora e o tenente estava aos berros. Milton, junto com todo mundo, pulou no meio do tumulto — os rochedos negros, a contracorrente sugadora, as garrafas de cerveja mexicana, os caranguejos sobressaltados.

Em Detroit, também na escuridão, minha mãe estava no cinema. Michael Antoniou, seu noivo, tinha voltado à Escola da Santa Cruz e ela agora estava livre aos sábados. Na tela do Esquire, surgiu a contagem... 5... 4... 3... e um boletim de notícias teve início. Veio um discreto anúncio de trombetas. Um locutor passou a dar notícias sobre a guerra. Era sempre o mesmo e, a essa altura, Tessie sentia que já o conhecia; era quase da família. Semana após semana ele a tinha informado sobre Monty e os ingleses expulsando os tanques de Rommel do norte da África e sobre as tropas americanas liberando a Argélia e pousando na Sicília. Mastigando pipoca, Tessie foi vendo passarem os meses e os anos. Os boletins vinham seguindo um roteiro. Primeiro se concentraram na Europa. Eram tanques

atravessando vilarejos minúsculos e moças francesas abanando lenços das sacadas. Aquelas moças nem pareciam ter passado por uma guerra; trajavam belas saias plissadas, meias soquete brancas e cachecóis de seda. Nenhum homem usava boina, o que surpreendeu Tessie. Sempre quisera ir à Europa, nem tanto à Grécia, mais à Itália e à França. Assistindo àqueles boletins, Tessie reparava não nos edifícios bombardeados, mas nos cafés na calçada, nos chafarizes, nos cachorrinhos todo empertigados e bem-comportados.

Dois sábados antes, tinha visto Antuérpia e Bruxelas sendo liberadas pelos Aliados. Agora, à medida que a atenção se voltava para o Japão, o cenário ia mudando. Palmeiras tomavam conta dos boletins, e também ilhas tropicais. Naquela sessão, a tela informou a data, "Outubro de 1944", e o locutor anunciou: *Enquanto as tropas americanas se preparam para a tomada final do Pacífico, o general Douglas McArthur, jurando cumprir a promessa do "eu voltarei", passa as tropas em revista.* A sequência mostrava marinheiros a postos no convés, ou abastecendo com munição os canhões de artilharia, ou a cavalo numa praia, acenando para o pessoal em casa. E ali, na plateia, minha mãe se pegou fazendo uma coisa maluca. Procurava o rosto de Milton.

Ele era seu primo de segundo grau, afinal, não era? Simplesmente natural que ela se preocupasse. Tinham também, não exatamente se apaixonado, mas se envolvido de forma mais imatura, numa espécie de encantamento ou enrabichamento um pelo outro. Nada parecido com o que ela tinha com Michael. Tessie se endireitou no assento. Ajeitou a bolsa no colo. Adotou a postura de uma jovem senhora que estava noiva e ia se casar. Mas, depois que o boletim de notícias terminou e começou o filme, abandonou a pose de adulta. Afundou na poltrona e colocou os pés para cima, apoiados no assento da frente.

Talvez o filme não fosse bom naquele dia, ou quem sabe ela tivesse visto filmes demais ultimamente — era sua oitava matinê seguida —, enfim, fosse qual fosse a razão, Tessie não conseguiu se concentrar. Ficou pensando que, se alguma coisa acontecesse com Milton, se ele se ferisse ou, Deus o livre, não voltasse — seria ela, de alguma forma, a culpada. Não tinha dito a ele que se alistasse na Marinha. Se tivesse sido consultada, teria dito a Milton que não fizesse aquilo. Mas sabia que o que ele tinha feito tinha sido por causa dela. Era um pouco como em *Into the Sands*, com Claude Barron, que ela assistira umas semanas antes. No filme, Claude Barron se alista na Legião Estrangeira porque Rita Carrol se casa com outro cara. O outro acaba se revelando um beberrão infiel, e então Rita Carrol o abandona e viaja para o deserto onde Claude Barron está lutando contra os árabes. Quando Rita Carrol consegue chegar lá, encontra-o no hospital, ferido, ou talvez não fosse num hospital de verdade, mas numa simples tenda, e ela diz a ele que o ama e Claude Barron responde: “Vim para o deserto para te esquecer. Mas a areia era da cor do seu cabelo. O céu do deserto era da cor dos seus olhos. Eu não poderia ir a nenhum lugar que não fosse você”. E então ele morre. Tessie tinha chorado baldes. A maquiagem escorrendo, manchando de um jeito horrível o colarinho da blusa.

Treinamentos noturnos e matinês de sábado, pular ao mar e afundar na poltrona do cinema, preocupação e arrependimento, esperança e tentativa de esquecer — e no entanto, para ser perfeitamente honesto, o que as pessoas fizeram durante a guerra, na maior parte do tempo, foi escrever cartas. Como argumento a favor da minha crença pessoal de que a vida real não é páreo para o que se escreve sobre ela, os membros da minha família parecem ter

passado aquele ano, em grande medida, se correspondendo. Da Escola da Santa Cruz, Michael Antoniou escrevia duas vezes por semana para sua noiva. Suas cartas chegavam em envelopes azul-claros estampados, no canto superior esquerdo, com o perfil do Patriarca Benjamin, e o papel de carta, dentro, vinha preenchido com a letra do seminarista, limpa e feminina como sua voz. “O mais provável é que, depois de me ordenar, a gente seja enviado primeiro para algum lugar da Grécia. Tem muita coisa para ser reconstruída, agora que os nazistas saíram de lá.”

Em sua escrivania, sob os aparadores de livro de Shakespeare, Tessie escrevia de volta com lealdade, se não com total sinceridade. Suas atividades diárias, na maioria, não pareciam suficientemente virtuosas para serem relatadas a um noivo seminarista. E então ela começou a inventar para si uma vida mais apropriada. “Hoje de manhã a Zoë e eu fomos trabalhar como voluntárias na Cruz Vermelha”, escreveu minha mãe, que tinha passado o dia todo no Cine Fox, comendo guloseimas. “Fizeram a gente cortar lençóis velhos em tiras para usar em curativos. Você precisava ver a bolha que fiz no dedão. Um verdadeiro colosso.” Ela não partiu logo para essas ficções em larga escala. No começo, fazia um relato honesto de sua rotina. Mas, numa das cartas, Michael Antoniou tinha dito: “Filmes são uma boa diversão, mas, com a guerra, me pergunto se essa é a melhor maneira de você usar seu tempo”. Foi depois disso que Tessie começou a inventar. Racionalizava as mentiras dizendo a si mesma que aquele era seu último ano de liberdade. Quando chegasse o verão seguinte, já seria a esposa de um padre, vivendo em algum lugar da Grécia. Para amenizar a desonestidade, desviava todo o mérito para Zoë, enchendo as cartas de elogios à prima. “Ela trabalha seis dias por semana e, no domingo, ainda levanta cedo para levar a sra. Tsontakis à igreja — a coitadinha está com noventa

e três anos e mal consegue andar. Essa é a Zoë. Sempre pensando no próximo.”

Enquanto isso, Desdêmona e Milton também se correspondiam. Antes de partir para a guerra, meu pai tinha prometido à mãe que finalmente aprenderia a escrever em grego. Agora, da Califórnia, deitado à noite em seu beliche, tão dolorido que mal podia se mover, Milton consultava um dicionário grego-inglês para compor relatos sobre a vida de marinheiro. Não importava quanto se concentrasse, porém, quando suas cartas chegavam à Hurlbut Street, alguma coisa já havia se perdido na tradução.

“Que tipo de papel é este aqui?”, perguntava Desdêmona ao marido, segurando no ar uma carta que parecia um queijo suíço. Feito camundongos, os censores militares mordiscavam as cartas de Milton antes que Desdêmona tivesse a oportunidade de digeri-las. Abocanhavam qualquer menção à palavra “invasão”, qualquer referência a “San Diego” ou “Coronado”. Trituravam parágrafos inteiros descrevendo a base naval, os destróieres e submarinos ancorados no píer. Uma vez que o grego dos censores era ainda pior que o de Milton, frequentemente cometiam erros, cortando saudações afetuosas, beijos e abraços.

Apesar das falhas nas missivas de Milton (sintáticas e físicas), minha avó entendeu o perigo da situação. Nos mal traçados sigmas e deltas do filho, vislumbrou sua mão trêmula de crescente ansiedade. Nos equívocos gramaticais, detectou o laivo de medo em sua voz. O próprio papel de carta a afligia, pois já parecia feito em pedaços.

O marinheiro Stephanides, porém, vinha fazendo o que podia para evitar um ferimento. Numa quarta-feira pela manhã, apresentou-se na biblioteca da base para fazer o exame de admissão da Academia

Naval dos Estados Unidos. Pelas cinco horas seguintes, toda vez que levantava a vista da prova, enxergava os companheiros de bordo se exercitando sob o sol quente. Não conseguia evitar um sorriso. Enquanto seus parceiros cozinhavam lá fora, Milton estava sentado debaixo de um ventilador de teto, resolvendo uma prova de matemática. Enquanto os outros eram obrigados a correr de um lado para o outro no campo de futebol americano na areia, Milton lia um parágrafo de alguém chamado Carlyle e respondia às perguntas que se seguiam. E naquela noite, quando os rapazes estivessem enfrentando a bateadeira dos rochedos, ele estaria quentinho na cama, dormindo a sono solto.

Quando entraram os primeiros meses de 1945, todo mundo procurava alguma dispensa de suas obrigações. Minha mãe fugia do trabalho voluntário indo ao cinema. Meu pai se esquivava das manobras fazendo um teste. Mas, no que dizia respeito a dispensas, minha avó andava nada mais nada menos atrás de uma dispensa celestial.

Num domingo de março, chegou à Assunção antes do início da Sagrada Liturgia. Foi até um nicho e, junto à imagem de São Cristóvão, propôs um trato. "Por favor, São Cristóvão", Desdêmona beijou as pontas dos dedos, com as quais tocou a testa do santo, "se o senhor proteger o Miltinho na guerra, faço ele prometer que volta pra Bithynios e conserta a igreja." Levantou a vista para São Cristóvão, mártir da Ásia Menor. "Se a igreja foi destruída pelos turcos, o Miltinho vai reconstruir. Se só precisar de uma pintura, ele pinta." São Cristóvão era um gigante. Segurava um cajado e atravessava a pé a correnteza de um rio. Levava às costas o Menino Jesus, a criança mais pesada da história porque carregava o mundo nas mãos. Que santo poderia ser melhor para proteger o filho dela dos perigos do mar? Na penumbra daquele ambiente iluminado por lamparinas, Desdêmona rezava. Movia os lábios, soletrando

condições. “Também gostaria, se possível, são Cristóvão, que o Miltinho fosse dispensado dos treinamentos. Ele me contou que é muito perigoso lá. Agora está me escrevendo em grego, também, são Cristóvão. Não tão bem, mas passa. Faço ele prometer ainda colocar novos bancos na igreja. E uns tapetes, se o senhor quiser.” Silenciou, os olhos fechados. Fez o sinal da cruz várias vezes, esperando uma resposta. Então, de repente, sua coluna se endireitou. Ela abriu os olhos, inclinou a cabeça, sorriu. Beijou as pontas dos dedos e tocou a imagem do santo, depois se apressou a chegar em casa para escrever uma carta a Milton contando as boas-novas.

“É, claro”, disse meu pai ao receber a carta. “A salvação de são Cristóvão.” Enfiou a carta dentro do dicionário grego-inglês e levou ambos ao incinerador que ficava atrás da tenda semicilíndrica construída com chapas de metal corrugado. (Ali se encerraram as lições de grego do meu pai. Embora tenha continuado a falar a língua com meus avós, Milton jamais conseguiu dominar a escrita e à medida que envelhecia foi esquecendo o significado até das palavras mais simples. No fim, não era capaz de dizer muito mais coisas do que eu ou Um-Sete-Um, o que era igual a praticamente nada.)

O sarcasmo de Milton era compreensível, naquelas circunstâncias. Ainda no dia anterior, o comandante tinha dado a Milton uma nova incumbência no desembarque próximo. A notícia, como todas as notícias ruins, não tinha sido assimilada de imediato. Era como se as palavras ditas pelo superior, as sílabas reais que dirigiu a Milton, tivessem sido codificadas pelos rapazes do Serviço de Inteligência. Milton bateu continência e saiu. Seguiu pela praia, ainda indiferente, a má notícia trabalhando com uma espécie de discrição, permitindo

que ele fruísse aqueles últimos momentos tranquilos de ilusão. Assistiu ao pôr do sol. Admirou uma neutra Suíça de focas sobre os rochedos. Tirou as botas a fim de sentir a areia nos pés, como se o mundo fosse um lugar aonde acabava de chegar para viver, e não de onde logo partiria. Mas foi aí que as fissuras apareceram. Uma rachadura no topo do crânio, pela qual a má notícia desceu assobiando; um talho nos joelhos, que vergaram, e Milton não conseguiu mais manter aquilo à distância.

Trinta e oito segundos. A notícia era essa.

“Stephanides, estamos te transferindo para a função de sinaleiro. Apresente-se no Bloco B amanhã às sete. Dispensado.” Era o que o comandante tinha dito. Só isso. E não surpreendia, na verdade. À medida que se aproximava a missão, houvera um surto de ferimentos entre os sinaleiros. Sinaleiros tinham decepado um dedo ajudando na cozinha. Sinaleiros tinham atirado no próprio pé enquanto limpavam a arma. Nos treinamentos noturnos, sinaleiros tinham se atirado com volúpia aos rochedos.

Trinta e oito segundos era a expectativa de vida de um sinaleiro. Na hora do desembarque, o marinheiro Stephanides ficaria parado na dianteira do barco. Operaria uma espécie de lanterna, piscando mensagens em código Morse. A lanterna brilharia, perfeitamente visível das posições inimigas em terra. Era nisso que ele pensava ali, parado na praia, as botas descalçadas. Pensava que nunca assumiria o bar do pai. Pensava que nunca mais voltaria a ver Tessie. Em vez disso, dali a algumas semanas, de pé num barco, exposto ao fogo inimigo, seguraria uma lanterna brilhante. Por um tempinho, ao menos.

\* \* \*

O que não apareceu no boletim *Notícias do Mundo*: uma tomada do navio de transporte do Batalhão Anfíbio do meu pai partindo da base naval de Coronado e se dirigindo para o oeste. No Esquire, mantendo os pés levantados do chão grudento, Tessie Zizmo observa setas brancas formarem um trajeto em arco sobre o oceano. *A Décima Segunda Frota Naval dos Estados Unidos ruma para a tomada do Pacífico*, anuncia o locutor. *Destino final: Japão*. Uma das setas sai da Austrália, atravessa a Nova Guiné e segue para as Filipinas. Outra parte das Ilhas Salomão e outra ainda das Ilhas Marianas. Tessie nunca tinha ouvido falar desses lugares. Mas agora as setas continuam tomando seu rumo, avançando na direção de outras ilhas cujos nomes ela não conhecia até então — Iwo Jima, Okinawa —, todas elas marcadas com o Sol Nascente. As setas convergem de três direções diferentes sobre o Japão, ele próprio apenas um amontoado de ilhas. Quando Tessie está assimilando aquela geografia, o boletim passa às imagens filmadas. Uma mão bate um sino; marinheiros pulam de suas camas, sobem escadas apressados e tomam suas posições de combate. E então lá está ele — Milton — correndo pelo convés do navio! Tessie reconhece o peito magricela, os olhos de quati. Esquece a sujeira do chão e baixa os pés. No boletim, os destróieres disparam sua artilharia sem produzir som e, a meio mundo de distância, Tessie Zizmo sente o coice dos disparos. O cinema está com mais ou menos a metade da plateia ocupada, na maioria garotas como ela. Elas também se entopem de guloseimas por razões emocionais; elas também procuram nas imagens granuladas do boletim de notícias os rostos de seus noivos. No ar, um cheiro de pirulitos e perfume, e do cigarro que o lanterninha fuma no saguão. Na maior parte do tempo, a guerra é um evento abstrato acontecendo em outro lugar. Somente ali, por quatro ou cinco minutos, espremida entre um desenho animado e a atração principal, torna-se concreta. Talvez a confusão de

identidades e a catarse coletiva estejam afetando Tessie com o tipo de histeria que Sinatra inspira. Seja qual for a razão, à luz íntima do cinema, ela se permite lembrar de coisas que vem tentando esquecer: um clarinete que sobe por sua perna nua, feito uma força invasora, seguindo a seta tracejada até a ilha que é seu império próprio, um império que, ela se dá conta naquele momento, está entregando ao homem errado. Enquanto o facho bruxuleante do projetor atravessa a escuridão acima de sua cabeça, Tessie admite para si mesma que não quer se casar com Michael Antoniou. Não quer ser esposa de um padre, nem se mudar para a Grécia. Olhando para Milton no boletim de notícias, seus olhos se enchem de lágrimas e ela diz em voz alta: “Eu não poderia ir a nenhum lugar que não fosse você”.

E, com as pessoas já chiando para que Tessie fique quieta, o marinheiro do noticiário se aproxima da câmera — e ela percebe que não é Milton. Não importa, porém. Ela viu o que viu. Levanta e sai.

Na Hurlbut Street, naquela mesma tarde, Desdêmona estava deitada em sua cama. Não saía dali fazia três dias, desde que o carteiro viera com outra carta de Milton. Não estava escrita em grego, mas em inglês, e Esquerdinha precisou traduzir:

Pessoal,

Esta é a última carta que poderei mandar. (Desculpe por não escrever na língua nativa, mã, mas estou um pouco ocupado no momento.) Os chefes não deixarão que eu conte muita coisa do que está acontecendo, mas só queria deixar este bilhete para dizer que não se preocupem comigo. Estou sendo enviado para um lugar seguro. Mantenha o bar tinindo, papa. Essa guerra um dia acaba e quero assumir os negócios da família. Digam pra Zo manter distância do meu quarto.

Com amor e risadas,  
Milt

Ao contrário das anteriores, essa chegou intacta. Nem um só buraco em lugar algum. De início, Desdêmona tinha se alegrado com isso, até se dar conta do que significava. Não havia mais necessidade de manter segredo. A invasão já estava em curso.

Nesse momento, Desdêmona se levantou da mesa da cozinha e, com uma expressão de desolação triunfante, fez este grave pronunciamento:

“Deus está nos julgando e castigando com o que merecemos”, disse.

Seguiu para a sala de estar, onde de passagem ajeitou uma almofada do sofá, e subiu para o quarto. Lá, tirou a roupa e vestiu a camisola, ainda que fossem só dez da manhã. E então, pela primeira vez desde a gravidez de Zoë e pela última vez antes de se deitar ali para sempre, vinte e cinco anos mais tarde, minha avó caiu de cama.

Foram três dias nos quais só se levantava para ir ao banheiro. Meu avô tentou, em vão, persuadi-la a sair do quarto. Quando, na terceira manhã, foi trabalhar, tinha levado comida para ela, um prato com feijões-brancos no molho de tomate e pão.

A refeição continuava intocada, sobre a mesa de cabeceira, quando bateram à porta da frente. Desdêmona não se levantou para atender, simplesmente puxou um travesseiro para cobrir o rosto. Apesar desse recurso, ela continuou a escutar as batidas. Passado um momento, a porta da rua se abriu e, por fim, passos subiram a escada e entraram no quarto.

“Tia Des?”, disse Tessie.

Desdêmona não se moveu.

“Tenho uma coisa pra te contar”, continuou Tessie. “Quero que a senhora seja a primeira a saber.”

A figura na cama permaneceu imóvel. Ainda assim, o estado de alerta de que foi tomado o corpo de Desdêmona revelou a Tessie

que a tia estava acordada e escutando. Tessie respirou fundo e anunciou: "Vou desistir do casamento".

Houve um silêncio. Lentamente, Desdêmona tirou o travesseiro do rosto. Tateou a mesa de cabeceira em busca dos óculos, se sentou na cama. "Você não quer casar com o Mikey?"

"Não."

"O Mikey é um bom rapaz grego."

"Eu sei que é. Mas eu não amo ele. Amo o Milton."

Tessie esperava que a reação de Desdêmona fosse de choque e indignação, mas para sua surpresa minha avó mal pareceu se dar conta da confissão. "A senhora não sabe, mas o Milton me pediu em casamento há um tempo. Eu disse não. Agora vou escrever pra ele e dizer sim."

Desdêmona respondeu com um leve dar de ombros. "Você pode escrever o que quiser, *mou*, meu bem. O Miltinho, ele não vai receber mesmo."

"Não é ilegal nem nada. Primos de primeiro grau podem casar. E a gente é só de segundo grau. O Milton foi conferir todos os estatutos."

Novamente Desdêmona deu de ombros. Definhada de preocupação, abandonada por são Cristóvão, parou de lutar contra uma eventualidade que aliás nunca tinha sido um destino inescapável. "Se você e o Miltinho querem casar, têm a minha bênção", ela disse. Em seguida, aprovação concedida, recostou-se nos travesseiros e fechou os olhos à dor de viver. "E que Deus te proteja de algum dia perder um filho no mar."

Na minha família, carne de funeral sempre acabou servida em mesa de casamento. Minha avó concordou em se casar com meu avô porque nunca pensou que viveria para ver o casamento acontecer. E deu sua bênção ao casamento dos meus pais, depois de

ter tramado vigorosamente contra ele, apenas porque não acreditava que Milton sobreviveria até o fim daquela semana.

No mar, meu pai também não achava que ia escapar. De pé na proa do navio de transporte, ele mirava sobre as águas o fim que rapidamente se aproximava. Não se sentiu tentado a rezar ou acertar contas com Deus. Percebia o infinito diante de si, mas não com o toque do desejo humano que o tornaria mais caloroso. O infinito era tão vasto e frio quanto o oceano que se espalhava ao redor do navio, e naquele vazio todo o que Milton sentia de forma mais viva era sua própria mente fervilhante. Em algum lugar para além das águas estava a bala que daria fim à sua vida. Talvez já tivesse sido carregada na arma japonesa da qual seria disparada; talvez estivesse num rolo de munição. Ele tinha vinte e um anos, pele oleosa, o pomo de adão pronunciado. Agora lhe ocorria que era um idiota por ter fugido para a guerra por causa de uma garota, mas logo voltou atrás nesse pensamento, pois não se tratava de uma garota qualquer; era Theodora. Enquanto o rosto dela se formava na mente de Milton, um marinheiro lhe deu um tapinha no ombro.

“Quem você conhece em Washington?”

Entregou-lhe um comunicado de transferência, validade imediata. Era esperado na Academia Naval de Annapolis. Milton tinha tirado noventa e oito no exame de admissão.

Todo drama grego precisa de um *deus ex machina*. O meu tem a forma da cadeirinha que suspendeu meu pai do convés do navio de transporte do Batalhão Anfíbio e, transportando-o pelo ar, foi pousá-lo no convés de um destróier que regressava aos Estados Unidos. De San Francisco, Milton viajou num elegante vagão-dormitório até Annapolis, onde foi admitido como cadete.

“Estou dizendo, foi são Cristóvão que tirou você da guerra”, falou Desdêmona, exultante, quando ele ligou para casa contando a novidade.

“Foi, sim, com certeza.”

“Agora você vai ter que consertar a igreja.”

“Como é?”

“A igreja. Você vai ter que consertar.”

“Claro, claro”, respondeu o cadete naval Stephanides, e talvez até tivesse mesmo essa intenção. Sentia-se grato por estar vivo e ter seu futuro de volta. Mas, por esse ou aquele motivo, Milton sempre adiava a ida a Bithynios. Um ano depois, estava casado; mais tarde, tornou-se pai. A guerra terminou. Ele se formou na Academia de Annapolis e serviu na Guerra da Coreia. Depois, voltou para Detroit e assumiu os negócios da família. De tempos em tempos, Desdêmona lembrava o filho de seu importante compromisso com são Cristóvão, mas seu pai sempre achava uma desculpa para não cumpri-lo. Essa procrastinação teria consequências desastrosas, se a gente acredita nesse tipo de coisa, o que é o meu caso em certos dias, quando o velho sangue grego aflora.

Meus pais se casaram em junho de 1946. Numa demonstração de generosidade, Michael Antoniou compareceu à cerimônia. Já ordenado, mostrou-se digno e benevolente, mas, lá pela segunda hora da recepção aos convidados, ficou claro que ele estava arrasado. Bebeu champanhe demais no jantar e, quando a banda começou a tocar, recorreu ao segundo prêmio da festa, fora a noiva: a dama de honra, Zoë Stephanides.

Zoë precisava olhar para baixo — era uns trinta centímetros mais alta que ele. O padre a convidou para dançar. Quando ela se deu conta, já estavam em plena pista de dança.

“A Tessie me falou muito de você nas cartas que me mandava”, disse Michael Antoniou.

“Nada de ruim, espero.”

“Muito pelo contrário. Me contava da boa cristã que você é.”

A bata comprida escondia os pés pequenos dele, o que dificultava para Zoë acompanhá-lo. Ali perto, Tessie dançava com Milton, que usava seu uniforme branco da Marinha. No momento em que os dois casais se cruzaram, Zoë lançou um olhar cômico para Tessie e desenhou com a boca: “Eu te mato”. Mas então Milton rodopiou com Tessie e os dois rivais ficaram cara a cara.

“E aí, Mike”, falou Milton, cordial.

“Agora é padre Mike”, disse o pretendente derrotado.

“Foi promovido, é? Parabéns. Acho que posso confiar em você com a minha irmã.”

Saiu dançando com Tessie, que se voltou com um mudo pedido de desculpas. Zoë sabia quanto o irmão era capaz de enfurecer alguém e teve pena do padre Mike. Sugeriu que fossem pegar um pedaço do bolo.

## *Ex ovo omnia*

Recapitulando, então: Sourmelina Zizmo (*née* Papadiamandopoulos) não era apenas minha prima-tia de terceiro grau. Era também minha avó. Meu pai era sobrinho de sua própria mãe (e de seu próprio pai). Além de meus avós, Desdêmona e Esquerdinha eram minha tia-avó e meu tio-avô. Meus pais seriam meus primos-tios de segundo grau e Um-Sete-Um, meu primo de terceiro grau, além de meu irmão. A árvore genealógica da família Stephanides, esboçada em “Transmissão autossômica de características recessivas”, de autoria do dr. Luce, contém mais detalhes do que, creio, vocês pretendem saber. Fiquei apenas nas transmissões de genes mais recentes. E agora estamos quase lá. Em homenagem à srta. Barrie, minha professora de latim na oitava série, gostaria de chamar a atenção para a citação acima: *ex ovo omnia*. De pé (como sempre fazíamos assim que a srta. Barrie entrava na sala), ouço-a perguntar: “Crianças? Alguém de vocês consegue traduzir esse trechinho e dizer de onde ele foi tirado?”.

Levanto a mão.

“Calíope, nossa musa, vai nos informar.”

“É das *Metamorfoses*, de Ovídio. A história da criação.”

“Formidável. E você poderia traduzir a frase?”

“Tudo vem do ovo.”

“Ouviram isso, crianças? Esta sala de aula, os rostos luminosos de vocês, até o bom e velho Cícero sobre a minha escrivadinha — tudo isso veio de um ovo!”

\*

Dentre os enigmas que o dr. Philobosian compartilhou à mesa do almoço ao longo dos anos (efeitos monstruosos da imaginação materna à parte), houve o da teoria setecentista da pré-formação. Os pré-formacionistas, com seus nomes de montanha-russa — Spallazani, Swammerdam, Leeuwenhoek —, acreditavam que todo o gênero humano já existia em miniatura desde a Criação, fosse no sêmen de Adão ou no ovário de Eva, cada pessoa alojada dentro da seguinte, como bonecas russas aninhadas umas nas outras. Tudo começou quando Jan Swammerdam usou um bisturi para retirar as camadas externas do corpo de um certo inseto. Que tipo de inseto? Bem... um membro do filo dos artrópodes. Nome latino? Ok, aqui vai: *Bombyx mori*. O inseto que Swammerdam usou em seus experimentos lá em 1669 foi nada menos que um bicho-da-seda. Diante de uma plateia de intelectuais, Swammerdam removeu a pele do bicho para revelar, ali dentro, o que parecia ser um modelo minúsculo da futura mariposa, da probóscide às antenas e às asas dobradas. Nascia a teoria da pré-formação.

Nessa linha, gosto de imaginar meu irmão e eu flutuando, desde os primórdios do mundo, em nossa jangada de ovos. Cada um dentro de uma membrana transparente, cada um já engatilhado para, na hora do nascimento, se tornar um novo ele ou ela (no meu caso, ambos). Ali está Um-Sete-Um, sempre tão lívido, e careca aos vinte e três anos, o que o torna um perfeito homúnculo. O crânio pronunciado indica sua futura habilidade em matemática e coisas mecânicas. A palidez doentia sugere a Doença de Crohn para a qual

se encaminha. Bem ao lado dele, estou eu, sua irmã durante algum tempo, meu rosto já um enigma, variando entre duas imagens como um daqueles adesivos que mudam conforme o ponto de observação: a menininha bonita de olhos escuros que fui; e a figura de moeda romana, sóbria, nariz aquilino, que hoje sou. E assim navegávamos, nós dois, desde o início de tudo, esperando nossas deixas e observando o espetáculo que passava.

Por exemplo: Milton Stephanides se formando na Academia de Annapolis, em 1949. O chapéu branco voando no ar. Ele e Tessie foram instalados em Pearl Harbor, num austero alojamento para casais, e lá minha mãe, aos vinte e cinco anos, teve uma terrível queimadura de sol, depois da qual nunca mais foi vista em trajes de banho. Em 1951, foram transferidos para Norfolk, na Virgínia, e a essa altura o invólucro do ovo de Um-Sete-Um, vizinho ao meu, começou a vibrar. Acabou obrigado, porém, a dar mais um tempo por ali e assistir ao conflito da Coreia, no qual o guarda-marinha Stephanides serviu num caça-submarino. Vimos o caráter adulto de Milton se formar durante aqueles anos, assimilando os atributos sóbrios do nosso futuro pai. A Marinha dos Estados Unidos foi responsável pela precisão absoluta com que sempre, a partir de então, Milton Stephanides passou a repartir o cabelo, pelo hábito que tinha de dar polimento à fivela do cinto usando a manga da camisa, pelos seus "sim, senhor" e "ordem no convés" e por sua insistência para que sincronizássemos nossos relógios com o do centro comercial. Sob o brasão de águia e fasces de seu quepe de guarda-marinha, Milton Stephanides deixou no passado o escoteiro. A Marinha lhe proporcionou seu amor pela navegação e sua aversão pela espera em filas. Ali mesmo foi formando suas convicções políticas, seu anticomunismo, sua desconfiança dos russos. Escalas em portos da África e do Sudeste da Ásia já forjavam sua crença nas diferenças raciais de Q.I. Das esnobadas de seus comandantes ele

tirou o ódio aos liberais da Costa Leste e à Ivy League, ao mesmo tempo que se apaixonava pelas roupas da Brooks Brothers. Foi nessa época que tomou gosto por mocassins com borlas e calções de malha rugosa e listrada. Sabíamos de tudo isso a respeito do nosso pai antes de nascermos e, então, esquecemos todas essas coisas e tivemos de aprender tudo de novo. Quando a Guerra da Coreia terminou, em 1953, Milton foi novamente transferido para Norfolk. E, em março de 1954, quando meu pai avaliava o que fazer do futuro, Um-Sete-Um, com um adeusinho para mim, ergueu os braços e desceu o tobogã rumo ao mundo.

E fiquei completamente só.

Acontecimentos dos anos que antecederam meu nascimento: depois daquela dança com Zoë no casamento dos meus pais, o padre Mike passou a cortejá-la obstinadamente pelos dois anos e meio seguintes. Zoë não gostava da ideia de se casar com alguém que era, ao mesmo tempo, religioso e pequeno demais. O padre Mike pediu sua mão três vezes e três vezes ela recusou, esperando que alguém melhor aparecesse. Mas não apareceu. Por fim, sentindo que não tinha alternativa (e convencida por Desdêmona, continuava a achar que se casar com um padre era uma coisa maravilhosa), Zoë se rendeu. Em 1949, se casou com o padre Mike e logo os dois foram viver na Grécia. Lá ela daria à luz meus quatro primos e permaneceria por oito anos.

Em Detroit, em 1950, o gueto de Black Bottom foi posto abaixo para construção de uma autoestrada. A Nação do Islã, agora sediada no Templo N° 2, em Chicago, tinha um novo ministro chamado Malcolm X. Foi durante o inverno de 1954 que Desdêmona falou, pela primeira vez, em ir gozar a aposentadoria na Flórida, um dia. "Tem uma cidade lá que sabe como chama? Nova Esmirna Beach!" Em 1956, o último bonde deixou de circular em Detroit e a fábrica da Packard fechou. E, naquele mesmo ano, Milton Stephanides,

cansado da vida militar, largou a Marinha e voltou para casa a fim de lutar por um velho sonho.

“Vai fazer outra coisa”, disse Esquerdinha Stephanides ao filho. Estavam no Zebra Room tomando café. “Você frequentou a Academia Naval pra ser dono de bar?”

“Não quero ser dono de bar. Quero ter um restaurante. Uma cadeia. Aqui é um bom lugar pra começar.”

Esquerdinha balançou a cabeça. Reclinou-se e abriu os braços, englobando com o gesto o bar inteiro. “Isto aqui não é lugar pra começar nada”, falou.

Tinha certa razão. Embora meu avô continuasse firme em reabastecer canecas de cerveja e lustrar o balcão, o bar da Pingree Street tinha perdido o brilho. A velha pele de zebra, a qual ele ainda mantinha na parede, estava ressecada e rachada. A fumaça de cigarro deixara encardidos os losangos do teto de lata. Ao longo dos anos, o Zebra Room tinha absorvido os vapores de seus clientes, operários das montadoras. O lugar cheirava a cerveja e a tônico capilar, a miséria de cartão de ponto, a nervos à flor da pele, a cultura de sindicatos. A vizinhança também estava mudando. Quando meu avô abriu o bar, em 1933, a região era branca e de classe média. Agora se tornava mais pobre e predominantemente negra. Na inevitável cadeia de causa e efeito, assim que a primeira família negra se mudou para o quarteirão, os vizinhos brancos imediatamente colocaram suas casas à venda. A oferta exagerada fez cair os preços dos imóveis, o que permitiu que gente mais pobre se mudasse para lá, e, com a pobreza, veio a criminalidade, e, com a criminalidade, mais caminhões de mudança.

“O negócio aqui não está indo bem”, disse Esquerdinha. “Se quiser abrir um bar, tente Greektown. Ou Birmingham.”

Meu pai não fez muito caso dessas objeções. “O bar talvez não esteja indo tão bem”, falou. “Isso porque tem muitos bares na

redondeza. Concorrência demais. O que essa vizinhança precisa é de um bom restaurante.”

Pode-se dizer que a cadeia Hércules Hot Dog<sup>TM</sup>, que chegaria, no auge, a sessenta e seis lojas por todo o estado de Michigan, mais Ohio e o sudeste da Flórida — todas elas identificadas pela característica fachada com suas “Colunas de Hércules” —, teve início numa manhã de neve em fevereiro de 1956, quando meu pai chegou ao Zebra Room para começar os trabalhos de renovação. A primeira coisa que fez foi remover as venezianas despencadas das janelas da frente para deixar entrar mais luz. Pintou o interior de um branco reluzente. Com um empréstimo destinado a veteranos de guerra que quisessem abrir o próprio negócio, remodelou o balcão do bar para poder servir refeições ali e instalou uma pequena cozinha. Operários vieram colocar mesas, bancos e divisórias em vinil vermelho ao longo da parede oposta e refizeram o revestimento das velhas banquetas com a pele de zebra de Jimmy Zizmo. Certa manhã, dois entregadores chegaram carregando um jukebox pela porta da frente. E, enquanto martelos soavam e poeira levantava, enchendo o ar, Milton ia se familiarizando com os documentos e as certidões que Esquerdinha, descuidado, guardava numa caixa de charutos debaixo da máquina registradora.

“Que raios é isto aqui?”, perguntou ao pai. “O senhor tem três apólices de seguro pro bar.”

“Seguro nunca é demais”, respondeu Esquerdinha. “Às vezes a companhia não honra. Melhor prevenir.”

“Prevenir? Cada apólice dessas vale, sozinha, mais do que este lugar. A gente paga as três? Isso é desperdício de dinheiro.”

Esquerdinha tinha deixado o filho fazer as mudanças que quisesse até então. Mas agora fincava pé. “Escuta aqui, Milton. Você não passou por um incêndio. Não sabe o que acontece. Às vezes até a companhia de seguro pega fogo. E aí, a gente faz o quê?”

“Mas três...”

“Precisamos das três”, insistiu Esquerdinha.

“Faça as vontades dele”, disse Tessie a Milton naquela noite. “Seus pais passaram por muitas dificuldades.”

“Claro que passaram por muitas dificuldades. Mas nós é que vamos ter que ficar pagando esses seguros.” Fez, porém, o que sugeria a esposa, e manteve as três apólices.

A lembrança que tenho do Zebra Room dos meus tempos de criança: flores artificiais por toda parte, tulipas amarelas, rosas vermelhas, árvores anãs carregadas de maçãs de cera. Margaridas de plástico floresciam em bules; narcisos dentro de vacas de cerâmica. Fotos de Artie Shaw e Bing Crosby adornavam as paredes, ao lado de cartazes escritos à mão que diziam: PROVE UM GOSTOSO GIM-TÔNICA! e NOSSA RABANADA É A MELHOR DA CIDADE! Havia fotos de Milton dando o toque final da cereja num milk-shake ou beijando algum bebê, como se fosse o prefeito da cidade. Havia fotos de prefeitos de verdade, como Miriani e Cavanaugh. O grande campista-direito Al Kaline parou ali, certo dia, a caminho do treino no Tiger Stadium, e autografou um retrato seu: “Para meu parceiro Milt, demais os ovos!”. Quando uma igreja ortodoxa grega foi destruída por um incêndio em Flint, Milton pegou o carro e chegou a tempo de salvar um dos vitrais. Pendurou-o na parede sobre a divisória entre duas mesas. Latas de azeite de oliva Athena enfileiravam-se na vitrine ao lado de um busto de Donizetti. A mistura era geral: lamparinas do tempo da avó ao lado de reproduções de El Greco; chifres de touro pendurados no pescoço de uma estatueta de Afrodite. Acima da cafeteira, uma variedade de outras estatuetas desfilava na prateleira: Paul Bunyan e Babe, o Boi Azul, Mickey Mouse, Zeus e o Gato Félix.

Meu avô, tentando ser útil, um dia saiu e voltou com uma pilha de cinquenta pratos.

“Já encomendei os pratos”, disse Milton. “De uma loja de produtos pra restaurante. Eles pedem só dez por cento do total à vista.”

“Você não quer esses?”, Esquerdinha pareceu decepcionado. “Ok. Vou devolver.”

“Ei, papa”, o filho o chamou. “Por que o senhor não tira o dia de folga? Posso cuidar de tudo aqui.”

“Você não precisa de ajuda?”

“Vai pra casa. Ver se a mãe não cozinha um almoço pro senhor.”

Esquerdinha fez como o filho lhe dissera. Mas, quando descia o West Grand Boulevard, sentindo-se descartado, passou em frente à Rubsamen Artigos Médicos — um comércio de vitrines encardidas e neon que piscava mesmo durante o dia — e viu a antiga tentação voltar.

Na segunda-feira seguinte, Milton inaugurou o novo restaurante. Abriu às seis da manhã com dois funcionários recém-contratados, Eleni Papanikolas, de uniforme de garçonne pelo qual ela mesma teve de pagar, e seu marido Jimmy como chapeiro. “Lembre-se, Eleni, a maior parte do que você vai ganhar é de gorjetas”, tentou motivá-la Milton. “Então sorria.”

“Pra quem?”, perguntou Eleni. Pois, apesar dos botões vermelhos em vasos ornando cada mesinha, apesar dos cardápios, cartelinhas de fósforos e guardanapos listrados de zebra, o salão estava vazio.

“Engraçadinha”, disse Milton, com um risinho. A brincadeira de Eleni não o incomodou. Tinha resolvido tudo. Tinha encontrado uma lacuna e preenchido.

Para economizar tempo, ofereço a vocês uma sequência de quadros de uma história capitalista. Vemos Milton recepcionando seus primeiros fregueses. Vemos Eleni servindo ovos mexidos a eles. Vemos Milton e Eleni, ansiosos, observando à distância. Mas agora os fregueses estão sorrindo e balançando a cabeça! Eleni se apressa a reabastecer as xícaras de café. No próximo quadro, Milton, com

outra roupa, recebe mais fregueses; e Jimmy, o chapeiro, quebra ovos com uma mão só; Esquerdinha parece excluído. “Desce dois uísques frita-goela”, grita Milton, exibindo seu novo jargão. “Do branco, gradação 68, pouco gelo!” Close-up da caixa registradora tilintando ao abrir e fechar; das mãos de Milton contando dinheiro; de Esquerdinha colocando o chapéu e saindo sem ser notado. E mais ovos; ovos sendo quebrados, fritos, virados e mexidos; ovos chegando embalados em papelão pela porta dos fundos e saindo acomodados em pratos pela portinhola da frente; tenras pilhas de ovos mexidos em tecticolor amarelo reluzente; e a caixa registradora se escancarando de novo; e dinheiro se acumulando. Até que, finalmente, vemos Milton e Tessie, nos seus melhores trajés, entrando num casarão atrás de um corretor de imóveis.

O bairro de Indian Village ficava só uns doze quarteirões a oeste da Hurlbut, mas era totalmente outro mundo. Nas quatro ruas principais — Burns, Iroquois, Seminole e Adams (mesmo em Indian Village o homem branco tinha se apropriado de metade dos nomes de rua) —, sucediam-se casarões construídos em estilos ecléticos. Georgianos, de tijolos vermelhos, ao lado do estilo Tudor inglês, o qual adiante dava lugar ao provençal francês. As casas de Indian Village tinham grandes jardins, alamedas notáveis, cúpulas pitorescamente enferrujadas, gramados enfeitados com estatuetas de jóqueis (cujos dias estavam contados) e alarmes contra arrombadores (cuja popularidade estava apenas no início). Meu avô não disse uma palavra, porém, quando deu uma volta pela impressionante nova casa do filho. “Que tal o tamanho desta sala de estar?”, Milton ia perguntando. “Senta aqui. Fica à vontade. A Tessie e eu queremos que o senhor e a mãe se sintam em casa também. Agora que o senhor está aposentado...”

“Como assim, aposentado?”

“Ok, semiaposentado. Agora que o senhor vai diminuir um pouco o ritmo, pode fazer todas as coisas que sempre quis. Olha só a biblioteca. Se o senhor quiser vir fazer suas traduções aqui, pode usar esse espaço mesmo. Que tal a escrivainha? Está bom o tamanho? E as estantes são embutidas.”

Afastado da operação diária do Zebra Room, meu avô passou a dirigir pela cidade o dia inteiro. Ia à Biblioteca Pública, no centro, ler os jornais estrangeiros. Depois parava num café de Greektown para jogar gamão. Aos cinquenta e quatro anos, Esquerdinha Stephanides ainda estava em forma. Caminhava quase cinco quilômetros por dia para se exercitar. Comia com parcimônia e tinha menos barriga que o filho. Mesmo assim, o tempo fazia seus inevitáveis estragos. Esquerdinha precisava usar bifocais a essa altura. Sofria de uma leve bursite no ombro. As roupas que usava tinham ficado fora de moda e o deixavam com cara de figurante num filme de gângster. Certo dia, numa autoavaliação severa diante do espelho do banheiro, Esquerdinha se deu conta de que se tornara um desses senhores mais velhos que, fiéis a um tempo do qual ninguém mais se lembrava, usavam o cabelo lambido para trás. Deprimido com esse fato, reuniu seus livros. Pegou o carro e foi até a nova casa da Seminole com a intenção de usar a biblioteca, mas passou direto e, com um olhar desvairado, rumou para a Rubsamen Artigos Médicos.

Quando a pessoa já visitou o submundo, nunca esquece o caminho de volta. Para sempre será capaz de perceber a luz vermelha na janela do primeiro andar ou a taça de champanhe marcando a porta que não abrirá antes da meia-noite. Já fazia anos que meu avô, ao passar de carro em frente à Rubsamen Artigos Médicos, tinha reparado que os itens da vitrine nunca mudavam: funda para hérnia, colar ortopédico e muletas. Via a expressão de desespero e desvairada expectativa nos rostos de homens e

mulheres negros que entravam e saíam sem comprar nada. Meu avô reconheceu o desvario e sabia que agora, em sua aposentadoria forçada, aquele era o seu lugar. Enquanto Esquerdinha acelerava na direção do West Side, uma roleta girava no fundo de seus olhos. O estalido dos dados do gamão enchia seus ouvidos enquanto pisava fundo. O sangue esquentava com o mesmo entusiasmo de antigamente, o pulso acelerado de um jeito que não sentia desde as descidas da montanha para explorar as ruelas de Bursa. Estacionou junto ao meio-fio e entrou apressado. Passou por clientes espantados (não estavam acostumados a ver brancos ali); cruzou as gôndolas com frascos de aspirina, curativos para calos e laxantes e foi ao guichê do farmacêutico, nos fundos.

“Pois não?”, o rapaz perguntou.

“No vinte e dois”, disse Esquerdinha.

“Tá na mão.”

Tentando recuperar a dramaticidade de seu tempo de apostador, meu avô passou a jogar na loteria do West Side. Começou com pouco. Pequenas apostas de dois ou três dólares. Depois de algumas semanas, para tentar recuperar as perdas, subiu para dez. Todo dia colocava ali uma parte dos novos lucros do restaurante. Um dia ganhou e, no seguinte, foi com o dobro e perdeu. Em meio a bolsas de água quente e equipamentos para lavagem intestinal, dava seus lances. Rodeado de remédios para tosse e unguentos para herpes, começou a jogar em “comboio”, o que significava apostar em três números de uma vez. Os bolsos agora viviam cheios de papezinhos, como em Bursa. Fazia listas dos números nos quais já havia jogado, para não repeti-los. Tentou o aniversário de Milton, o de Desdêmona, a data da independência grega sem o último dígito, o ano do incêndio em Esmirna. Desdêmona, achando as anotações na roupa para lavar, pensava que tinham a ver com o novo restaurante.

“Meu marido, um milionário”, dizia, sonhando com a aposentadoria na Flórida.

Pela primeira vez na vida, Esquerdinha consultou o livro de interpretação de sonhos de Desdêmona, na esperança de que pudesse calcular um número premiado no ábaco de seu inconsciente. Ficava alerta à aparição de números inteiros nos sonhos. Muitos dos negros que frequentavam a Rubsamen Artigos Médicos repararam na importância que meu avô dava àquele livro, e o falatório correu depois de certa vez que ganhou duas semanas seguidas. O que resultou na única contribuição dos gregos à cultura afro-americana (exceção feita ao uso de medalhões dourados), com os negros de Detroit passando a comprar, eles próprios, exemplares do livro dos sonhos. A Atlantis Publishing Company providenciou traduções para o inglês e colocou à venda nas principais cidades americanas. Durante um período curto, senhoras idosas de cor passaram a ter as mesmas superstições da minha avó, acreditando, por exemplo, que um coelho em disparada significava dinheiro a caminho e que um pássaro preto pousado num fio de telefone era augúrio de alguma morte iminente.

“Levando dinheiro pro banco?”, perguntava Milton, ao ver o pai esvaziar a caixa registradora.

“É, pro banco.” E era para lá que ia Esquerdinha, de fato. Ia sacar dinheiro de sua poupança para que pudesse prosseguir sua tenaz investida a todas as novecentas e noventa e nove combinações possíveis de uma variável de três dígitos. Sempre que perdia, ele se sentia péssimo. Queria parar. Queria ir para casa e confessar tudo a Desdêmona. O único antídoto para tal sensação, porém, era a perspectiva de ganhar no dia seguinte. É possível que certo impulso autodestrutivo tivesse alguma influência no hábito lotérico do meu avô. Tomado da culpa do sobrevivente, ele se rendia às forças aleatórias do universo, tentando se punir por continuar vivo. Mas

apostar servia, em grande medida, apenas para preencher seus dias vazios.

Só eu, do camarote privativo que era meu ovo primordial, via o que acontecia. Milton estava atarefado demais tocando o restaurante. Tessie estava atarefada demais cuidando de Um-Sete-Um. Sourmelina talvez pudesse ter percebido alguma coisa, mas não costumava aparecer muito na nossa casa por aqueles anos. Em 1953, numa reunião da Sociedade Teosófica, tia Lina tinha conhecido uma mulher chamada Evelyn Watson. O interesse da sra. Watson na entidade surgira pela esperança de contatar seu falecido marido, mas logo a ideia de se comunicar com o mundo espiritual foi esquecida em favor dos sussurros mais carnis que passou a trocar com Sourmelina. Com escandalosa rapidez, tia Lina abandonou o emprego na floricultura e se mudou para o Sudoeste com a sra. Watson. A cada Natal, a partir dali, passou a enviar aos meus pais uma caixa de presente contendo molho picante, um cacto em flor e uma fotografia em que ela e a companheira posavam diante de algum monumento nacional. (Uma das fotos sobreviventes mostra o casal numa caverna cerimonial Anasazi, em Bandelier, a sra. Watson com as mesmas sábias rugas de Georgia O'Keeffe enquanto Lina, usando um enorme chapéu de sol, desce uma escada até o interior de uma *kiva*.)

Quanto a Desdêmona, ao se aproximar dos sessenta anos, ela estava passando por um breve e completamente atípico período de contentamento. O filho tinha voltado inteiro de mais uma guerra. (São Cristóvão manteve o trato durante o "policiamento" da Coreia e o maior perigo pelo qual Milton passou foi um tiroteio.) A gravidez da nora causou a ansiedade de praxe, claro, mas Um-Sete-Um nascera saudável. O restaurante ia bem. Toda semana a família e os amigos se reuniam na nova casa de Milton, em Indian Village, para o almoço de domingo. Um dia Desdêmona recebeu uma brochura da

Câmara de Comércio de Nova Esmirna Beach, que tinha mandado vir pelo correio. O lugar não parecia nem um pouco com Esmirna, mas ao menos era ensolarado e tinha barracas de frutas.

Enquanto isso, meu avô estava se sentindo com sorte. Tendo jogado pelo menos um número por dia ao longo de pouco mais de dois anos, chegara ao 740, passando por todos desde o número um. Só mais 259 números para chegar a 999! E depois? O que mais? — começar tudo de novo. Os caixas do banco lhe entregavam rolos de dinheiro, os quais ele, por sua vez, repassava ao farmacêutico no guichê. Apostou no 741, no 742 e no 743. Apostou no 744, no 745 e no 746. E então, certa manhã, o caixa informou a Esquerdinha que não havia fundos suficientes em sua conta para um saque. Mostrou-lhe o saldo: treze dólares e vinte e seis centavos. Meu avô agradeceu o rapaz. Cruzou o saguão do banco ajeitando a gravata. De repente tonteou. A febre das apostas que o acometera nos vinte e seis meses anteriores cedeu, desencadeando uma última onda de calor na superfície de sua pele, e de repente o corpo inteiro pingava suor. Enxugando a testa, Esquerdinha saiu do banco ao encontro de sua velhice sem tostão.

O grito de arrebentar o tímpano que minha avó soltou ao saber do desastre não pode ser representado à altura na página impressa. O uivo não acabava nunca, enquanto ela puxava os cabelos e rasgava a roupa e se atirava ao chão. “COMO A GENTE VAI COMER?”, gemia Desdêmona, cambaleando pela cozinha. “ONDE A GENTE VAI MORAR?” Abriu os braços, apelando a Deus, então bateu no peito e, por fim, agarrou a manga esquerda e a arrancou. “QUE MARIDO É VOCÊ PRA FAZER UMA COISA DESSAS PRA ESPOSA QUE COZINHOU E FEZ FAXINA E TE DEU FILHOS E NUNCA RECLAMOU?” Arrancou a manga direita. “EU NÃO FALEI PRA VOCÊ NÃO APOSTAR? NÃO FALEI?” Começou então a rasgar o vestido propriamente dito. Pegou-o pela bainha, enquanto ancestrais lamentações do Oriente Próximo saíam de sua garganta:

“ULULULULULU! ULULULULULU!”. Meu avô assistia estupefato à discreta esposa que rasgava a roupa diante de seus olhos, a saia do vestido, a cintura, o busto, o decote. Com um último puxão, o traje se partiu ao meio, Desdêmona estirada no assoalho de linóleo expondo ao mundo a miséria de suas peças íntimas, o sutiã de armação de arame sobrecarregado, a calçola deprimente, e a cinta frenética cujas presilhas ela soltava no momento mesmo em que alcançava o auge do desvario. Mas enfim parou. Antes de chegar a se despir completamente, Desdêmona recuou, como se estivesse esgotada. Tirou a redinha do cabelo, que se espalhou e a cobriu, e fechou os olhos, exausta. No momento seguinte, disse num tom pragmático: “Agora vamos ter que mudar pra casa do Milton”.

Três semanas depois, em outubro de 1958, meus avós saíram da casa da Hurlbut, um ano antes de terminarem de pagar a hipoteca. Durante um final de semana de veranico, meu pai e meu desonrado avô carregaram móveis para fora da casa, a fim de vendê-los numa liquidação de jardim, o sofá e as poltronas cor de espuma marinha, parecendo novinhos em folha sob as capas protetoras, a mesa da cozinha, as estantes de livros. As lamparinas foram expostas na grama junto com os velhos manuais de escotismo de Milton, as bonecas e os sapatos de sapateado de Zoë, uma foto emoldurada do Patriarca Atenágoras e a coleção de ternos de Esquerdinha, a qual minha avó o obrigou a vender como castigo. Cabelo novamente a salvo sob a redinha, Desdêmona passeava sua cara fechada pelo jardim, submersa num desespero profundo demais para lágrimas. Examinava cada objeto, suspirando perceptivelmente antes de afixar ali uma etiqueta de preço, e ralhava com o marido por tentar carregar coisas pesadas demais para ele. “Você acha que é muito jovem? Deixa que o Milton carrega. Você é um velho.” Levava debaixo do braço a caixa de bichos-da-seda, que não estava à venda. Quando viu o retrato do Patriarca, arfou, horrorizada. “Já não

estamos com azar que chega, e você ainda quer vender o Patriarca?”

Catou a fotografia e a levou para dentro. Ficou na cozinha o resto do dia, incapaz de presenciar a disparatada horda de exploradores de liquidações de jardim escolhendo o que levar dentre seus pertences pessoais. Havia os antiquários de fim de semana, vindos dos subúrbios com seus cachorros, e famílias menos privilegiadas que amarravam cadeiras ao teto de carros caindo aos pedaços, e ainda casais de homens meticolosos que viravam cada objeto em busca da marca na parte de baixo. Se estivesse ela própria à venda, nua e exposta no sofá verde, uma etiqueta de preço atada ao pé, Desdêmona não teria se sentido mais envergonhada. Quando tudo já havia sido vendido ou doado, Milton transportou os pertences restantes num caminhão fretado pelos doze quarteirões até a casa da Seminole.

Para que pudessem ter privacidade, meus avós ficaram com o sótão. Arriscando uma contusão, meu pai e Jimmy Papanikolas carregaram tudo para cima pela escada secreta atrás da porta revestida com papel de parede. Levaram para aquele espaço que se afunilava a cama desmontada, o divã de couro, a mesa de centro de latão e os discos de *rebetika* de Esquerdinha. Numa tentativa de agradar a esposa, meu avô levou para casa o primeiro dos muitos periquitos que meus avós teriam ao longo dos anos, e aos poucos, vivendo acima de nós todos, Desdêmona e Esquerdinha foram construindo seu penúltimo lar juntos. Pelos nove anos seguintes, minha avó reclamou do alojamento exíguo e da dor nas pernas para descer a escada; mas toda vez que meu pai oferecia o andar de baixo, ela recusava. Na minha opinião, gostava do sótão porque a vertigem lá de cima fazia lembrar o Monte Olimpo. A água-furtada proporcionava uma boa vista (não das tumbas dos sultões, mas da fábrica da Edison) e, com a janela aberta, o vento soprava como em

Bithynios. Ali, naquele sótão, Desdêmona e Esquerdinha voltavam ao princípio.

Assim como esta minha história.

Porque agora Um-Sete-Um, meu irmão de cinco anos, e Jimmy Papanikolas têm, cada um, um ovo vermelho na mão. Tingidos da cor do sangue de Cristo, outros ovos enchem uma vasilha sobre a mesa da sala de jantar. Ovos vermelhos se enfileiram ao longo do consolo da lareira. Abarrotam sacolas de barbante penduradas aos umbrais das portas.

Zeus deu vida a todas as coisas a partir de um ovo. *Ex ovo omnia*. A clara se elevou para se tornar o céu, a gema desceu e formou a terra. E até hoje, na Páscoa grega, fazemos o jogo do quebra-ovos. Jimmy Papanikolas oferece o seu, passivo, enquanto Um-Sete-Um bate o ovo que tem na mão contra o do outro. Apenas um quebra, sempre. "Ganhei!", grita Um-Sete-Um. Agora é Milton quem escolhe um ovo da tigela. "Esse parece bom. Resistente feito um carro-forte." Ele oferece seu ovo ao ataque. Um-Sete-Um se prepara. Mas, antes que qualquer coisa aconteça, minha mãe dá um tapinha nas costas do meu pai. Ela está com um termômetro na boca.

Enquanto os pratos são tirados da mesa, ali embaixo, meus pais sobem de mãos dadas para o andar de cima. Enquanto Desdêmona quebra seu ovo contra o de Esquerdinha, meus pais despem um mínimo de roupa. Enquanto Sourmelina, de volta das férias no Novo México, faz o jogo do quebra-ovos com a sra. Watson, meu pai solta um pequeno gemido, sai de cima da minha mãe rolando de lado e declara: "Acho que já deu".

O quarto se apazigua. Dentro do corpo da minha mãe, um bilhão de espermatozoides nadam correnteza acima, os masculinos na dianteira. Carregam não apenas instruções quanto a cor dos olhos, altura, formato do nariz, produção de enzimas, resistência microfágica, mas também uma história. Nadam contra um fundo

preto, um filete comprido, sedoso e branco se desenovelando. O filete remonta a duzentos e cinquenta anos antes, quando os deuses da biologia, para diversão própria, zoaram com um gene do quinto cromossomo de um certo bebê. Esse bebê passou a mutação ao filho, que o legou às duas filhas, que o repassaram a três de seus quatro rebentos (meus bi-tri-tetra etc. etc.), até que finalmente o gene foi parar nos corpos dos meus avós. De carona, ele desceu uma montanha e deixou para trás um vilarejo. Ficou encurralado numa cidade em chamas e escapou falando um francês ruim. Atravessou o oceano, fingiu um namoro, circulou pelo convés de um navio e fez amor num bote salva-vidas. Teve suas tranças cortadas. Pegou um trem para Detroit e se mudou para uma casa na Hurlbut Street; consultou livros de interpretação de sonhos e abriu um *speakeasy* no porão; arrumou emprego no Templo N<sup>o</sup> 1... E então o gene seguiu adiante, rumo a novos corpos... Entrou para os escoteiros e pintou as unhas de vermelho; tocou "Begin the Beguine" de uma janela de fundos; foi à guerra e ficou em casa assistindo a boletins de notícias; fez um exame de admissão, posou como nas revistas de cinema; recebeu uma sentença de morte e firmou um trato com São Cristóvão; namorou um futuro padre e rompeu um noivado; foi salvo por uma cadeirinha que o elevou no ar... sempre seguindo adiante, acelerando, só mais algumas curvas para completar o trajeto agora, Annapolis e um caça-submarino... até que os deuses da biologia viram que chegara a hora, que era por aquilo que vinham esperando, e, enquanto uma colher oscilava como um pêndulo e uma *yia yia* se inquietava, meu destino entrou nos eixos... No dia 20 de março de 1954, Um-Sete-Um veio ao mundo e os deuses da biologia balançaram a cabeça, ã-ã, sinto muito... Mas ainda havia tempo, tudo estava preparado, a montanha-russa estava em queda livre e não havia mais como pará-la, meu pai tinha visões de menininhas e minha mãe rezava ao

Cristo Pantocrátor, no qual nunca acreditou totalmente, até que, por fim — neste exato minuto! —, na Páscoa grega de 1959, a coisa está prestes a acontecer. O gene vai encontrar seu gêmeo.

O espermatozoide se junta ao óvulo, levo um tranco. Há um estrondo, uma explosão sônica, e meu mundo se parte. Sinto que me desloco, já perdendo porções da minha onisciência pré-natal, despencando em direção à página em branco da personalidade. (Com o fiapo de onisciência que ainda me resta, vejo meu avô, Esquerdinha Stephanides, na noite do meu nascimento, daqui a nove meses, emborcando uma xícara de café num pires. Vejo que a borra forma um desenho, ao mesmo tempo que uma dor explode na têmpera de Esquerdinha e ele desaba no chão.) De novo o espermatozoide arremete contra minha cápsula; e me dou conta de que não consigo mais resistir. O contrato de meu maravilhoso apartamentinho venceu, finalmente, e agora é o despejo. Então ergo um punho (coisa tipicamente masculina) e começo a bater nas paredes da minha casca de ovo até fazê-la rachar. Em seguida, escorregando feito uma gema, mergulho de cabeça no mundo.

“Desculpe, bebezinha”, diz minha mãe, na cama, tocando a barriga e já falando comigo. “Queria que tivesse sido mais romântico.”

“Você quer romantismo?”, pergunta meu pai. “Cadê meu clarinete?”

# LIVRO TRÊS

# Filmes caseiros

Meus olhos, ligados enfim, viram o seguinte: uma enfermeira estirando os braços para me tirar das mãos do médico; a cara de triunfo da minha mãe, enorme como o Monte Rushmore, enquanto observava me levarem para meu primeiro banho. (Falei que era impossível, mas lembro mesmo assim.) E ainda outras coisas, materiais e imateriais: o brilho implacável das lâmpadas cirúrgicas; sapatos brancos guinchando no assoalho branco; uma mosca contaminando uma gaze; e por toda parte, ao meu redor, pelos corredores do Hospital de Mulheres, dramas individuais se desenrolando. Dava para sentir a felicidade de casais com o primeiro bebê no colo e a força moral de católicos que acolhiam o nono. Dava para sentir a decepção de uma jovem mãe ao ver surgir no rosto da filha recém-nascida o mesmo queixo inexpressivo do marido, e o terror de um pai novato ao calcular a anuidade da universidade para os seus trigêmeos. Nos andares acima daquele onde ficam as salas de parto, em quartos sem flores, mulheres ocupavam os leitos se recuperando de mastectomias e hysterectomias. Adolescentes com cistos ovarianos rompidos cabeceavam sob o efeito da morfina. Estava tudo ali, à minha volta, desde o princípio, o peso do sofrimento feminino, com sua justificativa bíblica e seus atos de desaparecimento.

A enfermeira que me deu banho se chamava Rosalee. Era uma mulher bonita, de rosto comprido, natural das montanhas do Tennessee. Depois de sugar o muco das minhas narinas, aplicou uma injeção de vitamina K para coagular meu sangue. Relações consanguíneas, assim como deformações genéticas, são comuns nos Apalaches, mas a enfermeira Rosalee não notou nada de anormal em mim. Estava preocupada com um sinal de cor púrpura na minha bochecha, achando que se tratava de um caso de mancha em vinho do Porto. Era só placenta, que ela limpou. A enfermeira Rosalee me devolveu ao dr. Philobosian para o exame anatômico. Depositou-me sobre a mesa, mas por precaução não me soltou completamente. Tinha reparado no tremor das mãos do médico durante o parto.

Em 1960, o dr. Nishan Philobosian estava com setenta e quatro anos. Tinha uma cabeça de camelo, apenas ao pescoço, a vivacidade toda concentrada nas bochechas. Cabelos brancos circundavam como uma auréola sua cabeça de resto careca e tapavam os ouvidos feito chumaços de algodão. Seus óculos de cirurgia tinham lupas retangulares acopladas.

Começou o exame pelo meu pescoço, procurando por sinais de cretinismo. Contou os dedos das mãos e dos pés. Inspeccionou meu palato; conferiu, sem surpresas, meu reflexo de Moro. Em seguida, depois de ter me deitado de costas outra vez, pegou minhas pernas curvas e as afastou.

O que viu? O marisco limpo, de água salgada, da genitália feminina. O local tinha a inflamação e o inchaço provocados pelos hormônios. Aquele toque da aparência de um babuíno comum a todos os bebês. O dr. Philobosian precisaria ter afastado as pregas para ver melhor, mas não o fez. Porque, exatamente naquele instante, a enfermeira Rosalee (para quem o destino também batia à porta) acidentalmente tocou o braço do médico. O dr. Phil levantou a vista. Uma vista cansada armênia que encontrava olhos apalaches

de meia-idade. Encararam um ao outro, depois desviaram os olhos. Cinco minutos de idade e já os temas da minha vida — acaso e sexo — vinham se anunciar. A enfermeira Rosalee corou. “Linda”, disse o dr. Philobosian, referindo-se a mim, mas encarando sua assistente. “É uma linda e saudável menina.”

Na Seminole Street, as comemorações pelo nascimento foram temperadas pela perspectiva da morte.

Desdêmona tinha encontrado Esquerdinha no chão da cozinha, caído perto de sua xícara de café entornada. Ajoelhou perto do marido e encostou o ouvido no peito dele. Sem conseguir escutar as batidas do coração, gritou seu nome. O lamento ecoou nas superfícies duras da cozinha: na torradeira, no forno, na geladeira. Por fim, ela desabou sobre Esquerdinha. No silêncio que se seguiu, porém, Desdêmona sentiu uma estranha emoção crescendo dentro dela. A emoção se espalhou, preenchendo o espaço entre o pânico e a dor. Como se um gás inflasse Desdêmona. Logo os olhos se arregalaram e ela reconheceu o sentimento: era felicidade. Lágrimas correram pelo rosto, e ela já maldizia Deus por lhe ter tirado o marido, mas havia, do outro lado dessas emoções adequadas, um alívio totalmente inadequado. O pior tinha acontecido. Era isso: o pior que podia acontecer. Pela primeira vez na vida, minha avó não precisava mais se preocupar com nada.

Emoções, pela minha experiência, não cabem numa única palavra. Não acredito em “tristeza”, “alegria” ou “remorso”. Talvez a maior prova de que a língua é patriarcal seja o fato de que simplifica abusivamente os sentimentos. Gostaria de ter à minha disposição palavras-comboio, tipo as do alemão, para emoções complicadas e híbridas, como, digamos, “a felicidade que vem com a tragédia”. Ou: “a decepção de ir para a cama com uma fantasia”. Gostaria de

mostrar a ligação que há entre “as emanções de mortalidade trazidas pelo envelhecimento de familiares” e “o ódio a espelhos que começa na meia-idade”. Gostaria de ter uma palavra para “a tristeza inspirada por restaurantes à beira da falência”, assim como para “a empolgação de entrar num quarto com frigobar”. Nunca achei as palavras certas para descrever minha vida, e agora, quando começo a contar minha própria história, preciso delas mais do que nunca. Não posso mais simplesmente relaxar e ficar assistindo de longe. De agora em diante, tudo que eu relatar a vocês terá a cor da experiência subjetiva, da participação nos acontecimentos. É aqui que minha história se divide e se bifurca, entra em processo de meiose. O mundo já parece mais pesado, agora que sou parte dele. Falo de ataduras e de algodão molhado, do cheiro de mofo dos cinemas, de todos os gatos imprestáveis e suas caixas de areia fedorentas, da chuva que cai nas ruas da cidade e levanta poeira e dos velhos italianos que se recolhem com suas cadeiras dobráveis. Até agora, esse não era meu mundo. Não era minha América. Mas aqui estamos nós, finalmente.

A felicidade que vem com a tragédia não durou muito para Desdêmona. Passados alguns segundos, ela voltou a encostar o ouvido no peito do marido — e o coração batia! Esquerdinha foi levado às pressas para o hospital. Dois dias mais tarde, recobrou a consciência. Raciocinava com clareza, a memória estava intacta. Mas, quando tentou perguntar se o bebê era menino ou menina, viu que não era mais capaz de falar.

De acordo com Julie Kikuchi, a beleza é sempre uma aberração. Ontem, no Café Einstein, comendo um strudel e tomando café, ela tentou me provar isso. “Olha essa modelo”, disse, exibindo uma revista de moda. “Olha as orelhas dela. São orelhas de marciano.”

Começou a correr as páginas. “Ou veja a boca desta aqui. Dá pra enfiar sua cabeça inteira nela.”

Eu estava tentando pedir outro cappuccino. Os garçons, trajando uniformes austríacos, me ignoravam, a mim e a todo mundo, e lá fora as tílias amarelas gotejavam, chorosas.

“E a Jackie O.?”, continuou Julie, ainda argumentando. “Os olhos dela eram tão separados que basicamente ficavam dos lados da cabeça. Parecia um tubarão-martelo.”

Com isso preparo o terreno para me descrever fisicamente. Nas fotos de Calíope quando bebê, há uma variedade de características aberrantes. Meus pais, olhando afetuosos para o meu berço, se encantavam com cada uma delas. (Às vezes acho que foi por causa do efeito irresistível, levemente perturbador do meu rosto que ninguém prestou atenção nas complicações mais embaixo.) Imaginem que meu berço fosse um diorama num museu. Apertando um botão, minhas orelhas se acendem como duas trombetas douradas. Apertando outro, meu queixo anguloso reluz. Outro ainda, e as maçãs do rosto, pronunciadas, etéreas, despontam no escuro. Até aqui, o efeito não é promissor. A julgar por orelhas, queixo e maçãs do rosto, eu poderia ser um bebê Kafka. Mas o botão seguinte ilumina a boca e as coisas começam a melhorar. É uma boca pequena, mas bem delineada, beijável, musical. Então, no meio do mapa, surge o nariz. Nada a ver com os narizes que se costuma ver nas clássicas esculturas gregas. Ali está um nariz que, como a própria seda, chegou à Ásia Menor vindo do Oriente. No caso, do Oriente Médio. O nariz daquele bebê-diorama, quando se observa com cuidado, já forma um arabesco. Orelhas, nariz, boca, queixo — agora os olhos. Não apenas afastados (como os de Jackie O.), mas grandes também. Grandes demais para um rosto de bebê. Olhos como os da minha avó. Olhos grandes e tristes como os de um quadro de Keane. Olhos adornados com longos cílios negros que

minha mãe não conseguia acreditar que tinham se formado dentro dela. Como podia ser que seu corpo tivesse cuidado de um tal detalhe? E a pele em torno desses olhos: de um azeitonado claro. O cabelo: pretíssimo. Agora é só apertar todos os botões de uma vez. Estão me vendo? Tudinho? Provavelmente não. Ninguém nunca chegou a ver, na verdade.

Quando bebê, e mesmo menina, eu tinha uma beleza extravagante e desajeitada. Nenhum dos traços estava exatamente no lugar e, no entanto, quando eles eram considerados no conjunto, algo cativante emergia. Uma inadvertida harmonia. Alguma coisa de mutante, também, como se debaixo do rosto visível houvesse, pensando melhor, um outro.

Desdêmona não estava interessada na minha aparência. O que a preocupava era minha alma. "A bebê, ela está com dois meses", disse minha avó ao meu pai em março. "Por que não foi batizada ainda?" "Não quero que ela seja batizada", respondeu Milton. "Esse negócio é só engambelação." "Engambelação, é?" Desdêmona agora o ameaça com o dedo em riste. "Você pensa que a Sagrada Tradição de duzentos anos da Igreja é pra engambelar?" E então invocou Panaghia, usando cada um de seus nomes. "Sagrada, imaculada, bendita e glorificada Senhora, Mãe de Deus e Virgem Santa, estais ouvindo o que diz meu filho Milton?" E, como meu pai permanecesse inflexível, Desdêmona lançou mão de sua arma secreta. Começou a se abanar.

Para alguém que nunca o testemunhou pessoalmente, é difícil descrever a qualidade agourenta e tormentosa do gesto de se abanar de minha avó. Recusando-se a continuar a discussão com meu pai, arrastou seus tornozelos inchados até o solário. Sentou-se numa cadeira de palhinha junto à janela. A luz de inverno, incidindo num ângulo lateral, dava um tom avermelhado à cartilagem distanciada e translúcida do nariz. Ela pegou o leque de papelão. Na

parte da frente liam-se as seguintes palavras: “Atrocidades Turcas”. Embaixo, em letras menores, a coisa era mais específica: pogrom de Istambul, 1955, no qual quinze gregos foram mortos, duzentas mulheres gregas estupradas, 4348 lojas saqueadas, cinquenta e nove igrejas ortodoxas destruídas e até as sepulturas dos Patriarcas profanadas. Desdêmona tinha seis desses leques de atrocidades. Eram uma série de colecionador. A cada ano enviava uma contribuição ao Patriarcado de Constantinopla e, algumas semanas mais tarde, chegava um novo leque contendo acusações de genocídio e, num deles, uma fotografia do Patriarca Atenágoras nas ruínas de uma catedral saqueada. Não constando do leque específico que Desdêmona usava naquele dia, mas assim mesmo denunciado, estava o crime mais recente, cometido não pelos turcos, mas por seu próprio filho grego, que se recusava a oferecer à filha o devido batismo ortodoxo. A abanação de Desdêmona não consistia no simples movimento do pulso, para lá e para cá; aquela agitação vinha de dentro. Começava no ponto entre o estômago e o fígado onde, certa vez, ela disse que morava o Espírito Santo. Originava-se num lugar ainda mais profundo do que aquele onde estava enterrado seu crime. Milton tentou se esconder atrás do jornal, mas o ar revoltado pelo leque fez farfalharem as páginas. A força da abanação de Desdêmona podia ser sentida por toda a casa; lançava bolas de poeira a rodopiar pelas escadas; agitava as persianas das janelas; e, claro, como era inverno, causava arrepios em todo mundo. Depois de um tempo, parecia que a casa inteira estava hiperventilada. A abanação chegou a perseguir Milton em seu Oldsmobile, cujo radiador passou a emitir um assobio suave.

Além da abanação, minha avó apelou ao sentimento de família. O padre Mike, seu genro e, portanto, meu tio, a essa altura já havia retornado de seus anos na Grécia e agora servia — no posto de assistente — a Igreja Ortodoxa Grega da Assunção.

“Por favor, Miltinho”, falou Desdêmona. “Pense no padre Mike. Nunca deram pra ele o posto mais alto na igreja. Você acha que fica bem a própria sobrinha não ser batizada? Pense na sua irmã, Miltinho. Coitada da Zoë! Eles lá sem muito dinheiro.”

Por fim, num sinal de que estava amolecendo, meu pai perguntou à minha avó: “Quanto cobram pra batizar hoje em dia?”.

“É de graça.”

Milton arqueou as sobrancelhas. Mas, depois de parar para pensar um momento, balançou a cabeça, como quem confirma uma suspeita. “Tudo calculado. Deixam entrar de graça. Depois a gente tem que pagar o resto da vida.”

Na altura de 1960, a paróquia ortodoxa grega do East Side de Detroit já contava, mais uma vez, com novas instalações. A Assunção havia se mudado da Vernor Highway para um novo endereço na Charlevoix. A construção da igreja ali foi um evento que gerou grande entusiasmo. Depois do humilde começo no imóvel comercial da Hart Street e do respeitável, mas nem um pouco faustoso domicílio na Beniteau, a Assunção finalmente seria uma igreja imponente. Várias empreiteiras pleitearam a obra, mas no fim decidiu-se entregá-la a “alguém da comunidade”, e o alguém escolhido foi Bart Skiotis.

As razões por trás da construção da nova igreja eram duas: ressuscitar o esplendor ancestral de Bizâncio e mostrar ao mundo a pujança financeira da próspera comunidade grego-americana. Não se pouparam recursos. Um pintor de ícones foi trazido de Creta para cuidar da iconografia. Ficou mais de um ano, dormindo na própria construção em andamento, num colchonete. Sendo um tradicionalista, recusava carne, álcool e doces como forma de purificar a alma e receber inspiração divina. Até seu pincel seguia à risca a tradição: era feito com a ponta do rabo de um esquilo. Aos poucos, ao longo de dois anos, nossa Basílica de Santa Sofia do East

Side foi sendo erguida a uma distância não muito grande da Ford Freeway. Só houve um problema. Ao contrário do pintor de ícones, Bart Skiotis não fez sua parte com pureza de coração. Descobriu-se que tinha usado materiais de má qualidade, desviando o que sobrou do dinheiro para sua conta bancária particular. Construiu incorretamente as fundações, de modo que não demorou muito e rachaduras começaram a se bifurcar ao longo das paredes, deixando cicatrizes sobre a iconografia. A igreja também tinha goteiras.

Entre os muros do imóvel irregular da igreja da Charlevoix, literalmente sobre fundações bambas, deu-se meu batismo na fé ortodoxa; uma fé que já existia muito antes que o protestantismo tivesse contra o que protestar e o catolicismo se proclamasse católico; uma fé que remontava aos primórdios da cristandade, então grega, e não latina, e que, sem um São Tomás de Aquino para reificá-la, permaneceu envolta no manto de névoa da tradição e do mistério de seu início. Meu padrinho, Jimmy Papanikolas, me pegou dos braços do meu pai. Em seguida me colocou diante do padre Mike, o qual, sorrindo, transbordando de alegria por ocupar o centro do palco uma vez na vida, cortou um cacho do meu cabelo, que deixou cair na pia batismal. (Essa parte do ritual, passei mais tarde a suspeitar, era o motivo pelo qual as pias acabavam ficando com uma superfície felpuda. Anos e mais anos sendo depositados ali e estimulados pela água da vida, os cabelos de bebê criavam raízes e brotavam.) Mas agora o padre Mike estava pronto para realizar o mergulho. "Receba o batismo esta serva de Deus, Calíope Helen, em nome do Pai, amém...", e fez a primeira imersão. Na Igreja Ortodoxa, o mergulho não é parcial; com a gente não tem essa de salpicar água e limpar os respingos da testa. Para renascer, é preciso antes ser sepultado, e lá vamos nós para baixo d'água. Minha família observava, minha mãe tomada de ansiedade (e se eu inalasse?), meu irmão largando uma moedinha na água quando ninguém estava

olhando, minha avó mantendo o leque imóvel pela primeira vez em semanas. O padre Mike me trouxe de volta à superfície — “e do Filho, amém” — e outra vez me fez mergulhar. Dessa vez abri os olhos. A moedinha de Um-Sete-Um, em queda livre, reluzia na escuridão. Aterrissou no fundo onde, conforme reparei, uma porção de coisas se amontoava: outras moedas, por exemplo, e grampos de cabelo, um band-aid usado. Na água esverdeada, espumosa e sagrada, eu estava em paz. Tudo era silêncio. Sentia pontadas nos lados do meu pescoço, onde algum dia os humanos tiveram guelras. Tinha uma vaga consciência de que aquele começo era, de certa forma, indicativo do que seria o resto da minha vida. A família ao meu redor; e eu, nas mãos de Deus. Mas também no meu próprio elemento, à parte, experimentando as raras sensações daquela submersão, expandindo os limites da evolução. Essa percepção cruzou veloz a minha mente, e então o padre Mike me trouxe novamente à tona — “e do Espírito Santo, amém”. Só faltava um mergulho. Lá fui eu, e de novo voltei à luz e à atmosfera. As três submersões tinham levado algum tempo. Além de turva, a água era morna. Na terceira vez que emergi, portanto, de fato tinha renascido: como chafariz. Do meio das minhas pernas de querubim, um jato de líquido cristalino ganhou o ar. Iluminada pelo domo lá no alto, sua cintilação amarelada capturou a atenção de todos. O jato desceu em arco. Impulsionado por uma bexiga cheia, transpôs a borda da pia. E, antes que meu *nouno* tivesse tempo de reagir, acertou em cheio a cara do padre Mike.

Risos abafados nos bancos da igreja, algumas velhinhas arfando, horrorizadas, depois silêncio. Desonrado por sua própria imersão parcial — limpando os respingos feito um protestante —, o padre Mike concluiu a cerimônia. Com a crisma nas pontas dos dedos, ele me ungiu com o sinal da cruz nos pontos devidos, primeiro a testa, depois os olhos, as narinas, a boca, os ouvidos, o peito, as mãos e

os pés. Ia tocando cada ponto e dizendo: "Selado pelo dom do Espírito Santo". Por fim, ministrou minha Primeira Comunhão (com uma ressalva: o padre Mike não me perdoava pelo meu pecado).

"Essa é a minha menina", garganteou Milton a caminho de casa. "Mijou num padre."

"Foi um acidente", insistia Tessie, ainda afogueada de vergonha. "Coitado do padre Mike! Nunca vai superar isso."

"Voou *bem* longe", encantava-se Um-Sete-Um.

Em meio à comoção geral, ninguém se perguntou como, em termos de engenharia, aquilo tinha sido possível.

Desdêmona tomou o batismo invertido que apliquei a seu genro como um mau presságio. Sendo já potencialmente responsável pelo derrame que vitimara seu marido, eu agora cometia um sacrilégio em meu primeiro contato com a liturgia. Além disso, era uma humilhação para ela que eu tivesse nascido menina. "Quem sabe você não tenta adivinhar o tempo?", caçoou Sourmelina. Meu pai ainda tripudiou: "Essa sua colher já era, mã. Meio que cansou da sua brincadeira". A verdade era que, por aqueles dias, Desdêmona lutava contra pressões de assimilação às quais não conseguia resistir. Embora vivesse um eterno exílio nos Estados Unidos, uma visitante durante quarenta anos, certas porções do país de adoção se infiltravam por debaixo das portas trancadas de sua implicância. Quando Esquerdinha voltou do hospital, meu pai instalou uma tevê no sótão para entretê-lo um pouco. Era uma Zenith pequena, cuja imagem em preto e branco vivia correndo na vertical. Milton a largou sobre uma mesa de cabeceira e voltou ao andar de baixo. E o televisor ficou ali, zunindo, luminoso. Esquerdinha se endireitou nos travesseiros para assistir. Desdêmona tentou se concentrar no trabalho doméstico, mas se pegava olhando para a tela com

frequência cada vez maior. Continuava não gostando de carros. Tapava os ouvidos toda vez que o aspirador de pó era ligado. Mas com a tevê, por alguma razão, foi diferente. Minha avó gostou de imediato daquilo. Era a primeira e única coisa dos Estados Unidos que aprovava. Às vezes se esquecia de desligar o aparelho e despertava às duas da manhã ao som do hino nacional, que encerrava a programação do dia.

A tevê veio substituir o som das conversas que agora faltavam na vida dos meus avós. Desdêmona ficava assistindo o dia inteiro, escandalizada com os casos de amor de *As the World Turns*. Gostava especialmente dos comerciais de detergente, qualquer coisa estrelada por bolhas de esfregação e alguma espuma vingadora.

A vida na casa da Seminole contribuía para o imperialismo cultural. Aos domingos, no lugar do Metaxa, Milton servia coquetéis aos convidados. “Drinques com nomes de pessoas”, queixava-se Desdêmona ao marido mudo, no sótão. “Tom Collins. Harvey Wall Bang. Lá isso é bebida! E ficam ouvindo música no, como é que chama, hi-fi. O Milton, ele coloca a música e eles bebem Tom Collins e às vezes, sabe, dançam de par, os homens junto com as mulheres. Como se fosse jogo de luta.”

E o que era eu, para Desdêmona, senão mais um sinal do fim dos tempos? Tentava não olhar para mim. Escondia-se atrás dos leques. Então, um dia, Tessie precisou sair e Desdêmona foi obrigada a ficar de babá. Desconfiada, entrou no meu quarto. Aproximou-se do berço a passos cautelosos. Sexagenária coberta de preto inclinada para examinar bebê embrulhado em rosa. Talvez alguma coisa na expressão do meu rosto tenha disparado o alarme. Talvez ela já estivesse fazendo as conexões, que mais adiante faria, entre bebês de vilarejo e aquele bebê suburbano, entre os causos de velhas viúvas e a moderna endocrinologia... Mas talvez não. Pois, ao espiar com desconfiança por sobre o anteparo do berço, ela viu meu rosto

— e o sangue interveio. A expressão preocupada de Desdêmona passeou pela (similar) perplexidade do meu rosto. Seus olhos lamentosos foram pousar nas (idênticas) esferas negras e enormes dos meus. Tudo na gente era igual. E então ela me pegou no colo e eu fiz aquilo para que são feitos os netos: eliminei os anos que nos separavam. Devolvi Desdêmona a sua pele original.

Dali em diante ganhei sua predileção. No meio da manhã, ela dispensava minha mãe e me levava para o sótão. Esquerdinha, a essa altura, já havia recobrado a maior parte do vigor físico. Apesar da paralisia da fala, meu avô seguia sendo uma pessoa de grande vitalidade. Levantava cedo todos os dias, tomava banho e se barbeava, depois tinha o cuidado de pôr uma gravata para traduzir do grego ático por duas horas antes do café da manhã. Não aspirava mais a publicar suas traduções, mas continuava a trabalhar nelas porque gostava e porque elas mantinham a mente afiada. Para se comunicar com o resto da família, carregava sempre consigo uma pequena lousa. Escrevia mensagens usando palavras e hieróglifos pessoais. Consciente de que ele e Desdêmona eram um fardo para os meus pais, Esquerdinha se mostrava extremamente prestativo na casa, realizando consertos, ajudando na limpeza, levando recados. Toda tarde fazia sua caminhada de cinco quilômetros, não importava o tempo que estivesse lá fora, e voltava animado, o sorriso repleto de obturações douradas. À noite, escutava seus discos de *rebetika* no sótão e fumava o narguilé. Sempre que Um-Sete-Um perguntava o que tinha ali dentro, Esquerdinha escrevia na lousa: “lama turca”. Meus pais sempre acreditaram que era alguma marca de tabaco aromático. Onde ele arranjava o haxixe é matéria de especulação. Provavelmente nas caminhadas. Ainda tinha uma porção de contatos gregos e libaneses na cidade.

Das dez ao meio-dia, todos os dias, meus avós tomavam conta de mim. Desdêmona preparava minhas mamadeiras e trocava minhas

fraldas. Penteava meu cabelo com os dedos. Quando eu me aborrecia, Esquerdinha circulava comigo pelo quarto. Como não podia falar, ficava me embalando bastante e ronronando, e encostava seu grande nariz arqueado no meu, pequeno e em latência. Meu avô era como um mímico dignificado, sem maquiagem, e foi somente com quase cinco anos que me dei conta de que havia algo errado com ele. Quando se cansava de fazer suas caretas, ele me carregava até a água-furtada e, juntos, cada um num dos extremos da vida, observávamos nosso arborizado bairro.

Logo comecei a andar. Com o estímulo de presentes reluzentemente embrulhados, dava corridinhas na direção dos quadros dos filmes caseiros do meu pai. Naquelas primeiras películas retratando nossos Natais, meus trajés são tão opulentos quanto os da Infanta. A vontade de ter uma filha levava Tessie a ir um pouco além dos limites ao me vestir. Saias rosa, rendas e babados, laços natalinos no cabelo. Eu não gostava nem das roupas nem da árvore de Natal espinhenta, e em geral apareço naquelas imagens caindo dramaticamente no choro...

Ou talvez o problema fosse o estilo cinematográfico de Milton. A câmera viera equipada com um kit de implacáveis refletores. A luminosidade daqueles filmes parecia a de interrogatórios da Gestapo. Todos nos encolhíamos, presentes nas mãos, como se tivéssemos sido apanhados com contrabando. Além da claridade ofuscante, havia outra esquisitice nos filmes caseiros do meu pai: como Hitchcock, ele sempre fazia uma ponta. O único jeito de conferir quanto ainda restava de filme na câmera era lendo o contador dentro das lentes. Em meio às sequências de Natal e às festas de aniversário, sempre havia o momento em que a tela era preenchida pelo olho de Milton. De modo que agora, enquanto tento

fazer um esboço rápido dos meus primeiros anos, o que volta com mais clareza é simplesmente isto: a esfera castanha do olho sonolento de urso do meu pai. Um toque pós-moderno em nosso cinema doméstico, chamando atenção para o artifício, para a mecânica da narrativa. (E um legado à minha estética.) O olho de Milton nos observava. Piscava. Tão grande quanto o do Cristo Pantocrátor, na igreja, aquele olho era melhor que qualquer mosaico. Era um olho vivo, a córnea um pouco injetada, cílios luxuriantes, a pele embaixo formando uma bolsa, a mancha de café de uma olheira. Aquela olho nos espiava durante uns dez segundos. Por fim, um tranco na câmara, que continuava a gravar. Víamos o teto, a luminária, o chão, depois nós mesmos outra vez: a família Stephanides.

Primeiro, Esquerdinha. Ainda elegante, apesar do estrago provocado pelo derrame, com uma camisa branca engomada e uma calça axadrezada, ele escreve na lousa e exhibe as seguintes palavras: "*Christos Anesti*". Desdêmona está sentada diante do marido, a dentadura dando a ela a aparência de uma tartaruga preparada para uma mordida. Minha mãe, nesse filme etiquetado como "Páscoa 1962", está a dois anos de chegar aos quarenta. Os pés de galinha em torno dos olhos são mais uma razão (além dos refletores) para que apareça protegendo o rosto com a mão. Nesse gesto, percebo a empatia emocional que sinto por Tessie, porque é quando ninguém presta atenção em nós, quando nós é que observamos as pessoas, que mais do que nunca somos felizes. Por trás da mão, consigo vislumbrar vestígios do romance que ela estava lendo na noite anterior. Todas as palavras difíceis que precisou consultar no dicionário se aglomeram na sua cabeça cansada, esperando o momento de aparecerem nas cartas que ela me escreve hoje em dia. A mão é também uma recusa, a única maneira de se vingar de um marido cada vez mais distante. (Milton voltava para

casa toda noite; não bebia nem era mulherengo, mas, preocupado com os negócios, começava a deixar a cada dia um pouco mais de si mesmo no restaurante, de modo que o homem que voltava para casa parecia cada vez menos presente, um robô que destrinchava perus à mesa e fazia filminhos nos feriados, mas não estava ali conosco, na verdade.) E finalmente, claro, a mão levantada da minha mãe é uma espécie de advertência, também, uma predecessora da tarja preta.

Um-Sete-Um se esparrama no tapete, devorando doces. Neto de dois antigos fabricantes de seda (aquele com a lousa e aquela com o *kombolói*), nunca precisou ajudar a cuidar de um abrigo de casulos. Nunca pôs os pés no mercado Koza Han. O meio já deixara nele suas marcas. Um-Sete-Um tem a típica expressão das crianças americanas, tirânicas, autocentradas.

E agora dois cachorros entram em quadro. Rufus e Willis, nossos dois boxers. Rufus cheira minha fralda e, com timing perfeito de comediante, senta em cima de mim. Mais tarde morderá alguém e a família se desvencilhará de ambos os cães. Minha mãe aparece para afugentar Rufus... e lá estou eu de novo. Fico de pé e cambaleio na direção da câmera, sorrindo, ensaiando um aceno...

Conheço bem essas imagens. "Páscoa 1962" é o filme caseiro que meus pais foram convencidos a doar ao dr. Luce. Era o filme que, todo ano, o doutor passava para seus alunos da Faculdade de Medicina da Universidade Cornell. E aquele era o segmento de trinta e cinco segundos que, insistia Luce, provava sua teoria de que a identidade de gênero é definida bem cedo na vida. Foi o filme que o dr. Luce me mostrou para me dizer quem eu era. E o que era aquilo? Preste atenção nas imagens. Minha mãe me entrega um bebê de brinquedo. Pego o bebê e o abraço contra o peito. Levando uma mamadeirinha a seus lábios, ofereço-lhe leite.

Nos filmes e fora deles, minha primeira infância passou. Recebi as atenções devidas a uma menina e eu não tinha dúvidas nessa área. Minha mãe me dava banho e me ensinou a me lavar por conta própria. Por tudo que aconteceu depois, diria que aquelas instruções de higiene foram rudimentares, se tanto. Não me lembro de alusões diretas a meu aparato sexual. Tudo ficava oculto numa zona de privacidade e fragilidade que minha mãe nunca esfregava com muita força. (O equipamento de Um-Sete-Um era chamado de "pipi". Mas palavra nenhuma era usada para se referir àquilo que eu tinha.) Meu pai agia com mais melindres ainda. Nas raras vezes em que trocava minhas fraldas ou me dava banho, Milton cuidadosamente desviava os olhos. "Lavou tudo?", minha mãe perguntava de um jeito oblíquo, como sempre. "*Tudo*, não. Aí já é seu departamento."

Não teria feito diferença, de qualquer modo. A síndrome de deficiência da 5-alfa-redutase é mestre em dissimulação. Até que eu atingisse a puberdade e andrógenos jorrassem na minha corrente sanguínea, as características que me diferenciavam de outras meninas eram difíceis de detectar. Meu pediatra nunca notou nada de anormal. E, a partir dos meus cinco anos, Tessie passou a me levar ao dr. Phil, com sua vista declinante e seus exames descuidados.

No dia 8 de janeiro de 1967, fiz sete anos. Aquele ano marcou o fim de muitas coisas em Detroit, entre elas, dos filmes do meu pai. "Sétimo Niver da Callie" foi o último dos super-8 de Milton. O cenário era nossa sala de jantar, decorada com balões. Na minha cabeça, o tradicional chapéu cônico. Um-Sete-Um, com doze anos, não está junto dos outros meninos e meninas, ao redor da mesa, mas ao fundo, encostado à parede, tomando ponche. Nossa diferença de idade significou que meu irmão e eu nunca fomos próximos enquanto crescíamos. Quando eu era bebê, Um-Sete-Um já era um

menino, no meu tempo de menina, ele estava na adolescência e, na época em que fui adolescente, meu irmão tinha virado adulto. Aos doze anos, nada podia ser melhor, para ele, do que cortar bolas de golfe ao meio para ver o que tinham dentro. Em geral, essas vivisseções de Wilsons e Spaldings revelavam miolos que consistiam de feixes compactos de elásticos. Mas às vezes havia surpresas. Na verdade, quando se olha atentamente para meu irmão nesse filme, é possível notar algo esquisito: seu rosto, seus braços, a camisa e as calças estão cobertos de milhares de minúsculos pontos brancos.

Pouco antes do início da minha festa de aniversário, Um-Sete-Um tinha estado em seu laboratório, no porão, e usado uma serra para cortar a supostamente inovadora Titleist, que anunciava ter um "núcleo líquido". A bola foi presa a um torno para ser serrada. Quando Um-Sete-Um atingiu o miolo, ouviu um estampido alto, seguido de uma nuvem de fumaça. O núcleo da bola era oco. Meu irmão ficou perplexo. Mas, quando subiu do porão, todos vimos os pontos brancos...

De volta à festa, meu bolo de aniversário vem chegando com suas sete velas. Os lábios sem som da minha mãe me dizem para pensar num desejo. O que será que desejei pelos meus sete anos? Não lembro. No filme, avanço sobre o bolo e, feito Eólia, sopro as velas. Um momento depois elas reacendem. Sopro outra vez. A mesma coisa acontece. E então Um-Sete-Um ri, finalmente se divertindo. Era assim que terminavam nossos filmes caseiros, com uma travessura no meu aniversário. Com velas de múltiplas vidas.

A pergunta persiste: por que aquele foi o último filme de Milton? Será que a explicação pode ser a perda natural de entusiasmo dos pais por registrar imagens dos filhos? O fato de que, tendo tirado centenas de fotografias de Um-Sete-Um quando bebê, meu pai não fez mais do que umas vinte minhas? Para responder a essas

questões, preciso assumir o posto atrás da câmera e ver as coisas pelos olhos do meu pai.

A razão pela qual Milton se distanciava da gente: depois de dez anos no ramo, não via mais o restaurante dar lucro. Pela vitrine (por sobre a fileira de latas de azeite de oliva Athena), meu pai observava, dia após dia, as mudanças na Pingree Street. A família de brancos que morava do outro lado da rua, antigamente bons fregueses, tinha se mudado. Agora a casa pertencia a um sujeito de cor chamado Morrison. O novo vizinho vinha ao restaurante para comprar cigarros. Pedia café, reabastecia a xícara um milhão de vezes e fumava. Não comia nada. Não parecia ter um emprego. Às vezes a casa recebia outros moradores, uma moça, filha de Morrison, talvez, com crianças. Então iam embora e Morrison ficava sozinho de novo. Havia uma lona no telhado, presa por tijolos, cobrindo um buraco.

Logo adiante, no mesmo quarteirão, tinha começado a funcionar um inferninho. Saindo dali, a caminho de casa, os clientes urinavam na entrada do restaurante. Prostitutas começaram a fazer ponto na Twelfth Street. Durante um assalto na tinturaria vizinha, o dono, branco, apanhou bastante. A. A. Laurie, proprietário da ótica ao lado, tirou da parede o quadro para testes de visão, enquanto lá fora operários removiam os óculos de neon da fachada. Estava abrindo uma loja nova em Southfield.

Meu pai considerava fazer o mesmo.

“Aquela região toda está indo pro brejo”, tinha advertido Jimmy Fioretos depois de um almoço de domingo. “Caia fora enquanto ainda dá pra vender por bom preço.”

Ao que Gus Panos, assobiando feito um fole por causa de uma traqueostomia, acrescentou pelo buraco do pescoço: “O Jimmy está certo... sssss... Você devia se mudar de lá... sssss... pra Bloomfield Hills”.

Tio Pete discordava, como sempre argumentando pela integração e pelo apoio à Guerra à Pobreza do presidente Johnson.

Algumas semanas mais tarde, Milton pediu uma avaliação do restaurante e levou um choque: o Zebra Room estava valendo menos do que quando Esquerdinha o comprara, em 1933. Milton tinha demorado demais a vender. Sair dali já não era um bom negócio.

De modo que o Zebra Room permaneceu na esquina da Pingree com a Dexter, o suingue do jukebox cada vez mais fora de moda, as celebridades e esportistas nas paredes cada vez menos reconhecíveis. Aos sábados, era frequente meu avô me levar para um passeio de carro. Íamos a Belle Isle para ver se conseguíamos avistar algum veado e, depois, parávamos no restaurante da família para almoçar. Ocupávamos uma das mesas e Milton vinha nos atender, fingindo que éramos fregueses. Anotava o pedido de Esquerdinha e dava uma piscadela. "E pra sua esposa, o que vai ser?"

"Não sou esposa dele!"

"Não?"

Eu pedia o de sempre, cheeseburger, milk-shake e torta de limão com suspiro de sobremesa. Milton abria a caixa registradora e me dava umas moedas para usar no jukebox. Enquanto escolhia as músicas, eu olhava pela vitrine à procura do meu amigo do bairro. Na maioria dos sábados, ele ficava na esquina, rodeado de outros rapazes. Às vezes subia numa cadeira quebrada ou num bloco descartado de metalúrgica e discursava. O braço sempre espetado no ar, acenando e gesticulando. Mas, se me via, seu punho erguido se abria num tchau para mim.

Seu nome era Marius Wyxzewixard Challouehliczilczese Grimes. Eu não tinha permissão para falar com ele. Milton considerava Marius um arruaceiro, uma opinião compartilhada por muitos dos clientes

do Zebra Room, brancos e negros. Eu gostava dele, porém. Ele me chamava de "Pequena Rainha do Nilo". Falava que eu parecia Cleópatra. "Cleópatra era grega", dizia. "Sabia disso?" "Não." "Pois é, ela era. Era da dinastia ptolemaica. Família grande naquela época. Eram egípcios gregos. Também tenho um pouquinho de sangue egípcio. Você e eu somos parentes, provavelmente." Quando estava de pé em sua cadeira quebrada, esperando gente se aglomerar, conversava comigo. Mas, se já tivesse movimento por ali, não tinha tempo para isso.

Marius Wyszewicki Challouehliczese Grimes tinha recebido esse nome em homenagem a um nacionalista etíope, um contemporâneo de Fard Muhammad, na verdade, ainda nos anos 1930. Quando criança, Marius tinha sido asmático. Passou a maior parte da infância dentro de casa, lendo a seleção eclética de livros da biblioteca da mãe. Adolescente, apanhou um bocado (usava óculos, o Marius, e tinha o hábito de respirar pela boca). Mas, quando o conheci, Marius W. C. Grimes já se tornava um homem. Trabalhava numa loja de discos e frequentava a Faculdade de Direito da Universidade de Detroit, turma da noite. Alguma coisa estava acontecendo no país, nas comunidades negras, especialmente, que favorecia a ascensão de gente como Marius a orador de esquina. De repente tinha se tornado bacana saber das coisas, discorrer sobre as causas da Guerra Civil Espanhola. Che Guevara também sofria de asma. E Marius usava uma boina. Era uma boina estilo paramilitar, preta, combinando com os óculos escuros e o pequeno fiapo de barba embaixo do lábio inferior. De boina e óculos, Marius ia para a esquina acordar as pessoas para certas coisas. "O Zebra Room", apontava com o dedo ossudo, "dono branco." O dedo percorria o quarteirão. "Loja de tevê, dono branco. Armazém, dono branco. Banco..." O pessoal olhava em torno... "Vocês já entenderam. Não tem banco. Não fazem empréstimo pra negros." Marius planejava se

tornar defensor público. Assim que se formasse advogado, processaria a cidade de Dearborn por discriminação na política de habitação. Naqueles dias, era o terceiro da classe na faculdade. Mas agora estava úmido ali fora, sua asma infantil começava a ameaçar atacar e, quando passei por ele de patins, Marius se sentia infeliz e indisposto.

“Oi, Marius.”

Ele não respondeu com a voz, um sinal de que estava para baixo. Mas inclinou a cabeça, o que me encorajou a continuar.

“Por que você não arranja uma cadeira melhor pra subir em cima?”

“Você não gosta da minha cadeira?”

“Está toda quebrada.”

“Essa cadeira é antiga. Isso significa que é de esperar que esteja quebrada.”

“Não tão quebrada.”

Mas Marius agora apertava a vista para ver melhor o Zebra Room, do outro lado da rua.

“Deixa eu te perguntar uma coisa, pequena Cleo.”

“O quê?”

“Por que tem sempre pelo menos três gordões, desses que chamam agentes da ordem, no balcão do restaurante do seu pai?”

“Meu pai serve café de graça pra eles.”

“E por que você acha que ele faz isso?”

“Não sei.”

“Você não sabe? Ok, vou te contar. É que ele paga pra ter proteção. Seu velho gosta que os homens estejam por perto porque tem medo da gente, dos negros.”

“Não tem não”, falei, de repente na defensiva.

“Você acha que não?”

“Não.”

“Ok, então, Pequena Rainha. Você é quem sabe.”

Mas a acusação de Marius me incomodou. Depois disso, passei a observar meu pai mais de perto. Reparei que ele sempre travava as portas do carro quando estávamos passando pelo bairro negro. Ouvia quando dizia, aos domingos, na sala de estar: “Não cuidam das propriedades. Deixam tudo ao deus-dará”. Na semana seguinte, quando Esquerdinha me levou ao restaurante, mais do que nunca reparei nas costas largas dos policiais no balcão. Escutei quando brincaram com meu pai. “Ei, Milt, melhor você começar a pensar em dar um pouco de cor a esse cardápio.”

“Você acha?” — respondeu meu pai, jovial. “Quem sabe colocar um preto de alma branca nas opções de sobremesa?”

Caí fora e fui procurar Marius. Ele estava no seu lugar de sempre, mas sentado, não de pé, e lendo um livro.

“Prova amanhã”, falou. “Tenho que estudar.”

“Eu estou na segunda série”, contei.

“Só na segunda? Achei que estava no colegial, no mínimo.”

Sorri meu sorriso mais triunfal para ele.

“Deve ser aquele sangue ptolemaico. Só mantenha distância dos homens romanos, ok?”

“Como é?”

“Nada, Pequena Rainha. Estava só brincando.” Ria agora, o que não era muito comum. O rosto franco, luminoso.

E de repente meu pai chamou meu nome. “Callie!”

“O quê?”

“Venha já pra cá!”

Marius se levantou meio sem jeito da cadeira. “A gente só estava conversando”, falou. “Garotinha esperta o senhor tem aqui.”

“Você fique longe dela, entendeu?”

“Papai!”, protestei, com indignação e vergonha pelo meu amigo.

Mas a voz de Marius era suave. "Tá na boa, pequena Cleo. Tenho essa prova pra fazer e tal. Volta lá com seu pai."

Pelo resto do dia, Milton ficou no meu pé. "Você nunca, jamais, fale com estranhos desse jeito. O que há com você?"

"Ele não é um estranho. O nome dele é Marius Wyxzewixard Challouehliczilczese Grimes."

"Você está me ouvindo? Não chegue perto de gente assim."

Depois disso, Milton disse ao meu avô para não me levar mais ao restaurante. Mas eu apareceria lá de novo, dali a alguns meses apenas, e com minhas próprias pernas.

*Opa!*

Elas sempre acham que se trata de cavalheirismo de um sujeito antiquado. A lentidão dos meus avanços. O ritmo relaxado das minhas incursões. (A essa altura, já aprendi a dar o primeiro passo, mas não o segundo.)

Convidei Julie Kikuchi para uma excursão de fim de semana. Para a Pomerânia. A ideia era pegar um carro e ir a Usedom, uma ilha no mar Báltico, onde nos hospedariamos num velho resort que um dia foi o preferido de Guilherme II. Fiz questão de enfatizar que ficaríamos em quartos separados.

Como era fim de semana, tentei me vestir de forma mais casual. Não é fácil para mim. Escolhi um blusão de lã bege de gola rulê, blazer de tweed e calça jeans. E um par de sapatos Edward Green, feitos à mão. O nome desse modelo específico é Dundee. Parecem muito formais até a gente reparar nas solas Vibram. Têm camada dupla de couro. O Dundee é um sapato apropriado para percorrer um pedaço de terra ou para meter o pé na lama de gravata, spaniels por companhia. Precisei esperar meses pelo meu par. Na caixa, diz: "Edward Green: Mestre da Sapataria para Poucos". Esse sou eu, exatamente. Um entre poucos.

Peguei Julie num Mercedes alugado, a diesel e barulhento. Ela tinha preparado umas fitas para ouvirmos na viagem e trazido coisas

para ler: o *Guardian* e os dois últimos números da *Parkett*. Saímos da cidade pelas estradas estreitas, ladeadas de árvores, que rumam para o nordeste. Passamos por vilarejos de casas com teto de sapê. O terreno foi ficando mais pantanoso, surgiram enseadas e logo atravessávamos a ponte que levava à ilha.

Devo ir direto ao ponto? Não, devagar, com calma, é assim que se faz. Primeiro, permitam-me mencionar que é outubro na Alemanha. Embora esteja frio, a praia em Herringsdorf tem um bom número de destemidos nudistas. Basicamente homens, eles se esparramam sobre toalhas feito leões-marinhos, ou confraternizam, ruidosos, sob as pequenas cabanas em padrão listrado chamadas de *Strandkörbe*.

Da elegante passarela à beira-mar, rodeada de pinheiros e bétulas, eu observava aqueles naturistas e me perguntava o de sempre: como será se sentir livre assim? Digo, meu corpo é tão melhor que o deles. Sou eu quem tem o bíceps definido, o peitoral avantajado, os glúteos tinindo. Mas jamais poderia desfilar em público daquele jeito.

“O pessoal não é exatamente modelo de capa da *Sunshine and Health*”, disse Julie.

“Depois de uma certa idade, as pessoas deviam andar sempre vestidas”, foi o que respondi, ou algo parecido. Na dúvida, recorro a pronunciamentos medianamente conservadores ou que soem britânicos. Não estava pensando no que dizia. De repente, tinha esquecido completamente dos nudistas. Porque olhava para Julie agora. Ela havia puxado os óculos de sol prateados, estilo Alemanha Oriental, para o alto da cabeça, a fim de fotografar, ao longe, o pessoal tomando sol. O vento do mar Báltico fazia o cabelo dela flutuar. “Suas sobrancelhas parecem duas pequenas taturanas pretas”, eu disse. “Galanteador”, respondeu Julie, sem parar de fotografar. Não falei mais nada. Como quem curte o retorno do sol após o inverno, fiquei parado, simplesmente acolhendo o calor

daquela possibilidade, a sensação boa de estar na companhia daquela pessoa pequena e estranhamente intensa, de cabelos muito pretos, e corpo discreto e adorável.

Mesmo assim, naquela noite, e também na noite seguinte, dormimos em quartos separados.

\*

Meu pai me proibiu de falar com Marius Grimes em abril, mês úmido e ameno em Michigan. Em maio, o tempo começou a melhorar; junho foi quente e julho mais quente ainda. No quintal da nossa casa na Seminole, de traje de banho, um modelo duas peças, eu pulava em meio aos respingos do irrigador, enquanto Um-Sete-Um colhia dentes-de-leão para tentar fabricar vinho.

Durante aquele verão, à medida que a temperatura subia, Milton tentava resolver o apuro em que estava metido. Sua ideia tinha sido abrir não um restaurante, mas toda uma cadeia. Agora ele se dava conta de que o primeiro elo da cadeia, o Zebra Room, era fraco, o que o deixava perdido e confuso. Pela primeira vez na vida, Milton Stephanides se deparava com uma possibilidade que jamais tinha considerado: fracassar. O que faria do restaurante? Venderia por uma migalha? E depois? (Por enquanto, tinha decidido fechar às segundas e terças para cortar despesas.)

Meu pai e minha mãe não discutiam a situação na nossa frente e passavam a falar grego quando tratavam do assunto com nossos avós. A Um-Sete-Um e eu, restava deduzir o que estava acontecendo pelo tom de uma conversa que não fazia sentido para nós e à qual, honestamente, não prestávamos muita atenção. A única coisa que sabíamos era que, de repente, Milton ficava em casa durante o dia. Milton, que até ali raras vezes havíamos visto à luz do sol, de repente aparecia no quintal, lendo jornal. Vendo nosso pai de

bermuda, pudemos descobrir como eram suas pernas. Pudemos descobrir como ficava quando não se barbeava. Nos dois primeiros dias, o rosto parecia uma lixa, como sempre acontecia nos fins de semana. Mas agora Milton não agarrava minha mão para esfregá-la nas costeletas até me fazer gritar, não estava mais a fim de me atormentar. Simplesmente se sentava no pátio, enquanto a barba, feito uma mancha, feito um fungo, se espalhava.

Inconscientemente, Milton aderiu ao costume grego de não fazer a barba depois de uma morte na família. Só que, dessa vez, o que tinha acabado não era uma vida, mas um modo de ganhar a vida. A barba deixava mais cheio seu rosto já rechonchudo. Ele não a aparava nem a mantinha muito limpa. E, como não dizia uma palavra sobre seus problemas, a barba passou a expressar, silenciosamente, todas as coisas das quais ele não se permitia falar. Os nós e espirais indicavam pensamentos cada vez mais emaranhados. O odor amargo liberava as cetonas do estresse. À medida que o verão avançava, a barba foi ficando desgrenhada, pedindo um cortador de grama, e era óbvio que a cabeça de Milton andava em Pingree Street; meu pai começou a se parecer com Pingree Street.

Esquerdinha tentou consolar o filho. “Seja forte”, escreveu. Com um sorriso, copiou o epitáfio do Guerreiro da Batalha das Termópilas: “Vá dizer aos espartanos, estranho que por acaso passa/ que aqui jazemos obedientes às leis daquela raça”. Mas Milton mal chegou a ler a citação. Estava convencido de que, com o derrame, Esquerdinha não tinha mais a autoridade de antes. Mudo, carregando para lá e para cá aquela lousa lamentável, perdido na sua restauração de Safo, Esquerdinha começou a parecer velho para o filho. Milton se viu impaciente ou sem prestar atenção. *Emanações de mortalidade trazidas pelo envelhecimento de familiares*, era isso

que Milton sentia ao ver o pai afundado na luz da escrivaninha, projetando um úmido lábio inferior, escandindo uma língua morta.

Apesar daquele clima secreto de Guerra Fria, nacos de informação vazavam e chegavam a nós, crianças. A ameaça crescente às nossas finanças se fez notar por uma ruga recortada, parecendo um raio a iluminar o vão entre os olhos da minha mãe, logo acima do nariz, sempre que eu pedia alguma coisa mais cara numa loja de brinquedos. Nossa mesa de jantar passou a ver carne com menos frequência. Milton racionava eletricidade. Se Um-Sete-Um deixava uma luz acesa por mais de um minuto, acabava em total escuridão, de onde vinha uma voz: "Que foi que eu te falei dos quilowatts?". Por um tempo, vivemos com uma única lâmpada, que Milton carregava de um cômodo ao outro. "Assim consigo controlar quanto estamos gastando", dizia, rosqueando a lâmpada no bocal da sala de jantar para que pudéssemos nos sentar à mesa e comer. "Não consigo enxergar minha comida", reclamava Tessie. "Como assim?", retrucava Milton. "Isto aqui se chama *ambiência*." Após a sobremesa, ele sacava um lenço do bolso de trás e desatarraxava a lâmpada quente que, pulando nas mãos de malabarista sem futuro do meu pai, era levada até a sala de estar. Esperávamos no escuro enquanto ele atravessasse a casa, dando encontrões na mobília. Por fim, surgia ao longe um foco amarelado e Milton berrava, contente: "Pronto!".

Ele mantinha as aparências. Lavava a calçada em frente ao restaurante e deixava as vitrines impecáveis. Continuou a saudar os fregueses com um cordial "Como vão as coisas?" ou um "*Yahsou, patriote!*". Mas o suingue que tocava no Zebra Room e seus jogadores de beisebol de outra época não eram capazes de fazer parar o tempo. Não era mais 1940, e sim 1967. Mais especificamente, a noite de 23 de julho de 1967. E havia um calombo debaixo do travesseiro de Milton.

Reparem no quarto dos meus pais: inteiramente mobiliado com réplicas do tempo dos pioneiros, proporciona-lhes (a preços de liquidação) uma ligação com os mitos fundadores do país. Vejam, por exemplo, a cabeceira envernizada da cama, de "cerejeira pura", na expressão que Milton gosta de usar, como aquela arvorezinha que George Washington cortou. Prestem atenção agora no papel de parede temático da Guerra Revolucionária. Uma estampa que se multiplica, mostrando o famoso trio: menino do tambor, tocador de pífano e velho manco. Ao longo dos meus primeiros anos neste mundo, essas figuras sangrentas seguiram sua marcha ao redor do quarto dos meus pais, desaparecendo aqui atrás de uma cômoda "Monticello", ressurgindo acolá de trás de um espelho "Mount Vernon", ou algumas vezes não encontrando mais para onde ir, por fim cortados ao meio por um guarda-roupa.

Aos quarenta e três anos, meus pais, nessa histórica noite, dormem a sono solto. Os roncoss de Milton fazem estremecer a cama; e também a parede do outro lado da qual está o meu quarto, onde durmo em minha cama de adulto. E algo mais sofre os mesmos estremecimentos, debaixo do travesseiro de Milton, uma situação potencialmente perigosa quando se considera de que objeto se trata. Debaixo do travesseiro do meu pai está a pistola automática calibre.45 que ele trouxe da guerra.

A primeira regra de Tchékhov para escrever uma peça diz mais ou menos o seguinte: "Se aparecer uma arma na parede na primeira cena do primeiro ato, ela deve ser disparada na altura da segunda cena do terceiro ato". Não consigo deixar de pensar nesse preceito sobre narrativas ao contemplar a arma debaixo do travesseiro de Milton. Ali está ela. Não posso mais eliminá-la, agora que a mencionei. (E estava mesmo ali, naquela noite.) E a arma está carregada e a trava de segurança está solta...

Detroit, naquele verão sufocante de 1967, está a caminho de distúrbios raciais. A coisa tinha estourado em Watts, dois verões antes. Tumultos vinham acontecendo, recentemente, em Newark. Em reação à agitação no resto do país, a polícia de Detroit, formada só por brancos, vem realizando batidas nos bares e inferninhos dos bairros negros. A ideia é atacar preventivamente possíveis pontos de conflito. Em geral, a polícia estaciona suas viaturas em vielas escondidas e recolhe os fregueses desses lugares sem que ninguém veja. Mas, naquela noite, por razões que jamais serão conhecidas, três carros de polícia chegam à Gráfica Econômica, no número 9125 da Twelfth Street — a três quadras da Pingree — e param junto ao meio-fio. Vocês podem pensar que é uma coisa sem importância, às cinco da manhã, mas achar isso seria um erro. Porque, em 1967, a Twelfth Street de Detroit funciona a noite toda.

Por exemplo: quando a polícia chega, três garotas estão alinhadas na calçada, garotas de minissaia, botas de cano no joelho e tops amarrados atrás do pescoço. (Os dejetos marinhos da calçada que Milton lava com a mangueira toda manhã incluem a água-viva morta de uma camisinha e um ou outro caranguejo ermitão de um salto alto perdido.) As garotas ficam paradas na calçada enquanto os carros vão passando. Cadillacs em tom lima, Toronados vermelho-afogueados, Lincolns puxando isca com suas bocarras, todos eles tinindo. Os cromados reluzem. As calotas brilham. Nem um só ponto de ferrugem à vista. (O que é sempre intrigante para Milton é a contradição entre a perfeição dos automóveis dos negros e o desleixo de suas casas.) Mas agora aqueles carros cintilantes diminuem a marcha. Janelas são baixadas e as garotas se debruçam para conversar com os motoristas. Soam gritos aqui e acolá, saias já minúsculas são levantadas e é possível, às vezes, vislumbrar um seio ou um gesto obsceno, as garotas trabalhando, rindo, já bastante altas às cinco da manhã, a ponto de nem sentirem mais a ardência

entre as pernas e os resquícios deixados em seus corpos pelos clientes da noite, dos quais quantidade nenhuma de perfume conseguirá livrá-las. Não é fácil se manter limpa na rua, e àquela altura todas as garotas já fedem a queijo francês macio e curtido nos lugares que mais contam... Também nem sentem mais nada quando pensam nos bebês deixados em casa, em seus berços de segunda mão, seis meses de idade e muito gripados, chupeta na boca e com dificuldade para respirar... nem sentem mais o gosto insistente de sêmen, misturado ao de chiclete de menta, a maioria das garotas mal chegadas aos dezoito anos, aquele pedaço de calçada na Twelfth Street seu primeiro local de trabalho, o melhor que o país foi capaz de lhes oferecer em termos de uma vocação. Dali, para onde irão? Estão igualmente insensíveis a isso, com exceção de uma ou duas delas que ainda sonham ganhar a vida como cantoras de apoio ou abrir um salão de beleza... Mas tudo isso é parte do que aconteceu naquela noite, do que está para acontecer (os policiais saem de seus carros agora e irrompem no inferninho)... quando alguém abre uma janela e grita: "É o rapa! Foge pelos fundos!". Na calçada, as garotas reconhecem os policiais, porque são obrigadas a fazer programa de graça com eles. Mas tem alguma coisa diferente naquela noite, algo está acontecendo... as garotas não somem quando a polícia chega, como fazem normalmente. Ficam paradas assistindo à saída dos fregueses do inferninho, todos algemados, e algumas até começam a resmungar... e agora outras portas se abrem e carros param e, de repente, todo mundo está na rua... é gente vindo de outros inferninhos e das casas e das esquinas, e dá para sentir no ar, na contagem dos abusos que paira no ar, que aquele é o momento, julho de 1967, em que se chega a um limite e as palavras de ordem de Watts e Newark repercutem na Twelfth Street de Detroit, e é quando uma das garotas grita: "Tira a mão de cima deles, seus porcos do caralho!"... e soam mais gritos, e

começam os empurrões, e uma garrafa passa raspando por um policial e quebra uma janela atrás dele... e na Seminole Street meu pai dorme com uma arma debaixo do travesseiro, uma arma que acaba de ser reabilitada porque os distúrbios começaram...

Às 6h23, o telefone da princesa tocou no meu quarto e atendi. Era Jimmy Fioretos que, em pânico, confundiu minha voz com a da minha mãe. "Tessie, diz pro Milt correr pro restaurante. Os crioulos estão quebrando tudo!"

"Residência da família Stephanides", continuei educadamente, como tinham me ensinado. "Callie falando."

"Callie? Jesus. Querida, deixa eu falar com seu pai."

"Só um minuto, por favor." Larguei o telefone cor-de-rosa, entrei no quarto dos meus pais e chacoalhei Milton para que acordasse.

"É o sr. Fioretos."

"O Jimmy? Cristo, o que ele quer?" Quando ergueu o rosto, foi possível discernir a marca de um cano de revólver na bochecha.

"Ele falou que alguém está quebrando tudo."

Nesse momento, meu pai pulou da cama. Como se ainda pesasse os antigos sessenta e quatro quilos, e não os atuais oitenta e seis, voou feito um ginasta e aterrissou de pé, completamente inconsciente de que, além de nu, estava com uma ereção matinal alimentada pelos sonhos de ainda há pouco. (De modo que os distúrbios de Detroit para sempre estarão ligados, na minha cabeça, à primeira vez que vi uma genitália masculina excitada. Pior ainda, a do meu pai, e pior de tudo, meu pai tateava em busca de uma arma. Às vezes um charuto não é um charuto.) Tessie também tinha levantado agora e gritava para Milton que não saísse, enquanto ele pulava num pé só tentando enfiar as calças; e não demorou muito para todo mundo começar a dar palpite.

“Falei que isso ia acontecer!”, berrava Desdêmona para Milton, que desceu correndo a escada. “Você fez o conserto na igreja de São Cristóvão? Não fez!”

“Deixa esse assunto pra polícia, Milt”, implorava Tessie.

E Um-Sete-Um: “Que horas o senhor volta, pai? O senhor prometeu que ia me levar na Rádio Shack hoje”.

E eu, os olhos ainda apertados, tentando apagar o que tinha visto: “Acho que vou voltar pra cama agora”.

A única pessoa que não disse nada foi Esquerdinha, pois, na confusão, não conseguiu achar sua lousa.

Meio vestido, de sapato mas sem meia, de calça mas sem cueca, Milton Stephanides acelerou seu Delta 88 pelas ruas à primeira hora do dia. No trajeto até a Woodward, nada parecia fora do lugar. As ruas estavam vazias. Todo mundo ainda dormia. Quando ele entrou no West Grand Boulevard, porém, viu uma coluna de fumaça que se elevava no ar. Diferentemente de todas as outras colunas de fumaça que subiam das chaminés da cidade, aquela não se dispersava na poluição geral. Pairava próxima do chão, como um tornado vingador. Agitava-se e mantinha sua forma amedrontadora, alimentada pelo que ia queimando. O Oldsmobile rumava direto para ela. De súbito apareceram pessoas. Gente correndo. Gente carregando coisas. Gente rindo e virando a cabeça para olhar, enquanto outros abanavam as mãos, apelando para pararem com aquilo. Sirenes soaram. Um carro de polícia passou a toda. O policial ao volante fez sinal para que Milton desse meia-volta, mas meu pai não obedeceu.

E era estranho, pois aquelas eram suas ruas. Fazia uma vida inteira que as conhecia. Ali, na Lincoln, tinha uma barraca de frutas antigamente. Esquerdinha costumava parar com Milton para comprar melões, ensinando ao filho como escolher os mais doces pelos

furinhos pequenos que as abelhas deixavam nas frutas. Adiante, na Trumbull, era onde morava a sra. Tsatsarakis. *Me pedia pra trazer as garrafas de gengibirra Vernor do porão*, Milton ia pensando consigo mesmo. *Não conseguia mais subir a escada*. Na esquina da Sterling com a Commonwealth estava o velho Templo Maçônico, onde numa certa tarde de sábado, trinta e cinco anos antes, Milton tinha sido finalista de um concurso de soletração! Soletração! Duas dúzias de crianças, em seus melhores trajes, concentrando-se o máximo possível para, letra por letra, formar "prestidigitação". Era o tipo de coisa que acontecia naquele bairro. Concursos de soletração! Agora crianças de dez anos de idade corriam pelas ruas carregando tijolos. E os atiravam contra vitrines de lojas, rindo, aos pulos, achando que aquilo era algum tipo de jogo, uma espécie de brincadeira de férias.

Milton desviou os olhos da dança das crianças e viu, à frente, a coluna de fumaça que bloqueava a rua. Por um segundo ou dois, teve a chance de dar meia-volta. Mas não. Avançou com tudo. O ornamento no capô do Oldsmobile foi a primeira coisa a desaparecer, depois o para-choque dianteiro e a capota. O vermelho das lanternas traseiras piscou por um instante, então sumiu.

Em toda cena de perseguição que já vimos, o herói sempre sobe no telhado. Na minha família, realistas exigentes que éramos, todas as vezes reclamávamos: "Por que ele sempre tem que subir?". "Olha lá. Vai subir na torre. Viu? Falei pra você." Mas Hollywood conhecia melhor a natureza humana do que imaginávamos. Pois, confrontada com aquela situação de emergência, Tessie pegou Um-Sete-Um e eu e nos levou para o sótão. Talvez fosse um vestígio do nosso passado arbóreo; só queríamos subir e escapar do perigo. Ou quem sabe minha mãe se sentia mais segura ali por causa da porta camuflada com papel de parede. Fosse qual fosse a razão, carregamos uma

mala cheia de comida e no sótão ficamos por três dias, assistindo ao incêndio que tomava a cidade na tevezinha em preto e branco dos meus avós. Em trajés caseiros e de chinelo, Desdêmona segurava seu leque de papelão junto ao peito, feito um escudo contra o espetáculo da vida que se repete. “Ah, meu Deus! Que nem em Esmirna! Olha esses *mavros*! Queimando tudo, igual os turcos!”

Era difícil fazer objeções àquela comparação. Em Esmirna, as pessoas tinham transportado sua mobília para a orla; na televisão, agora, o pessoal também carregava mobília. Homens tiravam sofás novos em folha de dentro de lojas. Geladeiras cruzavam avenidas, e ainda fogões e lavadoras de louça. E, exatamente como em Esmirna, todo mundo parecia levar o que podia de roupa. Mulheres usavam casacos de pele, apesar do calor de julho. Homens provavam ternos novos e corriam ao mesmo tempo. “Esmirna! Esmirna! Esmirna!”, Desdêmona prosseguia em seu lamento, e eu já tinha ouvido falar tanto de Esmirna, com apenas sete anos, que grudava na tela da tevê para ver como havia sido. Mas não entendia. Certo, havia prédios em chamas, corpos largados nas ruas, mas o clima não era de desespero. Nunca, na minha vida inteira, tinha visto gente tão feliz. Homens tocavam instrumentos retirados de uma loja de música. Outros distribuía, por uma vitrine quebrada, garrafas de uísque que eram, em seguida, passadas de mão em mão. Parecia mais uma festa de rua do que um tumulto.

Até aquela noite, o sentimento básico da nossa comunidade em relação a nossos concidadãos crioulos podia ser resumido numa frase de Tessie depois de assistir à performance de Sidney Poitier em *Ao mestre, com carinho*, que tinha estreado um mês antes dos distúrbios. Ela disse: “Tá vendo, quando querem, eles conseguem falar de um jeito perfeitamente normal”. Era isso que sentíamos. (Mesmo eu, não vou negar, porque todos somos filhos dos pais que temos.) Estávamos prontos a aceitar os crioulos. Não tínhamos

preconceito contra eles. Queríamos sua inclusão na sociedade, *desde que simplesmente agissem como pessoas normais!*

Ao apoiar a Grande Sociedade, de Johnson, ao aplaudir *Ao mestre, com carinho*, nossos vizinhos e parentes deixavam clara sua crença bem-intencionada de que os crioulos eram totalmente capazes de ser iguaizinhos aos brancos — mas e aquilo, agora, o que era?, perguntavam-se, vendo as imagens na tevê. O que faziam aqueles rapazes carregando um sofá pela rua? Será que Sidney Poitier também levaria um sofá ou um eletrodoméstico de uma loja sem pagar? Será que dançaria daquele jeito diante de um prédio incendiado? “Não têm nenhum respeito pela propriedade privada”, berrava o sr. Benz, nosso vizinho. E sua esposa, Phyllis: “Onde é que eles vão morar, botando fogo assim no próprio bairro?”. Só tia Zo parecia mais compreensiva. “Não sei. Se eu estivesse andando pela rua e simplesmente me aparecesse pela frente um casaco de pele, acho que eu levava.” “Zoë!”, chocou-se o padre Mike. “Isso é roubo!” “Ah, e o que não é, se a gente parar pra pensar? Este país inteiro é feito de roubo.”

Durante três dias e três noites esperamos, no sótão, por alguma notícia de Milton. Os incêndios tinham derrubado o sinal de telefone e, quando minha mãe tentava ligar para o restaurante, a única resposta vinha pela voz de uma telefonista, numa mensagem gravada.

Durante três dias ninguém saiu do sótão além de Tessie, que corria lá embaixo para buscar comida nos armários já quase vazios. E víamos a contagem dos mortos aumentar.

Primeiro dia: Mortos — 15. Feridos — 500. Lojas saqueadas — 1000. Focos de incêndio — 800.

Segundo dia: Mortos — 27. Feridos — 700. Lojas saqueadas — 1500. Focos de incêndio — 1000.

Terceiro dia: Mortos — 36. Feridos — 1000. Lojas saqueadas — 1700. Focos de incêndio — 1163.

Durante três dias examinamos as fotografias das vítimas que apareciam na tevê. A sra. Sharon Stone, atingida por um disparo de franco-atirador quando estava parada com seu carro num semáforo. Carl E. Smith, bombeiro, morto por um franco-atirador quando combatia um incêndio.

Durante três dias vimos os políticos hesitarem e baterem boca: o governador republicano, George Romney, pedindo ao presidente Johnson que enviasse tropas federais; e Johnson, democrata, respondendo que não se considerava “apto” a tomar tal medida. (Havia eleições a caminho, no outono. Quanto piores se tornassem os distúrbios, pior seria o resultado de Romney nas urnas. E, por isso, antes de enviar os paraquedistas, Johnson mandou Cyrus Vance para avaliar a situação. Quase vinte e quatro horas se passaram até a chegada dos militares. Enquanto isso, a inexperiente Guarda Nacional atirava a esmo pela cidade.)

Durante três dias não tomamos banho nem escovamos os dentes. Durante três dias todos os rituais normais da nossa vida ficaram em suspenso, ao passo que rituais meio esquecidos, como rezar, foram retomados. Desdêmona dizia as orações em grego, todos reunidos ao redor dela na cama, e Tessie, como de hábito, tentava afastar suas dúvidas e crer de verdade. A vigília não era mais mantida a óleo, por uma lamparina, mas pela luz de uma lâmpada elétrica.

Durante três dias não soubemos nada de Milton. Quando Tessie voltava de suas incursões ao andar de baixo, comecei a notar, além dos resquícios de lágrimas em seu rosto, tênues vestígios de culpa. A morte sempre torna as pessoas pragmáticas. De modo que, quando Tessie ia ao térreo providenciar comida, ela também dava buscas na escrivania de Milton. Tinha lido os termos da apólice do seguro de vida dele. Tinha conferido o saldo da previdência. No

espelho do banheiro, avaliava sua aparência, perguntando-se se conseguiria atrair um novo marido na sua idade. "Precisava pensar em vocês, crianças", ela me confessou anos mais tarde. "Me perguntava o que a gente ia fazer se seu pai não voltasse."

Viver na América, até pouco antes, significava estar longe da guerra. Guerras aconteciam nas selvas do sudeste da Ásia. Aconteciam nos desertos do Oriente Médio. Aconteciam, como diz aquela velha canção, *lá longe*. Mas por que, então, espiando da água-furtada, na manhã seguinte a nossa segunda noite no sótão, vi um tanque cruzando o gramado da frente? Um tanque verde do exército, solitário sob as sombras da manhã, suas enormes correias fazendo estrépito contra o asfalto. Um veículo militar blindado que não encontrava pela frente obstáculo maior do que uns patins abandonados por ali. O tanque passou diante de casas abastadas, de suas cumeeiras, torreões e alpendres. Parou brevemente numa placa de preferencial. A torre de tiro girou para um lado e outro conferindo, como um aprendiz de autoescola, se o cruzamento estava livre, e então o veículo seguiu seu rumo.

O que estava acontecendo: no final da noite de segunda-feira, o presidente Johnson, atendendo finalmente à solicitação do governador Romney, tinha autorizado a chegada de tropas federais. O general John L. Throckmorton instalou o quartel-general da 101ª Divisão Aérea na Southeastern High, perto da antiga escola dos meus pais. Embora os distúrbios mais intensos se localizassem no West Side, o general Throckmorton decidiu estacionar as tropas no East Side, no que chamou de "conveniência operacional". Cedo, na terça de manhã, os paraquedistas já se deslocavam para abafar os conflitos.

Ninguém mais estava acordado para ver o tanque passar. Meus avós cochilavam na cama. Tessie e Um-Sete-Um se enroscavam em colchões de ar no chão. Até os periquitos estavam quietos. Lembro

de ter olhado para a cara do meu irmão, despontando do saco de dormir. A roupa de cama de flanela tinha desenhos de caçadores atirando em patos. O pano de fundo masculino servia apenas para dar ênfase à falta de atributos heroicos de Um-Sete-Um. Quem sairia em socorro do meu pai? Com quem meu pai podia contar? Com Um-Sete-Um e seus óculos fundo de garrafa? Com Esquerdinha, sua lousa e seus mais de sessenta anos? O que fiz em seguida não teve ligação, acredito, com meu status cromossômico. Não foi resultado do plasma com altos índices de testosterona no meu sangue. Fiz o que faria qualquer filha que amasse o pai e fosse leal a ele, e que tivesse sido criada à base de filmes de Hércules. Naquele instante, decidi que ia encontrar meu pai, salvá-lo, se preciso fosse, ou ao menos lhe dizer que voltasse para casa.

Depois de fazer o sinal da cruz à maneira ortodoxa, escapuli do sótão escada abaixo e fechei a porta. No meu quarto, calcei meus tênis e coloquei o chapéu de aviador igual ao de Amelia Earhart. Sem acordar ninguém, saí pela porta da frente, corri até onde ficava minha bicicleta, na lateral da casa, e comecei a pedalar. Percorri duas quadras e já avistei o tanque: tinha parado num sinal vermelho. Os soldados ali dentro estavam ocupados consultando mapas, procurando o melhor trajeto até o local dos distúrbios. Não repararam na menininha de chapéu de aviador passando em silêncio numa bicicletinha infantil. Ainda estava escuro. Os passarinhos começavam a cantar. Os cheiros do verão, de grama e adubo, enchiam o ar, e de repente perdi a coragem. Quanto mais me aproximava, maior o tanque parecia. O medo me mandava voltar correndo para casa. Mas o semáforo ficou verde e o tanque cambaleou adiante. De pé nos meus pedais, acelerei no rastro dele.

Do outro lado da cidade, na escuridão do Zebra Room, meu pai tentava se manter acordado. Entrincheirado atrás da caixa registradora, segurando a arma numa mão e um sanduíche de presunto na outra, Milton espiava pela vitrine para ver o que estava acontecendo na rua. Depois de duas noites em claro as bolsas sob seus olhos tinham resolutamente escurecido a cada xícara de café que meu pai tomava. As pálpebras estavam a meio pau, mas a testa estava úmida do suor da ansiedade e da vigilância. O estômago doía. Precisava fazer o mais difícil no banheiro, mas não se atrevia a ir até lá.

Lá fora, eles atacavam outra vez: os franco-atiradores. Eram quase cinco da manhã. Toda noite, o sol poente, como se fosse o puxador de uma veneziana, fazia cair a noite sobre a vizinhança. Para onde quer que tivessem desaparecido durante o dia, de lá voltavam os atiradores. Tomavam suas posições. Nas janelas de hotéis condenados, em escadas de incêndio e sacadas, atrás de carros suspensos por macacos nos jardins, eles apontavam os canos de suas armas variadas. Se a gente olhasse bem, se fosse suficientemente corajoso ou imprudente para botar a cabeça para fora da janela àquela hora da noite, conseguia ver, à luz da lua — aquele outro puxador, que abria a veneziana —, centenas de armas reluzentes apontadas para as ruas pelas quais os soldados agora avançavam.

A única luz dentro do restaurante era o brilho vermelho do jukebox. O aparelho, um Disco-Matic com partes cromadas, de plástico e de vidro colorido, ficava de um dos lados da porta de entrada. Tinha um vidro pequeno através do qual dava para observar a troca automática dos discos. Através de um sistema circulatório ao longo das bordas do aparelho bolhas azul-escuras corriam. Bolhas que representavam a efervescência da vida americana, do nosso otimismo pós-guerra, das nossas bebidas

gasosas, carbonatadas, imperialistas. Bolhas repletas do ar quente da democracia americana, fervilhando desde a pilha de vinis nos pratos ali dentro. "Mama Don't Allow It", de Bunny Berigan, talvez, ou "Stardust", de Tommy Dorsey e sua banda. Mas, naquela noite, não. Naquela noite, Milton deixou o jukebox desligado para poder escutar se alguém tentasse arrombar o restaurante.

As paredes apinhadas seguiam indiferentes aos distúrbios lá fora. Al Kaline matinha o sorriso aberto na fotografia emoldurada. Paul Bunyan e Babe, o Boi Azul, percorriam como sempre a trilha logo abaixo do prato do dia. O próprio quadro com o cardápio ainda oferecia ovos, batatas prensadas e sete tipos de torta. Nada tinha acontecido até ali. Meio que milagrosamente. Agachado junto à vitrine, no dia anterior, Milton tinha visto saqueadores invadirem todas as lojas do quarteirão. Atacaram o armazém judeu, do qual levaram tudo menos os pães *matzoh* e as velas *yahrzeit*. Mostrando aguçada noção de estilo, espoliaram a loja de sapatos de Joel Moskowitz de todos os modelos mais caros e mais em moda, deixando apenas os ortopédicos e os básicos. Tudo que havia sobrado na Eletrodomésticos Dyer, pelo que Milton podia ver, era uma prateleira com sacos para aspirador de pó. O que levariam se viessem saquear o restaurante? Será que levariam o vitral, do qual o próprio Milton tinha se apropriado? Teriam interesse na foto de Ty Cobb, dentes arreganhados enquanto deslizava, travas da chuteira à frente, até a segunda a base? Talvez arrancassem a pele de zebra que forrava as banquetas do bar. Gostavam de qualquer coisa africana, não gostavam? Não era essa a nova onda, ou a velha onda que agora voltava a ser nova? Ora, podiam ficar com a porcaria da pele de zebra. Ia pendurá-la na porta, como uma oferenda de paz.

Mas agora Milton ouvia alguma coisa. A maçaneta, será? Parou para escutar. Nas últimas horas, tinha começado a ouvir coisas. A vista lhe pregava peças também. Agachou-se atrás do balcão, os

olhos semicerrados perscrutando a escuridão. Os ouvidos ecoavam feito conchas. Ouviu os tiros distantes e o guinchar das sirenes. Ouviu o zumbido da geladeira e o tique-taque do relógio. A tudo isso se somava o sangue correndo em suas veias, rugindo à medida que abria caminho pelos canais dentro da cabeça. Mas nenhum som vinha da porta.

Milton relaxou. Deu mais uma mordida no sanduíche. Devagar, hesitante, pousou a cabeça no balcão. *Só um minutinho*. Fechou os olhos e o prazer foi imediato. Então a maçaneta voltou a estremecer e Milton teve um sobressalto. Chacoalhou a cabeça, tentando despertar. Largou o sanduíche e, na ponta dos pés, saiu de trás do balcão, arma em punho.

Não pretendia usá-la. A ideia era apenas espantar o saqueador. Se não desse certo, Milton abandonaria na hora o restaurante. O Oldsmobile estava estacionado nos fundos. Em dez minutos chegaria em casa. A maçaneta voltou a estremecer. E, sem pensar, Milton deu um passo na direção da porta de vidro e gritou: "Estou armado!".

Só que o que tinha na mão não era a arma. Era o sanduíche de presunto! Milton ameaçava o saqueador com duas fatias de pão torrado, um pedaço de carne e um pouco de mostarda picante. Porém, como estava escuro, funcionou. O saqueador do lado de fora da porta pôs mãos ao alto.

Era Morrison, o vizinho da frente.

Milton o encarou. Morrison encarou de volta. E então meu pai disse — é o que brancos dizem em situações assim: "Posso ajudar?".

Morrison forçou a vista, sem acreditar naquilo. "Que cê tá fazendo aqui, cara? Tá louco? Não tá seguro pra branco aqui, não." Soou um disparo. Morrison grudou na vitrine. "Não tá seguro pra ninguém."

"Tenho que proteger minha propriedade."

"Tua vida não é tua propriedade?" Morrison arqueou as sobrancelhas como forma de mostrar a lógica impecável de seu

raciocínio. Em seguida, abandonou totalmente a expressão de superioridade e tossiu. "Escuta, patrão, já que cê tá aqui, acho que pode me ajudar." Estendeu a mão com uns trocados. "Vim buscar cigarro."

O queixo de Milton caiu, avolumando o pescoço, e as sobrancelhas ficaram oblíquas, em sinal de descrença. Num tom seco, falou: "Boa hora pra largar do vício".

Outro disparo, dessa vez mais próximo. Morrison teve um sobressalto, depois sorriu. "Com certeza faz mal pra minha saúde. E tá ficando cada vez mais perigoso." Então abriu ainda mais o sorriso: "Esse é meu último maço", ele disse, "juro por Deus." Largou o troco pela portinhola da correspondência. "Parliaments." Milton ficou olhando para as moedas no chão por um momento, e saiu para buscar os cigarros.

"Tem fósforo?", perguntou Morrison.

Milton entregou os fósforos também. Enquanto fazia isso, os distúrbios nas ruas, seus nervos em frangalhos, o cheiro de fogo no ar e a audácia daquele sujeito, Morrison, driblando os franco-atiradores por causa de um maço de cigarros, tudo foi demais para Milton. De repente, abanando os braços e apontando para fora, gritou pela porta: "Qual é o problema de vocês?".

Morrison não demorou mais que um momento para responder: "Nosso problema", falou, "são vocês". E foi embora.

"Nosso problema são vocês." Quantas vezes, quando criança e adolescente, ouvi isso? Dito por Milton num arremedo de sotaque negro, repetido cada vez que algum palpiteiro liberal vinha falar dos "culturalmente desassistidos" ou de "subclasse" ou de "zonas de empoderamento", dito e repetido na crença de que essa única frase, ouvida por ele quando eram os próprios negros que faziam terra

arrasada de porção significativa de nossa amada cidade, provava seu próprio nonsense. À medida que os anos passavam, Milton usava essa frase como um escudo contra qualquer opinião contrária e, por fim, ela virou uma espécie de mantra, a explicação para o mundo estar virando um inferno, e aplicável não só aos afro-americanos, mas igualmente a feministas e homossexuais; e, claro, ele apreciava usá-la contra nós, sempre que nos atrasávamos para o jantar ou usávamos roupas que Tessie não aprovasse.

“Nosso problema são vocês!” As palavras de Morrison ecoaram na rua, mas Milton não teve tempo de se concentrar nelas. Porque exatamente naquele momento, feito um Godzilla rangente de filme japonês, o primeiro dos tanques emergiu à vista. Soldados o escoltavam, não mais policiais, e sim membros da Guarda Nacional, camuflados, de capacete, apontando nervosos seus rifles com baionetas. Miravam para o alto, na direção de todos aqueles outros rifles mirando para baixo. Houve um momento de relativo silêncio, suficiente para que Milton ouvisse a porta de tela de Morrison bater do outro lado da rua. E então um estalido, feito o ruído de uma arma de brinquedo, e subitamente a rua se iluminou com mil rajadas...

Eu também as escutei, a uns quatrocentos metros dali. Acompanhando a marcha lenta do tanque a uma distância discreta, tinha pedalado minha bicicleta de Indian Village, no East Side, até o West Side. Tentava me localizar o melhor que podia, mas tinha só sete anos e meio e não conhecia os nomes de muitas ruas. Ao cruzar o centro, reconheci *The Spirit of Detroit*, a estátua assinada por Marshall Fredericks que ficava em frente ao prédio da prefeitura. Alguns anos antes, um engraçadinho tinha pintado uma trilha de pegadas vermelhas, proporcionais aos pés da estátua, que atravessavam a Woodward ao encontro de outra estátua, de uma mulher nua, diante do National Bank de Detroit. As pegadas ainda

estavam levemente visíveis quando passei de bicicleta por ali. O tanque virou na Bush Street e seguiu por ela, cruzando a Monroe e as luzes de Greektown. Num dia normal, os velhos gregos da geração do meu avô estariam chegando às cafeterias para passar o dia jogando gamão, mas a rua estava vazia naquela manhã de 25 de julho de 1967. Em algum ponto do trajeto, meu tanque tinha se juntado a outros; em fila, seguiam agora para o noroeste. Logo o centro ficou para trás e eu não sabia mais onde estava. Cabeça baixa para me debruçar em posição aerodinâmica sobre o guidão, eu pedalava furiosamente na rabeira espessa de óleo da coluna em movimento...

... enquanto, na Pingree Street, Milton está agachado atrás da barricada de latas de azeite de oliva. Balas voadoras partem de todas as janelas apagadas do quarteirão, do Salão de Sinuca do Frank e do Bar do Corvo, da torre do sino da Igreja Episcopal Africana, uma quantidade tal de balas que chega a borrar o ar feito chuva, e a única lâmpada da rua que ainda funciona parece piscar. Balas batendo nos blindados, ricocheteando nas paredes de tijolos e deixando sua marca nos carros estacionados. Balas acertando e derrubando o palanque de sustentação de uma caixa de correio, que tomba de lado, como um bêbado. Balas atravessando a vitrine da clínica veterinária e seguindo adiante, paredes adentro, até alcançarem as gaiolas dos animais, nos fundos. O pastor-alemão que não parou de latir nos últimos três dias e duas noites finalmente se cala. Um gato se contorce no ar e solta um berro, seus faiscantes olhos verdes se apagando como uma luz. Uma verdadeira batalha é o que acontece agora, um tiroteio, um pouquinho do Vietnã às nossas portas. Mas aqui os vietcongues estão largados sobre colchonetes. Sentados em cadeiras de acampamento e movidos a malte, um exército voluntário enfrentando os alistados lá embaixo, nas ruas.

É impossível saber quem eram todos aqueles franco-atiradores. Mas é fácil entender por que a polícia os chamou assim. É fácil entender por que o major Jerome Cavanaugh os chamou de franco-atiradores, e também o governador George Romney. Um franco-atirador age sozinho, por definição. Um franco-atirador é covarde e traiçoeiro; mata à distância, sem ser visto. Era conveniente chamá-los de franco-atiradores porque, se eles não eram isso, então o que eram? O governador não disse; os jornais não disseram; os livros de história até hoje não dizem, mas eu, que assisti tudo da minha bicicleta, vi claramente: o que aconteceu em Detroit, em julho de 1967, foi nada menos que um levante guerrilheiro.

#### A Segunda Revolução Americana.

E agora os soldados revidam o ataque. No início dos conflitos, a polícia agiu, no geral, com comedimento. Atuou discreta, tentando apenas conter os distúrbios. Também as tropas federais, os paraquedistas da 82<sup>a</sup> e da 101<sup>a</sup> Divisões Aéreas, são veteranos de outros combates e sabem fazer uso da força apropriada. Mas com a Guarda Nacional a história é diferente. Combatentes esporádicos, foram convocados para uma súbita batalha. São inexperientes, estão assustados. Avançam pelas ruas disparando a esmo em tudo que veem. Às vezes invadem gramados com seus tanques. Arremetem com os blindados nas varandas das pessoas e derrubam muros. O tanque em frente ao Zebra Room parou por um momento. Dez ou doze soldados o rodeiam, fazendo mira num franco-atirador posicionado no quarto andar do Hotel Beaumont. O atirador dispara; a Guarda Nacional revida, e o homem despenca, pernas enroscadas na escada de incêndio. Logo em seguida, outra luz brilha do outro lado da rua. Milton ergue a cabeça e vê Morrison, em sua sala de estar, acendendo um cigarro. Acendendo um Parliament com os fósforos de listras de zebra. "Não!", grita meu pai. "Não!"... E Morrison, se chega a escutar, pensa que é só mais uma diatribe

contra seu hábito de fumar, mas, encaremos a realidade, Morrison não ouve nada. Acende o cigarro, simplesmente, e dois segundos depois uma bala rasga a parte frontal de seu crânio e ele desaba no chão. E os soldados seguem seu rumo.

A rua está vazia outra vez. As metralhadoras e os tanques começam a arrasar o quarteirão seguinte, ou o outro. Milton está parado à porta da frente, olhando para a janela vazia onde Morrison tinha estado antes. E então se dá conta de que o restaurante foi salvo. Os soldados passaram por ali e se foram. A batalha terminou...

... exceto pelo fato de que há mais alguém que avança pela rua. Com os tanques já desaparecendo no final da Pingree, uma nova figura se aproxima pelo outro lado. Alguém do bairro está dobrando a esquina e se dirigindo ao Zebra Room...

... atrás da fila de tanques, não penso mais em fazer meu irmão passar vergonha. O súbito e intenso tiroteio me apanhou completamente de surpresa. Muitas vezes folheei as pastas de recortes do meu pai sobre a Segunda Guerra Mundial; vi na tevê imagens do Vietnã; consumi incontáveis filmes sobre a Roma Antiga e as batalhas da Idade Média. Mas nada disso foi preparação suficiente para a guerra na minha própria cidade. A rua pela qual avançamos é ladeada de olmos frondosos. Junto ao meio-fio, carros estão estacionados. Passamos por gramados, mobília de varanda, pequenas fontes onde passarinhos vêm se alimentar e se banhar. Quando olho para o alto, para as copas dos olmos, vejo o céu começando a clarear. Entre os galhos, circulam passarinhos e também esquilos. Uma pipa ficou presa numa das árvores. Um par de tênis, os cadarços unidos por um nó, balança no galho de outra. Logo abaixo dos tênis pendurados, reparo numa placa de rua. Está toda furada de tiros, mas consigo ler: Pingree. De imediato reconheço onde estou. Ali está o açougue Bom Preço! E a Modas

New Yorker. Fico tão feliz que, por um momento, nem percebo que ambas as lojas estão pegando fogo. Deixo os tanques se afastarem, subo uma entrada de garagem e paro atrás de uma árvore. Desço da bicicleta e espio a rua, olhando na direção do restaurante. A placa com a zebra permanece intacta. Não há incêndio lá. Nesse momento, porém, a figura que caminhava para o Zebra Room entra no meu campo de visão. De uns trinta metros de distância, vejo quando ergue na mão uma garrafa. Ele acende o trapo que pende da boca dessa garrafa e, em seguida, sem ter um braço lá muito bom para a coisa, lança o coquetel Molotov vitrine adentro do restaurante. E, quando sobem as chamas lá dentro, o incendiário, em êxtase, grita:

“*Opa*, seu filho da puta!”

Eu via o rapaz pelas costas. O dia não estava ainda bem claro. Havia a fumaça que subia dos prédios adjacentes em chamas. Mesmo assim, à luz das fogueiras, pensei ter reconhecido a boina preta do meu amigo Marius Wyxzewixard Challouehliczilczese Grimes, pouco antes de a figura desaparecer.

“*Opa!*” Dentro do restaurante, meu pai escutou a conhecida saudação dos garçons gregos e, antes que pudesse entender o que estava acontecendo, o lugar já ardia feito um drinque flamejante. O Zebra Room tinha virado um *saganaki*! As mesas e suas divisórias se incendiavam, e Milton correu para trás do balcão e agarrou o extintor. Reemergiu segurando a mangueira, como uma fatia de limão envolta num paninho, sobre as chamas, pronto para espremê-la...

... quando, súbito, parou. E agora reconheço, no rosto do meu pai, uma expressão familiar, a expressão que tantas vezes ele fazia à mesa do jantar, o olhar perdido de um homem que jamais conseguia parar de pensar nos negócios. O sucesso depende da capacidade de adaptação a novas situações. E que situação poderia ser mais nova

do que aquela? As chamas subiam pelas paredes; a foto de Jimmy Dorsey se encrespava. E Milton se colocava algumas questões pertinentes. Por exemplo: como poderia, algum dia, voltar a administrar um restaurante naquele bairro? E: quanto valeriam, na manhã seguinte, os já desvalorizados imóveis da rua? E o mais importante de tudo: como poderia aquilo ser um crime? Por acaso *e/le* tinha começado os distúrbios? Tinha jogado o coquetel Molotov? Assim como Tessie, também a mente de Milton vasculhava a última gaveta da escrivaninha, em busca de um envelope volumoso, em particular, contendo as três apólices de seguro contra incêndio, contratadas com diferentes companhias. Viu mentalmente as três; leu os valores das coberturas para o caso de destruição por fogo e os somou. A quantia total, quinhentos mil dólares, o cegou para todo o resto. Meio milhão! Milton lançou em torno um olhar desvairado e ávido. A placa das rabanadas estava em chamas. As banquetas de pele de zebra pareciam uma fileira de tochas. E, feito um maluco, ele virou as costas e se precipitou para fora até o Oldsmobile...

E ali me encontrou.

“Callie! Que diabos você está fazendo aqui?”

“Vim ajudar.”

“O que te deu na cabeça!” Milton gritava. Mas, apesar da fúria na voz, tinha se ajoelhado e me abraçava. Enlacei seu pescoço.

“O restaurante está pegando fogo, papai.”

“Eu sei.”

Comecei a chorar.

“Está tudo bem”, disse meu pai, e me levou para o carro. “Vamos pra casa agora. Acabou.”

E aí: aquilo foi um tumulto ou um levante guerrilheiro? Permitam-me responder à pergunta com outras perguntas. Com o fim dos distúrbios, foram ou não foram encontrados esconderijos de armas

por todo o bairro? E essas armas eram ou não eram fuzis AK-47 e metralhadoras? E por que o general estacionou as tropas no East Side, a quilômetros de distância dos conflitos? Seria o tipo de coisa que se faz para subjugar uma gangue desorganizada de franco-atiradores? Ou teria mais a ver com estratégia militar? Era como demarcar uma trincheira de guerra? Acreditem no que quiserem. Eu tinha sete anos, segui um tanque até o campo de batalha e vi o que vi. Só que, quando finalmente aconteceu, a revolução não foi televisionada. Na tevê, chamaram simplesmente de distúrbios.

Na manhã seguinte, quando a fumaça se dissipou, a bandeira da cidade pôde ser avistada novamente. Lembram do símbolo nela? Uma fênix ressurgindo das cinzas. E dos dizeres embaixo? *Speramus meliora; resurget cineribus*. "Esperamos pelo melhor; ressurgirá das cinzas."

# Middlesex

Por mais vergonhoso que seja dizer isso, aqueles distúrbios foram a melhor coisa que nos aconteceu. Da noite para o dia, deixamos de ser uma família que tentava desesperadamente se manter na classe média para nos tornarmos outra, com pretensões à alta, ou pelo menos à média-alta. O dinheiro do seguro não chegou exatamente ao valor que Milton tinha calculado. Duas das companhias se recusaram a pagar o prêmio total, alegando cláusulas abusivas. Pagaram apenas um quarto do montante das apólices. Ainda assim, tudo somado, era muito mais dinheiro do que valia o Zebra Room, o que permitiu a meus pais promover algumas mudanças em nossa vida.

De todas as lembranças da minha infância, nenhuma alcança a magia de puro sonho da noite em que ouvimos uma buzina lá fora e, espiando pela janela, vimos uma espaçonave aterrissada na entrada da garagem de casa.

Tinha baixado silenciosa ao lado da perua da minha mãe. As luzes da frente piscavam. A traseira da nave emitia uma luminosidade vermelha. Nada mais aconteceu nos trinta segundos seguintes. E então, por fim, a janela foi lentamente baixando para revelar ali dentro não um marciano, mas Milton. Tinha tirado a barba.

“Chamem a mãe de vocês”, ele gritou, sorrindo. “Vamos dar uma voltinha.”

Não era uma espaçonave, mas quase: era um Cadillac Fleetwood, 1967, o mais próximo de um carro intergaláctico que Detroit jamais produziu. (Faltava só um ano para a viagem à Lua.) Era preto como o próprio espaço e tinha o formato de um foguete deitado de lado. O capô comprido terminava pontudo, na forma de um nariz cônico, e dali até a traseira a máquina se alongava à entrada da garagem em linhas belas, assustadoramente perfeitas. A grade prateada do motor, multicamerada, parecia feita para filtrar poeira de estrelas. Frisos cromados, como se encapsassem os circuitos internos, partiam das luzes de pisca-pisca, amarelas em forma de cone, percorriam a lateral arredondada e chegavam à traseira, que se alargava em barbatanas de avião a jato e foguetes propulsores.

Dentro, o Cadillac oferecia a maciez acarpetada e a luminosidade suave do bar do Ritz. Os apoios de braço das poltronas vinham equipados com cinzeiros e isqueiros. O interior em si era forrado de couro preto e exalava um forte cheiro de novo. Era como saltar dentro da carteira de alguém.

Não começamos a andar de imediato. Permanecemos estacionados, como se estar sentado ali dentro já fosse suficiente, como se pudéssemos, agora que éramos donos daquele carro, esquecer a sala de estar e passar as noites na entrada da garagem. Milton deu a partida no motor. Com a marcha em ponto morto, começou a nos deslumbrar. Abriu e fechou as janelas apertando um botão. Travou as portas apertando outro. Deslizou o banco para a frente, depois o reclinou até eu conseguir enxergar a caspa nos seus ombros. Quando engatou a marcha e saiu, já estávamos todos meio atordoados. Circulamos pela Seminole, passando pelas casas dos nossos vizinhos, já em clima de despedida de Indian Village. Na

esquina, Milton ligou o pisca-pisca, cujo tique-taque parecia contar os segundos para nossa partida do bairro.

O Fleetwood 1967 foi o primeiro dos Cadillacs do meu pai, mas ainda viriam muitos outros. Nos sete anos seguintes, Milton trocou de carro quase todo ano, de modo que é possível mapear minha vida a partir das características de cada modelo da longa sequência de Cadillacs. Quando as barbatanas traseiras desapareceram, eu tinha nove anos; quando vieram as antenas que subiam e baixavam automaticamente, tinha onze. Também a minha vida emocional acompanhou os modelos. Nos anos 1960, quando os Cadillacs eram futuristicamente autoafirmativos, eu gozava da mesma autoconfiança e do mesmo otimismo. No tempo da carência de combustível, nos anos 1970, porém, quando o fabricante lançou o infeliz Saville — um carro que parecia ter sido abalroado na traseira —, minha sensação de deformação era idêntica. Escolham um ano e digo que carro nós tínhamos. 1970: o Eldorado cor de coca-cola. 1971: o sedã DeVille vermelho. 1972: o Fleetwood dourado com o quebra-sol no banco do passageiro que, quando a gente baixava, revelava um espelho tipo camarote de estrela de cinema (no qual Tessie conferia a maquiagem e eu, as primeiras espinhas). 1973: o Fleetwood preto, comprido e com o teto arredondado, que fazia os outros carros pararem, achando que se tratava de um cortejo fúnebre. 1974: o “Florida Special” amarelo-canário, duas portas com capota branca de vinil, teto solar e bancos bege de couro, o qual minha mãe ainda usa, quase trinta anos depois.

Mas em 1967 era o Fleetwood da era espacial. Assim que atingimos a velocidade necessária, Milton falou: “Ok. Agora saquem só isso”. Ele acionou uma chave embaixo do painel. Ouvimos um assobio, como se balões estivessem sendo inflados. Lentamente, como que suspensos por um tapete mágico, nós quatro fomos alçados ao teto no interior do carro.

“É o que eles chamam de ‘suspensão aérea’. O que há de mais novo. Macio, hein?”

“É tipo um sistema hidráulico?”, quis saber Um-Sete-Um.

“Acho que sim.”

“Talvez eu não precise mais usar meu travesseiro pra dirigir”, disse Tessie.

Em seguida, por um momento, ninguém disse nada. Rumávamos para leste, saindo de Detroit como se flutuássemos no ar.

O que me leva à segunda parte da nossa história de ascensão. Logo depois dos distúrbios de rua, a exemplo de muitos outros moradores brancos de Detroit, meus pais começaram a procurar uma casa nos subúrbios. A região que tinham em vista era o distrito abastado, na orla, onde viviam os magnatas da indústria automobilística: Grosse Pointe.

Foi muito mais difícil do que poderiam esperar. De Cadillac, explorando as cinco subdivisões de Grosse Pointe (Parque, Cidade, Fazenda, Floresta e Orla), meus pais viam placas de VENDE-SE em muitos gramados. Mas, quando paravam nos escritórios das imobiliárias para preencher os formulários, descobriam que as casas de repente não estavam mais à venda, tinham sido vendidas ou dobrado de preço.

Depois de dois meses procurando, só havia restado a Milton uma corretora, uma certa srta. Jane Marsh, da Imobiliária Grandes Lagos. Era o que tinha — além de uma desconfiança que só aumentava.

“Esta propriedade é bem excêntrica”, a srta. Marsh ia dizendo a Milton, numa tarde de setembro, enquanto o conduzia pela entrada da garagem. “Pra comprar, a pessoa precisa ter olho bom.” Ela abre a porta da frente e o faz entrar. “Mas tem pedigree. Foi projetada por Hudson Clark.” Espera para ver se ele reconhece o nome. “Da Prairie School?”

Milton inclina a cabeça, sem muita convicção. Olha em todas as direções, examinando o lugar. Não tinha se empolgado muito com a foto que a srta. Marsh tinha mostrado no escritório da imobiliária. Casa muito quadradona. Moderna demais.

“Não tenho certeza se é muito a cara da minha mulher, srta. Marsh.”

“Acho que não temos nada muito mais *tradicional* pra oferecer no momento.”

Ela o guia por um corredor branco vazio e por uma escadinha sem corrimão. E agora, quando chegam à sala de estar rebaixada, é a srta. Marsh que começa a olhar em várias direções. Com um sorriso educado que revela uma sobra de gengiva superior, o que a torna parecida com um coelho, ela examina a pele, o cabelo, os sapatos de Milton. Dá mais uma olhada no formulário.

“Stephanides. De onde vem esse sobrenome?”

“É grego.”

“Grego. Que interessante.”

Mais um vislumbre da gengiva superior, e a srta. Marsh anota alguma coisa em seu bloco. Então retoma a volta pela casa: “Sala de estar rebaixada. Estufa adjacente à sala de jantar. E, como o senhor pode ver, a casa é bem servida de janelas”.

“É praticamente *só* janelas, srta. Marsh.” Milton se aproxima da vidraça e inspeciona o quintal. Enquanto isso, alguns passos atrás, a srta. Marsh inspeciona Milton.

“Posso lhe perguntar em que ramo o senhor atua, sr. Stephanides?”

“No de restaurantes.”

Mais uma anotação. “Se me permite, temos algumas igrejas na região. A que religião o senhor pertence?”

“Não sou ligado nesse tipo de coisa. Minha esposa leva as crianças à igreja grega.”

“Ela é grega também?”

“É de Detroit. Nós dois nascemos no East Side.”

“E precisam de espaço pras duas crianças, certo?”

“Certo, senhorita. E também pros meus velhos, que moram com a gente.”

“Ah, entendo.” E agora o rosa das gengivas desaparece, e a srta. Marsh começa a fazer contas. *Vejamos. Sul do Mediterrâneo. Um ponto. Não atua em nenhuma daquelas profissões. Um ponto. Religião? Igreja grega. É meio que nem católico isso, não é? Mais um ponto aqui, então. E os pais moram junto! Dois pontos! O que soma — cinco! Ah, não vai dar. Não vai dar de jeito nenhum.*

Explicando a aritmética da srta. Marsh: naquele tempo, os corretores imobiliários de Grosse Pointe avaliavam os potenciais compradores segundo um negócio chamado Sistema de Pontos. (Milton não era o único a temer que o bairro virasse um inferno.) Ninguém falava da coisa abertamente. Os corretores se limitavam a mencionar o “padrão do bairro” e o objetivo de vender para “gente do tipo certo”. Agora que a fuga dos brancos tinha começado, o Sistema de Pontos se tornava mais importante do que nunca. Ninguém queria que acontecesse ali o que estava acontecendo no resto de Detroit.

Discretamente, a srta. Marsh está desenhando um minúsculo “5” ao lado de “Stephanides”; circula o número. Ao fazer isso, porém, sente algo. Uma espécie de remorso. O Sistema de Pontos não é ideia sua, afinal. Já estava em vigor quando, vindo de Wichita, onde o pai trabalha como açougueiro, ela chegou a Grosse Pointe. Mas não há nada que possa fazer. Sim, a srta. Marsh sente por isso. *Ora, convenhamos. Olha pra essa casa! Quem vai comprar, se não for um italiano ou um grego? Nunca que eu consigo vender isto aqui. Nunca!*

Seu cliente ainda está parado à janela, olhando para fora.

“Entendo, claro, sua preferência por alguma coisa mais no estilo ‘Velho Mundo’, sr. Stephanides. De vez em quando surge algo assim pra gente. O senhor só precisa ter paciência. Tenho seu número de telefone. Aviso se aparecer.”

Milton não está escutando. Está absorto na vista. A casa tem um terraço e, nos fundos, um pátio. Adiante, mais duas construções menores.

“Me conte mais desse cara, Hudson Clark”, ele pede agora.

“Clark? Bom, pra ser sincera, é uma figura menor.”

“Da Prairie School, é?”

“Hudson Clark não foi nenhum Frank Lloyd Wright, se é isso que o senhor está pensando.”

“O que são aquelas benfeitorias que vejo lá?”

“Eu não chamaria de benfeitorias, sr. Stephanides. Seria um pouco de exagero. Uma delas é uma casa de banho. Infelizmente está um pouco decrépita. Nem sei se funciona mais. Atrás fica a casa de hóspedes. Precisa de um bocado de reformas.”

“Casa de banho? Taí uma coisa diferente.” Milton se afasta da janela. Começa a circular pela casa vendo tudo com outros olhos: paredes de Stonehenge, azulejos de Klimt, quartos espaçosos. Tudo é geométrico, feito à régua. A luz do sol entra em fachos pelas várias claraboias. “Agora que estou aqui”, diz Milton, “acho que estou entendendo a ideia da casa. A foto não mostrava muito bem.”

“Na verdade, sr. Stephanides, pra uma família como a sua, com crianças pequenas, não tenho certeza se seria bem a melhor...”

Antes que ela possa concluir, porém, Milton levanta as mãos, rendendo-se. “Não precisa me mostrar mais nada. Benfeitorias decrépitas ou não, fico com a casa.”

Há uma pausa. A srta. Marsh sorri seu sorriso de gengiva duplex. “Maravilha, sr. Stephanides”, ela diz, sem entusiasmo. “Tudo vai depender, claro, da aprovação do financiamento.”

Mas agora é Milton quem se volta com um sorriso. Apesar de todo o repúdio à sua existência, o Sistema de Pontos não é segredo para ninguém. No ano anterior, Harry Karras tentou sem sucesso comprar uma casa em Grosse Pointe. O mesmo aconteceu com Pete Savidis. Mas Milton Stephanides não vai deixar que lhe digam onde pode ou não morar. E isso vale tanto para a srta. Marsh quanto para o punhado de grã-finos que controla o mercado imobiliário por ali.

“Não precisa se preocupar com isso”, disse meu pai, saboreando o momento. “Vou pagar em dinheiro.”

Superando a barreira do Sistema de Pontos, meu pai conseguiu comprar para nós uma casa em Grosse Pointe. Foi a única vez na vida que pagou alguma coisa adiantado. Mas e quanto às demais barreiras? Quanto ao fato de que os corretores imobiliários só mostraram as casas menos desejáveis, nas regiões mais próximas de Detroit, casas que ninguém mais queria? E quanto à sua incapacidade de enxergar além do gesto grandiloquente, e ao fato de que comprara a casa sem antes consultar minha mãe? Bom, para esses problemas não havia remédio.

No dia da mudança, partimos em dois carros. Tessie, se segurando para não chorar, levou Esquerdinha e Desdêmona na perua da família. Milton ia comigo e Um-Sete-Um no novo Fleetwood. Ao longo da Jefferson, ainda restavam vestígios dos distúrbios, assim como, na minha cabeça, restavam perguntas sem resposta. “E a Revolta do Chá de Boston?”, eu desafiava meu pai do banco de trás. “Os independentistas roubaram todo aquele chá e despejaram no cais. A mesma coisa que aconteceu aqui.”

“Não é a mesma coisa, de jeito nenhum”, rebateu Milton. “Que diabos andam ensinando pra vocês naquela escola? Na Revolta do Chá, os americanos estavam se rebelando contra a opressão de outro país.”

“Mas não era outro país, papai. Era o mesmo. Ainda nem existia um negócio chamado Estados Unidos, naquela época.”

“Deixa eu te perguntar uma coisa: onde estava o rei George quando despejaram todo aquele chá na água? Estava em Boston? Ao menos estava na América? Não. Estava na porcaria da Inglaterra, comendo bolinhos.”

O implacável Cadillac preto acelerava, levando meu pai, meu irmão e eu para longe da cidade devastada pela guerra. Cruzamos um canal estreito que, feito um fosso, separava Detroit de Grosse Pointe. E então, sem nem termos tido tempo de assimilar a mudança de ares, chegamos à nossa casa no Middlesex Boulevard.

O que primeiro notei foram as árvores. Dois enormes chorões, parecendo mamutes lanudos, escoltavam a propriedade. Os cipós pendiam sobre a entrada da garagem feito as serpentinas de esponja de um lava a jato. No alto, o sol de outono. Os raios, ao atravessar as folhas do chorão, ganhavam uma cor verde-fosforescente. Era como se, sob a sombra mais fresca do quarteirão, um farol tivesse sido ligado; e essa impressão foi apenas reforçada pela casa diante da qual tínhamos acabado de parar.

Middlesex! Alguém algum dia já morou num endereço mais estranho? Com mais cara de ficção científica? Futurista e antiquado ao mesmo tempo? Numa casa que parecia o comunismo, melhor na teoria que na realidade? As paredes tinham um tom amarelo-claro, e eram feitas de blocos de pedra octogonais e emolduradas por sancas em madeira de sequoia junto ao teto. Janelões panorâmicos corriam de lado a lado na frente. Hudson Clark (nome que Milton repetiria muitas vezes ao longo dos anos seguintes, embora nunca ninguém o reconhecesse) tinha projetado a casa para que se harmonizasse com a natureza em redor. No caso, com os dois chorões e a amoreira crescendo de encontro à fachada. Esquecendo onde estava (num subúrbio conservador) e o que havia detrás daquelas árvores (os

Turnbull e os Pickett), Clark seguiu os princípios de Frank Lloyd Wright, abandonando as linhas verticais vitorianas em favor da horizontalidade do Meio-Oeste, tornando espaçosos os ambientes internos e agregando alguma influência japonesa. Middlesex era um primor de teoria sem preocupação com praticidade. Por exemplo, Hudson Clark não acreditava em portas. O conceito de porta, essa coisa que se faz girar para um lado ou outro, estava superado. De modo que, na casa de Middlesex, não havia portas. Em vez delas, tínhamos divisórias compridas, feitas de sisal e no formato de sanfonas, que funcionavam a partir de uma bomba de ar no porão. O conceito de escadas no sentido mais tradicional era outra coisa da qual o mundo não tinha mais necessidade. Elas representavam uma visão teleológica do universo, de que uma coisa leva a outra, ao passo que, hoje, todo mundo sabe que uma coisa não leva a outra, e sim, muitas vezes, a lugar nenhum. E era o que faziam nossas escadas. Ah, uma hora acabavam subindo. Se quem subia fosse persistente, no fim das contas chegava ao andar de cima, mas no caminho era levado a um monte de outros lugares também. Havia um patamar, por exemplo, sobre o qual pendia um móbile. As paredes das escadas tinham olhos mágicos e prateleiras embutidas. À medida que subia, a gente conseguia ver, lá em cima, as pernas de quem estivesse passando no corredor. Podia espiar, lá embaixo, alguém sentado na sala de estar.

“Onde estão os armários?”, perguntou Tessie assim que entramos.

“Armários?”

“A cozinha fica a um milhão de quilômetros da sala, Milt. Toda vez que a gente quiser pegar alguma coisa pra comer vai ter que atravessar a casa inteira.”

“É bom pra fazer exercício.”

“E onde é que eu vou achar cortinas do tamanho dessas janelas? Não fazem cortinas tão grandes. Todo mundo enxerga a gente aqui

dentro.”

“Pense assim. A gente enxerga tudo lá fora.”

Mas então ouviu-se um grito vindo do outro lado da casa:

“*Mana!*”

Mesmo achando que não devia, Desdêmona tinha apertado um botão na parede. “Que tipo de porta é essa?”, ela gritava, quando viemos todos correndo. “Se mexe sozinha!”

“Ei, legal”, disse Um-Sete-Um. “Vamos experimentar, Cal. Põe a cabeça aqui no vão. Isso, assim...”

“Não brinquem com essa porta, crianças.”

“Só estou testando a pressão.”

“Au!”

“Que foi que eu te falei? Cabeça-oca. Agora solte sua irmã dessa porta.”

“Estou tentando. O botão não funciona.”

“Como assim, não funciona?”

“Ah, maravilha, Milt. Não temos armários e agora vamos precisar chamar os bombeiros pra soltar a Callie da porta.”

“Não foi projetada pra alguém enfiar o pescoço ali.”

“*Mana!*”

“Consegue respirar, querida?”

“Consigno, mas está doendo.”

“É que nem aquela história que aconteceu nas Grutas de Carlsbad”, falou Um-Sete-Um. “O cara preso, o pessoal tendo que dar comida pra ele durante quarenta dias e, no fim, ele morreu.”

“Para de se contorcer, Callie. Assim você...”

“Eu *não estou* me contorcendo...”

“Estou vendo a calcinha da Callie! Estou vendo a calcinha da Callie!”

“Para já com isso.”

“Tessie, pega essa perna da Callie. Ok, no três. É um, é dois e é três!”

Acabamos nos acostumando, mesmo apreensivos com várias coisas. Depois do incidente com a porta pneumática, Desdêmona teve uma premonição de que aquela casa repleta de modernas conveniências (a qual tinha, na verdade, quase a mesma idade da minha avó) seria a última em que lhe seria dado morar. Levou o que restava dos pertences dela e do meu avô para a casa de hóspedes — a mesa de centro de latão, a caixa de bichos-da-seda, o retrato do Patriarca Atenágoras — mas nunca conseguiu se acostumar à claraboia, que, para ela, era como ter um buraco no teto, com a torneira acionada por pedal no banheiro ou com a caixa que falava na parede. (Todos os cômodos da casa eram equipados com um interfone. Quando foram instalados, na década de 1940 — mais de trinta anos depois da construção da casa em si, em 1909 — esses interfones provavelmente funcionavam. Mas, em 1967, a gente tentava falar com a cozinha e a voz saía no quarto de casal. Os alto-falantes distorciam nossas vozes, de modo que tínhamos de escutar com muita atenção para entender o que era dito, como quem decifrasse as primeiras e truncadas palavras de uma criança.)

Um-Sete-Um se apossou do sistema pneumático do porão e passava horas fazendo bolas de pingue-pongue circularem pela casa através de uma rede de mangueiras de aspirador de pó. Tessie nunca parava de reclamar da falta de espaços reservados e da configuração pouco prática da casa, mas aos poucos, por causa de uma leve claustrofobia, passou a apreciar os janelões panorâmicos.

Esquerdinha era quem os limpava. Tentando ser útil, como sempre, tomou para si a tarefa de Sísifo que era manter sempre brilhando aquelas superfícies modernistas. Com a mesma

concentração que aplicava ao tempo aoristo dos verbos do grego arcaico — um tempo verbal tão cheio de enfado que servia para especificar ações que talvez nem fossem completadas —, Esquerdinha agora lavava as enormes janelas panorâmicas, o vidro fosco da estufa, as portas de correr que davam no pátio e até as claraboias. Enquanto nosso avô lustrava, Um-Sete-Um e eu explorávamos a casa. Ou melhor, as casas. O meditativo cubo amarelo-pálido virado para a rua continha os cômodos principais. Atrás, ficava um pátio com uma piscina vazia e um arbusto de corniso que se debruçava, em vão, sobre o ausente espelho d'água. Ao longo do limite oeste do pátio, a partir da cozinha, estendia-se um túnel translúcido, algo como uma dessas estruturas tubulares que os jogadores de futebol percorrem até o campo. O túnel levava a uma construção pequena encimada por um domo — feito um enorme iglu — e cercada por uma varanda coberta. Dentro, uma banheira (que se aquecia, se preparando para desempenhar o seu papel na minha vida). Atrás da casa de banho, havia ainda outro pátio com calçamento de pedras pretas e lisas. A leste, do lado oposto ao do túnel, e em contraponto, corria um pórtico sustentado por postes esguios e marrons de ferro. O pórtico desembocava na casa de hóspedes, onde jamais dormiu hóspede algum: apenas Desdêmona, por um tempo curto com o marido, depois por um longo tempo sozinha.

Mas o mais importante para uma criança: a propriedade de Middlesex tinha uma porção de saliências do tamanho de nossos tênis sobre as quais andar. Tinha fundos vãos de janela de concreto, perfeitos para serem usados como fortes. Tinha terraços para banhos de sol e passarelas. Um-Sete-Um e eu trepávamos por tudo. Esquerdinha lavava as janelas; cinco minutos depois, meu irmão e eu já chegávamos apoiando as mãos nos vidros e deixando digitais. E, ao vê-las, nosso avô, aquele homem alto e mudo que, noutra

vida, poderia ter sido um professor, mas nesta carregava um pano molhado e um balde, apenas sorria e lavava as janelas todas outra vez.

Embora ele nunca me dirigisse uma palavra, eu adorava meu *papou* chapliniano. Seu silêncio parecia ser uma espécie de refinamento. Combinava com seus trajes elegantes, com seus sapatos adornados por palas de tecido, o brilho do cabelo. E, no entanto, ele não era nem um pouco rígido, mas brincalhão, com jeito de comediante até. Quando me levava para passear de carro, Esquerdinha sempre fingia dormir ao volante. Súbito fechava os olhos e despencava para um lado. O carro seguia em frente, desgovernado, oscilando na direção do meio-fio. Eu ria, gritava, puxava os cabelos e esperneava. No último segundo possível, Esquerdinha acordava de um salto, agarrava o volante e evitava o desastre.

Não precisávamos falar um com o outro. A gente se entendia sem falar. Mas então uma coisa terrível aconteceu.

É uma manhã de sábado, algumas semanas depois da mudança para a casa de Middlesex. Esquerdinha está me levando para um passeio a pé pelo novo bairro. O plano é ir até o lago. De mãos dadas, atravessamos nosso novo gramado da frente. Umas moedinhas tilintam no bolso da calça do meu avô, logo abaixo da altura do meu ombro. Passo meu dedo no polegar dele, pois me fascina a falta de uma unha ali, a qual Esquerdinha sempre dizia ter sido arrancada por um macaco no zoológico.

Agora chegamos à calçada. O sujeito que faz as calçadas de Grosse Pointe grava seu nome nelas: J. P. Steiger. Também há uma rachadura no cimento, onde formigas travam uma guerra. Então cruzamos a faixa de grama entre a calçada e a rua. E chegamos ao meio-fio.

Dou meu passo. Esquerdinha não. Em vez disso, ele despenca, sem resistência, os quinze centímetros até a rua. Ainda segurando sua mão, rio do meu avô por ser tão atrapalhado. Esquerdinha ri também. Mas não olha para mim. Fica olhando para a frente, mirando o vazio. E, quando levanto a vista, de repente consigo enxergar nele coisas que, supostamente, sou jovem demais para perceber. Vejo medo em seus olhos, e espanto, e o mais assombroso: o fato de que alguma preocupação adulta é mais importante do que nossa caminhada juntos. O sol bate nos olhos de Esquerdinha. As pupilas se contraem. Continuamos colados ao meio-fio, pisando a poeira e os restos de folha. Cinco segundos. Dez. Tempo suficiente para Esquerdinha ser confrontado com a evidência de que suas faculdades estão diminuídas e para que eu sinta o influxo das minhas próprias e crescentes faculdades.

O que ninguém sabia: Esquerdinha tivera outro derrame na semana anterior. Já sem fala, passou a sofrer de desorientação espacial. Os móveis avançavam e recuavam com os movimentos mecânicos de uma casa de parque de diversões. Como se quisessem lhe pregar peças, cadeiras se ofereciam e, quando ele ia se sentar, saíam do lugar. Os losangos do tabuleiro de gamão ondulavam como teclas de piano. Esquerdinha não contou a ninguém.

Como não se sentia mais seguro para dirigir, começou a me levar naquelas caminhadas. (Foi assim que chegamos ao meio-fio que ele não viu a tempo e do qual não se desviou.) Seguíamos pelo Middlesex Boulevard em silêncio, um velho senhor estrangeiro calado e sua neta magricela, uma menina que falava por duas pessoas, que tagarelava com tanta fluência que seu pai, ex-clarinetista, gostava de brincar que ela devia conhecer a técnica da respiração circular. Eu me acostumava a Grosse Pointe, às mães elegantes com seus cachecóis de chiffon e à casa escura, oculta atrás dos ciprestes, onde morava a única família judia (que também

tinha pagado em dinheiro). Enquanto isso, meu avô se habituava a uma realidade bem mais assustadora. Segurando minha mão para manter o equilíbrio, com árvores e arbustos em sua visão periférica fazendo estranhos e deslizantes movimentos, Esquerdinha encarava a possibilidade de que a consciência fosse um acidente biológico. Embora nunca tivesse sido um homem religioso, percebia agora que sempre acreditara na alma, numa força de personalidade que sobrevivia à morte. Mas, com a mente cada vez mais vacilante, em curto-circuito, meu avô finalmente chegava à fria conclusão, tão contraditória com sua vivacidade jovial, de que o cérebro era apenas um órgão como qualquer outro e que, quando falhasse, ele, Esquerdinha, deixaria de existir.

Uma menina de sete anos precisa de algo mais que caminhadas com o avô. Eu era a criança nova na rua e queria fazer amigos. Do nosso terraço, às vezes via uma menina da minha idade que morava na casa atrás da nossa. Ela saía na pequena sacada nos finais de tarde e arrancava pétalas das flores da floreira. Quando estava mais brincalhona, fazia lentas piruetas, como se dançasse ao som da caixinha de música que eu sempre carregava para o terraço para me fazer companhia. Ela tinha o cabelo loiro muito claro, comprido, de franjinha; como nunca havia visto a menina à luz do dia, decidi que era albina.

Mas eu estava errada: porque lá estava ela, certa tarde, debaixo do sol, indo buscar uma bola que tinha caído no nosso terreno. Seu nome era Clementine Stark. Não era albina, só muito pálida e alérgica a coisas difíceis de evitar (grama, poeira doméstica). O pai dela logo teria um ataque do coração, e minhas lembranças a seu respeito agora se tingem do azul de uma desgraça da qual, naquele momento, ela ainda não havia sido vítima. Estava parada, pernas à

mostra, no terreno coberto de mato entre nossas casas. Sua pele já começava a reagir aos picotes de grama grudados à bola, molhada porque andava por ali um labrador acima do peso que agora, mancando, aparecia no meu campo de visão.

Clementine Stark dormia numa cama com dossel, ancorada feito uma barcaça imperial numa das pontas do tapete azul-marinho de seu quarto. Tinha uma coleção de insetos aparentemente peçonhentos pregados num quadro. Era um ano mais velha que eu, portanto mais sabida, e já tinha estado uma vez em Cracóvia, na Polônia. Por causa das alergias, Clementine era obrigada a ficar bastante dentro de casa. No muito tempo que passávamos ali, sem sair, Clementine acabou me ensinando a beijar.

Quando contava a história da minha vida ao dr. Luce, a parte que invariavelmente o interessava era essa relacionada a Clementine Stark. Luce não estava nem aí para avós marcados por um crime, ou caixas de bichos-da-seda, ou serenatas de clarinete. Em certa medida, eu o entendo. Até concordo com ele.

Clementine me convidou para ir à casa dela. Sem nem precisar comparar com Middlesex, era uma casa com um ar aflitivamente medieval, uma fortaleza de pedra cinzenta, desagradável exceto pela única extravagância — concessão à princesa — de uma torre pontuda onde tremulava uma flâmula em tom lavanda. Dentro, havia tapeçarias nas paredes, uma armadura com uma inscrição em francês na viseira e, de malha preta, a esbelta mãe de Clementine. Fazia flexões de perna.

“Essa é a Callie”, disse Clementine. “Ela veio brincar.”

Sorri. Ensaiei uma espécie de reverência. (Estava debutando na sociedade bem-educada, afinal.) Mas a mãe de Clementine não fez mais do que voltar a cabeça.

“A gente acabou de se mudar”, falei. “Moramos na casa atrás da de vocês.”

Agora ela franzira o cenho. Pensei que tinha dito alguma coisa errada — meu primeiro deslize de etiqueta em Grosse Pointe. A sra. Stark falou: “Por que vocês não sobem pra brincar?”.

Foi o que fizemos. No quarto, Clementine montou num cavalinho de balanço. Durante os três minutos seguintes, cavalgou sem dizer uma palavra. Então, abruptamente, saltou do brinquedo. “Eu tinha uma tartaruga, mas fugiu.”

“Fugiu?”

“Minha mãe disse que, se ela conseguisse sair, talvez sobrevivesse.”

“Provavelmente está morta.”

Valente, Clementine aceitou a ideia. Veio até mim e esticou o braço ao lado do meu. “Olha só, minhas sardas parecem a Ursa Maior”, anunciou. Ficamos uma ao lado da outra, diante do espelho de corpo inteiro, fazendo caretas. Os contornos dos olhos de Clementine estavam inchados. Ela bocejou. Coçou o nariz com a base da mão. E então perguntou: “Quer treinar beijos?”.

Eu não sabia o que responder. Já sabia beijar, não sabia? Tinha mais alguma coisa que aprender? Mas, enquanto essas perguntas me passavam pela cabeça, Clementine seguia adiante com a lição. Chegou mais perto e me encarou. Expressão grave, enlaçou meu pescoço com os dois braços.

Não tenho à mão os necessários efeitos especiais, mas o que gostaria que vocês imaginassem é o rosto branco de Clementine próximo ao meu, seus olhos sonolentos se fechando, seus lábios doces de algum remédio se esticando num bico e todos os demais sons do mundo silenciando — o farfalhar dos nossos vestidos, a mãe dela contando flexões de perna no andar de baixo, o avião lá fora, desenhando um ponto de exclamação no céu —, tudo isso silenciando no momento em que os lábios de oito anos de idade de Clementine, lábios da mais fina educação, encontraram os meus.

E então, em algum lugar mais para baixo, meu coração reagiu.

Não com uma pancada, exatamente. Nem com um pulo. O que fez foi mais cortar o ar com um zunido, como um sapo que saltasse de um barranco enlameado. Meu coração, esse anfíbio, movendo-se ali entre dois elementos: um, a excitação; o outro, o medo. Tentei prestar atenção. Tentei fazer a minha parte. Mas Clementine estava muito adiante de mim. Mexia com a cabeça para a frente e para trás como as atrizes nos filmes. Comecei a fazer a mesma coisa, mas ela, com o canto da boca, ralhou: "Você é o homem". Então parei. Fiquei lá, com o corpo rígido, os braços caídos. Clementine interrompeu o beijo, finalmente. Ficou me encarando, expressão vazia, por um momento, depois avaliou: "Nada mal pra primeira vez".

"Mã-ãe!", gritei ao chegar em casa, naquela noite. "Arranjei uma amiiiga!" Conteí a Tessie sobre Clementine, os tapetes antigos nas paredes, a mãe bonita que fazia exercícios, e omiti a aula de beijos. Tive consciência, desde o princípio, de que havia algo impróprio no que eu sentia por Clementine Stark, algo que não devia contar à minha mãe, mas não era capaz de articular essa intuição. Eu não associava esse sentimento a sexo. Nem sabia que sexo existia. "Posso convidar ela pra vir aqui em casa?"

"Claro", falou Tessie, aliviada porque terminava, enfim, minha solidão no novo bairro.

"Aposto que ela nunca viu uma casa que nem a nossa."

E agora estamos num dia friozinho e cinzento de outubro, uma semana depois, mais ou menos. Dos fundos de uma casa amarela, surgem duas meninas brincando de gueixa. Fizemos coques nos cabelos com os palitinhos da entrega em domicílio de comida oriental. Calçamos sandálias e trajamos xales de seda. Carregamos guarda-chuvas fingindo que são guarda-sóis. Conheço uns pedaços

da canção-tema de *Flor de lótus*, que vou cantarolando enquanto cruzamos o quintal e subimos a escada que leva à casa de banho. Passamos pela porta sem reparar numa forma escura a um canto. Ali dentro, a banheira reluz, turquesa borbulhante. Deixamos cair os robes de seda. Dois flamingos aos risinhos, a pele de um muito pálida, a do outro de um tom azeitonado-claro, experimentam ambos a temperatura da água mergulhando o dedão. “Está muito quente.” “É pra ser assim mesmo.” “Você entra primeiro.” “Não, você.” “Tá bom.” E aí: para dentro. As duas. Os aromas de sequoia e eucalipto. O cheiro do sabonete de sândalo. O cabelo de Clementine emplastrado na cabeça. Seu pé aparecendo aqui e ali, acima da linha d’água, feito barbatana de tubarão. Rimos, boiamos, desperdiçamos os sais de banho da minha mãe. Vapor sobe da superfície, tão espesso que faz desaparecerem as paredes, o teto, a forma escura a um canto. Estou observando a curvatura dos meus pés, tentando entender por que dizem que são “chatos”, quando vejo Clementine avançar, o peito abrindo caminho na água até onde estou. Seu rosto emerge do vapor. Penso que vamos nos beijar de novo, mas em vez disso ela enlaça minha cintura com as pernas. Ri histericamente, cobrindo a boca. Os olhos se arregalam e ela diz no meu ouvido: “Relaxa”. Faz sons de macaco e me empurra para cima de uma espécie de banco de areia da banheira. Deslizo no meio das pernas dela, caio por cima dela, afundamos... e então começamos a girar e a rodar na água, eu por cima, depois ela, aí eu de novo, aos risinhos, piando como pássaros. O vapor nos envolve, nos aconchega; a luz faísca na água agitada; e continuamos a girar, de modo que, a certa altura, não sei mais que mãos são as minhas, que pernas. Não estamos nos beijando. A brincadeira é bem menos séria, mais divertida, solta, mas nos agarramos, tentando não deixar que o corpo ensaboado uma da outra escape, e nossos joelhos se batem, nossas barrigas se chocam e estalam, nossos quadris

deslizam para a frente e para trás. Diversas partes macias do corpo submerso de Clementine comunicam informações cruciais ao meu, informações que guardo, mas só vou entender anos mais tarde. Quanto tempo ficamos ali, rodando? Não faço ideia. Mas chega um momento em que nos cansamos. Clementine está encalhada no banco de areia comigo por cima. Fico de joelhos para me recompor — e congelo na mesma hora, na água quente e tudo. Pois bem ali, sentado a um canto da casa de banho — está meu avô! Eu o vislumbro durante um segundo — está rindo? zangado? —, e então o vapor sobe de novo e o engole.

O espanto é grande demais para que eu consiga me mexer ou falar. Há quanto tempo ele estaria ali? O que viu? “A gente só estava dançando balé aquático”, diz Clementine, sem jeito. O vapor se dispersa outra vez. Esquerdinha não se mexeu. Está sentado ali como antes, a cabeça caída para um lado. Parece tão pálido quanto Clementine. Por um segundo tenho a ideia maluca de que está fazendo nossa brincadeira do carro, fingindo dormir ao volante, mas é quando me dou conta de que nunca mais vai brincar de nada...

E em seguida todos os interfonos da casa estão berrando. Grito para Tessie na cozinha, que grita para Milton no gabinete de leitura, que grita para Desdêmona na casa de hóspedes. “Rápido! Aconteceu alguma coisa com o *papou!*” E depois mais gritos e uma ambulância piscando suas luzes e minha mãe dizendo a Clementine que está na hora de ela ir para casa.

Mais tarde, naquela noite: holofotes sobre dois quartos da nossa nova casa de Middlesex. Sob uma das luzes, uma senhora faz o sinal da cruz e reza, enquanto, sob a outra, uma menina de sete anos também está rezando, pedindo perdão, porque para mim estava claro que era tudo minha culpa. O que eu tinha feito... o que Esquerdinha tinha visto... E prometo nunca mais fazer nada do tipo,

e peço: *Por favor, não deixa o papou morrer*, e praguejo: *Foi culpa da Clementine. Ela que me fez fazer aquilo.*

(E agora é a vez do ataque do coração do sr. Stark. Artérias entupidas com o que parece ser foie gras, um dia o coração para. O pai de Clementine desaba de cara dentro do chuveiro. Lá embaixo, no térreo, sentindo que alguma coisa está errada, a sra. Stark interrompe as flexões de perna; e três semanas depois vende a casa e se muda com a filha. Nunca mais voltei a ver Clementine...)

Esquerdinha chegou a se recuperar e voltar do hospital. Aquela, porém, foi apenas uma estação rumo à lenta, mas inevitável dissolução de sua mente. Nos três anos seguintes, o disco rígido de sua memória foi sendo lentamente apagado, começando pelas informações mais recentes e retrocedendo. De início, Esquerdinha perdeu a capacidade de lembrar de coisas próximas, como onde tinha deixado a caneta-tinteiro ou os óculos, depois começou a esquecer em que dia estávamos, em que mês e, por fim, em que ano. Nacos de sua vida iam se perdendo, de modo que, enquanto seguíamos em frente no tempo, ele voltava. Em 1969, ficou claro para nós que meu avô estava vivendo em 1968, pois, quando se falava dos assassinatos de Martin Luther King Jr. e de Robert Kennedy, ele continuava a reagir balançando a cabeça. Quando começamos a atravessar o vale dos anos 1970, Esquerdinha tinha retornado à década de 1950. Voltou a se empolgar com a conclusão do Canal de St. Lawrence e parou totalmente com as referências a mim, por eu ainda não ter nascido. Reviveu o vício do jogo e o sentimento de inutilidade depois da aposentadoria, mas logo isso passou, porque ele chegou aos anos 1940 e de novo tomava conta de seu bar & grill. Levantava toda manhã como se fosse sair para o trabalho. Desdêmona era obrigada a criar estratégias elaboradas

para apaziguá-lo, inventando que a cozinha era o Zebra Room, só que redecorado, e lamentando que os negócios estivessem indo tão mal. Às vezes convidava umas senhoras da igreja para participar do teatro, e elas vinham pedir café e deixavam o dinheiro da conta sobre o balcão.

Em sua mente, Esquerdinha estava ficando cada vez mais jovem, ao passo que continuava a envelhecer na vida real, e com frequência tentava erguer coisas muito pesadas ou enfrentar escadas que não era mais capaz de subir. Começaram as quedas. Coisas se quebravam. Nessas horas, debruçada para ajudá-lo, Desdêmona via uma luz momentânea nos olhos do marido, como se ele também estivesse fazendo um teatro, fingindo viver a vida do passado para não ter de encarar o presente. Então meu avô começava a chorar e Desdêmona se deitava ao lado dele, abraçando-o até passar a crise.

Mas não demorou muito para que Esquerdinha tivesse voltado aos anos 1930, mudando as estações de rádio para ver se conseguia ouvir os discursos de Roosevelt. Confundia o leiteiro negro com Jimmy Zizmo, e às vezes embarcava no caminhão do rapaz achando que iam juntos cuidar do contrabando de bebida. Usando a lousa, começava a conversar com o leiteiro sobre uísque contrabandeado, e ainda que, para o outro, isso pudesse fazer algum sentido, entender meu avô já estava impossível, pois foi bem nessa época que seu inglês começou a se deteriorar. Cometia erros gramaticais e de grafia, coisa que já dominava havia muito tempo, e logo passou a escrever num inglês truncado e, em seguida, nem ao menos em inglês. Referia-se por escrito a Bursa, e Desdêmona começou a se preocupar. Sabia que aquele retrocesso no tempo só poderia levar a mente do marido para um ponto: para o tempo em que não era seu marido, mas seu irmão, e ficava deitada na cama, à noite, esperando aflita esse momento chegar. De certa forma, ela também vivia agora em sentido reverso, pois sofria das palpitações da juventude. Ó,

Deus, rezava, *me faz morrer logo. Antes do Esquerdinha chegar ao bote salva-vidas.* E então, certa manhã, quando levantou, ele já estava sentado à mesa do café da manhã. Tinha penteado o cabelo à la Valentino com um pouco de vaselina que tinha encontrado no baú dos remédios. Um pano de chão fazia as vezes de cachecol em seu pescoço. E, sobre a mesa, a lousa, na qual tinha escrito em grego: "Bom dia, irmãzinha".

Durante três dias não parou de provocá-la, como costumava fazer, e puxava seu cabelo, e encenava obscenos teatrinhos de fantoches. Desdêmona escondeu a lousa, mas não adiantou. No almoço de domingo, Esquerdinha pegou a caneta-tinteiro do bolso da camisa do tio Pete e escreveu na toalha da mesa: "Diga pra minha irmã que ela está ficando gorda". Desdêmona empalideceu. Cobriu o rosto com as mãos e esperou pelo golpe que havia temido a vida toda. Mas Peter Tatakis simplesmente tomou a caneta de Esquerdinha e disse: "Parece que seu marido agora acredita que você é irmã dele". Todos riram. O que mais podiam fazer? *Ei, irmãzinha*, todo mundo passou a tarde inteira dizendo a Desdêmona, e a cada vez ela tinha um sobressalto; a cada vez achava que seu coração ia parar.

Mas esse estágio não durou muito. A mente do meu avô, presa a sua espiral rumo à sepultura, ganhou impulso na rota acelerada para a própria destruição e, três dias depois, Esquerdinha começou a balbuciar feito um bebê e, no seguinte, a sujar as calças. Nessa altura, quando não restava mais quase nada dele, Deus concedeu a Esquerdinha Stephanides mais três meses, até o inverno de 1970. No fim, ele se tornou tão fragmentário quanto os poemas de Safo que nunca chegou a restaurar, e finalmente, certa manhã, ergueu os olhos, encarou a mulher que havia sido o grande amor de sua vida e não conseguiu reconhecê-la. E foi quando um outro tipo de golpe atingiu o interior de sua cabeça; seu cérebro alagou de sangue pela

última vez, e a enxurrada levou embora os derradeiros fragmentos de seu eu.

Desde o princípio houve um estranho equilíbrio entre meu avô e eu. Quando dei meu primeiro grito, Esquerdinha ficou mudo; e, enquanto ele gradualmente ia deixando de enxergar, de sentir gostos, de escutar, de pensar e até de recordar, eu começava a ver, experimentar e lembrar tudo, mesmo o que não tivesse visto, comido ou feito. Já latente dentro de mim, como o futuro saque de quase duzentos quilômetros por hora de um prodígio do tênis, estava a capacidade de comunicação entre os gêneros, de enxergar, não com o monóculo de um dos sexos, mas com o estereoscópio de ambos. De modo que na *makaria*, depois do funeral, passei os olhos em torno da mesa no restaurante Grecian Gardens e soube o que cada um estava sentindo. Milton se via subjugado por uma tempestade de emoções que se recusava a admitir. Tinha medo de começar a chorar se falasse, então não disse nada durante a refeição, mantendo a boca tapada com pão. Tessie foi tomada de um amor desesperado por mim e Um-Sete-Um, e não parava de nos beijar e afagar nossos cabelos, pois crianças eram o único bálsamo contra a morte. Sourmelina recordava o dia em que tinha ido receber Esquerdinha na Grand Trunk e tinha dito a ele que reconheceria aquele seu nariz em qualquer lugar. Peter Tatakis lamentava o fato de que jamais teria uma viúva para ficar de luto por sua morte. O padre Mike avaliava positivamente o panegírico que tinha pronunciado naquela manhã, enquanto tia Zo desejava ter se casado com um homem como seu pai.

A única pessoa cujos sentimentos me escapavam era Desdêmona. Calada na posição de honra da viúva, à cabeceira da mesa, ela beliscava seu peixe-branco e bebia da taça de Mavrodaphne, mas

seus pensamentos eram tão obscuros para mim quanto seu rosto, coberto por um véu negro.

Na falta de qualquer clarividência quanto ao estado mental de Desdêmona, vou me limitar a contar a vocês o que aconteceu em seguida. Depois da *makaria*, meus pais, minha avó, meu irmão e eu embarcamos no Fleetwood de Milton. Com uma púrpura flâmula fúnebre tremulando na antena, saímos de Greektown e seguimos pela Jefferson. O Cadillac tinha então três anos de uso, o mais velho dos que meu pai já tinha tido. Quando passávamos em frente à antiga fábrica da Cimento Medusa, ouvi um longo assobio e achei que fosse minha *yia yia* que, sentada a meu lado, suspirava pensando em seus infortúnios. Mas então reparei que o assento tinha começado a adernar. Desdêmona afundava. Ela, que sempre tivera medo de automóveis, era engolida pelo banco traseiro.

Era a "suspensão aérea". Não deveria ser acionada com o carro a menos de cinquenta por hora. Abalado pelo luto, Milton estava só a quarenta. O mecanismo hidráulico se rompeu. O lado do passageiro emborcou e assim ficou dali em diante. (E meu pai então passou a trocar de carro todo ano.)

Capengando, se arrastando, o Cadillac nos levou de volta para casa. Minha mãe ajudou Desdêmona a sair do carro e a acompanhou à casa de hóspedes, nos fundos. O trajeto levou algum tempo. Minha avó ficava parando para descansar, apoiada na bengala. Por fim, diante da porta, anunciou: "Tessie, vou me deitar agora".

"Tudo bem, *yia yia*", disse minha mãe, "descanse."

"Vou me deitar", Desdêmona repetiu. Virou as costas e entrou. Ao lado da cama, a caixa de bichos-da-seda ainda estava aberta. Naquela manhã, tinha tirado dali a coroa de casamento de Esquerdinha, a qual separou da sua para que ele pudesse ser enterrado com o adorno. Olhou por mais um momento para a caixa

antes de fechá-la. Então se despiu. Tirou o vestido preto e o devolveu à capa cheia de naftalina. Pôs os sapatos de volta na caixa da Penney's. Depois de vestir a camisola, foi ao banheiro, enxaguou sua meia-calça e a pendurou no varão da cortina do chuveiro. E, por fim, mesmo sendo só três da tarde, deitou-se na cama.

Pelos dez anos seguintes, exceção feita ao banho que tomava às sextas, nunca mais saiu dali.

# A dieta mediterrânea

Ela não gostou de ter sido abandonada neste mundo. Não gostou de ter sido abandonada na América. Estava cansada de viver. Tinha cada vez mais dificuldade para subir escadas. Quando o marido morria, era o fim da vida de uma mulher. Alguém tinha botado mau-olhado nela.

Foram as respostas que o padre Mike nos trouxe quando já fazia três dias que Desdêmona se recusava a sair da cama. Minha mãe lhe pediu que fosse falar com ela, e ele voltou da casa de hóspedes com as sobrancelhas de Fra Angelico arqueadas de terna exasperação. “Não se preocupe, vai passar”, disse. “Vejo acontecer esse tipo de coisa com viúvas o tempo todo.”

Acreditamos nele. Mas, à medida que corriam as semanas, o que aconteceu foi que Desdêmona foi ficando ainda mais deprimida e recolhida. Antes uma madrugadora inveterada, passou a dormir até tarde. Quando minha mãe chegava com a bandeja do café da manhã, Desdêmona abria um olho e com um gesto pedia que a refeição fosse deixada ali. Os ovos esfriavam. O café virava um líquido turvo. A única coisa que a animava era sua sessão diária de novelas. Continuou a assistir àqueles maridos infiéis e esposas calculistas com a mesma devoção de sempre, mas não os recriminava mais, como se tivesse desistido de corrigir os erros do

mundo. Recostada à cabeceira da cama, a redinha de cabelo caída sobre a testa, parecendo um diadema, minha avó parecia tão prolecta e indomável como a rainha Vitória em seus dias de anciã. Uma rainha cujo reino era uma ilha que se resumia a um quarto repleto de passarinhos. Uma rainha no exílio, com apenas duas serviçais remanescentes, Tessie e eu.

“Reze pra eu morrer”, ela me aconselhava. “Reze pra *yia yia* morrer e ir pra junto do *papou*.”

... Mas, antes de prosseguir com a história de Desdêmona, quero atualizá-los sobre meus progressos com Julie Kikuchi. Com relação ao principal: não houve progressos. No nosso último dia na Pomerânia, Julie e eu ficamos bastante íntimos. A Pomerânia pertenceu à Alemanha Oriental. Os casarões à beira-mar de Herringsdorf tinham sido deixados em paz para desmanchar durante cinquenta anos. Agora, depois da reunificação, está havendo uma febre imobiliária. Americanos que somos, Julie e eu não podíamos não estar atentos a isso. Andando de mãos dadas no amplo passeio de tábuas, especulamos como seria comprar um daqueles velhos casarões caindo aos pedaços e reformá-lo. “Acho que a gente se acostumaria com os nudistas”, disse Julie. “E a gente podia comprar um lulu-da-pomerânia”, falei. Não sei o que deu em nós dois. Aquele “a gente”. Pródigos em usá-lo, tomávamos levemente suas implicações. Artistas têm boa intuição para comprar imóveis. E Herringsdorf enchia Julie de energia. Perguntamos aqui e ali sobre os condomínios, uma novidade na região. Visitamos duas ou três mansões. Em tudo parecíamos um casal de noivos. Sob a influência daquele velho e aristocrático retiro de verão do século XIX, também nós nos comportávamos à moda antiga. Discutíamos montar uma casa sem nem termos dormido juntos. Mas, claro, em nenhum

momento falamos sobre amor ou casamento. Só sobre quanto dar de entrada.

Mas, no caminho de volta para Berlim, sobreveio a mim um medo familiar. Motor roncando estrada afora, comecei a olhar para o futuro. Pensei no próximo passo e no que seria exigido de mim. Os preparativos, as explicações, a possibilidade bastante real de uma reação de choque, horror, recuo, recusa. O de sempre.

“Que foi?”, perguntou Julie.

“Nada.”

“Você parece quieto.”

“Só cansado.”

Em Berlim, deixei-a em casa. O abraço de despedida foi frio, peremptório. Não liguei mais desde então. Ela deixou uma mensagem na minha secretária eletrônica. Não retornei. E agora ela também parou de me ligar. De modo que está tudo terminado com Julie. Terminado antes de começar. E, em vez de compartilhar um futuro com alguém, eis-me de volta ao passado, a Desdêmona, que preferia não ter futuro nenhum...

Eu levava o jantar, às vezes o almoço. Carregando bandejas, cruzava o pórtico de postes marrons de ferro. Em cima ficava o terraço para banhos de sol que não tomávamos, o deque em madeira de sequoia apodrecendo. À minha direita, a casa de banho, lisa e drenada. Na casa de hóspedes, o mesmo traçado limpo e retilíneo da construção principal. A arquitetura de Middlesex era uma tentativa de redescobrir origens puras. Na época, eu não sabia de nada disso. Mas, quando empurrava a porta para entrar na casa de hóspedes, o interior iluminado pela claraboia, percebia os contrastes. O cômodo em forma de caixote, destituído de quaisquer adornos típicos, um cômodo que pretendia ser atemporal e sem história, e

ali, no meio dele, minha avó, profundamente histórica, desgastada pelo tempo. Tudo, em Middlesex, denotava esquecimento, ao passo que tudo em Desdêmona tornava evidente o inescapável da memória. Recostada em sua pilha de travesseiros, exalava vapores de infortúnio, mas com delicadeza. Essa foi uma marca da minha avó e das senhoras gregas da geração dela: a delicadeza no desespero. E como resmungavam enquanto nos davam doces! E como se queixavam de seus sofrimentos físicos enquanto davam tapinhas no joelho da gente! Minhas visitas sempre animavam Desdêmona. "Olá, *mou* bonequinha", ela dizia, sorrindo. Eu me sentava na cama e ela aflagava meu cabelo, murmurando palavras afetuosas em grego. Com meu irmão, Desdêmona punha uma cara contente o tempo todo. Mas comigo, depois de dez minutos, seus olhos vivazes perdiam o brilho, e ela então me dizia o que estava sentindo de verdade. "Já estou muito velha. Velha demais, querida."

A hipocondria da vida inteira agora encontrava o melhor terreno possível para florescer. Nos primeiros tempos de sua autocondenação ao limbo de mogno de sua cama com dossel, Desdêmona só se queixava das palpitações de sempre. Mas, uma semana depois, começou a sofrer de fadiga, tontura e problemas de circulação. "Tenho nas pernas é dor. O sangue não anda."

"Ela está bem", disse o dr. Philobosian aos meus pais, após um exame de meia hora. "Não é mais uma moça, mas não vejo nada de muito sério."

"Respirar não dá!", Desdêmona discutia com ele.

"Seus pulmões parecem bons."

"Minha perna tem agulha, parece."

"Tente esfregar um pouco. Pra estimular a circulação."

"Ele já está muito velho", falou Desdêmona depois que o dr. Phil tinha ido embora. "Me tragam um médico que não esteja morto."

Meus pais concordaram. Violando nossa lealdade familiar ao dr. Phil, chamaram outros médicos pelas costas do velho amigo. Um tal dr. Tutlesworth. Dr. Katz, outro. E ainda um com o nome infeliz de dr. Cold. Todos se saíram com o mesmo terrível diagnóstico de que não havia nada errado com minha avó. Olharam dentro das ameixas enrugadas de seus olhos; perscrutaram os damascos secos de seus ouvidos; escutaram a indestrutível bomba de seu coração, e anunciaram que sua saúde ia bem.

Usamos de truques para tentar convencê-la a sair da cama. Convidamos Desdêmona para assistir *Never on Sunday* na tevê grande. Ligamos para tia Lina, no Novo México, e conectamos o receptor ao interfone. "Escuta, Des, por que você não vem me visitar aqui? Faz tanto calor que você vai achar que voltou pro *horeo*."

"Escuto você não, Lina!", gritou Desdêmona, apesar dos problemas de pulmão. "Funciona bem não essa máquina!"

Por fim, apelando ao temor a Deus de Desdêmona, Tessie disse a ela que era pecado perder a missa se a pessoa estava em condições físicas de ir. Mas Desdêmona alisou o colchão. "A próxima vez que eu entrar na igreja vai ser num caixão."

Passou aos preparativos finais. Da cama, dava instruções para minha mãe na limpeza dos guarda-roupas. "As roupas do *papou*, você pode dar pra caridade. Meus vestidos bons também. Agora só preciso de alguma coisa pra vestir quando for enterrada." Pela necessidade de cuidar do marido nos últimos anos de vida dele, minha avó tinha se tornado um dínamo. Ainda alguns meses antes, descascava e cozinhava longamente a comida molinha dele, trocava as fraldas, lavava as roupas de cama e o pijama, dispensava ao corpo do marido os cuidados de toalhas e cotonetes umedecidos. Mas agora, aos setenta anos, a tensão de não ter mais ninguém para cuidar além de si mesma fez com que ela envelhecesse da

noite para o dia. O cabelo, antes grisalho aqui e ali, ficou completamente branco e sua figura robusta começou a definhando lentamente, de modo que ela parecia murchar dia a dia. Empalidecia. Veias começaram a aparecer. Minúsculas manchas de sol vermelhas surgiram em seu peito. Parou de olhar o próprio rosto no espelho. Por causa da dentadura ruim, fazia anos que Desdêmona não tinha lábios. Mas parou de passar batom até no lugar onde eles estavam antes.

“Miltinho”, perguntou certo dia ao meu pai, “você comprou pra mim o lugar do lado do *papou*?”

“Não se preocupe, mã. É um lote duplo.”

“Ninguém vai pegar não, né?”

“Tem seu nome nele, mã.”

“Tem *não* meu nome, Miltinho! É por isso que fico preocupada. Tem o nome do *papou* de um lado. E do outro só grama. Quero que você coloque placa lá: aqui é da *yia yia*. Pode que outra mulher morre e tenta pegar o lugar do lado do meu marido.”

Mas os preparativos para o funeral não paravam por aí. Desdêmona escolheu não só o lote em que queria ser enterrada, mas também o agente funerário. Georgie Papis, o irmão de Sophie Sassoon que trabalhava na Funerária T. J. Thomas, apareceu em Middlesex em abril (quando um quadro de pneumonia parecia promissor). Levou seu mostruário com modelos de caixões, urnas crematórias e arranjos de flores à casa de hóspedes e, sentado à cabeceira da cama de Desdêmona, esperou que ela passeasse pelas fotografias com o entusiasmo de alguém dando uma olhada em catálogos de turismo. Ela quis saber de Milton até quanto podiam pagar.

“Não quero falar sobre isso, mã. A senhora não está morrendo.”

“Não estou pedindo o Imperial. O Georgie falou que esse é o mais requintado. Mas pra *yia yia* o Presidencial já está bom.”

“Quando chegar a hora, a senhora pode escolher o que quiser. Mas...”

“Com forro de cetim. Por favor. É um travesseiro. Este aqui. Página 8. Número 5. Presta atenção! E diz pro Georgie não tirar meus óculos.”

Para Desdêmona, a morte era apenas outra forma de emigrar. Em vez de navegar da Turquia para a América, dessa vez ela viajaria deste mundo para o céu, onde Esquerdinha, com cidadania já garantida, guardava um lugar para ela.

Aos poucos nos acostumamos com a ausência de Desdêmona do círculo familiar. A essa altura, a primavera de 1971, Milton andava ocupado com uma nova “empreitada”. Depois do desastre na Pingree Street, jurou que nunca mais cometeria o mesmo erro. Como escapar do imperativo de encontrar o imóvel com a melhor localização? Simples: estando em todos os lugares ao mesmo tempo.

“Quiosques de hot dog”, anunciou meu pai certa noite, durante o jantar. “A gente começa com três ou quatro e vai aumentando.”

Com o que tinha sobrado do dinheiro do seguro, Milton alugou espaços em três centros comerciais na região metropolitana de Detroit. Apareceu com o projeto dos quiosques esboçado num bloco de papel amarelo. “O McDonald’s tem seus Arcos Dourados?”, disse. “Pois nós temos nossas Colunas de Hércules.”

Se vocês percorreram, a qualquer momento entre 1971 e 1978, alguma das rodovias de qualquer parte entre Michigan e Flórida, talvez tenham visto as colunas brancas e luminosas que ornavam os quiosques de hot dog da cadeia criada pelo meu pai. Aqueles pilares combinavam sua herança grega com a arquitetura colonial de sua amada terra natal. As colunas de Milton eram o Partenon e o prédio da Suprema Corte; eram o Hércules do mito e, ao mesmo tempo, o

Hércules dos filmes de Hollywood. E ainda chamavam a atenção das pessoas.

Milton inaugurou os três primeiros Hércules Hot Dog<sup>TM</sup>, mas rapidamente, com os lucros, abriu franquias. Começou em Michigan, mas logo se expandiu para Ohio e, dali, pela Interestadual, até o Sul profundo. O formato estava mais para Dairy Queen do que para McDonald's. Lugares para sentar eram poucos, quando não inexistentes (no máximo uma ou outra mesa de piquenique). Sem playgrounds, sorteios, "Lanche Feliz", brindes ou promoções. O que a cadeia oferecia eram hot dogs no estilo Coney Island, como se dizia em Detroit, o que significava que eram servidos com molho de pimenta e cebola. A Hércules Hot Dogs era formada por estabelecimentos de beira de estrada, em geral, não nas melhores estradas. Ao lado de boliches e estações de trem, em cidadezinhas no caminho de cidades maiores, em qualquer lugar onde houvesse imóveis baratos e muitos carros ou pessoas de passagem.

Eu não gostava dos quiosques. Para mim, representavam um grande declínio em relação aos tempos românticos do Zebra Room. Onde tinham ido parar as bugigangas decorativas, o jukebox, o reluzente balcão de tortas, as mesas naquele tom marcante de castanho-avermelhado? Onde estavam os clientes fiéis? Não conseguia entender como aqueles quiosques de hot dog davam muito mais dinheiro do que o restaurante tinha dado em qualquer época. Mas o fato é que davam dinheiro. Depois do empurrão inicial do primeiro ano, a cadeia de quiosques de hot dog do meu pai o transformou num homem confortavelmente rico. Além do fator boa localização, havia outro elemento para o sucesso da cadeia. Um chamariz, ou aquilo que, no jargão de hoje, se chama *branding*. As salsichas da Ball Park inflavam ao serem cozidas, mas as da Hércules Hot Dogs faziam coisa melhor. Saíam dos pacotes parecendo salsichas normais, rosadas como tetas, mas uma incrível

transformação acontecia quando eram aquecidas. Chiando na grelha, avolumavam-se no meio, ficavam mais gordas e, sim, ganhavam formas.

Foi contribuição de Um-Sete-Um. Certa noite, meu irmão, então com dezessete anos, desceu à cozinha a fim de preparar um lanchinho da madrugada. Encontrou algumas salsichas no congelador. Como não queria pôr água para ferver, apanhou uma frigideira. Em seguida, resolveu cortar as salsichas ao meio. “Queria aumentar a área de contato”, ele me explicou mais tarde. Em vez de fazer um corte longitudinal, Um-Sete-Um, divertindo-se, tentou várias combinações. Fez entalhes aqui e incisões acolá, e então colocou todas as salsichas na frigideira e viu o que acontecia.

Não muita coisa, naquela primeira noite. Mas alguns dos cortes feitos pelo meu irmão resultaram em formas engraçadas. A partir daí, aquilo se tornou uma espécie de brincadeira para ele, que foi se tornando adepto da manipulação de formas na preparação de hot dogs e, por diversão, desenvolveu toda uma linha de salsichas-piada. Havia a que ficava de pé, parecendo a Torre de Pisa. Em homenagem ao pouso na lua, havia a *Apollo 11*, cuja pele ia pouco a pouco se esticando até arrebentar, e a salsicha como que sofria a explosão da decolagem de um foguete. Um-Sete-Um criou salsichas que dançavam ao som da interpretação de Sammy Davis para “Bojangles”, e outras que formavam as letras L e S, embora nunca tenha conseguido fazer um Z decente. (Para os amigos, transformava as salsichas em outras coisas. Tarde da noite, risadas explodiam na cozinha. Dava para ouvir Um-Sete-Um: “Essa aqui eu chamo de Garganta Profunda”, e os outros rapazes gritando: “Nem a pau, Stephanides!”. E, já que estamos falando do assunto, será que só eu me chocava com aqueles antigos comerciais da Ball Park nos quais havia sequências das salsichas vermelhas da marca inchando e crescendo? Por onde andavam os censores? Ninguém notava a cara

das mãos quando esses comerciais eram exibidos, ou, logo em seguida, o jeito como elas quase sempre passavam a discutir que tipo de “pão” preferiam? Eu notava, certamente, porque na época era uma menina, e os tais comerciais eram feitos para chamar minha atenção.)

Quem comia uma vez um hot dog Hércules jamais esquecia. Muito rapidamente o nome se tornou bastante conhecido. Uma grande empresa especializada em alimentos processados quis comprar para suas lojas os direitos de venda das salsichas, mas Milton, achando equivocadamente que popularidade é algo que dura para sempre, recusou a oferta.

Afora ter inventado as salsichas herculanas, meu irmão mostrava pouco interesse pelos negócios da família. “Sou um inventor”, ele dizia. “Não um vendedor de hot dog.” Em Grosse Pointe, entrou para uma turma de rapazes cuja característica principal era não serem populares. Um sábado à noite trepidante, para eles, consistia em passar horas e mais horas no quarto do meu irmão, apreciando gravuras de Escher. Ficavam seguindo aquelas figuras subindo escadas que, ao mesmo tempo, levavam para baixo, ou observando gansos se transformarem em peixes, depois em gansos novamente. Comiam bolachas recheadas com manteiga de amendoim, acumulando substância pastosa nos dentes enquanto testavam uns aos outros com pegadinhas sobre a tabela periódica. Steve Munger, o melhor amigo de Um-Sete-Um, costumava enfurecer meu pai com discussões filosóficas. (“Mas como é que o senhor pode *provar* que existe, sr. Stephanides?”) Sempre que íamos buscar meu irmão na escola, eu o enxergava pelos olhos de um estranho. Um-Sete-Um era um geek, um nerd. O corpo era o caule que sustentava a tulipa do cérebro. Muitas vezes caminhava até o carro com a cabeça caída para trás, alerta aos fenômenos que ocorriam nas árvores. Não ligava para estilo ou moda. Tessie continuava a comprar suas

roupas. Como era meu irmão mais velho, eu o admirava; mas, sendo sua irmã, me sentia superior. Ao conceder nossos respectivos dons, Deus tinha me dado os mais importantes. Aptidão matemática: para Um-Sete-Um. Aptidão verbal: para mim. Habilidade para consertar coisas: para Um-Sete-Um. Imaginação: para mim. Talento musical: para Um-Sete-Um. Beleza: para mim.

Minha beleza quando bebê só aumentou à medida que eu crescia e virava uma menina. Não surpreende que Clementine Stark quisesse treinar beijos comigo. Todo mundo queria. Garçonetes idosas se debruçavam para anotar meu pedido. Meninos vinham à minha carteira, rostos corados, gaguejando: “V-vo-você derrubou sua borracha”. Até mesmo Tessie, quando ficava braba, olhava para mim — para os meus olhos de Cleópatra — e acabava esquecendo o motivo da bronca. E, nas reuniões de domingo, não havia uma certa agitação no ar quando eu chegava trazendo as bebidas? Tio Pete, Jimmy Fioretos, Gus Panos, homens com seus cinquenta, sessenta, setenta anos de idade, atrás de suas barrigas volumosas, não tinham pensamentos que se recusavam a admitir? Em Bithynios, onde bastava um solteiro ainda respirar para ser considerado apto ao casamento, homens daquela idade tinham pedido com sucesso a mão de garotas como eu. Estariam aqueles senhores, esparramados em nossas namoradeiras da sala, lembrando dessa época? Estariam eles pensando: se aqui não fosse a América, bem que eu poderia...? Não sei dizer. Em retrospecto, só o que me lembro é que o mundo, algum dia, já pareceu ter mil olhos, olhos que se arregalavam discretamente aonde quer que eu fosse. Na maior parte das vezes, eram olhos camuflados como os de lagartos verdes no verde de alguma árvore. Mas então se abriam de repente — no ônibus, na farmácia — e eu sentia a intensidade daqueles olhares, o desejo e a sofreguidão.

Durante horas, também eu admirava minha própria beleza diante do espelho, virando para um lado e outro, ou assumindo uma postura relaxada para ver que aparência eu tinha na vida real. Podia, com um espelho de mão, observar meu perfil, de linhas ainda harmoniosas àquela altura. Escovava o cabelo comprido e, às vezes, roubava a máscara da minha mãe para fazer os olhos. Mas, cada vez mais, meu prazer narcísico era atenuado pelo aspecto desagradável do lago sobre o qual eu me debruçava.

“Ele está estourando as espinhas de novo!”, eu reclamava para minha mãe.

“Não seja tão fresca, Callie! Só ficou um pouquinho de... pronto, vou limpar aqui.”

“Nojento!”

“Espera só que você também vai ter as suas!”, berrava do corredor Um-Sete-Um, envergonhado e furioso.

“Não vou, não.”

“Vai, sim! Na puberdade, as glândulas sebáceas de todo mundo produzem mais que o normal.”

“Chega, vocês dois”, dizia Tessie, mas nem precisava. Eu já tinha me calado por conta própria. Era aquela palavra: *puberdade*. Fonte de grande ansiedade e muita especulação da minha parte naquele tempo. Uma palavra que ficava à espreita, surgindo de supetão aqui e ali para me assustar por eu não saber exatamente o que ela significava. Mas agora de uma coisa, pelo menos, eu sabia: de um certo envolvimento de Um-Sete-Um naquela história. Talvez isso explicasse não apenas as espinhas, mas também outra coisa que vinha reparando no meu irmão.

Não muito depois de Desdêmona ter se recolhido à cama, comecei a notar, daquele jeito meio distraído, meio furtivo de uma irmã com um irmão, um novo e solitário passatempo de Um-Sete-Um. Tratava-se de perceptível atividade atrás da porta trancada do banheiro. Que

punha uma nota de tensão na resposta: “Só um minuto”, quando eu batia. Só que, na minha idade, eu ainda era ignorante das necessidades prementes de meninos adolescentes.

Mas me permitam retroceder por alguns instantes. Três anos antes, quando Um-Sete-Um tinha catorze e eu, oito, meu irmão tinha me pregado uma peça. Aconteceu numa noite em que meus pais tinham saído para jantar. Chovia e trovejava. Eu estava assistindo tevê quando, de repente, Um-Sete-Um apareceu. Trazia uma torta de limão. “Olha só o que eu tenho aqui!”, cantarolou.

Magnânimo, cortou para mim uma fatia. Ficou me vendo comer. Então disse: “Vou contar tudo! Essa torta era pra domingo”.

“Não é justo!”

Corri atrás dele. Tentei dar uns socos, mas meu irmão segurou meus braços. Lutamos um pouco de pé, até que Um-Sete-Um sugeriu um trato.

Como eu disse: naquela época, o mundo estava o tempo todo de olhos grandes sobre mim. E ali estavam mais dois. Pertenciam ao meu irmão, que, no banheiro das visitas, em meio a finas toalhas de rosto, ficou me observando baixar a calcinha e levantar a saia. (Se eu mostrasse, ele não ia mais contar.) Fascinado, manteve-se à distância. O pomo de adão em seu pescoço subia e descia. Ele parecia espantado e assustado. Não tinha muito com o que me comparar, mas o que viu também não deixava dúvidas: dobras rosadas, uma fenda. Durante dez segundos, Um-Sete-Um examinou meus documentos sem detectar nenhuma fraude, enquanto as nuvens faziam estrondo sobre nossas cabeças, e eu o obriguei a me dar mais um pedaço da torta.

Aparentemente, a curiosidade de Um-Sete-Um não tinha sido satisfeita com aquela passada de olhos na irmã de oito anos. Agora, eu desconfiava, ele andava vendo fotos da coisa de verdade.

Em 1971, todos os homens da nossa vida estavam ausentes: Esquerdinha morto, Milton na Hércules Hot Dogs e Um-Sete-Um na solitária do banheiro. Sobrava para mim e Tessie cuidar de Desdêmona.

Tínhamos de cortar as unhas dos pés dela. Matar as moscas que invadiam seu quarto. Trocar as gaiolas dos passarinhos de lugar conforme a luz. Ligar a televisão para as novelas do dia e desligar antes que entrassem os assassinatos do noticiário noturno. Desdêmona não queria perder a dignidade, porém. Se havia um chamado da natureza, ela nos chamava também, pelo interfone, para que a ajudássemos a sair da cama e ir ao banheiro.

O jeito mais fácil de contar isso é assim: passaram-se os anos. As estações se sucediam do lado de fora das janelas, caía o milhão de folhas dos chorões, a neve se acumulava no telhado plano e o sol baixava em ângulos cada vez mais inclinados, e Desdêmona permanecia na cama. E ainda estava ali quando a neve derretia e os chorões voltavam a se cobrir de folhas. E ali estava quando o sol, subindo mais alto, lançou pela claraboia um raio que parecia a escada para o céu que minha avó estava mais do que ansiosa para subir.

O que aconteceu enquanto Desdêmona ficou na cama:

A companheira da tia Lina, a sra. Watson, morreu, e, com o mau discernimento que sempre vem junto com o luto, Sourmelina resolveu vender a casa de adobe onde viviam e voltar para o norte, a fim de estar perto da família. Chegou a Detroit em fevereiro de 1972. O inverno parecia mais frio do que jamais havia sido na sua lembrança. Pior: estava mudada, depois do tempo que passara no Sudoeste. De certo modo, Sourmelina tinha se tornado, ao longo da vida, uma americana. Quase nada do vilarejo restara nela. Sua prima autossepultada, por outro lado, nunca tinha saído do vilarejo. Ambas estavam na faixa dos setenta anos, mas Desdêmona era uma

velha viúva de cabelos brancos esperando a morte, enquanto Lina, um tipo totalmente diferente de viúva, cabelo tingido de ruivo, saía de brim com cinto e fivela turquesa, vivia ao volante de um Firebird. Depois de uma vida na contracultura sexual, Lina achava a heterossexualidade dos meus pais tão graciosamente antiquada quanto um bordado. A acne de Um-Sete-Um a alarmou. Não gostou de ter que dividir o chuveiro com ele. Enquanto Sourmelina esteve hospedada conosco, a atmosfera em casa ficou tensa. Parecia tão extravagante e fora de lugar, na nossa sala de estar, quanto uma dançarina de Las Vegas aposentada; e, como a vigiávamos bem de perto, com o rabo do olho, tudo que ela fazia tinha muito estardalhaço, bebia vinho além da conta no jantar, a fumaça de seus cigarros impregnava tudo.

Ficamos conhecendo nossos novos vizinhos. Havia os Pickett: Nelson, que tinha jogado futebol americano no time da Georgia Tech e agora trabalhava na Parke-Davis, a companhia farmacêutica, e sua esposa, Bonnie, que sempre lia as histórias milagrosas do *Guideposts*. Do outro lado da rua, moravam Stew “Olhos Brilhantes” Fiddler, um vendedor de peças para a indústria com uma queda por uísque e garçonetes de bar, e a mulher, Mizzi, cujo cabelo mudava de cor feito um anel do humor. No final da rua, ficavam Sam e Hettie Grossinger, os primeiros judeus ortodoxos que conhecemos na vida, e sua filha única, a tímida Maxine, um prodígio do violino. Sam, porém, era divertido e Hettie, espalhafatosa, e falavam de dinheiro sem achar que isso pudesse ser indelicado, de modo que nos sentíamos à vontade com eles. Milt e Tessie frequentemente convidavam os Grossinger para jantar, embora as restrições alimentares da família sempre nos desconcertassem. Minha mãe pegava o carro e atravessava a cidade para comprar carne kosher, por exemplo, que acabava servindo com molho branco. Ou então abandonava a carne e o molho em favor de umas tortas de

caranguejo. Embora fiéis à sua religião, os Grossinger eram judeus do Meio-Oeste, moderados e assimilacionistas. Escondiam-se atrás de seu muro de ciprestes e, no Natal, usavam um Papai Noel como decoração, junto com as luzinhas.

Em 1971: o juiz Stephen J. Roth, da Corte Distrital dos Estados Unidos, decidiu que havia segregação *de jure* no sistema educacional de Detroit. Ordenou que as escolas fossem imediatamente dessegregadas. Só havia um problema. Em 1971, a população estudantil de Detroit era oitenta por cento negra. “Esse juiz pode pegar as crianças brancas, encher quantos ônibus escolares quiser e levar pra longe”, gralhou Milton, lendo sobre a sentença no jornal. “Não faz diferença nenhuma, agora. Tá vendo, Tessie? Entendeu por que seu bom e velho marido não queria as crianças naquelas escolas de Detroit? Porque senão, a essa altura, esse maldito Roth ia mandar transferir pro centro de Nairóbi, por isso.”

Em 1972: S. Myamoto, um metro e sessenta e cinco de altura, reprovado na seleção para a polícia de Detroit por não ter o exigido um metro e setenta (tentou saltos plataforma e tudo mais), foi ao *Tonight Show* fazer um apelo. Cheguei a escrever uma carta ao comissário de polícia em apoio ao rapaz, mas não recebi resposta, e Myamoto acabou rejeitado. Alguns meses depois, o comissário Nichols caiu de seu cavalo durante uma parada. “Taí, mereceu!”, falei.

Em 1972: H. D. Jackson e L. D. Moore, que tinham levado à justiça uma acusação de violência policial, exigindo quatro milhões de dólares, sequestraram um avião da Southern Airways que ia para Cuba, indignados com a indenização por danos que receberam: vinte e cinco dólares.

Em 1972: o prefeito Roman Gribbs garantia que Detroit tinha dado a volta por cima. O trauma dos distúrbios de rua de 1967 estava

superado. Portanto, ele não pretendia concorrer a mais um mandato. Um novo candidato apareceu, o homem que viria a se tornar o primeiro prefeito afro-americano da cidade, Coleman A. Young.

E eu completei doze anos.

Alguns meses antes, no primeiro dia de aula da sexta série, Carol Horning entrou na sala com um sorriso discreto, mas inconfundivelmente autossatisfeito. Abaixo do sorriso, expostos como se numa estante de troféus, os dois novos seios que tinha adquirido durante o verão. E ela não era a única. Nos meses de férias, uma porção das minhas colegas de escola tinha — como os adultos gostavam de dizer — “desabrochado”.

Não que isso me pegasse totalmente de surpresa. No verão anterior, eu havia passado um mês no Acampamento Ponshewaing, perto de Port Huron. Sob o ritmo lento daqueles dias, estava consciente, como se escutasse a marcação constante de um tambor para além de um lago, de que alguma coisa se desenvolvia nos corpos das minhas colegas de acampamento. As meninas começavam a ficar recatadas. Viravam de costas para se trocar. Algumas tinham mandado bordar os sobrenomes não apenas em calções e meias, mas nos primeiros sutiãs também. Era, na maior parte do tempo, uma questão pessoal que ninguém comentava. Mas aconteciam, aqui e ali, manifestações mais dramáticas. Certa tarde, na hora do lago, a porta de metal do vestiário abriu e fechou com alarde. O barulho ricocheteou nos troncos dos pinheiros, cruzando a mirrada faixa de areia até a água onde, boiando numa câmara de ar, eu lia *Love Story*. (A hora do lago era o único momento em que conseguia ler um pouco e, embora os instrutores do acampamento tentassem me incentivar a praticar meu nado livre, todos os dias eu

persistia na leitura do mais recente best-seller descoberto na cabeceira da minha mãe.) E tirei os olhos do livro. Por uma trilha de poeira marrom em meio a um paliteiro de pinheiros, Jenny Simonson desfilava um maiô vermelho, branco e azul. A natureza inteira se aquietou com aquela visão. Pássaros ficaram em silêncio. Os cisnes do lago desenrolaram pescoços imensos para dar uma olhada. Até uma motosserra, à distância, parou de funcionar. Admirei a magnificência de Jenny S. A luz dourada de fim de tarde ganhava intensidade em torno dela. Seu maiô patriótico, como o de nenhuma outra de nós, tinha recheio nos lugares certos. Músculos se flexionavam nas coxas longas. Ela correu até a ponta do trapiche e mergulhou na água, e ao seu encontro nadaram magotes de náiades (suas amigas de Cedar Rapids).

Baixei o livro e olhei para o meu corpo. Ali estava ele, como sempre: o peito liso, nada de quadris, as pernas finas com picadas de mosquito. A água do lago e o sol faziam minha pele descascar. Os dedos começavam a ficar enrugados.

Graças à decrepitude do dr. Phil e ao recato de Tessie, cheguei à puberdade sem saber muito o que esperar. O dr. Philobosian ainda tinha o consultório próximo ao Hospital de Mulheres, embora o próprio hospital, àquela altura, já tivesse fechado as portas. A rotina de atendimentos do médico tinha mudado consideravelmente. Sobravam alguns pacientes idosos que, tendo sobrevivido até ali sob seus cuidados, temiam mudar de médico. O resto eram famílias atendidas pelo sistema público de saúde. A enfermeira Rosalee era quem administrava o consultório. Ela e o dr. Phil se casaram um ano depois de terem se conhecido durante meu parto. Agora ela organizava a agenda e aplicava as injeções. A infância nos Apalaches a familiarizara com a assistência governamental, e Rosalee era uma expert nos formulários do Medicaid.

Já na casa dos oitenta, o dr. Phil tinha começado a pintar. As paredes do seu consultório estavam cobertas, como uma galeria de arte, de óleos espessos e convolutos. Usava mais a espátula que o pincel. E o que pintava? Esmirna? O ancoradouro de manhãzinha? O terrível incêndio? Não. Como muitos amadores, o dr. Phil achava que o único tema apropriado para a arte eram paisagens pitorescas que nada tinham a ver com sua experiência. Retratava vistas marinhas que nunca vira e cabanas na floresta que jamais visitara, arrematadas por uma figura de cachimbo descansando numa tora. O dr. Philobosian nunca falava de Esmirna e saía de perto quando alguém tocava no assunto. Jamais mencionava a primeira esposa ou os filhos e filhas assassinados. Talvez por isso conseguisse sobreviver.

O dr. Phil já era quase um fóssil, porém. No meu exame anual de 1972, usou métodos diagnósticos populares nas faculdades de medicina em 1910. Houve o truque de fingir que me daria um tapa na cara para testar meus reflexos. Houve uma auscultação realizada com o auxílio de uma taça de vinho. Quando o médico se curvou sobre mim para ouvir o coração, fui contemplado com uma vista aérea da Galápagos de pequenas feridas a cobrir-lhe a careca. (O arquipélago mudava de lugar a cada ano, um continente à deriva pelo globo de seu crânio, sem nunca sarar.) O dr. Philobosian cheirava, feito um sofá velho, a loção de cabelo e respingos de sopa, a cochilos fora de hora. O diploma médico parecia gravado em pergaminho. Não me surpreenderia se, para curar uma febre, ele prescrevesse sanguessugas. Era correto comigo, nunca simpático, e a maior parte do tempo se dirigia a Tessie, sentada numa cadeira a um canto. Que lembranças, me pergunto, o dr. Phil evitava ao não olhar para mim? Será que os fantasmas de moças levantinas, trazidos à baila pela fragilidade da minha clavícula, ou pelo chiado dos meus pulmões pequenos e congestionados, assombravam

aqueles exames rotineiros? Estaria ele tentando não pensar em palácios de águas e penhoares abertos, ou apenas cansado, velho, meio cego, sendo orgulhoso demais para admitir isso?

Fosse qual fosse a resposta, ano após ano, Tessie me levava lealmente até ele, em retribuição a um ato de caridade durante uma catástrofe que o dr. Phil se recusava a lembrar. Na sala de espera, eu encontrava a mesma revista *Highlights* desbeijada de todas as visitas. “Você é capaz de encontrá-los?”, perguntava o jogo numa das páginas. E ali, nos galhos espriados da castanheira, estavam a faca, o cachorro, o peixe, a velhinha, o candelabro — todos circulados com meu próprio traço, a mão trêmula de dor de ouvido, muitos anos antes.

Minha mãe também evitava assuntos do corpo. Nunca conversava abertamente sobre sexo. Nunca tirava a roupa na minha frente. Não gostava de piadas sujas e nudez em filmes. De sua parte, Milton era incapaz de discutir passarinhos e pererecas com a filha pequena, de modo que a alternativa, naqueles anos, foi descobrir tudo por conta própria.

Sabia, pelas pistas que tia Zo deixava escapar em conversas na cozinha, que de quando em quando alguma coisa acontecia com as mulheres, e que elas não gostavam dessa coisa, com a qual os homens não tinham de se preocupar (igual a todo o resto). Fosse o que fosse, parecia algo de que eu estava a uma distância segura, como do casamento ou de dar à luz. E então, um dia, no Acampamento Ponshevaing, Rebecca Urbanus trepou numa cadeira. Rebecca era da Carolina do Sul. Era descendente de donos de escravos e tinha estudado canto. Nos bailinhos com os meninos do acampamento vizinho, abanava a mão diante do rosto como se usasse um leque. Por que tinha subido naquela cadeira? Estávamos promovendo um concurso de talentos. Rebecca Urbanus talvez fosse cantar ou recitar um poema de Walter de la Mare. O sol ainda ia alto

e seu calção era branco. Foi quando, de repente, enquanto ela cantava (ou recitava), os fundilhos do calção branco ficaram manchados. De início, pareceu que era apenas uma sombra das árvores em torno. A mão abanando de alguma das meninas. Mas não: nossa turma de meninas de doze anos, todas ali sentadas usando a camiseta do acampamento e uma faixa indígena na cabeça, viu o que Rebecca não via. Enquanto a metade de cima de seu corpo se exibia, a de baixo roubava-lhe a cena. A mancha foi crescendo, e era vermelha. Os instrutores não sabiam bem como reagir. Rebecca cantava, os braços abertos. Remexia-se na cadeira diante da plateia reunida em arena: nós que, perplexas e horrorizadas, só olhávamos. Algumas meninas mais "adiantadas" entenderam. Outras, como eu, pensaram: esfaqueada, ataque de urso. Nesse momento, Rebecca Urbanus percebeu nossos olhares. Olhou também e viu. E soltou um grito. E saiu de cena correndo.

Na volta do acampamento, minha pele estava bronzeada e eu tinha perdido peso, mas levei condecoração numa modalidade apenas (na brincadeira de achados e perdidos, ironicamente). Aquela outra medalha, a que Carol Horning exibia tão orgulhosa no primeiro dia de aula, eu ainda não tinha. Meus sentimentos eram ambíguos em relação a isso. Por um lado, se o infortúnio de Rebecca Urbanus servia como parâmetro de alguma coisa, era melhor continuar como estava. E se algo daquele tipo acontecesse comigo? Fui ao guarda-roupa e joguei fora todas as peças brancas. Parei totalmente de cantar. Não dava para ter controle sobre aquilo. A gente nunca sabia. Podia acontecer a qualquer momento.

Só que, comigo, não aconteceu. Aos poucos, enquanto todas as meninas da minha série começaram a se transformar, passei a me preocupar menos com possíveis acidentes e mais com o fato de estar ficando para trás e de fora dos acontecimentos.

Estou numa aula de matemática, a certa altura do inverno, na sexta série. A srta. Grotowski, nossa professora mais jovem, está escrevendo uma equação no quadro-negro. Atrás dela, em carteiras com tampo de madeira, os alunos acompanham o cálculo, ou bocejam, ou dão chutinhos no colega da frente. Um dia cinzento de inverno em Michigan. A grama lá fora parece estanho. Acima da nossa cabeça, lâmpadas fluorescentes tentam amenizar a penumbra da estação. Pendurado na parede, um retrato do grande matemático Ramanujan (que, de início, as meninas acharam que fosse o namorado estrangeiro da srta. Grotowski). O ar é abafado como só na escola o ar pode ser.

E, às costas da professora, em nossas carteiras, viajamos no tempo. Trinta crianças, distribuídas por seis fileiras alinhadas, sendo transportadas a uma velocidade que não percebíamos. Enquanto a srta. Grotowski rabisca suas equações no quadro, meus colegas de classe à minha volta começam a mudar. As coxas de Jane Blunt, por exemplo, parecem se alongar um pouquinho a cada semana. O suéter infla na parte da frente. Então, um dia, Beverly Maas, que se senta bem ao meu lado, ergue a mão e o movimento da manga me faz ver ali uma coisa escura: uma faixa de pelos castanhos. Quando foi que apareceu? Ontem? Anteontem? As equações vão ficando mais e mais compridas ao longo do ano, mais complicadas, e talvez sejam aqueles números todos, ou as tabelas de multiplicação; aprendemos a contar grandes quantidades enquanto, por outro tipo de cálculo, os corpos chegam a respostas inesperadas. A voz de Peter Quail está duas oitavas mais grave que na semana passada e ele não percebe. Por que não? Viaja rápido demais. Os meninos ganham uma penugem de pêssgo sobre o lábio superior. Testas e narizes se enchem de espinhas. E o mais espetacular: as meninas se tornam mulheres. Não mentalmente, nem mesmo emocionalmente,

mas fisicamente. A natureza faz seus preparativos. Vencem os prazos codificados para a espécie.

Só Calíope, na segunda fileira, fica imóvel, sua carteira empacada, por alguma razão, de modo que é a única a perceber o verdadeiro alcance da metamorfose à sua volta. Enquanto resolve os exercícios, não lhe sai da cabeça a bolsa de Tricia Lamb no chão, ao lado da carteira, e o absorvente — como a gente faz pra usar, exatamente? E a quem perguntar isso? — que vislumbrou ali dentro naquela manhã. Ainda bonitinha, Calíope de repente percebe que é a menina mais baixa da turma. Deixa cair a borracha. Nenhum menino a pega de volta para ela. Na alegoria de Natal, não será mais Maria, como nos anos anteriores, e sim um elfo... Mas ainda há esperança, certo?... porque, dia após dia, as carteiras viajam; alinhados em sua esquadilha, os alunos desenham curvas e fazem roncar suas turbinas através do tempo, e então Callie, uma tarde, ergue os olhos do papel borrado de tinta e vê que é primavera e há flores em botão, arbustos de forsítia florescendo e olmos ganhando folhas; no recreio, meninas e meninos se dão as mãos, às vezes se beijam atrás das árvores, e Calíope se sente ludibriada, enganada. “Lembra de mim?”, pergunta à natureza. “Estou esperando. Continuo por aqui.”

O mesmo valia para Desdêmona. Na altura de abril de 1972, seu requerimento para se juntar ao marido no céu ainda percorria os caminhos da vasta burocracia divina. Embora Desdêmona estivesse perfeitamente saudável quando se recolheu à cama, semanas, meses e, por fim, anos de inatividade, somados à notável força de vontade com que tentava dar cabo de si mesma, foram recompensados com todo um *Manual do médico* de padecimentos. Durante os anos em que ficou acamada, Desdêmona teve fluido nos

pulmões; crises lombares; bursite; um acesso de eclampsia que se manifestou meio século depois do que seria etiologicamente normal e desapareceu também misteriosamente, para tristeza da minha avó; um grave surto de herpes que fez a região das costas e das costelas ficar com a cor e a textura de morangos maduros e que doía como agulhoadas; dezenove resfriados; uma semana de pneumonia “caminhante” puramente figurativa; úlceras; cataratas psicossomáticas que nublavam sua visão a cada aniversário de morte do marido e que ela curava chorando, basicamente; e uma contratura de Dupuytren, quando a fáschia inflamada da mão dobrou dolorosamente o polegar e três dedos sobre a palma, mantendo esticado, num permanente gesto obsceno, apenas o dedo médio de Desdêmona.

Um médico incluiu minha avó numa pesquisa sobre longevidade. Estava escrevendo um artigo sobre “A dieta mediterrânea” para um periódico especializado. Com esse fim, encheu Desdêmona de perguntas sobre a culinária de seu país natal. Quanto de iogurte ela consumia quando criança? Quanto de azeite de oliva? E de alho? Minha avó respondeu tudo porque achou que o interesse do médico indicava, finalmente, que devia haver alguma coisa errada com o organismo dela, e também porque nunca perdia a chance de um passeio pelos recessos da infância. O nome do médico era Müller. De sangue alemão, renegava a própria raça quando o assunto era comida. Por um sentimento de culpa pós-guerra, condenava os típicos *bratwurst*, *sauerbraten* e *Königsberger Klopse* quase como pratos envenenados. Eram o Hitler dos alimentos. Ao contrário, ele encarava a dieta grega — nossas berinjelas mergulhadas em molho de tomate, nossos recheios de pepino e pastas de ova de peixe, nossos *pilafi*, uvas-passas e figos — como um conjunto de potenciais curativos, maravilhas rejuvenescedoras, limpadoras de artérias, alisadoras da pele. E parecia ser verdade o que dizia o dr. Müller:

embora tivesse só quarenta e dois anos, sua pele era toda enrugada e flácida. Tinha as têmporas já grisalhas; meu pai, aos quarenta e oito, e apesar das manchas de café embaixo dos olhos, ainda exibia uma pele azeitonada sem rugas e uma bela e sedosa cabeleira negra. Aquela popular tintura não se chamava Fórmula Grega à toa. Estava na nossa comida! Uma verdadeira fonte da juventude nos nossos *dolmades* e *taramasalatas* e até na *baclava*, que não incorria no pecado do açúcar refinado porque era feita só com mel. O dr. Müller nos mostrou seus gráficos, listando nomes e datas de nascimento de italianos, gregos e um búlgaro que viviam na região metropolitana de Detroit, e pudemos ver que nossa representante — Desdêmona Stephanides, noventa e um anos de idade — mantinha firme a dianteira. Na corrida contra poloneses dizimados por *kielbasa*, belgas vitimados por suas *pommes frites*, anglo-saxões abatidos por *puddings* e espanhóis liquidados por *chorizo*, nosso pontilhado grego seguia adiante no gráfico, ao passo que os deles se perdiam num emaranhado de curvas descendentes. Quem diria? Não tínhamos, nos últimos milênios, muito do que nos orgulhar como povo. Portanto, é compreensível que, nas visitas do dr. Müller, tenhamos nos esquecido de mencionar a perturbadora anomalia dos múltiplos derrames de Esquerdinha. Não queríamos enviar o gráfico com novos dados, então não dissemos que Desdêmona tinha, na verdade, setenta e um, e não noventa e um anos, e que sempre confundia setes com noves. Não falamos das tias da minha avó, Thalia e Victoria, ambas vítimas de câncer de mama ainda moças; e não tocamos no assunto da pressão alta que tributava as artérias no interior da carcaça lisa, jovial, de Milton. Não podíamos fazer isso. Não queríamos perder para os italianos ou mesmo para aquele único búlgaro. E o dr. Müller, perdido na própria pesquisa, não reparou na coleção de mostruários de serviços funerários ao lado da cama de Desdêmona, na fotografia do marido morto junto à

foto de seu túmulo, na abundante parafernália de uma viúva abandonada neste mundo. Não um membro de uma assembleia de imortais do Monte Olimpo. Simplesmente o único membro ainda vivo.

Enquanto isso, aumentavam as tensões entre minha mãe e eu.

“Não *ria!*”

“Desculpe, querida. Mas é que você não tem nada aí pra... pra...”

“Mãe!”

“... pra empinar.”

Um grito à beira da cólera. Pés de doze anos de idade que sobem correndo a escada, os berros de Tessie às costas: “Não seja tão dramática, Callie. A gente compra um sutiã, se você quiser”. No meu quarto, depois de trancar a porta, tiro a camisa diante do espelho e vejo que... que minha mãe tem razão. Nada! Nada de nada que um sutiã possa segurar. E caio no choro de frustração e raiva.

Naquela noite, quando finalmente desci para jantar, retaliei do único jeito que podia.

“Que foi? Não está com fome?”

“Quero comida normal.”

“Como assim, comida normal?”

“Comida americana.”

“Tenho que cozinhar o que a *yia yia* gosta.”

“E o que *eu* gosto?”

“Você gosta de *spanakópita*. Sempre gostou.”

“Pois não gosto mais.”

“Ok, então. Não coma. Pode passar fome o quanto quiser. Se você não gosta do que tem pra comer, é só continuar na mesa até a gente terminar.”

Cara a cara com a evidência do espelho, as risadas da minha mãe e os colegas de classe se desenvolvendo à minha volta, cheguei a uma terrível conclusão. Comecei a acreditar que a Dieta Mediterrânea que mantinha minha avó viva contra sua vontade também estava retardando meu amadurecimento. Parecia apenas lógico que o azeite de oliva que Tessie espargia em cima de tudo que cozinhava devia ter alguma misteriosa propriedade capaz de fazer parar o relógio do corpo, enquanto a mente, impermeável à ação de óleos comestíveis, seguia seu curso. Era por isso que Desdêmona tinha o desalento e o cansaço de uma pessoa de noventa anos e as artérias de uma de cinquenta. Seria o caso, eu me perguntava, de que os ácidos graxos ômega-3 e os três vegetais por refeição que eu consumia eram os responsáveis por adiar minha maturidade sexual? Estaria o iogurte do café da manhã emperrando o crescimento dos meus seios? Era possível.

“Qual é o problema, Cal?”, perguntou Milton, lendo o jornal vespertino enquanto comia. “Você não quer chegar aos cem anos?”

“Não se for obrigada a comer sempre esse troço.”

Mas agora era Tessie quem chorava. Tessie, que, já fazia mais de dois anos, cuidava de uma senhora que se recusava a sair da cama. Tessie, cujo marido era mais apaixonado por hot dogs do que por ela. Tessie, que monitorava, escondida, o funcionamento intestinal dos filhos e, portanto, claro, sabia exatamente a que ponto as comidas americanas gordurosas eram capazes de causar problemas digestivos. “Você não faz compras”, disse ela, chorosa. “Não vê o que eu vejo. Quando foi a última vez que você esteve na farmácia, srta. Comida Normal? Sabe do que as prateleiras lá andam cheias? De laxantes! Toda vez que vou à farmácia, a pessoa da frente, na fila, está comprando Ex-Lax. E não é uma caixinha só. É um monte.”

“É tudo gente velha.”

“Não é só gente velha. Vejo mães jovens comprando. Vejo adolescentes comprando. Quer saber a verdade? O país inteiro não consegue fazer o número dois!”

“Ah, agora sim estou com vontade de comer.”

“É por causa do sutiã, Callie? Porque, se for, já falei que...”

“Mãããe!”

Mas já era tarde. “Que sutiã?”, perguntou Um-Sete-Um. E então, sorrindo: “A Grande Planície acha que está precisando de um sutiã?”.

“Cala a boca.”

“Vejam os meus óculos estão embaçados. Deixa eu limpar aqui. Ah, agora está melhor. Vamos dar uma olhada então...”

“*Cala a boca!*”

“Não, eu não diria que a Grande Planície tenha sofrido qualquer tipo de alteração geológica e...”

“Pois a sua cara sofreu, espinhento!”

“Continua lisa como sempre. Perfeita para tomadas de tempo.”

Foi quando Milton gritou: “Porcaria!” — e ambos fechamos a boca. Achamos que tinha perdido a paciência com a nossa picuinha.

“Esse maldito juiz!”

Não estava olhando para nós. Estava concentrado na primeira página do *Detroit News*. Começava a ficar vermelho e logo — aquela pressão alta que não tínhamos mencionado — quase roxo.

Naquela manhã, na Corte Distrital, o juiz Roth tinha pensado numa maneira inteligente de dessegregar as escolas. Se não sobrasse em Detroit número suficiente de estudantes brancos para frequentar escolas majoritariamente negras, ele mandaria buscá-los em outros lugares. Para isso, ampliara sua jurisdição a toda a “região metropolitana” da cidade. Detroit e os cinquenta e três subúrbios adjacentes. Inclusive Grosse Pointe.

“A gente consegue tirar os filhos daquele inferno”, berrava Milton, “só pra esse maldito Roth levar de volta!”

# A Lobete

“Se você sintonizou a gente agora, o que temos aqui é um baita jogo de hóquei! Segundos finais da última partida da temporada, entre as arquirrivais BCDS Vespas e B&I Lobetes. Placar empatado em 4 a 4. O jogo recomeça no centro do campo e... as Vespas estão com a bola! Chamberlain conduz com o taco, passa para O'Rourke na ponta. O'Rourke finge que vai para a esquerda, sai pela direita... passa por uma Lobete, por outra... e agora inverte o jogo para Amigliato! Lá vem Becky Amigliato descendo pela lateral! Dez segundos, nove! No gol das Lobetes está Stephanides e — oh, minha nossa, ela não está vendo a aproximação de Amigliato! Mas o que é isso?... Ela está olhando para uma folha, amigos! Callie Stephanides está admirando uma bela folha vermelho-afogueada de outono, mas isso é hora? Lá vem Amigliato. Cinco segundos! Quatro! É isso aí, pessoal, vai pintar a escola campeã da temporada — mas esperem... Stephanides ouve a aproximação. Agora ela olha... e Amigliato sapeca o tiro! Uau, é um petardo! Dá para sentir aqui de cima, da cabine. A bola voa direto para a cabeça de Stephanides! Ela deixa cair a folha! E fica assistindo... a bola que vem... caramba, amigos, vocês vão odiar ver isso...”

Será verdade que logo antes de morrer (de uma bolada num jogo de hóquei ou de qualquer outra coisa) a vida passa diante dos olhos

da gente? Talvez não a vida inteira, mas algumas partes. Enquanto o petardo de Becky Amigliato viajava na direção do meu rosto, naquele dia de outono, os acontecimentos dos últimos seis meses bruxulearam na minha provavelmente-a-ser-em-breve-extinta consciência.

Primeiro, a imagem do nosso Cadillac — àquela altura o Fleetwood dourado — subindo lentamente a comprida entrada de carros da Escola para Meninas Baker & Inglis. No banco de trás, aos doze anos, eu, que contra a vontade chegava para uma entrevista. “Não quero estudar numa escola só de meninas”, estou me queixando. “Prefiro ser transferida.”

A próxima cena é de outro carro me apanhando, no mês de setembro seguinte, para me levar ao primeiro dia de aula da sétima série. Antes, eu ia sempre a pé para minha outra escola, a Trombley; mas a entrada no ginásio trouxe uma porção de mudanças: o novo uniforme, por exemplo, axadrezado, emblema no peito. E ainda: o próprio meio de transporte, uma perua verde-clara dirigida por uma mulher chamada sra. Drexel. O cabelo dela é oleoso e está rareando. Sobre o lábio superior, num exemplo da prefiguração que vou aprender a identificar ao longo do ano nas aulas de inglês, um bigode.

E agora, algumas semanas mais tarde, a perua avança. Estou olhando pela janela, enquanto do cigarro da sra. Drexel desenrola um cordão de fumaça. Avançamos na direção do coração de Grosse Pointe. Passamos por entradas de carro compridas, atrás de portões, o tipo de coisa que sempre enche minha família de espanto e admiração. Mas a sra. Drexel embica nessas entradas. (São minhas novas colegas de classe que moram no final das extensas alamedas.) Seguimos, o motor roncando, ao longo de cercas vivas, algumas esculpidas em forma de arco, até casas escondidas na orla do lago onde meninas, com suas bolsas escolares e postura muito

ereta, estão à espera. Usam o mesmo uniforme que eu mas, por algum motivo, o traje parece diferente nelas, mais apertado, mais estiloso. De vez em quando uma mãe, penteado bem cuidado, invade o quadro colhendo uma rosa do jardim.

E em seguida passaram-se mais dois meses, aproxima-se o final do trimestre de outono e a perua sobe a colina até a escola já não tão nova para mim. O carro está cheio de meninas. A sra. Drexel acende outro cigarro. Estaciona e se prepara para nos rogar uma prece. Apontando com a cabeça para a vista — o terreno montanhoso e verde da escola, o lago ao longe —, ela diz: “Vocês, meninas, melhor aproveitar agora. A melhor época da vida é quando a gente é jovem”. (Aos doze anos, eu a odiava por falar isso. Não conseguia imaginar coisa pior para se dizer a uma criança. Mas talvez, por causa de certas mudanças que começaram a acontecer naquele ano, eu também desconfiasse que o período feliz da minha infância chegava ao fim.)

O que mais passou pela minha cabeça enquanto não chegava aquela bolada? Praticamente tudo que uma bola de hóquei de grama pudesse simbolizar. O hóquei de grama, esse jogo da Nova Inglaterra, herança da *velha* Inglaterra, como mais ou menos todo o resto na nossa escola. O prédio, com seus longos e ecoantes corredores e seu cheiro de igreja, suas janelas de caixilhos chumbados, sua penumbra gótica. As cartilhas de latim cor de mingau. Os chás da tarde. As medidas da nossa equipe de tênis. O corpo docente almofadinha e o currículo em si, que começava, helênico e byroniano, por Homero, saltando então direto para Chaucer, depois Shakespeare, Donne, Swift, Wordsworth, Dickens, Tennyson e E. M. Forster. Era só fazer as conexões.

A srta. Baker e a srta. Inglis tinham fundado a escola em 1911 com o objetivo de, nas palavras do estatuto, “formar meninas nas humanidades e nas ciências e fazê-las cultivar o amor pelo

aprendizado, um comportamento discreto, uma graça afetuosa e, acima de tudo, o interesse pelo dever cívico". As duas mulheres haviam morado juntas, nos limites do terreno da escola, no que era chamado de "O Chalé", um caramanchão de pedra que, na mitologia interna, ocupava posição semelhante à da cabana de madeira de Lincoln no lendário nacional. Toda primavera acontecia a visita das alunas da quinta série ao local. Faziam fila para ver os dois quartos de solteira (servia para enganá-las, talvez), as escrivatinhas das fundadoras ainda providas de canetas-tinteiro e balas de alcaçuz, e o gramofone no qual punham para tocar as marchas do maestro Sousa. Os fantasmas da srta. Baker e da srta. Inglis assombravam a escola, junto com bustos e retratos reais das duas. Uma estátua no pátio mostrava as duas mulheres de óculos no espírito sonhador da primavera, a srta. Baker fazendo um gesto, à maneira do Papa, como se abençoasse o ar, enquanto a srta. Inglis (sempre a segunda) se voltava para aquilo que a colega queria que ela visse. O chapéu de tecido mole da srta. Inglis escondia seus traços comuns. No único toque de vanguarda da obra, da cabeça da srta. Baker se projetava um arame de certa espessura em cuja extremidade pairava o objeto da admiração: um beija-flor.

... Aquela bola de hóquei rodopiando na minha direção trouxe à tona tudo isso. Mas havia algo mais, algo mais pessoal, que explicava por que o alvo era eu. O que fazia Calíope jogando no gol? Por que estava ali, debaixo da pesada proteção de um capacete e de placas acolchoadas? Por que a treinadora Cork se esgoelava para que Cal defendesse aquela bola?

A resposta é simples: porque eu não tinha talento para os esportes. Softbol, basquete, tênis: eu era uma nulidade em todos eles. No hóquei de grama era ainda pior. Não conseguia me acostumar àqueles taquinhos engraçados ou às confusas estratégias europeias. Na falta de jogadoras, a treinadora Cork me colocava no

gol e contava com a sorte, que raramente estava do meu lado. Sem nenhum espírito de equipe, algumas das Lobetes me acusavam de não ter nenhuma coordenação motora. Seria uma acusação procedente? Haveria alguma ligação entre o fato de hoje eu trabalhar numa repartição e aquela falta de desenvoltura física? Não vou responder à pergunta. Mas, em minha defesa, direi que nenhuma das minhas mais atléticas companheiras de time jamais habitou um corpo tão problemático. Não tinham, como eu, dois testículos morando clandestinamente em seus canais inguinais. Sem que eu soubesse, aqueles dois anarquistas tinham fixado residência no meu abdômen e até usavam de graça as instalações. Se eu cruzasse as pernas do jeito errado ou fizesse um movimento rápido demais, um espasmo percorria minha virilha. No campo de hóquei, era frequente eu me dobrar de dor, os olhos lacrimejando, ao que a treinadora Cork respondia com um tapa na minha bunda. “Isso é só *cãibra*, Stephanides. Dá uma corridinha que passa.” (E agora, quando faço o movimento de defender aquele petardo, sinto exatamente essa dor. Minhas entranhas se contorcem, entrando em erupção com uma lava de dor. Com o corpo dobrado, tropeço no taco. E em seguida estou tombando, caindo...)

Mas ainda dá tempo de assinalar algumas outras mudanças físicas. No começo da sétima série, coloquei aparelho nos dentes, a parafernália completa. Meus palatos superior e inferior agora estavam unidos por elásticos. Minha mandíbula parecia, ela própria, elástica como a de um boneco de ventríloquo. Toda noite, antes de dormir, eu diligentemente colocava a parte que ia acoplada à cabeça. Mas, no escuro, enquanto meus dentes eram lentamente forçados a se endireitar, o restante do meu rosto começava a ceder, por uma predisposição mais forte, genética, à curvatura. Parafraseando Nietzsche, existem dois tipos de gregos: os apolíneos e os dionisíacos. Nasci do lado apolíneo, uma menina dourada com

um rosto adornado por cachos. Mas, quando cheguei aos treze anos, o elemento dionisíaco se insinuou em minhas feições. Meu nariz, primeiro delicadamente, depois não tão delicadamente, começou a arquear. Minhas sobrancelhas, mais desgrenhadas, arquearam também. Algo sinistro, safo, literalmente “satírico”, se apossou de minha expressão.

De modo que a última coisa que aquela bola de hóquei (chegando mais perto agora, cansada de suportar tanta exposição) — a última coisa que aquela bola de hóquei simbolizou foi o próprio Tempo, a impossibilidade de pará-lo, o fato de que estamos acorrentados aos nossos corpos, os quais, por sua vez, estão acorrentados ao Tempo.

A bola voou feito um foguete. Bateu na lateral do meu capacete, que a desviou para o centro da rede. Perdemos. As Vespas comemoraram.

Em desgraça, como de hábito, voltei ao ginásio. Carregando meu capacete, subi em direção à saída da concavidade verde que era o campo de hóquei, espécie de teatro ao ar livre. A passos curtos, segui pela trilha de cascalho de volta à escola. Ao longe, do outro lado da estrada, montanha abaixo, estava o lago St. Clair, onde meu avô Jimmy Zizmo tinha forjado a própria morte. O lago ainda congelava no inverno, mas contrabandistas não o atravessavam mais de carro. O St. Clair perdera seu glamour sinistro e, como todo o resto, se tornara parte da paisagem suburbana. Cargueiros ainda usavam o canal navegável como itinerário, mas agora a maioria dos barcos ali era de passeio, Chris-Crafts, Santanas, Flying Dutchmans, 470s. Em dias ensolarados, o lago ainda conseguia parecer azul. Na maior parte do tempo, porém, tinha cor de sopa de ervilhas fria.

Mas eu não estava pensando em nada disso. Media os passos, tentando andar o mais lentamente possível. Olhava para as portas

do ginásio com uma expressão de desconfiança e ansiedade.

Era agora, quando o jogo estava terminado para todo mundo, que começava para mim. Enquanto minhas colegas de time recuperavam o fôlego, eu me preparava psicologicamente. Precisava agir com graça, agilidade e coordenação atléticas. Tinha de gritar para mim mesma da lateral: "Cabeça erguida, Stephanides!". Ser técnico, melhor jogador e animadora de torcida, tudo ao mesmo tempo.

Porque, apesar da folia dionisíaca que se desenrolava no meu corpo (nos meus dentes latejantes, no selvagem abandono do meu nariz), nem tudo em mim havia mudado. Um ano e meio depois de Carol Horning ter chegado à escola com seios novos em folha, eu ainda não tinha nada ali. Conseguira finalmente dobrar Tessie quanto ao sutiã, o qual, como a física avançada, tinha utilidade apenas teórica. Nada de seios. Nada de menstruação também. Esperei ao longo de toda a sexta série, depois as férias de verão inteiras. Já estava na sétima e continuava esperando. Havia alguns sinais promissores. De quando em quando, meus mamilos ficavam doloridos. Tocando-os com delicadeza, eu sentia um caroço por baixo da carne tenra e rosada. Sempre achava que aquilo era o início de alguma coisa. Mas todas as vezes o inchaço dolorido sumia e não se transformava em nada.

De todas as coisas com as quais precisei me habituar na nova escola, a mais difícil, portanto, foi a hora do vestiário. Mesmo agora, com a temporada terminada, a treinadora Cork estava parada à porta, vociferando. "Ok, senhoritas. Direto pro chuveiro! Vamos. Sem moleza!" Ela me viu chegando e conseguiu sorrir. "Valeu o esforço", disse, e me entregou uma toalha.

Em todo lugar existem hierarquias, mas principalmente em vestiários. A umidade e a nudez trazem de volta condições primordiais. Permitam-me uma rápida taxonomia do nosso. Na área mais próxima dos chuveiros, ficavam as Pulseiras de Pingentes. Ao

passar por ali, olhei para o corredor e as vi, envoltas em vapor, na seriedade de seus movimentos femininos. Uma delas se inclinava à frente enrolando uma toalha na cabeça úmida. De um golpe ficou ereta e fez um turbante. Ao lado da primeira, outra das Pulseiras mirava o espaço com um olhar azul e vazio, enquanto se besuntava de hidratante. Outra, ainda, levava uma garrafa de água aos lábios, exibindo a longa coluna do pescoço. Não querendo ver, desviei os olhos, mas continuei a ouvi-las se vestirem. Mais alto que o assobio dos chuveiros e o estalido dos pés nos azulejos, um tilintar agudo e tênue me chegava aos ouvidos, um som quase como o do toque de taças de champanhe num brinde. E o que era aquilo? Vocês não são capazes de adivinhar? Minúsculos pingentes de prata se chocavam e ressoavam nos pulsos finos daquelas meninas. Era o tilintar de pequeninas raquetes de tênis contra diminutos esquis, de miniaturas da Torre Eiffel contra bailarinas de pouco mais de um centímetro na ponta. Era o ruído de sapos e baleias da Tiffany se batendo; de cachorrinhos trincolejando contra gatos, de focas com uma bola no nariz se chocando contra macacos de realejo, de pedacinhos de queijo ressoando contra caras de palhaço, de morangos fazendo dueto com tinteiros, de sinos no pescoço de vacas suíças a repicar de encontro a corações de Valentine's Day. Em meio a esse tilintar todo, uma das meninas esticou o braço para exhibir o pulso às amigas, como uma dama que recomendasse um perfume. Seu pai tinha acabado de voltar de uma viagem de negócios trazendo para ela o mais recente presentinho.

As Pulseiras de Pingentes: eram elas que mandavam na minha nova escola. Frequentavam a Baker & Inglis desde o jardim de infância! Desde o pré-jardim de infância! Moravam perto da água e tinham sido criadas, como todos os nativos de Grosse Pointe, fingindo que nosso lago raso não era lago coisa nenhuma, mas um oceano, na verdade. O Atlântico. Sim, era esse o desejo secreto das

Pulseiras de Pingentes e de seus pais: ser, não do Meio-Oeste, mas da Costa Leste, com a mesma afetação no vestir e no falar quase sem mover a boca, com direito a veranejar em Martha's Vineyard e dizer, ao se referir à Costa Leste, que estavam "voltando" para lá, em vez de "indo", como se o tempo que passavam em Michigan fosse apenas uma breve estadia longe de casa.

O que posso dizer sobre essas minhas colegas de escola abastadas, de traços delicados e providas de fundos fiduciários? Todas descendentes de industriais que trabalhavam duro e não esbanjavam (havia duas meninas na turma com sobrenomes idênticos aos de dois fabricantes americanos de carros), será que exibiam talentos em matemática ou ciências? Mostravam alguma engenhosidade envolvendo mecânica? Ou um compromisso com a ética protestante do trabalho? Numa palavra: não. Não existe evidência maior contra a ideia de determinismo genético do que os filhos dos ricos. As Pulseiras de Pingentes não estudavam. Nunca levantavam a mão em sala. Sentavam no fundão, largadas nas cadeiras, e voltavam para casa todos os dias levando o álibi de um caderno. (Mas talvez as Pulseiras de Pingentes soubessem mais da vida do que eu. Desde muito cedo compreendiam que o mundo dava pouco valor aos livros, e por isso não gastavam seu tempo com eles. Ao passo que eu, até hoje, persisto na crença de que essas manchas pretas sobre papel branco têm a maior importância, e que, se seguir escrevendo, talvez consiga capturar num pote o arco-íris da consciência. Meu único fundo fiduciário é esta história e, ao contrário de um prudente anglo-saxão branco e protestante, vou sacando e gastando todas as reservas...)

Ao passar pelos vestiários, na sétima série, eu ainda não tinha consciência disso tudo. Olho para trás agora (conforme me instigou a fazer o dr. Luce) para ver exatamente qual era o sentimento de Calíope, aos doze anos de idade, diante das Pulseiras de Pingentes

se despindo em meio à luz vaporosa. Será que um arrepio de excitação a percorria? Será que, por baixo das proteções do uniforme de goleira, a carne reagia? Tento lembrar, mas o que volta é um emaranhado de emoções: inveja, certamente, mas também desprezo. Inferioridade e superioridade ao mesmo tempo. Acima de tudo, pânico.

À minha frente, meninas entravam e saíam de chuveiros. Aquelas flashes de nudez soavam como gritos. Um ano antes, mais ou menos, aquelas mesmas meninas tinham sido estatuetas de porcelana, aproximando com delicadeza os dedos da água do lava-pés à entrada da piscina pública. Agora eram criaturas magnificentes. Ao atravessar a atmosfera úmida, eu me sentia um mergulhador de profundidade. Fui entrando, arrastando minhas pernas pesadas das proteções do uniforme e espiando pela fresta do capacete a fantástica vida submarina ao meu redor. Anêmonas-dormir brotavam no meio das pernas das minhas colegas de turma. Eram de todas as cores, pretas, marrons, amarelo-fosforescentes, vermelho-vivas. Mais para cima, os seios saltavam como águas-vivas, pulsando de leve, arrematados por um rosa lancinante. Tudo ondulava na corrente subaquática, alimentando-se de plâncton microscópico e crescendo mais a cada minuto. As meninas mais cheinhas e tímidas eram como leões-marinhos, movendo-se furtivamente nas profundezas.

A superfície do mar é um espelho que reflete trilhas evolutivas divergentes. Acima dela, as criaturas do ar; lá embaixo, as aquáticas. Um planeta contendo dois mundos. Assim como o ouriço não se espanta com os próprios espinhos, tampouco minhas colegas se admiravam de seus atributos. Pareciam pertencer a uma espécie diferente. Era como se tivessem glândulas odoríferas ou bolsas marsupiais, adaptações que as tornavam férteis e aptas a procriar na natureza selvagem, e que nada tinham a ver com a menina

magricela e sem pelos, domesticada, que era eu. Passei correndo, infeliz, meus ouvidos zumbindo com o ruído do lugar.

Ultrapassando as Pulseiras de Pingentes, adentrei o território das Presilhas de Saiote. Mais populoso filo do nosso vestiário, as Presilhas de Saiote ocupavam três fileiras de armários. Lá estavam elas, gordinhas e magricelas, branquelas e sardentas, enfiando, desengonçadas, suas meias ou vestindo calcinhas que lhes caíam mal. Assim como os fechos do saiote axadrezado dos nossos uniformes, as Presilhas passavam prosaicamente despercebidas, mas eram, a seu modo, necessárias. Não lembro o nome de nenhuma delas.

Vencidas tanto as Pulseiras de Pingentes quanto a fronteira das Presilhas de Saiote, Calíope avançava claudicante no vestiário. De volta a onde os azulejos estavam rachados e a argamassa amarelava, sob lâmpadas tremeluzentes, ao lado do bebedouro com um chiclete pré-histórico grudado no ralo, corri ao meu lugar, ao meu nicho naquele habitat.

Não era só eu que enfrentava mudanças naquele ano. O espectro da transferência tinha levado outros pais a procurarem por instituições particulares. A Baker & Inglis, com seu espaço físico impressionante mas poucos recursos com que se manter, não se opunha a aumentar o número de matriculadas. De modo que, no outono de 1972, fomos chegando (o vapor se dissipa aqui, nessas lonjuras, e consigo enxergar claramente minhas velhas amigas): Reetika Churaswami, com seus enormes olhos amarelos e cintura de pardal; Joanne Maria Barbara Peracchio, pés tortos de nascença, operados, e (a revelação é necessária) filiada à John Birch Society; Norma Abdow, cujo pai saía em peregrinação a Meca e nunca mais voltara; Tina Kubek, que tinha sangue tcheco; e Linda Ramirez, metade espanhola, metade filipina, parada ali, de pé, esperando que seus óculos dessembrançassem. Chamavam a gente de meninas

“étnicas”, mas quem não era, no fim das contas? As Pulseiras de Pingentes também não eram de fio a pavio étnicas? Não tinham lá suas comidas e seus rituais próprios? Seu jargão tribal? Diziam “repulsivo” em vez de nojento e, no lugar de esquisito, “bizarro”. Comiam minúsculos sanduíches de pão branco sem casca — sanduíches de pepino com maionese e uma coisa chamada “agrião”. Até chegarmos à Baker & Inglis, minhas amigas e eu nos sentíamos totalmente americanas. Mas agora os narizes empinados das Pulseiras indicavam que havia outra América à qual nunca teríamos acesso. De uma hora para a outra, os Estados Unidos não tinham mais a ver com hambúrgueres e carrões modificados. Tinham a ver com *Mayflower* e Plymouth Rock. Com algo que tinha acontecido por dois minutos quatrocentos anos antes, e não com tudo que tinha acontecido desde então. E não com tudo que estava acontecendo ali mesmo!

Basta dizer que, na sétima série, Calíope foi assimilada, alimentada e apadrinhada pelas novatas daquele ano, suas aliadas. Enquanto abria meu armário, minhas amigas nada disseram sobre a peneira que eu tinha sido defendendo aquele gol. Em vez disso, Reetika bondosamente puxou o assunto de uma prova de matemática. Joanne Maria Barbara Peracchio despia devagar meias que lhe chegavam aos joelhos. Cirurgias corretivas tinham transformado seu tornozelo direito num cabo de vassoura de tão fino. Quando via aquilo, eu sempre me sentia melhor a meu respeito. Norma Abdow abriu seu armário, deu uma olhada lá dentro e gritou: “Que horror!”. Eu me demorava desamarrando as proteções do uniforme. De um lado e de outro, minhas amigas, com movimentos ligeiros e trêmulos, tiravam suas roupas. Enrolavam-se em toalhas. “Ei, pessoal”, disse Linda Ramirez. “Alguém me empresta um pouco de xampu?” “Só se você for minha serviçal

amanhã no almoço.” “Não mesmo!” “Então nada de xampu.” “Tá bom, tá bom.” “Tá bom, e o que mais?” “Tá bom, alteza.”

Esperei até elas saírem para me despir. Primeiro tirei os meiões. Pondo a mão por sob a camisa comprida do time, baixei o calção. Depois de prender na cintura uma toalha de banho, soltei as ombreiras do uniforme e tirei a camisa por cima da cabeça. Fiquei só com a malha de baixo e a toalha. Agora vinha a parte complicadinha. O sutiã era tamanho 38. Tinha um minúsculo laço entre as taças e, na etiqueta, lia-se “Mocinha, by Olga”. (Tessie tinha insistido para que eu comprasse um antiquado sutiã para meninas, mas eu queria alguma coisa que se parecesse com o que minhas amigas usavam, e de preferência com enchimento.) Então afivelei a peça na altura da cintura, o fecho virado para a frente, para em seguida girá-la para a posição correta. Uma manga por vez, introduzi os braços na malha, de modo que, sobre meus ombros, ficou parecendo um manto. Ali dentro da malha, subi o sutiã pelo tronco até poder passar os braços pelas alças. Quando terminei essa operação, vesti o saiote sob a toalha que, depois de despida a malha e vestida a blusa, finalmente foi retirada. Sem nem um segundo de nudez.

A única testemunha dessa minha artimanha era a mascote da escola. Na parede atrás de mim, um estandarte de feltro, meio apagado, proclamava: “Campeãs Estaduais de Hóquei na Grama, 1955”. Embaixo, na costumeira pose despreocupada, a Lobete da B&I. Com seus olhos vivos, dentes afiados e focinho afilado, ela aparecia apoiada no taco de jogo, o pé direito cruzado sobre o tornozelo esquerdo. Vestia uma camisa comprida azul com faixa vermelha. Uma fita também vermelha se encaixava entre suas orelhas peludas. Era difícil dizer se sorria ou rosnava. Havia algo da tenacidade do buldogue de Yale na nossa Lobete, mas elegância,

também. A Lobete não jogava apenas para ganhar. Jogava para manter a forma.

No bebedouro próximo, apertei o dedo sobre o buraco de saída da água, fazendo-a subir alto. Enfiei a cabeça no jato. A treinadora Cork sempre pegava nos cabelos da gente antes de nos deixar ir embora, para ter certeza de que estavam molhados.

No ano em que fui para a escola particular, Um-Sete-Um saiu de casa para fazer faculdade. Embora estivesse a salvo das garras do juiz Roth, havia outras tentando pegá-lo. Num dia quente do mês de julho anterior, passando pelo corredor do andar de cima, ouvi uma voz estranha vinda do quarto do meu irmão. Era uma voz masculina que recitava números e datas. “4 de fevereiro”, dizia, “trinta e dois. 5 de fevereiro — trezentos e vinte e dois. 6 de fevereiro...” A porta sanfonada não tinha sido fechada, então espiei.

Um-Sete-Um estava deitado, enrolado na velha colcha de crochê que Tessie fizera para ele. Ocupava toda a extensão da cama, numa ponta a cabeça — olhos vidrados — e na outra as pernas branqueadas. Do outro lado do cômodo, o aparelho de som estéreo estava ligado, o ponteiro do amplificador do rádio aos saltos.

Naquela primavera, Um-Sete-Um recebera duas cartas: uma da Universidade de Michigan, informando-o de que tinha sido aceito, e outra do governo dos Estados Unidos, dando a notícia de sua disponibilidade para o serviço militar. A partir daí, meu despolitizado irmão passou a mostrar um interesse atípico por atualidades. Toda noite assistia ao noticiário com Milton, seguindo progressos militares e prestando muita atenção aos pronunciamentos cuidadosos de Henry Kissinger nas conversações de paz em Paris. “O poder é o maior dos afrodisíacos”, declarou Kissinger, celebrenemente, e devia ser verdade, porque Um-Sete-Um ficava grudado ao televisor, noite

após noite, acompanhando as maquinações da diplomacia. Ao mesmo tempo, Milton foi tomado do estranho desejo dos pais, especialmente, mais do que das mães, de ver os filhos passarem pelos mesmos sofrimentos deles próprios. “Pode ser uma boa pra você servir o exército”, comentou. “Vou pro Canadá”, respondeu Um-Sete-Um. “Não vai. Se te convocarem, você vai é servir o país igual a mim.” E Tessie: “Não se preocupe. Esse negócio todo acaba antes de te chamarem”.

No verão de 1972, porém, enquanto espiava meu irmão paralisado ouvindo aqueles números, oficialmente a guerra prosseguia. Os bombardeios de Natal de Nixon ainda não tinham entrado em recesso pelo feriado. Kissinger continuava na ponte aérea Paris-Washington para manter o sex appeal. Na verdade, os Acordos de Paz de Paris seriam assinados no janeiro seguinte, e os últimos soldados americanos no Vietnã, retirados em março. Mas, no momento em que eu bisbilhotava o corpo inerte do meu irmão na cama, ninguém sabia disso ainda. Só o que eu percebia é que era muito estranho ser homem. A sociedade discriminava as mulheres, sem dúvida. Mas e quanto àquela discriminação, que mandava rapazes para a guerra? Qual dos dois sexos, no fim, era descartável? Senti uma empatia e um instinto de proteção que nunca antes havia sentido pelo meu irmão. Pensei em Um-Sete-Um trajando um uniforme militar, agachado na selva. Imaginei-o ferido numa maca, e comecei a chorar. A voz radiofônica prosseguiu com a ladainha: “21 de fevereiro — cento e quarenta e um. 22 de fevereiro — setenta e quatro. 23 de fevereiro — duzentos e seis”.

Esperei até 20 de março, dia do aniversário de Um-Sete-Um. Quando a voz anunciou o número de alistamento do meu irmão — era o duzentos e noventa, e ele não precisaria ir para a guerra — irrompi em seu quarto. Um-Sete-Um levantou da cama de um salto.

Olhamos um para o outro e — algo quase inédito entre nós dois — nos abraçamos.

No outono seguinte, meu irmão partiu, não para o Canadá, mas para Ann Arbor. Mais uma vez, igual a quando o ovo em que ele morava desceu para o mundo, fiquei só. Só, em casa, para perceber a fúria crescente do meu pai assistindo ao noticiário, sua frustração com a atitude “amadora” dos americanos em relação à guerra (não obstante o napalm) e sua simpatia cada vez maior pelo presidente Nixon. Só, também, para detectar um sentimento de inutilidade que começava a atormentar minha mãe. Um-Sete-Um saía de casa, eu crescia, de modo que Tessie se viu com excesso de tempo livre. Começou a ocupar os dias com aulas no Centro Comunitário do Memorial de Guerra. Aprendia a fazer estampas a partir de colagens. Produzia suportes de corda para suspender vasos. Nossa casa passou a ficar abarrotada de seus projetos de artesanato. Havia cestos pintados e cortinas de contas, pesos de papel transparentes com objetos variados encapsulados no vidro, flores secas, grãos e feijões coloridos. Minha mãe andava pelos antiquários e pendurou uma velha tábua de lavar roupa na parede. Também começou a fazer ioga.

Foi a combinação entre o desprezo de Milton pelo movimento antiguerra e o sentimento de inutilidade de Tessie que os levou a começar a ler a coleção de cento e quinze volumes da série Grandes Livros. Tio Pete havia muito tempo propagandeava aqueles livros, sem falar das passagens que vivia citando para ganhar pontos nas discussões de domingo. E agora, com todo aquele clima de estudos no ar — Um-Sete-Um na faculdade de engenharia, eu cursando o primeiro ano de latim com a srta. Silber, que usava óculos escuros na sala de aula —, Milton e Tessie decidiram que já era hora de completar a própria formação. Os Grandes Livros chegaram em dez caixas etiquetadas conforme os conteúdos. Aristóteles, Platão e

Sócrates numa delas; Cícero, Marco Aurélio e Virgílio noutra. Enquanto acomodávamos os volumes nas estantes embutidas de Middlesex, líamos os nomes, alguns familiares (Shakespeare), outros não (Boécio). Malhar o cânone ainda não era moda e, além disso, os volumes começavam com nomes não tão diferentes do nosso (Tucídides), de modo que nos sentimos em casa. "Esse aqui é bom", falou Milton, mostrando um de Milton. A única coisa que o decepcionou foi a ausência, entre os Grandes Livros, de algum de Ayn Rand. Naquela mesma noite, porém, depois do jantar, Milton começou a fazer leituras em voz alta para Tessie.

Seguiram cronologicamente, começando pelo volume um e tentando avançar até o cento e quinze. Enquanto fazia a lição de casa, na cozinha, eu ouvia ressoar a voz de Milton, como se comandasse um treinamento militar: "Sócrates: 'Parece haver duas causas para a deterioração das artes'. Adimanto: 'Quais são elas?'. Sócrates: 'A riqueza, eu disse, e a pobreza'". Quando Platão ficou muito complicado, Milton sugeriu que pulassem para Maquiavel. Depois de alguns dias nesse volume, Tessie pediu Thomas Hardy, mas, uma hora mais tarde, Milton deixou o livro de lado, indiferente. "Tem charneças demais", reclamou. "É charneca pra cá, charneca pra lá." Então leram *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway, do qual gostaram, e por ali abandonaram o projeto.

Trago à tona a investida fracassada dos meus pais aos Grandes Livros por uma razão. Ao longo dos meus anos de formação, a série permaneceu nas estantes de nossa biblioteca, volumosa e imponente com suas lombadas douradas. Já nessa época, os Grandes Livros me influenciavam, me impeliam a perseguir o mais fútil de todos os sonhos humanos, o sonho de escrever um livro que se juntasse àqueles, o Grande Livro de número cento e dezesseis em cuja capa haveria outro comprido sobrenome grego: Stephanides. Isso foi quando eu era jovem e acalentava muitos sonhos

grandiosos. Agora já abandonei qualquer esperança de fama duradoura ou perfeição literária. Não me importa mais se vou escrever um grande livro ou não, basta conseguir chegar a um que, quaisquer que sejam seus defeitos, fique como registro de minha impossível vida.

A vida que, enquanto eu colocava os livros nas estantes, finalmente se revelava. Porque aqui está ela, Calíope, abrindo mais uma caixa. Aqui está ela tirando de dentro da caixa o número quarenta e cinco (Locke, Rousseau). Aqui está ela esticando o braço e, sem nem precisar ficar na ponta dos pés, depositando o volume na prateleira mais alta. E aqui está Tessie, que, erguendo os olhos, diz: "Acho que você está crescendo, Cal".

A frase se revelou eufemística. Começou em janeiro, ainda durante a sétima série, e continuou até o agosto seguinte: meu corpo até então parado no tempo sofreu um surto de crescimento de proporções incomuns e consequências imprevisíveis. Embora em casa a dieta mediterrânea resistisse, a comida da escola — empadões de frango, batatas fritas, gelatina em cubos — neutralizava a fonte da juventude da nutrição familiar e, em todos os aspectos menos um, passei a crescer. Desabrochava na velocidade dos brotos de feijão que estávamos estudando nas aulas de ciências. Aprendendo sobre fotossíntese, colocamos um dos vasos no escuro e outro à luz e, com uma fita métrica, medíamos diariamente os brotos. Feito um deles, meu corpo espichava na direção da grande lâmpada do crescimento, lá no céu, e meu caso era ainda mais notável porque, no escuro, eu também crescia. Minhas juntas doíam à noite. Tinha dificuldade para dormir. Envolvia minhas pernas em mantas térmicas, sorria através da dor. Porque, junto com a nova altura, outra coisa apareceu, finalmente. Pelos começaram a surgir nos devidos lugares. Toda noite, com a porta do quarto trancada, eu ajustava com precisão a lâmpada da escrivaninha e começava a

contar. Numa semana eram três; na seguinte, viraram seis; duas semanas depois, dezessete. Certo dia, de excelente humor, até passei um pente neles. “Já era hora”, falei, e também aí havia algo diferente: minha voz começava a mudar.

Não aconteceu da noite para o dia. Não me lembro de ela ter ficado esganiçada. Ao contrário, começou lentamente a baixar o tom, o que prosseguiu pelos dois anos seguintes. Aquela voz de arrebentar o tímpano que eu costumava ter — e usava como uma arma contra meu irmão — desapareceu. Alcançar o “*free*” do hino nacional era coisa do passado. Minha mãe ficava sempre achando que o que eu tinha era um resfriado. As vendedoras passavam por mim sem suspeitar que era eu a garota que tinha pedido para ser atendida. O som da minha voz não era desprovido de encanto, um híbrido de flauta e fagote, as consoantes levemente emboladas, as frases, na maioria, atropeladas e ofegantes. E havia ainda os sinais que somente um linguista perceberia, elisões típicas de classe média, apojaturas transmitidas do grego para o sotaque anasalado do Meio-Oeste, a herança de avós e pais que perdurava em mim como todo o resto.

Ganhei altura. Minha voz amadureceu. Mas nada parecia fora do normal. Minha compleição frágil, minha cintura fina, a pequenez de cabeça, mãos e pés não punham dúvidas na cabeça de ninguém. Nem todos os indivíduos homens, do ponto de vista genético, mas criados como meninas passam tão facilmente despercebidos. Desde muito cedo têm uma aparência diferente, se movimentam de um jeito diferente, não conseguem encontrar sapatos ou luvas que sirvam. As outras crianças os chamam de “joõezinhos”, ou coisa pior: mulher-barbada, sapatão. Minha magreza funcionou como disfarce. Os anos 1970 foram uma época boa para meninas de peito liso. A androginia estava na moda. A altura periclitante e as pernas de potranca emprestavam pose de modelo à minha figura. Minhas

roupas eram estranhas, meu rosto era estranho, mas minha angulosidade era exata. Eu parecia um daqueles cães saluki. Além disso, por uma razão qualquer — meu temperamento sonhador, meu gosto pelos livros —, eu me encaixava bem.

Ainda assim, não era incomum que algumas meninas mais inocentes e excitáveis reagissem à minha presença com comportamentos dos quais não se davam conta. Penso em Lily Parker, que, nos sofás do pátio coberto, costumava deitar a cabeça no meu colo, olhar para mim e dizer: “Você tem o mais perfeito dos queixos”. Ou em June James e seu hábito de puxar meus cabelos para cima da própria cabeça, de modo que ficássemos debaixo de uma mesma tenda. Meu corpo talvez liberasse feromônios que afetavam minhas colegas. Senão, como explicar o jeito como as amigas se atiravam sobre mim, se encostavam em mim? Nesse estágio inicial, antes que minhas características masculinas secundárias tivessem se manifestado, quando ainda não tinham começado os cochichos a meu respeito e as meninas ainda não pensavam duas vezes antes de vir deitar a cabeça no meu colo — na sétima série, quando meu cabelo era sedoso, e não encaracolado, minhas bochechas ainda eram lisinhas e meus músculos pouco desenvolvidos, e ainda assim, de forma invisível mas indubitável, eu começa a exalar algum tipo de masculinidade, no jeito como jogava para o alto e pegava de volta minha borracha, por exemplo, ou fazia minha colher aterrissar como um míssil nas sobremesas das outras, na intensidade com que unia as sobrancelhas, pensando, ou na avidez com que rebatia quem quer que fosse sobre qualquer assunto, na sala de aula; quando, ainda mutante, eu não havia mudado, fui bastante popular na escola.

Mas essa etapa não durou muito. Logo o aparato de cabeça do meu aparelho dentário começou a perder sua batalha noturna contra as forças da curvatura. Apolo se rendeu a Dionísio. A beleza sempre

pode ser um pouco aberrante, mas, na passagem aos meus treze anos, eu me tornei mais aberrante do que nunca.

Tomemos o álbum de fotos da sétima série. Na fotografia do time de hóquei na grama, tirada no outono, apareço na fileira da frente, um dos joelhos apoiado no chão. Noutra foto de grupo, numa das reuniões extraclasse na primavera, estou ao fundo, postura encurvada. Meu rosto surge encoberto por uma sombra de constrangimento. (Ao longo dos anos, minha expressão de perpétua perplexidade desviaria a atenção dos fotógrafos. Arruinaria as fotos de turma e os cartões de Natal até que, nos meus retratos mais amplamente difundidos, o problema fosse por fim resolvido encobrindo-se totalmente meu rosto.)

Se Milton chegou a se ressentir de não ter mais uma bela filha, eu nunca soube. Nos casamentos, sempre me tirava para dançar, indiferente ao quanto parecíamos ridículos juntos. “Venha, *kukla*”, ele dizia, “vamos botar pra quebrar”, e lá íamos nós, o pai atarracado e rechonchudo, conduzindo a dança com passos seguros e antiquados de foxtrote, e a filha, um desajeitado louva-deus, tentando acompanhá-lo. O amor dos meus pais não diminuiu por causa da minha aparência. Acho que é justo dizer, porém, que naqueles anos, à medida que eu mudava, uma espécie de tristeza se infiltrou no sentimento amoroso deles por mim. Tinham medo de que eu não conseguisse atrair rapazes, que acabasse como a tia Zo, uma chucra. Às vezes, quando estávamos dançando, Milton endireitava a postura e olhava em torno, na pista, como que desafiando alguém a fazer gracinha.

Minha reação a esse crescimento todo foi deixar crescer o cabelo. Ao contrário do resto de mim, que parecia ter vontade própria, meu cabelo ainda estava sob meu controle. E então, a exemplo de Desdêmona depois do desastre que havia sido sua mudança de visual na tenda da Associação Cristã de Moços, me recusava a deixar

que o cortassem. Mantive essa meta ao longo da sétima e da oitava séries inteiras. Enquanto universitários saíam em passeata contra a guerra, Calíope protestava contra as tesouras. Enquanto bombas eram despejadas secretamente sobre o Camboja, Callie fazia o que podia para manter os próprios segredos. Na primavera de 1973, a guerra foi oficialmente encerrada. O presidente Nixon deixaria o cargo em agosto do ano seguinte. O rock perdia espaço para a disco music. No país inteiro os cortes de cabelo estavam mudando. Mas, na cabeça de Calíope, com aquele comportamento típico do Meio-Oeste de sempre aderir às modas com atraso, ainda eram os anos 1960.

Meu cabelo! Meu cabelo inacreditavelmente abundante aos treze anos! Terá existido, alguma vez, uma cabeleira como a minha aos treze? Será que alguma menina foi capaz de convocar tantas vezes o pessoal do desentupimento e seus caminhões? Mensalmente, semanalmente, mais de uma vez por semana, o encanamento da nossa casa entupia. "Jesus Cristo", queixava-se Milton, preenchendo mais um cheque, "você consegue ser pior do que aquelas malditas árvores." Cabelo feito as bolas emaranhadas que se desprendiam dos chorões e eram sopradas pelos cômodos de Middlesex. Cabelo feito um tornado negro a atravessar, com suas circunvoluções, os registros de um cinegrafista amador. Cabelo tão vasto que parecia possuir sistemas climáticos próprios, porque minhas pontas secas e quebradiças estalavam de eletricidade estática enquanto, mais para dentro, junto ao couro cabeludo, a atmosfera se tornava quente e úmida como a de uma floresta tropical. O cabelo de Desdêmona era longo e sedoso, mas herdei a variedade mais espetada de Jimmy Zizmo. Jamais aqueles fios seriam subjugados com pomada. Nenhuma primeira-dama os compraria. Era cabelo capaz de transformar a própria Medusa em pedra, um serpentário mais terrível que qualquer fosso de serpentes em filme de Minotauro.

Minha família sofria. Aparecia cabelo meu em todo canto, em toda gaveta, em toda *refeição*. Até no arroz-doce que Tessie fazia, cobrindo cada porção com papel parafinado antes de colocar as tijelinhas na geladeira — até ali, naquelas sobremesas profilaticamente lacradas, meu cabelo aparecia! Fios muito pretos se enroscavam em sabonetes. Jaziam entre as páginas de livros, prensados como caules de flores. Davam as caras em estojos de óculos, cartões de aniversário, e certa vez — juro — dentro de um ovo que Tessie tinha acabado de quebrar. Um dia, o gato dos nossos vizinhos cuspiu uma bola de pelos que não eram seus. “Isso é nojento!”, berrou Becky Turnbull. “Vou chamar a Sociedade Protetora dos Animais!” Milton tentou, em vão, me convencer a adotar a proteção de papel que seus funcionários eram obrigados por lei a usar na cabeça. Tessie, como se eu ainda tivesse seis anos de idade, me apresentou uma escova de cabelo.

“Não-entendo-por-que-você-não-deixa-a-Sophie-fazer-alguma-coisa-no-seu-cabelo.”

“Porque vejo o que ela faz no dela.”

“O penteado da Sophie é perfeitamente razoável.”

“Ô!”

“Bom, e o que você quer? Isto aqui está um ninho de rato.”

“Deixa assim.”

“Fique parada.” Mais escovadas, mais puxões. Minha cabeça aos solavancos. “A moda agora é cabelo curto, Callie.”

“Terminou?”

Uns golpes finais, frustrados. E, em seguida, suplicante: “Pelo menos prenda. Tire do rosto”.

O que eu podia dizer a ela? Que era exatamente para isso que servia ter cabelo comprido? Para deixá-lo *no* rosto? Talvez eu não parecesse a Dorothy Hamill. Talvez estivesse mesmo começando a me parecer bastante com nossos chorões à entrada de casa. Mas

meu cabelo tinha suas virtudes. Encobria o aparelho nos dentes. O nariz de sátiro. Escondia espinhas e, o melhor tudo, me escondia. Cortar meu cabelo? Nunca! Ainda estava deixando crescer. Meu sonho era morar dentro dele, um dia.

Tentem me imaginar, portanto, no infortúnio dos meus treze anos, começando a oitava série. Um metro e setenta e oito de altura, cinquenta e nove quilos e meio de peso. Uma cortina de cabelo preto pendendo de cada lado do nariz. As pessoas fingindo bater numa porta imaginária diante do meu rosto e chamando: "Ô de casa?".

Era ali dentro mesmo que eu estava. Para onde mais poderia ir?

# Lirismo de salão

Estou de volta aos meus velhos hábitos. Às minhas caminhadas solitárias pelo Victoriapark. Aos meus Romeo y Julieta, meus Davidoff Grand Cru. Às recepções em embaixadas, aos concertos da Filarmônica, a bater ponto toda noite no Felsenkeller para algumas rodadas. É minha época preferida do ano, o outono. O leve frescor no ar a estimular o cérebro, e todas as lembranças do tempo de escola, do ano escolar, que se ligam a essa estação. Aqui na Europa a gente não vê, como na Nova Inglaterra, folhas com aquele fulgor. Ficam em brasa, mas nunca se incendeiam. Ainda faz algum calor que permite andar de bicicleta. Na noite passada, pedalei de Schöneberg até a Orianenburger Strasse, no Mitte. Encontrei um amigo para um drinque. No caminho de volta, pedalando pelas ruas, fui abordado pelas prostitutas intergalácticas. Com seus figurinos de mangá e suas botas lunares, jogavam os cabelos volumosos de boneca e me interpelavam: *Hallo-hallo*. Talvez elas sejam exatamente o que eu preciso. São pagas para tolerar praticamente qualquer coisa. Sem nunca se chocar com nada. E no entanto, passando por aquele pelotão, aquele *Strich*, não senti em relação a elas o que um homem sentiria. Percebi em mim a censura e o desprezo de uma boa menina, somados a uma empatia perceptível, física. Enquanto elas reboavam, se oferecendo, com seus olhos

excessivamente maquiados, minha mente não se encheu de imagens do que eu poderia fazer com elas, e sim de como deveria ser para elas, noite após noite, hora após hora, ter que fazer aquilo. Elas mesmas, as *Huren*, nem prestaram muita atenção em mim. Olharam para o meu cachecol de seda, para as minhas calças Zegna, para os meus sapatos reluzentes. Para o dinheiro na minha carteira. *Hallo*, chamaram. *Hallo. Hallo.*

\*

Também era outono então, o outono de 1973. Faltavam só alguns meses para eu completar catorze anos. E, num domingo depois da missa, Sophie Sassoon cochichou no meu ouvido: “Benzinho, você está ficando com um pouquinho de bigode. Pede pra sua mãe te levar lá no salão que dou um jeito nisso pra você”.

Um bigode? Seria verdade? Como o da sra. Drexel? Corri para o banheiro para ver. A sra. Tsilouras estava retocando o batom, mas foi só ela sair dali e enfiei a cara no espelho. Não era um bigode de pleno direito: somente uns poucos pelos escuros acima do meu lábio superior. E não era tão surpreendente quanto possa parecer. Na verdade, eu já esperava que acontecesse.

Assim como o Cinturão do Sol ou o da Bíblia, também há, neste nosso mundo multifário, o Cinturão do Pelo. Começa na Espanha, em consonância com a influência moura. Estende-se pelas regiões onde grassam os olhos escuros, na Itália, em quase toda a Grécia, e na Turquia inteira, certamente. Desce para o sul e inclui o Marrocos, a Tunísia, a Argélia e o Egito. Seguindo adiante (e ganhando tonalidade ainda mais escura, como nos mapas quando as águas dos oceanos são profundas), cobre a Síria, o Irã e o Afeganistão, e então, na Índia, volta a clarear. A partir daí, exceto por um ponto

solitário representando os ainus do Japão, o Cinturão do Pelo termina.

Canta, ó Musa, as moças gregas e suas batalhas contra desgraciosos pelos! Canta os cremes de depilação e as pinças! Os descolorantes e as ceras! Como o desgracioso emaranhado preto, feito as legiões persas de Dario, se espalha pelo território aqueu dessas meninas que ainda mal chegaram à adolescência! Não, Calíope não estava surpresa com a aparição de uma sombra sobre seu lábio superior. Minha tia Zo, minha mãe, Sourmelina e até minha prima Cleo todas sofriam com pelos crescendo em lugares indesejados. Será que, quando fecho os olhos e busco na memória os cheiros saudosos da infância, são os pães de mel no forno ou a árvore de Natal recendendo a pinheiro recém-cortado que me vêm à cabeça? Primordialmente, não. O que vem encher minhas, por assim dizer, narinas mentais é o aroma fétido, sulfuroso daquele solvente de proteínas, o creme Nair.

Vejo minha mãe, pés na banheira, esperando a espuma borbulhante e ardida fazer efeito. Vejo Sourmelina aquecendo uma lata de cera no fogão. As dores que suportavam para ficar lisinhas! A irritação na pele causada pelo creme! A futilidade daquilo tudo! O inimigo, os pelos, era invencível. Era a própria vida.

Pedi à minha mãe que marcasse uma hora para mim no salão de beleza de Sophie Sassoon, no centro comercial Eastland.

Espremido entre um cinema e uma lanchonete especializada em sanduíches de baguete, o Golden Fleece fazia o que podia para se manter socialmente à parte dos vizinhos. Um toldo de bom gosto, exibindo a silhueta de uma *grande dame* parisiense, adornava a entrada. Na recepção, flores. E, colorida como elas, a própria Sophie Sassoon. Usando um *muumuu* roxo, braceletes e pedras, deslizava de uma cadeira a outra. “Como vão as coisas aqui? Ah, você está linda. Essa cor rejuvenesce uns dez anos.” E para a cliente seguinte:

“Desfaça essa cara de preocupada. Pode confiar em mim. É assim que estão usando o cabelo agora. Diz pra ela, Reinaldo”. E Reinaldo, calças justas de cintura baixa, dizia: “É o corte da Mia Farrow em *O bebê de Rosemary*. O filme é horrível, mas ela está maravilhosa”. A essa altura, Sophie já tinha passado à cadeira seguinte. “Benzinho, deixa eu te dar um conselho. Não seque com secador. Deixe secar sozinho. E também tenho um condicionador que você não vai acreditar. Revenda autorizada.” Era a atenção pessoal de Sophie que as clientes buscavam no salão, a sensação de segurança que tinham ali, a garantia de que podiam expor seus defeitos sem constrangimento que Sophie daria um jeito neles. Só podia ser em busca de amor que vinham. Do contrário, teriam reparado que a própria Sophie estava precisando de umas dicas de beleza. Teriam visto que suas sobrancelhas pareciam desenhadas com pincel atômico e que seu rosto, graças à maquiagem Princess Borghese que ela vendia ganhando comissão, tinha cor de tijolo. Mas será que eu, naquele dia ou nas semanas seguintes, notei isso? Em vez de julgar o resultado final da maquiagem de Sophie Sassoon, me impressionava, como todo mundo, com a complexidade da coisa. Sabia, assim como minha mãe e as demais mulheres, que Sophie Sassoon não levava menos do que uma hora e quarenta e cinco minutos, todas as manhãs, para “se produzir”. Tinha de passar cremes para os olhos e cremes para debaixo dos olhos. Tinha de sobrepor várias camadas, como se envernizasse com goma-laca um Stradivarius. Além da camada final cor de tijolo, havia outras: toques de verde para neutralizar manchas vermelhas, tons de rosa para dar uma corada, azuis nas pálpebras. Usava delineador seco e delineador líquido nos olhos, delineador para os lábios, condicionador para os lábios, um iluminador e um redutor de poros. O rosto de Sophie Sassoon: criado com o rigor dos painéis de areia

colorida dos monges tibetanos, grão a grão. Durava só um dia e se apagava.

Era esse o rosto que agora nos dizia: "Por aqui, meninas". Sophie foi calorosa como sempre, amável como sempre. Suas mãos, tratadas todas as noites com cremes de absorção rápida, adejavam ao nosso redor, entre afagos e carícias. Seus brincos pareciam peças desencavadas por Schliemann em Troia. Ela nos conduziu por uma fileira de mulheres submetidas à moldagem de seu penteado até o canto abafado dos secadores e, dali, para outro ambiente atrás de uma cortina azul. Na parte da frente do salão, Sophie tratava os cabelos; nos fundos, ela os arrancava. Atrás da cortina, mulheres seminuas submetiam partes de seus corpos à cera. Uma delas, encorpada, estava deitada de costas, a blusa levantada revelando o umbigo. Outra, de barriga para baixo, lia uma revista enquanto a cera secava na parte posterior de suas coxas. Havia uma senhora sentada numa cadeira, as laterais do rosto e o queixo besuntados com uma cera dourada e escura, e ainda duas belas moças que, nuas da cintura para baixo e também deitadas, depilavam as virilhas. O cheiro de cera era forte e agradável. A atmosfera parecia a de uma sauna sem o calor, tudo envolto naquele véu preguiçoso, vapor subindo em circunvoluções dos potes de cera.

"Só vou fazer o rosto", eu disse a Sophie.

"Até parece que é ela que vai pagar", Sophie brincou com minha mãe.

Tessie riu e as outras mulheres acompanharam. Todas olhavam na nossa direção, sorrindo. Eu tinha vindo direto da escola e ainda estava de uniforme.

"Agradeça que é só o rosto", disse uma das freguesas que fazia as virilhas.

"Mais uns anos", falou a outra, "e talvez você precise se preocupar com lugares mais ao sul."

Risadas. Piscadelas. E até mesmo, para meu espanto, um sorriso matreiro se estampando no rosto da minha mãe. Como se, atrás daquela cortina azul, Tessie fosse outra pessoa. Como se, agora que vínhamos nos depilar juntas, ela pudesse me tratar como igual.

“Sophie, quem sabe você não consegue convencer a Callie a cortar o cabelo?”, falou Tessie.

“Está mesmo uma juba, benzinho”, Sophie foi honesta comigo. “Um pouco demais pro formato do seu rosto.”

“Só a depilação, por favor”, falei.

“Ela não escuta”, disse Tessie.

Uma senhora húngara (da periferia do Cinturão do Pelo) era quem fazia as honras. Com a eficiência que Jimmy Papanikolas costumava ter como chapeiro, ia nos espalhando pela sala feito comida no grill: num canto, a mulher encorpada, rosada como uma fatia de bacon canadense; ao fundo, amontoadas, Tessie e eu, fritas da casa; à esquerda, as duas que faziam as virilhas, gemas para cima. Helga mantinha todo mundo na fritura. Segurando sua bandeja de alumínio, ia de corpo em corpo, espalhando, com uma colher de pau achatada e onde fosse necessária, aquela cera da cor de xarope de bordo, e então cobria as aplicações com tiras de gaze. Quando a mulher encorpada ficou pronta de um lado, Helga a virou. Tessie e eu, de nossas cadeiras, ouvíamos a cera ser violentamente removida. “Ai, nossa!”, gritava a senhora. “Num é nada”, desdenhava Helga. “Faço perfeito.” “Ui!”, arfava a das virilhas. E Helga, numa declaração bizarramente feminista: “Tá vendo o que você faz pelos home? Sofre. Num vale a pena”.

Agora Helga vinha até mim. Agarrou meu queixo e moveu minha cabeça de um lado para o outro, examinando. Espalhou cera acima do lábio superior. Chegou à minha mãe e fez o mesmo. Em trinta segundos a cera tinha secado.

“Tenho uma surpresa pra você”, disse Tessie.

“O quê?”, perguntei, enquanto Helga dava o puxão. Tive certeza de que minha penugem já era. O lábio também.

“Seu irmão vem pro Natal.”

Meus olhos lacrimejavam. Pisquei e não disse nada, um instante de atordoamento. Helga virou para minha mãe.

“Que surpresa”, falei.

“Ele está trazendo uma namorada.”

“Meu irmão tem uma namorada? Quem ia querer sair com ele?”

“O nome dela é...”, Helga puxou. Depois de um momento, minha mãe retomou: “Meg”.

A partir de então, Sophie Sassoon passou a cuidar dos meus pelos faciais. Eu ia ao salão duas vezes por mês, e uma lista crescente de procedimentos de manutenção logo veio se somar à depilação. Comecei ampliando para pernas e axilas. Depois sobrancelhas. O estatuto da escola proibia cosméticos. Mas, nos fins de semana, comecei com experimentos controlados. Reetika e eu pintávamos o rosto no quarto dela, passando um espelho de mão de uma para a outra. Eu gostava particularmente do uso dramático de delineadores. Meu modelo era Maria Callas, ou possivelmente a Barbra Streisand de *Uma garota genial*. Essas triunfantes divas de nariz grande. Em casa, fazia incursões ao banheiro de Tessie. Amava os frasquinhos com jeito de amuletos, os cremes de aroma adocicado que pareciam comestíveis. Também experimentei o vaporizador facial da minha mãe. A gente colocava o rosto no suporte plástico em forma de cone e o calor vinha com tudo. Mantive distância de hidratantes oleosos, com medo de que minha pele explodisse em espinhas.

Com Um-Sete-Um na faculdade — ele já estava no segundo ano a essa altura —, fiquei com o banheiro só para mim. O que ficava evidente na primeira olhada no armário. Duas giletas Daisy cor-de-rosa ficavam num copo, ao lado de uma lata de xampu a seco Psssssst. Um batom Dr. Pepper, imitando o sabor do refrigerante,

beijava um frasco do xampu "Gee, Your Hair Smells Terrific". Meu creme rinse Breck para dar volume prometia me transformar na "garota do cabelo" (mas eu já não era?). Dali passávamos aos cuidados faciais, com meu kit para acne Epi\*Clear; a meu modelador de cachos Crazy Curl; a um frasco de pílulas FemIron que eu tinha esperança de, um dia, precisar tomar; e a um talco para o corpo Love's Baby Soft. Então vinham um desodorante Soft & Dri, aerossol com efeito antiardência, e meus dois vidros de perfume: Woodhue, um presente de Natal um pouco perturbador do meu irmão, e que conseqüentemente eu nunca usava; e L'Air du Temps, *by* Nina Ricci ("Só para românticas"). Tinha também um tubo de creme descolorante Jolén para manutenção entre uma visita e outra ao Golden Fleece. Dispersos entre esses itens totêmicos, havia maços de algodão e cotonetes extraviados, delineadores labiais, sombra Max Factor, máscara, blush, e tudo mais que eu usava numa batalha perdida para me embelezar. Por fim, escondida no fundo do armarinho, uma caixa de absorventes Kotex que minha mãe tinha me dado, certo dia. "Melhor a gente ter isto aqui à mão", falou, para meu completo espanto. E nenhuma explicação adicional.

\* \* \*

O abraço que dei em Um-Sete-Um no verão de 1972 acabou sendo uma espécie de adeus, porque, quando voltou para casa da faculdade, depois do primeiro ano lá, meu irmão era outra pessoa. Tinha deixado crescer o cabelo (não estava tão comprido quanto o meu, mas comprido, ainda assim). Tinha começado a aprender violão. Pousados no nariz, uns óculos redondos de aro fino, e calças boca de sino desbotadas em lugar das antigas, de corte reto. O pessoal na minha família sempre teve um pendor para se autotransformar. Enquanto eu terminava meu primeiro ano e

começava o segundo na Baker & Inglis, enquanto passava de uma baixinha da sétima série a uma aluna alarmantemente alta da oitava, Um-Sete-Um se transformava, na faculdade, de cientista nerd em sócia de John Lennon.

Comprou uma moto. Começou a meditar. Garantia ter entendido *2001: Uma odisseia no espaço*, mesmo o final. Mas foi somente quanto Um-Sete-Um desceu ao porão para jogar pingue-pongue com Milton que entendi o que havia por trás daquilo tudo. Fazia anos que aquela mesa de pingue-pongue estava ali, mas até então, por mais que meu irmão e eu treinássemos, nunca tínhamos conseguido nem chegar perto de bater Milton. Nem minha nova envergadura nem a concentração taciturna de Um-Sete-Um eram suficientes para fazer frente ao jogo do meu pai, com suas malignas bolas de efeito ou sua "raquetada mortal" que deixava marcas vermelhas em nossos peitos *com roupa e tudo*. Mas, naquele verão, havia algo diferente. Quando Milton lançava mão de seu saque ultrarrápido, Um-Sete-Um o rebatia com um mínimo de esforço. Quando Milton usava o "efeito inglês" que tinha aprendido na Marinha, Um-Sete-Um contra-atacava com mais efeito. Mesmo quando Milton dava uma cortada matadora, Um-Sete-Um, com reflexo estupendo, devolvia a bola ao lugar de onde tinha saído. Milton começou a suar. Seu rosto ficou vermelho. Um-Sete-Um mantinha a calma. Estava com uma expressão estranha e aérea. As pupilas dilatadas. "Vai!", eu torcia. "Ganha do pai!" 12-12. 12-14. 14-15. 17-18. 18-21! Um-Sete-Um tinha conseguido! Tinha batido Milton!

"Estou chapado de ácido", ele me explicou mais tarde.

"Como é?"

"Gelatina. Três cápsulas."

Com a droga, tudo parecia acontecer em câmera lenta. Os saques mais rápidos, as rebatidas e cortadas mais em curva de que Milton

era capaz davam a impressão de flutuar no ar.

LSD? Três cápsulas? Um-Sete-Um viajando o tempo inteiro! Durante o jantar! “Foi o momento mais difícil”, ele disse. “Estava olhando o pai destrinchar o frango, que abriu as asas e saiu voando!”

“O que está acontecendo com esse rapaz?” Ouvei meu pai perguntar à minha mãe através da parede que separava nossos quartos. “Agora está falando em largar a engenharia. Disse que o curso é muito chato.”

“É só uma fase. Isso passa.”

“Melhor passar mesmo.”

Não demorou muito e meu irmão voltou à faculdade. Não veio para casa no Dia de Ação de Graças. E, portanto, à medida que se aproximava o Natal de 1973, todos nos perguntávamos como ele estaria quando o reencontrássemos.

Logo descobrimos. Como meu pai temia, Um-Sete-Um tinha abandonado os planos de se tornar engenheiro. Agora, informou, estava cursando antropologia.

Como parte de um trabalho para uma das disciplinas, meu irmão passou a maior parte daquelas férias dedicado ao que chamou de “pesquisa de campo”. Carregava um gravador para todo lado, registrando tudo que dizíamos. Tomava notas sobre nossos “sistemas de ideação” e “rituais de parentesco”. Ele próprio quase não falava, alegando que não queria interferir em seus achados. Aqui e ali, porém, enquanto observava a família e agregados comendo, fazendo piadas e batendo boca, Um-Sete-Um deixava escapar uma risada, um Eureka íntimo que o fazia jogar o corpo para trás na cadeira e tirar do chão os pés calçados num modelo Earth. Em seguida, debruçava-se sobre seu caderno e furiosamente começava a fazer anotações.

Como já mencionei, meu irmão não prestava muita atenção em mim enquanto crescíamos. Naquele fim de semana, porém, impulsionado por aquela sua nova mania de observação, Um-Sete-Um passou a me olhar com interesse. Na sexta à tarde, ao me ver diligentemente fazendo a lição de casa prévia na mesa da cozinha, ele veio e se sentou. Ficou me encarando pensativo por um longo tempo.

“Latim, é? É isso que estão te ensinando naquela escola?”

“Eu gosto.”

“Você é necrófila?”

“Sou o quê?”

“Uma pessoa que fica excitada com os mortos. O latim está morto, não está?”

“Não sei.”

“Eu sei um pouco de latim.”

“Sabe?”

“Cunnilingus.”

“Não seja nojento.”

“Fellatio.”

“Ha ha.”

“Mons veneris.”

“Estou morrendo de rir. Assim você me mata. Olha só pra mim, morri.”

Um-Sete-Um ficou calado por um tempo. Tentei continuar estudando, mas sentia que ele estava me observando. Por fim, já começando a me exasperar, fechei o livro. “Está olhando o quê?”, falei.

Houve uma das pausas características do meu irmão. Por trás dos óculos de John Lennon, seus olhos tinham uma expressão neutra, mas a mente por trás deles maquinava.

“Estou olhando pra minha irmãzinha.”

“Ok. Já olhou. Agora pode ir.”

“Estou olhando pra minha irmãzinha e pensando que ela não parece mais minha irmãzinha.”

“O que você está querendo dizer com isso?”, perguntei.

Outra pausa. “Não sei”, falou meu irmão. “Estou tentando descobrir.”

“Bom, quando conseguir, você me avisa. Agora tenho mais o que fazer.”

No sábado de manhã, a namorada de Um-Sete-Um chegou. Meg Zemka era baixa como minha mãe e tão sem peitos quanto eu. O cabelo era de um castanho ordinário e os dentes, por causa da infância pobre, maltratados. Era uma enjeitada, uma órfã, uma nanica, e seis vezes mais forte que meu irmão.

“O que você está estudando na faculdade, Meg?”, perguntou meu pai no jantar.

“Ciência política.”

“Parece interessante.”

“Duvido que o senhor vá gostar da minha corrente teórica. Sou marxista.”

“Ah, marxista, é?”

“O senhor tem um monte de lanchonetes, certo?”

“Isso mesmo. A rede Hércules Hot Dogs. Já comeu nosso hot dog? Precisamos te levar num dos nossos quiosques.”

“A Meg não come carne”, lembrou minha mãe.

“Ah, sim, eu tinha esquecido”, disse Milton. “Bom, você pode comer as fritas. Temos fritas.”

“Quanto o senhor paga pros seus funcionários?”, quis saber Meg.

“Pros que atendem no balcão? Salário mínimo.”

“E mora aqui, nesta mansão em Grosse Pointe.”

“Porque sou eu que administro o negócio todo e assumo os riscos.”

“Pra mim parece mais exploração.”

“Parece, é?”, Milton sorriu. “Bom, se dar emprego a alguém é explorar, então acho que sou um explorador. Esses empregos não existiam antes de eu começar o negócio.”

“Isso é a mesma coisa que dizer que os escravos não tinham emprego antes de existirem as plantações.”

“Você me arrumou um belo de um fio desencapado aqui”, falou Milton, virando-se para o meu irmão. “Onde é que foi achar a moça?”

“Eu que achei ele”, disse Meg. “Trepado num elevador.”

Foi aí que descobrimos o que Um-Sete-Um andava fazendo na faculdade. Seu passatempo predileto era desparafusar o painel do teto do elevador do alojamento dos estudantes e trepar ali em cima. Ficava sentado lá durante horas, subindo e descendo no escuro.

“A primeira vez que fiz isso”, ele confessava agora, “o elevador começou a subir até o topo do prédio. Pensei que ia acabar esmagado. Mas tem uma sobra de espaço lá no alto.”

“É pra isso que estamos pagando a anuidade?”, perguntou Milton.

“É pra isso que o senhor explora seus funcionários”, falou Meg.

Tessie obrigou Um-Sete-Um e Meg a dormir em quartos separados, mas ouvimos, no meio da noite, um bocado de movimentações na ponta dos pés e risadinhas no escuro. Tentando ser a irmã mais velha que não tive, Meg me deu um exemplar de *Our Bodies, Ourselves*.

Um-Sete-Um, levado pela onda da revolução sexual, também tentava me educar.

“Você já se masturbou, Cal?”

“O quê!”

“Não precisa ficar com vergonha. É uma coisa natural. Um amigo me falou que dava pra fazer usando a mão. Aí fui pro banheiro e...”

“Não quero saber o que...”

"... e tentei. De repente, todos os músculos do meu pênis começaram a se contrair..."

"No nosso banheiro?"

"... e então eu ejaculei. Foi realmente demais. Você devia tentar, Cal, se já não tentou. Pras meninas é diferente, mas é mais ou menos a mesma coisa, fisiologicamente falando. O que eu quero dizer é que o pênis e o clitóris são estruturas análogas. Tem que experimentar e ver o que funciona pra você."

Enfiei os dedos nos ouvidos e comecei a ronronar.

"Você não precisa ficar acanhada comigo", disse Um-Sete-Um, mais alto. "Sou seu irmão."

O rock, a adoração pelo Maharishi Mahesh Yogi, os caroços de abacate brotando no parapeito da janela, as sedas de enrolar baseado nas cores do arco-íris. Que mais? Ah, sim: meu irmão tinha parado de usar desodorante.

"Você está fedendo!", reclamei um dia, quando ele estava bem do meu lado na sala de tevê.

Um-Sete-Um mal se deu ao trabalho de dar de ombros. "Sou humano", disse. "Esse é o cheiro dos humanos."

"Então os humanos fedem."

"Você acha que estou fedido, Meg?"

"De jeito nenhum", farejando a axila dele. "Isto aqui me deixa *excitada*."

"Será que vocês dois podiam sair daqui? Estou tentando assistir esse programa."

"Ei, baby, minha irmãzinha quer que a gente caia fora. O que você me diz de uma rapidinha?"

"Joia."

"Até, maninha. Qualquer coisa, a gente está lá em cima, *in flagrante delicto*."

Aonde aquilo tudo podia levar? Só mesmo à discórdia familiar, a disputas de quem gritava mais alto, a corações partidos. Na noite de Ano-Novo, enquanto Milton e Tessie brindavam com taças de Cold Duck, Um-Sete-Um e Meg entornavam garrafas da cerveja superalcoólica Elephant, saindo lá fora, de quando em quando, para fumar escondidos um baseado. Milton falou: "Sabe, tenho pensado da gente finalmente fazer aquela viagem à velha pátria. Voltar lá pra ver o vilarejo do *papou* e da *yia yia*".

"E consertar aquela igreja, como você prometeu", disse Tessie.

"O que você acha?", Milton perguntou a Um-Sete-Um. "Quem sabe a gente não sai de férias em família neste verão?"

"Não comigo", respondeu meu irmão.

"Por que não?"

"O turismo é só mais uma forma de colonialismo."

E assim por diante. Não demorou muito e Um-Sete-Um estava declarando que não partilhava dos valores de Milton e Tessie. Milton perguntou o que havia de errado com os valores deles. Meu irmão disse que era contra o materialismo. "Você só se importa com dinheiro", falou para o meu pai. "Não quero viver assim." Fez um gesto na direção da sala. Um-Sete-Um era contra nossa sala de estar, contra tudo que tínhamos, tudo pelo qual Milton havia trabalhado na vida. Era contra Middlesex! E começou a gritaria; meu irmão disse aquela palavra iniciada por *f* e terminada em *-se* para Milton; e mais gritos, e o ronco da moto de Um-Sete-Um partindo, Meg na garupa.

O que tinha acontecido com meu irmão? Por que estava tão mudado? Isso é que dava ficar longe de casa, disse Tessie. Eram os novos tempos. Era aquela confusão toda de guerra. Eu, porém, tinha uma resposta diferente. Desconfiava que a transformação de Um-Sete-Um estava em boa medida relacionada com aquele dia em que, deitado na cama, ele tinha visto o seu destino ser decidido numa

loteria. Estou projetando? Jogando nas costas do meu irmão as minhas próprias obsessões com sorte e destino? Talvez. Mas, enquanto planejávamos a viagem — viagem que era uma promessa de quando Milton fora salvo de outra guerra —, parecia que Um-Sete-Um, em meio a suas próprias viagens químicas, tentava escapar daquilo que tinha percebido vagamente naquele momento, envolto na colcha de crochê: a possibilidade de que não apenas seu número de alistamento tinha sido decidido numa loteria, mas tudo o mais. Meu irmão se escondia dessa descoberta: no ácido, trepado em elevadores, na cama de Meg Zemka, com seus orgasmos múltiplos e dentes ruins, Meg Zemka que soprava no ouvido de Um-Sete-Um, quando faziam amor: *"Esquece sua família, cara! São uns porcos burgueses! Seu pai é um explorador, cara! Esquece eles. Estão mortos, cara. Morreram. Aqui é que é real. Isto aqui mesmo. Vem pegar, baby!"*

# O Obscuro Objeto

Hoje me ocorreu que não avancei tanto quanto pensava. Escrever minha história não é o ato corajoso e libertador que eu esperava que fosse. Escrever é solitário e furtivo, e sei tudo sobre essas coisas. Sou expert em vida clandestina. Será mesmo meu temperamento apolítico que me faz manter distância do movimento pelos direitos intersexuais? Não poderia ser também medo? De aparecer. De me tornar um *deles*.

Ainda assim, a gente só pode fazer aquilo de que é capaz. Se esta história estiver sendo escrita só para mim, tudo bem. Mas não me parece. Sinto você aí, leitor. É o único tipo de intimidade com que me sinto confortável. Só nós dois, aqui, na escuridão.

Nem sempre as coisas foram assim. Tive uma namorada na faculdade. O nome dela era Olivia. O que nos atraiu foram nossas feridas comuns. Olivia tinha sido atacada selvagemmente com apenas treze anos, quase estuprada. A polícia prendeu o agressor e Olivia precisou testemunhar várias vezes no tribunal. A experiência traumática bloqueou seu desenvolvimento. Em vez de fazer as coisas que uma colegial normal faria, ela precisou continuar sendo a menina de treze anos no banco das testemunhas. Se Olivia e eu éramos intelectualmente capazes de lidar com o currículo da faculdade, até mesmo de nos destacar, em alguns aspectos cruciais

permanecíamos emocionalmente adolescentes. Chorávamos muito na cama. Lembro da primeira vez em que nos vimos sem roupa. Foi como se estivéssemos desenrolando bandagens. Eu era um homem na medida que ela poderia suportar naquele momento. Fui seu kit para principiantes.

Depois da faculdade, fiz uma viagem ao redor do mundo. Tentava esquecer meu corpo mantendo-o em movimento. Nove meses se passaram; quando voltei, prestei os exames para entrar no Escritório de Relações Exteriores e, um ano mais tarde, comecei a trabalhar para o Departamento de Estado. Um emprego perfeito para mim. Três anos num lugar, dois em outro. Nunca tempo bastante para criar um vínculo sólido com alguém. Em Bruxelas me apaixonei por uma atendente de bar que afirmava não se importar com minha constituição atípica. A gratidão foi tanta que a pedi em casamento, embora achasse que era uma companhia tediosa, uma pessoa sem ambição, espalhafatosa demais. Por sorte ela recusou e foi embora com outro. Quem mais, desde então? Algumas, aqui e ali, nunca por muito tempo. E assim, sem que possam durar, minhas seduções incompletas viraram rotina. O papo em que me saio bem. Os jantares e drinques. Os amassos à porta. Mas aí caio fora. “Tenho uma reunião com o embaixador amanhã cedo”, digo. E elas acreditam em mim. Acreditam que o embaixador quer um resumo dos preparativos para a homenagem a Aaron Copland.

Cada vez fica mais difícil. Com Olivia e todas as mulheres que vieram depois dela, havia algo já revelado com que lidar: o fato imenso que é minha condição. O Obscuro Objeto e eu nos encontramos desavisados, porém, em abençoada ignorância.

\*

Passada toda a gritaria na nossa casa, naquele inverno em Middlesex só reinou o silêncio. Um silêncio tão profundo que, como aquela secretária de cujos atos o presidente não sabia, apagou parte dos registros oficiais. Uma estação úmida, ardilosa, durante a qual Milton, incapaz de admitir que a agressão de Um-Sete-Um tinha partido seu coração, começou visivelmente a acumular ódio, de modo que quase qualquer coisa o tirava do sério, um sinal vermelho muito demorado, frapê em vez de sorvete na sobremesa. (O silêncio do meu pai era eloquente, mas era silêncio, ainda assim.) Um inverno durante o qual as preocupações de Tessie com os filhos a paralisaram, e por isso ela deixou de fazer a troca dos presentes de Natal que não tinham servido e simplesmente pôs tudo no guarda-roupa, sem nem pedir reembolso. No final dessa estação magoada e traiçoeira, quando os primeiros brotos de açafrão voltaram de seu inverno subterrâneo, Calíope Stephanides, que também sentia alguma coisa despertando no solo de seu ser, se viu lendo os clássicos.

O semestre de primavera da oitava série me apresentou às aulas de literatura do sr. da Silva. Éramos um grupo de apenas cinco alunas e os encontros aconteciam na estufa do segundo andar. Folhas de trepadeiras ornamentais pendiam do teto de vidro. Na altura das nossas cabeças, amontoavam-se gerânios que exalavam um aroma entre alcaçuz e alumínio. Além de mim, a classe era composta por Reetika, Tina, Joanne e Maxine Grossinger. Embora nossos pais fossem amigos, eu mal conhecia Maxine. Ela não se misturava com as outras crianças de Middlesex. Estava sempre praticando seu violino. Era a única menina judia na escola. Almoçava sozinha, usando uma colher para a comida kosher no Tupperware. Eu achava que ela era pálida porque vivia o tempo todo fechada dentro de casa, e que a veia azul que pulsava arisca em sua têmpora era uma espécie de metrônomo interno.

O sr. da Silva tinha nascido no Brasil. Era difícil notar. Não fazia o tipo carnavalesco, exatamente. Os detalhes latinos de sua infância (a rede, a banheira no quintal) acabaram apagados pela formação americana e por sua devoção ao romance europeu. Agora ele era um democrata liberal e usava braçadeiras pretas em apoio a causas radicais. Ensinava na escola dominical numa igreja episcopal local. Tinha o rosto rosado e bem tratado, e o cabelo loiro-escuro caía-lhe nos olhos quando recitava poesia. Às vezes colhia cardos ou flores do campo para usar na lapela do paletó. Era baixo e compacto, e costumava fazer séries de exercícios isométricos nos intervalos das aulas. Também tocava flauta doce. Em sua sala de aula, uma estante exibia partituras, a maior parte de peças do início do Barroco.

Era um grande professor, o sr. da Silva. Ele nos tratava com total seriedade, como se nós, alunas da oitava série, durante o quinto período, pudéssemos resolver questões que os estudiosos debatiam havia séculos. Escutava nossas intervenções animadas, a franja caindo nos olhos. Ele, por sua vez, falava em parágrafos completos. Se a gente ouvisse com atenção, era possível perceber os travessões e as vírgulas, até mesmo os pontos e vírgulas e dois pontos. O sr. da Silva tinha uma citação relevante para tudo que lhe acontecia e, assim, fugia da vida real. Em vez de ele próprio almoçar, falava do almoço de Oblonsky e Levin em *Anna Kariênina*. Ou então, enquanto descrevia um pôr do sol de *Daniel Deronda*, deixava de reparar no sol que, no mesmo momento, baixava sobre o Michigan.

O sr. da Silva passara um verão na Grécia, seis anos antes. E continuava capturado pela experiência. Quando descrevia sua visita à península de Mani, a voz ficava ainda mais suave que o normal e os olhos brilhavam. Certa noite, sem conseguir achar um hotel, tinha se deitado na terra para dormir e, na manhã seguinte, acordado debaixo de uma oliveira. O sr. da Silva nunca se esquecera daquela

árvore. Tiveram uma troca profunda, ele e ela. As oliveiras são criaturas insinuantes, eloquentes em seus galhos retorcidos. É fácil entender por que os antigos acreditavam que era possível que espíritos humanos ficassem presos nessas árvores. Foi o que sentiu o sr. da Silva, ao despertar em seu saco de dormir.

Eu também tinha curiosidade sobre a Grécia, claro. Ansiava por visitá-la. O sr. da Silva incentivava esse meu sentimento de pertencer ao povo grego.

“Srta. Stephanides”, ele me convocou, certo dia. “Uma vez que você vem da própria terra de Homero, será que poderia, por favor, fazer a leitura em voz alta?” Pigarreou. “Página 89.”

Naquele semestre, nossas coleguinhas sem muito talento acadêmico liam *The Light in the Forest*. Na estufa, porém, encarávamos a *Ilíada*. Era uma tradução em prosa, versão resumida em edição de bolso, desgarrada das numerações, subtraída da música do grego antigo, mas — do meu ponto de vista — ainda assim uma leitura maravilhosa. Meu Deus, como amei aquele livro! Da birra de Aquiles em sua tenda (que me lembrava o presidente se recusando a entregar as fitas) a Heitor sendo arrastado cidade afora pelos pés (que me fez chorar), tudo me hipnotizou. Esqueçam *Love Story*. Harvard não era páreo para Troia como cenário, e só uma pessoa morre no livro inteiro de Segal. (Talvez isso fosse mais um sinal dos hormônios que, silenciosamente, se manifestavam dentro de mim. Pois, se para o gosto das minhas colegas de classe a *Ilíada* pareceu sangrenta demais, um catálogo sem fim de homens carneando uns aos outros depois de serem formalmente apresentados, de minha parte, era excitante ler sobre todos aqueles esfaqueamentos e decapitações, olhos sendo arrancados, vísceras suculentas postas para fora.)

Abri meu livro de bolso e baixei a cabeça. Meu cabelo caiu nos olhos, fazendo tudo mais desaparecer de vista — Maxine, o sr. da

Silva, os gerânios da estufa — exceto a página. Detrás da cortina de veludo, minha voz de piano-bar soou suave. “Afrodite tirou seu famoso cinto, no qual todos os encantos do amor se entrelaçam, a potência, o desejo, agradáveis sussurros e a força da sedução, que subtrai mesmo ao mais racional dos seres a previdência e o juízo.”

Era uma hora da tarde. Uma letargia pós-almoço se abatia sobre o ambiente. Lá fora, ameaça de chuva. Alguém bateu à porta.

“Desculpe, Callie. Pode parar um momento, por favor?” O sr. da Silva se voltou para a porta. “Pode entrar.”

Eu e todo mundo erguemos os olhos. Parada na soleira, uma menina ruiva. Duas nuvens se chocaram de passagem lá no alto, mandando para baixo um raio. O clarão atingiu o teto de vidro da estufa. Atravessando os gerânios suspensos, recolheu a luz rósea que agora, espécie de membrana, envolvia a menina. Também era possível que o sol não tivesse participação alguma naquilo, e sim uma certa intensidade, um raio de alma, dos meus olhos.

“Estamos no meio da aula, querida.”

“Disseram pra eu assistir”, falou a menina, desanimada. Entregou ao professor uma tira de papel.

O sr. da Silva examinou o bilhete. “Você tem certeza que a srta. Durrell quer que você seja transferida pra *esta* classe?”, perguntou.

“A sra. Lampe não me quer mais na classe dela”, ela respondeu.

“Sente-se. Você vai precisar de alguém pra compartilhar o livro. A srta. Stephanides estava lendo pra gente o Livro Três da *Ilíada*.”

Recomecei a leitura. Ou melhor, meus olhos continuaram a seguir as frases e minha boca a formar as palavras. Mas minha mente já não prestava atenção aos significados. Ao terminar, não joguei o cabelo de volta para trás. Deixei que ficasse sobre meu rosto. Pelo buraco da fechadura, espiei.

A menina tinha sentado à minha frente. Estava inclinada para o lado de Reetika, como se acompanhassem a leitura juntas, mas os

olhos examinavam as plantas. O nariz se franzia com o cheiro das folhas caídas.

Parte do meu interesse era científico, zoológico. Nunca tinha visto uma criatura com tantas sardas. Tinha havido um Big Bang com origem no alto do nariz, entre os olhos, e a força da explosão tinha arremessado galáxias de sardas zarpando e derivando para todos os cantos daquele universo curvo de sangue quente. Havia amontoados delas nos antebraços e nos pulsos, uma Via Láctea inteira espalhada sobre a testa, até mesmo uns esparsos quasares flutuando para dentro das tocas de larva que eram seus ouvidos.

Já que estávamos numa aula de literatura, permitam-me citar um poema. "Beleza pintalgada", de Gerard Manley Hopkins, que começa assim: "Glória a Deus pelo que é salpicado". Quando penso na reação imediata que tive àquela menina ruiva, a impressão é que ela nascia de uma apreciação da beleza natural. Falo do prazer genuíno que se tem ao olhar uma folha cheia de pintas ou o palimpsesto de uma casca de plátano na Provence. Havia algo especialmente atraente naquela combinação de cores, farelos de gengibre flutuando no leite branco da pele, reflexos dourados no vermelho-morango dos cabelos. Olhar para ela era como o outono. Era pegar o carro e ir em direção ao norte para ver as cores.

Ainda reclinada na carteira, esticando para fora as pernas com meias azuis pelos joelhos, deixou entrever os saltos gastos de seus sapatos. Como não tinha feito a leitura, estava dispensada de responder perguntas, mas o sr. da Silva lançava olhares preocupados na direção dela. A aluna nova não reparou. Refestelada em sua luz laranja, abria e fechava os olhos sonolentos. A certa altura, bocejou e, a meio caminho, interrompeu o bocejo, como se tivesse saído errado. Engoliu alguma coisa e bateu com o punho fechado na altura do esterno. Arrotou discreta e sussurrou para si mesma: "Ay, caramba". Assim que a aula acabou, foi embora.

Quem era ela? De onde tinha vindo? Por que eu nunca antes a havia notado na escola? Obviamente não era uma recém-chegada à Baker & Inglis. Os saltos de seus sapatos eram achatados, de modo que pudesse enfiá-los nos pés como se fossem tamancos. Era o que faziam as Pulseiras de Pingentes. Usava ainda um anel de antiquário ornado com rubis de verdade. Os lábios eram finos e austeros, protestantes. O nariz não era, na verdade, um nariz. Era só um começo de.

Comparecia à aula todos os dias com a mesma expressão distanciada de enfado. Arrastava os pés metidos nos sapatos-tamancos, patinando e deslizando, os joelhos dobrados com o peso do corpo largado à frente. Isso vinha apenas se somar à impressão geral de desmotivação. Quando ela chegava, eu geralmente estava regando as plantas do sr. da Silva. Ele me pedia para fazer isso antes das aulas. De modo que todos os dias começavam assim, eu de um lado da sala de cristal, gerânios em flor a engolfar-me, e em resposta aquele arroubo vermelho entrando pela porta.

O jeito como arrastava os pés não deixava dúvidas quanto ao que ela sentia em relação àquele poema esquisito, antigo, morto que estávamos lendo. Não estava interessada. Nunca fazia a lição de casa. Tentava passar incólume pelas aulas. Driblava as perguntas e as provas. Se tivesse vindo acompanhada de uma de suas colegas Pulseiras de Pingentes, poderiam ter formado uma facção de desinteressadas passando bilhetinhos. Sozinha, a única coisa que podia fazer era se entediar. O sr. da Silva desistiu de lhe ensinar o que quer que fosse e a interpelava o mínimo possível.

Eu ficava de olho nela na sala e fora também. Assim que chegava à escola, começava a procurar por ela. Sentava numa das poltronas amarelas do pátio coberto, fingindo que fazia a lição de casa, e

esperava que ela passasse. Suas breves aparições sempre me nocauteavam. Eu ficava como um personagem de desenho animado, estrelinhas rodando em volta da cabeça. E lá surgia ela numa esquina, arrastando os pés como se estivesse de chinelos e mastigando uma caneta Flair. Era um andar sempre apressado. Se não mantivesse os pés cavando o chão adiante, os sapatos achatados voariam. O movimento dava saliência aos músculos da panturrilha. Tinha sardas até ali. Era quase um tipo de bronzeado. Deslizando, ela seguia em frente, de papo com alguma outra Pulseira de Pingente, ambas se movendo com a preguiçosa e autoconfiante soberba que todas elas exibiam. Às vezes olhava na minha direção, mas nunca dava sinais de me reconhecer. Uma membrana nictitante descia sobre seus olhos.

Permitam-me um anacronismo. *Esse obscuro objeto do desejo*, de Luis Buñuel, só seria lançado em 1977. A essa altura, a menina ruiva e eu já não estávamos mais em contato. Duvido que ela tenha chegado a ver o filme. E, no entanto, é em *Esse obscuro objeto do desejo* que eu penso quando penso nela. Vi na televisão de um bar, durante o período que passei trabalhando em Madri. Perdi a maior parte dos diálogos. O enredo, porém, era bastante claro. Um senhor mais velho, interpretado por Fernando Rey, está enamorado de uma bela jovem interpretada por Carole Bouquet e Angela Molina. Nada disso me interessou. Foi o toque surrealista que me pegou. Em várias cenas, Fernando Rey aparece levando um pesado saco no ombro. A razão disso em nenhum momento é mencionada. (Ou, se é, eu perdi essa parte também.) O personagem simplesmente anda pelos restaurantes e parques da cidade carregando aquele saco. Era exatamente como eu me sentia, correndo atrás do meu próprio Obscuro Objeto. Como se carregasse por aí um misterioso, inexplicado fardo ou peso. Vou chamá-la assim, se vocês não se

importam. Vou chamá-la de Obscuro Objeto. Por razões sentimentais. (E também porque preciso preservar sua identidade.)

E lá estava ela, na aula de ginástica, fingindo-se de doente. Lá estava ela no almoço, tendo um ataque de riso. Debruçada sobre a mesa, tentava acertar quem tinha contado a piada. Leite borbulhando na boca. Algumas gotas saíram pelo nariz, o que fez todas as demais começarem a rir ainda mais alto. Em seguida, eu a vi depois da escola, ela e um menino desconhecido, os dois numa só bicicleta. Ela ia no selim e ele, de pé, pedalava. Não estava agarrada à cintura do menino. Conseguia se equilibrar sozinha. Isso me deu esperança.

Um dia, na aula, o sr. da Silva pediu ao Objeto que lesse em voz alta.

Ela estava largada na carteira, como de hábito. Numa escola de meninas, a gente não precisava ficar tão vigilante para manter os joelhos juntos ou a saia cobrindo as pernas. As dela, joelhos bem separados, eram um pouco cheias nas coxas e estavam descobertas até quase lá em cima. Sem se mexer, ela disse: "Esqueci meu livro".

O sr. da Silva comprimiu os lábios.

"Você pode ler no da Callie."

O único sinal de assentimento da parte dela foi tirar o cabelo do rosto. Pousou na testa uma das mãos, que correu pelo cabelo feito um arado, os dedos deixando sulcos. Ao final do movimento, meneou de leve a cabeça, num floreio. E ali estava a bochecha, oferecendo-se. Deslizei para mais perto. Escorreguei o livro para o vão entre as duas carteiras. O Objeto se debruçou sobre a página.

"A partir de onde?"

"Do alto da página 112. A descrição do escudo de Aquiles."

Eu nunca tinha estado tão perto do Obscuro Objeto. Era penoso para o meu organismo. Meu sistema nervoso se lançou ao "O voo do besouro". Os violinos feito serra na minha espinha. Os tímpanos

martelando meu peito. Ao mesmo tempo, tentando disfarçar isso tudo, eu não movia um músculo. Mal respirava. O trato era o seguinte, basicamente: catatonia por fora; frenesi por dentro.

Dava para sentir o cheiro do chiclete de canela. Ainda estava em algum lugar no fundo da boca. Eu não olhava diretamente para ela. Mantinha os olhos no livro. Um feixe dos cabelos vermelho-dourados deslizou na carteira entre nós. O sol batendo ali produzia um efeito de prisma. Mas, enquanto eu observava aquele pouco mais de um centímetro de arco-íris, ela começou a ler.

Esperava ouvir uma voz monótona, anasalada, salpicada de pronúncias incorretas. Esperava batidas, guinadas, freadas guinchantes e colisões frontais. Mas o Obscuro Objeto lia bem. Com clareza, voz potente, maleável e ritmada. Era uma voz que ela tinha trazido de casa, de tios recitadores de poesia que bebiam demais. Sua expressão também havia mudado. Uma dignidade concentrada, antes ausente, marcava seus traços. A cabeça se erguia sobre um pescoço orgulhoso. O queixo se elevava. Parecia ter vinte e quatro anos, não catorze. Me pergunto o que era mais estranho: se a voz de Eartha Kitt que saía dos meus lábios ou a de Katherine Hepburn que saía dos lábios dela.

Quando terminou, houve um silêncio. "Obrigado", disse o sr. da Silva, tão surpreso quanto a gente. "Você leu muito bem."

O sinal tocou. Imediatamente o Obscuro Objeto se afastou de mim. Correu de novo a mão pelo cabelo, como se o lavasse debaixo do chuveiro. Escapuliu da carteira e deixou a sala.

Em certos dias, quando a estufa estava acesa do jeito exato e a blusa do Obscuro Objeto tinha dois botões abertos, quando a luz iluminava o escapulário que pendia entre as taças do sutiã, será que Calíope tinha um vislumbre qualquer de sua verdadeira natureza

biológica? Teria ela alguma vez pensado, quando o Obscuro Objeto passava no corredor, que o que sentia era errado? Sim e não. Permita-me lembrá-lo, leitor, do lugar onde tudo isso acontecia.

Era perfeitamente aceitável, na Baker & Inglis, ter uma queda por uma colega de classe. Numa escola de meninas, uma parcela da energia emocional normalmente gasta com meninos acaba redirecionada para as amigas. As meninas andavam de braços dados na B&I, à maneira das colegiais francesas. Competiam por afeto. Surgiam os ciúmes. Havia traições. Era comum entrar no banheiro e ouvir alguém soluçando numa das cabines. As meninas choravam porque fulana ou sicrana não vinha sentar junto no almoço, ou porque um namorado novo agora monopolizava todo o tempo da melhor amiga. Além disso, os rituais escolares reforçavam a atmosfera de intimidade. No Dia da Aliança, as veteranas iniciavam as mais novas na maturidade escolar dando-lhes flores e faixas douradas. Havia ainda a Dança da Mulher, uma coreografia com mastro e fitas, sem a participação de homens, realizada na primavera. E, a cada bimestre, os encontros confessionais promovidos pelo capelão da escola e conhecidos como “De Coração para Coração”, os quais invariavelmente terminavam em paroxismos de abraços e choradeira. O éthos da escola, porém, permanecia militantemente heterossexual. Minhas colegas até podiam ser íntimas durante o dia, mas meninos eram a atividade pós-classe número um. Qualquer menina suspeita de ter atração por outras meninas virava alvo de fofocas, era vitimizada e ignorada. Eu estava consciente disso tudo. E ficava apavorada.

Não sabia se o que sentia pelo Obscuro Objeto era normal ou não. Minhas amigas tendiam a alimentar paixões invejosas por outras meninas. Reetika se deliciava com a interpretação que Alwyn Brier fazia de *Finlandia*, ao piano. Linda Ramirez se apaixonou por Sofia Cracchiolo porque esta estava aprendendo três línguas ao mesmo

tempo. Era isso? Minha queda pelo Objeto tinha a ver com seu talento elocutório? Tinha minhas dúvidas. Minha paixãoite parecia mais física. Não era um juízo, mas um tumulto em minhas veias. Por isso mantive silêncio a respeito. Ia me esconder no banheiro do porão para pensar no assunto. Todo dia, sempre que possível, descia pela escada dos fundos ao lavatório e me trancava durante pelo menos meia hora.

Existe algum lugar mais reconfortante que um velho banheiro de escola de antes da guerra? O tipo de banheiro que costumavam construir nos Estados Unidos quando o país estava em ascensão. O do porão da Baker & Inglis parecia um camarote de ópera. Luminárias eduardianas brilhavam sobre nossas cabeças. As pias eram gamelas brancas fundas apoiadas sobre ardósia azul. Quando se debruçava para lavar o rosto, a gente via minúsculas rachaduras na porcelana, como num vaso Ming. As tampas dos ralos pendiam de correntes douradas. Logo abaixo das torneiras, o gotejar tinha desgastado a porcelana em listras esverdeadas.

Sobre cada uma das pias, um espelho oval. Eu passava longe deles. (“O ódio dos espelhos que chega com a meia-idade”, para mim, chegou mais cedo.) Evitando meu reflexo, seguia direto para uma das cabines. Havia três e eu escolhia a do meio. Como as outras, era de mármore. Mármore cinza da Nova Inglaterra, com cinco centímetros de espessura, extraído de alguma pedreira no século XIX e salpicado de fósseis de milhões de anos de idade. Fechava a porta e passava a tranca. Tirava um protetor de assento do suporte e o ajeitava sobre a privada. Proteção contra germes providenciada, abaixava a calcinha, erguia a saia e me sentava. Imediatamente podia sentir meu corpo relaxar, a corcunda se endireitando sozinha. Afastava o cabelo do rosto para poder enxergar. Via pequenos fósseis que pareciam samambaias e outros que formavam escorpiões ferroando a si mesmos para morrer. Lá

embaixo, entre as minhas pernas, o vaso tinha uma mancha de ferrugem, ancestral também.

O banheiro do porão era o oposto do vestiário. As cabines tinham mais de dois metros de altura e eram fechadas até o chão. Aquele mármore fossilizado conseguia me esconder melhor até do que meu cabelo. Ali, no banheiro do porão, vigorava um calendário com o qual me sentia muito mais confortável, não mais o cada um por si e deus contra todos da escola lá em cima, e sim o lento progresso evolutivo da Terra, de suas plantas e de sua vida animal se formando a partir do barro criador e primevo. As torneiras pingavam ao ritmo lento e inexorável do tempo, e eu ali embaixo, a sós e a salvo. Longe da confusão dos meus sentimentos pelo Obscuro Objeto; e longe também dos pedaços de conversa que andava entreouvindo através da parede do quarto dos meus pais. Ainda na noite anterior, a voz exasperada de Milton tinha alcançado meus ouvidos: "Você ainda está com essa dor de cabeça? Cristo, tome uma aspirina". "Já tomei algumas", minha mãe respondeu. "Nada adianta." Em seguida, o nome do meu irmão, e meu pai resmungando alguma coisa que não consegui decifrar. E Tessie: "Estou preocupada com a Callie, também. Ela ainda não menstruou". "Mas que diabo: ela só tem treze anos." "*Catorze*. E olha como ela está alta. Acho que tem alguma coisa errada." Um momento de silêncio, depois do qual meu pai perguntou: "O que diz o dr. Phil?". "O dr. Phil! Aquele não diz nada. Quero levar a Callie a algum outro médico."

O murmúrio das vozes dos meus pais atrás da parede do quarto, que ao longo da minha infância me enchia de uma sensação de segurança, agora se tornava fonte de ansiedade e pânico. Então eu trocava aquela parede por outras, de mármore, as quais reverberavam apenas os pingos d'água, a descarga da privada ou minha voz lendo em tom suave a *Ilíada*.

E, quando me cansei de Homero, passei a ler as paredes.

Esse era outro atrativo do banheiro do porão. Tinha as paredes cobertas de grafites. Lá em cima, as fotos das turmas mostravam fileiras e mais fileiras de rostos de alunas. Aqui embaixo, o que se viam eram corpos, principalmente. Rascunhados em tinta azul, homenzinhos com genitálias gigantescas. E mulheres com peitos enormes. E ainda várias permutações: homens com pênis minúsculos; e também mulheres com pênis. Um aprendizado tanto de como as coisas eram quanto de como poderiam ser. Sobre o mármore cinza, aqueles esboços recentes, crispados, de corpos fazendo coisas, desenvolvendo partes, se encaixando uns nos outros, mudando de forma. E também piadas, meias palavras, confissões. Num canto: “Amo sexo”. Noutro: “Patty C. é uma piranha”. Onde mais uma menina como eu, escondendo do mundo uma descoberta que nem ela própria entendia — onde mais essa menina se sentiria confortável, senão naquele reino subterrâneo onde as pessoas escreviam o que não podiam dizer, onde davam voz a seus mais vergonhosos anseios e saberes?

Pois, naquela primavera, enquanto florescia o açafreão, enquanto a diretora conferia os botões dos narcisos nas floreiras, também Calíope sentiu que brotava nela alguma coisa. Um obscuro objeto, só seu, que a obrigava, junto com a necessidade de privacidade, a descer àquele banheiro no porão. Uma espécie de flor de açafreão prestes a abrir. Um estame rosado forçando passagem por entre o musgo novo e escuro. Mas aquela era mesmo uma estranha espécie de flor, porque parecia atravessar estações num único dia. Subterrânea, tinha seu momento dormente de inverno. Cinco minutos depois, agitava-se numa primavera particular. Eu podia estar na sala, com um livro no colo, ou no ônibus, indo para casa, e de repente sentia um degelo no meio das pernas, o solo ficando úmido, um aroma vegetal e fértil que subia, e então — enquanto

fingia decorar os verbos latinos — a súbita vida a se contorcer na terra quente debaixo da minha saia. Ao toque, a flor de açafreão às vezes parecia mole e escorregadia como a substância de uma minhoca. Às vezes ficava dura como uma raiz.

Como Calíope se sentia em relação a tal flor? Essa é, ao mesmo tempo, a coisa mais fácil e mais difícil de explicar. Por um lado, gostava dela. Se pressionasse ali a quina de um de seus livros da escola, a sensação era prazerosa. O que não era novidade. Desde sempre tinha sido bom dar uma pressionada naquele ponto. A flor era parte de seu corpo, afinal. Não tinha por que fazer perguntas.

Mas havia os momentos em que eu sentia que alguma coisa era diferente na minha constituição. No Acampamento Ponshevaing, quando chovia e passávamos a noite nos beliches do alojamento, fiquei sabendo dos selins de bicicleta e dos palanques de cerca que seduziram minhas colegas na mais tenra idade. Lizzie Barton, enquanto tostava um marshmallow espetado num graveto, contou de como tinha se afeiçoado ao cano de um selim de couro. Margaret Thompson foi a primeira menina na cidade cujos pais adquiriram um chuveirinho com efeito massageante. Contribuí com meu próprio catálogo de sensações para aquele histórico clínico (foi o ano em que me apaixonei pelas cordas de ginástica), mas havia uma vaga e indefinível lacuna entre os arrebatamentos que minhas amigas relatavam e o êxtase constringente dos meus próprios espasmos secos. Às vezes, pendendo da cama do beliche e com a cara no facho da lanterna de alguém, eu concluía minhas revelações com um: “Sabem como é?”. E, na penumbra, três ou quatro meninas de cabelos espigados balançavam a cabeça, uma vez só, mordiam o canto do lábio e desviavam os olhos. Não sabiam.

De vez em quando me inquietava achando que minha flor de açafreão era elaborada demais, não uma ordinária planta perene, mas uma flor de estufa, um híbrido que levaria o nome de seu criador,

como uma rosa. Helena Iridescente. Olimpo Desbotado. Fogo Grego. Mas não — não era assim. Minha flor não era para exposição. Estava em fase de desenvolvimento e, se eu soubesse esperar pacientemente, tudo acabaria bem. Talvez fosse assim com todo mundo. Nesse meio-tempo, o melhor era manter tudo escondido. Que era o que eu estava fazendo lá embaixo, no porão.

Outra das tradições da Baker & Inglis: todo ano, as alunas da oitava série montavam uma peça grega clássica. Originalmente, as apresentações aconteciam no auditório usado pelas turmas do ginásio. Mas, na volta de sua viagem à Grécia, o sr. da Silva teve a ideia de transformar o campo de hóquei num teatro. Com suas arquibancadas em auge e sua acústica natural, era um perfeito mini-Epidauro. O pessoal de serviços gerais da escola montou o palco na grama juntando vários pequenos estrados.

No ano da minha queda pelo Obscuro Objeto, a peça escolhida pelo sr. da Silva foi *Antígona*. Não houve testes de elenco. O professor entregou os papéis principais a suas queridinhas da aula de literatura avançada. Todas as demais alunas foram relegadas ao coro. De modo que o elenco era formado por: Joanne Maria Barbara Peracchio como Creonte; Tina Kubek como Eurídice; e Maxine Grossinger como Ismênia. No papel da própria Antígona — a única possibilidade de fato, até mesmo do ponto de vista físico — o Obscuro Objeto. A nota dela, na avaliação de meio de trimestre, tinha sido apenas um C menos. Mas o sr. da Silva sabia reconhecer uma estrela quando estava diante de uma.

“A gente vai ter que decorar todas essas falas?”, perguntou Joanne Maria Barbara Peracchio no nosso primeiro ensaio. “Em duas semanas?”

“Decorem o que conseguirem”, disse o sr. da Silva. “Todas vocês vão estar usando túnicas. Podem esconder o texto por baixo. E a

srta. Fagles vai ser o nosso ponto. Ela vai ficar no fosso da orquestra.”

“Vamos ter uma orquestra?”, quis saber Maxine Grossinger.

“A orquestra”, falou o sr. da Silva, apontando para sua flauta doce, “sou eu.”

“Espero que não chova”, comentou o Objeto.

“Vai chover na sexta da outra semana?”, disse o sr. da Silva. “Por que não perguntamos para o Tirésias?” E ele se voltou para mim.

Quem mais você esperava que fosse? Não, se o Obscuro Objeto era perfeito para o papel da irmã vingadora, era barbada que seria eu o velho profeta cego. Meu cabelo selvagem sugeria clarividência. Minha postura encurvada me fazia parecer frágil pela idade. Minha voz a meio caminho de mudar tinha algo de desencarnado e inspirado. Tirésias também havia sido mulher, claro. Mas isso eu não sabia então. E não era mencionado no texto.

Não importava que papel eu ia representar. Tudo que me interessava, só o que eu conseguia pensar era que, agora, estaria perto do Obscuro Objeto. Não perto como nas aulas, quando era impossível falar. Não perto como no refeitório, quando, em outra mesa, ela se engasgava com o leite. Mas perto nos ensaios para uma peça escolar, com todas as pausas que isso implicava, com toda a intimidade dos bastidores, com todo o intenso, carregado, vertiginoso abandono emocional de quando assumimos identidades que não são a nossa.

“Acho que a gente não devia ter o texto à mão”, declarava agora o Obscuro Objeto. Tinha chegado para ensaiar toda profissional, suas falas marcadas em amarelo. Seu suéter estava enrolado nos ombros como se fosse um manto. “Acho que a gente devia decorar todas as falas.” Encarou uma a uma. “Senão vai ficar muito artificial.”

O sr. da Silva sorria. Decorar as falas exigiria esforço da parte do Objeto. Uma empreitada nova. “Antígona é quem tem, de longe,

mais falas”, disse o professor. “Então, se Antígona quer que seja sem o texto, acho que o resto de nós devia fazer de cor também.”

As outras meninas resmungaram. Mas Tirésias, já tendo visões do futuro, se virou para o Objeto e disse: “Posso te ajudar a passar as falas. Se você quiser”.

O futuro. Começava a acontecer ali mesmo. O Objeto me encarava. As membranas nictitantes se erguiam. “Ok”, ela disse, distante.

Combinamos de nos encontrar na noite seguinte, uma terça-feira. O Obscuro Objeto anotou seu endereço num papel para mim e Tessie me levou até lá. Quando me conduziram à biblioteca da casa, ela já estava ali, sentada num sofá de veludo verde. Tinha tirado os sapatos, mas ainda estava de uniforme. O cabelo ruivo e comprido estava preso atrás, o melhor para fazer o que ela estava fazendo, que era acender um cigarro. Sentada com as pernas cruzadas sobre o sofá, inclinando-se para a frente, tinha o cigarro preso na boca sobre um isqueiro verde de cerâmica no formato de uma alcachofra. O isqueiro estava com pouco fluido. Ela o agitava e acionava o botão com o polegar, até que conseguiu fazer pegar uma pequena chama.

“Seus pais deixam você fumar?”, perguntei.

Ela ergueu os olhos, surpresa, então voltou a se ocupar com o que tinha nas mãos. Fez o cigarro começar a queimar, inalou fundo, depois soltou a fumaça devagar, prazerosamente. “*Eles* fumam”, ela disse. “Seriam uns grandes de uns hipócritas se não me deixassem fumar.”

“Mas eles são adultos.”

“Mamãe e papai sabem que, se eu quiser, vou fumar. Se me proibirem, simplesmente faço escondida.”

Ao que parecia, aquela ordem de coisas já estava em vigência havia algum tempo. O Objeto não era uma iniciante no hábito de fumar. Já era uma profissional. Enquanto me media de alto a baixo,

olhos semicerrados, o cigarro pendia torto de seus lábios. A fumaça se dissipava bem perto do rosto. Era uma estranha oposição: aquela expressão de detetive calejado no rosto de uma menina de uniforme de escola particular. Por fim, levou a mão ao cigarro e o tirou da boca. Sem nem olhar para o cinzeiro, bateu a cinza. Acertou o alvo.

“Duvido que uma menina como você fume”, falou.

“É um bom palpite.”

“Interessada em começar?”, ofereceu seu maço de Tareyton.

“Não quero ter um câncer.”

Largou os cigarros com um dar de ombros. “Acho que já vão ter encontrado a cura quando eu tiver um.”

“Espero que sim. Pro seu bem.”

Ela voltou a inalar, ainda mais fundo. Segurou a respiração e, virando de perfil, em pose cinematográfica, soltou a fumaça.

“Você não tem nenhum vício, aposto”, ela disse.

“Tenho um montão.”

“Por exemplo?”

“Por exemplo, ficar mastigando o cabelo.”

“Eu roo as unhas”, ela falou, querendo competir. Levantou uma das mãos para me mostrar. “Mamãe me arranjou um negócio pra passar nelas. Deixa uma merda de um gosto. É pra ajudar a parar de roer.”

“E funciona?”

“No começo funcionou. Mas agora eu meio que gosto do gosto.” Ela sorriu. Eu sorri. Então, por um momento, ainda tateando, rimos.

“Isso não é tão ruim quanto mastigar o cabelo.”

“Por que não?”

“Porque depois de mastigado o cabelo fica com o cheiro do que a gente comeu no almoço.”

Ela fez uma careta e disse: “Repulsivo”.

Na escola, teria sido estranha aquela situação, mas ali ninguém podia nos ver. No esquema maior das coisas, no mundo ali fora, nossas afinidades eram maiores do que as diferenças. Éramos adolescentes. Morávamos em subúrbios. Larguei minha bolsa e fui até o sofá. O Objeto voltou a colocar o Tareyton na boca. Apoiando as palmas das mãos uma ao lado de cada perna, içou o corpo feito um iogue levitando e deslizou para que eu tivesse onde sentar.

“Tenho uma prova de história amanhã”, ela contou.

“Quem dá história pra vocês?”

“A srta. Schuyler.”

“A srta. Schuyler tem um vibrador na escrivaninha dela.”

“O quê!”

“Um vibrador. A Liz Clark viu. Fica na última gaveta.”

“Não acredito!” O Objeto estava chocado, e se divertia. Mas então olhou de soslaio, pensativa. Em tom confidente, perguntou: “Pra que eles servem, afinal?”.

“Vibradores?”

“É.” O Objeto sabia que deveria saber aquilo. Confiou, porém, que eu não zombaria dela. Era essa a natureza do pacto que firmamos naquele dia: eu cuidaria das questões intelectuais profundas, como vibradores, ela, da esfera social.

“A maioria das mulheres não consegue ter orgasmos pela penetração normal”, falei, citando o exemplar de *Our Bodies, Ourselves* que Meg Zemka tinha me dado. “Precisam de estimulação clitoriana.”

Por trás das sardas, o rosto do Objeto enrubesceu. Ela ficou, era evidente, fascinada com aquela informação. Eu falava ao seu ouvido esquerdo. O rubor se espalhou pelo rosto a partir daquele lado, como se minhas palavras deixassem um traço visível.

“Não acredito que você sabe essas coisas.”

“Vou te dizer quem é que sabe. A srta. Schuyler, isso sim.”

O riso desvairado jorrou da boca dela feito um gêiser, e logo o Objeto estava caindo de costas no sofá. Gritava, com delícia, convulsivamente. Esperneava e derrubava os cigarros da mesa. Tinha voltado a ter catorze anos, em vez de vinte e quatro, e, contra todas as probabilidades, estava se tornando minha amiga.

“Sem pranto, sem amigos, sem canção nupcial, sigo adiante em meu penar...”

“... pesar...”

“... em meu pesar nesta jornada que não pode mais ser adiada. Nunca mais...”

“... infeliz de mim...”

“Infeliz de mim! Odeio isso! ‘Nunca mais, infeliz de mim, o olho sagrado da estrela diurna poderei mirar; mas pelo meu destino nenhuma lágrima será derramada, nenhum... nenhum...”

“Nenhum amigo há de chorar.”

“Nenhum amigo há de chorar.”

Estávamos outra vez na casa do Objeto, passando as falas. Ocupávamos o jardim de inverno, corpos esparramados nos sofás caribenhos. Apertando os olhos, ela recitava enquanto papagaios se aglomeravam atrás da cabeça dela. Aquilo já durava duas horas. A essa altura, o Objeto tinha fumado dois maços inteiros. Beulah, a empregada, nos trouxera sanduíches numa bandeja, junto com duas garrafinhas de refrigerante Tab. Os sanduíches eram de pão branco sem casca, mas sem pepinos ou agrião. O pão esponjoso veio recheado de uma pasta cor de salmão.

Fazíamos intervalos frequentes. O tempo todo o Objeto demandava comes e bebes. Eu ainda não me sentia à vontade na casa. Não conseguia me acostumar com gente me servindo. Vivia

me pondo de pé para pegar o que queria. E Beulah era negra, também, o que não tornava as coisas mais fáceis.

“Fico realmente feliz de a gente estar juntas nessa peça”, disse o Objeto, mastigando. “Eu nunca teria conversado com uma menina como você.” Fez uma pausa, dando-se conta de como aquilo tinha soado. “Digo, eu nunca ia saber que você é essa menina tão legal.”

Legal? Calíope, legal? Eu jamais sonharia com uma coisa dessas. Mas não poderia hesitar em acatar a opinião do Objeto.

“Mas posso te falar uma coisa?”, ela perguntou. “Sobre o teu papel?”

“Claro.”

“Sabe, é que você vai interpretar esse cego e tudo mais. Bom, tem um lugar nas Bermudas aonde a gente costuma ir e, lá, o cara que cuida do hotel é cego. E o negócio é que parece que os ouvidos, pra ele, são como olhos. Se alguém entra na sala, ele vira o ouvido naquela direção. E o jeito como *você* está interpretando...” Ela parou de repente e pegou minha mão. “Você não está ficando zangada comigo, né?”

“Não.”

“Você está com a pior cara possível, Callie!”

“Estou?”

Ela segurava minha mão. Não queria soltar. “Tem certeza que não está zangada?”

“Não estou zangada.”

“Bom, é que o jeito como você finge ser cega... você só, sabe, sai tropeçando. Mas o negócio é que o cego lá das Bermudas, ele nunca tropeça. Quando está de pé, ele tem uma postura bem reta, e sabe onde estão todas as coisas. E os ouvidos estão sempre focados em tudo.”

Virei o rosto.

“Tá vendo, você está zangada!”

“Não estou.”

“*Está.*”

“Estou dando uma de cega”, falei. “Olhando pra você com meu ouvido.”

“Ah. Assim tá legal. É, isso. Tá muito legal.”

Sem soltar minha mão, ela se inclinou para mim e ouvi, senti, muito delicadamente, seu hálito quente no meu ouvido. “Oi, Tirésias”, ela disse, com uma risadinha. “Sou eu. Antígona.”

O dia da peça chegou (a “noite da estreia”, conforme chamamos, embora não fosse haver outras). Num camarim improvisado atrás do palco, nós, as atrizes principais, descansávamos em cadeiras dobráveis. O restante das alunas da oitava série já estava no palco, de pé, formando um grande semicírculo. A peça estava marcada para começar às sete e terminar antes do pôr do sol. Eram 6h55. Para além dos biombos, podíamos ouvir o campo de hóquei se enchendo de gente. O rumor baixo foi progressivamente aumentando de volume — vozes, passos, o rangido das arquibancadas, as portas dos carros sendo fechadas de um golpe no estacionamento, lá em cima. Usávamos túnicas longas, arrastando no chão, no estilo *tie-dye*, misturando preto, cinza e branco. O Obscuro Objeto, porém, trajava uma túnica branca. A concepção do sr. da Silva era minimalista: nada de maquiagem, nem de máscaras.

“Tem muita gente lá fora?”, quis saber Tina Kubek.

Maxine Grossinger espiou. “Um monte.”

“Você deve estar acostumada, Maxine”, falei. “Por causa dos seus recitais.”

“Não fico nervosa pra tocar violino. Isto aqui é muito pior.”

“Estou tããã nervosa”, disse o Objeto.

No colo, tinha um pote de antiácido Roloids, que devorava como se fossem balas. Agora entendia aquela batida no peito com o punho fechado, no primeiro dia de aula. O Obscuro Objeto era um caso mais ou menos crônico de azia. Piorava nos períodos de estresse. Alguns minutos antes, ela tinha saído para fumar um último cigarro antes do início do espetáculo. Agora mastigava as pastilhas antiácido. Manter hábitos de gente velha, aquelas necessidades vulgares e paliativos desesperados dos adultos, era parte do pacote, aparentemente, quando se vinha de dinheiro antigo. O Objeto ainda era jovem demais para que os efeitos a denunciassem. Ainda não exibia bolsas embaixo dos olhos nem manchas nas unhas. Mas o apetite por se arruinar com sofisticação já estava presente. De perto, cheirava a cigarro. O estômago era uma bagunça. Mas o rosto continuava a emitir sua ostentação outonal. Os olhos de gata sobre o nariz esnobe estavam alertas, piscando e renovando a atenção ao ruído crescente atrás dos biombos.

“Minha mãe e meu pai estão lá!”, gritou Maxine Grossinger. Virou para nós e abriu um grande sorriso. Eu nunca antes tinha visto Maxine sorrir. Seus dentes eram pontudos e separados, feito os de um monstro desenhado por Sendak. Usava aparelho também. Aquela sua alegria incontida me fez compreendê-la. Ela tinha toda uma vida independente da escola. Maxine era feliz na casa oculta pelos ciprestes. Enquanto isso, cabelo encaracolado jorrava de sua cabeça frágil, musical.

“Ai, meu Deus”, ela estava espiando de novo. “Eles estão sentados bem na primeira fila. Vão ficar olhando direto pra mim.”

Uma por vez, todas as atrizes foram espiar. Só o Obscuro Objeto não saiu do lugar. Vi meus pais chegando. Milton parou no alto do morro e ficou olhando para o campo de hóquei. Sua expressão sugeria que o espetáculo diante dele, a grama cor de esmeralda, o

branco das arquibancadas de madeira, a escola ao longe, com seu telhado azul de ardósia e suas trepadeiras, o agradava. Na América, a Inglaterra é o lugar aonde a gente vai para se purificar de etnicidade. Milton trajava um blazer azul com calças creme. Parecia o capitão de um navio de cruzeiro. Com uma mão pousada nas costas de Tessie, ele a conduzia com delicadeza escada abaixo, à procura de um bom lugar.

Ouvimos quando o público se aquietou. E em seguida se ouviu uma flauta de pã — era o sr. da Silva tocando.

Fui até o Obscuro Objeto e disse: “Não se preocupe. Você vai se sair bem”.

Ela estava repassando baixinho suas falas, mas então parou.

“Você é uma boa atriz, de verdade”, continuei.

Ela se virou e baixou a cabeça, mexendo os lábios.

“Você não vai esquecer as falas. A gente passou um bilhão de vezes. O ensaio foi perfeito ont...”

“Dá pra parar de me atazanar um minuto?”, o Objeto explodiu. “Estou tentando me concentrar.” Ela me encarou. Em seguida virou as costas e saiu.

Fiquei lá olhando para ela, num grande desânimo, me odiando. Legal? Eu era tudo menos isso. Já tinha conseguido que o Obscuro Objeto se enchesse da minha presença. Com vontade de chorar, agarrei uma das cortinas pretas e me enrolei nela. E ali fiquei, no escuro, desejando morrer.

Não que eu estivesse só puxando o saco. Ela era boa *mesmo*. No palco, sua inquietação detinha a si própria. A postura melhorava. E, claro, havia a pura realidade física que era ela, uma lâmina tingida de sangue, o tumulto de cores que atraía o olhar de qualquer um. A flauta de pã parou de tocar e o campo de hóquei voltou a ficar em silêncio. Pessoas tossiam, livrando-se do pigarro. Espiei pela cortina e vi o Objeto à espera do momento de entrar. Estava parada bem

embaixo do arco do proscênio, a não mais do que uns três metros de mim. Nunca eu a havia visto tão séria, tão concentrada. O talento é um tipo de inteligência. Enquanto aguardava a deixa, o Obscuro Objeto era possuído do seu. Os lábios se moviam como se ela recitasse as falas de Sófocles para o próprio, como se, contrariando toda evidência intelectual, compreendesse as razões da perenidade daquele texto. E ali estava o Objeto, portanto, à espera. Longe de seus cigarros e de sua soberba, da panelinha das amigas, dos erros atroztes de ortografia. Naquilo ali é que era boa: estar diante de uma plateia. Subir ao palco e falar. Ela apenas começava a se dar conta disso. O que eu testemunhava era alguém descobrindo que tipo de alguém poderia ser.

Veio a deixa, nossa Antígona respirou fundo e entrou. A túnica branca, presa ao torso por um cordão trançado prateado, flutuou na brisa morna quando ela surgiu em cena.

“Terá esta mão tua ajuda para carregar o morto?”

Maxine-Ismênia respondeu: “E tu o sepultarás, sendo isso proibido a Tebas?”.

“Cumprirei meu dever, e tu deixarás de fazê-lo a um irmão. Jamais alguém dirá que a ele faltei.”

Minha entrada demorava um pouco. Tirésias não era um papel tão importante. Então voltei a me enrolar na cortina e esperei. Tinha um cajado na mão. Era meu único adereço de cena, uma bengala de plástico, pintada para parecer madeira.

Foi quando ouvi um barulhinho como de engasgo. O Objeto repetiu: “Jamais alguém dirá que a ele faltei”. Silêncio. Espiei pela cortina. Podia vê-las sob o arco central. O Objeto estava de costas para mim. Mais à frente, no palco, Maxine Grossinger, de pé, com uma expressão vazia no rosto. Sua boca estava aberta, mas não saía palavra nenhuma. Adiante, o rosto vermelho da srta. Fagles surgia na boca de cena, sussurrando a fala seguinte para Maxine.

Não se tratava de pânico de palco. Um aneurisma tinha estourado no cérebro de Maxine Grossinger. De início, a plateia tomou seu ligeiro atordoamento e sua expressão de choque como parte da encenação. Já se ouviam risadinhas da interpretação exagerada de Ismênia. Mas a mãe de Maxine, sabendo exatamente o que era uma expressão de dor no rosto da filha, se ergueu de um pulo. “Não”, gritou. “Não!” A seis metros de distância, elevada sob um sol poente, Maxine Grossinger continuava muda. Um gorgolejo subiu de sua garganta. Como se fosse um súbito efeito de iluminação, o rosto ficou azulado. Mesmo das últimas fileiras, era possível ver que o oxigênio sumia do sangue da menina. Sua cor rosada foi sendo drenada a partir da testa, das bochechas, do pescoço. Mais tarde, o Obscuro Objeto juraria que Maxine a olhava numa espécie de súplica, e que tinha visto a última luz escapar de seus olhos. De acordo com os médicos, porém, isso provavelmente não era verdade. Envolta em sua túnica preta, ainda de pé, Maxine Grossinger já estava morta. Desabou para a frente segundos depois.

A sra. Grossinger foi até o palco aos tropeços. Não emitia som algum agora. Nem ela nem ninguém. Em silêncio, ela agarrou Maxine e rasgou sua túnica na altura do peito. Em silêncio, a mãe passou a fazer respiração boca a boca na filha. Aquilo me petrificou. Soltei a cortina, que se desenrolou do meu corpo, avancei e fiquei ali olhando, lábios separados. De repente, um borrão branco preencheu o arco. O Obscuro Objeto fugia do palco. Por um segundo me passou pela cabeça uma ideia maluca. Achei que o sr. da Silva estivesse escondendo o jogo da gente. Ele estava fazendo tudo da maneira tradicional, afinal de contas. Porque o Obscuro Objeto estava usando uma máscara. A máscara da tragédia, os olhos como dois talhos feitos à faca, a boca, um bumerangue de dor. Lançou-se sobre mim com aquela expressão medonha. “Ah, meu Deus!”

soluçava. “Ah, meu Deus, Callie!”, e ela estava tremendo e precisando de mim.

O que me leva a uma terrível confissão. Que é a seguinte. Enquanto a sra. Grossinger tentava soprar vida de volta ao corpo de Maxine, enquanto o sol se punha melodramaticamente sobre uma morte que não estava no roteiro, senti uma onda de pura felicidade tomar meu corpo. Cada nervo, cada corpúsculo em mim se eriçou. Eu tinha o Obscuro Objeto em meus braços.

# Tirésias apaixonado

"Marquei uma consulta pra você."

"Acabei de ir no médico."

"Não com o dr. Phil. Com o dr. Bauer."

"Quem é o dr. Bauer?"

"É um... médico de mulheres."

Senti um borbulhar quente no peito. Como se meu coração estivesse mastigando as balas explosivas Pop Rocks. Mas fingi calma, o olhar lá fora, no lago.

"Quem disse que eu sou mulher?"

"Muito engraçado."

"Acabei de ir ao médico, mãe."

"Pra fazer um exame de rotina."

"E esse outro é pra quê?"

"Quando as meninas chegam a uma certa idade, Callie, precisam de outros exames."

"Por quê?"

"Pra ter certeza que está tudo bem."

"Como assim, tudo?"

"É isso... tudo."

Estávamos no carro. O segundo melhor Cadillac. Quando Milton comprava um carro novo, dava o velho para minha mãe. O Obscuro

Objeto tinha me convidado para passar o dia no clube e Tessie estava me levando à casa da minha amiga.

Era verão agora, duas semanas depois do colapso de Maxine Grossinger no palco. Época de férias escolares. Em Middlesex, estavam em curso os preparativos para nossa viagem à Turquia. Determinado a não deixar que o discurso condenatório de Um-Sete-Um contra o turismo estragasse nossos planos, Milton reservava passagens aéreas e pesquisava locadoras de carros. Passava os olhos no jornal, toda manhã, relatando a previsão do tempo em Istambul. "Vinte e sete graus e ensolarado. Que tal, hein, Cal?" Ao que, em resposta, eu geralmente girava o indicador ao lado da cabeça. Havia desaparecido a sofreguidão por visitar nossa pátria. Não queria desperdiçar meu verão pintando uma igreja. Grécia, Ásia Menor, Monte Olimpo, o que tudo isso tinha a ver comigo? Eu acabara de descobrir todo um novo continente a apenas alguns quilômetros de casa.

No verão de 1974, a Turquia e a Grécia estavam prestes a ganhar outra vez os noticiários. Mas não dei atenção nenhuma às crescentes tensões. Tinha meus próprios problemas. Mais do que isso, vivia uma paixão. Secreta, envergonhada, não totalmente consciente, e no entanto, por tudo isso, uma paixão total.

Nosso belo lago estava ornado de sujeira. Junho e sua habitual imundície de iscas de peixe. Havia também uma nova cerca protetora, que me dava uma sensação sinistra ao passar por ali. Maxine Grossinger não tinha sido a única aluna da escola a morrer naquele ano. Carol Henkel, uma menina mais velha, tinha morrido num acidente de carro. Num sábado à noite, o namorado, um cara chamado Rex Reese, tinha mergulhado o carro dos pais dele no lago. Rex nadou até a margem e sobreviveu. Mas Carol ficou presa dentro do carro.

Passamos pela Baker & Inglis, fechada por causa das férias e entregue àquele aspecto de irrealidade das escolas durante o verão. Pegamos a Kerby Road. O Objeto morava na Tonnacour, numa casa de pedras cinzentas e revestimento externo de madeira, com um cata-vento no telhado. Estacionado no cascalho, um Ford sedã despretensioso. Senti um pouco de constrangimento, ali dentro do segundo melhor Cadillac, e dei o fora rápido, torcendo para que minha mãe fosse embora logo.

Toquei a campainha e Beulah veio atender. Ela me conduziu até o pé da escada e apontou para cima. E só. Subi. Nunca tinha estado no andar de cima da casa do Objeto. Era mais bagunçado que o nosso, o carpete já não era novo. Fazia anos que o teto não via uma mão de tinta. Mas a mobília impressionava: antiga, pesada, emitindo sinais de permanência e gosto estabelecido.

Arrisquei três quartos antes de achar o da minha amiga. As persianas estavam fechadas. Roupas se espalhavam pelo carpete em mau estado, e tive que abrir caminho no meio delas para chegar à cama. Mas ali estava ela, dormindo com uma camiseta Lester Lanin. Chamei seu nome. Dei-lhe umas sacudidelas. Enfim o Objeto se recostou nos travesseiros, piscando.

“Devo estar horrível”, ela disse, passado um momento.

Não falei que sim, nem que não. Deixá-la em dúvida fortalecia minha posição.

Fomos a um recanto da casa reservado ao café da manhã. Beulah nos serviu sem muita cerimônia, levando e trazendo pratos. Usava um uniforme de verdade, preto com avental branco. Os óculos vinham de sua outra e mais estilosa vida. Seu nome, desenhado em letras douradas, aparecia inscrito na lente esquerda.

A sra. Objeto chegou, batendo os saltos baixos: “Bom dia, Beulah. Estou indo no veterinário. A Sheba vai arrancar um dente. Trago o bichinho de volta aqui e saio em seguida para um almoço. Disseram

que ela deve ficar meio grogue. Ah — o pessoal das cortinas vem hoje. Faça eles entrarem e pague com o cheque que está em cima do balcão. Olá, meninas! Não tinha visto vocês. Você deve ser uma boa influência, Callie. Nove e meia e essa aí já de pé!”. Fez um afago no cabelo do Objeto. “Vocês vão passar o dia no Clubinho, querida? Ótimo. Seu pai e eu vamos sair com os Peters hoje à noite. A Beulah deixa alguma coisa na geladeira pra você comer. Tchau pra todo mundo!”

O tempo todo Beulah ficou enxaguando os copos. Fiel a sua estratégia. Adotar a lei do silêncio em Grosse Pointe.

O Objeto fez rodar o tampo giratório da mesa. Geleias francesas e inglesas, um prato sujo de manteiga, potes de ketchup e do molho Lea & Perrins rodaram, até que o Objeto pudesse apanhar o que queria: um frasco econômico de pastilhas de antiácido. Ela chacoalhou o frasco para pegar três.

“Afiml, o que é azia?”, falei.

“Você nunca teve azia?”, perguntou, com espanto, o Objeto.

Clubinho era só um apelido. Oficialmente, chamava-se Grosse Pointe Club. Embora ficasse às margens do lago, não havia docas ou barcos à vista, apenas a sede, que parecia uma mansão, duas quadras de pádel e uma piscina. Era à beira dessa piscina que, diariamente, naqueles meses de junho e julho, nos deitávamos.

Quanto às roupas de banho, o Objeto preferia biquínis. Ela ficava bem com eles, mas não chegava a ser a perfeição. Como as coxas, também os quadris estavam mais para largos. Dizia invejar minhas pernas longas e finas, mas só estava sendo simpática. Calíope surgiu à beira da piscina, no primeiro dia, e todos os dias a partir daquele, num maiô antiquado provido de saia. Tinha pertencido a Sourmelina, nos anos 1950. Achei num velho baú. A intenção declarada era que

o visual ficasse engraçado, mas eu dava graças de estar com tudo coberto. Também usava uma toalha de praia pendurada no pescoço ou uma camisa Lacoste por cima do maiô. O corpete também ajudava: as taças eram emborrachadas e pontudas e, cobertas pela toalha ou pela camisa, sugeriam um busto que eu não tinha.

Além de nós, senhoras com barrigas de pelicano e toucas de natação batiam os pés agarradas a pranchinhas, cruzando a piscina de um lado para o outro. Os maiôs delas eram bem parecidos com o meu. Crianças pequenas chapinhavam e espalhavam água do lado mais raso. Meninas sardentas têm uma pequena janela de oportunidade para se bronzear. O Objeto aproveitava a sua. À medida que o verão passava e, virando e revirando sobre nossas toalhas, nos deixávamos refogar, as sardas do Objeto foram escurecendo, passando de carameladas a marrons. A pele entre as sardas também escureceu, unindo-as para formar a máscara pintalgada de um arlequim. Só a ponta do nariz permanecia rosada. O repartido do cabelo flamejava com a queimadura de sol.

Sanduichinhos servidos em pratos com frisos ondulados voavam até nós. Quando queríamos ser sofisticadas, pedíamos um molhinho francês. E também milk-shakes, sorvetes e batatas fritas. Para tudo, o Objeto assinava o nome do pai. Falou de Petoskey, onde a família tinha uma casa de veraneio. "A gente vai pra lá em agosto. Quem sabe você não vem junto?"

"Estou indo pra Turquia", eu respondi, com desânimo.

"Ah, é. Tinha esquecido." E em seguida: "Por que você precisa ir pintar essa igreja?"

"É uma promessa que meu pai fez."

"Por quê?"

Às nossas costas, casais jogavam pádel. Bandeiras tremulavam no telhado da sede do clube. Aquilo ali era lugar para mencionar são

Cristóvão? As histórias de guerra do meu pai? As superstições da minha avó?

“Sabe no que eu fico pensando?”, falei.

“No quê?”

“Fico pensando na Maxine. Não acredito que ela morreu.”

“Eu sei. Não parece que ela está morta de verdade. Parece que sonhei isso.”

“A gente só sabe que é verdade porque nós duas sonhamos. A realidade é isso. Um sonho que todo mundo sonha junto.”

“Que profundo”, disse o Objeto.

Dei um beijinho nela.

“Ei!”

“Você mereceu.”

Nossa loção de coco atraía insetos. Nós os matávamos sem piedade. O Objeto avançava lentamente na leitura de *The Lonely Lady*, de Harold Robbins. E ficava escandalizada. A cada intervalo de poucas páginas, balançava a cabeça e anunciava: “Este livro é muuuito pornográfico”. Eu lia *Oliver Twist*, uma das leituras obrigatórias da lista de férias.

De repente o sol sumiu. Um pingo d’água caiu na minha página. Mas isso não foi nada, se comparado à cascata que estava sendo despejada sobre o Obscuro Objeto. Um menino mais velho se inclinava de lado, agitando o cabelo molhado.

“Maldito”, ela disse, “para!”

“Que foi? Estou te refrescando.”

“Para com isso!”

Ele, enfim, parou. Endireitou-se. O calção de banho estava meio caído no quadril ossudo e magricela, o que deixava exposta uma trilha de pelos descendo a partir do umbigo. A trilha era ruiva. Mas, na cabeça, o cabelo era bem preto.

“Quem é a mais recente vítima da sua hospitalidade?”, o menino perguntou.

“Essa é a Callie”, disse o Objeto. E para mim: “Esse é meu irmão, Jerome”.

A semelhança era clara. A mesma paleta de cores no rosto de Jerome (alaranjados e tons claros de azul, principalmente), mas o contorno geral era mais tosco, o nariz com algo de bulboso, os olhos meio estreitados, como fagulhas. O que me atraiu de início foi o cabelo preto fosco que, logo percebi, era tingido.

“Você que estava na peça, certo?”

“É.”

Jerome balançou a cabeça. Com aqueles talhos que eram seus olhos faiscando, ele disse: “Uma fã de dramaturgia, hein? Que nem você. Certo, maninha?”.

“Meu irmão é muito problemático”, falou o Objeto.

“Ei, já que as gatas gostam de ‘tchiatru’, talvez queiram atuar no meu próximo filme.” Ele olhou para mim. “Estou fazendo um filme de vampiros. Você daria uma ótima vampira.”

“Eu?”

“Deixa eu ver seus dentes.”

Não mostrei, atenta ao sinal que me fazia o Objeto para que não desse muita trela.

“O Jerome se interessa por filmes de monstro”, ela disse.

“Filmes de horror”, ele corrigiu, ainda se dirigindo a mim. “Não de monstro. Minha irmã, como de costume, menospreza o meio de expressão que escolhi. Querem saber o título do filme?”

“Não”, respondeu o Objeto.

“*Vampiros no internato*. É sobre um vampiro, interpretado por *moi*, que é mandado pra um colégio interno porque seus pais, ricos mas terrivelmente infelizes, estão em processo de divórcio. Enfim, ele não se adapta muito bem lá no internato. Não anda com as

roupas certas. Não tem o corte de cabelo da moda. Mas aí, um dia, depois de uma festa regada a cerveja de barril, sai pra uma caminhada pelo campus e é atacado por um vampiro. E — o barato da história é agora — o vampiro está fumando um cachimbo. E usando um terno de tweed Harris. É o puto do diretor, cara! Aí, na manhã seguinte, nosso herói acorda e vai direto comprar um blazer azul e uns mocassins e — *voilà* — vira um típico aluno de internato!”

“Será que você pode sair da frente? Está tapando meu sol.”

“É uma metáfora da experiência do internato”, disse Jerome. “Cada geração aplicando sua mordida à seguinte, que é transformada numa geração de mortos-vivos.”

“O Jerome foi expulso de dois internatos.”

“E hei de me vingar!”, proclamou Jerome, a voz encanecida, brandindo o punho no ar. Então, sem dizer mais nenhuma palavra, correu e pulou na piscina. Deu um giro ao saltar, de modo que caiu na água nos encarando. E lá estava Jerome, ossudo, o peito encovado, branco feito um biscoito água e sal, o rosto contorcido e uma das mãos apertando os bagos. Manteve a pose até mergulhar.

Eu era jovem demais para me perguntar o que haveria por trás da nossa súbita intimidade. Nos dias e semanas que se seguiram, não levei em conta as motivações próprias do Objeto, seu vácuo amoroso. A mãe tinha compromissos o dia inteiro. O pai saía para o trabalho às seis e quarenta e cinco. Jerome era um irmão, portanto inútil. O Objeto não apreciava a solidão. Nunca aprendera a se divertir sozinha. E assim, certa noite, na casa dela, quando eu já me preparava para pegar a bicicleta e ir embora, minha amiga sugeriu que eu ficasse para dormir.

“Não trouxe minha escova de dentes.”

“Você pode usar a minha.”

“Que nojo.”

“Arranjo uma nova pra você. Tem uma caixa cheia aí. Meu Deus, você é tão certinha.”

Eu só estava me fazendo de difícil. Na verdade, não teria me importado de compartilhar a escova com o Objeto. Não teria me importado de *ser* a escova do Objeto. Já guardava bastante intimidade com a boca dela. A pessoa fumar ajuda muito nisso. A gente consegue ter uma demonstração completa das pregas se formando e do movimento de sucção. A língua com frequência dá as caras, lambendo o lábio inferior para remover algum resquício grudento deixado pelo filtro. Às vezes, pedacinhos de papel ficam aderidos ali e o fumante, ao retirá-los, revela a açucarada arcada dentária inferior sobre as gengivas carnudas. E, se o fumante é do tipo que gosta de soprar anéis de fumaça, a gente tem a chance de ver bem lá dentro, o veludo escuro da parte interna das bochechas.

Funcionava assim com o Obscuro Objeto. Um cigarro na cama era a lápide a marcar o fim de cada dia e o tubo pelo qual respirava para voltar à vida todas as manhãs. Vocês já ouviram falar de artistas que trabalham com instalações? Bem, o Objeto era uma artista de *exalações*. Dominava todo um repertório delas. Havia a Rajada Lateral, em que ela, por educação, canalizava a fumaça pelo canto da boca para longe da pessoa com quem estivesse conversando. Havia a exalação Gêiser, quando estava furiosa. E a Moça-Dragão: uma coluna de fumaça saindo de cada narina. Havia a exalação Reciclagem Francesa, em que ela soltava fumaça pela boca para, em seguida, respirar a mesma fumaça pelo nariz. E a modalidade Deglutidora, reservada para situações de emergência. Certa vez, no banheiro do Bloco de Ciências, o Objeto tinha acabado de dar uma longa tragada quando uma professora entrou de supetão. Minha amiga só teve tempo de dar um piparote no cigarro e a descarga. Mas e a fumaça? Para onde iria?

“Quem está fumando aqui?”, perguntou a professora.

O Objeto deu de ombros, a boca fechada. A professora se inclinou para farejá-la. O Objeto engoliu. Nenhuma fumaça voltou. Nem um só fiapo. Nem um só sopro. Uma leve umidade nos olhos era o único sinal da Chernobyl em seus pulmões.

Aceitei o convite do Objeto e fiquei para dormir. A sra. Objeto ligou para Tessie para saber se estava tudo bem e, pelas onze horas, minha amiga e eu fomos para a cama. Ela me deu uma camiseta para usar. Dizia “Fessenden” na frente. Vesti e o Objeto abafou uma risadinha.

“Que foi?”

“Essa camiseta é do Jerome. Está fedida?”

“Por que você me deu uma camiseta dele?”, falei, o corpo retesado, encolhido para não tocar o algodão da roupa que ainda vestia.

“As minhas são muito pequenas. Quer que eu pegue uma do papai? As dele cheiram a colônia.”

“Seu pai usa colônia?”

“Ele morou em Paris depois da guerra. Tem um monte de manias meio frescas.” Ela agora subia na cama enorme. “E também dormiu com um milhão de prostitutas francesas.”

“Ele te contou isso?”

“Não exatamente. Mas, sempre que fala da França, o papai fica todo excitado. Foi pra lá quando estava no Exército. Meio que ficou responsável por administrar Paris quando a guerra terminou. E mamãe se irrita pra valer ouvindo ele falar disso.” Começou a imitar a mãe: “Já chega desse papo francófilo por hoje, querido”. Como de costume, quando ela fazia algo dramático, seu Q.I. inflava. Em seguida se jogou na cama de barriga para baixo. “E ele também matou gente.”

“Matou?”

“É”, disse o Objeto, acrescentando, à guisa de explicação: “Nazistas”.

Subi na camona. Em casa, eu tinha um travesseiro. Ali havia seis.

“Massagem nas costas”, convocou o Objeto, em tom animado.

“Faço em você se você fizer em mim.”

“Combinado.”

Montei nela, sobre a sela dos quadris, e comecei pelos ombros. O cabelo estava por cima e precisei afastar. Ficamos em silêncio por um tempo, eu massageando, até que perguntei: “Você já foi no ginecologista?”.

A cabeça enterrada no travesseiro, o Objeto fez que sim.

“E como é?”

“Uma tortura. Odeio.”

“O que eles fazem com a gente?”

“Primeiro mandam você tirar a roupa e vestir uma espécie de camisola. É feita de papel, e o ar gelado entra por tudo. A gente fica congelando. Aí te fazem deitar arreganhada numa mesa.”

“Arreganhada?”

“Ã-hã. Com as pernas nuns apoios de metal. Aí o gineco faz o exame pélvico, *que é de matar.*”

“Como assim, exame pélvico?”

“Achei que você era expert em sexo.”

“Vai, conta.”

“O exame pélvico é, sabe, *lá dentro*. Colocam lá um negocinho pra te abrir inteira e tudo mais.”

“Não acredito.”

“É de matar. E é congelante. E ainda por cima o gineco fica fazendo umas piadinhas sem graça enquanto fuça lá. Mas pior é o jeito como ele enfia a mão.”

“O quê?”

“Basicamente vai enfiando até fazer cócegas nas amígdalas.”

Emudeci. O choque e o medo me paralisaram totalmente.

“Em qual você vai?”, perguntou o Objeto.

“Num cara chamado dr. Bauer.”

“O dr. Bauer! É o pai da Renee. Um pervertido total!”

“Como assim?”

“Um dia fui na piscina na casa da Renee. Eles têm uma piscina. O dr. Bauer chegou ali fora e ficou olhando. Aí me diz: ‘Suas pernas têm proporções perfeitas. Absolutamente perfeitas’. Meu Deus, que pervertido! O Dr. Bauer. Tenho pena de você.”

Ela tirou a barriga do colchão para liberar a camiseta. Massageei a base das costas, subindo por baixo da roupa até alcançar as omoplatas.

O Objeto se calou depois disso. Eu também. Afastei a mente do consultório ginecológico devaneando na massagem. Não era difícil. Suas costas, cor de mel ou damasco, afinavam na cintura, ao contrário das minhas. Aqui e ali surgiam áreas brancas, antissardas. Onde quer que eu massageasse a pele avermelhava. Podia sentir o sangue sob os dedos, fluindo e refluindo. A região debaixo dos braços era áspera feito a língua de um gato. Abaixo, transbordavam as laterais dos seios, achatados contra o colchão.

“Ok”, eu disse, passado um longo tempo, “agora é minha vez.”

Mas aquela noite foi como todas as outras. Ela tinha adormecido.

Com o Objeto, nunca era minha vez.

Esses dias esparsos daquele verão com o Objeto vão voltando à memória, cada um deles encapsulado num daqueles suvenires que são pequenas redomas de neve. Deixem que eu as chacoalhe. Observem os flocos que caem:

Estamos na cama num sábado de manhã. O Objeto se deita de costas. Uso o apoio do cotovelo para me inclinar sobre ela e

inspecionar seu rosto.

“Sabe o que é o sono?”, pergunto.

“O quê?”

“Meleca.”

“Não é.”

“É *sim*. Muco. Meleca que sai dos olhos.”

“Que nojo!”

“Você está com um pouquinho de sono nos olhos, meu bem”, digo, imitando uma voz grave. Com o dedo, tiro dos cílios do Objeto a crosta que se formou ali.

“Não acredito que estou te deixando fazer isso”, ela diz. “Você tirou minha meleca.”

Ficamos nos olhando por um momento.

“Tirei sua meleca!”, dou um grito. E nos contorcemos, atirando travesseiros e gritando um pouco mais.

Outro dia, o Objeto está tomando banho. Ela tem seu próprio banheiro. Estou na cama, lendo uma revista de fofoca.

“Dá pra ver que a Jane Fonda não fica pelada de verdade nesse filme”, digo.

“Como você sabe?”

“Ela está com uma roupa de meia. Dá pra ver.”

Entro no banheiro para mostrar a revista. O Objeto se refestela numa banheira com pés em forma de garras, sob uma camada de espuma cremosa, enquanto esfrega um dos calcanhares com pedrapomes.

Olha a fotografia e diz: “Você também nunca fica pelada”.

Congelo, sem fala.

“É algum tipo de complexo?”

“Não, não tenho complexo nenhum.”

“Do que você tem medo, então?”

“Não tenho medo.”

O Objeto sabe que não é verdade. Mas ela não está sendo intencionalmente maliciosa. Não está tentando me desmascarar, só me deixar à vontade. Meus modos recatados a desconcertam.

“Não sei o que tanto te preocupa”, ela diz. “Sou sua melhor amiga.”

Finjo me entreter com a revista. Não consigo tirar os olhos da página. Por dentro, porém, estou explodindo de felicidade. É uma erupção de alegria, mas continuo mirando a revista, como se fosse uma obsessão.

É tarde. Ficamos vendo tevê até de madrugada. O Objeto está escovando os dentes quando entro no banheiro. Baixo a calcinha e sento na privada. Às vezes faço isso, uma tática compensatória. A camiseta é comprida e cobre meu colo. Faço xixi, o Objeto segue escovando.

É quando sinto cheiro de fumaça. Ergo os olhos e vejo, dividindo espaço com a escova na boca do Objeto, um cigarro.

“Você fuma até *enquanto* escova os dentes?”

Ela me olha de soslaio. “Estes são mentolados”, diz.

Mas o problema desses suvenires é o seguinte: os flocos reluzentes caem rápido demais.

Um lembrete colado à porta da geladeira me trouxe de volta à realidade: “Dr. Bauer, 22 de julho, 14h”.

O terror tomava conta de mim. Terror do ginecologista pervertido e de seus instrumentos inquisitoriais. Terror das coisas de metal para escancarar minhas pernas e do tal negocinho para escancarar algo

mais. E terror do que todo esse escancaramento poderia vir a revelar.

Foi nesse estado, nesse fosso emocional, que comecei a frequentar de novo a igreja. Num domingo do início de julho, minha mãe e eu vestimos nossas melhores roupas (ela de salto, eu não), pegamos o carro e fomos até a Assunção. Tessie também estava sofrendo. Fazia seis meses que Um-Sete-Um tinha saído de Middlesex acelerando sua moto, e desde então não voltara mais. Pior: em abril, avisou que estava largando a faculdade. Planejava se mudar para a Península Superior com uns amigos para, conforme ele mesmo disse, dar um tempo do país. “Você não acha que ele vai fazer alguma maluquice, né, como fugir pra casar com aquela Meg?”, Tessie quis saber de Milton. “Tomara que não”, respondeu meu pai. Tessie receava que Um-Sete-Um não estivesse se cuidando. Ele não ia mais regularmente ao dentista. Estava pálido por causa do vegetarianismo. E ficando careca. Aos vinte anos. O que fazia Tessie se sentir velha, de repente.

Com a ansiedade a nos unir, em busca de consolo para diferentes queixas (Tessie querendo se livrar das suas dores, ao passo que eu desejava que as minhas começassem), adentramos a igreja. Do meu ponto de vista, o que acontecia todos os domingos na Igreja Ortodoxa Grega da Assunção era que padres se juntavam e liam a Bíblia em voz alta. Começavam com o Gênesis e seguiam adiante, até Números e Deuteronômio. Depois passavam aos Salmos e Provérbios, ao Eclesiastes, a Isaías, Jeremias e Ezequiel, para enfim chegarem ao Novo Testamento, que também liam. Considerando a duração das nossas missas, só podia ser isso.

Cantavam enquanto a igreja aos poucos se enchia de gente. Por fim, o candelabro principal acendia e o padre Mike, feito uma marionete em tamanho natural, irrompia de trás da tela com o ícone. A transformação sofrida por meu tio a cada domingo sempre

me impressionava. Na igreja, o padre Mike aparecia e desaparecia como se fosse uma caprichosa divindade. Uma hora, do balcão, cantava com sua voz suave e desafinada. No minuto seguinte, estava de volta no meio da congregação, fazendo pendular o incensário. Coberto de brilhos e pedras, parecendo um ovo Fabergé naquela vestimenta exagerada, circulava pela igreja dando à gente a bênção de Deus. Às vezes o incensário produzia tanta fumaça que o padre Mike parecia ter o poder de ficar invisível sob a névoa. Quando esta se dispersava, porém, à tarde na sala de estar da nossa casa, ele era outra vez o sujeito baixinho e tímido, trajando roupas pretas de liga de poliéster e colarinho plástico.

A autoridade de tia Zoë fazia o percurso inverso. Na igreja, era humilde. O chapéu redondo cinza que usava parecia a cabeça de um parafuso a afixá-la em seu banco. Não parava de dar beliscões nos filhos para mantê-los acordados. Eu mal conseguia ligar aquela pessoa ansiosa e encurvada que via à nossa frente, semana após semana, à mulher divertida que, embalada pelo vinho, fazia números cômicos na nossa cozinha. "Vocês, homens, fiquem aí fora!", gritava, tirando minha mãe para dançar. "Temos facas aqui dentro."

Tão chocante era o contraste entre a Zoë carola e a Zoë bebum que sempre fiz questão de observá-la de perto durante a liturgia. Na maioria dos domingos, quando minha mãe a cumprimentava com um toque no ombro, tia Zo respondia com um sorriso débil. O nariz grande parecia inchado de pesar. Então ela se virava, fazia o sinal da cruz e sossegava pelo resto do tempo.

Então: a Igreja da Assunção naquela manhã de julho. O incenso que subia com a pungência da esperança irracional. Chegando mais perto (chuviscava lá fora), o cheiro de lã molhada. Os guarda-chuvas pingando debaixo dos bancos. Os riachinhos que se formavam a partir desses guarda-chuvas e, correndo pelo assoalho irregular de nossa igreja mal construída, começavam a empoçar. Os aromas de

laquê e perfume, de cigarro barato, o lento tiquetaquear dos relógios. O ronronar de um número cada vez maior de estômagos. E os bocejos. As cabeceadas de sono e os roncos e as cotoveladas para fazer acordar.

Nossa liturgia interminável; meu próprio corpo imune às leis do tempo. E, bem à minha frente, Zoë Antoniou, outra vítima do tempo e suas trapaças.

A vida de mulher de padre vinha sendo ainda pior do que esperava tia Zo. Odiara os anos em que viveram no Peloponeso. Lá, moraram numa casa pequena de pedra, sem aquecimento. As mulheres do vilarejo estendiam cobertores debaixo das oliveiras, batendo nos galhos para as azeitonas caírem. “Será que elas não podem parar um pouco com essa martelada?” Em cinco anos, ao som incessante das oliveiras sendo espancadas até a morte, deu à luz quatro crianças. Mandava cartas para minha mãe contando detalhes de suas mazelas: nada de máquina de lavar, nada de carro, nada de televisão, o quintal tomado de pedregulhos e cabras. Assinava as cartas com um “Santa Zöe, Mártir da Igreja”.

O padre Mike tinha gostado mais da Grécia. Os anos que passou lá foram os melhores de seu sacerdócio. Naquele minúsculo vilarejo do Peloponeso, as velhas superstições sobreviviam. As pessoas ainda acreditavam em mau-olhado. Ninguém tinha pena dele por ser padre, ao passo que, de volta à América, seus paroquianos sempre o tratavam com leve mas inequívoca condescendência, feito um louco cujos delírios pediam uma atitude indulgente. A humilhação de ser padre numa economia de mercado não atormentou o padre Mike enquanto ele esteve na Grécia. Lá, pôde esquecer da minha mãe, que o tinha esnobado, e evitar as comparações com meu pai, que ganhava muito mais dinheiro. As queixas e censuras da esposa ainda não tinham levado o padre Mike a pensar em largar a batina, nem a seu ato de desespero...

Em 1956, o padre Mike foi transferido de volta aos Estados Unidos, para uma igreja em Cleveland. Em 1958 se tornou padre na Assunção. Zoë estava feliz por voltar para casa, mas nunca se acostumou com o posto de *presvytera*. Não gostava da obrigação de dar exemplo. Tinha dificuldade para manter os filhos limpinhos e bem vestidos. “Com que dinheiro?”, gritava com o marido. “Se te pagassem metade de um salário decente, quem sabe as crianças podiam andar mais arrumadas?” Meus primos — Aristóteles, Sócrates, Cleópatra e Platão — tinham aquele jeito contrariado, meio engomado dos filhos de religiosos. Os meninos usavam paletós baratos, trespassados e em cores extravagantes e chamativas. Tinham cabelos no estilo black power. Cleo, com a mesma beleza de olhos amendoados da sua homônima, se virava com vestidos da Montgomery Ward. Ela falava muito pouco e, nas missas, ficava jogando cama de gato com Platão.

Sempre gostei da tia Zo. Gostava da voz dela, espaçosa e grandiloquente. Gostava de seu senso de humor. Falava mais alto que a maioria dos homens; era capaz como ninguém de fazer minha mãe rir.

Naquele domingo, por exemplo, numa das muitas pausas, virou-se para nós e brincou, insolente. “Eu sou *obrigada* a estar aqui, Tessie. A desculpa de vocês qual é?”

“A Callie e eu só estávamos com vontade de vir à igreja”, minha mãe respondeu.

Platão, que era baixinho como o pai, cantarolou em tom de reprimenda e deboche: “Que vergonha, Callie. O que você andou fazendo?”. Juntou os indicadores e ficou esfregando um no outro.

“Nada”, falei.

“Ei, Sócrates”, Platão cochichou para o irmão. “Será que estou vendo nossa prima Callie ficar vermelha?”

“Deve ter feito alguma coisa que não quer contar pra gente.”

“Quietos os dois, agora”, disse tia Zo. O padre Mike se aproximava com o incensário. Meus primos viraram para a frente. Minha mãe baixou a cabeça em oração. Eu também. Tessie rezava para que Um-Sete-Um recobrasse o juízo. E eu? Fácil. Rezava para que minha menstruação viesse. Rezava pelo estigma que me faria mulher.

O verão passava rápido. Milton foi buscar nossas malas no porão e disse para minha mãe e eu começarmos a arrumação. Eu ganhava um bronzeado com o Objeto no Clubinho. O dr. Bauer me assombrava os pensamentos, avaliando se minhas pernas tinham boas proporções. A consulta seria dali a uma semana, depois dali a meia semana, depois dali a dois dias...

E chegamos à noite do sábado anterior, 20 de julho de 1974. Uma noite repleta de partidas e planos secretos. Nas primeiras horas da manhã de domingo (ainda sábado à noite em Michigan), jatos turcos decolaram de suas bases no país. Voaram para o sudeste, sobre o Mediterrâneo, na direção da ilha de Chipre. Nos mitos antigos, os deuses com frequência protegem os mortais escondendo-os. Afrodite oculta Páris, a certa altura, para salvá-lo da morte certa nas mãos de Menelau. Envolve Eneas num manto para permitir que escape incógnito do campo de batalha. Também os jatos turcos, ao sobrevoarem o mar, estavam invisíveis. Naquela noite, relataram os militares cipriotas, ocorreu uma falha misteriosa nas telas de seus radares, tomadas por milhares de pontos brancos: uma nuvem eletromagnética. Ocultos ali dentro, os aviões puderam chegar à ilha e despejar suas bombas.

Enquanto isso, em Grosse Pointe, Fred e Phyllis Mooney também partiam de sua base com destino a Chicago. Na varanda, despediram-se dos filhos, Woody e Jane, que tinham os próprios planos. Naquele momento, voavam na direção da casa os

bombardeiros de barris de cerveja e formações cerradas de seis latas de cerveja. Carros abarrotados de adolescentes estavam a caminho. Assim como o Objeto e eu. Rostos pesados de base e batom, penteados cheios de cachos feitos a quente, também nós saímos para a festa. De saias de veludo cotelê fino e tamancos, chegamos ao gramado da frente da casa. Mas o Objeto me fez parar na varanda, antes de entrarmos. Mordia o lábio.

“Você é minha melhor amiga, certo?”

“Certo.”

“Tá. É que às vezes acho que estou com mau hálito.” Ela se interrompeu. “O problema é que a gente nunca consegue saber se está *mesmo* ou não. Então o que eu queria é” — mais uma pausa — “que você conferisse pra mim.”

Eu não soube o que dizer, então não disse nada.

“É muito nojento?”

“Não”, falei, por fim.

“Ok, então aqui vai.” Ela se inclinou sobre mim e deu uma baforada no meu rosto.

“Está ok”, eu disse.

“Ótimo. Agora você.”

Avancei para o rosto dela e exalei.

“Está bom”, ela falou, definitiva. “Ok. Agora a gente pode entrar na festa.”

Eu nunca tinha ido a uma antes. Fiquei com pena dos pais. À medida que a gente se espremia entre os grupinhos na casa latejante, ia me horrorizando com a destruição que estava em curso. Cinzas de cigarro caíam nas forrações Pierre Deux. Cerveja das latas respingava em tapetes que eram heranças de família. Na sala de jogos, vi dois rapazes urinando dentro de um troféu de tênis e rindo. Era um pessoal mais velho, na maioria. Alguns casais subiam para o andar de cima e desapareciam nos quartos.

O Objeto também tentava fazer parecer que tinha mais idade. Imitava as expressões de superioridade entediada das meninas do colegial. Atravessou a festa até a varanda dos fundos e entrou na fila do barril de cerveja.

“O que você está fazendo?”, perguntei.

“O que você acha que estou fazendo? Vou pegar uma cerveja.”

Já estava bem escuro lá fora. Como em quase todas as situações sociais, deixei meu cabelo cobrir o rosto. Estava ali, atrás do Objeto, parecendo o Primo Coisa da Família Addams, quando alguém tapou meus olhos com as mãos.

“Adivinha quem é?”

“O Jerome.”

Afastei as mãos dele e me virei.

“Como você sabia que era eu?”

“Pelo cheiro estranho.”

“Ui, ui, ui”, disse uma voz às costas de Jerome. Olhei para ver quem era e tive um choque. Parado atrás dele, estava Rex Reese, o cara que dirigia o carro no qual Carol Henkel encontrou sua morte aquática. Rex Reese, nosso Ted Kennedy local. E ele não parecia lá muito sóbrio. O cabelo preto cobria as orelhas, e usava um pedaço de coral azul preso a um cordão de couro no pescoço. Examinei seu rosto em busca de sinais de remorso ou arrependimento. Rex, porém, não olhava para a minha cara. Cabelo caído nos olhos, o arabesco de um sorriso logo abaixo, estava interessado era no Objeto.

Hábeis, os meninos se enfiaram entre nós, dando as costas um para o outro. Tive um último vislumbre do Obscuro Objeto. Estava com as mãos nos bolsos traseiros da saia de veludo cotelê. O que parecia uma pose casual, mas tinha o efeito de tornar mais salientes os seios. Olhava para Rex e sorria.

“Vou começar as filmagens amanhã”, disse Jerome.

Fiquei com uma expressão vazia.

“Do meu filme. Do meu filme de vampiro. Tem certeza que você não quer participar?”

“Vou viajar de férias com minha família esta semana.”

“Droga”, falou Jerome. “Vai ser genial.”

Ficamos ali, em silêncio. Passado um momento, eu disse: “Os verdadeiros gênios nunca acham que são gênios”.

“Quem disse?”

“Eu.”

“Por causa de quê?”

“Porque a genialidade é noventa por cento transpiração. Nunca ouviu isso? Na hora em que você *pensa* que é um gênio, se acomoda. Acha que tudo que faz é maravilhoso e tudo mais.”

“Só quero fazer uns filmes de horror”, respondeu Jerome. “Com algumas cenas de nudez aqui e ali.”

“Basta não tentar ser um gênio que talvez, sem querer, você se torne um”, falei.

Ele me olhava de um jeito esquisito, intenso, mas tinha um sorrisinho.

“Que foi?”

“Nada.”

“Por que você está me olhando assim?”

“Te olhando assim como?”

No escuro, a semelhança de Jerome com o Objeto era ainda mais pronunciada. As sobrancelhas castanho-alouradas, a pele caramelada — estava tudo ali de novo, em formato permissível.

“Você é muito mais esperta que a maioria das amigas da minha irmã.”

“Você é muito mais esperto que a maioria dos irmãos das minhas amigas.”

Ele se inclinou na minha direção. Era mais alto que eu. Uma diferença importante em relação à irmã. Foi o suficiente para me despertar do meu transe. Virei as costas. Contornei Jerome de volta ao Objeto. Ela continuava a encarar Rex, o rosto iluminado.

“Vamos”, falei. “A gente precisa ir ver aquele negócio.”

“Que negócio?”

“Você sabe. Aquele negócio.”

Consegui, por fim, tirá-la dali. Ela deixou atrás de si uma trilha de sorrisos e olhares significativos. Assim que saímos para a varanda, começou a fazer cara feia para mim.

“Aonde você está me levando?”, falou, furiosa.

“Pra longe daquele canalha.”

“Não dá pra me deixar em paz nem um minuto?”

“Você quer que eu te deixe em paz?”, eu disse. “Ok, vou te deixar.” Não me mexi.

“Não posso nem conversar com um menino numa festa?”, perguntou o Objeto.

“Quis te tirar de lá antes que fosse tarde demais.”

“Como assim?”

“Você está com mau hálito.”

Xeque-mate. Aquilo a atingiu em cheio. Ela murchou. “Estou?”, ela perguntou.

“Só um pouquinho, de cebola”, falei.

Estávamos no gramado do quintal agora. Adolescentes estavam sentados na amurada de pedra da varanda, as bitucas de cigarro brilhando na escuridão.

“O que você acha do Rex?”, cochichou o Objeto.

“O quê? Não me diga que você está a fim dele.”

“Não estou dizendo isso.”

Perscrutei seu rosto em busca de uma resposta. Ela percebeu e se afastou, andando pelo gramado. Fui atrás. Já disse antes que a

maior parte dos meus sentimentos tem um caráter híbrido. Mas não todos. Alguns são puros, não adulterados. O ciúme, por exemplo.

“O Rex é legal”, falei, assim que a alcancei. “Se você gostar de assassinos.”

“Aquilo foi um acidente”, disse o Objeto.

A lua estava no último quarto crescente. Tingia de prata as opulentas folhas das árvores. A grama estava úmida. Tiramos nossos tamancos para pisar nela. Depois de um momento, o Objeto pousou a cabeça no meu ombro.

“Ainda bem que você vai pra longe”, ela disse.

“Por quê?”

“Porque isso é muito esquisito.” Olhei para trás, conferindo se alguém podia nos ver. Ninguém, então passei um braço em volta dela.

Ficamos ali por alguns minutos, sob as árvores esbranquiçadas pela lua, ouvindo a música em alto volume vinda da casa. A polícia iria chegar logo. A polícia sempre chegava. Era algo com que se podia contar em Grosse Pointe.

\* \* \*

Na manhã seguinte, fui à igreja com Tessie. Como de costume, tia Zo estava lá na frente, dando exemplo. Aristóteles, Sócrates e Platão trajavam seus paletós de gângster. Cleo, afundada na cabeleira preta, quase cochilava.

Os fundos e as laterais da igreja ficavam na penumbra. Imagens assomavam nos nichos ou surgiam com dedos em riste nas capelinhas iluminadas. A partir da cúpula, a luz descia num fecho coalhado de partículas de poeira. O ar ali já estava espesso do incenso. Andando para lá e para cá, os padres pareciam frequentadores de uma sauna.

E chegou a hora do espetáculo. Um dos padres acionou um interruptor. A base do enorme candelabro se iluminou. De trás da iconóstase, surgiu o padre Mike. Estava usando uma túnica turquesa brilhante com um coração vermelho bordado às costas. Cruzou a plataforma em frente ao altar e desceu para junto dos paroquianos. A fumaça do incenso, com sua fragrância de antiguidade, subia em circunvoluções. “*Kyrie eleison*”, entoou o padre Mike. “*Kyrie eleison.*” E, embora aquelas palavras nada, ou quase nada, significassem para mim, pude sentir seu peso, o sulco profundo com que marcavam o ar do tempo. Tessie fez o sinal da cruz pensando em Um-Sete-Um.

Primeiro o padre Mike percorreu o lado esquerdo da igreja. O incenso rolava em ondas azuis sobre o amontoado de cabeças. Obscurecia as luzes redondas do candelabro. Agravava as moléstias pulmonares das viúvas. Ofuscava a extravagância dos trajés dos meus primos. Quando me envolveu em seu manto de gelo-seco, inalei a fumaça e comecei, também, a rezar. *Por favor, Deus, não deixa o dr. Bauer achar nada de errado em mim. E deixa eu ser só amiga do Objeto. E não deixa ela esquecer de mim enquanto a gente estiver na Turquia. E ajuda pra que a minha mãe não fique tão preocupada com o meu irmão. E faz o Um-Sete-Um voltar pra faculdade.*

O incenso serve a uma variedade de propósitos na Igreja Ortodoxa. Simbolicamente, é uma oferenda a Deus. Como nos sacrifícios com fogo das eras pagãs, a fragrância sobe aos céus. Antes de existirem técnicas modernas de embalsamamento, tinha uma aplicação prática. Disfarçava o cheiro dos cadáveres nos funerais. Também é capaz, se inalado em quantidade suficiente, de criar uma sensação inebriante que se parece com um êxtase religioso. E, se inspirado em excesso, a pessoa pode chegar a se sentir enjoada.

“Que foi?”, a voz de Tessie no meu ouvido. “Você está pálida.”

Parei de rezar e abri os olhos.

“Estou?”

“Está se sentindo bem?”

Fiz menção de dizer que estava. Mas não concluí a afirmativa.

“Você está muito pálida mesmo, Callie”, repetiu Tessie. Pôs a mão na minha testa.

Enjoo, êxtase, devoção, engodo — veio tudo junto. Se Deus não ajuda, a gente tem que se ajudar.

“É o meu estômago”, falei.

“O que você andou comendo?”

“Ou não exatamente o estômago. Mais pra baixo.”

“Você está se sentindo fraca?”

O padre Mike passava por ali outra vez. Ergueu tão alto o pêndulo do incensário que quase bateu no meu nariz. Escancarei as narinas de modo a respirar o máximo possível de fumaça e ficar com a cara ainda mais branca do que já estava.

“Parece que alguém está me torcendo por dentro”, arrisquei.

E devo ter mais ou menos acertado. Porque agora Tessie sorria. “Ah, querida”, ela disse. “Graças a Deus.”

“Você fica feliz de eu estar doente? Muito legal da sua parte.”

“Você não está doente, querida.”

“Então estou o quê? Não estou me sentindo bem. *Dói.*”

Minha mãe me pegou pela mão, sorriso ainda aberto. “Rápido, rápido”, falou. “Não queremos que aconteça um acidente.”

No momento em que me trancava numa das cabines do banheiro da igreja, a notícia da invasão do Chipre pela Turquia já circulava nos Estados Unidos. Quando Tessie e eu chegamos em casa, a sala de estar estava repleta de homens aos berros.

“Nossos navios de guerra estão estacionados na costa pra intimidar os gregos”, gritava Jimmy Fioretos.

“Claro que estão estacionados na costa”, agora era Milton, “o que você esperava? Se a Junta assumir, põe Makarios pra fora. É por isso que os turcos estão ansiosos. É uma situação muito volátil.”

“É, mas pra ajudar os turcos...”

“Os Estados Unidos não estão ajudando os turcos”, continuou Milton. “Só não querem que a Junta saia do controle.”

Em 1922, enquanto Esmirna ardia em chamas, os navios americanos assistiram a tudo indolentes. Cinquenta e dois anos depois, na costa do Chipre, também não estavam agindo. Ostensivamente, ao menos.

“Não seja tão ingênuo, Milt”, Jimmy Fioretos voltou à carga. “Quem você acha que está bagunçando com os radares? Os americanos, Milt. Nós.”

“Como você sabe?”, desafiou meu pai.

E agora, pelo buraco da garganta, era Gus Panos quem intervinha: “Aquele maldito daquele — sssss — Kissinger. Deve ter — sssss — feito um acordo com os turcos”.

“Claro que fez.” Peter Tatakis assentia, bebericando uma Pepsi. “Agora que a crise do Vietnã acabou, Herr Doktor Kissinger pode voltar a dar uma de Bismarck. Ele não estava querendo instalar umas bases da Otan na Turquia? É assim que vai conseguir.”

Seriam verdadeiras aquelas acusações? Não posso dizer com certeza. Tudo que sei é: naquela manhã, alguém bagunçou os radares cipriotas, garantindo o sucesso da invasão turca. Teriam os turcos tecnologia para isso? Não. E os navios americanos? Sim. Mas não é algo que se possa provar...

Além do mais, isso não me importava, enfim. Os homens praguejaram e apontaram dedos em riste para a televisão e deram murros no rádio, até que tia Zo apareceu e desligou os aparelhos

todos. Os homens, não tinha como desligar, infelizmente. Durante o almoço, gritaram sem parar uns com os outros, brandindo facas e garfos no ar. A discussão sobre o Chipre duraria semanas e acabaria de uma vez por todas com aqueles almoços de domingo. Mas, para mim, aquela invasão teve um só significado.

Assim que foi possível, pedi licença e corri para o telefone. Liguei para o Objeto. "Adivinha?", eu gritava de empolgação. "Não vamos mais viajar. Estourou uma guerra!"

E então contei que estava com cólicas e disse que ia direto para a casa dela.

# Carne e sangue

Rapidamente me aproximo do momento da descoberta: autodescoberta, de algo que eu sabia o tempo todo e, no entanto, ainda não sabia; e descoberta para o pobre e praticamente cego dr. Philobosian daquilo que não tinha conseguido perceber no meu nascimento e tinha continuado a deixar passar em todos os meus exames anuais desde então; e descoberta para os meus pais, do tipo de criança que tinham posto no mundo (resposta: a mesma, só que diferente); e, finalmente, descoberta do gene mutante que esteve cravado em nossa linhagem sanguínea por duzentos e cinquenta anos, esperando calmamente seu momento, esperando que viesse a investida de Atatürk, que o general Hajienestis acordasse com pernas de vidro, que um clarinete tocasse sedutoramente de uma janela dos fundos, até se juntar a um gêmeo recessivo e dar início à cadeia de eventos que nos traz até aqui, a mim e a Berlim e ao que estou escrevendo.

Naquele verão — à medida que as mentiras do presidente também se tornavam mais elaboradas — comecei a fingir minhas menstruações. Em artimanha nixoniana, Calíope tirou da embalagem, jogou na privada e deu descarga num caminhão de Tampax. Simulava sintomas, de dor de cabeça a cansaço. Imitava cólicas como Meryl Streep imita sotaques. Havia a pontada, a dor

persistente, o soco no estômago que fazia eu me enrodilhar na cama. O ciclo menstrual, embora imaginário, era rigorosamente anotado no meu calendário de mesa. Usava o símbolo do peixe “” das catacumbas para marcar os dias. Programei minhas menstruações até dezembro, quando, eu tinha certeza, minha verdadeira menarca teria finalmente chegado.

O fingimento funcionou. Acalmou as ansiedades da minha mãe e, de alguma forma, até as minhas. Senti que tinha assumido o controle das coisas. Não estava mais à mercê da natureza. Melhor ainda, com nossa viagem a Bursa cancelada — assim como a consulta com o dr. Bauer —, estava livre e pude aceitar o convite do Objeto e ir com a família dela para a casa de veraneio. Entre os preparativos, comprei um chapéu de sol, chinelos e um macacão rústico.

Não estava acompanhando particularmente de perto os acontecimentos políticos que se desenrolavam no país naquele verão. Mas era impossível ficar totalmente por fora do que acontecia. A identificação do meu pai com Nixon só fez aumentar à medida que piorava a encrenca em que estava metido o presidente. Milton via nos cabeludos que protestavam contra a guerra a imagem do próprio filho maltrapilho e boquirroto. No escândalo de Watergate, meu pai reconhecia seu próprio comportamento dúbio na época dos distúrbios de rua em Detroit. Acreditava que o arrombamento tinha sido um erro, mas também que não era nada de muito grave. “E vocês acham que os democratas não estão fazendo a mesma coisa?”, Milton desafiava os debatedores de domingo. “Ficam insistindo em culpar o Nixon pra poderem bancar os santos.” Enquanto assistia ao noticiário da noite, comentava as notícias sem parar, dirigindo-se à tela: “Ah, tá bom”, dizia. “Palhaçada.” Ou: “Esse Proxmire, esse cara é um idiota total”. Ou: “Intelectuais cabeçudos: deviam estar preocupados é com a política

externa. O que fazer com os russos e com esses vermelhos dos chineses. E não choramingando por causa do arrombamento de uma porcaria de um comitê de campanha". Em vigília permanente na frente da tevê, vociferava contra a imprensa esquerdista, e sua semelhança cada vez maior com o presidente não podia ser ignorada.

Durante a semana, discutia com a tela, mas aos domingos encarava uma audiência de verdade. Tio Pete, normalmente sonolento como uma cobra fazendo a digestão, agora se mostrava animado e jovial. "Até do ponto de vista quiroprático, Nixon é uma figura questionável. Tem o esqueleto de um chimpanzé."

O padre Mike também dava suas alfinetadas. "E então, Milt, que tal essa agora do seu amigo Tricky Dicky?"

"Acho que isso aí é tempestade em copo d'água."

As coisas pioravam quando o Chipre entrava na conversa. Nos assuntos de política interna, Milton tinha Jimmy Fioretos como aliado. Mas, na questão do Chipre, ficavam em lados opostos. Um mês depois da invasão, justo no momento em que as Nações Unidas estavam para concluir uma negociação de paz, o exército turco atacou de novo. Dessa vez, os turcos reivindicavam um pedaço grande da ilha. Agora, cercas de arame farpado e torres de guarda estavam sendo construídas. O Chipre começava a ser dividido em dois, como Berlim, como a Coreia, como todos os outros lugares do mundo que não eram mais nem uma coisa nem outra.

"Estão mostrando o verdadeiro jogo agora", dizia Jimmy Fioretos. "Os turcos queriam era invadir, o tempo todo. Aquele blá-blá-blá sobre 'proteger a Constituição' era só pretexto."

"Apunhalaram a gente... sssss... pelas costas", grasniu Gus Panos.

Milton desdenhou. "Como assim, 'a gente'? Onde você nasceu, Gus, no Chipre?"

"Você entendeu... sssss... o que eu quis dizer."

“Os Estados Unidos traíram os gregos!”, Jimmy Fioretos brandiu um dedo no ar. “Aquele duas-caras filho da puta do Kissinger. Aperta a mão enquanto bate a carteira!”

Milton balançou a cabeça. Baixou o queixo, agressivo, e fez um ruído baixo, um latido de censura, gutural. “Temos que fazer tudo que seja de interesse nacional.”

Em seguida, meu pai voltou a erguer o queixo: “Que se danem os gregos”.

Em 1974, em vez de reivindicar suas origens numa visita a Bursa, meu pai renunciava a elas. Forçado a escolher entre a terra natal e a ancestral, não hesitou. Enquanto isso, podíamos ouvir tudo lá da cozinha: gritaria; e uma xícara de café se quebrando; palavrões tanto em inglês quanto em grego; passos duros de alguém saindo porta afora.

“Pegue seu casaco, Phyllis, estamos indo”, disse Jimmy Fioretos.

“É verão”, respondeu Phyllis. “Eu não trouxe casaco.”

“Então pegue seja lá que diabo você tiver que pegar e vamos.”

“Estamos indo também... sssss... perdi o... sssss... apetite.”

Até mesmo tio Pete, autodidata amante de ópera, achou que a coisa tinha passado dos limites. “Pode ser que o Gus não tenha sido criado na Grécia”, falou, “mas tenho certeza que você se lembra que eu fui. É da minha terra natal que você está falando, Milton. E da verdadeira pátria dos seus pais.”

Os convidados foram embora. Não voltaram mais. Jimmy e Phyllis Fioretos. Gus e Helen Panos. Peter Tatakis. Os Buicks arrancaram de Middlesex, deixando para trás um espaço negativo na nossa sala de estar. Depois disso, não houve mais almoços de domingo. Nem homens assoando os narigões como se fossem trompetes mudos. Nem mulheres que me beliscavam a bochecha e se pareciam com Melina Mercouri nos seus últimos anos. Mais que tudo, foi o fim dos debates na sala de estar. O fim das discussões e dos exemplos e das

citações de mortos célebres e do massacre de vivos infames. Ninguém mais governava o país das nossas namoradeiras. Acabaram-se as condenações à legislação tributária ou as querelas filosóficas sobre o papel do governo, o Estado de Bem-Estar Social, o sistema de saúde da Suécia (concebido por um dr. Fioretos, sem parentesco). O fim de uma era. Nunca mais. Nunca aos domingos.

Os únicos que ficaram foram o padre Mike, tia Zo e nossos primos, por serem parentes. Tessie se zangou com Milton por provocar a briga. Disse isso a ele, que explodiu com ela e, pelo resto do dia, minha mãe ficou sem falar com meu pai. O padre Mike se aproveitou da situação para levá-la ao deque do terraço. Milton pegou o carro e saiu. Mais tarde, subi ao deque com tia Zo levando comida e bebida. Tinha acabado de entrar pela trilha de cascalho entre as espessas balaustradas em madeira de sequoia quando vi Tessie e o padre Mike acomodados na mobília escura de ferro. Ele segurava a mão da minha mãe, inclinando o rosto barbado bem perto dela e a olhando nos olhos enquanto sussurrava alguma coisa. Minha mãe tinha chorado, aparentemente. Estava com um lenço de papel embolado numa das mãos. "A Callie trouxe chá gelado", anunciou a tia Zo, vindo lá de dentro, "e eu, a cachaça." Mas então ela viu o jeito como o padre Mike olhava para Tessie e se calou. Minha mãe ficou de pé, corada. "Vou de cachaça, Zo." Todos rimos um riso nervoso. Tia Zo serviu os copos. "Não olhe agora, Mike", falou. "A *presvytera* está se embebedando em pleno domingo."

Na sexta-feira seguinte, fomos no carro do pai do Objeto até a casa de veraneio da família, em Petoskey. Era uma mansão vitoriana, telhado de pão de mel, paredes cor de balas puxa-puxa de pistache. Foi puro deslumbramento o que senti, ainda dentro do carro,

olhando para a casa lá no alto. Ficava num elevado da Little Traverse Bay, cercada de pinheiros altos, as janelas reluzindo.

Eu tinha jeito para lidar com pais. Pais eram minha especialidade. No carro, ao longo de todo o percurso, conversei animadamente e sobre uma variedade de assuntos com o pai do Objeto. As cores da minha amiga eram herança paterna. O sr. Objeto exibia tintas celtas. Já estava com quase sessenta anos, porém, e o cabelo vermelho, quase todo sem cor, dava-lhe a aparência de um dente-de-leão esmaecido. A pele sardenta também tinha um aspecto desbotado. Usava um terno cáqui de popelina e gravata-borboleta. O sr. Objeto foi me buscar em casa e, antes de pegarmos a estrada, paramos numa lojinha onde ele comprou um pacote com seis coquetéis Smirnoff.

“Martínis em lata, Callie. Vivemos uma era de milagres.”

Cinco horas depois, nem um pouco sóbrio, ele embicou na estrada não pavimentada que levava à casa de veraneio. Eram dez horas, a essa altura. Carregamos nossas malas até a varanda dos fundos sob a luz da lua. A trilha por entre os pinheiros, coberta de folhas-agulha, estava salpicada de cogumelos. Ao lado da casa, a água de um poço artesiano ressoava em meio às pedras cobertas de musgo.

Quando entramos pela porta da cozinha, vimos Jerome. Estava sentado à mesa lendo o *Weekly World News*. A palidez de seu rosto indicava que tinha estado sentado ali basicamente o mês inteiro. O cabelo preto fosco parecia particularmente inerte. Usava uma camiseta com estampa de Frankenstein, um calção de malha rugosa e listrada e mocassins de lona branca sem meias.

“Te apresento a srta. Stephanides”, disse o sr. Objeto.

“Bem-vinda à roça.” Jerome ficou de pé e cumprimentou o pai com um aperto de mão, seguido de uma tentativa de abraço.

“Cadê sua mãe?”

“Está lá em cima trocando de roupa pra ir à festa. Vocês estão absurdamente atrasados. O humor dela diz tudo.”

“Por que você não leva a Callie até o quarto dela? Mostre a casa para ela.”

“Pra já”, falou Jerome.

Subimos a escada dos fundos, anexa à cozinha. “O quarto de hóspedes está sendo pintado”, Jerome me contou. “Por isso você vai ficar no quarto da minha irmã.”

“Cadê ela?”

“Está lá fora, na varanda, com o Rex.”

Meu sangue gelou. “Rex Reese?”

“Os pais dele têm casa aqui também.”

Jerome então me deu as instruções essenciais, toalhas de hóspede, localização do banheiro, como acender as luzes. Mas eu não dava atenção às gentilezas dele. Estava me perguntando por que o Objeto não tinha falado nada sobre Rex no telefone. Fazia três semanas que estavam ali e ela não dissera uma palavra.

Voltamos ao quarto dela. Roupas amarrotadas sobre a cama desfeita. Cinzeiro sujo sobre um travesseiro.

“Minha irmãzinha é uma criatura de hábitos negligentes”, comentou Jerome. “Você é organizada?”

Fiz que sim.

“Eu também. Não dá pra ser de outro jeito. Ei.” Ele deu a volta para me olhar de frente. “O que aconteceu com sua viagem pra Turquia?”

“Foi cancelada.”

“Excelente. Assim você pode atuar no meu filme. As filmagens vão ser aqui. Está a fim?”

“Achei que se passava num internato.”

“Resolvi que vai ser um internato no meio do nada.” Jerome estava parado mais ou menos perto de mim. Remexia as mãos nos

bolsos e me olhava de soslaio, equilibrando-se nos calcanhares irrequietos.

“Vamos descer?”, perguntei, por fim.

“Oi? Ah, certo. É. Vamos.” Jerome virou as costas e saiu apressado. Eu o segui de volta escada abaixo até a cozinha. Quando atravessávamos a sala de estar, ouvi vozes vindas da varanda.

“Aí o Selfridge, aquele peso-pena, *vomita*”, Rex Reese estava dizendo. “Não dá tempo nem dele ir até o banheiro. Vomita no balcão do bar.”

“Não acredito! O Selfridge!” Era o Objeto agora, rindo alto e se divertindo.

“Despejou litros. E bem em cima do coquetel que estava tomando. Eu não acreditava naquilo. Era tipo as Cataratas do Niágara, de tanto vômito. O Selfridge desaba em cima do balcão e todo mundo pula fora das banquetas, certo? O Selfridge de cara no próprio vômito. Um minuto de silêncio total. Aí uma menina começa a ter ânsia e... o negócio é uma reação em cadeia. Todo mundo lá, tendo engulhos, vômito pra todo lado e o cara do bar fica... *puto*. Um cara grandão e tal. Grande pra caralho. Ele chega e dá uma olhada no Selfridge. E eu, assim, como quem diz: não conheço esse cara, nunca vi ele antes. E aí, adivinha?”

“O quê?”

“O cara do bar vai lá e agarra o Selfridge. Pega pelo colarinho e pelo cinto, certo? E segura o Selfridge assim, no ar — e começa a esfregar o balcão com ele!”

“Não pode!”

“Tô falando sério. Pegou o Fridge e esfregou no próprio vômito!”

Nessa hora, saímos à varanda. O Objeto e Rex estavam sentados juntos num sofá branco de vime. Estava escuro e frio ali fora, mas o Objeto ainda usava roupa de banho, um biquíni de folhas de trevo. Tinha enrolado as pernas numa toalha de praia.

“Oi”, chamei.

O Objeto se voltou. Olhou para mim com uma expressão vazia. “E aí”, falou.

“Aqui está ela”, disse Jerome. “Sã e salva. O pai conseguiu não sair da estrada.”

“O papai não é tão ruim assim como motorista”, respondeu o Objeto.

“Quando não bebe. Mas hoje aposto que estava com o velho isopor de martínis no banco da frente.”

“O velho de vocês é festeiro!”, animou-se Rex, a voz rouca.

“Meu pai teve ocasião de aplacar a sede no caminho?”, quis saber Jerome.

“Mais de uma vez”, falei.

Agora Jerome ria, o corpo convulso, batendo palmas.

Enquanto isso, Rex se dirigia ao Objeto. “Pronto, ela chegou. Agora vamos pra farra.”

“Aonde é que a gente pode ir?”

“Ei, Je-roman, não foi você que falou que tem uma velha cabana de caça na floresta?”

“É. Fica a menos de um quilômetro pra dentro.”

“Acha que dá pra gente encontrar no escuro?”

“Com uma lanterna, talvez.”

“Vamos nessa.” Rex ficou de pé. “Pegamos umas cervejas e abrimos uma picada até lá.”

O Objeto também se levantou. “Só vou colocar uma calça.” Cruzou a varanda em seu traje de banho. Rex ficou olhando. “Vem, Callie”, ela disse. “Você vai ficar no meu quarto.”

Segui o Objeto para dentro de casa. Ela andava rápido, quase corria, sem olhar para trás. Quando subia a escada com ela à minha frente, dei-lhe um cutucão nas costas.

“Eu te odeio”, falei.

“Quê?”

“Você está tão bronzeada!”

Ela me lançou um sorriso por cima do ombro.

Enquanto o Objeto trocava de roupa, fiquei bisbilhotando o quarto. Ali também a mobília era branca, de vime. Nas paredes, gravuras amadoras de barcos, e pedras de Petoskey, pinhas, livros de bolso mofados nas estantes.

“O que a gente vai fazer na floresta?”, perguntei, num leve tom de queixa.

O Objeto não respondeu.

“O que a gente vai fazer na floresta?”, repeti a pergunta.

“Dar uma volta”, ela disse.

“Você quer é que o Rex te moleste.”

“Você tem uma mente tão suja, Callie.”

“Não negue.”

Ela se virou e sorriu. “Sei de alguém que está a fim de *te* molestar”, falou.

Por um segundo, uma felicidade irreprimível me inundou.

“O Jerome”, concluiu ela.

“Não quero ir”, falei. “Na floresta tem insetos e tudo mais.”

“Não seja tão cuzona”, ela disse. Nunca antes eu a ouvira dizer “cuzona”. Era uma palavra que meninos usavam; meninos como Rex. Quando terminou de se vestir, o Objeto parou na frente do espelho para arrancar um pedaço de pele ressecada da bochecha. Passou uma escova no cabelo e um batom. Então veio até mim. Chegou bem perto. Abriu a boca e bafejou na minha cara.

“Está bom”, eu disse, e saí dali.

“Não quer que eu confira o seu?”

“Deixa pra lá”, falei.

Decidi que, se ela ia me ignorar e dar trela para Rex, eu a ignoraria e daria trela para Jerome. Quando o Objeto já tinha deixado o quarto, escovei meu cabelo. Escolhi um dos frascos da coleção que havia sobre a cômoda e apertei o borrifador, mas não saiu nem uma gota de perfume. Fui ao banheiro e soltei as alças do macacão. Levantei a camisa e forrei com lenços de papel o sutiã. Então joguei o cabelo de volta na cara, pus as alças de volta no lugar e saí apressada para nosso passeio na floresta.

Eles estavam me esperando na varanda, debaixo da luz amarela de uma lamparina. Jerome segurava uma lanterna prateada. Pendurada no ombro de Rex, uma mochila militar carregada de cervejas Stroh's. Descemos os degraus que levavam ao gramado da frente. O solo era irregular, com raízes traiçoeiras, mas caminhávamos sobre a maciez das folhas-agulha. Então, por um momento, apesar do meu mau humor, eu o senti: o prazer do friozinho típico do norte de Michigan. Uma leve friagem no ar, mesmo em agosto, um toque quase russo. O céu azul sobre a baía negra. O cheiro dos cedros e dos pinheiros.

Na entrada da floresta, o Objeto parou. "Será que vai estar molhado aí dentro?", disse. "Não estou usando sapato próprio pra isso."

"Vamos lá", falou Rex Reese, puxando-a pela mão. "Você pode ficar molhadinha."

Ela soltou um grito teatral. Inclinando-se para trás, como se estivesse sendo rebocada por uma corda, deixou-se levar, meio desequilibrada, para dentro da mata. Parei também, perscrutando, esperando que Jerome fizesse a mesma coisa comigo. Mas não fez. Em vez disso, ele entrou decidido no pântano e foi lentamente se desmanchando dos joelhos para baixo. "Areia movediça! Estou afundando! Por favor, alguém me ajude... glub glub glub glub glub." Mais adiante, já invisíveis, Rex e o Objeto riam.

O pântano dos cedros era um lugar ancestral. Nunca tinha sido desmatado. O solo não era adequado para a construção de casas. Ali, no pântano dos cedros, as árvores não tinham como característica essencial a posição vertical. Muitas subiam retas, mas muitas outras eram inclinadas. Outras ainda caíam sobre as vizinhas mais próximas, ou desabavam de vez, fazendo brotar emaranhados de raízes. A atmosfera era a de um cemitério: esqueletos cinzentos de árvores por toda parte. A luz da lua, filtrada pelos galhos, acendia poças prateadas e ramagens de teias de aranha. Refulgia no cabelo vermelho do Objeto enquanto ela se movia e se afastava de mim.

Avançávamos aos trancos, feito selvagens, pântano adentro. Rex imitava sons de bicho que não soavam como bicho nenhum. As latas de cerveja chocalhavam em sua mochila. Nossos pés desenraizados ressoavam na lama.

Depois de vinte minutos, achamos o lugar: uma cabana de um cômodo erguida com tábuas sem pintura. O teto não era muito mais alto que eu. O círculo de luz da lanterna iluminou uma porta estreita coberta de papelão acaltrado.

“Está lacrada. Porra”, disse Rex.

“Vamos tentar a janela”, sugeriu Jerome. Desapareceram, deixando o Objeto e eu a sós. Olhei para ela. Pela primeira vez desde a minha chegada, ela me olhou de verdade. O luar proporcionava luz apenas suficiente para que aquela troca de olhares acontecesse.

“Está escuro aqui”, falei.

“Eu sei”, disse o Objeto.

Ouvimos um estrondo atrás da cabana, seguido de risadas. O Objeto se aproximou um passo. “O que eles estão fazendo lá?”

“Não sei.”

Súbito, a janelinha da cabana se iluminou. Os meninos tinham acendido uma lamparina lá dentro. Em seguida, a porta da frente se

abriu e Rex apareceu. Exibia um sorriso de vendedor. "Tem um cara aqui que quer conhecer vocês." Então suspendeu no ar uma ratoeira com uma polpa de camundongo dependurada.

O Objeto deu um berro. "Rex!" Pulou para trás e se agarrou a mim. "Tira isso daqui!"

Rindo, Rex ficou balançando o rato morto mais um pouco, depois o jogou na mata. "Ok, ok. Não precisa ficar histérica." Ele entrou de volta na cabana.

O Objeto ainda se agarrava a mim.

"Talvez a gente devesse voltar", arrisquei.

"Você acha que consegue encontrar o caminho? Estou totalmente perdida."

"Consigo."

Ela se virou e olhou para a floresta escura. Tentava se decidir. Mas então Rex reapareceu na soleira. "Entrem aqui", falou. "Venham ver isso."

E agora era tarde demais. O Objeto me largou. Jogando sobre os ombros a echarpe vermelha que eram seus cabelos, encolheu-se para passar na porta baixa da cabana de caça.

Ali dentro, forrados com cobertores Hudson's Bay, havia dois catres. Ficavam um de cada lado do pequeno espaço, dividido ao meio por uma cozinha rústica com um fogareiro. Uma fileira de garrafas de uísque vazias decorava o parapeito da janela. As paredes estavam cobertas por recortes amarelados do jornal local, com matérias sobre competições de pesca e corridas de carrinhos tipo saboneteira. Havia ainda um peixe empalhado com a mandíbula escancarada. Com pouco querosene, o lampião crepitava. A luz tinha um tom amanteigado de amarelo, a fumaça ondulada e oleosa empestando o ar. A atmosfera era a de um antro de ópio, o que pareceu apropriado, pois Rex já sacava do bolso um baseado e o acendia riscando um fósforo na lateral da caixa.

Rex estava num dos catres, Jerome no outro. À vontade, o Objeto se sentou ao lado de Rex. Continuei de pé no meio da cabana, a cabeça baixa. Podia sentir que Jerome me olhava. Fingi que examinava a cabana, mas então me virei para ele, esperando que nossos olhares se encontrassem. Não foi, porém, o que aconteceu. Os olhos de Jerome miravam meu peito. Meus seios de enchimento. Ele já gostava de mim. Ali estava um atrativo a mais, agora, um bônus de boas intenções.

Talvez aquele seu transe devesse me lisonjear. Mas minha fantasia de vingança já havia esmorecido. Não a desejava de coração. Ainda assim, sem alternativa, segui em frente e fui me sentar junto de Jerome. No outro extremo da cabana, Rex Reese estava com o baseado na boca.

Rex usava calção e uma camisa com um monograma, sem mangas, deixando à mostra os ombros bronzeados. Havia uma marca vermelha na pele de seu pescoço de dançarino de flamenco: uma picada de inseto, um chupão quase desaparecendo. Ele fechou os olhos para dar uma tragada profunda, os cílios longos agora unidos. O cabelo era espesso e oleoso como a pelagem de uma lontra. Por fim, abriu os olhos e passou o baseado para o Objeto.

Para minha surpresa, ela aceitou. Como se fosse um de seus amados Tareyton, levou-o aos lábios e tragou.

“Você não fica paranoica com esse negócio?”

“Não.”

“Pensei que você tivesse dito que erva sempre te deixa paranoica.”

“Não quando estou na natureza”, disse o Objeto. Ela me lançou um olhar duro. E logo deu outro tapa.

“Para de monopolizar”, disse Jerome. Levantou para tirar o baseado dela. Fumou meio de pé, meio se sentando, e ao se virar me ofereceu o baseado, que fiquei olhando. Uma das pontas

queimava; a outra estava achatada e úmida. Pensei que aquilo tudo fazia parte do plano dos meninos, a floresta, a cabana, os catres, as drogas, a troca de saliva. Está aí uma pergunta que não sei responder: será que saquei aqueles truques masculinos porque acabaria por lançar mão deles eu também? Ou será que as meninas também sacam e apenas fingem que não?

Por um momento, pensei em Um-Sete-Um. Ele estava morando numa cabana como aquela, na floresta. Eu me perguntava se sentia falta do meu irmão. Não saberia dizer se sim ou não. Nunca sei o que sinto até que seja tarde demais. Um-Sete-Um tinha fumado seu primeiro baseado na faculdade. Eu me adiantava em quatro anos.

“Tem que segurar”, Rex me instruía.

“Você precisa deixar o THC agir na corrente sanguínea”, disse Jerome.

Ouvimos um ruído na mata, um estalo de gravetos. O Objeto agarrou o braço de Rex. “O que foi isso?”

“Talvez um urso”, falou Jerome.

“Nenhuma de vocês duas está naqueles dias, espero”, disse Rex.

“Rex!”, protestou o Objeto.

“Ei, tô falando sério. Os ursos sentem o cheiro. Uma vez fui acampar em Yellowstone e uma mulher foi atacada e morta lá. Os ursos sentiram o cheiro de sangue.”

“Mentira!”

“Juro. Foi um conhecido que me falou. Ele trabalhava de guia na mata.”

“Bom, não sei a Callie, mas eu não estou”, disse o Objeto.

Todo mundo olhou para mim. “Eu também não”, falei.

“Acho que estamos salvos, então, Je-roman”, disse Rex, e riu.

O Objeto continuava a se agarrar a ele, querendo proteção. “Quer fazer uma peruana?”, ele perguntou a ela.

“O que é isso?”

“Vou te mostrar.” Ele se virou para encará-la. “É assim: uma pessoa abre a boca e a outra sopra a fumaça dentro. A gente chapa total. É demais.”

Rex colocou a ponta acesa do baseado na boca. Inclinou-se para o Objeto. Ela se inclinou para ele. Abriu a boca. E Rex começou a soprar. Os lábios do Obscuro Objeto formavam um ovalado perfeito e foi ali, bem no alvo, que Rex Reese mirou o sopro almiscarado. Pude ver a coluna de fumaça invadir a boca do Objeto. Desapareceu garganta adentro feito espuma de cachoeira. Por fim, ela começou a tossir e ele parou.

“Boa. Agora você faz em mim.”

Os olhos verdes do Objeto lacrimejavam. Mas ela pegou o baseado e acomodou entre os lábios. Inclinou-se para Rex Reese, que abriu bem a boca.

Assim que terminaram, Jerome tomou o baseado da irmã. “Deixa ver se consigo vencer as dificuldades técnicas aqui”, falou. Quando percebi, seu rosto já estava bem próximo do meu. Então, por fim, fiz também. Com os olhos fechados e os lábios entreabertos, tomei posição para que Jerome soprasse na minha boca uma longa coluna de fumaça suja.

Fumaça que encheu meus pulmões e começou a queimá-los. Tossi, lançando-a fora. Quando voltei a abrir os olhos, Rex tinha passado um braço por cima dos ombros do Objeto. Ela tentava agir naturalmente. Rex terminou sua cerveja. Abriu mais duas, uma para ele, outra para ela. Virou-se para o Objeto. Sorriu. Disse alguma coisa. Não pude ouvir o quê. E então, enquanto eu ainda piscava, cobriu com sua boca amarga e bela, com gosto de maconha, os lábios dela.

Do outro lado da cabana, sob luz bruxuleante, só restava a mim e Jerome fingir que não tínhamos notado. O baseado agora era nosso, para monopolizarmos o quanto quiséssemos. Ficamos passando a

bola um para o outro, em silêncio, ao mesmo tempo que bebericávamos nossas cervejas.

“Estou sentindo um troço estranho: meus pés parecem que estão muito longe de mim”, falou Jerome, depois de um tempo. “Parece que seus pés estão bem longe de você?”

“Não consigo enxergar meus pés”, eu disse. “Está escuro aqui.”

Ele me passou de volta o baseado e aceitei. Tragui e segurei a fumaça. Deixei que queimasse meus pulmões porque queria uma distração para a dor que sentia no coração. Rex e o Objeto continuavam a se beijar. Desviei os olhos para a janela escura e imunda.

“Parece que está tudo tão azul”, falei. “Você reparou?”

“Ah, claro”, disse Jerome. “Tô vendo todo tipo de estranhos epifenômenos.”

O Oráculo de Delfos era uma menina mais ou menos da idade que eu tinha então. Ficava o dia todo sentada em cima de um buraco no chão, chamado *omphalos*, o umbigo da terra, respirando os olores petroquímicos que subiam do subsolo. O Oráculo, uma virgem adolescente, adivinhava o futuro falando, pela primeira vez na história, em versos metrificados. Por que trago isso à tona? Porque Calíope também era uma virgem naquela noite (ainda por algum tempo, pelo menos). E também ela tinha inalado alucinógenos. E havia o etileno que escapava do pântano dos cedros, fora da cabana. Usando um macacão, em vez de uma túnica diáfana, Calíope começou de fato a se sentir esquisita.

“Mais uma cerveja?”, perguntou Jerome.

“Tudo bem.”

Ele me passou uma Stroh's dourada. Levei a lata suada aos lábios e bebi. Então bebi um pouco mais. Jerome e eu sentíamos, ambos, o peso da obrigação. Sorríamos um para o outro, nervosos. Baixei os olhos e esfreguei o joelho por cima do macacão. Quando levantei de

novo a vista, deparei com o rosto de Jerome bem perto do meu. Ele estava de olhos fechados, como um menino que fosse pular do trampolim mais alto. Antes que eu me desse conta do que acontecia, já me beijava. Beijava a menina que nunca tinha sido beijada. (Exceto por Clementine Stark, enfim.) Não o impedi. Fiquei completamente imóvel enquanto ele fazia o serviço. Apesar da cabeça meio aérea, senti tudo. A escandalosa umidade da boca. O toque piloso dos lábios. A língua intrusiva. Alguns sabores, também, da cerveja, do baseado, um hálito mentolado remanescente e, no fundo disso tudo, o gosto real, animalesco, da boca de um menino. Eu podia sentir o travo libidinoso dos hormônios de Jerome e o metal de suas obturações. Abri um olho. Ali estava o cabelo bonito que eu passara tanto tempo a admirar em outra cabeça. Ali estavam as sardas na testa, no alto do nariz, entre os olhos, chegando às orelhas. Mas não era o rosto certo; não eram as sardas certas, e o cabelo tinha sido pintado de preto. Por trás de uma expressão impassível, minha alma se encolheu num novelo, esperando que a sensação desagradável tivesse fim.

Jerome e eu ainda estávamos sentados. Ele pressionava seu rosto contra o meu. Com uma pequena manobra, consegui enxergar o outro lado da cabana, onde estavam Rex e o Objeto. Deitados agora. A barra da camisa azul de Rex se agitava à luz indecisa. Embaixo dele, o Objeto: uma das pernas, com a barra da calça suja de lama, pendia do catre. Escutei os dois sussurrando e rindo, depois silêncio outra vez. Vi balançar a perna suja de lama do Objeto. Concentrei minha atenção naquela perna, de modo que mal notei que Jerome começava a me puxar para deitar com ele. Permiti; cedi ao nosso lento desabar, o tempo todo de olho em Rex Reese e no Objeto. Agora as mãos dele se moviam sobre o corpo dela. Levantavam a blusa dela, enfiando-se por baixo. Em seguida, os corpos mudaram de posição e pude ver os dois de perfil. O rosto do

Objeto, congelado feito uma máscara mortuária, olhos fechados à espera. O perfil de Rex, corado e impulsivo. Enquanto isso, Jerome tinha as mãos em mim. Ele as deslizava por cima do macacão, mas eu não estava mais ali. Meu foco no Objeto era por demais intenso.

Êxtase. Do grego *Ekstasis*. Que não tem o significado que você pensa que tem. Não significa euforia, nem clímax sexual, nem felicidade. Significa, literalmente: estado de dissociação, no qual o indivíduo é arrancado de seus sentidos. Três mil anos atrás, em Delfos, o Oráculo fazia seu trabalho em êxtase permanente. Naquela noite, numa cabana de caça no norte de Michigan, foi assim também com Calíope. Chapada pela primeira vez, bêbada pela primeira vez, ela sentia que se dissolvia, evaporava. Feito o incenso da igreja, minha alma se elevou à cúpula do meu crânio — e por ali escapou. Resvalei para o chão de tábuas. Passei flutuando sobre o fogareiro. Roçando as garrafas de uísque vazias, sobrevoei o outro catre olhando, ali embaixo, para o Objeto. E então, porque de súbito soube que podia, deslizei para dentro do corpo de Rex Reese. Entrei nele como um deus, de modo que agora era eu, e não Rex, quem a beijava.

Uma coruja piou numa árvore em algum lugar. Insetos, atraídos pela luz, batiam contra as janelas. Em meu estado délfico, eu tinha consciência simultânea de ambas as sessões de pegação. No corpo de Rex, abraçava o Obscuro Objeto, cafungando-lhe na orelha... e estava consciente, ao mesmo tempo, das mãos de Jerome passeando pelo meu corpo, aquele deixado no outro catre. Jerome estava em cima de mim e esmagava uma das minhas pernas, então eu a tirei dali, abrindo espaço para que ele se encaixasse entre elas. Jerome fazia pequenos ruídos. Eu o enlacei, e sua magreza me espantou e me comoveu. Era mais magro até do que eu. Jerome agora me beijava no pescoço. Seguindo o conselho de algum artigo de revista, passou a se dedicar ao lobo da minha orelha. Subiu as

mãos a caminho do peito. “Não”, falei, com medo de que ele descobrisse o enchimento de lenços de papel. E Jerome obedeceu...

... ao passo que, no outro catre, Rex não encontrava a mesma resistência. Com consumada habilidade, usando uma mão só, tinha soltado o sutiã do Objeto. Uma vez que era mais experiente que eu, deixei que desabotoasse a camisa, mas foi a minha mão que agarrou o sutiã e, como se abrisse de um golpe uma veneziana, permitiu que a luz pálida dos seios do Objeto invadisse o cômodo. Eu os vi; toquei neles; e, uma vez que não era eu, mas Rex Reese, quem fazia isso, não houve culpa, não precisei ficar me perguntando se estava sentindo desejos antinaturais. Como poderia, se eu estava no outro catre, aos malhos com Jerome?

... e então, por segurança, voltei novamente minha atenção para ele, que agora estava numa espécie de agonia. Esfregava-se em mim, até que parou para ajeitar o corpo. Ouvei o som de um zíper. Espiei de canto de olho. Vi que ele pensava, concentrado, em como decifrar o enigma do macacão.

Parecia não estar chegando a lugar algum, então de novo flutuei até o outro lado da cabana e entrei no corpo de Rex Reese. Por um minuto, pude sentir o Objeto correspondendo ao meu toque, o despertar ávido e sobressaltado de sua pele e de seus músculos. E agora sentia ainda outra coisa: Rex, ou eu, crescendo e se expandindo. Durou apenas um segundo, e logo alguma coisa me puxava de volta...

Jerome estava com a mão na minha barriga nua. Enquanto fiquei fora, habitando o corpo de Rex, ele tinha aproveitado a chance e desabotoado as alças do macacão, e soltado também os botões prateados na altura da cintura. Agora puxava o macacão para baixo e eu tentava despertar. Ele enfiava os dedos na minha calcinha e eu me dava conta do quanto tinha bebido. E agora ele estava dentro da minha calcinha e logo estava... *dentro de mim!*

E nessa hora: dor. Dor de faca, dor de fogo. Dor que me rasgou. Dor que se espalhou da barriga até os mamilos. Arfei; abri os olhos; vi Jerome me olhando de cima. Ficamos nos encarando e eu soube que ele sabia. Jerome entendeu o que eu era, assim como, de repente, entendi também, pela primeira vez entendi que não era uma menina, mas alguma coisa entre menino e menina. Soube disso porque entrar no corpo de Rex Reese me pareceu muito natural, *me pareceu certo*, e soube pela expressão de choque no rosto de Jerome. Tudo isso ficou claro num instante. Então empurrei Jerome. Ele saiu de cima, se afastou, deslizou da cama para o chão.

Silêncio. Nós dois, somente, recuperando o fôlego. Deitei de costas no catre. Sob os recortes de jornal. Apenas um peixe empalhado por testemunha. Puxei de volta o macacão e vi que tinha me recuperado totalmente da bebedeira.

Estava tudo acabado agora. Não havia nada que eu pudesse fazer. Jerome ia contar a Rex, que contaria ao Objeto. Ela deixaria de ser minha amiga. Quando recomeçassem as aulas, todo mundo na Baker & Inglis saberia que Calíope Stephanides era uma aberração. Esperava o momento em que Jerome ficaria de pé de um salto e sairia correndo. Estava em pânico e sentia, ao mesmo tempo, uma estranha calma. Juntava as peças na minha cabeça. Clementine Stark me ensinando a beijar; e depois se enroscando em mim numa banheira; o coração anfíbio e a flor de açafrão desabrochando; sangue e seios que não vinham; e uma paixonite pelo Objeto que, esta sim, vinha, *era*, parecia estar ali para ficar.

Alguns momentos de lucidez e, em seguida, novamente o pânico que zumbia nos meus ouvidos. Eu é que queria fugir. Antes que Jerome tivesse a chance de dizer qualquer coisa. Antes que alguém descobrisse. Podia ir embora naquela mesma noite. Podia achar o caminho de volta pelo pântano dos cedros até a casa. Podia roubar o carro dos pais do Objeto. Podia seguir em direção ao norte, pela

Península Superior até o Canadá, onde um dia Um-Sete-Um imaginara se refugiar para escapar de ser convocado. Enquanto contemplava uma vida em fuga, espiei ao lado do catre para ver o que Jerome estava fazendo.

Deitado de costas, os olhos fechados, ele sorria consigo mesmo.

Sorria? Como assim, sorria? Do ridículo da coisa? Não. Em choque? Errado de novo. Como, então? *De contentamento*. Jerome exibia o sorriso de um menino que, numa noite de verão, tinha ido até o fim. O sorriso de um cara que mal podia esperar para contar tudo aos amigos.

Leitor, acredite se quiser: ele não tinha notado nada.

# A arma na parede

Acordei já na casa de veraneio. Tinha uma vaga lembrança de como chegara até ali, aos trancos pelo pântano. Ainda vestia meu macacão. Sentia o meio das pernas quente e pegajoso. O Objeto já não estava mais na cama, ou dormira em algum outro lugar. Levei a mão até embaixo e desgrudei a calcinha da pele. Alguma coisa nesse gesto, o barulhinho do ar escapando, o aroma que subiu dali, tudo vinha reiterar aquele novíssimo fato sobre mim. Que não era exatamente um fato, porém. Não tinha nada da solidez de um fato, àquela altura. Era apenas uma intuição que eu tinha tido sobre mim, à qual o amanhecer não trazia luz alguma. Só uma ideia que já começava a se desfazer, a se tornar parte da bebedeira da noite anterior na floresta.

Quando o Oráculo acordava de uma de suas violentas noites de profecias, provavelmente não se lembrava das coisas que tinha dito. Quaisquer que fossem as verdades a que tivesse chegado, elas ficavam em segundo plano, diante das sensações mais imediatas: a dor de cabeça, a garganta ardendo. A mesma coisa acontecia com Calíope. A sensação era a de quem tivesse sido conspurcado e iniciado. Eu me sentia parte do mundo adulto. Mas sentia, sobretudo, náusea, e não estava nem um pouco a fim de pensar no que havia acontecido.

No banho, tentei fazer descer pelo ralo o episódio todo, esfregando o corpo metodicamente, levantando o rosto para a água que descia oblíqua. O vapor tomava o ambiente. Os espelhos e as janelas gotejavam. As toalhas ficavam úmidas. Usei todo tipo de sabonete que havia à mão, Lifebuoy, Ivory e mais uma marca local, rústica, que parecia lixa na pele. Depois de me vestir, desci discretamente as escadas. Ao passar pela sala de estar, reparei num velho rifle de caça exposto sobre o consolo da lareira. Na parede, outra arma. Passei por ali na ponta dos pés. Na cozinha, o Objeto comia cereal e lia uma revista. Não levantou os olhos quando entrei. Peguei uma tigela para mim e fui sentar à sua frente. É possível que estivesse com uma carranca.

“Que foi?”, debochou o Objeto. “Está dolorida?” A cara sarcástica estava apoiada na palma de uma das mãos. Ela também não parecia lá muito atraente. A região embaixo dos olhos estava inchada. Havia ocasiões em que suas sardas não pareciam luminosas, e sim uma superfície corroída ou enferrujada.

“Dolorida deve estar você”, retruquei.

“Nem um pouco”, disse o Objeto, “se você quer saber.”

“Estava esquecendo”, falei; “você está acostumada.”

De repente seu rosto se encheu de fúria, trêmulo. A pele repuxou, formando rugas, como se esticada por cordões subcutâneos. “Você foi totalmente vadia ontem à noite”, atacou.

“Eu? E você, então? Ficou se oferecendo pro Rex o tempo inteiro.”

“Não fiquei, não. A gente nem fez nada demais.”

“Me engana que eu gosto.”

“Pelo menos ele não é seu *irmão*.” Ela ficou de pé, encarando. Dava a impressão de que ia chorar. Não tinha limpado a boca. Estava com um pouco de geleia e uns farelos de torrada ali. Tonteei ao ver aquele rosto amado se transformando no que parecia ser uma expressão de ódio. Minha própria expressão provavelmente

também reagia àquilo. Podia sentir que meus olhos se arregalavam, assustados. O Objeto esperava que eu dissesse alguma coisa, mas não me veio nada à cabeça. Então, por fim, jogou a cadeira de lado e falou: "O Jerome está lá em cima. Por que você não vai deitar com ele?". E saiu pisando duro.

Um grande abatimento se seguiu. O remorso, que já me inundava, terminou de romper o dique. Submergiu minhas pernas, alagou meu coração. Somando-se ao pânico de ter perdido a amiga, de repente me assaltaram preocupações quanto à minha reputação. Será que Calíope tinha mesmo se comportado como uma vadia? Mas eu nem tinha gostado. Mas tinha feito, não tinha? Tinha deixado ele fazer. Logo veio o medo de um castigo. E se tivesse engravidado? O que seria de mim? Meu rosto, à mesa do café da manhã, era o mesmo de todas as meninas que fazem cálculos, contam os dias, medem os fluidos. Demorou pelo menos um minuto para me dar conta de que uma gravidez era impossível. Essa era a parte boa de eu estar demorando a desabrochar. Ainda assim, eu estava infeliz. Tinha certeza de que o Objeto jamais voltaria a falar comigo.

Subi de volta as escadas e me enfiar na cama, o rosto coberto por um travesseiro para tapar a luminosidade do verão. Mas não havia como me esconder da realidade naquela manhã. Não se passaram nem cinco minutos e as molas da cama cederam sob outro peso. Espiei e vi que Jerome tinha vindo me visitar.

Estava deitado de barriga para cima, parecendo bem à vontade, já instalado. Em vez de um roupão, usava um agasalho de caça. As pontas soltas da samba-canção estavam visíveis mais embaixo. Segurava uma caneca de café numa mão, e reparei que tinha as unhas pintadas de preto. A luz da manhã entrando pela janela lateral realçava os pelos nascentes da barba, no queixo, e do bigode, junto ao lábio superior. Em contraste com o cabelo empastado, tingido e

estragado, aqueles pontos alaranjados pareciam sinais de vida numa paisagem desolada.

“Bom dia, benhê”, ele disse.

“Oi.”

“Está um pouquinho enjoada, né?”

“É”, falei. “Fiquei muito bêbada ontem.”

“Pra mim você não parecia tão bêbada assim, benhê.”

“É, mas estava.”

Então Jerome parou de conversinha. Largou o corpo nos travesseiros, bebericou o café e soltou um suspiro. Ficou um tempo dando batidinhas na testa com um dedo. Em seguida, falou: “Só pro caso de você estar com alguma minhoca na cabeça, saiba que pra mim você continua merecendo respeito, e essa merda toda que falam”.

Não respondi. Se fizesse isso, estaria apenas confirmando os fatos, quando o que eu queria era deixá-los envoltos em dúvida. Depois de um tempo, Jerome largou a caneca de café e se virou de lado. Manobrou o corpo para perto de mim e deitou a cabeça no meu ombro. Ali ficou, respirando. Então, com os olhos fechados, moveu a cabeça para encaixá-la debaixo do travesseiro, junto à minha. Começou a me acariciar. Levou o cabelo à pele do meu pescoço e, em seguida, vieram os órgãos dos sentidos. Seus cílios roçaram meu queixo em beijos de borboleta. O nariz cafungou a dobra da garganta. E então foi a vez dos lábios, desajeitados, ávidos. Queria que ele saísse dali. Ao mesmo tempo, tentava lembrar se tinha escovado os dentes. Jerome agora deslizava e subia em mim, e a sensação foi a mesma da noite anterior, de um peso me esmagando. É assim que meninos e homens anunciam suas intenções. Uma tampa de sarcófago cobrindo a gente. E chamam isso de amor.

Deu para tolerar por um minuto. Mas logo o agasalho de caça ia sendo levantado e eu sentia a urgência de Jerome fazendo pressão contra mim. Ele tentava novamente enfiar a mão por baixo da minha camisa. Eu estava sem sutiã. Depois do banho, tinha saído sem ele, e dado descarga no enchimento de lenços de papel. Para mim bastava daquilo. As mãos de Jerome foram subindo. Não me importei. Deixei que ele me sentisse mais para cima. Visse se valia a pena. Mas, se estava esperando decepcioná-lo, não funcionou. Ele acariciou e apertou, enquanto sua metade inferior chicoteava como um rabo de crocodilo. E então Jerome disse, sem ironia, num sussurro febril: "Estou a fim de você, de verdade".

Os lábios se fecharam, procurando os meus. A língua entrou. A penetração primeira que prenunciava a seguinte. Mas ali, não, não dessa vez.

"Para", eu disse.

"Oi?"

"Para."

"Por que parar?"

"Porque sim."

"Por quê?"

"Porque não gosto de você desse jeito."

Ele se sentou. Como aquele cara de um velho esquete de vaudeville, o cara na cama dobrável que não fica dobrada, Jerome se endireitou de um salto, totalmente desperto. Então pulou para fora da cama.

"Não fique bravo comigo", falei.

"Quem disse que estou bravo?", disse Jerome, e saiu.

\* \* \*

O resto do dia passou devagar. Continuei no quarto até ver que Jerome tinha saído de casa levando sua câmera de cinema. Deduzi que eu não estava mais no elenco do filme. Os pais do Objeto voltaram da partida matinal de tênis de duplas. A sra. Objeto subiu ao andar de cima, para o banheiro da suíte. Da minha janela, vi o sr. Objeto se acomodar na rede do quintal com um livro. Esperei até ouvir o chuveiro ser ligado, desci a escada dos fundos e saí pela porta da cozinha. Caminhei até a baía num humor melancólico.

O pântano dos cedros ficava de um dos lados da casa. Do outro, havia uma estradinha enlameada de cascalho que seguia por um campo aberto, sem árvores, com uma grama alta e amarelada. A ausência de árvores era notável, e rondando por ali acabei encontrando um marco histórico, quase encoberto pelo mato. Indicava o local de um forte ou de um massacre, não lembro qual das duas coisas. O musgo tinha tomado conta das letras em relevo e não cheguei a ler tudo que dizia a placa. Fiquei ali um tempo, pensando nos primeiros colonizadores se matando uns aos outros por peles de castor ou raposa. Pus o pé sobre a placa, tirando musgo dali com meu tênis até cansar. Já era quase meio-dia. A baía reluzia em azul. Para além de uma elevação, pressentia a cidade de Petoskey, a fumaça de seus fornos e chaminés. A grama virava um banhado perto da água. Subi na mureta de proteção e andei para lá e para cá me equilibrando. Abri os braços e fiz pose, ao estilo Olga Korbut. Mas não punha alma nos movimentos. E, além disso, era alta demais para ser Olga Korbut. Passado algum tempo, o ronco de um barco com motor de popa chegou até mim. A mão protegendo os olhos, perscrutei a água agitada. Uma lancha passava. Rex Reese a pilotava. O peito nu, de óculos de sol e com uma cerveja na mão, ele acelerava, rebocando outra pessoa num esqui aquático. Era o Objeto, claro, com seu biquíni de folhas de trevo. Parecia quase nua contra aquela extensão de águas, apenas duas tirinhas, uma em

cima, outra embaixo, a separá-la do Éden. Os cabelos vermelhos se agitavam como uma advertência de vendaval. Não era lá uma bela esquiadora. Ficava inclinada muito à frente, as pernas abauladas sobre os esquis. Mas não caía. Enquanto bebericava sua cerveja, Rex ficava se virando para dar uma conferida nela. Por fim, o barco fez uma curva abrupta e o Objeto atravessou seu próprio rastro, zarpando ao longo da margem.

Tem uma coisa terrível no esqui aquático. Acontece quando, depois de soltar a corda, a gente segue deslizando na água mais um pouco, livre. Mas chega o momento, inevitável, em que a velocidade não é mais suficiente para sustentar o avanço. A superfície da água se quebra como vidro. As profundezas se abrem a reivindicar para si o esquiador. Foi assim que me senti em terra, vendo o Objeto passar de esqui. O mesmo sentimento desesperado de queda, a mesma física emocional.

Quando voltei para o jantar, o Objeto ainda não tinha chegado. Sua mãe estava zangada, achando uma grosseria a filha ter me abandonado daquele jeito. Jerome também estava fora, com os amigos. De modo que jantei com os pais do Objeto. Minha desolação naquela noite não me permitiu cativar os adultos. Comi em silêncio e, mais tarde, me sentei na sala de estar fingindo ler. O relógio tiquetaqueava. A noite laborava e rangia. Quando senti que talvez desabasse, fui ao banheiro e joguei um pouco de água no rosto. Coloquei um pano morno nos olhos e pousei as mãos nas têmporas, pressionando-as. Ficava me perguntando o que o Objeto e Rex estariam fazendo. Imaginei as meias dela no ar, suas meinhas de tênis com bolas nos calcanhares, aquelas bolas cor de sangue, quicando.

Era óbvio que o sr. e a sra. Objeto ainda não tinham ido para a cama para me fazer companhia. Então finalmente dei boa-noite e subi para o quarto. Assim que entrei, comecei a chorar. Chorei por

um longo tempo, tentando não fazer barulho. Em meio aos soluços, num sussurro sentido, eu dizia coisas. "Por que você não gosta de mim?", eu chorava. "Desculpa, desculpa!" Não me interessava como aquilo estava soando. Tinha veneno dentro de mim e precisava purgá-lo. Enquanto prosseguia minha ladainha, ouvi a porta de tela bater lá embaixo. Limpei o nariz no lençol e tentei me acalmar para ficar escutando. Passos galgaram a escada e, no momento seguinte, a porta do quarto abriu e fechou. O Objeto entrou e parou ali, na escuridão. Talvez estivesse esperando a vista se acostumar. De lado, eu fingia dormir. As tábuas do assoalho rangeram quando ela se aproximou da cama. Senti que estava de pé junto a mim, a me observar. Então foi até o outro lado da cama, tirou os sapatos e o calção, vestiu uma camiseta e se deitou.

O Objeto dormia de barriga para cima. Uma vez ela me disse que quem dormia assim eram os líderes na vida, artistas natos ou exibicionistas. Quem dormia de barriga para baixo, como eu, se esquivava da realidade, e era inclinado à percepção sombria do mundo e às artes meditativas. A teoria se aplicava ao nosso caso. Os olhos e o nariz doloridos de chorar, lá estava eu, de bruços. O Objeto, posição de supino, bocejava e (talvez como uma artista nata) logo pegou no sono.

Esperei dez minutos, mais ou menos, para não correr riscos. Então, como se me mexesse durante o sono, rolei de modo a poder encarar o Objeto. A lua, no último quarto crescente, enchia o ambiente de uma luz azulada. Ali, sobre a cama de vime, dormia o Obscuro Objeto. A parte de cima da camiseta da escola Groton estava visível. Era uma camiseta velha, do pai dela, com alguns furos. Um dos braços, cruzado sobre o rosto, parecia o traço diagonal de uma placa significando "Proibido Tocar". Por isso fiquei só olhando. O cabelo espalhado no travesseiro. Os lábios entreabertos. Alguma coisa que brilhava dentro do ouvido, grãos de

areia da praia, talvez. Mais adiante, os frascos reluziam sobre a cômoda. O teto lá no alto, em algum lugar. Dava para sentir as aranhas fabricando suas teias pelos cantos. Os lençóis estavam frescos. O edredom gordo aos nossos pés soltava penas. Eu tinha crescido em meio a cheiro de carpete novo e de camisas de poliéster ainda quentes da secadora. Ali, os lençóis egípcios cheiravam a cercas vivas, os travesseiros, a aves aquáticas. A pouco mais de setenta centímetros de mim, o Objeto era parte daquilo tudo. Suas cores pareciam combinar com a paisagem da América, seus cabelos de abóbora, sua pele de cidra. Ela fez um ruído e voltou a ficar imóvel.

Afastei as cobertas com delicadeza. Na penumbra, surgiu o contorno de seu corpo, a colina dos seios sob a camiseta, a suave elevação da barriga, e logo o brilho da calcinha convergindo na forma de um V. Ela nem se mexia. O peito subia e descia ao ritmo da respiração. Lentamente, tentando não fazer ruído, cheguei mais perto. Músculos diminutos no flanco do meu corpo, músculos que eu nem sabia que tinha, de repente me impulsionavam, milímetro a milímetro, na travessia dos lençóis. As velhas molas da cama criavam dificuldades. Enquanto eu tentava sorratamente avançar, elas, aos brados, me incentivavam. Vibravam, cantavam. E eu seguia, parando e avançando. Tarefa complicada. Respirava pela boca porque assim fazia menos barulho.

Num intervalo de dez minutos, fui me aproximando mais e mais. Por fim, senti o calor do corpo dela em toda a extensão do meu. Ainda não nos tocávamos, apenas sentíamos a irradiação recíproca dos corpos. Ela respirava profundamente. Eu também. Respirávamos em uníssono. Finalmente, reunindo coragem, passei meu braço em torno de sua cintura.

E nada mais, por um longo tempo. Tendo chegado a tanto, fiquei com medo de ir além. Então fiquei imóvel, sem chegar a envolvê-la

por completo. Meu braço se enrijeceu. Começou a latejar e, por fim, ficou dormente. O Objeto talvez estivesse drogado ou comatoso. Ainda assim, eu sentia uma prontidão em sua pele, em seus músculos. Depois de um longo tempo ainda, mergulhei de cabeça. Peguei a camiseta dela e a ergui. Admirei a barriga nua bastante tempo e, por fim, com uma espécie de pesar, baixei a cabeça. Uma reverência ao deus dos anseios desesperados. Beijei a barriga do Objeto e, em seguida, ainda lentamente, ganhando confiança, comecei a subir.

Vocês se lembram do meu coração de sapo? No quarto de Clementine Stark, ele pulou de um barranco enlameado, movendo-se entre dois elementos. Agora fazia algo ainda mais incrível — avançava sorrateiro à terra firme. Condensando milênios em trinta segundos, desenvolvia consciência. Enquanto beijava a barriga do Objeto, eu não reagia apenas a estímulos prazerosos, como fizera com Clementine. Não abandonava meu corpo, como acontecera com Jerome. Agora eu estava consciente do que fazia. Ali eu estava pensando.

Estava pensando que aquilo era o que eu sempre desejara. Começava a me dar conta de que não era a única pessoa a fingir por ali. E me perguntava o que aconteceria se alguém descobrisse o que estávamos fazendo. Estava pensando que aquilo tudo era bem complicado e só poderia ficar mais complicado ainda.

Baixei as mãos até os quadris dela. Enganchei meus dedos no elástico da calcinha. Comecei a tirá-la. Foi bem aí que o Objeto ergueu os quadris, bem de leve, para facilitar a tarefa para mim. Foi sua única contribuição.

Não mencionamos nada no dia seguinte. Quando levantei, o Objeto já tinha saído da cama. Estava na cozinha, observando o pai

preparar um *scrapple*. Aquilo era um ritual das manhãs de domingo para o sr. Objeto. Ele imperava sobre toda aquela gordura e aquela banha borbulhante, enquanto o Objeto, com espiadelas regulares na frigideira, dizia: "Isso é muito nojento". Logo estava devorando um prato e me fazendo comer um também. "Vou ter a pior azia da história", falou.

Entendi de imediato a mensagem implícita. O Objeto não queria drama nem culpa. Tampouco arroubos de romantismo. Dedicava-se ao *scrapple* para separar a noite do dia, para deixar claro que o que acontecera naquela noite, que o que fizéramos naquela noite, nada tinha a ver com o que viria nas horas diurnas. Era boa atriz também, e às vezes eu me perguntava se ela realmente estivera dormindo durante a coisa toda. Ou talvez eu é que tivesse sonhado.

Deu apenas dois sinais, ao longo do dia, de que alguma coisa havia mudado entre nós. À tarde, a equipe de filmagem de Jerome apareceu. Consistia de dois amigos dele, que chegaram carregando caixas e cabos e um microfone comprido e felpudo, parecendo um capacho de banheiro sujo e enrolado. Jerome, a essa altura, fazia questão de não falar comigo. Ele e a equipe se instalaram num pequeno depósito de equipamentos da propriedade. O Objeto e eu decidimos ir lá ver o que estavam fazendo. Jerome tinha dito para ficarmos longe, então não pudemos resistir. Avançamos sorrateiramente, de árvore em árvore. O tempo todo tínhamos de parar para conter ataques de riso, trocando tapinhas, evitando nos olhar nos olhos até termos nos controlado. Espiamos pela janela dos fundos do depósito. Não acontecia muita coisa lá dentro. Um dos amigos de Jerome afixava uma luz à parede. Era difícil duas pessoas olharem ao mesmo tempo pela janelinha, então o Objeto foi quem, à minha frente, espiou primeiro. Posicionou minhas mãos na sua barriga e segurou meus pulsos. De novo, sua atenção estava oficialmente voltada para o que se passava no interior do depósito.

Jerome apareceu vestido de vampiro de internato. Por baixo do tradicional colete de Drácula, usava uma camisa Lacoste rosa. Em vez de uma gravata-borboleta, uma echarpe. O cabelo preto estava lambido para trás, o rosto, branqueado à base de cosméticos, e ele carregava uma coqueteleira. Um de seus amigos segurava um cabo de vassoura com um morcego de borracha pendurado. O outro operava a câmera. "Ação!", disse Jerome. Ergueu no ar a coqueteleira. Chacoalhou-a com as duas mãos. Enquanto isso, o morcego vojava em círculos sobre sua cabeça. Jerome removeu a tampa da coqueteleira e serviu o sangue em dois copos de martíni. Segurou um deles no alto para seu amigo morcego, que diligentemente mergulhou na bebida. Jerome bebericou o próprio coquetel de sangue. "Do jeitinho que você gosta, Muffie", falou para o morcego. "*Bem seco.*"

Sob minhas mãos, a barriga do Objeto bamboleava enquanto ela ria. Ela se inclinou para trás, aconchegada a mim, e sua carne, envolta em meus braços, tremia e se entregava. Pressionei minha pélvis contra o corpo dela. Tudo isso se passava secretamente, atrás do depósito, como numa brincadeira de roçar os pés por baixo da mesa. Mas então o cameraman baixou a câmera. Apontou para nós e Jerome se voltou. Olhou primeiro para as minhas mãos e logo subiu para os olhos. Escancarou a dentadura, me fulminando com o olhar. Então, com a sua voz habitual, berrou: "Saíam daqui, suas babacas! A gente está filmando". Veio na nossa direção e bateu na janela, mas já tínhamos saído correndo.

Mais tarde, à noitinha, o telefone tocou. A mãe do Objeto atendeu. "É o Rex", ela disse. O Objeto se levantou do sofá onde jogávamos gamão. Fiquei empilhando minhas peças para me distrair. Arrumei a pilha várias vezes enquanto o Objeto falava com ele. Ela estava de costas para mim. Andava de um lado para o outro, brincando com o fio do aparelho. Fiquei de cabeça baixa olhando

para as peças, mexendo nelas. Ao mesmo tempo, prestava bastante atenção à conversa. “Nada demais, só jogando gamão... com a Callie... Ele está fazendo o filme idiota dele... Não posso, logo a gente vai ter que jantar... Não sei, talvez mais tarde... Estou meio cansada, na verdade.” De repente, ela se virou para me encarar. Ergui os olhos com esforço. O Objeto apontou para o telefone e, abrindo bem a boca, enfiou o dedo na garganta. Meu coração quase transbordou.

Veio a noite. Na cama, fizemos nossas preliminares, afofando travesseiros, bocejando. Nos mexemos para um lado e outro para ficar mais à vontade. E então, depois de um período de silêncio que julgamos apropriado, o Objeto fez um ruído. Um murmúrio, um grito preso na garganta, como se falasse durante o sono. Em seguida, a respiração ficou mais pesada. E, tomando isso como sinal verde, Calíope iniciou a longa travessia dos lençóis.

Era assim o nosso caso de amor. Sem palavras, limitado, uma coisa noturna, coisa de sonho. De minha parte, também havia motivos para que fosse desse jeito. Aquilo que eu era, não importava o que fosse, se revelava melhor devagar, sob luz favorável. O que significava não muita luz. Além do mais, é assim que as coisas são na adolescência. A gente experimenta no escuro. Fica bêbado ou se droga e improvisa. Lembre do que você fez em bancos traseiros, barracas, luaus na praia. Você nunca se viu, sem querer admitir, enrolado com o(a) melhor amigo(a)? Ou num alojamento individual, mas a dois, enquanto tocava Bach no som vagabundo, orquestrando a fuga? É uma espécie de fuga, enfim, o sexo adolescente. Anterior à rotina, ou ao amor. Lá atrás, quando a pegação é, quase sempre, anônima. Sexo de parquinho. Começa na adolescência e vai até os vinte, vinte e um anos. É aprender a compartilhar. A compartilhar os brinquedos.

Às vezes, quando eu subia em seu corpo, ela por pouco não despertava. Mudava de posição para se acomodar, abrindo as pernas ou jogando um braço por cima das minhas costas. Nadava à superfície da consciência para, em seguida, submergir outra vez. As pálpebras tremelicavam. Seu corpo reagia, o abdômen se flexionava ao ritmo do meu, a cabeça caída para trás, a garganta se oferecendo. Eu ficava na expectativa de mais. Queria que ela mostrasse consciência do que estávamos fazendo, mas tinha medo também. Então, liso, o golfinho emergia, saltava atravessando o aro das minhas pernas e voltava a mergulhar, e eu bambeava, tentando manter o equilíbrio. Tudo era úmido ali embaixo. Se nela ou em mim, não sei. Eu recostava a cabeça no seu peito, debaixo da camiseta engrouvinhada. Suas axilas cheiravam a fruta madura demais. Os pelos ali eram esparsos. "Sortuda", eu teria dito na vida que levávamos durante o dia. "Nem precisa se depilar." Mas, à noite, Calíope se limitava a acariciar os pelos, a degustá-los. Certa noite, quando fazia essas e outras coisas, notei uma sombra na parede. Pensei que era uma mariposa. Olhando melhor, porém, vi que era a mão do Objeto, erguida atrás da minha cabeça. A mão estava completamente desperta. O punho fechava e abria, bombeando todo o êxtase do corpo para seus secretos desabrochares.

O que o Objeto e eu fazíamos era regido por essas regras incertas. Nossos escrúpulos não chegavam aos detalhes. Nossa atenção se voltava para o que estava acontecendo, e era sexo o que acontecia. Esse era o fato notável. Como acontecia, exatamente, o que se encaixava onde, era secundário. Além do mais, não tínhamos muito com que comparar. Nada além da noite com Rex e Jerome na cabana.

Quanto à flor de açafraão, nós a tratávamos antes como algo a ser descoberto e desfrutado em comum do que como uma parte de mim. O dr. Luce dirá a você que macacos fêmea, quando recebem

injeções de hormônios masculinos, tendem a exibir comportamento de machos. Agarram, dão trancos. Eu não. Ao menos não naquele começo. O desabrochar da flor era um fenômeno impessoal. Ela era uma espécie de gancho que nos engatava, mais um estimulante das partes exteriores do Objeto do que uma penetração de seu interior. Mas muito eficiente, ao que parecia. Pois, após as primeiras noites, ela já se mostrava ávida pela minha flor. Ávida, mas, bem entendido, ainda ostensivamente inconsciente. Enquanto a abraçava, enquanto em movimentos lânguidos mudávamos de lugar e nos enredávamos, a atitude de insensibilidade do Objeto não excluía posições favoráveis. Nada se oferecia ou era acariciado. Nada era intencional. Mas a prática acabou por transformar nossos acasalamentos dormentes numa ginástica fluida. Os olhos do Objeto permaneciam fechados o tempo todo; a cabeça, quase sempre virada um pouquinho de lado. Ela se movia debaixo do meu corpo como faria uma menina possuída por um incubo. Era como alguém tendo um sonho erótico e confundindo o travesseiro com o amante.

Às vezes, antes ou depois, eu acendia a lâmpada de cabeceira. Puxava a camiseta até onde era possível e descia a calcinha até abaixo dos joelhos. E ali ficava, alimentando meu olhar. O que seria comparável? Limalha dourada orbitava ao redor do ímã do umbigo. As costelas eram finas feito pirulitos de bengala. A amplitude do quadril, tão diferente do meu, dava a impressão de uma vasilha oferecendo fruta vermelha. E, por fim, meu lugar favorito, lá onde o contorno das costelas, suavizando-se, dava lugar aos seios, à elevação de dunas lisas e brancas.

Eu apagava a luz. Pressionava meu corpo contra o do Objeto. Encaixava as mãos na parte posterior de suas coxas, ajustando as pernas de modo a me enlaçarem pela cintura. Alavancando-a por baixo, puxava seu corpo para junto do meu. E meu corpo, então, como uma catedral, se punha a bimbalar seus sinos. O corcunda na

torre tinha agarrado de um salto a corda e se balançava nela feito louco.

Durante esses eventos todos, não cheguei a tirar conclusões definitivas sobre mim. Sei que é difícil de acreditar, mas é assim que funciona. A mente se autoedita. A mente se dá retoques. Habitar um corpo é diferente de estar fora dele. De fora, a gente pode olhar, inspecionar, comparar. De dentro, não existe comparação. Ao longo daquele último ano, a flor tinha crescido consideravelmente. No máximo da saliência, chegava agora a ter cinco centímetros. A maior parte desse comprimento, porém, ficava oculta sob as abas de pele de onde ela brotava. Sem contar os pelos. Quando recolhida, a flor mal era perceptível. O que eu via, ao olhar para baixo, era apenas a insígnia negra e triangular da puberdade. Ao ser tocada, ela se expandia, inchando até que, com uma espécie de estampido, se libertava de seu invólucro. A cabeça despontava no ar. Não muito para fora, porém. Não mais do que uns dois centímetros e meio além dos limites da mata. O que significava aquilo? Eu sabia, por experiência própria, que o Objeto também tinha uma flor. E que a dela também inchava, quando tocada. A minha era apenas maior, mais efusiva em seus sentimentos. Minha flor era uma sentimental.

A característica crucial era a seguinte: a flor não tinha um buraco na ponta. Certamente não era a mesma coisa que os meninos tinham. Ponha-se no meu lugar, leitor, e se pergunte a que conclusão você chegaria sobre seu próprio sexo se tivesse o que eu tinha, se se parecesse comigo. Eu precisava sentar para fazer xixi. O jato saía por baixo. Tinha o interior de uma menina. Era tenro ali dentro, quase doloroso se eu enfiava o dedo. Verdade que meu peito era completamente liso. Mas havia outras tábuas de passar roupa na escola. E Tessie insistia que, nesse departamento, era a ela que eu

tinha puxado. Músculos? Nada de muito notável. Nada de quadris, tampouco cintura. Uma menina que mais se assemelhava a um prato. A especialidade zero-Cal da casa.

Por que eu acharia que era qualquer outra coisa que não uma menina? Porque sentia *atração* por outra menina? Isso acontecia o tempo inteiro. Era mais comum do que nunca em 1974. Tinha se tornado um passatempo nacional. A intuição feliz que tive a meu respeito estava, naquele momento, profundamente reprimida. Quanto tempo conseguiria mantê-la assim, ninguém podia saber. Mas, no fim, não dependia de mim. Como todas as coisas importantes. O nascimento, por exemplo, e a morte. E o amor. E aquilo que o amor nos lega antes de termos nascido.

A manhã da quinta-feira seguinte estava quente. Era um daqueles dias úmidos em que a atmosfera fica confusa. Sentando na varanda, dava para sentir: o ar desejando ser água. Calor de qualquer tipo irritava o Objeto. Ela dizia que seus tornozelos inchavam. A manhã inteira ela tinha se revelado uma companhia difícil, exigente, mal-humorada. Eu me vestia quando ela veio do banheiro, acusando já da porta: "O que você fez com meu xampu?".

"Não fiz nada."

"Eu tinha deixado no parapeito da janela. Você é a única pessoa além de mim que usa."

Me desvencilhei dela e entrei pelo corredor. "Está bem aqui, na banheira."

O Objeto tomou o frasco da minha mão. "Estou me sentindo totalmente nojenta e grudenta!", falou, como que para pedir desculpas. Então, enquanto eu escovava os dentes, entrou no chuveiro. Depois de um minuto, o rosto oval apareceu com a cortina

do box a emoldurá-lo. Ela parecia um alienígena careca e de olhos grandes. “Desculpa eu estar sendo essa megera hoje”, falou.

Continuei escovando os dentes, querendo que ela sofresse um pouquinho.

O Objeto franziu a testa e o olhar se suavizou, suplicante. “Você me odeia?”

“Ainda estou decidindo.”

“Você é tão má!”, ela disse, com uma careta cômica, e fechou de um golpe a cortina.

Depois do café da manhã, fomos para o balanço da varanda e, tomando limonada, nos balançávamos para fazer brisa. Era eu quem dava impulso, apoiando os pés na amurada. O Objeto se deitava de comprido, os pés em cima do meu colo, a cabeça recostada a um dos braços do balanço. Usava a parte de cima do biquíni e um jeans transformado em bermuda, curta a ponto de se enxergar o forro dos bolsos. Eu estava com um short de tecido leve e de camisa Lacoste branca.

À nossa frente, a baía reluzia em tons de prata. A superfície tinha escamas como os peixes abaixo dela.

“Às vezes fico de saco bem cheio de ter um corpo”, disse o Objeto.

“Eu também.”

“Você também?”

“Especialmente quando está quente assim. Sair do lugar já parece uma tortura.”

“E, além do mais, odeio suar.”

“Não suporto”, falei. “Preferia ficar de língua de fora que nem um cachorro.”

O Objeto riu. Sorria para mim, maravilhada. “Você sempre me entende”, ela disse. Balançou a cabeça. “Por que você não é um cara, hein?”

Dei de ombros, indicando que não sabia a resposta. Não percebi nenhuma ironia naquilo. Nem o Objeto.

Ela me olhava, as pálpebras semicerradas. Na claridade do dia, com as correntes de calor que subiam da grama em brasa, seus olhos pareciam muito verdes, ainda que fossem só dois traços, luas crescentes. Apoiada ao braço do balanço, a cabeça se dobrava para diante; ela olhava para cima para poder me ver. A pose era insolente. Sem tirar os olhos dos meus, ajeitou as pernas, abrindo-as de leve.

“Você tem uns olhos incríveis”, ela disse.

“Os seus são muito verdes. Quase parecem falsos.”

“Eles são falsos.”

“Você tem olhos de vidro?”

“Tenho, sou cega. *Eu* é que sou Tirésias.”

Aquele era um outro jeito de fazer. Tínhamos acabado de descobri-lo. Olhar nos olhos era um outro jeito de mantê-los fechados, ou distraídos dos detalhes circundantes, ao menos. Nos trancávamos em nós. O Objeto foi flexionando um pouquinho as pernas. Eu estava consciente do morrinho por baixo da bermuda jeans, apontado na minha direção, uma pequena elevação que apenas se insinuava. Pousei minha mão na coxa do Objeto, a palma virada para baixo. E, sem parar de balançar, olhos nos olhos, enquanto os grilos tocavam suas rabecas na grama, deslizei a mão de lado e para cima, até o ponto onde as pernas do Objeto se encontravam. Meu polegar entrou por baixo da bermuda. O rosto dela não mostrou reação. Os olhos verdes sob as pálpebras pesadas permaneciam atados aos meus. Senti a maciez da calcinha e pressionei, enfiando o dedão sob o elástico. E então, com nossos olhos bem abertos, mas confinados como tínhamos aprendido, meu polegar escorregou para dentro dela. Ela piscou, olhos ainda abertos, ergueu o quadril, e fiz de novo. E de novo. Os barcos na

baía participavam, e também a seção de cordas dos grilos na grama em brasa, e o gelo que derretia nos nossos copos de limonada. O balanço ia e vinha, rangendo na corrente enferrujada, e aquilo parecia uma velha parlenda infantil sobre os nomes dos dedos, mindinho, seu-vizinho, pai-de-todos. O polegar como fura-bolo... Ela revirou os olhos uma primeira vez e logo os fixou de novo nos meus, e o que sentia passou a se mostrar somente ali, nas profundezas verdes que seus olhos revelavam. De resto, estava imóvel. Só minha mão se movia, e meus pés contra a amurada, a impulsionar o balanço. Durou três minutos, ou cinco, ou quinze. Não faço ideia. O tempo desapareceu. Mas, de alguma forma, continuávamos inconscientes do que estávamos fazendo. A sensação se dissolvia de imediato em esquecimento.

Quando o assoalho da varanda rangeu às nossas costas, dei um pulo. Recolhi o polegar da bermuda do Objeto e endireitei a postura. Percebi alguma coisa de canto de olho e me virei. Jerome estava empoleirado na amurada à nossa direita. Usava a fantasia de vampiro, apesar do calor. O pé branco derretia em alguns pontos, mas ainda assim o rosto parecia muito pálido. Olhava para nós com sua expressão mais assustadora. Sua expressão de *A outra volta do parafuso*. O patrãozinho desencaminhado pelo jardineiro. O menino de sobrecasaca que tinha morrido afogado no poço. Inteiro morto, menos os olhos. Os olhos dele estavam fixos em nós — nas pernas nuas do Objeto pousadas no meu colo — enquanto o rosto continuava embalsamado.

Então a aparição falou:

“Sapatas.”

“Nem dê bola pra ele”, disse o Objeto.

“Sapatooooonas”, repetiu Jerome. O som saiu como um grasnido.

“Cala essa boca!”

Jerome continuou imóvel, um espírito maligno pousado na amurada. O cabelo não estava penteado para trás, dessa vez, e sim caído solto dos dois lados do rosto. Estava muito controlado e concentrado no que estava fazendo, como se seguisse um procedimento venerando. "Sapatona", disse outra vez. "Sapatona, sapatona." No singular, agora. A questão era entre ele e a irmã.

"Falei pra parar, Jerome." O Objeto tentava se levantar. Girou as pernas para tirá-las do meu colo e, com outro volteio, saiu do balanço. Mas Jerome se antecipou. Abriu o paletó como se fosse um par de asas e saltou da amurada. Fez um rasante, numa investida sobre o Objeto. O rosto, porém, permanecia completamente impassível. Nenhum músculo se mexia exceto os da boca. E continuava a sibilar e grasnar na cara, no ouvido da irmã. "Sapatona, sapatona, sapatona, sapatona."

"Para!"

Ela tentou acertá-lo, mas ele agarrou seus braços. Segurou ambos os pulsos com uma mão só. Com dois dedos da outra, Jerome fez um V. Pressionou-o contra a boca e, no meio daquele sugestivo triângulo, sua língua ia e vinha em movimentos rápidos. A grosseria do gesto fez a calma do Objeto começar a ceder. Um soluço foi se formando nela. Jerome sentiu que estava a caminho. Fazia mais de uma década que vinha reduzindo a irmã a lágrimas; sabia como fazer isso; era um moleque queimando uma formiga com uma lente de aumento, o facho cada vez mais e mais quente sobre o alvo.

"Sapatona, sapatona, sapatona..."

E foi então que aconteceu. O Objeto desabou. Começou a se esgoelar feito uma menininha. O rosto ficou vermelho e ela brandiu os punhos até que, finalmente, fugiu correndo para dentro da casa.

Nessa hora, cessou a feroz atividade de Jerome. Ajeitou o paletó. Arrumou o cabelo e, encostado à amurada da varanda, ficou calmamente olhando a água.

“Não se preocupe”, falou para mim. “Não vou contar pra ninguém.”

“Contar o quê?”

“Você tem sorte de eu ser um cara liberal e cabeça aberta”, ele continuou. “A maioria dos caras não ficaria muito feliz de ser passado para trás por uma lésbica com a própria irmã dele. É meio constrangedor, você não acha? Mas sou tão cabeça aberta que até estou a fim de fazer vista grossa às inclinações de vocês.”

“Por que você não cala essa boca, Jerome?”

“Calo quando eu quiser”, ele disse. Então ele voltou a cabeça para me encarar. “Sabe o que acabou de acontecer? Fim de caso, Stephanides. Suma daqui e não volte. E nunca mais ponha as mãos na minha irmã.”

Eu já me levantava de um salto. Meu sangue ferveu. Subiu feito um foguete pela espinha e fez soar um sino na minha cabeça. Parti para cima de Jerome num acesso de fúria. Ele era maior, mas o peguei desprevenido. Acertei-o no rosto. Ele tentou se esquivar, mas eu me choquei contra ele e com o impulso o levei ao chão. Montei no peito dele e, usando minhas pernas, lhe prendi os braços. Por fim, Jerome parou de resistir. Ficou ali, deitado de costas, tentando fazer cara de quem estava se divertindo.

“Me avise quando terminar”, disse.

Era uma sensação ótima estar ali, por cima. Um-Sete-Um tinha ocupado aquela posição a vida inteira. Era a primeira vez que eu fazia a mesma coisa com alguém, e o melhor é que era um menino mais velho que eu. Meu cabelo comprido caía no rosto de Jerome. Fiz questão de fazê-lo deslizar para a frente e para trás, só para atormentar. Então lembrei de outra coisa que meu irmão costumava fazer.

“Não”, gritou Jerome. “Isso não, vai. *Não!*”

Deixei cair. Como um pingo de chuva. Como uma lágrima. Mas não era nenhuma das duas coisas. O cuspe o atingiu bem no meio dos olhos. E então a terra se abriu sob nós. Com um rugido, Jerome se ergueu e me jogou para trás. Minha supremacia havia sido breve. Agora era hora de correr.

Saí voando pela varanda. Sem sapatos, saltei os degraus e corri para atravessar o gramado. Jerome veio atrás de mim em seu traje de Drácula. Parou para tirar o paletó e ampliei a dianteira. Cruzando os quintais das casas vizinhas, baixando a cabeça para passar pelos galhos dos pinheiros, corri. Desviei de arbustos e churrasqueiras. As folhas-agulha davam boa tração aos pés. Cheguei, por fim, à área de campo aberto e fugi por ali. Olhei para trás e vi que Jerome me alcançava.

Voávamos sobre a grama alta e amarelada ao longo da margem da baía. Saltei o marco histórico, esfolando o pé, manquei um pouco por causa da dor e segui adiante. Jerome pulou o obstáculo sem dificuldade. Do outro lado do campo, ficava a estradinha que levava de volta à casa. Se conseguisse vencer a elevação do terreno, Jerome me perderia de vista e eu poderia pegar o caminho de volta. O Objeto e eu nos fecharíamos em barricada no quarto. Alcancei o morro e comecei a subir. Jerome me seguiu, uma carranca no rosto, minha vantagem diminuindo cada vez mais.

Parecíamos dois corredores no alto-relevo de um friso. De perfil, com coxas infladas e braços como lâminas, varávamos o campo, as canelas chicoteadas pelo mato alto. Quando cheguei ao pé do morro, Jerome já parecia estar diminuindo a velocidade. Acenava com a mão, derrotado. Acenava e gritava alguma coisa que não consegui ouvir...

O trator tinha acabado de dobrar a curva da estrada. Lá do alto, do assento do condutor, o fazendeiro não me viu. Eu olhava para trás, conferindo a posição de Jerome. Ao me virar, finalmente, foi

tarde demais. Bem na minha cara vi o pneu do trator, que me acertou em cheio. Voei no ar poeirento e, no ápice da minha trajetória em arco, enxerguei as pás do arado levantadas, o metal espiralado coberto de lama, e a corrida terminou ali mesmo.

Acordei mais tarde, no banco traseiro de um carro desconhecido. Uma lata velha com cobertores forrando os bancos. Um adesivo com uma truta fígada e se debatendo estampava o vidro traseiro. O motorista usava um boné vermelho. O furo logo acima da tira ajustável do boné exibia o corte à máquina terminando no pescoço enrugado.

Sentia minha cabeça leve, como se coberta de gaze. Alguém tinha me enrolado num cobertor velho, endurecido e espetado de feno. Girei a cabeça, olhei para cima e tive uma linda visão. O que vi, ali de baixo, foi o rosto do Objeto. Estava com a cabeça no colo dela. Minha bochecha direita aconchegada no forro quente da barriga. Ela ainda trajava a parte de cima do biquíni e a bermuda jeans. Os joelhos estavam separados e o cabelo vermelho caía sobre mim, escurecendo tudo. Espiei por entre aqueles tons de castanho-avermelhado ou vermelho-sangue e vi dela o que era possível ver, a faixa escura do biquíni, as clavículas inclinadas à frente. Ela roía uma cutícula. Ia acabar sangrando, se continuasse. "Rápido", falou, o som saindo do outro lado do cabelo pendente. "Rápido, sr. Burt."

Era o fazendeiro quem dirigia. O fazendeiro em cujo trator eu tinha trombado. Tive esperança de que não estivesse ouvindo o que ela dizia. Não queria que nos apressássemos. Queria que aquele passeio durasse o maior tempo possível. O Objeto acariciava meu cabelo. Nunca antes fizera aquilo à luz do dia.

"Bati no seu irmão", falei, do nada.

O Objeto usou uma das mãos para afastar o cabelo. A luz desceu rasgando.

"Callie! Você tá bem?"

Sorri para ela. “Acabei com ele.”

“Ah, meu Deus”, ela disse. “Fiquei tão assustada. Pensei que você estava morta, quando te vi lá dei... dei...” — a voz dela ficou embargada — “*deitada* na estrada.”

Lágrimas correram, lágrimas de gratidão agora, não de raiva, como antes. O Objeto soluçava. Observei com espanto a tempestade de emoção que a atingia. Ela mergulhou a cabeça, fungando, pressionou o rosto molhado contra o meu e, pela primeira e última vez, nos beijamos. O encosto do banco da frente e a parede de cabelo nos escondiam, e também o que o fazendeiro tinha a ver com a história? Os lábios angustiados do Objeto encontraram os meus, um sabor doce e salgado ao mesmo tempo.

“Estou toda melequenta”, ela disse, erguendo de volta o rosto. Ainda conseguiu rir.

Mas o carro já estava parando. O fazendeiro saltava e gritava coisas. Abriu de um golpe a porta de trás. Dois funcionários apareceram e me estenderam numa maca de rodinhas, que empurraram pela calçada e porta adentro do hospital. O Objeto permaneceu ao meu lado. Segurava minha mão. Por um momento, pareceu se dar conta de sua quase nudez. Quando seus pés descalços tocaram o chão de linóleo, baixou a vista, reparando em si mesma. Mas deu de ombros. O tempo todo, ao longo do corredor, e até que os funcionários lhe dissessem que não podia passar daquele ponto, ela ficou segurando minha mão. Como se ela fosse um fio de um novelo do Pireu. “A senhorita não pode entrar, moça”, disseram os funcionários. “Tem que esperar aqui.” E foi o que ela fez. Mas, mesmo assim, não soltou a minha mão. Durante um bom tempo ainda. A maca foi conduzida pelo corredor e eu estendia o braço na direção do Objeto. Tinha partido para minha viagem. Atravessaria o mar até outro país. E agora era meu braço que encompridava, seis metros, nove, doze, quinze. Ergui a cabeça da maca para mirar o

Objeto. Para mirar o Obscuro Objeto. Mais uma vez ela se tornava um mistério para mim. Que terá acontecido a ela? Onde estará? Lá ficou ela, parada no final do corredor, segurando a ponta do meu braço, que se desenrolava. Parecia fria, mirrada, deslocada, perdida. Era quase como se soubesse que nunca mais voltaríamos a nos ver. A maca ganhava velocidade. Meu braço era apenas uma fita comprida, agora, em circunvoluções no ar. Por fim, o inevitável aconteceu. O Objeto soltou a ponta. Minha mão flutuou livre, vazia.

Luzes sobre a cabeça, redondas e ofuscantes, como no meu nascimento. O mesmo guinchar de sapatos brancos no assoalho. Mas o dr. Philobosian não estava por ali. O médico que sorria para mim era jovem, cabelo cor de areia. Tinha um sotaque do interior. "Vou te fazer algumas perguntas, ok?"

"Ok."

"Primeiro, seu nome."

"Callie."

"Quantos anos você tem, Callie?"

"Catorze."

"Quantos dedos tem aqui?"

"Dois."

"Quero que você conte de trás pra frente pra mim. Começando em dez."

"Dez, nove, oito..."

O tempo inteiro ele me apalpava, procurando fraturas. "Dói?"

"Não."

"Aqui?"

"Ã-ã."

"E aqui?"

De repente doeu de verdade. Uma flechada, uma picada de cobra, bem embaixo do umbigo. O grito que dei respondia bem à pergunta.

“Ok, ok, vamos com calma. Só preciso dar uma olhada. Fique quietinha agora.”

O médico fez sinal com o olhar a uma residente. Um de cada lado, eles começaram a me despir. A residente puxou minha camisa pela cabeça. E ali estava meu peito, imaturo e árido. Não deram atenção. Nem eu. Enquanto isso, o médico tinha soltado meu cinto. Estava abrindo o fecho da calça. Deixei. A calça foi tirada. Eu assistia a tudo como que à distância. Estava pensando em outra coisa. Estava me lembrando do Objeto erguendo o quadril para me ajudar a tirar sua calcinha. Aquele pequeno aceno de cumplicidade e desejo. Estava pensando no quanto amava vê-la fazer aquilo. Agora a residente me pegava por sob o corpo. E ergui o quadril.

Eles seguraram minha calcinha. Puxaram-na para baixo. O elástico se prendeu à pele, depois cedeu.

O médico se debruçou sobre mim, murmurando consigo mesmo. A residente, num gesto bastante antiprofissional, levou a mão à garganta, depois fingiu que arrumava o colar.

Tchékhov tinha razão. Se houver uma arma na parede, ela terá de ser disparada. Na vida real, porém, a gente nunca sabe onde está a arma. A que meu pai mantinha debaixo do travesseiro nunca deu um tiro. O rifle sobre o consolo da lareira do Objeto também não. Mas ali, naquela emergência de hospital, as coisas eram diferentes. Não houve fumaça, nem cheiro de pólvora, absolutamente nenhum barulho. Só pela reação do médico e de sua auxiliar é que ficou claro que meu corpo cumpria os preceitos da boa narrativa.

\* \* \*

Falta ainda descrever uma cena desse pedaço da minha vida. Aconteceu uma semana depois, em Middlesex, e dela participaram uma mala, uma árvore e eu. Estava no meu quarto e me sentava no

parapeito da janela. Era pouco antes do meio-dia. Eu usava uma roupa de viagem, terninho cinza e blusinha branca. Com o braço para fora, colhia amoras da árvore que crescia ali. Comendo as amoras, passara a última hora tentando me distrair do som que vinha do quarto dos meus pais.

As amoras tinham amadurecido durante a semana anterior. Estavam gordas e suculentas e manchavam minhas mãos. Lá fora, a calçada também estava salpicada de roxo, assim como a própria grama e as pedras dos canteiros de flores. O som que vinha do quarto dos meus pais era o da minha mãe aos prantos.

Me ergui. Fui até a mala aberta conferir de novo se não tinha esquecido nada. Meus pais e eu partiríamos dentro de uma hora. Íamos a Nova York ver um médico famoso. Eu não sabia quanto tempo ficaríamos fora ou o que havia de errado comigo. Não prestei muita atenção aos detalhes da história. Só sabia que não era mais uma menina como as outras.

No século VI, monges ortodoxos levaram a seda, contrabandeada da China, para a Ásia Menor. Dali, o produto se espalhou para a Europa e, por fim, chegou à América do Norte. Benjamin Franklin apadrinhou a indústria da seda na Pensilvânia, antes da Revolução Americana. Amoreiras foram plantadas por toda parte nos Estados Unidos. Ao colher aquelas amoras à janela do meu quarto, porém, eu não fazia ideia de que nossa amoreira tinha alguma coisa a ver com o negócio da seda, ou de que minha avó cultivara árvores exatamente como aquela em sua casa na Turquia. Aquela amoreira tinha simplesmente ficado ali do lado de fora do meu quarto, sem jamais revelar a mim seu significado. Mas hoje já não é assim. Hoje, todos os objetos mudos da minha vida parecem contar minha história, voltando cada vez mais longe no tempo, se eu olho bem de perto. De modo que não posso encerrar esta seção sem mencionar o seguinte fato:

O tipo de bicho-da-seda mais amplamente utilizado, a larva do *Bombyx mori*, não existe mais em parte alguma em estado natural. Nas palavras pungentes de minha enciclopédia: “As pernas das larvas dessa espécie degeneraram, e os adultos não podem mais voar”.

## LIVRO QUATRO

# A vulva oracular

Do meu nascimento, quando passaram despercebidos, ao meu batismo, quando roubaram a cena do padre, e à minha adolescência, quando de início não eram grande coisa e de repente passaram a ser tudo, meus genitais são o que de mais importante me aconteceu na vida. Algumas pessoas herdam casas; outras, quadros ou arcos de violino segurados por altas somas. Outras, ainda, têm como legado uma cômoda em estilo japonês ou um sobrenome famoso. O que me coube foram um gene recessivo do quinto cromossomo e algumas joias de família verdadeiramente raras.

Meus pais primeiro se recusaram a acreditar na extravagante afirmação sobre minha anatomia feita pelo médico que me atendeu naquela emergência. O diagnóstico, revelado por telefone a um Milton que dele pouco compreendeu e, em seguida, expurgado por este em proveito de Tessie, consistia numa vaga preocupação quanto à formação de meu trato urinário, somada a uma possível deficiência hormonal. O médico de Petoskey não chegou a pedir um exame do cariótipo. Seu trabalho era tratar das minhas concussões e contusões, e me deu alta assim que concluiu a tarefa.

Meus pais queriam uma segunda opinião. Por insistência de Milton, fui me consultar uma última vez com o dr. Phil.

Em 1974, o dr. Nishan Philobosian estava com oitenta e oito anos. Continuava a usar sua gravata-borboleta, mas o pescoço não preenchia mais todo o colarinho da camisa. O dr. Phil tinha encolhido por inteiro, feito um corpo congelado e desidratado. E, mesmo assim, por baixo do paletó branco, podiam ser vistas calças verdes de golfe, de corte largo, e óculos de lentes escurecidas tipo aviador se prendiam a sua cabeça sem cabelos.

“Olá, Callie, como vai?”

“Bem, dr. Phil.”

“Já está começando o ano na escola? Pra que série você vai?”

“Vou pro colegial este ano.”

“Colegial? Já? Eu devo estar ficando velho.”

Seus modos corteses eram os mesmos de sempre. A pronúncia estrangeira que ele ainda tinha, a evidência do Velho Mundo em seus dentes, por alguma razão me deixava à vontade. Durante toda minha vida, dignos estrangeiros tinham me paparicado e mimado. Eu tinha desfrutado da mão suave das afeições levantinas. Quando era menininha, sentava nos joelhos do dr. Philobosian para que ele, subindo com os dedos pela minha coluna, contasse as vértebras. Agora o dr. Phil era mais baixo que eu — este ser desengonçado, uma aberração de pelos e cabelo, Tiny Tim em forma de menina, sentada de avental, sutiã e calcinha na ponta de uma mesa de exames antiquada, à qual se subia por uma escadinha com degraus de borracha. Ele auscultou meu coração e meus pulmões, a cabeça careca pendendo do pescoço comprido feito o de um brontossauro catando folhas.

“Como está seu pai, Callie?”

“Bem.”

“Como vai indo o negócio dos hot dogs?”

“Vai bem.”

“Quantos quiosques seu pai já abriu?”

“Uns cinquenta, por aí.”

“Tem um lá perto de onde a enfermeira Rosalee e eu costumamos ir nas férias de inverno. Pompano Beach.”

Ele examinou meus olhos e ouvidos e, em seguida, gentilmente pediu que eu ficasse de pé e baixasse a calcinha. Cinquenta anos antes, em Esmirna, o dr. Philobosian tinha ganhado a vida examinando senhoritas otomanas. O decoro era, para ele, um hábito antigo.

Minha mente não estava confusa como em Petoskey. Eu estava perfeitamente consciente do que acontecia e de qual era, ali, o foco de interesse médico. Depois de ter baixado a calcinha até os joelhos, uma onda quente de vergonha me trespassou e, por reflexo, me cobri com uma das mãos. O dr. Philobosian, deixando um pouco de lado a delicadeza, a retirou dali. O gesto teve algo da impaciência dos velhos. Ele baixou a guarda por um momento e, por trás das lentes de aviador, seus olhos brilharam. Ele não olhou para mim, porém. Elegante, desviou o olhar para a parede enquanto me apalpava em busca de alguma informação. Estávamos próximos como se dançássemos. A respiração do dr. Phil era barulhenta; as mãos tremiam. Olhei para baixo somente uma vez. Minha vergonha fazia que tudo em mim estivesse retraído. Daquele ângulo em que me via, eu voltava a ser uma menina, barriga branca, triângulo negro, as pernas depiladas bem lisinhas, encurtadas porque vistas do alto. O sutiã caía solto sobre o peito.

O exame demorou apenas um minuto. O velho armênio, agachado com seu dorso de lagarto, correu os dedos amarelados nas minhas partes. Não era surpreendente que o dr. Philobosian nunca tivesse notado nada. Mesmo agora, alertado para a possibilidade, não parecia querer saber.

O dr. Phil preferiu me recomendar a um endocrinologista do Hospital Henry Ford. O médico indicado pegou uma veia do meu

braço e encheu um número assustador de seringas com meu sangue. Por que aquele sangue todo era necessário, ele não disse. E eu estava com medo demais para perguntar. Naquela noite, porém, coleí o ouvido à parede do quarto dos meus pais, na esperança de descobrir o que estava acontecendo. “E então, o que o médico disse?”, era Milton quem queria saber. “Disse que o dr. Phil deveria ter notado quando a Callie nasceu”, respondeu Tessie. “Esse negócio todo poderia ter sido resolvido lá atrás.” E novamente Milton: “Não consigo acreditar que ele tenha deixado passar uma coisa dessas”. (“Que coisa?”, eu perguntava, em silêncio, para a parede, mas ela não soube responder.)

Três dias depois, chegávamos a Nova York.

Milton tinha reservado para nós um hotel chamado Lochmoor, nos East Thirties. O mesmo lugar onde se hospedara vinte e três anos antes, quando era guarda-marinha. Sempre um viajante modesto, Milton foi atraído também pelo preço das diárias. Nossa estadia em Nova York não tinha prazo definido. O médico com quem meu pai conversara — o especialista — se recusava a discutir quaisquer detalhes antes de me examinar. “Vocês vão gostar”, Milton nos assegurou. “A lembrança que tenho é de um lugar bem elegante.”

Não era. Do aeroporto de La Guardia, chegamos ao Lochmoor de táxi, para logo descobrir que o hotel já tinha deixado para trás os dias de glória. O recepcionista e o caixa trabalhavam atrás de vidros à prova de bala. Os tapetes vienenses estavam úmidos porque, acima deles, aparelhos de ar-condicionado não paravam de pingar; e os espelhos tinham sido removidos, deixando nas paredes retângulos fantasmagóricos de reboco e parafusos ornamentais. O elevador era de antes da guerra e, com suas barras douradas e curvas, parecia uma gaiola. Em outros tempos, havia um ascensorista; não mais. Nós três, mais nossas malas, nos esprememos ali dentro, e tentei fechar a porta de correr. Ficava

saindo dos trilhos. Foram necessárias três tentativas para que a corrente elétrica fluísse. Finalmente a geringonça começou a subir e, através das barras pichadas, vimos passar os andares, todos idênticos e sombrios, exceto pela variação de uma arrumadeira uniformizada, uma bandeja do serviço de quarto diante de uma porta ou um par de sapatos. Ainda assim, a sensação naquela caixa velha era a de ser resgatado de um fosso, e portanto foi decepcionante chegar ao nosso andar e encontrar a mesma feiura do saguão.

Nosso quarto tinha sido extraído do que antes havia sido uma suíte maior. Os ângulos das paredes tinham ficado desiguais. Mesmo Tessie, pequenina como era, se sentiu tolhida. O banheiro, por alguma razão, era quase tão grande quanto o quarto. A privada se equilibrava sobre ladrilhos soltos e a descarga não parava de correr. A banheira tinha uma marca permanente no lugar por onde escorria a água.

Havia uma cama king size para os meus pais e, a um canto, uma cama desmontável para mim. Arrastei minha mala para cima dela. Aquela mala era motivo de desavença entre mim e Tessie. Minha mãe a havia comprado para nossa viagem à Turquia. Tinha uma estampa floral turquesa e verde que eu achava horrorosa. Desde que entrara na escola particular — e passara a andar com o Objeto —, meus gostos tinham mudado, tornando-se mais refinados, eu achava. A pobre Tessie não sabia mais o que comprar. O que quer que escolhesse para mim era recebido com lamentos horrorizados. Eu me opunha inflexivelmente a qualquer coisa sintética ou com costuras aparentes. Meus pais se divertiam com aquela nova mania de pureza. Com frequência, esfregando entre o polegar e os demais dedos uma de minhas camisas, meu pai perguntava: “É isto que as riquinhas da escola estão usando agora?”.

No caso da mala, Tessie nem tivera tempo de me consultar, de modo que ali estava aquela coisa com estampa de jogo americano. Ao abrir o zíper e escancarar a mala, já me senti melhor. Ali dentro, só roupas escolhidas por mim: suéteres de gola redonda em cores primárias, camisas Lacoste, calças de veludo cotelê leve. Meu casaco era da Papagallo, verde-limão com botões de osso em formato de chifre.

“Precisamos desfazer as malas ou deixamos tudo dentro?”, eu quis saber.

“Melhor desfazer e guardá-las no armário”, respondeu Milton. “Vai deixar mais espaço pra gente aqui.”

Organizei meus suéteres nas gavetas da cômoda, assim como as meias e calcinhas, e pendurei as calças. Levei a nécessaire para o banheiro e a deixei na prateleira. Tinha trazido batom e perfume comigo. Não tinha certeza se já estavam obsoletos.

Tranquei a porta do banheiro e me debrucei bem perto do espelho, examinando meu rosto. Dois pelos escuros, ainda curtos, eram visíveis acima do lábio superior. Peguei uma pinça da nécessaire e os arranquei. Meus olhos lacrimejaram. Minhas roupas pareciam apertadas. As mangas do suéter eram muito curtas. Escovei o cabelo e, com otimismo, com desespero, sorri para mim.

Sabia que minha nova condição, fosse qual fosse, significava algum tipo de crise. Podia perceber isso pelo comportamento de falso entusiasmo dos meus pais e pela urgência daquela viagem. E, no entanto, ninguém me dissera uma palavra até ali. Milton e Tessie me tratavam como sempre tinham tratado — como a filha deles, em outras palavras. Agiam como se meu problema fosse médico, e portanto solucionável. Então passei a ter essa expectativa também. Como alguém com uma doença terminal, avidamente ignorava os sintomas imediatos, na esperança de uma cura de última hora. Oscilava entre essa esperança e seu oposto, a certeza cada vez

maior de que havia algo de terrivelmente errado comigo. Mas nada era mais desesperador do que me olhar no espelho.

Abri a porta e voltei para o quarto. "Odiei este hotel", falei. "É nojento."

"Não é dos melhores", concordou Tessie.

"Já foi melhor", disse Milton. "Não entendo o que aconteceu."

"O carpete fede."

"Vamos abrir uma janela."

"Talvez a gente nem precise ficar muito", disse Tessie, esperançosa e cansada.

À noite, arriscamos uma saída em busca de alguma coisa para comer, e logo depois voltamos ao quarto para assistir tevê. Mais tarde, as luzes já apagadas, perguntei da minha cama desmontável: "O que a gente vai fazer amanhã?"

"Temos a consulta com o médico de manhã", falou Tessie.

"Depois precisamos ver os ingressos pra Broadway", disse Milton. "O que você quer assistir, Cal?"

"Tanto faz", falei, sem ânimo.

"Acho que a gente devia ver um musical", disse Tessie.

"Uma vez vi a Ethel Merman em *Hello, Dolly!*", recordou Milton. "Ela descia uma escadaria enorme, comprida, cantando. Quando terminou, o auditório veio abaixo. Ela parou o espetáculo. Subiu de novo as escadas e desceu cantando a música outra vez."

"Você gostaria de assistir um musical, Callie?"

"É, pode ser."

"A coisa mais doida que eu já vi na vida", falou Milton. "Aquela Ethel Merman é que sabe cantar."

Ninguém disse mais nada depois disso. Ficamos ali, deitados no escuro, em camas que nos eram estranhas, até pegar no sono.

Na manhã seguinte, após o café da manhã, seguimos para o consultório do especialista. Meus pais tentaram parecer animados quando saímos do hotel, mostrando os pontos conhecidos da cidade pela janela do táxi. Milton caprichava naquele tipo de empolgação que ele reservava a todas as situações difíceis. “Este lugar é demais”, disse, chegando ao Hospital de Nova York. “Vista pro rio! Acho que eu mesmo vou me internar aqui.”

Como para qualquer adolescente, também para mim a figura desajeitada que eu era passava despercebida. Meus movimentos de cegonha, os braços agitados, as pernas dando vida a pés pequenos demais enfiados em mocassins bege — essa parafernália toda rangia sob a torre de observação da minha cabeça, e a proximidade não me permitia enxergar nada. Mas meus pais enxergavam. Doeui neles me ver avançar pela calçada em direção à entrada do hospital. É assustador ver um filho cair nas garras de forças desconhecidas. Fazia um ano que se negavam a reconhecer o tipo de mudança pelo qual eu passava, debitando tudo à idade ingrata. “Ela vai superar essa fase”, Milton estava o tempo todo dizendo para minha mãe. Mas agora eram reféns do medo de que eu estivesse fugindo do controle.

Encontramos o elevador, subimos ao quarto andar e, dali, seguindo as setas, até alguma coisa chamada Unidade Psico-Hormonal. Milton tinha o número do consultório anotado num cartão. Achamos, finalmente, a sala certa. Não havia indicação nenhuma, exceto por uma plaquinha muito pequena, que, a meia altura na porta, se confundia com o fundo cinzento. Dizia:

### Clínica de Disfunções Sexuais e Identidade de Gênero

Se viram a plaquinha, meus pais fingiram que não. Milton baixou a cabeça, como um touro, e empurrou a porta.

A recepcionista nos deu as boas-vindas e pediu que nos sentássemos. A sala de espera não tinha nada de excepcional. Cadeiras enfileiradas junto à parede, separadas a intervalos regulares por mesinhas com revistas, e também a tradicional muda de seringueira expirando a um canto. O carpete era neutro, com uma estampa confusa ideal para esconder manchas. Havia até mesmo aquele reconfortante aroma de remédio no ar. Depois que minha mãe preencheu os formulários do seguro de saúde, fomos conduzidos ao consultório propriamente dito. Também esse ambiente inspirava confiança. Atrás da mesa, uma cadeira Eames. Junto à janela, uma *chaise* Le Corbusier em metal cromado e couro de vaca. As estantes estavam repletas de livros médicos e periódicos científicos, e arte de bom gosto decorava as paredes. Sofisticação da cidade grande afinada com uma sensibilidade europeia. O entorno de uma triunfante visão de mundo psicanalítica. Isso para não falar da janela com vista para o East River. Estávamos muito distantes do consultório do dr. Phil, com suas telas a óleo amadoras e pacientes do Medicaid.

Demorou dois ou três minutos para repararmos que havia alguma coisa fora do comum ali. De início, as antiguidades e gravuras se confundiram com a profusão de material acadêmico no consultório. Mas, enquanto esperávamos pelo médico, fomos nos dando conta de uma agitação silenciosa por toda parte à nossa volta. Foi como olhar para o chão e perceber, de repente, que fervilhava de formigas. O tranquilo consultório do doutor estava em ebulição. O peso de papéis da mesa, por exemplo, não era uma simples e inerte pedra, mas um minúsculo priapo esculpido na rocha. As pinturas em miniatura nas paredes, se observadas de perto, revelavam sua temática. Sob tendas de seda amarela, sobre almofadas de estampa oriental, príncipes persas copulavam com múltiplas parceiras, os turbantes no devido lugar. Ao ver aquilo, Tessie corou; ao passo que

Milton apertou os olhos; e eu, como de costume, me escondi no meu cabelo. Tentamos olhar para outro lugar e passamos, então, a apreciar as estantes de livros. Mas também ali o terreno não era seguro. Entre monótonas coleções de periódicos como *Jama* e *The New England Journal of Medicine*, havia alguns volumes assombrosos. Um deles, a lombada exibindo serpentes entrelaçadas, tinha o título de *Acasalamento erotossexual*. Havia algo parecido com um folheto, a capa púrpura, intitulado *Homossexualidade ritualizada: três estudos de caso*. Na mesa, com um marcador no meio das páginas, encontrava-se o manual *Um pênis todo seu: técnicas cirúrgicas para redesignação do sexo feminino em masculino*. Se a plaquinha na porta do dr. Luce não era indicação suficiente, o consultório deixava bem claro o tipo de especialista que meus pais tinham me levado para ver. (E, pior, para *me* ver.) Também havia esculturas. Reproduções do templo de Kujaraho ocupavam os cantos da sala ao lado de plantas enormes, cor de jade. Com a folhagem de aspecto encerado ao fundo, mulheres hindus com seios de melão se dobravam ao meio, oferecendo seus orifícios como orações aos bem-dotados homens que quisessem ouvi-las. Uma mesa telefônica sobrecarregada, um Twister obsceno, para onde quer que se olhasse.

“Mas que lugar”, sussurrou Tessie.

“Decoração meio estranha”, disse Milton.

E eu: “O que a gente tá fazendo aqui?”.

Foi exatamente nesse momento que a porta se abriu e surgiu o próprio dr. Luce.

A essa altura, eu ainda não sabia de seu status glamoroso na especialidade. Não fazia ideia da frequência com que seu nome aparecia em artigos e revistas acadêmicas. Mas percebi de cara que Luce não era aquele médico de aparência convencional que a gente costuma consultar. Em vez de um jaleco, usava um colete de

camurça com franjas. O cabelo grisalho caía sobre a gola rulê do suéter bege. As calças eram folgadas e, nos pés, via-se um par de botas de cano curto com zíper nas laterais. Ele também usava óculos de aros finos prateados e um bigode grisalho.

“Bem-vindos a Nova York”, disse. “Sou o dr. Luce.” Apertou a mão do meu pai, depois a da minha mãe, e finalmente se dirigiu a mim. “Você deve ser a Calíope.” Sorria, relaxado. “Deixa ver se consigo lembrar o que sei de mitologia. Calíope era uma das Musas, certo?”

“Certo.”

“A musa encarregada da...?”

“Da poesia épica.”

“Melhor impossível”, ele falou. Tentava agir com naturalidade, mas dava para ver que estava empolgado. Eu era um caso extraordinário, afinal. Ele aproveitava cada segundo, saboreando minha presença. Para um cientista como Luce, eu era nada menos que um Kaspar Hauser sexual ou genético. Ali estava o famoso sexologista, uma atração do *Dick Cavett*, um colaborador regular da *Playboy* e de repente na sua porta, chegando das florestas de Detroit feito o Menino Selvagem de Aveyron, estava eu, Calíope Stephanides, catorze anos de idade. Um experimento vivo trajando calça branca de veludo cotelê e um suéter tricotado no estilo escocês da Ilha de Fair. O que esse suéter, amarelo-claro com um arranjo de flores circundando o pescoço, dizia a Luce era que eu contrariava a natureza exatamente como previra sua teoria. Ali, me conhecendo, ele provavelmente mal estava conseguindo se conter. Era um sujeito brilhante, charmoso, obcecado por trabalho, e me observava com olhos ávidos detrás de sua mesa. Enquanto tagarelava, dirigindo-se basicamente aos meus pais, tratando de ganhar sua confiança, fazia anotações mentais. Registrou minha voz de tenor. Reparou que eu recolhia uma das pernas para baixo do corpo quando me sentava. Observou como eu ficava examinando as unhas, os dedos dobrados

sobre a palma da mão. Prestou atenção em como eu tossia, ria, coçava a cabeça, falava; em suma, todas as manifestações exteriores do que chamou de minha identidade de gênero.

Manteve uma atitude calma, como se a razão da minha visita à clínica não fosse mais que uma torção de tornozelo. “A primeira coisa que eu gostaria de fazer é um rápido exame. Vocês não se incomodam de aguardar aqui, sr. e sra. Stephanides?” Ficou de pé. “Você me acompanha, por favor, Calíope?”

Levantei da minha cadeira. Luce observou os vários segmentos que, como os de uma trena, se desdobraram para compor minha altura, dois ou três centímetros maior que a dele próprio.

“A gente fica te esperando, querida”, disse Tessie.

“Não vamos sair daqui”, falou Milton.

Peter Luce era considerado a maior autoridade mundial em hermafroditismo humano. A Clínica de Disfunções Sexuais e Identidade de Gênero, fundada por ele em 1968, tinha se tornado a mais importante do mundo no estudo e no tratamento da ambiguidade de gênero. Luce era autor de um importante trabalho em sexologia, *A vulva oracular*, bibliografia obrigatória numa variedade de disciplinas, da genética à pediatria e à psicologia. De agosto de 1972 a dezembro de 1973, manteve na *Playboy*, com o mesmo título de seu livro, uma coluna cuja sacada foi dar voz à personagem de uma sábia genitália feminina que respondia a dúvidas de leitores homens num estilo espirituoso e, às vezes, sibilino. Hugh Hefner topou com o nome de Luce na cobertura da imprensa sobre uma manifestação por liberdade sexual. Seis estudantes de Columbia tinham feito uma orgia numa barraca armada no gramado central do campus, e, quando perguntado sobre o que achava de tal atividade em ambiente universitário, o prof.

Peter Luce, 46, teve a seguinte declaração reproduzida: "Sou a favor das orgias, onde quer que elas aconteçam". A frase chamou a atenção de Hef. Sem pretender replicar a coluna Me Chame de madame, de Xaviera Hollander, na *Penthouse*, Hefner pretendia que a colaboração de Luce fosse voltada aos aspectos científicos e históricos do sexo. Assim, nas três primeiras edições, a Vulva Oracular abordou a arte erótica do pintor japonês Hiroshi Yamamoto, a epidemiologia da sífilis e a vida sexual de Santo Agostinho. A coluna mostrou apelo popular, embora perguntas inteligentes fossem sempre difíceis de aparecer, já que os leitores eram mais interessados nas "Dicas da Playboy" sobre sexo oral ou tratamentos para ejaculação precoce. Hefner acabou pedindo a Luce que formulasse ele próprio as questões, o que mais do que agradou o médico.

Peter Luce tinha ido ao *Phil Donahue* com dois hermafroditas e um transexual para discutir os aspectos médico e psicológico dos casos. No programa em questão, Donahue afirmou: "Lynn Harris nasceu e foi criado como menina. Você ganhou o concurso de Miss Newport Beach, no nosso tradicional Condado de Orange, na Califórnia, em 1964? Rapaz, espera só o pessoal lá saber disso. Você viveu como mulher até os vinte e nove anos de idade, então passou a viver como homem. E ele tem características anatômicas tanto de homem quanto de mulher. Que eu caia morto se estiver contando uma mentira".

Donahue disse também: "Mas vejam que isso pode não ter graça. Essas pessoas, filhos e filhas de Deus, únicos e insubstituíveis, todos seres humanos, querem que vocês saibam, entre outras coisas, que é exatamente isso que eles são: seres humanos".

Certas mutações genéticas ou hormonais tornavam muito difícil, às vezes, determinar o sexo de um recém-nascido. Confrontados com uma criança assim, os espartanos a abandonavam à morte

numa montanha rochosa. Os próprios ancestrais de Luce, os ingleses, não gostavam nem de mencionar o assunto, e talvez nunca tivessem chegado a fazê-lo, não fosse o inconveniente de que genitálias misteriosas perturbavam o funcionamento tranquilo das leis de herança. Lorde Coke, o grande jurista britânico do século XVII, tentou resolver o problema de quem herdaria propriedades declarando que uma pessoa deveria “ser homem ou mulher, o que se determinará pelo sexo que de fato prevaleça”. Mas, claro, não especificava nenhum método preciso para determinar que *fato* faria prevalecer um ou outro. Durante a maior parte do século XX, a medicina usou o mesmo critério primitivo de diagnóstico do sexo formulado por Klebs em 1876. Klebs sustentava que o tecido gonadal de uma pessoa determinaria seu sexo. Em casos de ambiguidade de gênero, examinava-se o tecido gonadal ao microscópio. Se fosse testicular, o indivíduo era homem; se ovariano, era mulher. As gônadas, segundo o argumento, é que comandariam o desenvolvimento sexual, especialmente na puberdade. Acontece que a coisa era mais complicada que isso. Klebs tinha começado o trabalho, mas o mundo teria de esperar outros cem anos para que Peter Luce surgisse e pudesse concluí-lo.

Em 1955, Luce publicou um artigo intitulado “Muitos caminhos levam a Roma: conceitos sexuais de hermafroditismo humano”. No texto, vinte e cinco páginas de um estilo direto e eloquente, Luce argumentava que o gênero é determinado por uma variedade de influências: sexo cromossômico; sexo gonadal; hormônios; estruturas genitais internas; genitais externos; e, mais importante, pelo sexo de criação. Baseando-se em pesquisas com pacientes da clínica de endocrinologia pediátrica do Hospital de Nova York, Luce conseguiu compilar dados que mostravam como agiam esses vários fatores, provando que o sexo gonadal de um paciente com frequência não determinava sua identidade de gênero. O artigo teve

grande impacto. Em questão de meses, praticamente todo mundo havia abandonado o critério de Klebs em favor dos critérios de Luce.

Na esteira desse sucesso, Luce ganhou a oportunidade de abrir a Unidade Psico-Hormonal do Hospital de Nova York. Naquela época, seus pacientes eram, na maioria, crianças com a síndrome adrenogenital. Descobriam-se que o hormônio cortisol, recentemente sintetizado em laboratório, interrompia a virilização pela qual essas meninas geralmente passavam na adolescência, permitindo que se tornassem mulheres normais. Os endocrinologistas administravam o cortisol e Luce supervisionava o desenvolvimento psicosssexual das meninas. O médico aprendeu um bocado. Depois de uma década de pesquisa sólida e original, Luce fez sua segunda grande descoberta: a de que a identidade de gênero é definida muito cedo na vida do indivíduo, mais ou menos aos dois anos de idade. O gênero seria como a língua materna; não existiria antes do nascimento, mas, impresso no cérebro durante a infância, nunca mais se apagaria. A criança aprende a falar masculino ou feminino do mesmo jeito que aprende a falar inglês ou francês.

Luce publicou sua teoria em 1967, num artigo no *The New England Journal of Medicine* intitulado "Definição precoce da identidade de gênero: a idade-limite". Depois disso, sua reputação foi à estratosfera. Os recursos para pesquisa afluíram da Fundação Rockefeller, da Fundação Ford e de institutos governamentais. Foi uma época muito boa para os sexólogos. A Revolução Sexual proporcionava novas oportunidades para o pesquisador do sexo que quisesse empreender. Era uma questão de interesse nacional, já havia alguns anos, investigar os mecanismos do orgasmo feminino. Ou sondar as razões psicológicas por que alguns homens se exibiam em público. Em 1968, o dr. Luce abriu a Clínica de Disfunções Sexuais e Identidade de Gênero. Luce tratava quem aparecesse: meninas adolescentes com a deformidade do pescoço alado,

causada pela síndrome de Turner, e que tinham apenas um cromossomo sexual, um solitário X; beldades de pernas compridas sofrendo da síndrome de insensibilidade aos andrógenos; ou meninos XXY, que tendiam a ser isolados e sonhadores. Quando nasciam bebês com genitália ambígua no hospital, o dr. Luce era chamado para discutir a questão com pais desnorteados. Luce acolhia transexuais também. Todo mundo frequentava a clínica, o que significava que o médico tinha à disposição um volume de material de pesquisa — e de espécimes vivos e respirando — que nenhum outro cientista jamais tivera.

E agora lá estava eu, também à disposição. Na sala de exames, ele pediu que eu tirasse minhas roupas e vestisse uma camisola de papel. Depois de colher um pouco de sangue (uma seringa só, felizmente), mandou que eu me deitasse numa mesa com as pernas para cima, em apoios. Dividindo a mesa em dois, havia uma cortina verde-clara, da mesma cor da camisola, que podia ser fechada a fim de isolar a parte de cima do meu corpo da parte de baixo. Luce não a fechou naquele primeiro dia. Somente mais tarde, quando havia uma plateia.

“Isso não deve doer, mas talvez provoque uma sensação estranha.”

Fiquei olhando para o alto, para o anel de luz no teto. Luce tinha ainda outra lâmpada, num suporte que ajustou conforme a necessidade. Podia sentir o calor dessa segunda luz enquanto ele me apalpava e apertava.

Nos primeiros minutos, mantive a concentração no círculo de luz no alto, mas por fim, recolhendo o queixo, olhei para baixo e vi que Luce segurava a flor de açafreão entre o polegar e o indicador. Esticava para fora com uma das mãos e media com a outra. Em

seguida, largando a régua, tomou notas. Não parecia chocado ou espantado. Na verdade, realizava o exame com grande curiosidade, quase que com uma postura de *connaisseur*. Havia um quê de admiração ou apreciação no seu rosto. Fez anotações durante o exame, mas não jogou conversa fora comigo. Sua concentração era intensa.

Passado algum tempo, ainda agachado no meio das minhas pernas, Luce virou a cabeça à procura de outro instrumento. Entre meus joelhos elevados, surgiu sua orelha, um órgão impressionante e todo peculiar, um caracol em alto-relevo, translúcido sob o brilho das luzes. Essa orelha estava muito próxima de mim. Pareceu, por um momento, que Luce me escutava na fonte. Como se algum enigma estivesse sendo transmitido a ele do meio das minhas pernas. Mas então ele encontrou o que estava procurando e se voltou para mim novamente.

Começou a introduzir o instrumento.

“Relaxe”, disse.

Aplicou um lubrificante e se aproximou mais.

“Relaxe.”

Havia um laivo de irritação, de comando, na sua voz. Respirei fundo e fiz o melhor que podia. Por um momento, a sensação foi meramente de estranheza, como ele havia sugerido. Mas logo senti uma dor aguda me trespassar. De um golpe me retraí e soltei um grito.

“Desculpe.”

Seguiu adiante com o exame, porém. Pousou uma das mãos na minha pélvis para me manter imóvel. Entrou mais fundo, embora evitando o local dolorido. Meus olhos se encheram de lágrimas.

“Quase no fim”, ele disse.

Mas estava só no começo.

O principal imperativo, em casos como o meu, era não deixar dúvidas quanto ao gênero da criança em questão. Não se deveria dizer aos pais de um recém-nascido: "Seu bebê é um hermafrodita". Mas: "Sua filha nasceu com um clitóris um pouco maior do que o de uma menina normal. Vamos precisar de uma cirurgia para deixá-lo do tamanho certo". Luce sentia que os pais não eram capazes de assimilar uma designação ambígua de gênero. Era preciso dizer se o bebê era menino ou menina. O que significava que, antes de qualquer coisa ser dita, era preciso saber qual dos gêneros prevaleceria.

No meu caso, Luce ainda não tinha como saber. Recebera do Hospital Henry Ford, em Detroit, os resultados dos exames endocrinológicos, e portanto sabia do meu cariótipo XY, dos altos níveis de testosterona no meu plasma e da ausência de dihidrotestosterona no meu sangue. Em outras palavras, antes mesmo de me conhecer, Luce teria sido capaz de arriscar com alguma certeza que eu era um pseudo-hermafrodita masculino — geneticamente masculino, mas aparentando o contrário, em virtude da síndrome de deficiência da 5-alfa-redutase. Mas isso, de acordo com a teoria de Luce, não significava que minha identidade de gênero fosse masculina.

O fato de eu estar na adolescência complicava as coisas. Além de fatores cromossômicos e hormonais, Luce precisava levar em conta meu sexo de criação, ou seja, o *feminino*. Suspeitava que a massa de tecidos que tinha apalpado dentro de mim fosse testicular. Não podia ter certeza, porém, até que examinasse uma amostra ao microscópio.

Tudo isso deve ter passado pela cabeça de Luce enquanto ele me conduzia de volta à sala de espera. O médico me disse que queria conversar com meus pais e, assim que terminasse, eles viriam me

encontrar ali fora. A intensidade tinha diminuído e ele estava bonachão de novo, sorrindo e me dando tapinhas nas costas.

No consultório, sentou-se em sua cadeira Eames, encarou Milton e Tessie e ajeitou os óculos.

“Sr. Stephanides, sra. Stephanides, vou ser franco. O caso é complicado. Quando digo complicado, não quero dizer irremediável. Temos uma gama de tratamentos eficazes para casos do tipo. Mas, antes de começar qualquer tratamento, há algumas questões para as quais preciso de respostas.”

Minha mãe e meu pai, embora sentados a apenas alguns centímetros um do outro durante a explanação, ouviram coisas diferentes. Milton ouviu as palavras que foram ditas. Ouviu “tratamentos” e “eficazes”. Tessie, por sua vez, ouviu as palavras que não foram ditas. O médico não dissera meu nome, por exemplo. Não dissera “Calíope” ou “Callie”. Tampouco dissera “filha”. Não tinha usado pronome nenhum.

“Vou precisar realizar mais testes”, prosseguiu Luce. “Vou precisar de uma avaliação psicológica completa. Uma vez de posse de todas as informações necessárias, terei condições de voltar a discutir com vocês alguma linha de tratamento.”

Milton já balançava a cabeça. “E qual seria o cronograma, mais ou menos, doutor?”

Luce projetou um pensativo lábio inferior. “Quero refazer os exames de laboratório, só pra ter certeza. Esses resultados saem amanhã. A avaliação psicológica demora mais. Vou precisar ver a criança de vocês todos os dias durante pelo menos uma semana, talvez duas. Também ajudaria se vocês pudessem me ceder fotos da infância ou filmagens de família que por acaso tenham.”

Milton virou para Tessie: “Quando começam as aulas da Callie?”

Tessie não ouviu. Tinha se distraído por causa da expressão usada por Luce: “a criança de vocês”.

“Que tipo de informação o senhor está buscando, doutor?”, minha mãe perguntou.

“Os exames de sangue vão revelar os níveis hormonais. A avaliação psicológica é rotina em casos como esse.”

“O senhor acha que é alguma coisa com os hormônios?”, quis saber Milton. “Um desequilíbrio hormonal?”

“Vamos saber assim que, no devido tempo, eu tiver feito o que preciso fazer”, disse Luce.

Meu pai ficou de pé e apertou a mão do médico. A consulta estava encerrada.

Lembre-se: fazia anos que nem Milton nem Tessie me viam sem roupa. Como poderiam saber? E, sem saber, como imaginar? As informações de que dispunham eram tudo coisas secundárias — minha voz rouca, meu peito liso — que estavam longe de ser persuasivas. Alguma coisa hormonal. Poderia não ser nada mais grave que isso. Era no que acreditava, ou queria acreditar, meu pai, tentando, no mesmo passo, convencer Tessie.

De minha parte, eu resistia também. “Por que ele precisa fazer uma avaliação psicológica?”, perguntei. “Até parece que eu sou louca.”

“O médico falou que é rotina nesses casos.”

“Mas por quê?”

Com essa pergunta, eu tocava no ponto crucial. Minha mãe alegaria, mais tarde, que teve uma intuição quanto ao verdadeiro motivo da avaliação psicológica, mas decidiu não ir mais fundo. Ou melhor, não decidiu. Deixou Milton decidir por ela. Meu pai preferia tratar o problema de forma pragmática. Não tinha sentido se preocupar com uma avaliação psicológica que só podia confirmar o óbvio: que eu era uma menina normal, equilibrada. “Ele

provavelmente consegue tirar uma grana extra do seguro com esse negócio”, falou Milton. “Sinto muito, Cal, mas você vai ter que passar por isso. Quem sabe ele não cura suas neuroses? Tem alguma? É o momento de botar pra fora.” Ele pôs os braços em volta de mim, me apertou com força e, desajeitado, me beijou na cabeça.

Milton estava tão convencido de que tudo daria certo que, na terça de manhã, voou para a Flórida para tratar de negócios. “Não faz sentido ficar à toa aqui neste hotel”, disse para nós.

“Você está querendo é dar o fora desta espelunca”, falei.

“Que tal uma compensação? Por que você e sua mãe não saem para um jantar chique hoje à noite? Onde vocês quiserem. A gente está economizando uns trocados com este quarto, então as meninas podem esbanjar. Por que você não leva a Cal no Delmonico’s, Tessie?”

“O que é Delmonico’s?”, eu quis saber.

“É uma casa de carnes.”

“Quero lagosta. E sorvete assado”, eu disse.

“E sorvete assado! Talvez eles também tenham lá.”

Milton foi embora, e minha mãe e eu tentávamos gastar o dinheiro dele. Fomos às compras na Bloomingdale’s. Tomamos o sofisticado chá do Plaza. Não chegamos a experimentar o Delmonico’s, preferindo um restaurante italiano perto do Lochmoor onde, a preços módicos, nos sentíamos mais à vontade. Comíamos lá todas as noites, e nos esforçávamos ao máximo para fingir que aquela era uma viagem de férias de verdade. Tessie bebia mais vinho que de costume e se embebedava, e eu ficava esperando que minha mãe fosse ao banheiro para também beber um pouco do vinho dela.

Normalmente, a característica mais expressiva do rosto de Tessie eram os dentes da frente separados. Quando estava me escutando, ela com frequência pressionava a língua contra aquele vão, aquela

portinhola. Era o sinal de que prestava atenção. Minha mãe sempre prestou bastante atenção ao que eu dizia. E, se dissesse alguma coisa engraçada, a língua recuava, a cabeça caía para trás e, na boca bem aberta, lá surgiam eles, os dentes da frente, apartados e ascendentes.

Toda noite eu tentava fazer isso acontecer no restaurante italiano. De manhã, Tessie me levava à clínica para as consultas.

“Quais são seus hobbies, Callie?”

“Hobbies?”

“Tem alguma coisa que você gosta especialmente de fazer?”

“Não sou, na verdade, o tipo de pessoa que se liga em hobbies.”

“E esportes? Você gosta de esportes?”

“Pingue-pongue conta?”

“Vou anotar aqui.” Luce sorriu atrás de sua mesa. Eu ocupava a *chaise* Le Corbusier do outro lado da sala, o corpo largado sobre o couro de vaca.

“E os meninos?”

“O que tem eles?”

“Você gosta de algum menino da escola?”

“Acho que o senhor nunca foi na minha escola, doutor.”

Ele conferiu minha ficha. “Ah, é uma escola só para meninas, não é?”

“Ã-hã.”

“Você sente atração sexual por meninas?” Luce fez a pergunta à queima-roupa. Foi como a pancadinha de um martelo de borracha. Mas reprimi o reflexo.

Ele largou a caneta e encaixou uns nos outros os dedos das duas mãos. Inclinou-se à frente e falou com voz suave: “Quero que você

saiba que isso fica entre nós, Callie. Não vou contar nada do que você disser aqui pros seus pais”.

Vacilei. Luce, em sua cadeira de couro, com seu cabelo compridinho e suas botas de cano curto, era o tipo de adulto com quem um adolescente talvez concordasse em se abrir. Tinha a idade do meu pai, mas era antenado com a geração mais jovem. Queria contar a ele do Objeto. Queria contar a alguém, a qualquer pessoa. Meus sentimentos por ela ainda eram tão fortes que davam um nó na garganta. Mas eu os guardei para mim, sem baixar a guarda. Não acreditava que tudo ali fosse ficar entre nós.

“Sua mãe me disse que você tem uma relação muito próxima com uma amiga”, retomou Luce. Mencionou o nome do Objeto. “Você sente atração sexual por essa amiga? Ou teve relações sexuais com ela?”

“Somos só amigas”, insisti, o tom de voz um pouco exagerado. Tentei de novo, agora num tom mais baixo. “Ela é minha melhor amiga.” Em resposta, Luce ergueu por trás dos óculos a sobrancelha direita, a qual saía da toca como se também quisesse dar uma boa olhada em mim. E então achei uma saída:

“Fiz sexo com o irmão dela”, confessei. “Ela é um pouco mais velho.”

Luce, mais uma vez, não mostrou surpresa, reprovação ou interesse. Fez uma anotação em seu caderno e balançou a cabeça. “E foi bom?”

Aqui eu podia dizer a verdade. “Doeu”, falei. “Além disso, eu estava preocupada se não ia engravidar.”

Luce sorriu consigo mesmo, ainda anotando. “Preocupação desnecessária”, disse.

E assim continuamos. Todos os dias, durante uma hora, eu me sentava no consultório de Luce e falava da minha vida, dos meus sentimentos, dos meus gostos e desgostos. O médico fazia todo tipo

de pergunta. Às vezes, o jeito como eu respondia era tão importante quanto as respostas em si. Ele observava minhas expressões faciais; tomava notas sobre meu estilo de argumentação. Mulheres tendem a sorrir para os interlocutores mais do que homens. Mulheres costumam fazer pausas e buscar sinais de assentimento antes de continuar. Homens simplesmente mantêm o olhar a meia distância e vão em frente. Mulheres preferem o anedótico, homens, os raciocínios dedutivos. Era impossível adotar a linha de trabalho de Luce sem cair em tais estereótipos. O médico sabia das limitações. Mas eles eram clinicamente úteis.

Quando não estava respondendo perguntas, estava escrevendo sobre minha vida e meus sentimentos. Passei a maior parte daqueles dias datilografando o que Luce chamou de minha "Narrativa Psicológica". Essa autobiografia precoce não começava com: "Nasci duas vezes". Aberturas impactantes, retóricas, eram algo que eu ainda teria de aprender a fazer. Meu texto se iniciava, simplesmente, com as palavras: "Meu nome é Calíope Stephanides. Tenho catorze anos. Logo vou fazer quinze". Eu começava com os fatos e seguia com eles até onde era possível.

Canta, ó Musa, como com astúcia Calíope usou aquela estropiada Smith Corona para escrever! Canta o murmúrio e o tremor daquela máquina diante das revelações psiquiátricas de quem escrevia! Canta os dois rolos de fita, um para datilografar, outro para corrigir, que tão eloquentemente representavam a difícil situação da paciente, dividida entre a tinta da genética e o corretivo da cirurgia. E canta o aroma esquisito exalado pela máquina de escrever, mistura de óleo lubrificante e salame, e o adesivo fluorescente que a última pessoa a usá-la tinha colado nela, e a tecla F defeituosa, que ficava enganchada. Naquele modelo recente, mas já em vias de se tornar obsoleto, escrevi mais como filha de algum pastor de Shropshire do que como uma adolescente do Meio-Oeste. Luce publicou o texto

em suas obras reunidas, omitindo meu nome. “Quero falar da minha vida”, dizia o relato, a certa altura, “e das experiências que formam a miríade das minhas alegrias e tristezas neste planeta a que chamamos Terra.” Ao descrever minha mãe, afirmava: “Sua beleza é do tipo que parece ter alento na dor”. Algumas páginas adiante, aparece o subtítulo: “Cáusticas e Capciosas Calúnias da Callie”. Metade do tempo escrevia como uma George Eliot ruim, metade como um Salinger ruim. “Se tem um negócio que eu odeio é televisão.” Mentira: eu adorava tevê! Mas, naquela Smith Corona, rapidamente descobri que contar a verdade não era nem de longe tão divertido quanto inventar histórias. Também sabia que estava escrevendo para um certo público — o dr. Luce — e que, se conseguisse parecer suficientemente normal, talvez ele me mandasse para casa. O que explica as passagens sobre minha paixão por gatos (“afeição felina”), as receitas de torta e meu profundo apego à natureza.

Luce engoliu tudo. Verdade; preciso dar o devido crédito. Luce foi a primeira pessoa que me incentivou a escrever. Toda noite lia o que eu tinha datilografado durante o dia. Não sabia, claro, que eu estava inventando a maior parte do que escrevia, fingindo ser a filha tipicamente americana que meus pais queriam que eu fosse. Ficcionalizei “brincadeiras sexuais” precoces e paixonites por meninos; transferi meu sentimento pelo Objeto para Jerome, e foi incrível como funcionou: o mais minúsculo pedacinho de verdade tornava críveis as maiores mentiras.

Luce, evidentemente, estava interessado no quanto minha prosa revelava em termos de gênero. Mensurava minha *jouissance* em relação à minha linearidade. Reparava nos meus floreios vitorianos, na minha dicção antiquada, no meu decoro de colegial. Tudo isso pesou muito em sua avaliação final.

A pornografia também era usada como ferramenta de diagnóstico. Certa tarde, quando cheguei para minha sessão com o dr. Luce, havia um projetor no consultório. Uma tela tinha sido instalada diante da estante, e as venezianas estavam fechadas. À luz pastosa do ambiente, Luce encaixava o celuloide no carretel do projetor.

“O senhor vai me mostrar de novo aquele filme do meu pai? De quando eu era pequena?”

“Hoje preparei uma coisa um pouco diferente”, disse o doutor.

Sentei no lugar de costume, na *chaise*, braços cruzados atrás, sobre o couro de vaca. O doutor Luce apagou as luzes e logo o filme começou.

Era sobre uma entregadora de pizzas. O título, aliás, era *Annie se entrega a domicílio*. Na primeira cena, Annie, usando shorts jeans e top com a barriga à mostra, estaciona em frente a uma casa de praia e desce do carro. Toca a campainha. Não tem ninguém em casa. Não quer desperdiçar a pizza, então senta à beira da piscina para comer.

A produção era barata. A cena em que entra o rapaz que faria a limpeza da piscina era mal iluminada. Difícil entender o que ele dizia. Mas logo já não estava dizendo mais nada. Annie tinha começado a tirar a roupa. Estava de joelhos. O rapaz também estava nu agora, e em seguida os dois passaram à escada, à piscina, ao trampolim, em vaivéns e contorções. Fechei os olhos. Não me agradavam os tons de carne crua do filme. Aquilo não tinha nem um pouco da beleza das pinturas em miniatura do consultório de Luce.

Em tom direto, a voz saída do meio da escuridão, o doutor perguntou: “Qual dos dois te excita?”

“Oi?”

“Qual dos dois te excita? A mulher ou o homem?”

A verdadeira resposta era nenhum dos dois. Mas a verdade não o deixaria satisfeito.

Fiel à minha história inventada, consegui, baixinho, responder: "O rapaz".

"O rapaz da limpeza da piscina? Isso é bom. Eu mesmo prefiro a moça. Um corpo e tanto." Tendo passado a infância no ambiente protegido de um lar presbiteriano, Luce era agora um homem liberado, sem uma gota de antissexualismo. "Ela tem uns peitos incríveis também", falou. "Você gosta dos peitos dela? Eles te excitam?"

"Não."

"O pinto do cara te excita?"

Fiz que sim, muito de leve, querendo que aquilo terminasse logo. Mas ainda levou um tempo. Annie tinha outras entregas de pizza para fazer. Luce quis assistir a todas.

De vez em quando, ele trazia outros médicos para me ver. Uma típica sessão dessas funcionava assim. Mandavam me chamar na sala dos fundos da clínica, onde eu ficava escrevendo. No consultório de Luce, dois homens de terno estavam à espera. Ficavam de pé ao me ver entrar. Luce nos apresentava. "Callie, quero que você conheça o dr. Craig e o dr. Winters."

Os médicos apertavam minha mão. Era a primeira informação que colhiam: meu aperto de mão. O dr. Craig tinha um aperto de mão forte, o dr. Winter, nem tanto. Tomavam o cuidado de não parecer muito afoitos. Como costumam fazer os homens quando são apresentados a uma modelo, os dois desviavam o olhar do meu corpo, fingindo interesse em mim como pessoa. Luce falava: "A Callie está com a gente aqui na clínica há mais ou menos uma semana".

"E está gostando de Nova York?", perguntava o dr. Craig.

"Mal consegui ver alguma coisa."

Os médicos davam sugestões de lugares para visitar na cidade. A atmosfera era leve, amistosa. Luce punha a mão na base das minhas costas. Os homens têm um jeito irritante de fazer isso. Tateiam ali como que para encontrar a alça pela qual vão nos levar para onde quiserem. Ou então pousam a mão no topo da cabeça da gente, paternais. Os homens e suas mãos. É preciso ficar de olho o tempo todo. O que a mão de Luce proclamava naquele momento era: aqui está ela. Minha atração maior, minha estrela. E o mais terrível era que eu correspondia; gostava da sensação daquela mão nas minhas costas. Gostava da atenção que recebia. Aquelas pessoas todas querendo me conhecer.

Não demorava muito e a mão de Luce estava me conduzindo pelo corredor até a sala de exames. Eu já sabia o roteiro. Atrás do biombo, eu me despia, enquanto os médicos aguardavam. A camisola de papel verde estava dobrada numa cadeira.

"A família é de onde, Peter?"

"Da Turquia, originalmente."

"Só conheço o estudo da Papua-Nova Guiné", dizia Craig.

"Sobre os Sambia, é isso?", perguntava Winters.

"Isso mesmo", respondia Luce. "Lá também é alta a incidência da mutação. Os Sambia são interessantes, do ponto de vista sexológico. Praticam a homossexualidade ritualizada. Os homens da etnia consideram altamente profano o contato com mulheres. Então se organizaram em estruturas que limitam ao máximo essa exposição. Homens e meninos dormem de um lado da aldeia, mulheres e meninas do outro. Os homens só vão ao abrigo das mulheres para procriar. Entram e saem em seguida. Aliás, a palavra Sambia para 'vagina' se traduz literalmente por 'aquela coisa verdadeiramente ruim'."

Discretas sacudidelas de riso do outro lado do biombo.

Era esquisito sair dali de trás. Todo mundo na sala era mais baixo que eu, embora eu pesasse muito menos. Sentia o chão frio sob os pés descalços ao cruzar a sala até a mesa de exame e subir nela.

Eu me deitava de costas. Sem que precisassem me dizer nada, erguia as pernas e encaixava os calcanhares nos apoios ginecológicos. Um silêncio funesto baixava no ambiente. Os três médicos se aproximavam, olhos baixos. Suas cabeças formavam uma trindade sobre mim. Luce fechava a cortina que dividia a mesa.

Eles se inclinavam para estudar minha partes, enquanto Luce conduzia a visita guiada. Eu não sabia o que significava a maioria das palavras, mas, depois da terceira ou quarta vez, já era capaz de recitá-las de cor. "Habitus muscular... ausência de ginecomastia... hipospadia... cavidades urogenitais... bolsa vaginal cega..." Eram esses meus trunfos para a fama. Mas eu não sentia que era uma celebridade. Ali, atrás da cortina, tinha a sensação de nem estar mais na sala, na verdade.

"Quantos anos ela tem?", queria saber o dr. Winters.

"Catorze", respondia Luce. "Faz quinze em janeiro."

"Então você defende que o status cromossômico foi totalmente superado pela criação?"

"Acho que fica bastante claro."

Enquanto ficava ali, deixando que Luce, mãos enfiadas em luvas de borracha, fizesse o que tinha de fazer, eu começava a ter noção de algumas coisas. Luce queria mostrar àqueles homens a relevância de seu trabalho. Precisava de recursos para manter a clínica em funcionamento. A cirurgia que oferecia aos transexuais não contava muitos pontos com a Fundação March of Dimes. Para gerar interesse, era preciso mexer com os sentimentos daquele pessoal. Dar uma cara para o sofrimento. Era o que Luce tentava fazer comigo. Uma menina perfeita, tão educada, tão típica do Meio-Oeste. Não havia nada em mim que não fosse socialmente

adequado, nada que sugerisse bares frequentados por travestis ou anúncios na contracapa de revistas de gosto duvidoso.

O dr. Craig não estava convencido. “Um caso fascinante, Peter. Sem dúvida. Mas os financiadores vão querer saber da aplicação prática.”

“É um caso muito raro”, admitiu Luce. “Raríssimo. Mas, em termos de pesquisa, é de uma importância que não se pode subestimar. Pelas razões que mencionei antes, no consultório.” Luce era vago, em consideração a mim, mas bastante convincente, ainda assim, para os dois colegas. Não teria chegado até ali se não tivesse um certo talento para lobista. Enquanto isso, lá estava e não estava eu, o corpo retraído a cada toque de Luce, a pele arrepiada, e na cabeça uma preocupação: se tinha me lavado direito.

Lembro ainda do seguinte: uma sala comprida e estreita em outro andar do hospital. Um estrado montado numa das extremidades, debaixo de um refletor. O fotógrafo colocando filme na máquina.

“Ok, estou pronto”, ele dizia.

Deixava cair o roupão. Já tinha quase me acostumado àquilo, então subia no estrado, o quadro de medições às minhas costas.

“Encolha os braços um pouquinho.”

“Assim?”

“Está bom. Não quero que eles façam sombra.”

Não me mandava sorrir. Os editores do livro-texto certamente tomariam o cuidado de não mostrar meu rosto. A tarja preta: uma folha de parreira às avessas, escondendo a identidade para deixar à mostra as vergonhas.

Milton ligava toda noite no quarto do hotel. Tessie fingia uma voz animada. Milton tentava soar alegre quando eu pegava o telefone. Mas eu aproveitava a chance para choramingar e reclamar.

“Estou de saco cheio deste hotel. Quando é que a gente pode ir pra casa?”

“Assim que você melhorar”, dizia Milton.

Na hora de dormir, fechávamos as cortinas e apagávamos as luzes.

“Boa noite, querida. Te vejo de manhã.”

“Boa noite.”

Mas não conseguia dormir. Ficava pensando naquela palavra: “melhorar”. O que meu pai queria dizer? O que é que iam fazer comigo? Os sons da rua chegavam ao quarto, curiosamente nítidos, ecoando no concreto do prédio em frente. Eu escutava as sirenes de polícia, buzinas furiosas. Meu travesseiro era fino. Cheirava a cinzeiro. Ao lado, uma faixa de carpete a nos separar, estava minha mãe, já dormindo. Antes da minha concepção, ela havia concordado com o plano maluco do meu pai para determinar meu sexo. Fizera isso porque não queria ficar sozinha, queria uma menina na casa para ser sua companheira. E eu fui essa companheira. Sempre tivemos bastante proximidade. Nossos temperamentos eram parecidos. Não tinha nada de que gostássemos mais do que de nos sentar em algum banco de parque e ver os rostos que passavam. Agora era o rosto de Tessie que eu observava na outra cama. O aspecto era pálido, vazio, como se o demaquilante tivesse tirado dali não só a maquiagem, mas também a personalidade da minha mãe. Os olhos de Tessie se moviam, porém; debaixo das pálpebras, deslizavam para lá e para cá. Callie não era capaz de imaginar, naquela época, as coisas que Tessie via em seus sonhos. Mas eu sou. Tessie sonhava um sonho de família. Uma versão dos pesadelos que assombravam Desdêmona depois de escutar os sermões de Fard. *Sonhava com as primeiras células de um bebê borbulhando e se dividindo. Com criaturas medonhas que se desenvolviam a partir de uma espuma de cor pálida.* Tessie não se permitia pensar nessas

coisas durante o dia, então era à noite que emergiam. Teria sido culpa dela? Deveria ter resistido à ideia de Milton de dobrar a natureza à vontade dos dois? Haveria mesmo, no fim das contas, um Deus que punia as pessoas na Terra? Essas superstições do Velho Mundo tinham sido banidas da mente consciente da minha mãe, mas continuavam a operar em seus sonhos. Da outra cama, eu via o jogo dessas forças obscuras sobre o rosto adormecido da minha mãe.

# Consulta ao dicionário

Eu me virava e me debatia todas as noites, com o sono entrecortado. Era como na história da princesa e da ervilha. Um grão de inquietação não me permitia ter tranquilidade. Às vezes eu acordava com a sensação de que tinha dormido com um refletor apontado para mim. Parecia que meu corpo etéreo estivera conversando com anjos em algum lugar ali no alto, perto do teto. Quando eu abria os olhos, eles fugiam. Mas ainda conseguia ouvir os vestígios daquela comunicação, os ecos evanescentes do sino de cristal. Alguma informação essencial que subia das profundezas do meu ser. E essa informação ficava na ponta da língua, mas nunca emergia. Uma coisa era certa: tudo isso tinha ligação com o Objeto, de alguma forma. Na cama, sem conseguir dormir, eu pensava nela, me perguntando como ela estava, morrendo por ela, sofrendo.

Pensava em Detroit também, em seus terrenos baldios onde brotava o capim pálido de Osíris entre as casas condenadas e aquelas ainda não condenadas, e no rio com seus despejos industriais, as carpas mortas boiando na superfície, barrigas brancas à deriva. Pensava nos pescadores nos atracadouros dos cargueiros, com seus baldes de iscas e latas grandes de cerveja, escutando beisebol no rádio. Frequentemente a gente ouve que uma experiência traumática nos primeiros anos de vida marca uma

pessoa para sempre, como que tirando-a da fila e dizendo: "Fique aqui. Não se mexa". Aquele período na clínica fez isso comigo. Sinto que há uma linha direta conectando aquela menina cujos joelhos, debaixo dos cobertores do hotel, apontavam para o teto do quarto e essa pessoa que hoje, acomodada numa cadeira Aeron, escreve. A tarefa da menina era viver uma vida mítica no mundo real, a minha, contar agora esta história. Aos catorze anos, eu não tinha os recursos, não sabia o bastante, ainda não visitara a montanha na Anatólia que os gregos chamam de Olimpo e os turcos de Uludag, como a marca de refrigerante. Ainda não tinha idade suficiente para perceber que viver conduz a gente não ao futuro, mas ao passado, à infância e a antes do nascimento até, enfim, a comunhão com os mortos. A gente envelhece, sobe as escadas ofegante, entra no corpo do pai. Dali, é só um pulinho até os avós, e então, antes que se dê conta, está viajando no tempo. Avançamos para trás nesta vida. São sempre os turistas de cabelos grisalhos em ônibus italianos que têm algo a nos dizer sobre os etruscos.

No fim, Luce levou duas semanas para se definir a meu respeito. Marcou uma conversa com meus pais para a segunda-feira seguinte.

Durante aquelas duas semanas, Milton não tinha parado de viajar, conferindo como iam os negócios nas franquias da rede Hércules, mas voou para Nova York na sexta-feira anterior à conversa com Luce. Passamos o fim de semana fazendo um turismo desanimado, enquanto éramos acossados por silenciosas aflições. Na segunda de manhã, meus pais me deixaram na Biblioteca Pública de Nova York e foram ver o dr. Luce.

Meu pai se vestiu com especial cuidado para a ocasião. Apesar da aparência de tranquilidade, Milton se sentia oprimido por um pavor a que não estava acostumado, e então envergou a armadura de seus trajes mais intimidantes: sobre seu corpo rechonchudo, um terno de risca de giz em tom grafite; no pescoço de sapo-boi, uma gravata

Countess Mara; e, ornando as casas dos botões da camisa, o "amuleto" de suas abotoaduras Teatro Grego. Assim como nosso abajur Acrópole, as abotoaduras tinham sido compradas na loja de suvenires de Jackie Halas, em Greektown. Milton as usava sempre que tinha reuniões com gerentes de banco para tratar de empréstimos ou com auditores fiscais. Naquela manhã de segunda, porém, teve dificuldades para colocar as abotoaduras; as mãos tremiam. Exasperado, pediu a Tessie que as colocasse. "Qual é o problema?", ela perguntou, meiga. Mas Milton respondeu ríspido: "Só coloque pra mim as abotoaduras, tá?". Estendeu os braços para minha mãe, desviando os olhos, constrangido por aquela fraqueza do corpo.

Quieta, Tessie ajeitou as duas abotoaduras, tragédia numa manga, comédia na outra. Quando saímos do hotel, naquela manhã, elas reluziam à luz do primeiro sol matinal e, sob a influência daquelas duas pequenas peças de sentidos opostos, o que aconteceu em seguida ganhou tons contrastantes. Havia algo de trágico, certamente, na expressão de Milton quando desembarquei na biblioteca. Durante o tempo em que estivera fora, a imagem que meu pai fazia de mim tinha voltado a ser a de um ano antes. Agora ele encarava a Cal real outra vez. Observou meus movimentos desajeitados ao subir os degraus da biblioteca, meus ombros largos cobertos pelo casaco da Papagallos. Vendo tudo do táxi, Milton ficou cara a cara com a essência da tragédia, algo que já está determinado antes do nascimento, de que não se pode escapar nem é possível fazer nada a respeito, não importa o quanto se tente. E Tessie, tão habituada a sentir o mundo através do marido, viu que meu problema estava piorando, avançando mais rápido. Os corações dos dois estavam retorcidos de angústia, da angústia de ter filhos, uma vulnerabilidade tão espantosa quanto a capacidade de amar que ser mãe ou pai traz, num peculiar par de abotoaduras...

... Mas agora, enquanto o táxi arrancava, Milton estava limpando o suor da testa com seu lenço; e a máscara sorridente de sua manga direita ficou à vista, pois também houve um lado cômico nos acontecimentos daquele dia. Houve comédia no modo como Milton, ainda preocupado comigo, tinha um olho atento ao taxímetro que disparava. Na clínica, houve comédia no modo como Tessie, ao apanhar distraída uma revista da sala de espera, se pegou lendo um artigo sobre as brincadeiras que servem de ensaio para a vida sexual entre os macacos reso. A própria empreitada dos meus pais, ali, chegava a ter um toque ácido de sátira, pois era típica da crença americana de que tudo pode ser resolvido pela medicina. Toda essa comédia é retrospectiva, porém. Enquanto Milton e Tessie esperavam para falar com o dr. Luce, uma espuma quente subia de seus estômagos. Milton recordava seu tempo na Marinha, seus dias naquela lancha de desembarque. Era a mesma coisa agora. A qualquer momento, a portinhola se abriria e eles seriam obrigados a mergulhar na revolteante arrebentação noturna...

No consultório, Luce foi direto ao ponto. "Permitam-me repassar alguns fatos do caso da filha de vocês", disse. Tessie notou imediatamente a mudança. Filha. Ele tinha dito "filha".

O sexólogo fazia a figura reconfortante do médico, naquela manhã. Usava um jaleco branco de verdade sobre o suéter em caxemira de gola rulê. Na mão, um bloco de anotações. A esferográfica exibia o nome de uma companhia farmacêutica. As venezianas estavam fechadas, a luz, baixa. Recatados, os casais das miniaturas persas se escondiam à sombra. Sentado em sua cadeira de grife, com tomos e pilhas de periódicos ao fundo, o dr. Luce parecia muito sério e cheio de expertise, e o que ele dizia também. "O que estou desenhando aqui", começou a explicar, "são as estruturas genitais do feto. Em outras palavras, é essa a aparência dos genitais de um bebê no útero, nas primeiras semanas depois da

concepção. Menino ou menina, é a mesma coisa. Esses dois círculos aqui são o que chamamos de gônadas neutras. E esse rabisco é o ducto de Wolff. Esse outro, o de Müller. Ok? O que a gente deve ter em mente é que todo mundo passa por esse estágio inicial. Todos nós nascemos com potencial para desenvolver partes de menino e partes de menina. Vocês, sr. Stephanides e sra. Stephanides, eu — todo mundo. Então” — ele voltou a desenhar — “à medida que o feto se desenvolve no útero, o que acontece é que hormônios e enzimas são liberados — são essas setas que vou desenhar aqui. E o que fazem esses hormônios e enzimas? Ora, são eles que transformam os círculos e rabiscos em partes de menino ou de menina. Estão vendo esse círculo, a gônada neutra? Pode se tornar tanto um ovário quanto um testículo. E esse ducto de Müller rabiscado aqui pode tanto encolher” — o médico rascunhou o movimento — “quanto se expandir para formar um útero, tubas uterinas e a parte interna de uma vagina. O ducto de Wolff pode, também, tanto encolher quanto se expandir e virar uma vesícula seminal, um epidídimo e um canal deferente. Tudo vai depender da influência dos hormônios e das enzimas.” Luce olhou para os meus pais e sorriu. “Vocês não precisam se preocupar com a terminologia. O essencial a ser lembrado disso tudo é que todo bebê tem as estruturas de Müller, as quais potencialmente são partes de menina, e as estruturas de Wolff, de menino. São genitais internos. Mas a mesma coisa vale para os genitais *externos*. Um pênis é apenas um clitóris bem grande. Ambos se desenvolvem a partir de uma raiz comum.”

O dr. Luce interrompeu mais uma vez a explanação. Cruzou as mãos. Meus pais, inclinados à frente, aguardavam.

“Conforme expliquei, qualquer definição de gênero precisa levar em conta uma série de fatores. O mais importante, no caso da filha de vocês” — e ali surgia novamente a palavra, pronunciada com

segurança —, “é que, durante catorze anos, ela foi criada como menina e, aliás, vê a si mesma assim. Seus interesses, suas atitudes, sua constituição psicosexual — tudo nela é feminino. Estão acompanhando meu raciocínio?”

Milton e Tessie fizeram que sim.

“Devido a uma deficiência da 5-alfa-redutase, o corpo da Callie não produz a dihidrotestosterona. Isso significa que, no útero, ela desenvolveu basicamente as características de indivíduo do sexo feminino. Em especial em termos de genitália externa. Esse fato, somado ao de ter sido criada como menina, fez com que ela tivesse uma aparência feminina e pensasse e agisse como menina. O problema começou quando ela entrou na puberdade. Nessa fase, o outro andrógeno — a testosterona — passa a atuar fortemente. Trocando em miúdos: a Callie é uma menina com hormônios masculinos em excesso. E queremos corrigir isso.”

Nem Milton nem Tessie disseram uma palavra. Não estavam conseguindo entender tudo que o médico dizia, mas, como se costuma fazer diante de um, prestavam atenção a sua atitude, tentando medir a gravidade da situação. Luce parecia otimista, confiante, e Tessie e Milton se encheram de esperanças.

“Em termos biológicos, é isso. Trata-se, aliás, de uma mutação genética muito rara. Até onde se sabe, as únicas populações em que essa mutação se manifestou estão na República Dominicana, na Papua-Nova Guiné e no sudeste da Turquia. Não muito longe do vilarejo de onde saíram os pais de vocês. Uns quinhentos quilômetros dali, na verdade.” Luce tirou os óculos prateados. “Vocês sabem de algum membro da família que talvez tivesse genitais com a mesma aparência?”

“Não que a gente saiba”, disse Milton.

“Em que ano seus pais emigraram?”

“1922.”

“Vocês ainda têm algum parente vivendo na Turquia?”

“Não mais.”

Luce pareceu decepcionado. Tinha introduzido na boca uma das hastes dos óculos e a mastigava. Possivelmente imaginava como seria descobrir uma população inteira de portadores da mutação de 5-alfa-redutase. Teve de se contentar com a descoberta única que era eu.

Voltou a colocar os óculos. “O tratamento que eu recomendaria para a filha de vocês tem duas etapas. Primeiro, a das injeções de hormônios. Depois, a da cirurgia cosmética. Os hormônios extras vão dar início ao desenvolvimento dos seios e reforçar as características femininas secundárias. A cirurgia vai proporcionar à Callie a aparência exata da menina que, desde sempre, ela sente que é. O interior e o exterior vão ficar em conformidade. Ela então parecerá uma menina normal. Ninguém terá como dizer nada em contrário. E a Callie vai poder seguir em frente e aproveitar a vida.”

Milton ainda estava com a testa enrugada de concentração, mas de seus olhos vinha uma luz, raios de alívio. Ele se virou para Tessie, dando-lhe pancadinhas na perna.

Minha mãe, porém, voz tímida e embargada, perguntou: “Ela vai poder ter filhos?”

Luce fez uma pausa de um segundo. “Sinto, mas não, sra. Stephanides. A Callie nunca chegará a menstruar.”

“Mas faz alguns meses, já, que ela está menstruando”, protestou Tessie.

“Sinto, mas isso é impossível. Talvez tenha sido um sangramento de algum outro tipo.”

Tessie desviou os olhos rasos d’água.

“Acabei de receber um cartão-postal de uma ex-paciente”, contou Luce, procurando consolá-la. “Ela tinha um problema parecido com o da filha de vocês. Hoje está casada. Ela e o marido adotaram duas

crianças e estão muito felizes. Ela toca na Orquestra de Cleveland. Fagotista.”

Houve um silêncio, até a pergunta de Milton: “É isso, doutor? O senhor faz essa cirurgia e podemos levar a Callie pra casa?”.

“Talvez a gente precise de cirurgias adicionais mais adiante. Mas a resposta imediata pra sua pergunta é: sim. Após o procedimento, ela pode ir.”

“Quanto tempo vai ficar internada?”

“Uma noite só.”

Não foi uma decisão difícil, especialmente depois da explanação de Luce. Uma única cirurgia e algumas injeções encerrariam o pesadelo e devolveriam aos meus pais sua filha, sua Calíope, intacta. A mesma tentação que tinha levado meus avós a fazerem o impensável agora se oferecia a Milton e Tessie. Ninguém iria saber de nada. Nunca ninguém iria saber.

Enquanto meus pais assistiam a um curso-relâmpago sobre gonadogênese, eu — oficialmente ainda Calíope — também fazia um pouco de lição de casa. Na Sala de Leitura da Biblioteca Pública de Nova York, consultava o dicionário. O dr. Luce tinha razão de achar que eu não entenderia nada de suas conversas com colegas médicos e estudantes de medicina. Eu não sabia, de fato, o que significava “5-alfa-redutase”, ou “ginecomastia”, ou “canal inguinal”. Mas, ao mesmo tempo, Luce subestimava meus talentos. Não levou em conta o currículo rigoroso da minha escola particular. Não percebeu minhas excelentes habilidades para o estudo e a pesquisa. Acima de tudo, não considerou o poder das minhas professoras de latim, a srta. Barrie e a srta. Silber. De modo que agora, transitando de uma mesa de leitura a outra, os mocassins guinchando no assoalho e alguns dos homens presentes erguendo os olhos de seus livros para

logo voltarem à leitura (o mundo já não tinha mil olhos), eu escutava a voz da srta. Barrie em meu ouvido: "Crianças, definam pra mim a seguinte palavra: 'hipospádico'. Usem as raízes latinas ou gregas que vocês conhecem".

E a alunazinha na minha cabeça se remexia na carteira, a mão levantada. "Pois não, Calíope?" A srta. Barrie me autorizava a responder.

"*Hypo*. Em plano inferior ou abaixo. Como em 'hipodérmico'."

"Brilhante. E *spadias*?"

"É, é..."

"Alguém pode ajudar nossa pequena musa?"

Mas, na sala de aula do meu cérebro, ninguém podia ajudar. Pois era essa a razão de eu estar ali. Porque sabia que o que eu tinha ficava num plano inferior ou abaixo, mas não sabia o que era.

Nunca tinha visto um dicionário tão grande. Para mim, o Webster's da Biblioteca Pública de Nova York estava para outros dicionários como o Empire State Building para outros prédios. Era um objeto antigo, de aspecto medieval, encadernado em couro marrom que lembrava a luva de um falcoeiro. As páginas tinham frisos dourados como as da Bíblia.

Correndo as páginas e o alfabeto, passei por *cantábile* e *eríngeo*, por *fandango* e *formicação* (com *m* mesmo), por *hipertonia* e *hipossensibilidade*, e enfim lá estava:

**hipospádico** — do lat., via gr., homem com hispospádia, de *hypo* + prov. *spadon*, eunuco, de *span*, arrancar, puxar, tirar, extrair. — Anormalidade do pênis na qual a uretra desemboca na superfície inferior. Ver sinonímia de EUNUCO.

Obedeci e o que encontrei foi:

**eunuco** — **1.** Homem castrado; diz-se, em especial, de empregado como serviçal em harém ou funcionário de certas cortes orientais. **2.** Homem cujos testículos não se desenvolveram. *Ver* sinonímia de HERMAFRODITA.

Seguindo a trilha até o fim, cheguei a isto:

**hermafrodita** — **1.** Que tem os órgãos sexuais, bem como muitas das características sexuais secundárias, masculinos e femininos. **2.** Qualquer coisa resultante da combinação de elementos diversos e contraditórios. *Ver* sinonímia de MONSTRO.

E foi onde parei. E tirei os olhos do dicionário para ver se alguém me observava. A ampla Sala de Leitura vibrava com uma energia silenciosa: gente pensando, escrevendo. A pintura do teto pairava sobre nossas cabeças feito uma vela de navio, e ali embaixo, à luz das lâmpadas de mesa esverdeadas, brilhavam rostos inclinados sobre livros. Eu me debruçava sobre o meu, o cabelo caindo nas páginas, cobrindo a definição que ali havia de mim. Meu casaco verde-limão estava aberto. Tinha uma consulta com o dr. Luce, mais tarde naquele mesmo dia, e meu cabelo estava lavado, minha calcinha limpa. Com a bexiga cheia, cruzei as pernas, adiando uma ida ao banheiro. O medo me apunhalava. Sentia a urgência de um abraço, de um carinho, mas isso não era possível. Pousei a mão sobre o dicionário. Observei-a: uma mão delgada como folha, num dos dedos o anel trançado, de corda, presente do Objeto. Já começava a ficar encardido. Olhei para minha bela mão, e então a retirei de cima da página e encarei novamente a palavra.

Ali estava ela, *monstro*, em preto e branco, num dicionário surrado de uma biblioteca de cidade grande. Um livro antigo, venerável, a forma e o tamanho de uma lápide, com páginas amareladas contendo marcas das multidões que o haviam consultado antes de mim. Viam-se rabiscos a lápis e manchas de

tinta de caneta, sangue seco, farelos de algum lanche; e a própria encadernação de couro ficava presa ao suporte de leitura por uma corrente. Aquele era um livro que continha o conhecimento acumulado do passado, ao mesmo tempo que dava prova das condições sociais do presente. A corrente sugeria que alguns frequentadores da biblioteca talvez quisessem se encarregar de fazer circular o dicionário, conhecedor de todas as palavras da língua inglesa, enquanto a corrente só conhecia algumas. *Ladrão e roubar e, quem sabe, furtado*. A corrente falava de *pobreza e desconfiança e desigualdade e decadência*. A própria Callie segurava a corrente agora, apertando-a, enrolando-a na mão até os dedos ficarem brancos, e olhando para aquela palavra. *Monstro*. Ainda ali. Não tinha saído do lugar. E não era numa das paredes da cabine do velho banheiro que ela a lia. O Webster's também continha grafites, mas o sinônimo não era um deles. O sinônimo era oficial, palavra de autoridade; era o veredicto passado pela sociedade a uma pessoa como ela. *Monstro*. Isso é o que ela era. O que o dr. Luce e seus colegas vinham dizendo. E explicava tanta coisa, na verdade. Explicava sua mãe chorando no quarto ao lado. Explicava a falsa animação na voz de Milton. Explicava a viagem a Nova York com os pais, para que os médicos pudessem trabalhar às escondidas. Explicava as fotografias também. O que as pessoas faziam quando encontravam o Pé Grande ou com o Monstro do Lago Ness? Tentavam tirar fotos. Por um segundo, Callie viu a si mesma assim. Como uma criatura peluda, pesadona, na orla de uma floresta. Como um convólculo corcunda erguendo sua cabeça de dragão de um lago congelado. Os olhos se enchiam d'água agora, as letras boiando na página, e ela se virou e saiu correndo da biblioteca.

Mas o sinônimo a perseguia. O tempo todo, porta afora e degraus abaixo, entre os leões de pedra, o dicionário Webster's, atrás dela, alardeava: *Monstro! Monstro!* Os chamativos banners pendendo da

fachada proclamavam aquela palavra. A definição tomou de assalto os letreiros e os anúncios nos ônibus que passavam. Na Quinta Avenida, um táxi parava. Seu pai saltou dele, sorrindo e acenando. Quando Callie o viu, seu coração se alegrou. A voz do Webster's que lhe falava dentro da cabeça parou. Milton não estaria sorrindo daquele jeito se as notícias do médico não fossem boas. Callie riu e desceu aos saltos a escada da biblioteca, quase tropeçando. No tempo que levou para chegar à rua, talvez cinco ou oito segundos, suas emoções levantaram voo. Mas, ao se aproximar do pai, ela descobriu uma coisa quanto a novidades médicas. Quanto mais as pessoas sorriam, piores eram as notícias. Milton mostrava os dentes para ela, suando em seu terno de risca de giz, e uma vez mais a abotoadura da tragédia reluziu ao sol.

Eles sabiam. Seus pais sabiam que ela era um monstro. E, no entanto, ali estava Milton, abrindo a porta do carro para Callie; ali estava Tessie, dentro do táxi, sorrindo para a filha enquanto ela embarcava. O carro os levou a um restaurante e, não muito tempo depois, os três se debruçavam sobre cardápios e faziam pedidos.

Milton esperou até as bebidas serem servidas. Então, em tom algo formal, começou a falar. "Como você sabe, sua mãe e eu tivemos uma conversinha com o médico, hoje de manhã. A boa notícia é que esta semana você já volta pra casa. Não vai nem perder muita aula. Agora, a má notícia. Você está pronta pra ouvir, Cal?"

Os olhos de Milton diziam que a má notícia nem era tão má assim.

"A má notícia é que você precisa fazer uma pequena operação. Bem pequena. 'Operação' nem é bem a palavra. Acho que o médico falou em 'procedimento'. Eles vão ter que fazer você apagar e passar a noite no hospital. Só isso. Você deve sentir um pouco de dor, mas vão te dar uns analgésicos."

E, com isso, Milton encerrou o discurso. Tessie estendeu a mão para acariciar a da filha. "Vai dar tudo certo, querida", ela disse, a

voz pastosa. Os olhos estavam úmidos, vermelhos.

“Que tipo de operação?”, Cal perguntou ao pai.

“É só um pequeno procedimento cosmético. Como tirar uma mancha da pele.” Ele alcançou o nariz de Callie e o prendeu entre os nós dos dedos. “Ou consertar esse nariz.”

Ela recuou a cabeça, zangada. “Não faz isso!”

“Desculpa”, disse Milton. Pigarreou e piscou.

“O que tem de errado comigo?”, Calíope quis saber, e agora tinha a voz embargada. Lágrimas corriam nas bochechas. “O que tem de errado comigo, papai?”

Uma sombra cobriu o rosto de Milton. Ele engoliu em seco. Callie esperou para ouvi-lo pronunciar a palavra, citar o Webster’s, mas ele não fez isso. Apenas a encarou do outro lado da mesa, a cabeça baixa, os olhos escuros acolhedores, tristes e cheios de amor. Havia tanto amor nos olhos de Milton que era impossível buscar, ali, alguma verdade.

“É um negócio hormonal que você tem”, ele falou. “Sempre achei que homens têm hormônios masculinos e mulheres, hormônios femininos. Mas parece que todo mundo tem dos dois.”

Callie ainda estava à espera.

“Veja, o que você tem é um pouquinho demais de hormônios masculinos e um pouquinho de menos dos femininos. Então, o que o médico quer fazer é aplicar, de vez em quando, uma injeção que faça as coisas funcionarem direito.”

Não disse a palavra. E eu não o obriguei.

“É um negócio hormonal”, repetiu Milton. “Se formos pensar no geral, nem é grande coisa.”

Luce acreditava que pacientes da minha idade eram capazes de entender o essencial. Então, naquela tarde, não fez rodeios. Com

sua voz suave, agradável e treinada, olhando direto nos meus olhos, declarou que eu era uma menina cujo clitóris simplesmente crescera mais que o das outras meninas. Desenhou para mim os mesmos diagramas que tinha desenhado para os meus pais. Quando o pressionei por detalhes da minha cirurgia, ele disse apenas: “Vamos fazer uma operação pra dar acabamento à sua genitália. Ela não está bem acabada, e é isso que queremos fazer”.

Em nenhum momento mencionou o que quer que fosse sobre hipospadia, e comecei a ter esperanças de que a palavra não se aplicasse a mim. Talvez eu a tivesse tomado fora de contexto. Quem sabe o dr. Luce estivesse se referindo a outro paciente? O Webster’s dizia que hipospadia era uma anormalidade do pênis. Mas o dr. Luce me informava que eu tinha um clitóris. Entendi bem que ambas as coisas se desenvolviam a partir da mesma gônada fetal, mas isso não importava. Se eu tinha um clitóris — e era um especialista quem estava falando —, o que mais poderia ser senão uma menina?

O ego adolescente é um troço nebuloso, amorfo, uma nuvem. Não era difícil fazer minha identidade caber em diferentes recipientes. Em certo sentido, eu podia assumir a forma que me pedissem para assumir. Só queria saber quais eram as medidas. Luce era quem as forneceria. Meus pais o apoiavam. A perspectiva de que tudo se resolvesse também era, para mim, fantasticamente atraente, e não me perguntei, enquanto ouvia da *chaise* o dr. Luce falar, onde encaixar meus sentimentos pelo Objeto naquela história. Desejava apenas que aquilo tudo terminasse. Ir para casa e esquecer que algum dia tinha acontecido. De modo que escutei Luce sem dizer nada nem fazer objeções.

Ele explicou que as injeções de estrogênio fariam crescer meus seios. “Isso não vai te transformar na Raquel Welch, mas melhor que a Twiggy você fica.” Os pelos no rosto diminuiriam. A voz passaria de tenor a contralto. Mas, quando perguntei se finalmente minha

menstruação viria, o dr. Luce foi franco. “Não. Não virá. Nunca. Você não poderá ter bebês, Callie. Se quiser formar uma família, terá que recorrer à adoção.”

Recebi serenamente a notícia. Ter filhos não era alguma coisa em que eu pensasse muito aos catorze anos.

Ouvimos batidas na porta e a recepcionista colocou a cabeça para dentro por uma fresta. “Desculpe, dr. Luce. Posso incomodá-lo um minuto?”

“Depende da Callie.” Ele sorriu para mim. “Você se importa que a gente faça um pequeno intervalo? Já volto.”

“Não me importo.”

“Fique sentada aqui uns minutinhos e veja se aparecem outras perguntas que você queira fazer.” E o dr. Luce saiu da sala.

Durante a ausência dele não pensei em nenhuma outra pergunta. Continuei ali, na *chaise*, sem pensar em nada. Minha mente estava curiosamente vazia. Era o vazio da obediência. Com aquele infalível instinto dos filhos, tinha captado o que meus pais queriam de mim. Queriam que eu continuasse a ser como era. Exatamente o que prometia o dr. Luce agora.

Uma nuvem cor de salmão passando baixo no céu me tirou do meu estado de abstração. Levantei e fui até a janela olhar o rio. Pressionei a bochecha contra o vidro para enxergar o mais longe possível ao sul, onde se elevavam os arranha-céus. Prometi que moraria em Nova York, um dia, quando crescesse. “Esta é a cidade pra mim”, falei. Comecei a chorar outra vez. Tentei parar. Limpando os olhos, circulei pelo consultório até me flagrar, por fim, diante de uma das pinturas persas em miniatura. Na pequena moldura de ébano, duas minúsculas figuras faziam amor. Apesar do esforço sugerido pela atividade, seus rostos pareciam tranquilos. As expressões não denunciavam nem tensão nem êxtase. Mas os rostos, claro, não eram o ponto focal. A geometria dos corpos

daqueles amantes e a graciosa caligrafia de seus membros conduziam o olhar inapelavelmente aos genitais. Os pelos púbicos da mulher pareciam uma mancha de sempre-vivas contra a neve branca, o falo do homem, uma sequoia brotando dali. Olhei uma vez. Olhei de novo, a fim de ver como eram feitas as outras pessoas. Enquanto olhava, não tomei partido. Entendia tanto a urgência do homem quanto o prazer da mulher. Minha mente não estava mais vazia. Começava a ser tomada de uma misteriosa compreensão.

Dei meia-volta. Avancei para a mesa do dr. Luce e vi uma pasta de arquivo que tinha ficado aberta ali. Exatamente como ele a havia deixado quando saiu, às pressas.

**ESTUDO PRELIMINAR:  
INDIVÍDUO DO SEXO MASCULINO (GENÉTICA XY) CRIADO COMO INDIVÍDUO  
DO SEXO FEMININO**

O caso ilustrativo que se segue indica que não há correspondência predefinida entre a estrutura genética e a estrutura genital, ou entre comportamentos masculino e feminino e status cromossômico.

**INDIVÍDUO:** Calíope Stephanides  
**ENTREVISTADOR:** Dr. Peter Luce

**DADOS INTRODUTÓRIOS:** A paciente tem catorze anos. Viveu como menina a vida toda. No nascimento, a aparência somática era de um pênis tão pequeno que podia se confundir com um clitóris. O cariótipo XY só foi descoberto na puberdade, quando a paciente começou a desenvolver traços de virilidade. A princípio, os pais da menina se recusaram a acreditar no médico que lhes deu a notícia e, subsequentemente, pediram duas outras opiniões antes de virem à Clínica de Identidade de Gênero do Hospital de Nova York.

Durante o exame, verificou-se por apalpação a existência de testículos recolhidos. O "pênis" era levemente hipospádico, com a saída da uretra localizada na parte inferior. Como qualquer outra menina, a paciente urinava sentada. Os exames de sangue confirmaram o status cromossômico XY. Além disso, revelaram presença da síndrome de deficiência da 5-alfa-redutase. Não foi realizada laparotomia exploratória.

Em foto de família (ver arquivo do caso), a menina aparece com doze anos de idade. Ela parece feliz, saudável, sem sinais visíveis de tendência masculina,

apesar do cariótipo XY.

**PRIMEIRA IMPRESSÃO:** A expressão facial da paciente, apesar de algo sisuda em certas ocasiões, é em geral agradável e receptiva, com frequência sorridente. Muitas vezes, baixa o olhar, num movimento recatado e pudico. A paciente é feminina em seus movimentos e gestos, e certa ausência de graciosidade ao caminhar não é diferente da observada em outras meninas de sua geração. Se, à primeira vista, devido a sua altura, um observador pode achar difícil determinar seu gênero, uma observação mais cuidadosa conduziria à conclusão de que certamente se trata de uma menina. A voz apresenta, de fato, um timbre suave e sussurrado. Ela reclina a cabeça para ouvir os interlocutores, e não é assertiva nem emite opiniões de forma agressiva, características comuns a indivíduos do sexo masculino. Faz comentários bem-humorados com frequência.

**FAMÍLIA:** Os pais da menina são típicos do Meio-Oeste e da geração pós-Segunda Guerra Mundial. O pai se identifica com os republicanos. A mãe é simpática, inteligente e amorosa, talvez levemente propensa a depressão e neuroses. Aceita o papel típico de esposa subserviente das mulheres de sua geração. O pai veio à clínica apenas duas vezes, alegando compromissos de trabalho, mas nessas duas ocasiões ficou patente que se trata de uma figura dominadora, um self-made man e ex-oficial da Marinha. Além disso, a paciente foi criada na tradição Grega Ortodoxa, em que os papéis de cada sexo são fortemente definidos. Em geral, os pais parecem assimilacionistas e bastante "americanos", mas a presença dessa identidade étnica mais profunda não deve ser desprezada.

**FUNÇÃO SEXUAL:** A paciente afirma ter participado de brincadeiras sexuais infantis com outras crianças, sempre agindo como a parceira feminina em tais ocasiões, em geral levantando o vestido e deixando que um menino simulasse o coito sobre seu corpo. Experimentou prazer erotossexual ao se posicionar diante dos jatos d'água da piscina de um vizinho. Masturbava-se frequentemente desde bem pequena.

Não relatou namoro sério, mas isso talvez se deva ao fato de frequentar uma escolar só para meninas, ou de sentir certa vergonha de seu corpo. A paciente tem consciência da aparência anormal de sua genitália e sempre se esforçou para não ser vista nua nos vestiários ou em outras áreas de uso comum. Ainda assim, declara ter tido relação sexual, apenas uma vez, com o irmão de sua melhor amiga, uma experiência que considerou dolorosa, mas bem-sucedida do ponto de vista da iniciação romântica de uma adolescente.

**ENTREVISTA:** A fala da paciente é rápida, clara e articulada, com ocasional fôlego curto associado a ansiedade. O padrão e as características do discurso

pareceram femininos, em termos da oscilação da altura e do contato visual. A menina expressa interesse sexual por meninos, exclusivamente.

**CONCLUSÃO:** Na forma de falar, nos maneirismos e no jeito de se vestir, a paciente manifesta uma identidade sexual feminina, apesar de seu status cromossômico.

Com isso, fica claro que o gênero de criação, mais do que os determinantes genéticos, tem papel preponderante na definição de uma identidade de gênero. Como a identidade de gênero da paciente já se encontrava fortemente estabelecida como feminina no momento da descoberta da mutação, a decisão de realizar uma cirurgia de redesignação sexual, com tratamentos hormonais em paralelo, parece a mais correta. Deixar os genitais com a aparência que têm hoje a condenaria a todos os tipos de humilhação. Embora exista uma possibilidade de a cirurgia resultar em perda total ou parcial da sensibilidade erotossexual, o prazer sexual é apenas um dos fatores de uma vida feliz. A possibilidade de se casar e viver como uma mulher normal na sociedade também são objetivos importantes, ambos inatingíveis sem uma cirurgia de redesignação sexual e tratamento com hormônios. Além disso, espera-se que novos métodos de cirurgia minimizem os efeitos da disfunção erotossexual provocados por intervenções passadas, realizadas quando os métodos cirúrgicos para redesignação sexual ainda estavam em seus primórdios.

Naquela noite, quando minha mãe e eu voltamos ao hotel, Milton tinha uma surpresa. Ingressos para um musical da Broadway. Fingi entusiasmo, porém mais tarde, depois do jantar, me encolhi na cama dos meus pais e disse que, por causa do cansaço, não queria ir.

“Cansaço?”, falou Milton. “Como assim, cansaço?”

“Tudo bem, querida”, disse Tessie. “Você não precisa ir.”

“Parece que o espetáculo é muito bom, Cal.”

“A Ethel Merman está no elenco?”, perguntei.

“Não, espertinha”, falou Milton, sorrindo. “A Ethel Merman não está no elenco. Ela não tem atuado na Broadway. Por isso vamos ver esse com a Carol Channing, que também é ótima. Por que você não vem com a gente?”

“Não, obrigada”, falei.

“Ok, então. Vai perder.”

Os dois se preparavam para sair. "Tchau, querida", disse minha mãe.

De súbito, pulei da cama e corri para os braços de Tessie.

"Que é isso, agora?", ela quis saber.

Meus olhos estavam marejados. Tessie achou que fossem lágrimas de alívio, por tudo que tínhamos passado. Naquele vestíbulo estreito, anguloso, mal iluminado, extraído de uma antiga suíte, nos abraçamos chorando.

Depois que eles saíram, peguei minha mala no armário. Olhando para aquelas flores turquesa, resolvi trocá-la pela do meu pai, uma Samsonite cinza. Abandonei as saias e o suéter escocês nas gavetas da cômoda. Fiz a mala apenas com as peças mais escuras, um suéter azul de gola redonda, as camisas Lacoste e as calças de veludo cotelê. Deixei para trás também os sutiãs. Insisti nas meias e nas calcinhas, e enfiiei ali a nécessaire completa. Quando terminei, procurei o porta-ternos de Milton, dentro do qual ele tinha escondido o dinheiro. O bolo de notas era bem gordo e somava quase trezentos dólares.

A culpa não foi só do dr. Luce. Menti para ele sobre muita coisa. Sua decisão se baseou em dados falsos. Mas ele, em compensação, também tinha sido falso.

Na folha de um bloco, deixei um bilhete para os meus pais.

Queridos mãe e pai,

Sei que vocês só estão tentando fazer o que é melhor para mim, mas acho que ninguém tem certeza do que é melhor. Amo vocês e não quero ser um problema, então decidi ir embora. Sei que vocês vão dizer que não sou problema nenhum, mas sei que sou. Se querem saber por que estou fazendo isso, vocês deviam perguntar ao dr. Luce, que é um grande mentiroso! Não sou uma menina. Sou um menino. Foi o que descobri hoje. Então estou indo para um lugar onde ninguém me conheça. Todo mundo em Grosse Pointe vai ficar falando quando souber.

Desculpa pegar seu dinheiro, pai, mas prometo pagar um dia, com juros.  
Por favor, não se preocupem comigo. Vou ficar BEM!

Apesar do conteúdo dessa declaração aos meus pais, assinei  
"Callie".

Foi a última vez que fui a filha deles.

## Para a Costa Oeste, rapaz

Em Berlim, novamente um Stephanides vive no meio dos turcos. Para mim, é confortável morar aqui em Schöneberg. As lojas turcas na Hauptstrasse são como aquelas às quais meu pai costumava me levar. A comida é a mesma, figos secos, *halvah*, folhas de parreira recheadas. Os rostos são os mesmos, também, enrugados, expressivamente ossudos, os olhos escuros. Apesar da minha história familiar, sinto atração pela Turquia. Gostaria de trabalhar na embaixada em Istambul. Fiz um pedido de transferência para lá. Seria como fechar o círculo.

Até que isso aconteça, é assim que faço minha parte. Observo o padeiro no restaurante *döner* aqui embaixo. Ele assa o pão num forno de pedra como aqueles de Esmirna. Usa uma espátula de cabo longo para virar e depois tirar o pão. Trabalha o dia inteiro, catorze, dezesseis horas, com uma concentração inabalável, os chinelos deixando pegadas no chão coberto de farinha. Um artista do pão. Stephanides, descendente de gregos emigrados para a América, admira o imigrante turco na Alemanha, esse *Gastarbeiter*, assando pão na Hauptstrasse, no ano de 2001. Todos somos feitos de muitas partes, de outras metades. Não apenas eu.

A sineta na porta da Barbearia do Ed, na rodoviária de Scranton, soou alegremente. Ed baixou o jornal que estava lendo a fim de cumprimentar o cliente da vez.

Houve uma pausa, ao final da qual Ed falou: "O que aconteceu? Você perdeu uma aposta?".

Já do lado de dentro, mas com cara de que talvez desse meia-volta e escapulisse, estava uma figura adolescente, alta, desgrenhada, e uma cruzada das mais esquisitas que Ed já tinha visto. O cabelo era de hippie, passando do ombro. Mas usava um terno escuro. O paletó ficava folgado e as calças, curtas, a barra bem acima dos sapatos pesados de couro curtido e bico quadrado. Do outro lado da sala, Ed podia sentir o cheiro de mofo de roupa de brechó. Mas a mala era grande, cinza, de homem de negócios.

"Só estou a fim de mudar o estilo", disse a figura.

"Somos dois", disse Ed, o barbeiro.

Ele me conduziu a uma das cadeiras. Eu — agora sob o fácil novo nome de Cal Stephanides, adolescente em fuga — larguei a mala e pendurei o paletó no cabide. Atravessei o recinto me concentrando para andar como um menino. Feito uma vítima de derrame, tinha de reaprender todas as habilidades motoras mais simples. Quanto ao jeito de andar, não era tão difícil. Fazia muito tempo que as meninas da Baker & Inglis não precisavam mais equilibrar livros na cabeça. Certa falta de graciosidade ao caminhar, conforme o comentário do dr. Luce, já me predispunha a passar para o lado do sexo desgracioso. Meu esqueleto era de um indivíduo do sexo masculino, com o centro de gravidade mais alto, o que me proporcionava um passo aprumado, certo. O problema eram meus joelhos. Tinha tendência a andar com os joelhos voltados para dentro, fazendo o quadril balançar e a bunda rebolar. Eu tentava manter a pélvis fixa agora. Para andar como um menino, era preciso que os ombros

gingassem, e não o quadril. E manter os pés separados. Aprendera tudo isso em um dia e meio na estrada.

Subi na cadeira, feliz por poder parar de me mexer. Ed, o barbeiro, prendeu um babador de papel no meu pescoço e me cobriu, em seguida, com um avental maior. O tempo todo me inspecionava, balançando a cabeça. "Nunca entendi vocês, jovens, com esse negócio de cabelo comprido. Quase arruinou minha profissão. A maioria dos fregueses aqui é de aposentados. O pessoal vem cortar o cabelo que *não tem*." Riu às sacudidelas, mas não por muito tempo. "Tá certo, hoje em dia os cortes estão um pouco mais curtos. Aí penso, bom, acho que vai dar pra sobreviver. Mas não. Todo mundo adota o unissex. Os rapazes querem lavar com *xampu*." Ele se inclinou para mim, desconfiado. "Você não vai querer lavar com xampu, né?"

"Só cortar."

O barbeiro balançou a cabeça, satisfeito. "Como você quer?"

"Curto", arrisquei.

"Curto curto?", ele perguntou.

"Curto", eu disse. "Mas não demais."

"Ok. Curto, mas não demais. Boa ideia. Experimentar um pouco o outro lado das coisas."

Gelei, achando que ele insinuava algo com aquilo. Mas estava só brincando.

Quanto ao próprio cabelo, Ed o mantinha bem alinhado. Os fios que ainda restavam, ele os penteava lambidos para trás. O rosto era bruto, hostil. As narinas escuras se inflamaram quando se pôs a trabalhar, rodeando a cadeira e ajustando sua altura, afiando a navalha.

"Seu pai deixa você ter esse cabelo?"

"Até agora deixou."

“Então o velho resolveu finalmente te botar na linha. Escuta só, você não vai se arrepender. As mulheres não querem um cara que pareça uma moça. Não acredite no que dizem por aí, que elas gostam de homens sensíveis. Porra nenhuma!”

Os palavrões, as navalhas, os pincéis de barbear, tudo isso funcionou, para mim, como boas-vindas ao mundo masculino. O barbeiro assistia futebol na tevê. O calendário exibia uma garrafa de vodca e uma moça bonita de biquíni branco felpudo. Enterrei os pés nos apoios da cadeira, que pareciam fôrmas de waffle, enquanto me deixava girar para lá e para cá diante dos espelhos reluzentes.

“Minha nossa, mas desde quando você não cortava esse cabelo?”

“Lembra do pouso na lua?”

“É. Deve ter sido por aí mesmo.”

Ele me fez encarar o espelho. E ali estava ela, pela última vez, na superfície laminada e prateada: Calíope. Ainda não tinha desaparecido para sempre. Era um espírito cativo, espiando para fora.

Ed, o barbeiro, passou um pente no meu cabelo comprido. Experimentando, puxou-o no alto, ao mesmo tempo que abria e fechava a tesoura. As lâminas ainda não tocavam os fios. As tesouradas eram só uma espécie de treino mental, de aquecimento. E isso me deu tempo para repensar. O que é que eu estava fazendo? E se o dr. Luce tivesse razão? E se eu *fosse* mesmo aquela menina no espelho? Como podia pensar que era só passar para o outro lado daquele jeito? O que eu sabia sobre meninos, sobre homens? Eu nem mesmo gostava tanto assim deles.

“Isto aqui é que nem derrubar uma árvore”, comparou Ed. “Primeiro a gente tem que desbastar os galhos. Só então é que corta o tronco.”

Fechei os olhos. Eu me recusava a continuar encarando Calíope. Agarrei os braços da cadeira e esperei que o trabalho do barbeiro

começasse. Mas, no segundo seguinte, ouvi o tilintar das tesouras voltando à prateleira. A máquina de corte foi ligada. Ficou zumbindo em volta da minha cabeça feito um enxame de abelhas. Mais uma vez Ed, o barbeiro, puxou meu cabelo no alto com o pente, e ouvi a zumbidora mergulhar na direção da minha cabeça. “Lá vamos nós”, ele disse.

Meus olhos continuavam fechados. Mas eu sabia que agora não havia retorno. A máquina devassou meu couro cabeludo. Aguentei firme. Feixes de fios iam caindo.

“Eu devia te cobrar um extra”, disse Ed.

Nessa hora até abri os olhos, pelo susto de quanto aquilo poderia custar. “Quanto é o corte?”

“Não se preocupe. Preço normal. É meu ato patriótico do dia. Estou ajudando a salvar a democracia no mundo.”

Meus avós tinham fugido de casa por causa de uma guerra. Agora, uns cinquenta e dois anos depois, era eu quem fugia. Sentia que escapava para me salvar tanto quanto eles. Fugia sem muito dinheiro no bolso e sob o disfarce do meu novo gênero. Não embarcara num navio para atravessar o oceano; em vez disso, alguns carros me ajudaram a cruzar um continente. Eu também, assim como Desdêmona e Esquerdinha, me tornava outra pessoa, e não sabia o que aconteceria comigo nesse novo mundo onde tinha vindo parar.

Eu também tinha medo. Nunca antes tinha saído assim, só eu, por aí. Não entendia como o mundo funcionava, nem quanto custavam as coisas. Do Hotel Lochmoor, sem saber o caminho até a rodoviária, peguei um táxi. No terminal de Port Authority, circulei em meio às lojas de gravatas e quiosques de fast-food até encontrar os guichês de venda de passagens. Comprei uma no ônibus noturno para Chicago, pagando a tarifa só até Scranton, na Pensilvânia, que era o máximo que achei que podia desembolsar. Os vagabundos e

drogados que ocupavam os bancos duros sem encosto me olhavam, às vezes assobiando ou estalando os beijos. Eles também me metiam medo. Quase desisti da ideia de fugir. Se corresse, talvez ainda conseguisse chegar ao hotel antes de Milton e Tessie terem voltado de sua ida ao teatro para ver Carol Channing. Considerando a possibilidade, fui sentar no saguão de espera, as laterais da mala Samsonite presas entre meus joelhos, como se a qualquer momento alguém pudesse tentar arrancá-la de mim. Imaginei cenas nas quais declarava aos meus pais minha intenção de me tornar um menino e eles, de início resistindo, finalmente cediam e me aceitavam. Um policial passou. Quando se distanciava, resolvi me sentar ao lado de uma senhora de meia-idade, na esperança de ser tomada por sua filha. No alto-falante, uma voz anunciou o início do embarque. Ergui os olhos para os demais passageiros, gente pobre viajando à noite. Havia um caubói entrado em anos, carregando um saco com seus pertences e um souvenir em forma de estatueta de Louis Armstrong; havia dois padres católicos do Sri Lanka; havia nada menos que três mães acima do peso e sobrecarregadas com crianças e apetrechos de dormir; e um homenzinho que eu acabaria sabendo que era um jóquei, com dentes amarelados e rugas de tabagista. Formaram uma fila para embarcar no ônibus, enquanto a cena na minha mente passou a se desenrolar sozinha, independente da minha direção. Agora Milton balançava a cabeça em negativa, o dr. Luce colocava uma máscara cirúrgica e minhas colegas em Grosse Pointe apontavam para mim e riam, seus rostos iluminados de júbilo malicioso.

Num transe de medo, tremendo, a cabeça atordoada, fui adentrando a escuridão do ônibus. Por segurança, ocupei um assento próximo ao da senhora de meia-idade. Os outros passageiros, acostumados àquelas jornadas noturnas, já estavam tirando garrafas térmicas e desembulhando sanduíches. O cheiro de

frango frito começou a se espalhar a partir dos bancos dos fundos. De repente senti muita fome. Desejei estar no hotel e pedir alguma coisa pelo serviço de quarto. Logo ia precisar de outras roupas. Tinha de dar a impressão de mais idade e menos vulnerabilidade. E precisava começar a me vestir como um rapaz. O ônibus partiu de Port Authority, e sob o terror diante do que eu fazia sem, no entanto, ser capaz de me impedir, fiquei olhando enquanto seguíamos em frente, já saindo da cidade em direção a Nova Jersey pelo longo túnel com sua estonteante iluminação amarelada. Descíamos para baixo da terra, atravessando a rocha, o fundo imundo do rio acima das nossas cabeças, e peixes nadando na água escura do outro lado da abóbada ladrilhada.

Num brechó do Exército da Salvação, não muito longe da rodoviária de Scranton, fui procurar um terno. Fingi que o comprava para o meu irmão, embora ninguém tenha me perguntado nada. Os tamanhos das roupas masculinas me confundiam. Com discrição, segurava os paletós à frente do corpo, tentando ver o que podia me servir. Por fim, encontrei um terno que era mais ou menos do meu tamanho. Parecia bem resistente e adequado para qualquer estação. A etiqueta interna dizia: "Durenmatt's Moda Masculina, Pittsburgh". Tirei meu casaco da Papagallos. Certificando-me de que não tinha testemunhas, experimentei o paletó. Não senti o que um menino teria sentido. Não era como vestir o paletó do pai e se tornar um homem. Era mais como se, por causa do frio, o namorado desse o paletó dele para eu me cobrir. Ao se assentar sobre meus ombros, a peça me pareceu grande, aconchegante, confortável, estranha. (E quem seria, nesse caso, meu namorado? O capitão do time de futebol americano? Não. Meu acompanhante era um veterano da Segunda Guerra, vítima de doença coronária. Meu cara era um membro da irmandade de Elks Lodge que tinha se mudado para o Texas.)

O terno era apenas parte da minha nova identidade. O corte de cabelo tinha mais importância. Agora, na barbearia, Ed me espanava com uma escovinha. As cerdas faziam subir um pó branco e fechei os olhos. Senti que a cadeira era mais uma vez girada, e o barbeiro disse: "Ok, prontinho".

Abri os olhos. E o que vi no espelho não era mais eu. Não era mais a Mona Lisa de sorriso enigmático. Não era mais a menina tímida com o cabelo emaranhado a cobrir-lhe o rosto, e sim seu fraternal irmão gêmeo. Retirada a tela de proteção que era o cabelo, as mudanças recentes no meu rosto ficaram muito mais evidentes. Minha mandíbula parecia mais quadrada e larga, meu pescoço, mais grosso, a protuberância do pomo de adão ao centro. Era, sem dúvida, um rosto masculino, mas os sentimentos dentro daquele menino continuavam a ser os de uma menina. Cortar o cabelo depois de um rompimento amoroso era uma reação feminina. Um jeito de recomeçar, de renunciar à vaidade, de tratar com despeito o amor. Eu sabia que não voltaria a ver o Objeto. Não obstante problemas mais graves, preocupações maiores, foi meu coração partido que se apoderou de mim, quando primeiro vi meu rosto masculino no espelho. Pensei: acabou. Cortando o cabelo, eu me punia por ter amado tanto. Tentava ser mais forte.

Quando saí da Barbearia do Ed, eu já era uma nova criação. As outras pessoas circulando pela rodoviária, se chegavam a reparar em mim, me tomavam por um estudante de algum internato próximo. Um aluno de escola particular, meio artista, usando um terno de velho e, com certeza, lendo Camus ou Kerouac. O terno da Durenmat's tinha um toque beatnik. O tecido sintético das calças brilhava. Por causa da minha altura, eu conseguia aparentar mais idade, dezessete, talvez dezoito anos. Debaixo do terno, usava um suéter de gola redonda e, debaixo dele, uma camisa Lacoste, duas camadas da proteção do dinheiro paterno coladas à pele, mais os

mocassins dourados nos pés. Se alguém chegasse a me notar, pensaria que eu estava brincando de me vestir de gente grande, como costumam fazer os adolescentes.

Dentro daquelas roupas, o coração continuava a bater feito louco. Eu não sabia o que faria em seguida. Súbito, precisava prestar atenção a coisas a que nunca antes prestara atenção na vida. A horários e a preços de passagens dos ônibus, a planos de como gastar meu dinheiro, a *preocupações* com dinheiro, à passada de olhos por um cardápio em busca do item absolutamente mais barato que pudesse encher minha barriga, o qual, naquele dia em Scranton, acabou sendo um chili. Comi a tigela toda, misturando ali dentro vários pacotinhos de biscoito salgado, e fui dar uma olhada nas linhas de ônibus disponíveis. A melhor coisa a fazer, já sendo outono, era seguir rumo ao sul ou ao oeste para enfrentar o inverno e, como não queria ir para o sul, me decidi pela Costa Oeste. Califórnia. Por que não? Verifiquei quanto custaria a passagem. Cara demais, como eu temia.

Ao longo da manhã toda, a garoa ia e vinha, mas agora o céu estava se abrindo. Do outro lado da lanchonete, pela janela engordurada e respingada de chuva, era possível enxergar o acesso que contornava uma faixa de grama elevada, salpicada de lixo, e para além dela a rodovia interestadual. Fiquei olhando o tráfego, com menos fome agora, mas ainda sentindo a mesma solidão e o mesmo medo. A garçonete se aproximou e perguntou se eu queria um café. Embora nunca na vida tivesse tomado um, disse que sim. Ela me serviu e, depois de envenenar a xícara com dois pacotinhos de leite cremoso e quatro de açúcar, fazendo o gosto do negócio ficar mais ou menos parecido com o de sorvete de café, bebi.

Ônibus partiam constantemente do terminal, deixando atrás de si trilhas de fumaça. Lá embaixo, na estrada, carros passavam em alta velocidade. Eu queria tomar um banho. Queria me deitar sobre

lençóis limpos e dormir. Podia pegar um quarto num hotel de beira de estrada por 9,95 dólares, mas preferia ir um pouco mais longe antes de fazer isso. Continuei ali, na mesa da lanchonete, por um bom tempo. Não sabia qual deveria ser o passo seguinte. Por fim, uma ideia me ocorreu. Paguei a conta e saí da rodoviária. Atravessei a via de acesso e descii a faixa de grama arrastando os pés. Pousei a mala no asfalto do acostamento e, com um passo à frente para ficar visível aos carros que vinham naquela direção, desajeitadamente ergui o polegar.

Meus pais sempre me alertavam para o perigo que era viajar de carona. Às vezes, Milton comentava uma matéria lida no jornal, com detalhes sobre o destino horrendo de alguma colegial que fizera tal bobagem. Eu não estava com o polegar muito levantado. Metade de mim era contra a ideia da carona. Os carros passavam velozes. Ninguém parava. Meu polegar relutante tremia.

Tinha cometido um erro de cálculo a respeito de Luce. Achei que, depois de conversar comigo, ele decidiria que eu era normal e me deixaria em paz. Mas eu estava começando a entender uma coisa sobre a normalidade. A normalidade não era normal. Não podia ser. Se a normalidade fosse normal, ninguém se importaria com ela. Todo mundo ficaria numa boa e deixaria que a normalidade se manifestasse por conta própria. Mas as pessoas — e os médicos, especialmente — tinham dúvidas sobre a normalidade. Não tinham muita certeza de que ela daria conta do recado. Então se sentiam compelidos a lhe dar um empurrãozinho.

Quanto aos meus pais, não os culpo. Só estavam tentando me poupar de humilhações, da falta de amor, até da morte. Soube mais tarde que Luce tinha enfatizado o risco médico de não me tratar. Era frequente que o “tecido gonadal”, como ele se referia aos meus testículos recolhidos, se tornasse canceroso com o tempo. (Já estou com quarenta e um anos, porém, e nada aconteceu.)

Um caminhão surgiu na curva, soltando fumaça preta por um cano de escape apontado para o alto. Atrás do para-brisa, na cabine vermelha, a cabeça do motorista balançava feito a de um boneco de mola. No momento em que o enorme caminhão passou rugindo por mim, o rosto do caminhoneiro virou na minha direção e ele acionou os freios. As rodas traseiras da cabine guincharam e fritaram um pouco no asfalto, e então, uns vinte metros adiante, o veículo parou, à espera.

Apanhando minha mala numa empolgação louca, corri até lá. Mas, quando cheguei, parei. A porta parecia tão alta. O imenso veículo ribombava e estremecia. Não dava para ver o motorista de onde eu estava. A indecisão me paralisou. Então, de repente, o rosto do caminhoneiro apareceu à janela, o que me sobressaltou. Ele abriu a porta.

“Vai subir ou não?”

“Tô subindo”, falei.

A cabine não tinha um aspecto muito limpo. O homem já estava na estrada havia alguns dias, e embalagens de comida e garrafas se espalhavam ali dentro.

“Sua tarefa é me manter acordado”, ele falou.

Como não respondi imediatamente, ele deu uma olhada na minha direção. Os olhos estavam vermelhos. E vermelhos eram também o bigode de chinês e as costeletas compridas. “É só você não parar de falar”, ele disse.

“Sobre o que você quer que eu fale?”

“E eu é que sei, puta que pariu!”, ele gritou, zangado. Mas, na mesma hora, acrescentou: “Índios! Você sabe alguma coisa sobre os índios?”.

“Sobre os índios americanos?”

“É. Eu sempre dou carona pra um monte de Injuns, quando vou pras bandas do Oeste. São os caras mais porras-loucas que eu já vi.

Ficam falando de teorias de todo tipo e o caralho.”

“O quê, por exemplo?”

“Tem uns que dizem, tipo, que não atravessaram o istmo de Bering. Sabe o istmo de Bering? Fica lá em cima, no Alasca. Agora se chama estreito de Bering. Virou água. Um pedacinho de água entre o Alasca e a Rússia. Mas um dia, há muito tempo, aquilo era terra, e foi por ela que os índios vieram parar aqui. Vindo da China ou da Mongólia, um troço desses. Na verdade, eles são orientais.”

“Eu não sabia disso”, falei. Estava com menos medo agora. Aparentemente, o caminhoneiro me tomava como um rapaz sem vacilar.

“Mas tem uns índios que eu pego na estrada, às vezes, que dizem que o povo deles não atravessou o istmo. Que veio de alguma ilha perdida, de alguma Atlantis.”

“Bem-vindos ao clube.”

“E sabe o que mais eles dizem?”

“O quê?”

“Que foram índios que escreveram a *Constituição!* A *Constituição* dos Estados Unidos!”

No fim das contas, ele é que não parava de tagarelar. Eu falava muito pouco. Mas minha presença foi suficiente para mantê-lo acordado. A conversa sobre os índios lhe trouxe à mente o tema dos meteoros; havia um meteoro, em Montana, que os índios consideravam sagrado, e logo ele estava me contando o quanto a vida de caminhoneiro proporcionava visões celestiais, de estrelas cadentes e cometas e raios verdes. “Já viu um raio verde?”, o caminhoneiro me perguntou.

“Não.”

“Dizem que não dá pra tirar foto de raio verde, mas eu tenho uma. Sempre trago uma câmera na cabine, pro caso de cruzar com

uma merda louca dessas. E uma vez vi um raio verde, catei a máquina e consegui pegar. A foto está guardada lá em casa.”

“O que é um raio verde?”

“É um colorido que sai do sol quando ele nasce e se põe. Dura dois segundos. Nas montanhas dá pra ver melhor.”

O caminhoneiro me levou até Ohio e me deixou na frente de um hotel de beira de estrada. Agradei pela carona e carreguei a bagagem até a recepção. Ali também o terno foi útil. Além da mala cara. Eu não parecia alguém em fuga. O recepcionista talvez tenha ficado em dúvida quanto à minha idade, mas já cheguei largando dinheiro sobre o balcão, e a chave do quarto foi prontamente entregue.

Depois de Ohio, vieram Indiana, Illinois, Iowa e Nebraska. Viajei em peruas, carros esporte, vans de aluguel. Mulheres solteiras nunca paravam para mim, só homens, ou homens acompanhados. Peguei carona com dois turistas holandeses que se queixavam da insipidez da cerveja americana, e também com casais que estavam brigados e já não suportavam a companhia um do outro. Em todas as situações, as pessoas acreditaram estar diante do menino adolescente em que eu, a cada minuto, mais definitivamente me transformava. Sophie Sassoon não estava por perto para depilar meu bigode, de modo que a mancha ali, sobre o lábio superior, começou a ficar mais espessa. Minha voz continuou a engrossar. Cada solavanco na estrada fazia meu pomo de adão descer mais um tanto no pescoço.

Se me perguntavam, eu dizia que estava a caminho da Califórnia para cursar meu primeiro ano de faculdade. Podia não saber muita coisa do mundo, mas sobre faculdades eu sabia um pouco, ou ao menos sobre lição de casa, e portanto respondia que meu destino

era um alojamento em Stanford. Para falar a verdade, meus motoristas não ficavam muito desconfiados. Tanto fazia, para eles. Tinham seus próprios problemas. Estavam entediados, ou solitários, ou queriam alguém para conversar.

Feito um recém-convertido a alguma religião, de início exagerei um pouco. Em algum ponto nas proximidades de Gary, Indiana, adotei uma panca arrogante. Pouco sorria. Minha expressão ao longo de toda a travessia de Illinois foi aquele olhar de pálpebras semicerradas de Clint Eastwood. Tudo blefe, mas a maior parte dos homens também blefava. Todos andando por aí com aqueles olhares uns para os outros. Minha panca não era diferente da que adotam montes de adolescentes tentando parecer másculos. Por isso era convincente. Por ser uma pose forçada é que se tornava crível. Aqui e ali, eu esquecia o personagem. Sentindo alguma coisa incomodar na sola do pé, tirava o calcanhar e olhava por sobre o próprio ombro para ver o que era, em vez de cruzar a perna à frente do corpo e chacoalhar o sapato. Contava os trocados na palma da mão aberta, e não no bolso da calça. Tais deslizos me deixavam em pânico, mas não era necessário. Ninguém reparava. Isso era de grande ajuda para mim: as pessoas não reparam muito.

Seria mentira se eu dissesse que compreendia tudo que estava sentindo. Com catorze anos, a gente não compreende. Um instinto de autopreservação tinha me dito para fugir, e fugi. Um pavor me perseguia. Sentia falta dos meus pais. Sentia culpa por deixá-los preocupados. O relatório do dr. Luce me assombrava. À noite, em hotezinhos diversos, chorava até adormecer. Fugir não me fazia sentir nem um pouco menos um monstro. Ao mirar o futuro, só via humilhação e rejeição, e lamentava pela vida que tinha pela frente.

Mas acordava de manhã me sentindo melhor. Saía do meu quarto de hotel para respirar o mundo lá fora. Eu era jovem e, apesar do pavor, tinha a fibra de um animal; impossível, para mim, olhar as

coisas de forma pessimista por muito tempo. Era capaz, de algum jeito, de esquecer minha condição por longos períodos. Comia donuts no café da manhã. Continuava a beber café com muito açúcar e leite. Para melhorar o humor, fazia coisas que meus pais nunca me deixariam fazer, como pedir duas, às vezes três sobremesas, e jamais comer salada. Agora estava livre para deixar meus dentes apodrecerem e para colocar os pés no encosto do assento da frente. De vez em quando, ao pedir carona, encontrava outros adolescentes em fuga. Eles se reuniam debaixo de passarelas ou em manilhas de esgoto, fumando cigarros, cabeças cobertas pelos capuzes dos moletons. Eram mais durões que eu, mais safos. Eu procurava manter distância. Aqueles eram adolescentes de famílias desfeitas, que tinham sofrido abusos físicos e agora abusavam de outros. Eu não tinha nada a ver com eles. Trouxera a ascensão social da minha família junto comigo para a estrada. Não me enturmava, seguia só meu próprio caminho.

E então, no meio da pradaria, surge o trailer de Myron e Sylvia Bresnick, de Pelham, estado de Nova York. Como uma diligência dos tempos modernos, emerge do capinzal ao vento e para. Uma porta, como a porta de uma casa, se abre, e de pé ali dentro está uma senhora empertigada beirando os setenta anos.

“Acho que temos lugar pra você aqui”, ela diz.

Um momento antes, eu estava na Rota 80, no oeste de Iowa. Mas agora, embarcando com minha mala nessa nave da pradaria, subitamente me vejo na sala de estar dos Bresnick. Há fotografias emolduradas dos filhos do casal nas paredes, ao lado de reproduções de Chagall. Na mesa de centro, a história de Winston Churchill que Myron lê à noite, nas paradas.

Myron é um vendedor de peças aposentado, Sylvia, ex-assistente social. De perfil, ela lembra a figura astuta do Polichinelo, bochechas

expressivas, coradas, o nariz talhado para efeito cômico. Myron rola entre os lábios um charuto, fétido e íntimo de todas as secreções.

Enquanto Myron dirige, Sylvia me mostra as camas, o chuveiro, a área de convivência. Para qual faculdade eu vou? O que quero ser? Ela me criva de perguntas.

Myron, ao volante, se volta para nós em altos brados: "Stanford! Ótima faculdade!".

E é bem aí que alguma coisa acontece. Em algum ponto da Rota 80, tenho um estalo e de repente sinto que estou pegando o jeito daquilo. Myron e Sylvia me tratam como a um filho. Sob essa ilusão coletiva, é isso que me torno, ao menos por um tempinho. Passo para o lado masculino.

Mas alguma coisa da filha que fui ainda resta em mim. Pois, não demora muito, Sylvia já está me tirando de lado para se queixar do marido. "Eu sei. Esse negócio de trailer é uma cafonice. Você devia ver o tipo das pessoas que a gente encontra nesses campings. É o que chamam de 'estilo de vida itinerante'. Ah, é um pessoal legal e tudo — mas cha-to. Sinto falta de ir a eventos culturais. O Myron diz que passou a vida percorrendo o país sem ter tempo de conhecer nada. Então resolveu fazer tudo de novo — bem devagar. E adivinha quem ele arrastou junto?"

"Meu coração?", Myron está chamando a esposa. "Será que você podia me trazer um chá gelado, por favor? Seu marido aqui está desidratado."

Eles me deixaram em Nebraska. Contei o dinheiro e descobri que ainda tinha duzentos e trinta dólares. Achei um quarto barato numa espécie de hospedaria e ali passei a noite. Ainda estava com muito medo para arriscar pedir carona no escuro.

Na estrada, pude fazer alguns pequenos ajustes. Muitas das meias que trouxera não eram das cores certas — eram cor-de-rosa, brancas ou com estampa de baleias. Também minha roupa de baixo

era do tipo errado. Numa Woolworth's de Nebraska City, comprei um pacote de três cuecas samba-canção. Meu tamanho de roupas de menina era G. De menino, diminuiu para M. Circulei ainda pela seção de higiene pessoal. Em vez das prateleiras e mais prateleiras de produtos de beleza, havia apenas uma, com o essencial. A explosão dos cosméticos masculinos ainda não acontecera. Não encontrei delicados unguentos sob o disfarce de nomes rústicos. Nenhum Regenerador para Pele de Ação Intensiva. Tampouco algum Creme de Barbear Antiardência. Peguei um desodorante, giletes descartáveis e uma espuma de barba. Os frascos coloridos de água-de-colônia me atraíam, mas minha experiência anterior com produtos pós-barba não era muito favorável. O cheiro de colônia me fazia lembrar de professores de canto, de maîtres em restaurantes, de velhos e seus abraços indesejados. Comprei também uma carteira masculina. No caixa, não consegui encarar a atendente, minha vergonha era a de quem comprava camisinhas. Não muito mais velha que eu, era uma loira de cabelo ondulado. Aquele visual interiorano.

Nos restaurantes, passei a usar o banheiro masculino. Essa talvez tenha sido a adaptação mais difícil. Era escandalosa a imundície daqueles banheiros, o fedor e os ruídos suínos ali dentro, os grunhidos ofegantes nas privadas. Poças de urina permanentes pelo chão. Pedacos de papel higiênico úmido grudados nos lavatórios. Era entrar numa das cabines para ganhar boas-vindas de um entupimento hidráulico, de uma maré marrom ou de batráquios boiando mortos num caldo. E pensar que uma cabine de banheiro um dia tinha sido meu refúgio! Agora não mais. De imediato pude perceber que banheiros masculinos, ao contrário dos femininos, não ofereciam conforto. Com frequência não tinham nem espelho, ou sabonete para lavar as mãos. E, se os sujeitos flatulentos atrás das portas, nas privadas, não tinham vergonha nenhuma, nos mictórios,

a atitude era tensa. O olhar ficava fixo à frente, como se todos fossem cavalos com antolhos.

Nessas horas eu entendia o que estava deixando para trás: a solidariedade de uma biologia compartilhada. As mulheres sabem o que significa ter um corpo. Compreendem suas dificuldades e fragilidades, suas glórias e seus prazeres. Os homens tratam o corpo como coisa só sua. Cuidam dele privadamente, mesmo quando estão em público.

Uma palavrinha sobre o pênis. Qual era a posição de Cal sobre o órgão masculino? No meio de vários deles, cercada por eles, sentia o mesmo de quando era uma menina: fascínio e horror na mesma medida. Nunca tinham sido de grande serventia para mim. Minhas amigas e eu os achávamos cômicos. Disfarçávamos nosso interesse culpado com risadinhas, ou fingindo nojo. Como qualquer outra estudante em excursão escolar, também enrubesci entre antiguidades romanas. Espiei furtivamente pelas costas da professora. É nossa primeira lição de arte quando crianças, não é mesmo? Os nus estão vestidos. Vestidos de elevados princípios. Como tinha seis anos mais que eu, meu irmão nunca tinha dividido uma banheira comigo. Os vislumbres que tive de seus genitais ao longo dos anos foram fugazes. Sempre tinha o cuidado de desviar os olhos. E mesmo Jerome me penetrara sem que eu visse o que acontecia. Qualquer coisa assim, por tanto tempo envolta em mistério, só podia se tornar, para mim, intrigante. Mas as espiadelas que aqueles homens em banheiros públicos me permitiam eram, no geral, decepcionantes. Em lugar algum eu encontrava evidências do falo orgulhoso; em vez dele, só o embornal dependurado, o tubérculo seco, o caramujo que tinha perdido a concha.

E ficava morrendo de medo de que me flagrassem olhando. Não obstante meu terno, meu corte de cabelo e minha altura, toda vez que entrava num daqueles banheiros um grito soava na minha

cabeça: "Banheiro masculino!". Mas era ali mesmo que eu deveria estar. Ninguém dizia uma palavra. Ninguém levantava objeções à minha presença. E então eu ia até uma cabine que estivesse mais ou menos limpa. Tinha de me sentar para urinar. Até hoje tenho.

À noite, nos quartos dos hoteizinhos, sobre carpetes cheios de fungos, fazia flexões e abdominais. Só de samba-canção, examinava minha forma física no espelho. Não muito tempo antes, o fato de meu corpo não se desenvolver me aborrecia. Essa preocupação tinha desaparecido agora. Não precisava mais me conformar àquele padrão. As demandas inatingíveis saíam do caminho e eu sentia um imenso alívio por isso. Mas também havia os momentos de deslocamento, ao olhar para aquele corpo em plena mudança. Às vezes não parecia que era meu corpo. Um corpo duro, branco, ossudo. Bonito a seu modo, acho, mas espartano. Nem um pouco receptivo ou dócil. Estava mais para um conteúdo sob pressão.

Foi naqueles quartos de hotel que descobri meu novo corpo, suas instruções e contraindicações específicas. O Objeto e eu tínhamos agido na escuridão. Ela nunca chegou a explorar muito minhas partes. A Clínica tinha medicalizado meus genitais. No tempo que passei lá, eles permaneceram insensíveis ou levemente flácidos por causa das constantes apalpações. Meu corpo tinha se fechado para poder suportar aquela experiência penosa. Mas a viagem o despertou. A sós, com tranca e corrente na porta, eu fazia minhas experiências. Colocava travesseiros entre as pernas. Deitava em cima. Enquanto prestava uma atenção distraída ao programa de Johnny Carson, minha mão prospectava. A ansiedade que sempre tivera quanto à minha constituição física tinha impedido, antes, esse tipo de exploração, normal para a maioria das crianças. De modo que só agora, quando o mundo e as pessoas todas que eu conhecia tinham ficado para trás, é que ganhava coragem para experimentar. Não há como reduzir a importância disso. Se ainda duvidava quanto

ao acerto da minha decisão, se às vezes pensava em voltar atrás, correr para os meus pais e para a Clínica e me entregar, o que me impediu foi aquele êxtase que, privadamente, era capaz de sentir no meio das pernas. Sabia que aquilo me seria tirado. Não quero superestimar o aspecto sexual. Mas, para mim, foi uma força poderosa, especialmente aos catorze anos, com o vozerio vivo e estrepitoso dos meus nervos pronto a se transformar, à menor provocação, numa sinfonia. Foi assim que Cal descobriu a si mesmo, em culminâncias voluptuosas, líquidas e estéreis, sobre dois ou três travesseiros deformados, com cortinas fechadas e uma piscina vazia lá fora e carros que passavam sem parar, a noite toda.

Na saída de Nebraska City, um Nova *hatch*, cor prata, encostou. Corri, carregando a mala, e abri a porta do passageiro. Ao volante, um rapaz bonito de seus trinta e poucos anos. Usava um paletó de tweed e um suéter amarelo de gola V. A camisa xadrez estava aberta no colarinho, que no entanto tinha de tão engomado. A formalidade da roupa contrastava com a postura relaxada. “E aí”, ele disse, com sotaque do Brooklyn.

“Obrigado por parar.”

Acendeu um cigarro e se apresentou me estendendo a mão. “Ben Scheer.”

“Meu nome é Cal.”

Ele não fez as perguntas de sempre, de onde eu vinha, para onde ia. Em vez disso, enquanto arrancávamos com o carro, perguntou: “Onde você arrumou esse terno?”.

“Exército da Salvação.”

“Bacana mesmo.”

“Sério?”, falei. Mas logo recuei. “Você está de gozação.”

“Não, não estou”, disse Scheer. “Gosto da ideia de que um cara tenha morrido com esse terno. Bem existencialista.”

“O que é isso?”

“O quê?”

“Existencialista?”

Ele me lançou um olhar direto. “Existencialista é uma pessoa que vive pro momento.”

Ninguém nunca tinha falado comigo daquele jeito. À medida que avançávamos por campos amarelados, Scheer me contou outras coisas interessantes. Aprendi sobre Ionesco e o Teatro do Absurdo. E também sobre Andy Warhol e o Velvet Underground. Difícil expressar a excitação que essas coisas podiam provocar em mim, naquela idade, caipira em termos de cultura. As Pulseiras de Pingentes queriam fingir que eram da Costa Leste, e acho que acabei pegando essa obsessão também.

“Você já morou em Nova York?”, eu quis saber.

“Morava, sim.”

“Estou vindo de lá. Quero morar naquela cidade um dia.”

“Morei dez anos.”

“E por que foi embora?”

De novo o olhar direto. “Acordei um dia e me dei conta de que, se não fizesse isso, estaria morto em um ano.”

Isso também soou fantástico.

O rosto de Scheer era bonito, pálido, com um toque oriental nos olhos cinzentos. O cabelo crespo, castanho-claro, tinha sido cuidadosamente escovado e repartido com precisão. Passado algum tempo, reparei em outras sutilezas de seu traje, as abotoaduras com monogramas, os mocassins italianos. Gostei dele imediatamente. Scheer era o tipo de homem que eu queria ser, pensava comigo.

De repente, do banco de trás do carro, emergiu um suspiro magnífico, enfatiado, profundo.

“Como vão as coisas aí, Franklin?”

Ao ouvir seu nome, Franklin ergueu a cabeça majestosa e confusa dos recessos do banco traseiro, e pude ver as manchas pretas e

brancas de um setter inglês. Era um cão muito velho e remelento que, depois de uma olhada rápida para mim, voltou a desaparecer de vista ali atrás.

Scheer, enquanto isso, saía para o acostamento. Dirigia daquele jeito jovial de quem pega a estrada para viajar, mas o gesto era militar sempre que precisava fazer alguma manobra, as mãos firmes fechadas sobre o volante. Parou no estacionamento de uma loja de conveniência. “Volto num minuto.”

Segurando um cigarro junto ao quadril como se fosse um chicote de montaria, Scheer entrou a passos rápidos na loja. Enquanto ele não voltava, olhei em redor, no carro. Estava imaculadamente limpo, os tapetes no chão recém-aspirados. O porta-luvas continha uma coleção organizada de mapas e fitas cassete de Mabel Mercer. Scheer reapareceu trazendo duas sacolas de compras cheias.

“Acho que já temos nosso estoque de bebida pra viagem”, ele falou.

Trazia um pacote com doze cervejas, mais duas garrafas de Blue Nun e um Lancers rosé, cuja garrafa parecia de argila. Acomodou tudo no banco de trás.

Aquilo também era ser sofisticado. Beber vinho branco doce em copos de plástico, dando a isso o nome de coquetéis, e cavoucar queijo cheddar com um canivete suíço. Scheer tinha reunido ali um belo prato de hors-d’oeuvre com poucos recursos. Havia ainda azeitonas. Voltamos à travessia da terra de ninguém, enquanto Scheer me instruía sobre como abrir o vinho e servir os petiscos. Eu era seu pajem agora. Mandou que eu colocasse para tocar uma fita de Mabel Mercer e passou a me dar uma aula sobre o fraseado meticuloso da cantora.

Do nada levantou a voz. “Polícia. Esconde o copo.”

Rapidamente baixei meu Blue Nun e seguimos em frente, fingindo calma enquanto o policial rodoviário passava por nós, à esquerda.

A essa altura, Scheer já estava imitando o tira. “É na mesma hora que eu percebo quando me aparecem esses playboyzinhos da cidade, e aqueles dois eram dos bem metidos. Posso apostar que tavam aprontando alguma.”

Dei risada daquilo tudo, feliz de estar no time dos que desafiavam um mundo de hipócritas e caga-regras.

Quando começou a escurecer, Scheer parou num restaurante especializado em carnes. Comecei a me preocupar que fosse sair caro demais, mas ele me falou: “O jantar é por minha conta hoje”.

O lugar, bastante popular, estava cheio, e a única mesa disponível era uma pequena, perto do balcão do bar.

Scheer disse à garçonete: “Vou querer um martíni com vodca, seco, *duas* azeitonas, e pro meu filho aqui, uma cerveja”.

A garçonete me encarou.

“Um documento de identidade, por favor.”

“Não tenho aqui comigo”, falei.

“Então não posso te servir bebida.”

“Vi esse menino nascer. Pode confiar”, disse Scheer.

“Desculpe mas, sem identidade, nada de álcool.”

“Tá certo, então”, respondeu Scheer. “Mudei de ideia. Vou querer um martíni com vodca, seco, *duas* azeitonas, e uma cerveja pra acompanhar.”

Com os lábios apertados, a garçonete falou: “Você vai dar a cerveja pro seu amigo aí. Não posso servir”.

“As duas bebidas são pra mim”, Scheer garantiu à moça. Ele engrossou a voz um pouquinho, subiu um pouquinho o tom, acrescentando um toque da autoridade de alguém da Costa Leste ou da Ivy League que, mesmo ali, naquele restaurante nos cafundós, não passou despercebido. A garçonete, ressentida, se submeteu.

Quando se afastou, Scheer se inclinou para mim. Voltou a falar como caipira: “A muié aí só precisa de uns bons trato pra amansar. E

“você é o garanhão certo pro serviço”. Não parecia estar bêbado, mas aquele jeito grosseiro era novidade; os gestos estavam agora um pouco menos precisos, o tom de voz, mais alto. “É isso aí”, falou Scheer, “acho que ela gamou em você. Vocês podiam ser felizes juntos, você e a Mayella.” Eu também sentia o vinho bater forte, minha cabeça um globo espelhado, soltando raios de luz.

A garçonete trouxe as bebidas e as deixou, num gesto ostensivo, do lado da mesa onde estava Scheer. Assim que ela saiu, ele empurrou a cerveja na minha direção: “Taí”.

“Obrigado.” Bebi aos goles, devolvendo a garrafa ao outro lado da mesa sempre que a garçonete passava por perto. Esse jogo de dissimulação era divertido.

Mas alguém mais reparava em mim. Um cara me olhava do bar. De camisa havaiana e óculos escuros, não parecia estar gostando do que via. Em seguida, porém, abriu um sorriso largo, cúmplice. O sorriso me deixou desconfortável e desviei os olhos.

Quando saímos do restaurante, o céu tinha escurecido completamente. Antes de partir, Scheer abriu o porta-malas do carro para deixar Franklin sair um pouco. O velho cão não conseguia mais andar, e Scheer precisou carregá-lo para fora. “Vamos lá, Franks”, disse, afetuoso mas impaciente, um cigarro aceso entre os dentes, empinado de um jeito esnobe não muito diferente daquele do próprio Franklin Roosevelt; mocassins Gucci e paletó de tweed cor de ouro, aberto nas laterais, as pernas de jogador de polo vergadas pelo peso do animal, ele carregou o velho Franklin até uma moita de capim.

Antes de retomar a estrada, Scheer parou em outra loja de conveniência para comprar mais cerveja.

Seguimos viagem por uma hora, mais ou menos. Scheer tomou várias latas, eu, só uma ou duas. Estava com a cabeça apoiada à minha porta, a exaustão tomando conta de mim enquanto olhava

pela janela. Um carro branco e comprido emparelhou com o nosso. O motorista me encarou sorrindo, mas eu já estava quase dormindo.

Algum tempo depois, Scheer me acordou. "Estou bêbado demais pra dirigir. Vou dar uma parada."

Não respondi nada.

"Vou achar um hotelzinho. Pego um quarto pra você também. Por minha conta."

Também não fiz objeção a isso. Não demorou e vi as luzes embaçadas de um hotel de beira de estrada. Scheer saiu do carro e voltou com a chave do meu quarto. Foi até lá comigo, carregando minha mala, e abriu a porta para mim. Cheguei até a cama e desabei.

Minha cabeça girava. Consegui puxar a colcha e alcançar os travesseiros.

"Vai dormir de roupa?", perguntou Scheer, como se achasse aquilo divertido.

Senti sua mão acariciando minhas costas. "Você não devia dormir de roupa", ele disse. Começou a me despir, mas resisti.

"Só me deixe dormir", falei.

Scheer se debruçou e chegou mais perto. Disse com voz pastosa: "Seus pais te expulsaram de casa, Cal? Foi isso que aconteceu?". De repente pareceu muito bêbado, como se toda a bebida do dia e da noite finalmente estivesse fazendo efeito.

"Quero dormir agora", eu disse.

"Ah, vai", sussurrou Scheer. "Deixa eu cuidar de você."

De olhos fechados me encolhi na cama, tentando me proteger. Scheer fungou contra o meu corpo, mas, como eu não correspondia, parou. Escutei a porta abrir, depois se fechar atrás dele.

Quando voltei a acordar, era de manhãzinha. A luz entrava pelas janelas. E Scheer estava bem junto de mim. Ele me abraçava, desajeitado, os olhos fechados com força. "Só quero dormir aqui",

dizia, a voz arrastada. "Só quero dormir." Minha camisa tinha sido desabotoada. Scheer estava só de cueca. Sobre a televisão ligada havia várias latas de cerveja vazias.

Scheer se agarrava a mim, pressionando o rosto contra o meu, fazendo ruídos. Tolerei aquilo como se fosse obrigação minha, por alguma razão. Mas, quando seus avanços de bêbado se tornaram mais ávidos, com alvo mais preciso, me desvencilhei. Scheer não protestou. Enrodilhou-se na cama e rapidamente apagou.

Levantei e fui até o banheiro. Sentei na tampa fechada da privada, os joelhos junto ao peito, e ali fiquei por um bom tempo. Quando voltei a espiar, Scheer ainda dormia a sono solto. A porta do banheiro não tinha tranca, mas eu precisava desesperadamente de um banho. Tomei uma ducha rápida, mantendo a cortina aberta e de olho na porta. Então troquei de camisa, vesti novamente o terno e saí do quarto.

Era bem cedo. A estrada estava vazia. Caminhei para longe do hotel e sentei em cima da minha Samsonite, à espera. Um céu aberto, vasto. Alguns passarinhos. Estava com fome outra vez. Minha cabeça doía. Tirei a carteira e contei o dinheiro que minguava. Considerei, pela centésima vez, a ideia de ligar para casa. Comecei a chorar, mas logo parei. Então ouvi um barulho de carro. Do estacionamento do hotel, surgiu um Lincoln Continental branco. Ergui o polegar. O carro parou à minha frente e o vidro elétrico baixou lentamente. Ao volante, o homem que estava no restaurante na noite anterior.

"Pra onde você está indo?"

"Califórnia."

Aquele sorriso de novo. Feito alguma coisa estourando. "Bom, então é seu dia de sorte. É pra lá que eu vou também."

Hesitei por um momento e, em seguida, abri a porta traseira do carro e empurrei minha mala ali dentro. Àquela altura, não tinha

muita escolha.

# Disforia de gênero em San Francisco

O nome dele era Bob Presto. Tinha mãos gordas, macias e brancas, o rosto rechonchudo, e a camisa era uma *guayabera* branca com cordões dourados. Envaidecia-se da própria voz: tinha sido locutor de rádio antes de entrar para o ramo em que atuava agora. Que ramo era esse, não especificou. Mas sua natureza lucrativa ficava evidente no Continental branco com bancos de couro vermelho, no relógio de ouro e nos anéis ornados de pedras que Presto usava, no cabelo de apresentador de telejornal. Apesar desses toques de homem bem-sucedido, Presto guardava muito da aparência de um menino mimado. O corpo era o de um gorduchinho, embora ele fosse um sujeito grande, de quase noventa quilos. Para mim, fazia lembrar o Big Boy, da cadeia de lanchonetes Elias Brothers, só que mais velho, inchado e estragado por vícios adultos.

Nossa conversa começou da maneira habitual, Presto fazendo perguntas a meu respeito e eu respondendo com as mentiras de praxe.

“Pra onde você vai na Califórnia?”

“Pra faculdade.”

“Qual?”

“Stanford.”

“Nossa. Tenho um cunhado que estudou em Stanford. Um merdinha metido a grande bosta. Onde é mesmo?”

“Stanford.”

“Certo, mas qual é a cidade?”

“Esqueci agora.”

“Esqueceu? Achava que pra estudar em Stanford o cara tinha que ser inteligente. Como é que você vai chegar na faculdade, se não sabe onde fica?”

“Vou encontrar um amigo. Ele sabe de todos esses detalhes e tal.”

“É bacana ter amigos”, disse Presto. Ele se virou para mim e deu uma piscadela. Não soube como interpretar aquilo. Não falei nada, o olhar fixo na estrada, à frente.

Entre nós dois, no assento dianteiro que mais parecia um bufê, havia um estoque de guloseimas: refrigerantes e pacotes de salgadinhos e biscoitos. Presto me disse que podia pegar o que eu quisesse. Eu estava com muita fome para recusar e aceitei os biscoitos, tentando não devorá-los.

“Vou te dizer uma coisa”, continuou Presto, “quanto mais velho eu fico, mais novos vocês, universitários, parecem pra mim. Se me perguntassem, eu diria que você ainda é um colegial. Em que ano você está?”

“Sou calouro.”

De novo um sorriso meloso emergiu no rosto de Presto. “Quem dera estar no seu lugar. A faculdade é a melhor época da vida. Espero que você esteja preparado pro ataque das meninas.”

O comentário foi acompanhado de sacudidelas de riso, e me obriguei a rir com ele. “Tive um monte de namoradas na faculdade, Cal”, contou Presto. “Trabalhava na rádio do campus. Ganhava tudo quanto era disco de graça. E, quando gostava de uma garota, costumava dedicar músicas pra ela.” Deu uma amostra de seu estilo,

voz grave de locutor: “E essa é dedicada à Jennifer, rainha da 101 de Antropologia. Como eu adoraria estudar sua cultura, baby”.

Presto inclinou a cara flácida e arqueou as sobrancelhas, em reconhecimento modesto dos próprios dons vocais. “Deixa eu te dar um conselho sobre as mulheres, Cal. Voz. A voz é um negócio que excita pra caramba as mulheres. Nunca subestime uma voz.” A de Presto era, de fato, grave, dimorficamente masculina. O pescoço gordo ampliava a ressonância, e ele prosseguiu com a explicação. “Minha ex-mulher, por exemplo. Quando a gente se conheceu, era eu dizer qualquer coisa pra ela se derreter toda. A gente estava lá, trepando, e eu dizia ‘muffin’ — pronto, ela gozava.”

Vendo que eu não reagia, Presto falou: “Não estou te ofendendo, estou? Você não é um desses missionários mórmons, né? Com esse seu terno aí?”.

“Não.”

“Que bom. Me deixou preocupado por um momento. Deixa eu ouvir sua voz outra vez”, disse Presto. “Vai, capricha.”

“O que você quer que eu diga?”

“Diga ‘muffin’.”

“Muffin.”

“Não trabalho mais no rádio, Cal. Não sou profissional da área. Mas, na minha humilde opinião, você não serve pra DJ. Isso aí é uma voz aguda, de tenor. Se quiser arrumar mulher, vai ter que aprender a cantar.” Ele riu, depois virou o rosto sorridente para mim. Porém os olhos não expressavam alegria, mas eram duros, me examinando com muita atenção. Ele dirigia com uma mão só, comendo batatinhas fritas com a outra.

“Sua voz é um pouco incomum, na verdade. Difícil de classificar.”

Parecia melhor continuar sem dizer nada.

“Quantos anos você tem, Cal?”

“Já te disse ainda há pouco.”

“Não disse, não.”

“Acabei de fazer dezoito.”

“Quantos anos você acha que eu tenho?”

“Sei lá. Sessenta?”

“Tá certo, pode sair do carro agora mesmo. Sessenta! Tenho cinquenta e dois, pelo amor de Deus.”

“Eu ia dizer cinquenta.”

“O problema é meu excesso de peso.” Ele agora balançava a cabeça. “Eu não parecia tão velho até ganhar esse peso todo. Um moleque magricela que nem você não sabe dessas coisas, né? Quando te vi ali na beira da estrada, achei que você era uma garota. Nem reparei no terno. Só vi a silhueta. E pensei: Jesus, o que faz uma menina nova dessas pedindo carona?”

Eu era incapaz de olhar nos olhos de Presto agora. De novo começava a sentir medo e grande desconforto.

“Foi aí que te reconheci. Já tinha te visto antes. Naquele restaurante. Você estava com aquela bicha.” Houve uma pausa. “Pra mim era um papa anjo. Você é gay, Cal?”

“Como é que é?”

“Pode me contar, se quiser. Eu não sou, mas não tenho nada contra.”

“Quero descer agora. Você pode me deixar descer?”

Presto largou a direção e ergueu no ar as palmas das mãos. “Desculpa. Me perdoa. Chega de interrogatório. Nem mais uma palavra.”

“Só me deixa descer.”

“Se é o que você quer, tudo bem. Mas não faz sentido. A gente está indo pro mesmo lugar, Cal. Te levo até San Francisco.” Ele não diminuiu a marcha, nem eu pedi para que diminuísse. Presto cumpriu a palavra e, dali em diante, praticamente não falou, cantarolando o que ouvia no rádio. De hora em hora, parava para se

aliviar e comprar mais garrafas de Pepsi tamanho econômico, biscoitos com pedaços de chocolate, balas vermelhas de alcaçuz e salgadinhos de milho. De volta à estrada, era hora de reabastecer o corpanzil. Ele jogava a cabeça para trás, ao mastigar, temeroso de que os farelos fossem lhe sujar a camisa. O refrigerante descia gorgolejando na garganta. Nossa conversa se limitou a generalidades. Atravessamos a Sierra, saindo de Nevada e cruzando a divisa com a Califórnia. Passamos num drive-thru para almoçar. Presto pagou os hambúrgueres e os milk-shakes, e decidi que ele era um cara legal, bem simpático, e que não queria nada físico comigo.

“Hora dos meus comprimidos”, falou, depois de comer. “Cal, será que você podia me passar os frascos que estão no porta-luvas?”

Havia cinco ou seis diferentes. Entreguei-os a Presto e ele, forçando a vista, tentou ler os rótulos. “Vem cá”, falou, “segura a direção pra mim um minuto.” Chegando mais perto de Presto do que gostaria, agarrei o volante, enquanto ele se debatia com as tampas dos frascos e pegava os comprimidos. “Meu fígado está todo fodido. Uma hepatite que peguei na Tailândia. Aquela porra daquele lugar quase me mata.” Mostrou um comprimido azul. “Esse aqui é pro fígado. Tomo um anticoagulante também. E outro pra pressão. A coisa tá toda fodida no meu sangue. Eu não devia estar comendo tanto.”

E assim viajamos o dia inteiro, chegando a San Francisco à noitinha. Quando avistei a cidade, rosa e branca, um bolo de casamento se equilibrando nas montanhas, um novo tipo de ansiedade tomou conta de mim. Ao longo de todo o trajeto, atravessando o país, tinha me concentrado em chegar ao destino. Agora que estava ali, não sabia o que fazer nem como sobreviveria.

“Te deixo onde você quiser”, disse Presto. “Você tem o endereço de onde vai ficar? Da casa do seu amigo?”

“Qualquer lugar tá bom.”

“Te levo até o Haight. Dali fica fácil de você se achar.” Entramos na cidade e, por fim, Bob Presto encostou o carro e abri minha porta.

“Obrigado pela carona”, falei.

“Tudo bem”, disse Presto. Ele fez um sinal com a mão. “E, só pra constar, é Palo Alto.”

“Oi?”

“Palo Alto, é onde fica Stanford. Você devia gravar isso bem direitinho, se quer que alguém acredite que veio pra cá pra fazer faculdade.” Esperou que eu dissesse alguma coisa. Então, num tom de voz surpreendentemente terno, macete de profissional também, sem dúvida, mas convincente, Presto perguntou: “Olha só, carinha, você tem onde ficar?”

“Não se preocupe comigo.”

“Posso te perguntar uma coisa, Cal? O que você é, afinal?”

Sem responder, saí do carro e abri a porta traseira para tirar minha mala. Presto se voltou, ainda sentado no banco da frente, uma manobra complicada para ele. Sua voz continuava macia, grave, paternal. “Qual é. Eu sou do ramo. Talvez possa te ajudar. Você é traveco?”

“Estou indo agora.”

“Não se ofenda. Sei tudo sobre operados e não operados, esse negócio todo.”

“Não sei do que você está falando.” Puxei minha mala de cima do banco.

“Ei, pra que a afobação? Toma. Fica com meu número, pelo menos. Uma figura que nem você podia me servir. Seja lá o que você for, vai precisar de dinheiro, não vai? Se quiser arrumar um jeito fácil de ganhar uma boa grana, dê uma ligada pro seu amigo Bob Presto.”

Peguei o cartão só para me ver livre dele. Então dei-lhe as costas e saí dali como se soubesse para onde estava indo.

“Cuidado aí no parque à noite”, berrou Presto atrás de mim, com sua voz tonitruante. “Tem um monte de pilantras à solta.”

Minha mãe costumava dizer que o cordão umbilical que a ligava aos filhos jamais havia sido completamente rompido. Assim que o dr. Philobosian tinha cortado o cordão de carne, outra conexão, espiritual, teria tomado o lugar da primeira. Quando desapareci, Tessie sentiu, mais do que nunca, que isso era verdade. À noite, deitada na cama à espera de que os calmantes fizessem efeito, era frequente levar a mão ao próprio umbigo, como o pescador que confere a linha. Tessie sentia alguma coisa ali, leves vibrações. Era, para ela, um sinal de que a filha estava viva, ainda que distante, faminta e possivelmente doente. Tudo isso lhe chegava como uma espécie de canto pelo cordão invisível, um canto como o das baleias, gritando umas para as outras nas profundezas.

Por mais de uma semana após meu desaparecimento, meus pais continuaram hospedados no Hotel Lochmoor, na esperança de que eu voltasse. Por fim, o detetive da polícia nova-iorquina designado para o caso disse a eles que o melhor a fazer era voltar para casa. “A filha de vocês pode ligar pra lá. Ou aparecer. É o que esses adolescentes geralmente acabam fazendo. Acreditem em mim. Melhor vocês voltarem e ficarem atentos ao telefone.” Relutantes, meus pais aceitaram o conselho.

Antes de partir, porém, marcaram uma conversa com o dr. Luce. “O conhecimento superficial é uma coisa perigosa”, foi o que lhes disse o médico, à guisa de explicação para minha fuga. “A Callie pode ter dado uma olhada no arquivo do caso dela, quando saí do consultório. Mas não entendeu o que estava lendo.”

“E o que teria levado ela a fugir assim?”, perguntou Tessie, os olhos arregalados, suplicantes.

“Ela interpretou mal as informações”, respondeu Luce. “Fez uma leitura simplista demais.”

“Vou ser bem honesto, dr. Luce”, falou Milton. “Nossa filha chamou o senhor de mentiroso naquele bilhete que deixou pra gente. Gostaria de uma explicação de por que ela diria uma coisa dessas.”

Luce sorriu, tolerante. “Ela tem catorze anos. Desconfia dos adultos.”

“Podemos ver o arquivo do caso?”

“Isso não vai ajudar em nada. A identidade de gênero é algo muito complexo. Não é uma questão puramente genética. E também não diz respeito só a fatores externos. Os genes e o ambiente se somam num determinado momento crítico. A coisa não é difatorial. É trifatorial.”

“Deixa eu esclarecer uma coisa aqui”, interrompeu Milton. “O senhor mantém ou não a opinião médica de que a Callie deve continuar a ser o que é?”

“A partir da avaliação psicológica que pude fazer no curto tempo em que tratei sua filha, eu diria que sim, mantenho a opinião de que a identidade de gênero dela é feminina.”

Tessie perdeu a compostura, e disse, parecendo descontrolada: “Então por que ela diz que é um menino?”.

“Pra mim ela nunca disse isso”, falou Luce. “É mais uma peça do quebra-cabeça.”

“Quero ver esse arquivo”, exigiu Milton.

“Sinto, mas não será possível. Os registros são para uso exclusivo nas minhas pesquisas. Vocês têm direito de consultar os exames de sangue da Callie e os resultados de outros testes.”

Foi quando Milton explodiu. Gritou e xingou o dr. Luce. “Pra mim, o senhor é o responsável por isso. Está me ouvindo? Nossa filha não

é do tipo que simplesmente foge assim. O senhor deve ter feito alguma coisa pra ela. Deve ter assustado a menina.”

“Era com a própria situação que a Callie estava assustada, sr. Stephanides”, respondeu Luce. “E me permitam enfatizar um ponto aqui.” O médico dava pancadas secas na mesa com os nós dos dedos. “É de fundamental importância que vocês a encontrem o quanto antes. Ou as consequências podem ser graves.”

“Do que o senhor está falando?”

“De depressão. De disforia. Ela se encontra num estado psicológico muito delicado.”

“Tessie”, Milton se voltou para a esposa, “você quer ver o arquivo ou vamos dar o fora daqui e mandar esse desgraçado se foder?”

“Quero ver a pasta dela.” Minha mãe choramingava agora. “E maneire a língua, por favor. Vamos tentar manter a cordialidade.”

Luce finalmente cedeu e permitiu que meus pais dessem uma olhada no relatório. Quando terminaram de ler, Luce se ofereceu para reavaliar meu caso no futuro, e declarou que esperava que me encontrassem logo.

“Mas nem em um milhão de anos eu levaria a Callie de volta lá”, disse minha mãe, ao saírem da clínica.

“Não sei o que esse sujeito fez pra Callie ficar tão chateada”, falou meu pai, “mas alguma coisa ele fez.”

Voltaram para Middlesex no final de setembro. As folhas caíam dos olmos, deixando a rua a descoberto. O tempo começou a esfriar, e de sua cama, à noite, Tessie escutava o vento e o farfalhar das folhas, e perguntava a si mesma onde eu estaria dormindo e se estava a salvo. Os calmantes não amenizavam seu pânico, antes o deslocavam. Quando estava sedada, Tessie se recolhia a um núcleo interior, uma espécie de mirante de onde podia observar as próprias ansiedades. O medo saía um pouco dela nessas horas. Os comprimidos deixavam sua boca seca. A impressão era de que a

cabeça estava envolta em algodão, e a visão periférica, cheia de pontos luminosos. A prescrição era de um comprimido só por vez, mas com frequência ela tomava dois.

Havia um ponto a meio caminho entre consciência e inconsciência onde Tessie conseguia pensar melhor. Durante o dia não lhe faltava companhia para distraí-la — chegavam visitas o tempo todo trazendo comida que ela tinha que servir em bandejas e depois ainda tratar de limpar tudo —, mas à noite, já perto da estupefação, ela tinha a coragem de tentar se conciliar com o bilhete que eu tinha deixado.

Minha mãe achava impossível pensar em mim como qualquer outra coisa que não sua filha. Seus pensamentos andavam em círculos, sem parar. Com os olhos semiabertos, brilhando e faiscando nos cantos, Tessie fixava um ponto do quarto escuro e via passar diante dela todos os meus pertences e roupas. Parecia que estavam todos empilhados ao lado da cama — as meias enfeitadas com fita, as bonecas, as presilhas de cabelo, a coleção completa dos livros da Madeline, os vestidos de festa, os sapatinhos Mary Jane vermelhos, os macacões, o forquinho de brinquedo, o bambolê. Aqueles objetos eram a trilha que levava a mim. Como é que essa trilha poderia levar a um menino?

E agora, no entanto, aparentemente levava. Tessie repassou os eventos do ano e meio anterior, procurando por sinais que talvez tivessem lhe escapado. Nada muito diferente do que faria qualquer mãe, se confrontada com alguma revelação chocante sobre a filha adolescente. Se eu tivesse morrido de overdose ou aderido a algum tipo de culto, os pensamentos da minha mãe seriam essencialmente os mesmos. A reavaliação seria idêntica, só mudariam as perguntas. Seria aquele o motivo da minha altura incomum? Estaria aí a razão pela qual minha menstruação não vinha? Tessie pensou nas nossas sessões de depilação no Golden Fleece e na minha voz rouca de

contralto — pensou em tudo, na verdade: que os vestidos jamais me caíam bem, que luvas femininas não me serviam mais. Todas essas coisas que Tessie havia aceitado como parte da idade ingrata agora lhe pareciam reveladoras. Como podia ter deixado passar! Ela era minha mãe, tinha dado à luz essa pessoa, estava mais próxima de mim do que eu estava. Minha dor era sua dor, minha alegria, sua alegria. Mas o rosto de Callie não parecia estranho, às vezes? Tão intenso, tão... masculino. E ela não tinha gordura em lugar nenhum do corpo, só ossos, nada de quadril. Mas aquilo não era possível... e o dr. Luce tinha dito que a Callie era uma... e por que o médico não tinha mencionado nada sobre cromossomos... e como é que uma coisa daquelas podia ser verdade? E por aí seguiam os pensamentos da minha mãe, à medida que sua mente se apagava e sumiam as faíscas. E, depois de ter pensado em todas essas coisas, Tessie pensou no Objeto, na minha amizade tão próxima com o Objeto. Recordou o dia em que a outra menina caíra morta durante a peça, lembrou que, ao correr para os bastidores, o que encontrou lá foi o Objeto nos meus braços, e eu reconfortando minha amiga, acariciando-lhe os cabelos, com aquela expressão de arrebatamento no meu rosto, sem uma gota de tristeza...

Tessie repeliu este último pensamento.

Milton, por outro lado, não desperdiçou tempo reavaliando evidências. Naquele bloco de anotações do hotel, Callie tinha proclamado: "*Não sou* uma menina". Mas ela era só uma criança. O que sabia da vida? Crianças dizem todo tipo de maluquice. Meu pai não entendia o que me fizera fugir da cirurgia. Não chegava a compreender por que eu podia não querer que me consertassem, que me curassem. E estava certo de que ficar especulando sobre as razões da minha fuga não ajudava em nada. Primeiro precisavam me achar. Precisavam me trazer de volta a salvo. A questão médica podia ficar para depois.

Milton agora se dedicava a esse objetivo. Passava um bom tempo, todos os dias, ao telefone, ligando para departamentos de polícia no país inteiro. Não dava sossego ao detetive de Nova York, querendo saber se havia algum progresso no meu caso. Consultava listas telefônicas na biblioteca pública, anotando números e endereços das polícias e dos abrigos de fugitivos, depois percorria metodicamente a lista, discando para todos aqueles números e perguntando se não tinham visto alguém que se encaixasse na minha descrição. Enviou uma foto minha para todas as delegacias e circulou um memorando aos franqueados de sua cadeia, pedindo que afixassem minha fotografia em todos os restaurantes Hércules. Muito antes de meu corpo nu ir parar em livros-texto de medicina, meu rosto apareceu em quadros de avisos e vitrines por todo o país. A delegacia de San Francisco chegou a receber a foto, mas a chance de me reconhecerem por aquela imagem, àquela altura, era muito pequena. Como um verdadeiro fora da lei, eu já mudara minha aparência. E, dia após dia, a biologia ajudava a aperfeiçoar meu disfarce.

Middlesex voltou a ficar cheia de amigos e parentes. Tia Zo e meus primos vinham dar apoio moral aos meus pais. Uma tarde, Peter Tatakis fechou mais cedo o consultório de quiropraxia, em Birmingham, para ir jantar com Milt e Tessie. Jimmy e Phyllis Fioretos apareceram trazendo *koulouria* e sorvete. Era como se a invasão do Chipre nunca tivesse acontecido. As mulheres se concentravam na cozinha, preparando a comida, enquanto os homens se sentavam na sala de estar, conversando em voz baixa. Milton pegava as garrafas empoeiradas no bar. Tirava a de Crown Royal do saco de veludo púrpura e oferecia aos convidados. Nosso velho conjunto de gamão foi resgatado da pilha de jogos de tabuleiro, e algumas das mulheres mais velhas recorreram ao *kombolói*. Todos sabiam que eu tinha fugido de casa, mas ninguém

sabia por quê. Em privado, diziam uns aos outros: "Será que ela está grávida?". E: "A Callie tinha namorado?". E: "Ela sempre pareceu uma boa menina. Nunca pensei que fosse aprontar uma dessas". E: "O tempo inteiro se vangloriando da menina, do monte de notas A naquela escola grã-fina. Agora não se vangloriam mais".

O padre Mike segurava a mão de Tessie enquanto ela ficava estendida na cama, sofrendo. Sem paletó, só com a camisa preta de mangas curtas e colarinho, dizia a ela que rezaria pelo meu retorno. Aconselhou Tessie a ir à igreja acender uma vela por mim. Agora me pergunto que cara tinha o padre Mike segurando a mão da minha mãe no quarto do casal. Haveria em sua expressão um toque de *Schadenfreude*? De prazer pela infelicidade da ex-noiva? Ou de deleite porque o dinheiro do cunhado não tinha sido capaz de protegê-lo do infortúnio? Ou de alívio porque, uma vez na vida, a caminho de casa, a esposa, Zoë, não poderia compará-lo desfavoravelmente a Milton? Não sei responder a essas perguntas. Quanto a minha mãe, por causa dos calmantes, ela só se lembra de que a pressão que sentia nos olhos fazia o padre Mike parecer uma figura estranhamente alongada, feito o padre de um quadro de El Greco.

À noite, o sono de Tessie era agitado. O pânico a acordava a todo instante. Arrumava a cama de manhã, mas às vezes, após o café, voltava a se deitar, as cortinas fechadas, deixando os tênis brancos de tamanho diminuto alinhadinhos no carpete. As órbitas oculares escureciam e as veias azuis nas têmporas latejavam visivelmente. Quando o telefone tocava, parecia que a cabeça ia explodir.

"Alô?"

"Alguma novidade?" Era tia Zo. Tessie esmorecia.

"Não."

"Não se preocupe. Ela vai aparecer."

Conversavam mais um minutinho e Tessie dizia que precisava desligar. “Melhor não ficar ocupando a linha.”

Uma grande muralha de neblina desce sobre a cidade de San Francisco toda manhã. Surge primeiro ao longe, no mar. Depois de se formar sobre os Farallons, ocultando os leões-marinhos deitados nos rochedos, avança sobre Ocean Beach e enche a cuia comprida e verde do Golden Gate Park. A névoa encobre quem corre ou, solitário, pratica tai chi nas primeiras horas da manhã. Embaça as janelas do Glass Pavilion. Esgueira-se pela cidade toda, por monumentos e cinemas, bocas de fumo em Panhandle e hoteizinhos de quinta em Tenderloin. A névoa submerge as mansões vitorianas em tons pastel em Pacific Heights e obscurece as casas pintadas de arco-íris no Haight. Transita para cima e para baixo nas ruas de Chinatown; embarca nos vagões do bonde, cujas sinetas soam como boias sinalizadoras; escala o topo de Coit Tower, tornando-o invisível; segue adiante até Mission, onde os músicos de *mariachi* ainda dormem; e aborrece os turistas. Essa névoa fria sob a qual todos os gatos são pardos, e que avança sobre San Francisco a cada manhã, explica melhor do que qualquer coisa por que a cidade é o que é. Depois da Segunda Guerra, San Francisco foi o principal porto de chegada dos marinheiros que voltavam do Pacífico. No tempo que passaram no mar, muitos deles adquiriram hábitos amatórios reprovados em terra firme. Então acabaram ficando em San Francisco, formando uma população que foi aumentando e atraindo mais gente, até a cidade se tornar a capital gay, uma *Hauptstadt* homossexual. (Mais uma prova da imprevisibilidade da vida: o distrito de Castro é produto direto do complexo industrial-militar.) O maior atrativo para os marinheiros era a névoa que emprestava à cidade a sensação anônima e cambiante do mar, e sob tal anonimato

a mudança pessoal ficava muito mais fácil. Às vezes era difícil dizer se a neblina baixava sobre a cidade, ou se era a cidade que ia ao encontro da neblina. Na década de 1940, essa névoa ocultava dos demais cidadãos o que faziam aqueles marinheiros. E não parou por aí. Nos anos 1950, recheou a cabeça dos Beats feito a espuma de seus cappuccinos. Nos anos 1960, enevoou as mentes dos hippies como a fumaça de maconha que subia de suas pipetas. E, nos anos 1970, quando Cal Stephanides chegou por ali, o que a névoa escondia eram meus amigos e eu no parque.

No meu terceiro dia no Haight, estava num café comendo uma banana split. Era minha segunda. O barato daquela recém-adquirida liberdade começava a se dissipar. Já não adiantava, como na semana anterior, me entupir de doces para mandar a tristeza embora.

“Tem um trocado pra me dar?”

Ergui os olhos. Agachado ao meu lado, na mesinha com tampo de mármore, estava um tipo que eu conhecia bem. Era um daqueles adolescentes safos que andavam em bandos dos quais eu queria manter distância. O capuz do moletom emoldurava o rosto cheio de espinhas.

“Desculpa”, falei.

O menino se debruçou, o rosto agora ainda mais perto. “Tem um trocado?”, disse outra vez.

Aquela insistência me irritou. Então o fulminei com o olhar e respondi: “Eu devia te fazer a mesma pergunta”.

“Não sou eu que estou me lambuzando num sundae.”

“Já falei que não tenho trocado nenhum.”

Ele deu uma espiada às minhas costas e, mais afável, perguntou: “Então por que você anda por aí com essa supermala?”.

“Isso é problema meu.”

“Vi você ontem com ela.”

“Meu dinheiro deu pra esse sorvete, mas foi só.”

“Você está sem lugar pra ficar?”

“Tenho um montão de lugares.”

“Compra um hambúrguer pra mim. Te mostro um lugar bacana.”

“Falei que conheço um montão de lugares.”

“Conheço um lugar bacana lá no parque.”

“Não preciso que ninguém me mostre o parque. *Qualquer um* pode ir lá.”

“Não pode não, se não quiser rodar. Você não manja nada, cara. No parque tem lugar que é seguro e tem lugar que não é. Eu e os meus amigos, a gente tem um lugar bacana. Bem escondido. Os tiras nem sabem que existe, então a gente pode fazer festa lá o tempo inteiro. Posso talvez te deixar ficar com a gente, mas antes preciso daquele duplo com queijo.”

“Um minuto atrás era um hambúrguer.”

“Cochilou, dançou. O preço sobe. Quantos anos você tem, afinal?”

“Dezoito.”

“É, tá, tá bom que eu caio nessa. Tem dezoito nada. Tenho dezesseis e você não é mais velho que eu, não. Você é de Marin?”

Balancei a cabeça. Fazia um tempo que não conversava com alguém da minha idade. E me sentia bem. Diminuí um pouco a solidão. Mas ainda não tinha baixado a guarda.

“Mas você é rico, né? Sr. Lacoste?”

Não respondi nada. E súbito ele se pôs a implorar, aquela fome adolescente, os joelhos tremendo. “Ah, *vai*, cara. Tô com fome. Ok, esquece o duplo com queijo. Paga só um hambúrguer.”

“Tá bom.”

“Legal. Um hambúrguer. Com fritas. Você disse com fritas, né? Você não vai acreditar, cara, mas também tenho pai rico.”

Foi assim que começou minha história no Golden Gate Park. No fim, meu novo amigo, Matt, não estava mentindo sobre os pais. Matt

era de um subúrbio abastado da Filadélfia, onde morava o pai dele, advogado especializado em divórcios. Era o quarto filho, o caçula. Encorpado e queixudo, voz gutural e rouca de cigarro, tinha fugido de casa para seguir a turnê do Grateful Dead, no verão anterior, mas acabou não voltando. Nos shows, vendia camisetas *tie-dye*, e maconha ou ácido, quando conseguia. No fundão do parque, aonde me levou, conheci seus companheiros.

“Esse é o Cal”, disse Matt a eles. “Ele vai dar um tempo aqui com a gente.”

“Legal.”

“Você trabalha numa funerária, cara?”

“Na hora que vi ele, pensei que era o Abraham Lincoln.”

“É nada, isso aí é só a roupa de viagem do Cal”, falou Matt. “Ele tem outras na mala. Certo?”

Fiz que sim.

“Quer comprar uma camiseta? Tenho umas pra vender.”

“Pode ser.”

O acampamento ficava dentro de um pequeno bosque de mimosas. As flores vermelhas e felpudas pendendo dos galhos pareciam limpadores de cachimbo. Ocupando toda a extensão das dunas, viam-se enormes arbustos de sempre-vivas que formavam abrigos naturais. Eram ocos por dentro, a terra seca ali embaixo. Os arbustos protegiam do vento e, na maior parte do tempo, também da chuva. A gente cabia sentado ali dentro. Em cada um deles havia alguns sacos de dormir; quem quisesse passar a noite escolhia algum que estivesse desocupado. Valia a ética comunitária. O tempo todo adolescentes chegavam e iam embora. O acampamento era equipado com tudo que o pessoal abandonava ali: um fogareiro, uma panela grande para cozinhar macarrão, talheres diversos, potes de geleia reaproveitados como copos, roupas de cama e um *frisbee* que brilhava no escuro e os caras ficavam jogando, brincadeira para

a qual às vezes, quando precisavam completar um dos times, me recrutavam. (“Meu Jesus, Lacoste, você joga feito uma menina, cara.”) O pessoal mantinha um bom estoque de resina de erva já fumada, de pipetas e cachimbos, de ampolas de *poppers*, mas faltavam toalhas, cuecas, pasta de dente. Havia, a uns trinta metros de distância, mais ou menos, uma vala que era usada como latrina. O chafariz perto do aquário do parque servia bem para tomar banho, mas só à noite, para evitar os policiais.

Se um dos rapazes arranjava namorada, o acampamento ganhava uma moradora por um tempo. Eu ficava longe delas, sentia que talvez pudessem descobrir meu segredo. Era como um imigrante, todo posudo, que de repente esbarrasse em alguém de seu antigo país. Não queria que me desmascarassem, então ficava de bico calado. Mas de qualquer modo eu não teria muito o que dizer para aquele pessoal. Todo mundo ali era fanático pelo Grateful Dead, e o assunto era sempre a banda. Quem tinha assistido o Jerry na ocasião tal e tal. Quem tinha conseguido a gravação pirata de tal e tal show. Matt abandonara a escola no colegial, mas tinha uma cabeça impressionante no que dizia respeito a catalogar curiosidades sobre a banda. Sabia de cor as datas e as cidades da turnê. Sabia as letras de todas as músicas, quando e onde tinham tocado cada uma, quantas vezes, e aquelas apresentadas ao vivo uma única vez. Vivia a expectativa de que certas canções fossem tocadas como os crentes esperam o Messias. Um dia o Grateful Dead ia tocar “Cosmic Charlie” e Matt Larson queria estar lá para ver a humanidade redimida. Certa vez encontrou Mountain Girl, a esposa de Jerry. “Ela foi legal pra caralho”, contou. “Eu adoraria pra caralho ter uma mulher dessas pra mim. Se eu achasse uma como a Mountain Girl, casava e tinha filhos e essa porra toda.”

“E arranjava emprego também?”

“A gente podia seguir a turnê da banda. Colocar os bebês naquelas trouxinhas. Tipo indiozinhos. E vender erva.”

Não éramos os únicos morando no parque. Do outro lado, ocupando outras dunas, ficavam uns sem-teto de barbas compridas, os rostos encardidos de sol e poeira. Eram conhecidos por saquearem outros acampamentos, de modo que nunca deixávamos o nosso sem ninguém. Era mais ou menos a única regra que tínhamos. Alguém sempre precisava estar de guarda.

Tinha me juntado com os fanáticos pelo Grateful Dead porque estava com medo de ficar só. O tempo que passei na estrada me fez ver os benefícios de andar em bando. As razões pelas quais eu e eles tínhamos saído de casa eram diferentes. Aqueles não eram adolescentes com os quais, em circunstâncias normais, eu faria amizade, mas me adaptei, durante aquele breve período, porque não tinha nenhum outro lugar para onde ir. Nunca me sentia à vontade com eles. Mas os rapazes não eram especialmente cruéis. Havia brigas quando bebiam, mas a atmosfera geral era pacífica. Todo mundo estava lendo *Sidarta*. Uma velha edição de bolso passava de mão em mão no acampamento. Li também. É uma das coisas daquela época de que me lembro mais nitidamente: me sentar numa pedra para ler Hermann Hesse e descobrir o Buda.

“Ouvi falar que o Buda curtia um ácido”, disse um dos seguidores do Grateful Dead. “Era daí que vinha a iluminação dele.”

“Não existia ácido naquela época, cara.”

“Não, era tipo um, saca, cogumelo.”

“Acho que o Jerry é o Buda, cara.”

“Só!”

“Tipo quando vi ele fazer aquela jam session sideral de quarenta e cinco minutos em cima de ‘Truckin’ in Santa Fe’ — caralho, ali eu saquei que ele era o Buda.”

Eu nunca participava de nenhuma dessas conversas. Lá está Cal, no arbusto mais afastado, enquanto todos os seguidores do Grateful Dead vão pegando no sono.

Tinha fugido sem pensar como seria minha vida. Tinha fugido sem ter para onde ir. Agora estava sem tomar banho e com cada vez menos dinheiro. Mais cedo ou mais tarde, teria de ligar para os meus pais. Mas, pela primeira vez na vida, eu sabia que não havia nada que eles pudessem fazer para me ajudar. Nada que quem quer que fosse pudesse fazer.

Todo dia eu levava o bando até o Ali Baba e pagava hambúrgueres vegetarianos a setenta e cinco centavos cada para os rapazes. Preferia não esmolar nem vender droga. Na maior parte do tempo, ficava ali pelo bosque das mimosas, em desespero crescente. Algumas vezes caminhei até a praia para me sentar junto ao mar, mas também isso parei de fazer, depois de um tempo. A natureza não proporcionava alívio. O mundo acabava ali. Eu não poderia ir para nenhum lugar que não fosse eu.

Para os meus pais, era o contrário. Aonde quer que fossem, o que quer que fizessem, eram saudados pela minha ausência. Depois da terceira semana do meu desaparecimento, amigos e parentes pararam de acorrer em tão grande número a Middlesex. A casa ficou mais silenciosa. O telefone não tocava. Milton ligou para Um-Sete-Um, agora vivendo na Península Superior, e disse: "Sua mãe está passando por um período difícil. Ainda não sabemos onde sua irmã foi parar. Tenho certeza que a Tessie vai se sentir um pouco melhor se puder te ver. Por que você não aparece pra passar o final de semana?". Milton não comentou nada sobre meu bilhete. No tempo todo que passei na clínica, meu pai mantivera Um-Sete-Um a par da situação em termos os mais genéricos. Meu irmão percebeu, na voz

de Milton, que a coisa era grave, e concordou em começar a vir nos fins de semana para ficar em seu antigo quarto. Aos poucos, foi sendo informado dos detalhes do meu problema, e sua reação se mostrou mais serena do que a que tiveram meus pais, o que lhes permitiu, ou ao menos permitiu a Tessie, começar a aceitar a nova realidade. Numa daquelas visitas de Um-Sete-Um, Milton, desesperado por restabelecer boas relações com o filho, novamente o exortou a assumir os negócios da família. "Você não está mais com aquela Meg, está?"

"Não."

"Bom, você abandonou a faculdade de engenharia. E agora, o que anda fazendo? Sua mãe e eu não temos uma ideia muito clara do tipo de vida que você leva em Marquette."

"Estou trabalhando num bar."

"Trabalhando num bar? Fazendo o quê?"

"Sou chapeiro."

Milton parou por um momento. "E o que você prefere: ficar atrás de uma chapa, ou um dia assumir o comando da Hércules Hot Dogs? Foi você que inventou o negócio, afinal."

Um-Sete-Um não disse sim. Mas não disse não. Um geek cientista em outros tempos, meu irmão tinha mudado totalmente com os anos 1960. Sob os imperativos da década, tinha se transformado em lactovegetariano, estudioso da Meditação Transcendental e adepto da mastigação de brotos de peiete. Algum dia, muito tempo antes, tinha serrado bolas de golfe no meio, tentando descobrir o que havia dentro delas; mas, a certa altura da vida, o fascínio de Um-Sete-Um tinha se voltado para o interior da mente. Convencido de que a educação formal era essencialmente inútil, tinha se afastado da civilização. Ambos tivemos nossos momentos de retorno à natureza: Um-Sete-Um na Península Superior e eu, no meu arbusto do Golden

Gate Park. Quando meu pai apareceu com aquela oferta, porém, meu irmão já começava a se cansar da floresta.

“Venha”, disse Milton, “vamos comer um Hércules agora mesmo.”

“Não como carne”, falou Um-Sete-Um. “Como posso administrar esse negócio se não como carne?”

“Tenho pensado em incluir umas saladas no cardápio”, rebateu Milton. “Tem um monte de gente, hoje em dia, que prefere uma dieta de baixas calorias.”

“Boa ideia.”

“É? Você acha? Você podia cuidar desse departamento, então.” Milton cutucou Um-Sete-Um com o cotovelo, brincalhão: “Que tal começar como vice-presidente do setor de saladas?”

Pegaram o carro e foram até o restaurante da Hércules no centro. Estava movimentado quando chegaram. Milton cumprimentou o gerente, Gus Zaras. “*Yahsou.*”

Gus ergueu os olhos e, num segundo, já estava com um sorriso largo no rosto. “Ei, Milton. Como é que você está?”

“Bem, bem. Trouxe aqui o futuro chefe pra conhecer a casa.” Apontou para Um-Sete-Um.

“Bem-vindo à dinastia da família”, brincou Gus, abrindo os braços. Riu com exagero. Parecendo se dar conta disso, parou. Houve um silêncio constrangido. Então Gus perguntou: “E aí, Milton, o que vai ser?”

“Dois completos. E o que temos de opção vegetariana?”

“Sopa de feijão.”

“Ok. Uma tigela de sopa de feijão pro meu garoto.”

“Você que manda.”

Milton e Um-Sete-Um escolheram duas banquetas e esperaram a comida ser servida. Depois de uma longa pausa, Milton disse: “Sabe quantos quiosques iguais a este seu velho tem hoje?”

“Quantos?”, falou Um-Sete-Um.

“Sessenta e seis. Oito na Flórida.”

A artilharia pesada de convencimento parou por aí. Milton comeu seus hot dogs em silêncio. Sabia perfeitamente bem por que Gus tinha exagerado tanto nas boas-vindas. Era porque pensava no que todo mundo pensa quando uma menina desaparece. Pensava no pior. Havia momentos em que Milton também pensava assim. Não admitia isso para ninguém. Nem para si próprio. Mas, sempre que Tessie falava do cordão umbilical, sempre que afirmava sentir, por ali, os sinais enviados pela filha de algum lugar, Milton se surpreendia querendo acreditar na esposa.

Num domingo, quando Tessie saía para a igreja, meu pai deu a ela uma nota graúda. “Acenda uma vela pra Callie. Compre um monte delas.” Deu de ombros. “Mal não vai fazer.”

Mas, depois que a esposa saiu, balançou a cabeça. “O que há com você? Acender velas! Cristo!” Estava furioso consigo mesmo por ceder a uma tal superstição. Voltou a jurar que me encontraria; que me traria de volta. De um jeito ou de outro. A oportunidade viria e, quando viesse, Milton Stephanides não a deixaria passar.

\* \* \*

O Grateful Dead ia tocar em Berkeley. Matt e os outros se mandaram para o show e me incumbiram de ficar cuidando do acampamento.

É meia-noite no bosque das mimosas. Não durmo, ouço ruídos. Há luzes se movendo entre os arbustos. Vozes murmurantes. As folhas acima da minha cabeça se iluminam, esbranquiçadas, e vejo a armação dos galhos. O chão, meu corpo, meu rosto, tudo ali está salpicado de luz. No segundo seguinte, uma lanterna invade fulgurando a entrada da minha toca.

Imediatamente dois homens me atacam. Um deles aponta a luz da lanterna para a minha cara, enquanto o outro salta para cima do meu peito, prendendo meus braços.

“Hora de acordar”, diz o da lanterna.

São dois sem-teto das dunas do outro lado do parque. Enquanto o outro me mantém debaixo do seu corpo, o da lanterna começa a vasculhar o acampamento.

“Que tipo de mimos os bostinhas têm aqui?”

“Olha a cara dele”, diz o primeiro. “O puto tá se cagando todo.”

Fecho as pernas com força, os temores de uma menina ainda ativos em mim.

Estão atrás de drogas, principalmente. O da lanterna chacoalha sacos de dormir e revista minha mala. Passado um tempo, vem até onde estou e se abaixa apoiando um dos joelhos no chão.

“Cadê seus amigos, cara? Caíram fora e te deixaram sozinho?”

Agora começou a remexer nos meus bolsos. Logo encontra minha carteira e a esvazia. É quando minha carteirinha da escola cai dali. Ele a ilumina com a lanterna.

“O que é isso? Sua namorada?”

Ele olha a foto, com um sorrisinho cínico. “Sua namorada gosta de chupar pinto? Aposto que gosta.” Segura a carteirinha rente à parte da frente da calça e mexe o quadril. “Ah, gosta sim!”

“Deixa eu ver”, diz o que está por cima de mim.

O cara da lanterna joga a carteirinha, que cai no meu peito. O outro se debruça para perto do meu rosto e, baixando a voz, diz: “Não se mexa, seu puto”. Ele solta meus braços e pega a carteirinha.

Agora consigo ver a cara dele. Barba grisalha, dentes podres, nariz adunco, septo visível. Contempla o retrato. “Putinha.” Olha para mim, de novo para a foto, e sua expressão muda.

“É uma menina!”

“Como você é esperto, cara. Sempre achei isso de você.”

“Não, estou falando *dele*.” E aponta para mim. “É ela! Ele é ela.” Ergue a carteirinha no ar para o outro ver. A lanterna mira outra vez Calíope, de uniforme da escola.

Depois de um tempo, o que está de joelhos mostra os dentes. “Você está querendo enganar a gente? Hein? Está com os mimos enfiados aí dentro dessas calças? Segura ela”, ele ordena. O que está por cima de mim prende novamente meus braços, enquanto o outro solta meu cinto.

Tentei lutar para me livrar dos dois. Chutava e me debatia. Mas eles eram muito fortes. Baixaram minha calça até os joelhos. O da lanterna apontou a luz e deu um pulo para trás.

“Jesus Cristo!”

“Que foi?”

“Putaquepariu!”

“O quê?”

“É uma aberração do caralho!”

“Hã?”

“Vou vomitar, cara. Olha isso!”

Assim que deu uma olhada, o outro me largou, como se achasse que eu o contaminaria. Ficou de pé, enfurecido. Por um acordo silencioso, começaram a me chutar. Ao mesmo tempo soltavam palavrões. O que antes estava por cima de mim meteu o pé na lateral do meu corpo. Agarrei-lhe a perna e segurei firme.

“Solta de mim, sua aberração do caralho!”

O outro me chutava na cabeça. Foram três ou quatro chutes antes de eu apagar.

Quando voltei a mim, estava tudo quieto. Achei que tinham ido embora. Então alguém riu. “Cruzar espadas”, disse a voz. Os dois jatos amarelos, cintilantes, se interceptaram no ar para me encharcar.

“Volta pro buraco de onde você saiu, sua aberração.”

E me deixaram ali.

\* \* \*

Ainda estava escuro quando encontrei o chafariz perto do aquário para tomar um banho. Aparentemente não estava sangrando em nenhum lugar. Meu olho direito tinha fechado com o inchaço. A lateral do corpo doía quando eu respirava fundo. Tinha carregado a Samsonite do meu pai comigo até o chafariz. Setenta e cinco centavos era quanto me restava. Queria mais do que qualquer coisa ligar para casa. Em vez disso, liguei para Bob Presto. Ele me disse que já estava a caminho para me buscar.

# Hermafrodito

Não chega a ser uma surpresa que a teoria de Luce sobre a identidade de gênero tenha sido popular no começo dos anos 1970. Naquela época, nas palavras do meu primeiro barbeiro, todo mundo estava querendo ser unissex. Havia o consenso de que a personalidade era determinada primordialmente pelo ambiente, cada criança uma lousa em branco a ser preenchida. Meu caso clínico era apenas um reflexo do que, psicologicamente, se passava com todas as pessoas naquele tempo. As mulheres se tornavam mais parecidas com homens e os homens, com mulheres. Durante um breve período, na década de 1970, pareceu que a diferença sexual deixaria de existir. Mas então aconteceu outra coisa.

Ficou conhecida como biologia evolutiva. Sob sua tutela, os sexos voltaram a se separar: homens viraram caçadores e mulheres, coletoras. Não era mais a criação que nos formava; era a natureza. Impulsos presentes nos hominídeos de vinte mil anos atrás ainda nos dominavam. E, hoje, na tevê e nas revistas, prosperam as simplificações. Por que os homens não são bons para se comunicar? (Porque tinham de manter silêncio durante as caçadas.) Por que as mulheres se comunicam tão bem? (Porque precisavam gritar umas para as outras, avisando onde estavam as frutas a serem colhidas.) Por que os homens nunca conseguem achar as coisas na casa?

(Porque seu campo de visão é estreito, o que ajudava na perseguição à presa.) Por que as mulheres acham tão facilmente as coisas? (Porque, para proteger o ninho, se acostumaram a abranger um vasto campo de visão.) Por que as mulheres não conseguem estacionar direito? (Porque baixos níveis de testosterona inibem a habilidade espacial.) Por que os homens nunca pedem informação? (Porque é sinal de fraqueza, e caçadores jamais mostram fraqueza.) É a isso que chegamos hoje. Homens e mulheres, cansados de ser a mesma coisa, querem ser diferentes outra vez.

Também não chega a ser surpresa, portanto, que a teoria do dr. Luce tenha se tornado alvo de ataques nos anos 1990. A criança não era mais uma lousa em branco; cada recém-nascido trazia inscritas a genética e a evolução. Minha vida ocupa o centro dessa disputa. Sou, em certo sentido, sua solução. De início, quando desapareci, o dr. Luce se desesperou, achando que tinha perdido sua maior descoberta. Mas, depois, possivelmente porque se deu conta da razão pela qual fugi, chegou à conclusão de que eu não era uma prova em favor de sua teoria, e sim contra. Esperava que eu não abrisse a boca. Publicou seus artigos sobre mim rezando para que eu nunca aparecesse para refutá-los.

Mas as coisas não são tão simples. Não me encaixo em nenhuma dessas teorias. Nem na da biologia evolutiva, nem na do dr. Luce. Minha constituição psicológica tampouco está de acordo com o essencialismo que tanto sucesso faz no movimento pela intersexualidade. Diferentemente de outros chamados pseudo-hermafroditas masculinos que têm aparecido em matérias na imprensa, nunca me senti fora do lugar sendo menina. Até hoje não me sinto totalmente à vontade entre homens. O desejo me fez cruzar a fronteira para o outro lado, o desejo mais a facticidade do meu corpo. No século XX, a genética impregnou nossas próprias células com a antiga noção grega de destino. Neste novo século em

que acabamos de entrar, descobriu-se algo diferente. Contrariando todas as expectativas, o código em que nossa existência se baseia é espantosamente inadequado. Em vez dos esperados duzentos mil genes, temos apenas trinta mil. Não muito mais que um camundongo.

E assim uma estranha nova possibilidade vai surgindo. Limitada, indefinida, tateante, mas não totalmente descartada: o retorno do livre-arbítrio. A biologia fornece o cérebro. A vida é que o transforma em mente.

Na San Francisco de 1974, ao menos, a vida se esforçava um bocado para me arranjar uma.

\*

Lá vem de novo: o cheiro de cloro. Por baixo do aroma, significativo à sua percepção nasal, da mulher que o cavalga, distinguível até mesmo do cheiro de pipoca amanteigada que ainda impregna aquelas antigas poltronas de cinema, o sr. Go consegue sentir o inconfundível olor de uma piscina. Ali? Na boate Meia-Nove? Ele fareja. Flora, a mulher em seu colo, diz: "Gosta do meu perfume?". Mas o sr. Go não responde. Sabe como ignorar as mulheres que paga para cavalgá-lo. O que mais gosta é quando, enquanto uma saltita montada nele, pode assistir a outra dançando ao redor do cintilante mastro de bombeiros no centro do palco. O sr. Go é multitarefas. Mas nesta noite não está conseguindo manter a atenção dividida. O cheiro de piscina o distrai. Tem acontecido já há mais de uma semana. Virando a cabeça, que balança suavemente ao ritmo dos esforços de Flora, o sr. Go observa a fila diante do cordão de isolamento de veludo púrpura. Os aproximadamente cinquenta assentos da Sala de Espetáculos estão quase totalmente desocupados. À luz azulada, apenas as cabeças de uns poucos

homens são visíveis, alguns deles sozinhos, de frente para o palco, outros, a exemplo do sr. Go, sendo cavalgados por suas acompanhantes: essas amazonas de cabelo oxigenado.

Atrás do cordão de isolamento de veludo púrpura, há um lance de escadas ladeado por luzes que piscam. Para subir as escadas, é preciso pagar cinco dólares à parte. Chegando ao segundo andar da boate (foi o que disseram ao sr. Go), a única possibilidade é entrar numa das cabines, onde então o cliente é obrigado a depositar fichas, as quais devem ser adquiridas no andar de baixo por vinte e cinco centavos cada uma. Depois de fazer tudo isso, o freguês ganha o direito de ter alguns vislumbres de algo que o sr. Go não entende bem o que é. O inglês do sr. Go é mais do que razoável. Faz cinquenta e dois anos que vive nos Estados Unidos. Mas o cartaz que anuncia as atrações do andar de cima não faz muito sentido para ele. Por isso fica curioso. Com o cheiro de cloro, ainda mais.

Apesar do movimento cada vez maior naquelas escadas, ultimamente, o sr. Go ainda não experimentou subir. Mantém-se fiel ao andar de baixo, onde, pagando a taxa única de admissão de dez dólares, tem uma gama de atividades à disposição. O sr. Go pode, se assim desejar, deixar a Sala de Espetáculos e ir para a Sala Escura, no final do corredor. Na Sala Escura, há lanternas que emitem um estreito fecho de luz. Um amontoado de homens maneja as ditas lanternas. Quando se consegue avançar o suficiente, chega-se ao local onde uma garota, ou às vezes duas, repousa sobre um tablado forrado com espuma emborrachada. Claro, em certo sentido, é uma questão de fé acreditar que exista, ali, uma garota, ou até duas. Nunca é possível ver uma garota inteira na Sala Escura. Só se veem partes. Só o que a lanterna ilumina. Um joelho, por exemplo, ou um mamilo. Ou, o que interessa particularmente ao sr. Go e seus companheiros, a fonte da vida, a coisa das coisas, purificada, por assim dizer, vista ali sem o entulho de uma pessoa presa a ela.

O sr. Go pode ainda se aventurar na Sala de Dança. Ali, há garotas à espera do sr. Go para dançar ao som de alguma música lenta. Do estilo disco ele não gosta, porém, e na sua idade se cansa fácil. É esforço demais aquilo de prensar as garotas contra as paredes acolchoadas da Sala de Dança. O sr. Go prefere mil vezes ficar sentado na Sala de Espetáculos, numa das poltronas Art Déco encardidas que, um dia, pertenceram a um cinema em Oakland, hoje demolido.

O sr. Go tem setenta e três anos. Toda manhã, para conservar sua virilidade, ele toma um chá de chifre de rinoceronte. Também come vesícula de urso, quando consegue encontrar o produto no boticário chinês que fica perto de seu apartamento. Esses afrodisíacos funcionam, aparentemente. O sr. Go vai à boate Meia-Nove quase toda noite. Tem uma frase brincalhona que gosta de dizer às garotas que rebolam no seu colo. “Vovô Go não tá gagá.” É a única ocasião em que ri ou sorri, quando diz a frase a elas.

Se a boate não está muito cheia — e, no andar de baixo, isso anda raro —, Flora às vezes fica três ou quatro músicas com o sr. Go. Cobra um dólar para cavalgá-lo pelo tempo de uma música, mas acaba ficando mais uma ou duas de graça. Essa é uma das vantagens de Flora, na opinião do sr. Go. Ela não é jovem, a Flora, mas tem uma pele macia, lisinha. O sr. Go sente que é uma mulher saudável.

Hoje, porém, depois de duas músicas apenas, Flora escapole do colo do sr. Go, resmungando. “Não sou casa de caridade, tá sabendo.” Sai pisando duro. O sr. Go fica de pé, ajeita as calças, e é exatamente nesse momento que o cheiro de piscina o atinge outra vez e ele é vencido pela curiosidade. Arrasta os pés em direção à saída da Sala de Espetáculos e passa os olhos no cartaz no alto da escada:

**Meia-Nove apresenta...**

**O Jardim das Vulvas Tentaculares**

**Melanie, a Sereia!**

**Ellie e a Enguia-Elétrica!**

**E nossa atração especial...**

**O DEUS HERMAFRODITO**

1/2 Homem, 1/2 Mulher

**Sem truques! Autenticidade comprovada!**

E agora a curiosidade do sr. Go já ganhou a parada. Ele compra um ingresso para o andar de cima e um punhado de fichas e aguarda na fila com os outros homens. Quando o porteiro o deixa subir, ele avança pela escada de luzes piscantes. As cabines não têm numeração, apenas lâmpadas que indicam se estão ou não ocupadas. Ele encontra uma vazia, entra, fecha a porta e deposita uma ficha. De imediato, uma escotilha se abre para revelar profundezas subaquáticas. Uma música começa a tocar no alto-falante do teto e uma voz grave passa a narrar uma história:

“Era uma vez, na Grécia Antiga, um pequeno lago encantado. Esse lago era consagrado a Salmacis, a ninfa das águas. E um dia Hermafrodito, um lindo menino, foi nadar ali.” A voz prossegue, mas o sr. Go não está mais prestando atenção. Está olhando para o tanque, azul e vazio. Começa a se perguntar onde estão as garotas e a se arrepender de ter comprado ingresso para o Jardim das Vulvas Tentaculares. Mas é quando a voz anuncia:

“Senhoras e senhores, com vocês, o deus Hermafrodito! Metade mulher, metade homem!”

Do alto, um mergulho na água, que fica esbranquiçada, depois rósea. A apenas alguns centímetros, do outro lado do vidro da escotilha, um corpo, um corpo vivo. O sr. Go olha. Aperta os olhos. Pressiona o rosto contra a escotilha. Nunca viu nada parecido com aquilo. Nem em todos os seus anos de incursões à Sala Escura. Não tem certeza se gosta do que vê. Mas a visão o faz se sentir estranho, zozzo, a ponto de flutuar, e mais jovem, por alguma razão. Súbito a escotilha se fecha. Sem hesitar, o sr. Go deposita outra ficha.

A boate Meia-Nove, de San Francisco, propriedade de Bob Presto, ficava em North Beach, à vista dos arranha-céus do centro. Era um bairro de cafés italianos, pizzarias e bares de striptease. North Beach era o lugar de vistosos palácios do gênero, como o de Carol Doda, com seus famosos seios silhuetados na fachada. Nas calçadas, pregoeiros anunciavam aos passantes: “Senhores! Entrem para ver o show! Deem uma olhadinha só. Sem custo”. Enquanto, em frente à boate ao lado, outro cara gritava: “Nossas garotas são as melhores. Por aqui, atrás da cortina!”. E o pregoeiro seguinte: “Shows eróticos ao vivo, senhores! E quem entra no nosso estabelecimento ainda pode assistir futebol!”. Os pregoeiros eram todos sujeitos interessantes, na maioria poetas fracassados, e passavam o tempo de folga na livraria City Lights, folheando livros de bolso da New Directions. Usavam calças listradas, gravatas berrantes, costeletas e cavanhaques. Tendiam a se parecer com Tom Waits, ou talvez fosse o contrário. Feito personagens de Mamet, habitavam uma América que jamais existira, um imaginário juvenil de malandros e vendedores ambulantes e submundo.

É como dizem: San Francisco é o lugar para onde os jovens vão a fim de gozar a aposentadoria. E, embora reconheça que uma descida ao submundo barra-pesada certamente daria colorido à minha história, não posso deixar de mencionar que a zona do striptease em North Beach se estende por apenas alguns quarteirões. A geografia de San Francisco é bela demais para se deixar dominar pela barra-pesada, de modo que, circulando entre os pregoeiros, havia muitos turistas carregando seus pães *sourdough* e chocolates Ghirardelli. Durante o dia, viam-se patinadores e jogadores de *footbag* nos parques. Mas, à noite, as coisas enfim ficavam um pouco mais barra-pesada, e das nove da noite às três da manhã os homens seguiam em bandos para a boate Meia-Nove.

Onde, como já deve ter ficado óbvio, eu agora trabalhava. Cinco noites por semana, seis horas por noite, por quatro meses — e, felizmente, nunca mais —, ganhei a vida exibindo minha peculiar constituição física. A Clínica tinha me treinado para isso, ao anestesiá-lo meu senso de pudor, e além disso havia o desespero por dinheiro. A Meia-Nove também oferecia o ambiente ideal para mim. Minhas colegas de trabalho eram duas garotas: Carmen e Zora.

Presto era um explorador, um escroque da pornografia, um canalha do sexo, mas podia ter sido pior. Sem ele, talvez eu jamais tivesse me encontrado. Depois de me resgatar no parque, o corpo todo escoriado e arreventado, me levou para o apartamento dele. Sua namorada da Namíbia, Wilhelmina, foi quem providenciou os curativos. A certa altura, apaguei de novo e eles tiraram minha roupa para me colocar na cama. Foi aí que Presto se deu conta do bilhete de loteria que tinha encontrado.

Minha consciência flutuava, captando pedaços do que os dois conversavam.

“Eu sabia. Soube na hora que vi ele no restaurante.”

“Sabia nada, Bob. Você achou que era um transexual.”

“Tinha certeza que era uma mina de ouro.”

E, mais tarde, Wilhelmina: “Quantos anos ele tem?”.

“Dezoito.”

“Não parece que tem dezoito.”

“Ele diz que tem.”

“E você prefere acreditar, né, Bob? Quer colocar o menino pra trabalhar na boate.”

“Foi *e/le* que me ligou. Aí ofereci o trabalho.”

E um pouco depois: “Por que você não liga pros pais dele?”.

“O moleque fugiu de casa. Não vai querer que a gente ligue pros pais.”

O Jardim das Vulvas Tentaculares era uma ideia anterior a mim. Presto a tivera seis meses antes. Carmen e Zora vinham trabalhando ali desde o começo, como Ellie e Melanie, respectivamente. Mas Presto estava atrás de atrações ainda mais aberrantes, e sabia que eu seria um trunfo contra seus concorrentes na zona do striptease. Não havia nada igual por ali.

O tanque em si não era grande. Não muito maior do que uma piscina de quintal. Uns quatro metros e meio de comprimento por, talvez, uns dez de largura. Descíamos por uma escadinha para dentro da água quente. Das cabines, olhava-se diretamente para o interior do tanque; era impossível, dali, ver acima da superfície. De modo que podíamos ficar com a cabeça fora d'água, se quiséssemos, e conversar enquanto trabalhávamos. Contanto que mantivéssemos o corpo submerso da cintura para baixo, os clientes estavam satisfeitos. “Eles não vêm aqui pra ver a carinha bonitinha de vocês”, conforme explicou Presto. Tudo isso tornava as coisas muito mais fáceis. Não acho que eu teria sido capaz de me apresentar num peep show tradicional, cara a cara com os voyeurs.

O olhar deles sugaria minha alma. Mas ali, no tanque, eu fechava os olhos ao submergir. Ondulava no silêncio das profundezas do mar. Quando me exibia contra o vidro da escotilha, tirava a cabeça d'água e, portanto, não tinha consciência daqueles olhos examinando meu molusco. Como foi que eu disse isso antes? A superfície do mar é um espelho que reflete caminhos evolutivos divergentes. Acima dela, as criaturas do ar; lá embaixo, as aquáticas. Um planeta contendo dois mundos. Os clientes eram as criaturas aquáticas; Zora, Carmen e eu continuávamos sendo, essencialmente, criaturas do ar. Em sua fantasia de sereia, Zora ficava deitada no tapete estreito e úmido, do lado de fora, esperando para entrar depois de mim. Às vezes segurava um baseado na minha boca para que, com as mãos agarradas à borda, eu pudesse fumar. Esgotados os meus dez minutos, eu subia de volta ao tapete e me secava. No sistema de som, Bob Presto estava dizendo: "Vamos aplaudir Hermafrodito, senhoras e senhores! Exclusividade do Jardim das Vulvas Tentaculares, onde pipi e popoca estão sempre na pororoca! Ouçam o que eu digo, amigos, aqui a gente junta glam rock com hadoque, AC/DC com lambari..."

Esparramada de lado, como se estivesse na praia, Zora me perguntava com seus olhos azuis e seu cabelo dourado: "Meu zíper está fechado?"

Eu conferia.

"Esse tanque está me deixando toda congestionada. Estou sempre congestionada."

"Quer alguma coisa do bar?"

"Traz um Negroni pra mim, Cal. Obrigada."

"Senhoras e senhores, é hora da nossa próxima atração aqui no Jardim das Vulvas Tentaculares. Sim, já vejo aqui que os rapazes do Steinhardt Aquarium acabam de trazê-la. Depositem suas fichas,

senhoras e senhores, porque essa ninguém vai querer perder. É som na caixa. Ou melhor, *é sushi na faixa...*"

A música de Zora começava a tocar. Seu tema de abertura.

"Senhoras e senhores, desde tempos imemoriais marinheiros contam histórias sobre visões de incríveis criaturas, metade mulher, metade peixe, nadando nos mares. Nós aqui, na Meia-Nove, não dávamos crédito a tais histórias. Mas um conhecido nosso, pescador de atum, trouxe pra gente outro dia a coisa mais espantosa já pescada. E agora acreditamos. Senhoras e senhores...", anunciava o locutor Bob Presto, "alguém aí já sente o cheiro de... *peixe?*"

Ao ouvir a deixa, Zora, com seu traje de borracha coberto de escamas de lantejoula verde-brilhantes, mergulhava no tanque. A roupa ia até a cintura, deixando expostos os seios e os ombros. Sob a luz aquática, Zora deslizava e abria os olhos, ao contrário de mim, sorrindo para os homens e as mulheres nas cabines, o cabelo comprido, loiro, flutuando atrás dela feito alga marinha, minúsculas bolhas de ar a decorar-lhe o peito como pérolas, e ela não parava de bater o reluzente rabo de peixe cor de esmeralda. Não era um número obscuro. A beleza de Zora era tamanha que todos ficavam satisfeitos só de olhar para ela, a pele branca, os lindos seios, a barriga lisinha com o umbigo a piscar, a magnífica curva de suas costas ondulantes, onde a carne se fundia às escamas. O rosto era sereno, os olhos, de um claro azul caribenho. No andar de baixo, uma batida disco latejava sem parar, mas ali, no Jardim das Vulvas Tentaculares, a música era etérea, uma espécie de borbulhar melódico.

De um certo ponto de vista, aquilo era uma espécie de arte. A Meia-Nove era um antro do sexo, mas ali em cima, no Jardim das Vulvas Tentaculares, a atmosfera era mais exótica do que pornô. Era o equivalente sexual do Trader Vic's. O pessoal era levado a ver coisas estranhas, corpos incomuns, mas o apelo, em grande medida,

estava na viagem proporcionada. Através das escotilhas, os clientes viam corpos reais fazendo coisas que corpos eventualmente fazem em sonhos. Havia clientes homens, heterossexuais e casados, que às vezes sonhavam que estavam fazendo amor com mulheres dotadas de pênis, não pênis masculinos, e sim caules delgados e afilados, o estame das flores, clitóris que tivessem se alongado tremendamente de desejo abundante. Havia os clientes gays que sonhavam com meninos que fossem quase femininos, de pele macia e sem pelos. Havia as clientes lésbicas que também sonhavam com mulheres dotadas de pênis, não pênis masculinos, e sim ereções femininas, de sensibilidade e vivacidade que um dildo jamais teria. Não há como calcular o percentual da população que sonha sonhos assim, de transfiguração sexual. Mas essas pessoas vinham ao nosso jardim submerso todas as noites e lotavam as cabines para nos assistir.

Depois de Melanie, a Sereia, era a vez de Ellie e a Enguia-Elétrica. De início a enguia não aparecia. O que baixava às profundezas aquamarinas num mergulho era, aparentemente, uma menina havaiana magra, enfiada num biquíni com estampa de lírios-brancos. Enquanto Ellie nadava, a parte de cima do biquíni escapava e ela continuava sendo uma menina. Mas, quando virava de ponta-cabeça, num balé gracioso, e puxava a calcinha do biquíni até os joelhos — ah, aí era hora do choque da enguia. Pois lá estava, no corpo da menina magra, lá estava onde não deveria estar, uma enguia delgada, marrom e irritadiça, uma espécie ameaçada, e Ellie então a friccionava contra o vidro, fazendo-a crescer e crescer; e os clientes conferiam de novo seus seios, sua cintura fina, alternavam o olhar entre Ellie e a enguia, a enguia e Ellie, e eram eletrizados por aquele casamento de opostos.

Carmen era uma transexual antes da operação. Era do Bronx. Pequena, de ossatura delicada, tinha obsessão por delineador de

olhos e batom. Estava sempre de regime. Mantinha distância de cerveja, com medo de criar barriga. Exagerava um pouco nos trejeitos femininos, na minha opinião. Rebolava e ajeitava o cabelo totalmente além da conta. Tinha um rosto bonito de náiade, menina na superfície e, lá embaixo, um menino prendendo a respiração. Às vezes os hormônios que tomava deixavam sua pele com acne. Seu médico (o muito procurado dr. Mel, de San Bruno) sempre precisava reajustar a dose. As únicas características que desmascaravam Carmen eram a voz, que permanecia rouca apesar dos estrógenos e da progestina, e as mãos. Mas os homens nunca reparavam nisso. E queriam que Carmen fosse impura. Era exatamente o que os excitava, na verdade.

Sua história, mais do que a minha, seguia o roteiro tradicional. Desde muito cedo, Carmen sentia que tinha nascido no corpo errado. Certo dia, no vestiário, ela me contou com seu sotaque do lado sul do Bronx: "E eu, tipo, uau! Quem colocou esse pau em mim? Não pedi pau nenhum, não". Continuava ali, no entanto, por ora. E era o que os homens vinham ver. Zora, com pendores para o pensamento analítico, achava que os admiradores de Carmen eram movidos por homossexualidade latente. Mas Carmen resistia à ideia. "Meus namorados são todos hétero. Eles querem uma *mulher*."

"Claro que não são", rebatia Zora.

"É só eu arrumar grana que mando reformar ali embaixo. Aí vamos ver. Vou ser mais mulher que você, Z."

"Por mim tudo bem", respondia Zora. "Não quero mesmo ser nada específico."

Zora tinha a síndrome de insensibilidade aos andrógenos. Seu corpo era imune a hormônios masculinos. Embora fosse XY, como eu, seu desenvolvimento seguira a tendência feminina. Mas Zora se saía muito melhor. Além de ser loira, tinha curvas e lábios cheios. Suas maçãs do rosto proeminentes dividiam o rosto em duas

planícies árticas. Quando falava, dava para perceber a pele se esticando sobre os zigomas e abrindo uma cavidade entre as mandíbulas, a máscara tensa que se formava, feito a de uma fada, os olhos azuis espetados mais acima. E depois havia o corpo, os seios de garota-propaganda de leite, o abdômen de campeã de natação, as pernas de velocista ou de uma bailarina de Martha Graham. Mesmo nua, Zora parecia ser totalmente mulher. Não havia nenhum sinal visível de que não tinha nem útero nem ovários. A insensibilidade aos andrógenos criava a mulher perfeita, ela me disse. Várias top models sofriam da síndrome. "Quantas meninas conseguem ter quase um e noventa de altura e ser magras com peitões? Não muitas. Isso é normal em alguém como eu."

Bonita ou não, Zora não queria ser mulher. Preferia se identificar como hermafrodita. Foi a primeira que conheci. A primeira pessoa igual a mim. Já em 1974, Zora usava a palavra "intersexual", o que era raro então. Fazia apenas cinco anos que ocorrera o levante de Stonewall. O Movimento pelos Direitos dos Gays estava a caminho. Preparava o terreno para todas as lutas de identidade que viriam em seguida, incluindo a nossa. A Sociedade Norte-Americana pela Intersexualidade só seria fundada em 1993, porém. De modo que penso em Zora Khyber como uma pioneira, uma espécie de João Batista clamando no deserto. Numa perspectiva mais ampla, o deserto era a América, até o próprio globo, mas mais especificamente o chalé de madeira de sequoia no qual ela vivia em Noe Valley, e onde eu estava morando também. Depois de averiguar satisfatoriamente todos os detalhes da minha anatomia, Bob Presto ligou para Zora e combinou que eu ficaria com ela. Zora acolhia gente extraviada como eu. Era parte de sua missão. A névoa de San Francisco também proporcionava abrigo aos hermafroditas. Não é surpreendente que o movimento pela intersexualidade tenha começado ali, e não em outro lugar. Zora já estava nisso numa

época de pouca organização. Antes de os movimentos emergirem de fato, existem centros de energia, e Zora era um deles. Sua atuação política consistia, principalmente, em estudar e escrever. E, nos meses em que vivi com ela, em me educar, em me tirar do que via como as trevas do Meio-Oeste.

“Você não precisa trabalhar pro Presto, se não quiser”, ela me disse. “Eu logo vou parar mesmo. É só um emprego temporário.”

“Preciso do trabalho. Roubaram todo o meu dinheiro.”

“E seus pais?”

“Não quero pedir pra eles”, falei. Baixei os olhos e admiti: “Não posso ligar pra casa”.

“O que aconteceu, Cal? Se você não se importa de eu perguntar. O que você está fazendo aqui?”

“Eles me levaram num médico de Nova York que queria que eu fizesse uma operação.”

“E aí você fugiu.”

Fiz que sim.

“Você ainda tem sorte. Eu não soube de nada até os vinte anos.”

Tudo isso aconteceu no meu primeiro dia na casa de Zora. Não tinha começado a trabalhar na boate ainda. Precisava, antes, deixar cicatrizar as escoriações. Não era surpreendente ter ido parar ali. Quando se viaja do jeito que eu fiz, com destino vago e itinerário incerto, uma abertura algo sagrada toma conta da personalidade da gente. É por esse motivo que os primeiros filósofos eram peripatéticos. E Cristo também. Ainda me vejo naquele primeiro dia: pernas cruzadas sobre uma almofada de chão com estampa *batik*, tomando chá-verde numa xícara de cerâmica queimada *raku*, olhando para Zora com meus olhos grandes, esperançosos, curiosos, atentos. Por causa do cabelo curto, os olhos pareciam ainda maiores agora, mais do que nunca os olhos de algum ícone bizantino, uma daquelas figuras galgando a escada que leva ao céu, o olhar fixo no

alto, enquanto lá embaixo seus iguais sucumbem a demônios incandescentes. Tendo enfrentado tantas dificuldades, não seria direito meu esperar alguma compensação na forma de revelação ou sabedoria? Na casa de Zora, com sua decoração de papel-arroz, a luz enevoada entrando pelas janelas, eu era uma tela em branco esperando para ser pintada com o que ela me dissesse.

“Os hermafroditas sempre existiram, Cal. Sempre. Platão dizia que o ser humano original era um hermafrodita. Sabia disso? A primeira pessoa que existiu tinha duas metades, uma masculina, outra feminina. Aí elas foram separadas. É por isso que todo mundo está sempre procurando a sua outra metade. Menos a gente, que já tem as duas metades.”

Não falei nada sobre o Objeto.

“Tá certo, somos considerados aberrações em algumas culturas”, ela continuou. “Mas, em outras, é exatamente o contrário. Os Navajos têm uma categoria de pessoa que chamam de *berdache*. É basicamente alguém que adota um gênero diferente do sexo biológico. Lembre-se, Cal. O sexo é biológico. O gênero é cultural. Os Navajos entendem isso. Se alguém quer mudar de gênero, eles permitem. E não denigrem a pessoa por isso — ela recebe honorarias. Os *berdaches* são os xamãs da tribo. São os curandeiros, os grandes tecelões, os artistas.”

Eu não estava só! Ao ouvir Zora, foi disso, principalmente, de que me dei conta. Soube ali mesmo que devia ficar em San Francisco por um tempo. O destino ou a sorte tinha me levado até ali, e eu tinha de tirar disso o que precisava. Não importava o que poderiam me levar a fazer para ganhar dinheiro. Só queria ficar com Zora, aprender com ela e estar menos só no mundo. Naquele momento, já cruzava o portal encantado de um período repleto de drogas, festas e juventude. Naquela mesma tarde, as dores nas minhas costelas começaram a diminuir. Até o ar parecia em chamas, sutilmente

incendiado de energia como costuma ficar quando a gente é jovem, quando as sinapses ardem intensamente e a morte está bem distante.

Zora estava escrevendo um livro. Afirmava que seria publicado por uma pequena editora de Berkeley, cujo catálogo me mostrou. A seleção era eclética, com títulos sobre o budismo, o mitraísmo, que é o culto dos mistérios, e até um volume (ele próprio um híbrido) misturando genética, biologia celular e misticismo hindu. Certamente caberia ali o livro no qual Zora estava trabalhando. Mas nunca tive clareza acerca da medida em que seus planos de publicação eram reais. Desde então procuro pelo livro de Zora, que se chamaria *O hermafrodita sagrado*. Nunca encontrei. Se não chegou a terminá-lo, não foi por falta de talento. Li a maior parte. Na minha idade, não era exatamente alguém qualificado a julgar a qualidade literária ou acadêmica da obra, mas a formação de Zora era um fato. Tinha mergulhado em seu tema e muito dele conhecia de cor. Suas estantes exibiam montes de textos de antropologia e livros de estruturalistas e desconstrucionistas franceses. Ela escrevia quase todos os dias. Espalhava seus papéis e livros sobre a escrivaninha, tomava notas e datilografava.

“Tenho uma pergunta”, disse a ela, certo dia. “Por que você contou?”

“Como assim?”

“Olha pra você. Ninguém nunca saberia.”

“Eu quero que as pessoas saibam, Cal.”

“Por quê?”

Zora recolheu as pernas compridas para baixo do corpo. Com seus olhos de fada, recurvos, azuis, glaciais, olhando direto nos meus, ela disse: “Porque nós somos o futuro”.

“Era uma vez, na Grécia Antiga, um pequeno lago encantado. Esse lago era consagrado a Salmacis, a ninfa das águas. E um dia Hermafrodito, um lindo menino, foi nadar ali.”

Nesse momento, eu mergulhava os pés no tanque. Ficava mexendo com eles, para a frente e para trás, enquanto a narração prosseguia. “Salmacis pôs os olhos naquele menino bonito e sua volúpia se incendiou. Nadou para mais perto dele, a fim de vê-lo melhor.” Agora eu começava a baixar o corpo para dentro d’água, centímetro por centímetro: panturrilhas, joelhos, coxas. Se mantivesse esse ritmo, como Presto havia me instruído, nesse ponto as escotilhas se fechavam. Alguns clientes iam embora, mas muitos depositavam mais fichas. As escotilhas voltavam a se abrir.

“A ninfa das águas tentava se controlar. Mas a beleza do menino era demais para ela. Apenas olhar não era suficiente. Salmacis nadou para mais e mais perto. E então, entregue ao desejo, agarrou o menino por trás, envolvendo-o com os braços.” Eu começava a bater as pernas, agitando a água para dificultar a visão dos clientes. “Hermafrodito lutava para se soltar do tenaz abraço da ninfa das águas, senhoras e senhores. Mas Salmacis era muito forte. E tão desbragada era sua volúpia que os dois se tornaram um. Seus corpos se fundiram, masculino em feminino, feminino em masculino. Com vocês, o deus Hermafrodito!” Era quando eu mergulhava de corpo inteiro no tanque.

E as escotilhas se fechavam.

Ninguém nunca abandonava a cabine nesse ponto. Todos estendiam um pouco mais sua estadia no jardim submerso. Debaixo d’água, eu podia ouvir o tilintar de novas fichas sendo depositadas. Isso me lembrava de casa, quando submergia na banheira para ficar escutando o pinga-pinga do encanamento. Tentava pensar em coisas assim, que fizessem tudo parecer muito distante. Eu fingia que

estava na banheira em Middlesex. Enquanto isso, rostos surgiam nas escotilhas, olhando com espanto, curiosidade, nojo, desejo.

Tínhamos de nos drogar para trabalhar. Era um pré-requisito. Ao vestir nossos figurinos, Zora e eu acendíamos um baseado para começar a noite. Zora trazia gelo e uma térmica abastecida com Avena, que eu bebia como se fosse Ki-Suco. O objetivo era ficar num estado meio que de abandono, de festinha particular. Isso tornava os homens menos reais, menos presentes. Se não fosse Zora, não sei o que eu teria feito. Nosso pequeno chalé no meio do mato e da névoa, cercado pela uniforme vegetação rasteira típica da Califórnia, mais o lagunho ornamental cheio de peixes dourados e o altar budista de granito azul — ali era meu refúgio, uma casa de repouso onde eu me hospedava em preparação para retornar ao mundo. Minha vida, naqueles meses, ficou tão dividida quanto meu corpo. As noites eram passadas em volta do tanque, à base de tédio, drogas, risinhos, infelicidade. Mas a gente se acostumava. Descobria os antídotos para manter a cabeça longe dali.

Durante o dia, Zora e eu nunca nos drogávamos. Ela já tinha escrito cento e dezoito páginas do livro. Datilografava o texto nas folhas de papel mais finas que algum dia eu vi. O manuscrito era, portanto, frágil. Exigia cuidado para ser manuseado. Zora me fazia sentar à mesa da cozinha e ia buscá-lo, feito uma bibliotecária trazendo um fólio de Shakespeare para consulta. Fora isso, não me tratava como criança. Deixava que eu fizesse meus próprios horários. Pedia uma contribuição para o aluguel. Na maior parte dos dias, zanzávamos pela casa em nossos quimonos. Z. adotava uma expressão austera enquanto trabalhava. Eu ia me sentar na varanda e lia livros apanhados nas estantes dela, Kate Chopin, Jane Bowles e a poesia de Gary Snyder. Embora não nos parecêssemos nem um pouco, Zora sempre enfatizava nossa solidariedade. Lutávamos contra os mesmos preconceitos e mal-entendidos. Eu me comprazia

com isso, mas nunca, na presença de Zora, meu sentimento foi fraternal. Não completamente. Estava o tempo todo consciente do corpo dela debaixo do roupão. Circulava desviando os olhos e tentando não encará-la de frente. Nas ruas, as pessoas me tomavam por um menino. Zora atraía olhares. Os homens assobiavam para ela. Ela não gostava de homens, porém. Só de lésbicas.

Zora tinha um lado negro. Exagerava na bebida, e às vezes se comportava horrivelmente. Enfurecia-se com futebol, cumplicidade masculina, bebês, garanhões, políticos e homens em geral. Sua violência, nessas horas, me perturbava. Tinha sido a beldade da escola, submetendo-se a carícias que de nada lhe serviram e a dolorosas noites de amor. Como acontece com muitas beldades, Zora tinha atraído os piores caras. Os valentões esportistas. Os campeões da doença venérea. Não era surpreendente que tivesse os homens em tão baixa conta. A mim ela eximia. Para ela, eu era uma pessoa legal. Não um homem de verdade. No que eu achava que Zora tinha bastante razão.

Os pais de Hermafrodito eram Hermes e Afrodite. Ovídio não conta como os dois se sentiram com o desaparecimento do filho. Quanto aos meus pais, continuavam de plantão ao lado do telefone o tempo todo e se recusavam a se ausentar de casa ao mesmo tempo. Mas agora temiam atender uma ligação que trouxesse más notícias. A ignorância parecia preferível à dor. Sempre que o telefone tocava, faziam uma pausa antes de tirá-lo do gancho. Esperavam até o terceiro ou quarto toque.

Havia harmonia na agonia dos dois. Durante os meses do meu desaparecimento, Milton e Tessie experimentaram os mesmos acessos de pânico, as mesmas loucas esperanças, a mesma insônia. Fazia anos que suas emoções não tinham aquela sincronia, o que

resultou numa volta ao tempo em que se conheceram e se apaixonaram.

Passaram a fazer amor com uma frequência que havia anos não conheciam. Se Um-Sete-Um tivesse saído, não se davam ao trabalho de subir ao quarto e usavam o cômodo em que estivessem na hora. Testaram o divã vermelho do gabinete de leitura; esparramaram-se por cima dos passarinhos azuis e das frutinhas vermelhas do sofá da sala de estar; e algumas vezes até se deitaram no surrado tapete da cozinha, com sua estampa de tijolos. O único lugar que não usaram foi o porão, porque ali não havia telefone. O amor que faziam não tinha paixão, era antes lento e elegíaco, obedecia aos ritmos impositivos do sofrimento. Não eram mais jovens; seus corpos tinham deixado de ser bonitos. Tessie às vezes chorava depois. Milton mantinha os olhos fechados com força. Dos esforços dos dois, não brotava sensação alguma, nenhum alívio, ou apenas raramente.

Então, um dia, três meses depois do meu desaparecimento, os sinais que minha mãe recebia por seu cordão umbilical espiritual pararam. Tessie estava deitada na cama quando cessou o leve ronronar ou formigamento em seu umbigo. Ela se sentou. Levou a mão à barriga.

“Não estou sentindo mais!”, gritou minha mãe.

“O quê?”

“O cordão foi cortado! Alguém cortou o cordão!”

Milton tentou chamar Tessie à razão, mas não adiantou. Daquele momento em diante, minha mãe manteve a convicção de que algo de muito terrível tinha acontecido comigo.

E portanto: a discórdia veio interferir na harmonia dos sofrimentos de ambos. Enquanto Milton lutava para continuar com uma atitude positiva, Tessie cada vez mais se entregava ao desespero. Passaram a brigar. Aqui e ali, o otimismo de Milton engolfava minha mãe, e por um ou dois dias ela ficava animada. Dizia a si mesma que, afinal de

contas, eles nada sabiam de definitivo. Mas esse estado de espírito era temporário. Quando estava sozinha, Tessie tentava sentir alguma coisa pelo cordão umbilical, mas não vinha nada, nem mesmo um sinal de perturbação.

Meu desaparecimento completava quatro meses agora. Era janeiro de 1975. Meu décimo quinto aniversário passou sem que tivessem tido notícias de mim. Num domingo de manhã, enquanto Tessie estava na igreja rezando pela minha volta, o telefone tocou. Milton atendeu.

“Alô?”

De início, não houve resposta. Milton ouvia música ao fundo, talvez um rádio tocando em outro cômodo. Então uma voz abafada disse:

“Aposto que você sente falta da sua filha, Milton.”

“Quem está falando?”

“Uma filha é algo especial.”

“Quem é?”, Milton perguntou outra vez, e a linha emudeceu.

Não contou a Tessie da ligação. Desconfiava que tivesse sido um trote. Ou algum funcionário rancoroso. A economia estava em recessão em 1975, o que havia forçado Milton a fechar algumas franquias. No domingo seguinte, porém, o telefone voltou a tocar. Dessa vez, Milton atendeu no primeiro toque.

“Alô?”

“Bom dia, Milton. Tenho uma pergunta pra você hoje. Quer saber qual é essa pergunta, Milton?”

“Ou você me diz quem é, ou vou desligar.”

“Duvido que você faça isso, Milton. Sou a única chance que você tem de ter de volta sua filha.”

Milton, então, fez o que lhe era característico. Engoliu, endireitou os ombros e, com um leve movimento de cabeça, se preparou para o que quer que estivesse a caminho.

“Ok”, falou, “estou escutando.”

E a pessoa do outro lado da linha desligou.

“Era uma vez, na Grécia Antiga, um pequeno lago encantado...” Eu já era capaz de fazer aquilo até dormindo. E *fazia*, considerando nossas festinhas de bastidores, as repetidas doses de Averno, as tragadas tranquilizantes. O Dia das Bruxas chegou e passou. Também o Dia de Ação de Graças e o Natal. No Ano-Novo, Bob Presto deu uma grande festa. Zora e eu bebemos champanhe. Quando chegou a hora de me apresentar, mergulhei no tanque e, sob o efeito das drogas e da bebida, fiz uma coisa que normalmente não fazia. Abri os olhos debaixo d’água. Vi os rostos que me observavam, e vi que não tinham expressões aterrorizadas. Foi divertida aquela noite no tanque. Fez bem para mim, de alguma forma. Foi *terapêutico*. Por dentro, Hermafrodito remexia velhas tensões, tentava resolvê-las. Liberava os traumas do vestiário. A vergonha de ter um corpo diferente dos outros se dissipava. A sensação de que era um monstro se apagava. E, junto com a vergonha e a autodepreciação, outra ferida se curava. Hermafrodito começava a esquecer o Obscuro Objeto.

Nas minhas últimas semanas em San Francisco, li tudo que Zora me passou, tentando me instruir. Aprendi sobre os tipos de hermafroditas. Li sobre hiperadrenocorticismos, testículos feminilizantes e algo chamado criptorquidia, que se aplicava ao meu caso. Li sobre a síndrome de Klinefelter, cujos portadores têm um cromossomo X a mais, o que os torna altos e os condena a uma aparência de eunucos e a um temperamento difícil. Questões históricas me interessavam mais do que as médicas. Lendo o manuscrito de Zora, pude me familiarizar com os *hijras*, da Índia, os *kwoluaatmwols* dos Sambia de Papua-Nova Guiné e os *guevedoche*

da República Dominicana. Karl Heinrich Ulrichs, escrevendo na Alemanha em 1860, falava de *das dritte Geschlecht*, o terceiro gênero. Chamava a si mesmo de uranista e acreditava ser uma alma feminina num corpo masculino. Havia muitas culturas ao redor do mundo operando com três, em vez de dois gêneros. E o terceiro era sempre especial, exaltado, favorecido por dons místicos.

Foi numa noite de garoa fria que fiz o teste. Zora tinha saído. Era um domingo e estávamos de folga do trabalho. Sentei na posição de meia lótus, no chão, e fechei os olhos. Rezava e me concentrava, esperando que minha alma saísse do corpo. Queria entrar num estado de transe ou me transformar num animal. Tentei o máximo que pude, mas nada aconteceu. Não me fora dado, aparentemente, nenhum poder especial. Eu não era Tirésias.

Tudo isso me leva a uma noite de sexta-feira no final de janeiro. Já passava da meia-noite. Carmen estava no tanque, fazendo seu número de Esther Williams. Zora e eu, no vestiário, mantínhamos as tradições (térmica, *cannabis*). Em seu traje de sereia, Z. não tinha muito como se mexer, escarrapachada no sofá, uma odalisca pisciana. A cauda do traje pendia de um dos braços do sofá, pingando. Sobre a parte de cima, ela usava uma camiseta. Emily Dickinson na estampa.

Sons vindos do tanque chegavam ao vestiário. Bob Presto repetia sua ladainha: "Senhoras e senhores, vocês estão preparados para uma experiência verdadeiramente eletrizante?".

Zora e eu mexemos a boca acompanhando a frase seguinte: "Estão preparados para a alta voltagem que vem por aí?".

"Pra mim já chega deste lugar", disse Zora. "Sério."

"Você acha que a gente devia se demitir?"

"Acho."

"E o que vamos fazer?"

"Vender hipotecas."

Ouvimos o mergulho no tanque. "Mas onde estão Ellie e sua enguia, hoje? Parece que estão se escondendo, senhoras e senhores. Será que desapareceram? Talvez a enguia tenha sido fígada por um pescador. É isso, senhoras e senhores, talvez a enguia de Ellie já esteja à venda na Fisherman's Wharf."

"O Bob pensa que é espirituoso", falou Zora.

"Não temam, senhoras e senhores. Ellie não nos decepcionaria. Aqui está ela, amigos. Deem uma olhada na enguia-elétrica de Ellie!"

Foi quando um barulho estranho ecoou no alto-falante. Uma porta batendo. Bob Presto berrou: "Ei, que porra é essa? Você não tem permissão pra entrar aqui".

E então o sistema de som ficou mudo.

Oito anos antes, a polícia tinha dado uma batida num inferninho da Twelfth Street, em Detroit. Agora, no início de 1975, acontecia o mesmo na boate Meia-Nove. A ação não provocou nenhum tumulto. Os clientes rapidamente abandonaram as cabines, espalhando-se rua afora e fugindo dali. Os policiais nos conduziram ao andar de baixo e nos colocaram na fila em que já estavam as outras garotas.

"Ora, ora, olá", disse o policial ao se aproximar de mim. "Quantos aninhos será que você tem?"

Na delegacia, permitiram que eu fizesse uma ligação. E então, finalmente, desabei, entreguei os pontos e liguei para casa.

Meu irmão atendeu. "Sou eu", falei. "Cal." Antes que Um-Sete-Um tivesse tempo de responder, despejei tudo de uma vez. Disse onde estava e o que tinha acontecido. "Não conte pra mãe e pro pai", pedi.

"Não posso", falou Um-Sete-Um. "Não posso contar pro pai." E então, num tom interrogativo que mostrava que ele próprio mal podia acreditar na notícia, meu irmão me contou que tinha havido um acidente e que Milton estava morto.

# Suspensão aérea

Oficialmente na condição de adido cultural assistente, mas em missão extraoficial, compareci à abertura da exposição de Warhol na Neue Nationalgalerie. Dentro do famoso prédio projetado por Mies van der Rohe, passei pelos célebres rostos em serigrafia do artista. A Neue Nationalgalerie é um museu de arte maravilhoso, exceto por um detalhe: não há onde pendurar quadros. O que para mim não tinha muita importância. Eu olhava Berlim pelas paredes de vidro do prédio e me sentia idiota. Achei mesmo que algum artista compareceria a uma abertura de exposição? Só havia patrocinadores, jornalistas, críticos e socialites.

Aceitei a taça de vinho oferecida por um garçom que passava e sentei numa das cadeiras em metal cromado e couro que se alinham junto às paredes. As cadeiras também são assinadas por Mies. A gente vê falsificações por toda parte, mas aquelas ali são originais, surradas a essa altura, o couro preto ficando marrom nas beiradas. Acendi um charuto e fumei, tentando me sentir melhor.

A pequena multidão batia papo, circulando entre os Maos e Marilyn. O pé-direito alto abafava a acústica. Homens magros de cabeça raspada passavam com pressa. Mulheres grisalhas envoltas em xales de seda natural exibiam seus dentes amarelados. Pelas janelas, a Staatsbibliothek era visível do outro lado da avenida. A

nova Potsdamer Platz parecia um centro comercial em Vancouver. Ao longe, as luzes das construções iluminavam esqueletos de guindastes. Na rua, embaixo, o tráfego ia e vinha. Dei uma tragada no charuto, olhos semicerrados, e vislumbrei meu reflexo no espelho.

Disse antes que lembro um mosqueteiro. Mas também costumo me parecer (especialmente minha imagem refletida em espelhos tarde da noite) com um fauno. As sobrancelhas arqueadas, o sorriso maroto, os olhos em chamas. O charuto espetado entre os dentes não melhorava as coisas.

Senti um tapinha nas costas. "A febre dos charutos!", disse uma voz de mulher.

No vidro negro de Mies, reconheci Julie Kikuchi.

"Ei, estamos na Europa", retruquei, sorrindo. "Charutos não são uma febre por aqui."

"Eu curti charutos na época da faculdade."

"Ah, tá bom", desafiei. "Fuma um, então."

Ela se sentou na cadeira ao lado da minha e estendeu a mão. Tirei outro charuto do paletó e passei a ela, junto com o cortador e os fósforos. Julie segurou o charuto debaixo do nariz e o cheirou. Rolou-o entre os dedos para testar a umidade. Depois de cortar a ponta, colocou-o na boca, acendeu um fósforo e, em baforadas curtas, começou a fumar.

"Mies van der Rohe fumava charutos", falei, à guisa de promoção.

"Você já viu alguma foto de Mies van der Rohe?", disse Julie.

"Bem observado."

Ficamos ali, lado a lado e de frente para o salão do museu, sem falar, apenas fumando. Julie balançava o joelho direito. Passado algum tempo, girei para encará-la. Ela se voltou e me encarou.

"Ótimo charuto", concedeu.

Inclinei o corpo na direção dela. Ela se inclinou para mim. Nossos rostos foram se aproximando até as testas quase se tocarem. E assim ficamos por uns dez segundos. Então falei: "Deixa eu explicar por que não te liguei".

Respirei fundo e comecei: "Tem uma coisa que você precisa saber sobre mim".

\*

Minha história começou em 1922, quando havia preocupação quanto ao fluxo de petróleo. Em 1975, quando minha história termina, novamente reservas minguantes causavam inquietação. Dois anos antes, a Organização dos Países Árabes Exportadores de Petróleo dera início a um embargo. Nos Estados Unidos, havia blecautes parciais e filas nos postos. O presidente anunciou que as luzes da árvore de Natal da Casa Branca não seriam acesas, e a trava para tanques de gasolina foi inventada.

Escassez era uma ideia que não saía da cabeça das pessoas, naqueles dias. A economia estava em recessão. País afora as famílias jantavam no escuro, como costumávamos fazer na casa da Seminole Street, usando uma só lâmpada. Meu pai, porém, não botava fé nas políticas de conservação de recursos. Milton tinha mudado um bocado desde os tempos em que contava quilowatts. E assim, na noite em que saiu para pagar meu resgate, estava ao volante de um enorme e beberrão Cadillac.

O último Cadillac do meu pai: um Eldorado, ano 1975. De um azul-noturno que parecia quase preto, o carro guardava grande semelhança com o Batmóvel. Milton estava com todas as portas trancadas. Passava um pouquinho das duas da manhã. As ruas daquele bairro ao sul da cidade eram todas esburacadas, os meios-fios atulhados de mato e lixo. Os poderosos faróis altos do carro

faziam brilhar rajadas de cacos de vidro na rua, e também iluminavam pregos, pedaços de metal, calotas velhas, latas, a cueca de alguém achatada no asfalto. Debaixo de um viaduto, um carro depenado: sem os pneus, o para-brisa estilhaçado, todos os detalhes em metal cromado arrancados, o motor faltando. Milton pisava no acelerador e ignorava a escassez, não só de petróleo, mas de muitas outras coisas. Havia, por exemplo, escassez de esperança em Middlesex, onde a esposa não sentia mais vibração nenhuma em seu cordão umbilical espiritual. Havia escassez de comida na geladeira, de guloseimas nos armários e de camisas passadas e meias limpas no guarda-roupa. Havia escassez de convites para ocasiões sociais e de telefonemas, na medida em que os amigos dos meus pais temiam telefonar para uma casa que vivia num limbo entre a alegria e o luto. Contra a pressão de toda essa escassez, Milton inundava o motor do Eldorado e, se isso ainda não fosse suficiente, abria a pasta executiva pousada no banco do passageiro e, à luz do painel, olhava para os vinte e cinco mil dólares em dinheiro ali acondicionados.

Minha mãe estava acordada quando, menos de uma hora antes, Milton se esgueirara para fora da cama. Deitada no escuro, ouviu seus movimentos ao se vestir. Não perguntou ao marido por que se levantava no meio da noite. Em outra época teria perguntado, mas não mais. As rotinas do dia a dia se esfacelavam desde o meu desaparecimento. Era frequente Milton e Tessie se pegarem na cozinha às quatro da manhã, tomando café. Somente quando escutou a porta da frente bater é que Tessie começou a se preocupar. Em seguida, o carro de Milton foi ligado e desceu de ré a entrada da garagem. Minha mãe ficou ouvindo até o ruído do motor desaparecer. Com surpreendente calma, pensou consigo mesma: talvez ele esteja indo embora para sempre. À lista de fugitivos que

incluía seu pai e sua filha, acrescentava agora mais uma possibilidade: seu marido.

Milton não tinha dito a Tessie aonde ia por uma série de razões. Primeiro, por medo de que ela o impedisse. Tessie teria dito a ele que ligasse para a polícia, o que ele não queria fazer. O sequestrador dissera que não queria policiais por perto. Além disso, Milton estava cansado deles, de sua atitude blasé. O único jeito de conseguir que as coisas fossem feitas era fazê-las ele mesmo. E, além disso, aquela história toda talvez se revelasse um tiro n'água. Deixar Tessie preocupada era tudo que conseguiria se dissesse alguma coisa. Podia acontecer de ela ligar para Zoë, e ele então ouviria um sermão da irmã. Em suma, Milton estava fazendo o que sempre fazia, em se tratando de decisões importantes. Como na ocasião em que se alistou na Marinha, ou quando nos fez mudar para Grosse Pointe, Milton agia como bem queria, convicto de que tinha razão.

Depois do último telefonema misterioso, meu pai tinha ficado esperando por mais um. No domingo seguinte, a ligação veio.

"Alô?"

"Bom dia, Milton."

"Escuta aqui, seja lá quem você for. Quero algumas respostas."

"Não liguei pra saber o que você quer. O que importa é o que eu quero."

"Quero a minha filha. Onde ela está?"

"Está aqui comigo."

A música, ou canto, continuava audível ao fundo. Lembrava a Milton alguma coisa muito antiga.

"Como posso saber que você está com ela?"

"Por que você não me faz uma pergunta? Ela me contou um bocado sobre a família. Muita coisa mesmo."

A fúria que emergiu naquele momento foi, para Milton, quase insuportável. Ele estava a ponto de arrebentar o telefone contra a

escrivadinha. Ao mesmo tempo, pensava, fazia cálculos.

“Como é o nome do vilarejo de onde vieram os avós dela?”

“Só um momento.” O bocal foi coberto. Em seguida a voz disse: “Bithynios”.

Os joelhos de Milton fraquejaram. Sentou-se à escrivadinha.

“Acredita em mim agora, Milton?”

“Uma vez fomos pra umas cavernas no Tennessee. Uma verdadeira cilada pra turistas. Como se chamavam as cavernas?”

De novo a mão sobre o bocal. E, um momento depois, a voz respondeu: “Grutas mamutônicas”.

Ao ouvir a resposta, Milton voltou a saltar da cadeira. Uma sombra encobriu-lhe o rosto e ele puxava o colarinho para tentar respirar melhor.

“Agora sou eu que tenho uma pergunta, Milton.”

“Qual?”

“Quanto vale a volta da sua filha pra casa?”

“Quanto você quer?”

“Isto aqui virou um negócio, agora? Estamos negociando um acordo?”

“Estou pronto pra um acordo.”

“Que emocionante.”

“O que você quer?”

“Vinte e cinco mil dólares.”

“Tudo bem.”

“Não, Milton”, objetou a voz, “você não entendeu. Quero barganhar.”

“Como é?”

“Pechinche, Milton. Estamos fazendo um negócio.”

Milton estava perplexo. Balançou a cabeça diante da esquisitice daquele pedido. Mas, no fim, cedeu.

“Ok. Vinte e cinco é muito. Pago treze mil.”

“Estamos falando da sua filha, Milton. Não de hot dogs.”

“Não tenho esse dinheiro todo.”

“Talvez eu possa aceitar vinte e dois.”

“Dou quinze.”

“Vinte é o máximo que dá pra baixar.”

“Dezessete é minha última oferta.”

“Que tal dezenove?”

“Dezoito.”

“Dezoito e meio.”

“Fechado.”

O sujeito do outro lado da linha riu. “Ah, isso foi divertido, Milt.” Então, numa voz agressiva: “Mas eu quero vinte e cinco”. E desligou.

Em 1933, uma voz desencarnada tinha falado com minha avó pela grade de um duto de ventilação. Agora, quarenta e dois anos depois, uma voz disfarçada falava com meu pai pelo telefone.

“Bom dia, Milton.”

De novo a música, o canto distante.

“Já estou com o dinheiro”, disse Milton. “Agora quero minha menina.”

“Amanhã à noite”, falou o sequestrador. E então instruiu Milton sobre onde deveria deixar o dinheiro e onde deveria aguardar minha libertação.

Do outro lado da planície sul da cidade, a Grand Trunk surgiu diante do Cadillac de Milton. A estação ainda estava em uso em 1975, embora quase não tivesse movimento. Do outrora opulento terminal, restara apenas a casca. Tapumes da Amtrak escondiam paredes descascando, caindo aos pedaços. A maior parte dos corredores estava bloqueada. Enquanto isso, no entorno do núcleo ainda em operação, o enorme e antigo prédio se transformava em

ruínas, os ladrilhos Guastavino do Palm Court despencando e se despedaçando no chão, a imensa barbearia agora um depósito de entulho, as claraboias cedendo ao peso da sujeira. A torre de escritórios anexa à estação era agora um imenso pombal de treze andares, todas as suas quinhentas janelas como que diligentemente quebradas. Meus avós tinham desembarcado naquela mesma estação, meio século antes. Esquerdinha e Desdêmona, uma só e única vez, revelaram ali seu segredo a Sourmelina; e agora seu filho, que jamais chegou a conhecê-lo, estaciona o carro nos fundos da Grand Trunk, também em segredo.

Uma cena como essa, uma cena de resgate, pede uma ambientação noir: sombras, silhuetas sinistras. Mas o céu não estava cooperando. Era uma das nossas noites cor-de-rosa. Ocorriam de vez em quando, dependendo da temperatura e do nível de poluição química no ar. Se a quantidade de partículas fosse suficiente, a luz vinda do solo não conseguia atravessar aquela camada e se refletia de volta, pintando todo o céu de Detroit de um rosa-claro de algodão-doce. Nunca escurecia numa noite dessas, mas a luz absolutamente não era como a luz do dia. Nossas noites cor-de-rosa brilhavam com a luminescência crua do turno da noite, das fábricas que não paravam nunca. Às vezes o céu assumia o rosa chamativo de algum remédio para dor de barriga, mas era mais frequente o tom esmaecido de um amaciante de roupas. Ninguém achava estranho aquilo. Ninguém fazia comentários. Tínhamos crescido vendo noites cor-de-rosa. Não se tratava de um fenômeno natural, mas era natural para nós.

Sob esse estranho céu noturno, Milton levou o carro até o mais junto possível da plataforma dos trens e parou. Desligou o motor. Pegou a pasta e saiu para o ar parado e cristalino do inverno em Michigan. O mundo inteiro congelado, as árvores ao longe, as linhas telefônicas, a grama nos jardins das casas ao longo do rio, o próprio

chão. No rio, um cargueiro ronronava. Na estação, completamente deserta à noite, nenhum som. Milton usava seus mocassins pretos com borlas. Ao se vestir, no escuro, tinha decidido que eram os sapatos mais fáceis de calçar. Também estava com o sobretudo de gola de pele, bege encardido. Para enfrentar o frio, um chapéu de feltro Borsalino, cinza, com uma pena vermelha na faixa preta. Um modelo antiquado para 1975. De chapéu, pasta executiva e mocassins, Milton bem poderia estar a caminho do trabalho. E certamente andava ligeiro. Galgou os degraus de metal até a plataforma dos trens. Seguiu adiante à procura da lata de lixo onde deveria depositar a pasta com o dinheiro. O sequestrador dissera que a lata teria um X marcado a giz no tampo.

Milton correu pela plataforma, as borlas saltitando nos mocassins, a minúscula pena do chapéu tremulando no vento gelado. Não seria estritamente verdadeiro dizer que estava com medo. Milton Stephanides não admitia tal sentimento. As manifestações fisiológicas do medo, o coração acelerado, as axilas em brasa, eclodiam sem serem oficialmente reconhecidas. Entre os da sua geração, não era um caso isolado. Havia muitos pais que gritavam quando amedrontados, ou ralhavam com os filhos como forma de transferir a culpa. É possível que tais características fossem indispensáveis à geração que venceu a guerra. Certa ausência de introspecção ajudava a reforçar a coragem, mas recentemente, nos últimos meses e semanas, vinha sendo prejudicial a Milton. Durante todo o período do meu desaparecimento, meu pai manteve a fachada inabalável, enquanto por dentro, invisíveis, dúvidas o corroíam. Era como uma estátua sendo esculpida de dentro para fora, restando oca. À medida que pensar foi ficando mais doloroso, Milton começou a fugir de seus pensamentos. Concentrava-se naqueles poucos que o faziam se sentir melhor, naqueles lugares-comuns que garantem que no fim tudo dá certo. Milton, muito

simplesmente, tinha parado de pensar. O que fazia ele ali, naquela plataforma de trens escura? Por que ir sozinho àquele lugar? São coisas para as quais nunca conseguiremos explicações adequadas.

Não demorou muito a encontrar a lata de lixo marcada com giz. Ágil, Milton suspendeu o tampo verde triangular e depositou a pasta ali dentro. Mas, quando tentou tirar o braço, alguma coisa o impediu: sua própria mão. Desde que Milton deixara de pensar, era seu corpo que fazia isso por ele. A mão agora parecia lhe dizer algo. Expressava suas objeções. "E se o sequestrador não libertar a Callie?", dizia a mão. Mas Milton respondeu: "Não há tempo pra pensar nisso agora". De novo tentou tirar o braço de dentro da lata de lixo, mas a mão resistia, teimosa: "E se o sequestrador pegar esse dinheiro e depois pedir mais?", perguntava ela. "É um risco que teremos de correr", rebateu Milton, e com toda a força puxou o braço. A mão se deixou vencer e soltou a pasta, que caiu no meio do lixo. Milton correu de volta pela plataforma (arrastando a mão consigo) e entrou no Cadillac.

Deu partida no motor. Ligou o aquecimento para deixar o carro numa temperatura boa para mim. Inclinou-se à frente, espiando pelo para-brisa, à espera de que eu aparecesse a qualquer momento. A mão continuava a fazer ponderações, falando sozinha. Milton pensou na pasta abandonada na lata de lixo. Sua mente foi tomada pela imagem do dinheiro ali dentro. Vinte e cinco paus! Viu mentalmente cada maço de notas de cem dólares; a cara de Benjamin Franklin repetida nos espelhos duplicados de todo aquele dinheiro. A garganta de Milton ficou seca; um espasmo de ansiedade familiar a qualquer filho da Grande Depressão tomou seu corpo; e, no segundo seguinte, ele saltava para fora do carro e corria de volta à plataforma.

O sujeito queria negociar? Pois Milton ia mostrar a ele como se negocia! Queria barganhar? Ora essa! (Milton agora subia os

degraus, os mocassins soando contra o metal.) Em vez dos vinte e cinco mil, por que não deixar doze e quinhentos? *Assim tenho alguma margem de negociação. Metade agora, metade mais tarde.* Por que ele não pensara nisso antes? Onde diabos estava com a cabeça? A pressão tinha sido muito grande... Mal chegou à plataforma, porém, meu pai ficou paralisado. Menos de vinte metros à sua frente, uma figura sombria, com um gorro comprido, enfiava a mão na lata de lixo. O sangue de Milton gelou. Ele não sabia se avançava ou recuava. O sequestrador tentava puxar a pasta para fora, mas não conseguia fazê-la passar pela portinhola da lixeira. Foi para trás da lata e removeu por completo o tampo de metal. Na luminescência química da noite, Milton viu a barba de patriarca, as bochechas pálidas de cera e — o mais revelador de tudo — a diminuta compleição de pouco mais de um metro e sessenta. O padre Mike.

O padre *Mike*? O padre Mike era o sequestrador? Impossível. Inacreditável! Mas não havia dúvida. Ali estava, na plataforma, o homem que um dia tinha sido noivo da minha mãe, arrancada dele pelas mãos do meu pai. Quem recolhia o resgate era o ex-seminarista que, na falta de Tessie, se casara com a irmã de Milton, Zoë, uma escolha que o condenara a uma vida inteira de cruéis comparações, Zöe a lhe perguntar por que ele não tinha investido no mercado de ações como Milton, ou comprado ouro como Milton, ou mandado dinheiro para as Ilhas Cayman como Milton; uma escolha que condenara o padre Mike a ser um parente pobre, forçado a suportar a falta de respeito de Milton e ao mesmo tempo aceitar sua hospitalidade, compelido a carregar uma cadeira da sala de jantar para a de estar, se quisesse ficar sentado. Sim, foi um grande choque para Milton encontrar o cunhado naquela plataforma. Mas fazia sentido, também. Agora se explicava por que o sequestrador quis barganhar no preço, por que, uma vez na vida, quis se sentir

um homem de negócios, e, claro, como ele sabia sobre Bithynios. Explicava ainda os telefonemas aos domingos, quando Tessie estava na igreja, e a música de fundo, que Milton agora identificava: eram os padres cantando a liturgia. Muito tempo antes, meu pai roubara a noiva do padre Mike para se casar com ela. Produto dessa união, joguei sal na ferida ao batizar o padre de volta. Agora o padre Mike tentava sua desforra.

Não se Milton pudesse impedi-lo, porém. “Ei!”, gritou meu pai, as mãos na cintura. “Que diabos você está tentando aprontar aí, Mike?” O padre Mike não respondeu. Ergueu os olhos e, pela força do hábito sacerdotal, sorriu benignamente para Milton, os dentes brancos surgindo no meio do matagal da barba preta. Mas ele já recuava, pisando em copos esmagados e outros detritos, apertando a pasta contra o peito como se fosse um paraquedas fechado. Foram três ou quatro passos para trás, com aquele sorriso bondoso no rosto, até virar as costas e começar a correr. Ele era baixinho, mas ligeiro. Desapareceu feito um raio por um lance de escadas que descia do outro lado da plataforma. Sob a luz rosa, Milton viu que Mike cruzava os trilhos até o carro, um AMC Gremlin verde-claro (“verde-grego”, segundo o catálogo) com consumo eficiente de combustível. E Milton correu de volta ao Cadillac para segui-lo.

Não foi uma perseguição de carros como nos filmes. Não houve cavalinhos de pau nem quase colisões. Era, afinal de contas, o carro de um padre grego ortodoxo sendo perseguido pelo de um republicano de meia-idade. Acelerando (por assim dizer) e se afastando da Grand Trunk na direção do rio, o padre Mike e Milton não chegaram a exceder o limite de velocidade em mais do que vinte quilômetros por hora. O padre Mike não queria chamar a atenção da polícia. Milton, dando-se conta de que o cunhado não tinha para onde ir, se satisfazia em cercá-lo à beira d’água. De modo que assim foram, naquele ritmo lento, o Gremlin de formato

esquisito reduzindo preventivamente a marcha nos semáforos e, um pouco atrás, o Eldorado fazendo o mesmo. Por ruas sem nome, passando por casas sucateadas, através de uma zona que mais parecia um beco sem saída criado pelas vias expressas e o rio, o padre Mike imprudentemente tentava escapar. E era assim desde sempre; tia Zo devia estar ali, agora, para azucrinar o padre Mike, porque só mesmo um idiota para fugir para o rio, em vez de ir na direção da rodovia. Qualquer rua que pegasse levaria a lugar nenhum. “Agora você não escapa”, exultou Milton. O Gremlin virou à direita. O Eldorado o seguiu. O Gremlin dobrou à esquerda, o Cadillac também. O tanque de Milton estava cheio. Se preciso fosse, perseguiria o padre Mike a noite inteira.

Confiante, Milton regulou o aquecimento, que estava um pouquinho elevado demais. Ligou o rádio. Permitiu que o Gremlin tirasse mais alguma vantagem em relação ao Eldorado. Quando voltou a olhar, o outro fazia uma conversão à direita. Trinta segundos depois, ao dobrar na mesma rua, Milton viu a vasta extensão da Ambassador Bridge. Sua confiança desmoronou. A história tinha deixado de ser a de sempre. Naquela noite, seu cunhado padre, que passara a vida toda no mundo de conto de fadas da igreja, vestido como Liberace, conseguia se dar bem pela primeira vez. Assim que enxergou a ponte, estendida feito uma harpa gigante e reluzente sobre o rio, Milton sentiu a alma ser tomada de pânico. Horrorizado, entendeu qual era o plano de Mike. A exemplo de Um-Sete-Um, quando ameaçou se esquivar do Exército, o padre ia em direção ao Canadá! Como Jimmy Zizmo, o contrabandista, seguia para aquele refúgio ao norte, liberal e sem lei! Pretendia tirar o dinheiro do país. E já não estava mais indo devagar.

Sim, apesar do motor do tamanho de um dedal e com um ronco que mais parecia o de uma máquina de costura, o Gremlin estava

conseguindo acelerar. Deixando para trás a terra de ninguém dos arredores da Grand Trunk, adentrava agora a área da fronteira Estados Unidos-Canadá, iluminada, de tráfego intenso e controlada pela imigração. Os postes altos de lâmpadas fluorescentes realçavam a cor verde-clara do Gremlin, agora mais chamativo do que nunca. Distanciando-se do Eldorado (como se fosse o carro do Curinga escapando do Batmóvel), o Gremlin se misturou aos caminhões e carros que faziam o contorno para pegar a grande ponte. Milton pisou fundo. O enorme motor do Cadillac rugiu; fumaça branca espumava no escapamento. Nessa hora, os carros tinham se tornado exatamente o que se espera que sejam: extensões de seus donos. O Gremlin era pequeno e ágil como padre Mike; em meio ao tráfego, desaparecia para logo reaparecer, como o padre atrás da tela com o ícone, na igreja. O Eldorado, sólido como um barco — igual a Milton —, se mostrava difícil de manobrar no trânsito noturno da ponte. Havia caminhões imensos. Havia carros de passeio a caminho dos cassinos e das boates de striptease em Windsor. Com todo aquele movimento, Milton perdeu o Gremlin de vista. Entrou numa das faixas e seguiu em frente, à espera. Súbito, uns seis carros adiante, viu o padre Mike derivar da faixa e, veloz, cortar a frente de outro carro para chegar a uma das cabines de fiscalização. Milton baixou o vidro automático. Pondo a cabeça para fora da janela, no ar noturno frio e enfumaçado dos escapamentos, gritou: “Parem esse homem! Ele está com meu dinheiro!”. O agente da polícia de fronteira não ouviu, porém. Meu pai ficou assistindo o padre Mike responder a algumas perguntas do rapaz, que logo — Não! Façam ele parar! — acenava para o Gremlin passar. Foi quando Milton começou a esmurrar a buzina.

O estardalhaço que emergia do capô do Eldorado bem poderia estar saindo do próprio peito do meu pai. Sua pressão sanguínea disparava e, dentro daquele sobretudo, o corpo pingava de suor. Ele

tinha acreditado que levaria o padre Mike aos tribunais americanos. Mas quem poderia prever o que aconteceria se o cunhado chegasse ao Canadá? O Canadá, com seu pacifismo e sua medicina socializada! O Canadá, com seus milhões de falantes de francês! Era como... como... como um país estrangeiro! O padre Mike podia ficar por lá, vivendo como foragido no Quebec. Era capaz de desaparecer na província de Saskatchewan, errando com os alces. Meu pai não estava furioso só por perder dinheiro. Além de surrupiar vinte e cinco mil dólares e alimentar em Milton falsas esperanças sobre a minha volta, o padre Mike estava abandonando a própria família. O instinto de proteção do irmão se somou aos sofrimentos financeiro e paterno no peito arfante de Milton. “Você não vai fazer isso com a minha irmã, tá me ouvindo?”, gritava ele, inutilmente, do banco do motorista de seu carro enorme, preso no tráfego. Em seguida, berrou para o cunhado: “Ei, imbecil. Não ouviu falar das comissões? Quando trocar o dinheiro, você vai perder cinco por cento!”. Fervendo ao volante, seu avanço restrito adiante por caminhões e atrás por frequentadores de boates de striptease, meu pai se contorcia e se esgoelava.

O estardalhaço de Milton não tinha passado despercebido, porém. Os policiais de fronteira já estavam acostumados às buzinas estrepitosas de motoristas impacientes. Já sabiam como lidar com eles. Assim que Milton embicou numa das cabines, o agente fez sinal para que encostasse o carro.

Pela janela aberta, meu pai gritou: “Um cara acabou de passar por aqui. Ele roubou um dinheiro meu. Vocês não conseguem fazer ele parar lá do outro lado? O carro é um Gremlin”.

“Encoste o carro ali, senhor.”

“O cara me roubou vinte e cinco mil dólares!”

“Podemos conversar sobre isso assim que o senhor encostar e sair do carro.”

“Ele está tentando tirar o dinheiro do país!”, explicou Milton, uma última vez. Mas o agente continuou a apontar a área de inspeção de veículos. Meu pai desistiu, finalmente. Recolheu o rosto da janela, agarrou a direção e obedientemente começou a manobrar o carro até uma faixa vazia. Assim que se afastou da cabine de fiscalização, porém, enfiou um dos mocassins com borlas no acelerador e, cantando os pneus, o Cadillac saiu como um foguete.

Agora, *sim*, o que se seguiu foi uma perseguição de carros. Porque, já na ponte, também o padre Mike pisava fundo. Costurando por entre carros e caminhões, acelerava na direção da fronteira, enquanto Milton vinha atrás, piscando os faróis para que saíssem do seu caminho. A ponte se elevava sobre o rio numa parábola graciosa, seus cabos de aço enfileirados por luzes vermelhas. Os pneus do Cadillac zuniam na superfície estriada. Meu pai tinha o pé enterrado no assoalho do carro, já engatando aquela que chamava de marcha a jato. E agora a diferença entre um automóvel de luxo e um carro modernoso de desenho animado começava a ficar evidente. O motor do Cadillac rugia, poderoso. Seus oito cilindros ardiavam, o carburador sugando vastas quantidades de combustível. Os pistões pulavam aos solavancos e o volante girava loucamente enquanto o comprido carro de super-herói ultrapassava outros carros que até pareciam estar parados na pista. Vendo o Eldorado se aproximar àquela velocidade, outros motoristas deixavam o caminho livre. Milton deslizou por entre o tráfego até avistar o Gremlin verde à frente. “Sua baixa quilometragem por litro já era!”, gritou meu pai. “Às vezes o negócio é ter um pouco de potência!”

A essa altura, o padre Mike também percebeu a sombra do Eldorado que se aproximava. Enfiou o pé até o assoalho, mas o motor do Gremlin já operava na capacidade máxima. O carro vibrava violentamente, mas não ganhava velocidade. E o Cadillac chegava mais e mais perto. Milton não tirou o pé até seu para-choque

dianteiro quase tocar a traseira do Gremlin. Estavam agora a mais de cento e dez por hora. O padre Mike deu de cara com os olhos vingadores de Milton preenchendo o retrovisor. Meu pai, fixando o olhar na cabine do Gremlin, enxergava um naco do rosto do cunhado. O padre parecia pedir perdão, ou dar uma explicação para seus atos. Havia uma tristeza estranha em seus olhos, uma fraqueza, que Milton não soube interpretar.

... E agora acho que preciso entrar na cabeça do padre Mike. Alguma coisa me puxa para lá e não consigo resistir. Na superfície de sua mente, há um turbilhão de medo, ganância e ideias desesperadas de fuga. Mas, descendo um pouco mais fundo, descubro coisas que nunca soube. Não há serenidade ali, por exemplo, nem proximidade com Deus. A gentileza do padre Mike, seu silêncio sorridente nos almoços de família, o jeito como se abaixava para conversar cara a cara com as crianças (o que nem exigia dele se curvar muito, mas enfim) — todos esses atributos tinham existência independente de qualquer comunicação com alguma esfera transcendente. Eram apenas um método passivo-agressivo de sobrevivência, o resultado de ter uma esposa que falava em volume tão alto, como tia Zo. Sim, ecoam na cabeça do padre Mike todos os gritos de tia Zo ao longo dos anos, desde o tempo de suas gravidezes seguidas na Grécia, sem máquina de lavar nem secadora. Posso ouvir: “Você chama isso de vida?”. E: “Se você tem acesso direto a Deus, diga pra Ele me mandar um cheque pras fraldas”. E: “Talvez os católicos é que estejam certos. Padres não deviam ter família”. Na igreja, Michael Antoniou é chamado de padre. É respeitado e paparicado. Na igreja, tem o poder de perdoar pecados e consagrar a hóstia. Mas, assim que põe os pés porta adentro do duplex onde vive a família, em Harper Woods, o padre Mike sofre um imediato rebaixamento de status. Em casa, não é ninguém. Em casa, mandam nele, reclamam dele e o ignoram. De

modo que não era tão difícil perceber por que queria escapar de seu casamento, e por que precisava de dinheiro...

... mas Milton não podia ler nada disso nos olhos do cunhado. E, no momento seguinte, aqueles olhos já se desviavam outra vez. O padre Mike voltou a olhar para a estrada e teve uma visão terrível. As luzes de freio do carro da frente piscavam. Ele vinha muito rápido para que fosse possível frear. Mesmo assim afundou o pé, só que tarde demais: o Gremlin verde-grego colidiu em cheio com a traseira do carro logo adiante. O Eldorado veio em seguida. Milton se preparou para o impacto. Mas foi então que uma coisa incrível aconteceu. Meu pai escutou o ruído de metal sendo triturado e de vidro se estilhaçando, mas era dos outros carros. O Cadillac não parou, seguiu em frente. Escalou o carro do padre Mike. A traseira esquisita, inclinada, do Gremlin funcionou como uma espécie de rampa e, um segundo depois, Milton se deu conta de que levantava voo. O Eldorado azul-noturno se elevou acima do engavetamento. Voou por sobre a amurada, por entre os cabos de aço, e mergulhou a meio caminho da travessia da Ambassador Bridge.

O capô despencou primeiro, imprimindo velocidade à queda. Pelo para-brisa escuro, Milton pôde ver o rio Detroit lá embaixo; mas por pouco tempo. Naqueles derradeiros segundos, prestes a abandonar o corpo do meu pai, a vida revogou suas leis. Em vez de mergulhar direto no rio, o Cadillac empinou e se estabilizou no ar. Milton ficou surpreso, mas muito satisfeito. Não se lembrava de o vendedor ter mencionado algum opcional de voo. E o melhor: não tinha desembolsado nada para tê-lo. Quando o carro decolou da ponte, ele sorria. "Isso, *sim*, é o que eu chamo de uma suspensão aérea", falou para si mesmo. O Eldorado voava bem acima da superfície d'água, gastando sabe-se lá que quantidade de combustível. O céu fora era cor-de-rosa, as luzes do painel, verdes. Havia ali todo tipo de botões e mostradores. Milton nunca tinha reparado na maioria

deles. Parecia mais a cabine de um avião que a de um carro, e Milton estava no comando, pilotando seu último Cadillac num sobrevoo do rio Detroit. Não importa o que testemunhas viram, ou que os jornais do dia seguinte tenham relatado que o Cadillac era um dos carros envolvidos num engavetamento de dez veículos sobre a ponte. Recostado em seu confortável banco anatômico de couro, Milton Stephanides via se aproximar o contorno da cidade no horizonte. Tocava uma música no rádio, uma velha canção de Artie Shaw, por que não, e Milton ficou olhando a luz vermelha no alto do Penobscot Building acender e apagar. Depois de uma certa dose de tentativa e erro, aprendeu como pilotar o carro voador. O segredo não era girar o volante, mas usar a força do pensamento, como num sonho lúcido. Milton conduziu o carro para um sobrevoo da cidade. Passou por cima do Cobo Hall. Circundou o terraço do Pontch, onde certa vez tinha me levado para almoçar. Por alguma razão, meu pai já não tinha mais medo de altura. Desconfiava que era porque sua morte estava próxima; não havia nada mais a temer. Sem sentir vertigem nem transpirar, olhou para baixo, para o Grand Circus Park, até ter uma noção do que tinha restado das rodas de Detroit; e, depois disso, seguiu para o oeste da cidade, à procura do velho Zebra Room. Na ponte, a cabeça do meu pai tinha sido esmagada contra o volante. O policial que, mais tarde, informou minha mãe do acidente, quando perguntado sobre as condições do corpo de Milton, disse apenas: "Eram compatíveis com a colisão de um veículo que vinha a mais de cento e dez quilômetros por hora". Milton não produzia mais ondas cerebrais, então era compreensível que, planando com o Cadillac, pudesse ter esquecido que o Zebra Room havia se incendiado fazia muito tempo. Meu pai ficou confuso por não conseguir encontrá-lo. Tudo que restava do antigo bairro era uma extensão de terra desocupada. Enquanto ele olhava para baixo, era como se a maior parte da cidade tivesse desaparecido. Terrenos

vazios se sucediam. Mas Milton estava enganado também quanto a isso. O milho brotava em alguns lugares e a grama retornava. Parecia uma fazenda, lá embaixo. “Podiam muito bem devolver pros índios”, pensou meu pai. “Talvez os Potowatomies quisessem de volta. Pra montar um cassino aí.” O céu se tingia de um rosa de algodão-doce e a cidade voltara a se transformar numa planície. Mas outra luz vermelha piscava agora. Não mais a do Penobscot Building; dentro do carro. A luz era de um dos mostradores que Milton nunca tinha notado até então. Ele sabia o que indicava.

Nesse momento, meu pai começou a chorar. De repente seu rosto ficou molhado e ele o tocou, fungando, aos prantos. Jogou o corpo para trás e, como ninguém estava olhando, abriu a boca para que aquela dor avassaladora jorrasse. Não chorava desde menino. O som de sua voz grave naquele lamento o surpreendeu. Era o ruído de um urso, ferido ou morrendo. Milton urrou dentro do Cadillac, que agora retomava a curva descendente. Chorava não porque ia morrer, mas porque eu, Calíope, não tinha voltado para casa, por seu fracasso em me salvar, porque fizera tudo que estava a seu alcance para me trazer de volta e eu continuava ausente.

Quando o carro embicou novamente para baixo, o rio reapareceu. Milton Stephanides, um ex-marinheiro, se preparou para ir ao encontro das águas. Bem no finzinho de tudo, não pensava mais em mim. Aqui é preciso honestidade para registrar os pensamentos do meu pai conforme lhe ocorreram. No momento derradeiro, Milton não estava pensando em mim, nem em Tessie nem em nenhum de nós. Não houve tempo. Enquanto o carro mergulhava, só conseguiu pensar, espantado, no rumo que as coisas acabaram tomando. A vida inteira tinha dado lições a todo mundo sobre o que fazer e o que não fazer, e agora ele tinha feito a coisa mais estúpida de todas. Mal podia acreditar em como, no fim, estragara tudo tão completamente. Sua última palavra, por isso, foi pronunciada com

suavidade, sem raiva ou medo, apenas com espanto e, em certa medida, bravura. "Anta", Milton falou para si mesmo, em seu último Cadillac. E foi engolido pelo rio.

Um grego de verdade talvez parasse por aqui, com esta nota trágica. Mas a América tende sempre ao otimismo. Hoje em dia, sempre que falamos de Milton, minha mãe e eu chegamos à conclusão de que ele tirou o time de campo no momento certo. Antes de Um-Sete-Um, assumindo os negócios da família, levá-los à falência em menos de cinco anos. Antes de Um-Sete-Um, reeditando as adivinhações de Desdêmona, passar a usar uma minúscula colher de prata pendurada no pescoço. Tirou o time de campo antes do esvaziamento das contas bancárias e dos rolos com cartões de crédito. Antes de Tessie ser obrigada a vender Middlesex e se mudar para a Flórida com tia Zo. E antes que a Cadillac lançasse, em abril de 1975, o Seville, um modelo econômico que parecia ter perdido as calças, depois do qual os Cadillacs nunca mais foram os mesmos. Milton tirou o time de campo antes de muitas coisas que não vou incluir nesta história, pois são as tragédias comuns da América e, como tais, não cabem num relato tão incomum e singular. Antes do fim da Guerra Fria, antes dos escudos antimísseis e do aquecimento global e do Onze de Setembro e de um segundo presidente cujo sobrenome tinha apenas uma vogal.

E o mais importante: Milton tirou o time de campo sem ter voltado a me ver. O que não seria fácil para ele. Gosto de pensar que o amor do meu pai por mim era forte o suficiente para ele conseguir me aceitar. Mas, sob certos aspectos, é melhor que nunca tenhamos precisado resolver isso, eu e ele. No que depender do meu pai, para sempre serei uma menina. Há uma espécie de pureza nisso, a pureza da infância.

# A última parada

“Então o que eu falei meio que continua sendo uma possibilidade”, disse Julie Kikuchi.

“Claro que não”, respondi.

“É tudo mais ou menos a mesma coisa.”

“O que eu te contei sobre mim não tem nada, nada mesmo, a ver com ser gay ou não ter saído do armário. Sempre gostei de meninas. Gostava de meninas quando eu *era* uma menina.”

“Não sou uma espécie de última parada pra você?”

“Está mais pra primeira parada.”

Julie riu. Ela ainda não tinha tomado uma decisão. Esperei. Então, por fim, ela disse: “Tudo bem”.

“Tudo bem?”, perguntei.

Ela fez que sim.

“Tudo *bem*”, eu disse.

Saímos do museu e fomos para o meu apartamento. Tomamos mais uma bebida; dançamos ao som de música lenta na sala de estar. E convidei Julie para o quarto, aonde havia um bom tempo não levava ninguém.

Ela apagou as luzes.

“Espera aí”, falei. “Você está fazendo isso por você ou por mim?”

“Por mim.”

“Por quê?”

“Porque sou uma moça oriental tímida e recatada. Nem espere que eu te dê banho.”

“Sem banho?”

“Só se você fizer a dança do Zorba, o grego.”

“Onde foi que enfiei o meu *bouzouki*?” Eu tentava acompanhar os comentários engraçadinhos dela. Estava tirando minha roupa. Julie, a dela. Era como pular na água fria. A gente tem que fazer sem pensar muito. Entramos debaixo das cobertas e nos abraçamos, morrendo de medo, mas felizes.

“Talvez eu seja sua última parada também”, falei, e me agarrei a ela. “Já pensou nisso?”

E Julie Kikuchi respondeu: “Passou pela minha cabeça”.

\*

Um-Sete-Um voou para San Francisco para me tirar da cadeia. Minha mãe precisou assinar uma carta pedindo à polícia que me liberasse sob a custódia do meu irmão. Em breve seria marcado um julgamento, mas, porque eu era menor de idade e não tinha antecedentes criminais, o provável era que me dispensassem do cumprimento da pena. (A infração desapareceu da minha ficha e nunca chegou a atrapalhar minha carreira subsequente no Departamento de Estado. Não que esses detalhes me preocupassem àquela altura. Meu estado era de choque e atordoamento pelos venenos da dor, e eu só queria ir para casa.)

Quando saí à sala da recepção da delegacia, meu irmão estava sentado sozinho num banco de madeira comprido. Levantou a cabeça e olhou para mim sem piscar, o rosto inexpressivo. Esse era o jeito de Um-Sete-Um. Tudo nele se passava internamente. Ali dentro daquele crânio, as sensações estavam sendo revisadas,

avaliadas, antes que ele mostrasse qualquer reação. Eu já me acostumara a isso, claro. O que pode ser mais natural do que os tiques e as manias dos parentes mais próximos? Anos antes, Um-Sete-Um tinha me obrigado a baixar a calcinha para poder me ver. Agora seus olhos estavam erguidos, mas não menos magnetizados. Ele absorvia minha cabeça desmatada. Media de alto a baixo o terno de funeral. Era uma sorte que meu irmão tivesse tomado tanto LSD. Um-Sete-Um começara cedo a expandir a mente. Tinha contemplado o véu de Maya, a existência de vários planos do ser. Para uma personalidade com tal preparo, foi um pouco mais fácil lidar com o fato de a irmã ter se tornado irmão. Desde que o mundo é mundo existem hermafroditas como eu. Mas não houve, possivelmente, uma geração mais disposta a aceitar uma pessoa como aquela que agora deixava a prisão provisória do que a geração do meu irmão. Ainda assim, não era pouca coisa me ver tão diferente. Um-Sete-Um arregalou os olhos.

Não nos víamos fazia mais de um ano. Um-Sete-Um também tinha mudado. O cabelo estava mais curto. As entradas, mais acentuadas. A namorada de um amigo tinha feito nele um permanente. Seu cabelo antes escorrido agora formava uma juba na parte de trás, enquanto na frente cedia à calvície. Ele não se parecia mais com John Lennon. Tinham sumido as bocas de sino desbotadas, os óculos redondos. Usava calças justas marrons, de cintura baixa. A lapela ampla da camisa cintilava à luz fluorescente. Os anos 1960 nunca acabaram, na verdade. Agora mesmo continuam a acontecer em Goa. Mas, para o meu irmão, tinham finalmente terminado em 1975.

Em qualquer outro momento, teríamos gastado um tempo com esses detalhes. Não podíamos, porém, nos dar a esse luxo. Atravessei a sala da recepção. Um-Sete-Um ficou de pé e logo nos

abraçávamos e embalávamos. "O pai morreu", repetiu meu irmão ao meu ouvido. "Ele morreu."

Perguntei o que acontecera e ele me contou. Milton tinha furado o posto de imigração. O padre Mike também dirigia na ponte. Estava agora no hospital. A velha pasta executiva de Milton, cheia de dinheiro, tinha sido encontrada nas ferragens do Gremlin. O padre Mike confessara tudo à polícia, a armadilha do sequestro, o resgate.

Quando terminei de digerir a história, perguntei: "Como está a mãe?".

"Está bem. Tem segurado a onda. Ficou puta com o Milt."

"Putá?"

"Por ele ter ido lá. Sem avisar ela. Está feliz por você voltar pra casa. É nisso que está concentrada. E você vai chegar pro funeral. Então isso é bom."

Tínhamos passagem para um voo naquela madrugada. O funeral aconteceria na manhã seguinte. Um-Sete-Um vinha cuidando da parte burocrática, atestado de óbito e notas de falecimento. Não me perguntou nada sobre o período que passei em San Francisco e na Meia-Nove. Só quando estávamos no avião e meu irmão já tinha tomado algumas cervejas é que tocou no assunto da minha mudança. "Então acho que agora não posso mais te chamar de Callie."

"Chame como quiser."

"Que tal 'maninho'?"

"Por mim tudo bem."

Ele ficou quieto, piscando. O tempo de espera habitual enquanto pensava. "Não soube muito do que aconteceu lá naquela clínica. Estava morando em Marquette. Não falava muito com a mãe e o pai."

"Eu fugi."

"Por quê?"

“Porque iam me passar a faca.”

Podia sentir que ele me lançava aquele olhar fixo, exterior, que encobria considerável atividade mental. “É meio esquisito pra mim”, disse meu irmão.

“É esquisito pra mim também.”

Passado um momento, ele soltou uma risada. “Rá! Esquisito! É esquisito pra caralho!”

Eu balançava a cabeça, num desespero cômico. “É isso aí. Maninho.”

Para confrontar o impossível, não havia opção senão tratá-lo como normal. Não tínhamos como alcançar notas mais agudas, por assim dizer, só contávamos com a escala média de nossa experiência compartilhada, de nossos padrões de comportamento, na base da tiração de sarro mútua. Mas deu para o gasto.

“Esse meu gene tem pelo menos uma coisa boa”, falei.

“O quê?”

“Nunca vou ficar careca.”

“Por que não?”

“Pra ficar careca precisa ter dihidrotestosterona, DHT.”

“Hum”, disse Um-Sete-Um, levando a mão ao próprio couro cabeludo. “Acho que tenho excesso disso aí. Devo ter o que chamam de hiper-DHT.”

Chegamos a Detroit um pouco depois das seis da manhã. A sucata do Eldorado tinha sido guinchada para um pátio da polícia. À espera no estacionamento do aeroporto estava o carro da nossa mãe, o “Florida Special”. Esse Cadillac verde-limão era tudo que nos restava de Milton. Já começava a incorporar atributos de relíquia. O banco do motorista tinha ficado permanentemente afundado com o peso do meu pai. Dava para ver, impressa na forração de couro, a marca das costas clivadas de Milton. Para poder enxergar por cima da

direção, Tessie preenchia esse vazio com travesseiros, os quais Um-Sete-Um tinha jogado para o banco de trás.

Naquele carro inadequado para a estação, com seu poderoso ar-condicionado desligado e o teto solar fechado, rumamos para casa. Passamos pelo pneu gigante da Uniroyal e pelas árvores filiformes da Inkster.

“Que horas começa o funeral?”

“Às onze.”

Estava ficando claro. O sol se levantava de onde quer que fosse que isso devia acontecer, detrás das fábricas distantes talvez, ou ao longe, no rio fosco. A luz crescente era como um vazamento ou uma enchente, alagando o chão.

“Vá pelo centro”, falei ao meu irmão.

“Demora muito.”

“A gente tem tempo. Quero ver como está.”

Um-Sete-Um atendeu meu pedido. Pegamos a I-94, passamos pelo rio Rouge e pelo Olympia Stadium e, dali, contornamos na direção do rio pela Lodge Freeway, entrando na cidade pelo norte.

Quem cresce em Detroit pega o jeito de todas as coisas. Desde cedo, a gente tem uma relação bem próxima com a entropia. À medida que avançávamos rodovia acima, víamos as casas condenadas, muitas delas incendiadas, assim como a beleza nua dos terrenos baldios, cinzentos e congelados. O que algum dia tinham sido elegantes prédios de apartamentos fazia vizinhança com ferros-velhos, e onde antes se vendiam casacos de pele e havia cinemas luxuosos agora se viam bancos de sangue e clínicas para viciados e a missão de caridade de Mother Waddles. Voltar de zonas mais luminosas para Detroit geralmente me deprimia. Mas agora era o que me caía bem. Aquela degradação suavizava a dor da morte do meu pai, fazendo com que ela parecesse ser parte do estado geral

das coisas. Ao menos a cidade não debochava do meu luto sendo radiosa ou encantadora.

O centro estava do mesmo jeito, só mais esvaziado. Não dava para derrubar os arranha-céus abandonados pelos inquilinos; o que se fazia, então, era pregar tapumes nas janelas e portas, e aquelas grandes carcaças comerciais eram mantidas em compasso de espera. Na orla, o Renaissance Center estava sendo construído, inaugurando uma renascença que nunca chegou. “Vamos por Greektown”, eu disse. Novamente meu irmão aceitou fazer minha vontade. Logo cruzávamos o quarteirão dos restaurantes e das lojas de suvenires. Em meio ao kitsch étnico, ainda havia alguns cafés autênticos, frequentados por velhos na casa dos setenta ou oitenta anos. Alguns já estavam de pé naquela manhã, tomando café, jogando gamão e lendo jornais gregos. Quando morressem, os cafés penariam para se manter abertos e, por fim, fechariam as portas. Aos pouquinhos, os restaurantes do quarteirão também começariam a enfrentar dificuldades, seus toldos se rasgando, as grandes lâmpadas amarelas da fachada do Laikon se apagando, queimadas, a padaria grega da esquina passando às mãos de sul-iiemenitas de Dearborn. Mas nada disso tinha acontecido ainda. Na Monroe Street, passamos pelo Grecian Gardens, o restaurante no qual celebramos a *makaria* de Esquerdinha.

“Vai ter *makaria* pro pai?”, perguntei.

“Vai. Pacote completo.”

“Onde? No Grecian Gardens?”

Um-Sete-Um riu. “Tá de brincadeira? Ninguém quer vir pra cá.”

“Eu gosto daqui”, falei. “Amo Detroit.”

“Ah, é? Então você está em casa.”

Ele tinha retornado à Jefferson Avenue para percorrer os longos quilômetros através do decadente East Side. Uma loja de perucas. Vanity Dancing, a antiga boate, agora para alugar. Uma loja de

discos usados, a placa pintada à mão mostrando um punhado de pessoas dançando no meio de uma explosão de notas musicais. As velhas lojas de quinquilharias e doces estavam fechadas, Kresge's, Woolworth's, Sanders Sorvetes. Fazia frio lá fora. Não havia muita gente na rua. Numa esquina, um homem se postava impavidamente, recortando uma bela figura contra o céu de inverno. O sobretudo de couro descia até os tornozelos. Óculos espaciais, no estilo do funk, atados atrás da nobre cabeça de queixo alongado, no topo da qual se assentava — singrava, na verdade — o galeão espanhol de um chapéu em veludo castanho-avermelhado. Não fazia parte do meu mundo suburbano, aquela figura; daí seu exotismo. Mas era, ainda assim, familiar, e sugestiva das peculiares energias criativas da minha cidade natal. A visão daquele sujeito foi, enfim, agradável. Não conseguia tirar os olhos dele.

Quando eu era criança, sujeitos como aquele, parados nas esquinas, às vezes tiravam os óculos escuros e davam uma piscadela, loucos para conseguir uma reação excitada da menina branca no banco traseiro do carro que passava. Mas agora aquele cara me olhava de um jeito totalmente diferente. Não chegou a baixar os óculos, mas a boca, as narinas dilatadas e a inclinação da cabeça comunicavam uma atitude desafiadora e até mesmo de ódio. Foi quando me dei conta de algo chocante. Não poderia me tornar um homem sem virar também O Opressor. Mesmo que não quisesse.

Fiz Um-Sete-Um entrar em Indian Village e passar por nossa antiga casa. Queria me banhar em nostalgia para acalmar os nervos antes de ver minha mãe. As ruas continuavam repletas de árvores, peladas no inverno, de modo que a vista alcançava o rio congelado. Eu pensava em como era incrível haver no mundo tantas vidas. Ali, naquelas ruas, as pessoas estavam enredadas em mil problemas, financeiros, amorosos, escolares. Pessoas se apaixonavam, se casavam, iam parar em clínicas de reabilitação, aprendiam a esquiar

no gelo, compravam óculos de lentes bifocais, estudavam para provas, experimentavam roupas, cortavam o cabelo, nasciam. E, em algumas daquelas casas, as pessoas envelheciam e adoeciam e morriam, deixando atrás de si o luto de outras. E isso acontecia o tempo todo e passava despercebido, quando era o que na verdade importava. O que realmente importa na vida, o que lhe dá peso, é a morte. Vista desse ângulo, a metamorfose do meu corpo era um acontecimento menor. Talvez só interessasse ao cafetão.

Logo chegamos a Grosse Pointe. Os olmos sem folhas encobriam a rua, elevando-se de ambos os lados e tocando no alto as pontas dos dedos; nos canteiros de flores diante das casas aquecidas, em hibernação, a neve formava crostas. Meu corpo reagia à visão de casa. Faiscava de felicidade por dentro. Era um sentimento canino, cheio de ávido amor, e anestesiado para a tragédia. Ali estava meu lar, Middlesex. Ali em cima, naquela janela de parapeito ladrilhado, eu costumava sentar durante horas, lendo e comendo as amoras da árvore em frente.

As folhas não tinham sido varridas da entrada de carros. Ninguém tivera tempo de pensar nisso. Um-Sete-Um subiu a rampa da garagem um pouco rápido, batendo o escapamento, e sacolejamos em nossos bancos. Depois que descemos do carro, ele abriu o portamalas e já carregava minha mala para dentro. Mas parou a meio caminho. “Ei, maninho”, disse. “Você mesmo pode levar esse negócio.” Sorria, maroto. Dava para ver que estava gostando da mudança de paradigma. Encarava minha metamorfose como se fosse um daqueles quebra-cabeças lógicos na contracapa de suas revistas de ficção científica.

“Não vamos exagerar”, respondi. “Fique à vontade pra carregar minha bagagem quando quiser.”

“Pega!”, gritou Um-Sete-Um, e lançou a mala. Agarrei-a, cambaleando para trás. Nesse momento a porta da casa se abriu e

minha mãe, de chinelos, saiu para o ar impregnado de poeira gélida.

Tessie Stephanides, que numa outra vida, quando viagens espaciais eram novidade, tinha sido convencida pelo marido a fabricar uma menina por meios escusos, via agora, naquela entrada de carros coberta de neve, o resultado do plano. Não mais uma filha, longe disso, mas um filho, ao menos aparentemente. Ela estava cansada e deprimida, sem energia para lidar com aquele fato novo. Não era aceitável que eu tivesse passado a viver como uma pessoa do sexo masculino. Tessie não achava que a decisão devesse ser minha. Era ela a pessoa que me pusera no mundo e me amamentara e me criara. Que tinha me conhecido desde antes de eu me conhecer, e agora não podia opinar no assunto. A vida tinha começado de um jeito e, de súbito, dobrava uma esquina e virava outra coisa. Tessie não sabia como isso acontecera. Embora ainda pudesse enxergar Calíope no meu rosto, cada traço parecia mudado, embrutecido, e havia fios de barba no meu queixo e um bigodinho sobre meu lábio superior. Aos olhos de Tessie, minha aparência tinha algo de criminoso. Ela não conseguia evitar o pensamento de que minha chegada era parte de um acerto de contas, de que Milton já tinha sido punido e o castigo dela apenas começava. Por todas essas razões, minha mãe ficou parada à porta, os olhos vermelhos.

“Oi, mãe”, falei. “Cheguei.”

Fui até ela. Deixei a mala no chão e, quando voltei a levantar a cabeça, a expressão de Tessie tinha mudado. Fazia meses que se preparava para aquele momento. Agora as sobrancelhas quase invisíveis se arqueavam, assim como os cantos da boca, enrugando as bochechas pálidas. A expressão era a de uma mãe que observasse um médico remover as bandagens de uma criança vítima de graves queimaduras. A cara otimista, desonesta, de quem está à cabeceira do doente. E, no entanto, essa cara me dizia tudo que eu precisava saber. Tessie tentaria aceitar. Estava arrasada pelo que

acontecera comigo, mas faria um esforço por mim e aguentaria firme.

Abracei minha mãe. Por causa da minha altura, a cabeça se aconchegou no ombro dela, que afagou meu cabelo enquanto eu soluçava.

“Por quê?”, Tessie chorava baixinho, balançando a cabeça. “Por quê?” Pensei que estava falando de Milton. Mas então ela esclareceu: “Por que você fugiu, querida?”.

“Eu precisava.”

“Você não acha que seria mais fácil simplesmente continuar a ser o que você era?”

Ergui o rosto e olhei nos olhos da minha mãe. E disse a ela: “É assim que eu era”.

Você se perguntará: como foi que nos habituamos às coisas? O que houve com nossas lembranças? Calíope precisou morrer para dar lugar a Cal? Para todas essas perguntas, ofereço como resposta o mesmo truísmo: é espantoso como a gente se acostuma com tudo. Depois que voltei de San Francisco e passei a viver como uma pessoa do sexo masculino, minha família descobriu que, ao contrário do que se costuma pensar, gênero não é uma coisa assim tão importante. Minha mudança de menina para menino foi bem menos dramática do que a distância que todo mundo percorre entre a infância e a vida adulta. Sob muitos aspectos, continuei a ser a pessoa que sempre fora. Mesmo agora, embora viva como homem, no essencial sigo sendo a filha de Tessie. Sou eu quem se lembra de ligar para ela todos os domingos. É para mim que ela relata a lista crescente de seus padecimentos. Como uma boa filha, sou eu que vou cuidar dela na velhice. Até hoje discutimos qual é o problema com os homens; até hoje, quando volto para visitá-la, vou com ela

ao salão de beleza. Para se adaptar aos novos tempos, o Golden Fleece agora oferece corte masculino também. (E finalmente deixei a velha e querida Sophie cortar meu cabelo curto, como ela sempre quis.)

Mas tudo isso aconteceu depois. Ali, naquela hora, tínhamos pressa. Eram quase dez horas. A limusine da funerária chegaria em trinta e cinco minutos. “Melhor você ir se arrumar”, Tessie me disse. O funeral servia para aquilo que costumam servir os funerais: não dar tempo para que a gente preste atenção no que está sentindo. Com o braço enganchado ao meu, Tessie me conduziu para dentro de casa. Middlesex também estava de luto. O espelho do gabinete de leitura estava coberto por um pano preto. Nas portas de correr, fitas pretas dependuradas. Todas as velhas particularidades de imigrantes. Fora isso, a casa parecia de uma calma e de uma penumbra anormais. Como sempre, as enormes janelas traziam a rua para dentro, de modo que era inverno na nossa sala de estar; a neve nos cercava.

“Acho que você pode usar aquele terno”, Um-Sete-Um me falou. “Parece bem apropriado.”

“Duvido que você sequer tenha um.”

“Não tenho mesmo. Não frequentei uma escola particular metida a besta. Onde você comprou aquele troço, afinal? Aquilo fede.”

“Pelo menos é um terno.”

Tessie prestava atenção às gozações entre mim e meu irmão. Um-Sete-Um estava lhe dando a dica de que aquela história que me acontecera podia ser encarada com leveza. Minha mãe não tinha certeza se seria capaz de fazer o mesmo, mas observava como a geração mais jovem se virava.

De repente ouvimos um ruído estranho, como o grasnar de uma águia. O interfone na parede da sala de estar chiou. Uma voz guinchou dali: “Iuú! Tessie, querida!”

Não era Tessie, claro, a responsável por aquelas particularidades de imigrante espalhadas pela casa. A pessoa que guinchava pelo interfone era ninguém menos que Desdêmona.

Paciente leitor, você talvez esteja se perguntando o que teria acontecido à minha avó. É possível que tenham reparado que, logo depois de ter se recolhido à cama para sempre, Desdêmona começou a desaparecer. Mas foi intencional. Permiti que ela escapulisse da minha narrativa porque, para falar a verdade, naqueles anos dramáticos da minha transformação, minha avó escapuliu à minha atenção na maior parte do tempo. Nos cinco anos anteriores, permanecera acamada, na casa de hóspedes. No período que passei na Baker & Inglis, enquanto me apaixonava pelo Objeto, eu tinha apenas vaga noção da existência de Desdêmona. Via Tessie preparando suas refeições e carregando a bandeja para a casa de hóspedes. Toda noite via meu pai saindo para a visita obrigatória ao quarto dela, o quarto de uma doente perpétua, com suas bolsas de água quente e suprimentos farmacêuticos. Naquela época, Milton conversava com a mãe em grego, o que se tornava cada vez mais difícil para ele. Durante a guerra, Desdêmona tinha deixado de ensinar o filho a escrever em grego. Agora, na velhice, percebia horrorizada que Milton esquecia também como falar grego. De vez em quando era eu quem levava a bandeja de comida da minha avó e, por alguns minutos, voltava a tomar conhecimento de sua vida na cápsula do tempo. A foto de seu lote no cemitério continuava no criado-mudo, para tranquilizá-la.

Tessie foi até o interfone. "Oi, *yia yia*", respondeu. "A senhora estava precisando de alguma coisa?"

"Meus pés estão bem ruinzinhos hoje. Você comprou aqueles sais de Epsom?"

"Comprei. Vou levar aí pra senhora."

“Por que Deus não deixa *yia yia* morrer, Tessie? Todo mundo morto! Todo mundo menos *yia yia*! *Yia yia* já tá velha demais pra viver agora. E o que Deus faz? Nada.”

“A senhora terminou o café da manhã?”

“Terminei, obrigada, querida. Mas as ameixas secas, elas não estavam boas hoje.”

“São as mesmas que a senhora sempre come.”

“Alguma coisa aconteceu com elas. Compre uma caixa nova, por favor, Tessie. Da Sunkist.”

“Vou comprar.”

“Ok, *mou* querida. Obrigada.”

Minha mãe desligou o interfone e se virou para mim. “A *yia yia* já não está muito bem. A cabeça não está boa. Desde que você desapareceu, ela foi ladeira abaixo de vez. Contamos pra ela do Milton.” Tessie fraquejou, quase chegando às lágrimas. “Contamos o que aconteceu. A *yia yia* não conseguia parar de chorar. Pensei que ia morrer ali mesmo, naquela hora. E aí, algumas horas depois, me perguntou onde estava o Milt. Esqueceu tudo. Talvez seja melhor assim.”

“Ela vai no funeral?”

“Mal consegue andar. A sra. Papanikolas está vindo cuidar dela. Metade do tempo a *yia yia* não sabe onde está.” Tessie sorriu triste, balançando a cabeça. “Quem diria que ia acabar sobrevivendo ao Milton?” Os olhos se encheram d’água outra vez, mas segurou o choro.

“Posso ir lá ver ela?”

“Você quer?”

“Quero.”

Tessie pareceu apreensiva. “O que você vai dizer?”

“O que eu devo dizer?”

Minha mãe ficou alguns segundos em silêncio, pensando. Então deu de ombros. "Não importa. O que quer que você diga, a *yia yia* não vai lembrar. Leve isso pra ela. Sua avó quer botar os pés de molho."

Carregando os sais de Epsom e um pedaço de *baklava* embrulhado em papel-celofane, saí de casa e segui pelo pórtico, cruzando o pátio e a casa de banho até a casa de hóspedes, nos fundos. A porta estava destrancada. Abri e entrei. A única luz no quarto era a da tevê, ligada num volume extremamente alto. De cara para mim, à entrada, estava o retrato do Patriarca Atenágoras que Desdêmona tinha conseguido salvar da liquidação de jardim, anos antes. Numa gaiola junto à janela, um periquito verde, último sobrevivente do antigo aviário do meu avô, saltitava para lá e para cá em seu poleiro de madeira balsa. Outros objetos e móveis familiares ainda estavam bem à vista, como os discos de *rebetika* de Esquerdinha, a mesa de centro de latão e, claro, a caixa de bichos-da-seda, pousada sobre o tampo circular entalhado. Estava agora tão atulhada de lembranças que já não fechava. Ali dentro havia fotos, velhas cartas, preciosos botões, o *kombolói*. E, em algum lugar debaixo daquilo tudo, eu sabia, as duas longas tranças de cabelo, amarradas com fitas pretas esfarrapadas, e uma coroa de casamento feita de corda de navio. Queria dar uma olhada nessas coisas, mas, à medida que avançava quarto adentro, minha atenção se desviou para o formidável espetáculo sobre a cama.

Desdêmona estava majestosamente apoiada numa almofada de veludo cotelê bege do tipo encosto. Os braços dessa almofada a envolviam. Fazendo volume no bolso elástico da lateral de um dos braços, havia um aspirador nasal junto com dois ou três frascos de comprimidos. Desdêmona usava uma camisola branca quase transparente, a roupa de cama cobrindo-lhe o corpo até a cintura, e no colo tinha um de seus leques de atrocidades turcos. Nada disso

era surpreendente. Foi o que Desdêmona fizera com o cabelo que me chocou. Ao saber da morte de Milton, removera a redinha e se pusera a puxar as massas de cabelo que tombavam. A cabeleira estava completamente grisalha, mas ainda era muito bonita e, à luz irradiada pela tevê, parecia quase loira. Caía sobre os ombros e se espalhava pelo corpo como o cabelo da Vênus de Botticelli. O rosto emoldurado pela impressionante cascata não era, porém, o de uma bela jovem, e sim o de uma velha viúva de cabeça quadrada e boca murcha. No ar parado do quarto, no cheiro de remédio e unguentos para a pele, eu podia sentir o peso do tempo que minha avó passara naquela cama esperando e desejando a morte. Não tenho certeza se, com uma avó dessas, alguém é capaz de algum dia se tornar americano de verdade, no sentido de acreditar na vida como busca da felicidade. A lição que ficava do sofrimento de Desdêmona e de sua rejeição da vida era a de que a velhice não conserva os múltiplos prazeres da juventude, mas, ao contrário, impõe um longo calvário que lentamente priva a vida até de suas menores e mais simples alegrias. Todo mundo luta contra o desespero, mas ele sempre vence no final. Tem de vencer. É isso que nos permite dizer adeus.

Enquanto estava ali, assimilando a figura da minha avó, Desdêmona subitamente virou a cabeça e notou minha presença. Levou a mão ao peito. Com uma expressão assustada, encolheu-se nos travesseiros e gritou: "Esquerdinha!".

Agora quem se assustava era eu. "Não, *yia yia*. Não é o *papou*. Sou eu. Cal."

"Quem?"

"Cal." Fiz uma pausa. "Seu neto."

Aquilo não era justo, claro. A memória de Desdêmona já não estava muito afiada. E eu não ajudava nem um pouco.

"Cal?"

“Me chamavam de Calíope quando eu era criança.”

“Você parece o meu Esquerdinha”, ela falou.

“Pareço?”

“Pensei que era meu marido que tinha vindo pra me levar pro céu.” Ela riu pela primeira vez.

“Sou filho do Milt e da Tessie.”

Tão rápido quanto viera, o bom humor foi embora do rosto de Desdêmona, que agora parecia triste, a expressão de quem se desculpa. “Sinto muito. Não lembro de você, meu bem.”

“Trouxe isto aqui pra senhora.” Estendi para ela os sais de Epsom e a *baklava*.

“Por que a Tessie não veio?”

“Ela precisa se arrumar.”

“Se arrumar pra quê?”

“Pro funeral.”

Desdêmona soltou um grito e agarrou de novo o peito. “Quem morreu?”

Não respondi. Em vez disso, baixei o volume da tevê e, apontando para a gaiola, falei: “Lembro quando vocês tinham uns vinte passarinhos”.

Ela olhou lá para cima e não disse nada.

“Vocês moravam no sótão. Na Seminole Street. Está lembrada? Foi lá que compraram os passarinhos todos. A senhora dizia que eles lhe faziam lembrar Bursa.”

Ao ouvir aquele nome, Desdêmona voltou a sorrir. “Em Bursa a gente tem tudo quanto é tipo de passarinho. Verde, amarelo, vermelho. Todo tipo. Tudo pequeno, mas muito bonito. Como feito de vidro.”

“Quero ir lá. Lembra aquela igreja? Quero ir lá e consertar, um dia.”

“O Milton vai fazer isso. Sempre digo pra ele.”

“Se ele não for, eu vou.”

Desdêmona olhou para mim por um momento, como se medisse minha capacidade para cumprir a promessa. Então falou: “Não lembro de você, querido, mas você pode por favor preparar os sais de Epsom pra *yia yia*?”.

Peguei a bacia e enchi com água quente de uma das torneiras da banheira. Despejei os sais e levei tudo de volta ao quarto.

“Põe perto da cadeira, *mou* bonequinho.”

Fiz o que ela pedia.

“Agora ajuda *yia yia* a sair da cama.”

Cheguei mais perto e me debrucei. Deslizei uma perna de cada vez para fora das cobertas, girando o corpo de Desdêmona. Depois de apoiar seu braço no meu ombro, coloquei-a de pé para o curto trajeto.

“Não consigo mais fazer nada”, lamentou ela, a caminho da cadeira. “Estou muito velha, meu bem.”

“A senhora está bem.”

“Não, não consigo lembrar de nada. Tenho dor e incômodo. Meu coração não está bom.”

Chegávamos à cadeira agora. Manobrei para me posicionar por trás da minha avó e fazê-la se sentar. De novo diante dela, levantei seus pés inchados e cheios de veias azuis e os mergulhei na água borbulhante. Desdêmona murmurou de prazer. Fechou os olhos.

Nos minutos seguintes, ficou em silêncio, se deliciando no lava-pés morno. A cor voltou a seus tornozelos e subiu para as pernas. O rosado desapareceu debaixo da bainha da camisola, mas despontou, minutos depois, pelo colarinho. O rubor se espalhou para o rosto e, quando minha avó voltou a abrir os olhos, havia neles uma claridade antes ausente. Olhou bem para mim. E então gritou: “Calíope!”.

Cobriu a boca com a mão. “*Mana!* O que aconteceu com você?”

“Cresci”, foi só o que eu disse. Não era minha intenção contar a ela, mas agora ali estava. Eu achava que não faria diferença. Que ela não se lembraria daquela conversa.

Desdêmona continuava a me examinar, os olhos ampliados pelas lentes dos óculos. Se estivesse no seu juízo perfeito, não chegaria a compreender o que eu dizia. Mas, na sua senilidade, de algum jeito ela digeriu a informação. Vivia agora entre memórias e sonhos, e nesse estado as histórias do antigo vilarejo voltavam a ficar próximas.

“Você é um menino agora, Calíope?”

“Mais ou menos.”

Pensou na minha resposta. “Minha mãe, ela contava uma coisa engraçada”, disse minha avó. “No vilarejo, faz muito tempo, às vezes tinha uns bebês que pareciam meninas. Aí depois — quinze, dezesseis anos — pareciam meninos! Minha mãe que contava, mas nunca acreditei.”

“É um negócio genético. O médico que eu fui falou que acontece em vilarejos pequenos. Onde todo mundo casa com todo mundo.”

“O dr. Phil, ele também dizia isso.”

“Dizia?”

“A culpa é minha.” Balançou a cabeça, desolada.

“O quê? O que é culpa da senhora?”

Ela não estava chorando, exatamente. Seus canais lacrimais tinham secado e nenhuma umidade lhe descia pelas bochechas. Mas o rosto fazia os movimentos, os ombros sacudiam.

“Os padres diziam que nem primo-irmão devia casar”, ela disse. “Primo de segundo grau, tudo bem, mas tinha que pedir permissão pro bispo.” Olhava ao longe, agora, tentando se lembrar daquilo tudo. “Mesmo que a gente quiser casar com o filho do padrinho, é proibido. Pensei que era só coisa da igreja. Não sabia que era por causa do que pode acontecer com os bebês. Eu era só uma moça

boba do vilarejo.” Prosseguiu nessa toada por um tempo, autoflagelando-se. Tinha esquecido, momentaneamente, que eu estava ali ou que ela falava em voz alta. “E aí o dr. Phil, ele vem e fala coisas terríveis. Fiquei tão assustada que fiz operação! Chega de bebês. Então o Milton teve filho e eu, de novo, com medo. Mas não aconteceu nada. E pensei que estava tudo bem, depois de tanto tempo.”

“O que a senhora está dizendo, *yia yia*? Que o *papou* era seu primo?”

“Primo terceiro.”

“Isso não tem problema.”

“Não só primo terceiro. Irmão também.”

Meu coração disparou. “O *papou* era seu irmão?”

“Era, meu bem”, disse Desdêmona, com um cansaço infinito. “Faz muito tempo. Em outro país.”

Nesse momento o interfone soou:

“Callie?” Tessie pigarreou e se corrigiu: “Cal?”.

“Oi.”

“Melhor você vir se arrumar. O carro vai chegar em dez minutos.”

“Eu não vou.” Parei um momento. “Vou ficar aqui com a *yia yia*.”

“Você precisa ir, meu bem”, falou Tessie.

Cruzei o cômodo até o interfone, coleei a boca ao aparelho e, com voz grave, falei: “Não entro naquela igreja”.

“Por que não?”

“Já viu quanto estão cobrando por aquelas porcarias daquelas velas?”

Tessie riu. Precisava rir. Então continuei, engrossando mais a voz para soar como meu pai. “Dois dólares por uma vela? Que assalto! Você pode até convencer alguém lá na velha pátria a colocar a mão no bolso pra uma coisa dessas, mas não aqui, nos Estados Unidos da América!”

Imitar Milton era contagioso. Agora era Tessie quem falava com voz grave no interfone: "Um roubo!", disse, e riu outra vez. Entendemos ali que era daquele jeito que faríamos. Que era daquele jeito que manteríamos Milton vivo.

"Tem certeza que não quer ir?", perguntou minha mãe.

"Vai ser complicado demais, mãe. Não quero ter que explicar tudo. Não por enquanto. E acaba sendo distração demais pra todo mundo. Melhor eu não estar lá."

No coração, Tessie concordava comigo, e logo se deixou convencer. "Vou dizer pra sra. Papanikolas que não precisa vir ficar com a *yia yia*."

Desdêmona continuava a olhar para mim, mas com uma expressão sonhadora, agora. Sorria. E então falou: "Minha colher estava certa".

"Parece que sim."

"Desculpe, meu bem. Desculpe por isso ter acontecido com você."

"Tudo bem."

"Sinto muito, *mou* querido."

"Gosto da minha vida", eu disse a ela. "Vou ter uma vida boa." Desdêmona ainda parecia penalizada, então peguei sua mão.

"Não se preocupe, *yia yia*. Não vou contar pra ninguém."

"E contar pra quem? Todo mundo já morreu."

"A senhora, não. Vou esperar até lá."

"Ok. Quando eu morrer, você pode contar pra todo mundo."

"Eu conto."

"Bravo, *mou* querido. Bravo."

Na Igreja da Assunção, sem dúvida em desacordo com sua vontade, Milton Stephanides teve direito a um funeral ortodoxo completo. O padre Greg foi o oficiante. Quanto ao padre Michael

Antoniou, mais tarde acabou condenado por tentativa de roubo e apropriação indébita e passou dois anos na cadeia. Tia Zo se divorciou dele e se mudou para a Flórida com Desdêmona. Para onde, exatamente? Nova Esmirna Beach. Para onde mais? Alguns anos depois, quando minha mãe foi obrigada a vender nossa casa, ela também se mudou para a Flórida, e as três moraram juntas como um dia tinham morado na casa da Hurlbut Street, até a morte de Desdêmona, em 1980. Tessie e Zoë ainda continuam na Flórida, duas mulheres vivendo sozinhas.

O caixão de Milton ficou fechado durante o funeral. Tessie deu a Georgie Pappas, o agente funerário, a coroa de casamento do marido, para que fosse enterrada com ele. Quando chegou o momento do beijo de despedida no falecido, os presentes formaram uma fila e, passando pela urna de Milton, beijavam o tampo envernizado. Ao funeral do meu pai compareceram menos pessoas do que esperávamos. Nenhum dos franqueados da Hércules apareceu, nenhum dos homens com quem, ao longo de anos e anos, Milton tinha mantido relações sociais; e então me dei conta de que, apesar da bonomia, meu pai nunca tivera amigos, apenas parceiros de negócios. A família, em compensação, estava presente. Peter Tatakis, o quiroprático, chegou em seu Buick vinho-escuro, e Bart Skiotis veio prestar condolências na igreja cujos alicerces deitara com material de má qualidade. Gus e Helen Panos estavam lá e, porque se tratava de um funeral, a traqueostomia de Gus fazia sua voz soar ainda mais como a voz da morte. Tia Zo e nossos primos não se sentaram na primeira fila. Aquele banco estava reservado à minha mãe e ao meu irmão.

De modo que fui eu quem, mantendo um velho costume grego do qual ninguém se lembrava mais, fiquei em Middlesex, bloqueando a porta para que o espírito de Milton não voltasse a entrar ali. Era sempre um homem a fazer isso, e agora eu preenchia o requisito.

De terno preto, com meus mocassins sujos, postei-me à porta aberta pela qual entrava o vento de inverno. Os chorões estavam sem folhas, mas não deixavam de ser imponentes, com seus braços retorcidos lançados ao ar feito mulheres enlutadas. O cubo amarelo-pálido da nossa casa moderna jazia singelamente sobre a neve branca. Middlesex tinha agora quase setenta anos. Embora a tivéssemos arruinado com nossa mobília colonial, continuava a ser o farol que se pretendia, originalmente, que fosse, um lugar com poucas paredes internas, despido das formalidades da vida burguesa, um lugar projetado para um novo tipo de ser humano, que habitaria um novo mundo. Claro, não pude evitar o sentimento de que esse ser humano era eu, eu e todos os outros iguais a mim.

Depois do serviço fúnebre, todos voltaram aos carros e se dirigiram ao cemitério. Bandeirolas púrpura tremulavam nas antenas, o cortejo avançando lento pelas ruas do velho East Side onde meu pai tinha sido criado, onde um dia tinha feito serenatas para minha mãe da janela de seu quarto. Os carros desceram pela Mack Avenue e, quando passaram pela Hurlbut Street, Tessie, pela janela da limusine, procurou a antiga casa. Mas não conseguiu achar. Arbustos tinham crescido por todo lado, os jardins estavam atulhados de lixo e as casas, agora decrépitas, lhe pareceram todas iguais. Um pouco mais adiante, o carro fúnebre e as limusines cruzaram com uma fila de motocicletas, e minha mãe reparou que todos os motociclistas tinham na cabeça um fez. Eram membros da Ordem Árabe dos Nobres do Santuário Místico e estavam na cidade para uma convenção. Abriam caminho, respeitosos, para o cortejo passar.

Em Middlesex, eu permanecia à porta. Desempenhava meu dever seriamente e não me mexia, apesar do vento congelante. Milton, o menino apóstata, teria sido confirmado em seu ceticismo, pois seu espírito não voltou naquele dia para tentar furar meu bloqueio. A amoreira não tinha folhas. O vento soprava as crostas de neve

contra meu rosto bizantino, que era, ao mesmo tempo, o rosto do meu avô e o da menina americana que eu um dia havia sido. Fiquei ali, diante daquela porta, por uma hora, talvez duas. Logo perdi a noção do tempo, feliz por estar em casa, chorando pelo meu pai e pensando no que vinha pela frente.

O autor gostaria de agradecer ao prêmio Whiting Younger Writer's, à fundação John Simon Guggenheim, ao National Endowment for the Arts, ao Deutscher Akademischer Austauschdienst, à American Academy de Berlim, à MacDowell Colony, a Yaddo e a Helen Papanikolas e Milton Karafilis pela ajuda e pelo apoio. O autor gostaria de citar também os trabalhos que se seguem, dos quais extraiu informações cruciais para escrever *Middlesex: The Smyrna Affair*, de Marjorie Housepian Dobkin; "Wrestling with Death: Greek Immigrant Funeral Customs in Utah", de Helen Z. Papanikolas; *An Original Man*, de Claude Andrew Clegg III; *The Black Muslims in America*, de C. Eric Lincoln; *Venuses Penuses: Sexology, Sexosophy, and Exigency Theory*, de John Money; *Third Sex, Third Gender: Beyond Sexual Dimorphism in Culture and History*, editado por Gilbert Herdt; *Hermaphrodites and the Medical Invention of Sex*, de Alice Domurat Dreger; "Androgens and the Evolution of Male Gender Identity Among Male Pseudo-hermaphrodites with 5-alpha-reductase Deficiency", de Julianne Imperato-McGinley, Ralph E. Peterson, Teofilo Gautier e Erasmo Sturla; e *Hermaphrodites with Attitude*, o jornal publicado pela Sociedade Norte-Americana pela Intersexualidade.



JEFFREY EUGENIDES nasceu em Detroit, nos Estados Unidos, em 1960. Desde 1993, com o lançamento de *As virgens suicidas* — posteriormente adaptado para o cinema por Sofia Coppola —, é um dos escritores mais aclamados de sua geração. Muito aguardado, seu segundo livro, *Middlesex*, ganhou o prêmio Pulitzer em 2003. É autor, ainda, do romance *A trama do casamento*, lançado pela Companhia das Letras em 2012, e de diversos contos publicados em revistas literárias, entre elas a *New Yorker*.

Copyright © 2002 by Jeffrey Eugenides

*Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução parcial ou total em qualquer meio.*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Middlesex

*Capa*  
Elisa von Randow

*Imagem da capa*  
Estátua de mármore de Afrodite de Cnido, séculos I-II a.C. Museo Nazionale Romano, Roma

*Preparação*  
Ana Cecília Agua de Melo

*Revisão*  
Jane Pessoa  
Luciane Helena Gomide

ISBN 978-85-438-0193-3

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Table of Contents

## LIVRO UM

A colher de prata  
Ideias casamenteiras  
Uma proposta indecorosa  
A rota da seda

## LIVRO DOIS

O caldeirão anglófono de Henry Ford  
Minotauros  
Casamento no gelo  
Enganologia  
Serenata de clarinete  
Notícias do mundo  
Ex ovo omnia

## LIVRO TRÊS

Filmes caseiros  
Opa!  
Middlesex  
A dieta mediterrânea  
A Lobete  
Lirismo de salão  
O Obscuro Objeto  
Tirésias apaixonado  
Carne e sangue  
A arma na parede

## LIVRO QUATRO

A vulva oracular  
Consulta ao dicionário  
Para a Costa Oeste, rapaz  
Disforia de gênero em San Francisco  
Hermafrodito  
Suspensão aérea  
A última parada